

Elisabete Aparecida Pinto

**ETNICIDADE, GÊNERO E EDUCAÇÃO:
A TRAJETÓRIA DE VIDA DE
Da LAUDELINA DE CAMPOS MELLO (1.904-1.991)**

VOL. I

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

1.993

P658e
v.1
25149/BC

ELISABETE APARECIDA PINTO

*Este exemplar corresponde à
redação final da dissertação
defendida por Elisabete Aparecida
Pinto.*

*Campinas, 10 de dezembro de 1993
CC - Oim Tadora - Zilda de B. F. De anti*

**ETNICIDADE, GÊNERO E EDUCAÇÃO: A TRAJETÓRIA DE VIDA DE
Da- LAUDELINA DE CAMPOS MELLO (1.904-1.991)**

VOL. I

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
1.993**

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Dissertação apresentada como exigência
parcial para obtenção de título de
Mestra em Educação
(Ciências Sociais Aplicadas à Educação)
à Comissão Julgadora da
Universidade Estadual de Campinas,
sob a orientação das:

Profª. Drª. Olga Rodrigues de Moraes Von Simson
(1.991-1.992)

Profª. Drª. Zeila de Brito Fabri Demartini
(1.993).

COMISSAO JULGADORA

Zilda de B. F. Duarte
H. S. P. S.
Edisale Kravitz

Quero te viver
Negro-Estrela
Compondo em mim
Constelações de tua presença
para quando um de nós
partir
A saudade não chegar
sorradeira,
vingativa da ausência,
mas chegar mansa
revestida de lembrança,
e amena
cantar no peito de
quem ficou
um poema que transborde
inteiro a certeza
da invisível presença

(trecho do Poema Negro-Estrela,
Conceição Evaristo)

UM AGRADECIMENTO ESPECIAL

Ao meu Pai, **João Pinto** (que partiu antes
do término dessa dissertação), que
ministrou as disciplinas mais
importantes da minha vida:
força, coragem, disciplina e altivez.

Por estar sempre presente,
sempre com o mesmo carinho.

AGRADECIMENTOS

Para mim, agradecer é uma atitude importante e necessária. Acumulei no decorrer de minha caminhada muitas dívidas, que não tenho como pagar; só posso agradecer as diversas contribuições recebidas.

Expresso aqui a minha gratidão a Deus por toda força que dele emana e principalmente por me permitir agradecer a muitos a elaboração deste trabalho.

Assim, agradeço a minha família, por chorarmos, rirmos e vencermos sempre juntos. Em especial as duas grandes mulheres da minha vida, minha inexplicável mãe - *Antônia Caetano Pinto* e a minha irmã, *Benedita Aparecida Pinto* - "minha Táta", pelo apoio e carinho constante.

Agradeço ao *profº João Francisco Régis de Moraes* pelo carinho e impulso inicial ajudando-me principalmente na elaboração do projeto apresentado para a seleção em 1.987 - *A Influência das Etnias nas Relações Pedagógicas em Pré-Escola e em Escola de 1º à 4ª série.*

A *profª Olga Rodrigues de Moraes Von Simson*, que mesmo sem gostar do tema da minha dissertação, orientou-me com carinho e dedicação, durante dois anos (1.991 à 1.992).

A *profª Zeila Fabri Demartini* minha atual orientadora, por ser um ser humano especial.

A *profª Neusa Gusmão*, que a *profª Zeila* me apresentou, o meu muito obrigada, pelas horas de dedicação, na análise do material que lhe apresentei.

A *profª Miriam Veras Baptista*, pela didática interessante, inteligente, dedicada e simpática, com a qual me levou a pensar o tema desta dissertação, quando esta era apenas uma carta proposta.

Ao *profº Kabenguele Munanga* que no inverno de 1.992, com a paciência que lhe é peculiar, amenizou grande parte da minha ansiedade e frustração.

A profª Maria Suely Kofes, que como uma fada apontou sua varinha nos nós que me angustiavam em relação à questão de gênero e trouxe naquele momento muito mais do que os textos que me colocou à disposição - segurança e tranquilidade.

Devo agradecer ao profº Henrique Cunha Jr, que no período de 1.990 à 1.991, discutiu comigo pontos importantes que muito contribuíram para elaboração desta dissertação.

Aos meus amigos Daniel Fernando Bargman e Marta Francisca Topel, dois judeus que ensinaram a esta mulher negra que o termo "judiação" e "judiera" é equivalente ao termo "negrice". Daniel, mesmo não estando no Brasil, me enviou alguns textos, entre eles o de Bonfil Batalla, que muito me serviu para o entendimento e discussão sobre etnicidade. Minha amiga Marta, que durante os seus dois anos de permanência no Brasil, foi uma interlocutora intelectual, que me ouviu, acreditando e respeitando as minhas posturas intelectuais e a minha visão de homem e de mundo sem entendê-las simplesmente como originárias de um caráter teimoso e caprichoso. Foi Marta também quem me acompanhou no meu exame de qualificação.

Devo agradecer ao meu amigo Edgar Saldanha pelas discussões e dicas, sempre muito interessantes e, sobretudo, por me oferecer um jantar após o exame de qualificação. agradeço também ao Isidoro dos Santos, amigo de Edgar, que solidário ao meu conjuntural desânimo, esteve disposto a achar soluções.

O "Espaço" da Universidade, sem a presença dos amigos que fiz neste cinco anos, seria simplesmente muito chato e frio; agradeço ao calor, ao sorriso e a alegria das companheiras da Secretaria de Pós-Graduação da Faculdade de Educação - Suely, Ana Maria, Claudinha, Nadir, Dê- Maria, Marina Helena e Vanda Fátima.

Em especial a minha amiga Elizabeth Fernandes (Bety de energia azul), secretária do Departamento de Ciências Sociais Aplicada à Educação.

A Maria Paula, bibliotecária do Centro de Memória da UNICAMP, pelo carinho, dedicação e pela amizade.

Aos funcionários da biblioteca das Faculdades Educação e IFCH, sempre todos pacientes com as minhas confusões.

A profª Leda Maria Vieira Machado, que a "toque de caixa", se colocou à disposição, com eficiência, precisão e rapidez, fornecendo sugestões que, com certeza, supriram muitas das lacunas que este trabalho apresentava. Os textos por ela sugeridos de Maxine Molyneaux, Kate Young, Caroline Moser, entre outros, foram fundamentais para o entendimento do caso estudado.

Sinto, pois em razão, da falta de tempo não me foi possível acatar todas as suas sugestões.

Durante o período de setembro de 1.990 a fevereiro de 1.993, fui contemplada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) com uma bolsa, agradeço pois me permitiu poder realizar esta pesquisa com certo conforto. Contudo, lamento que para garantir a bolsa e o mínimo de conforto estudantil, eu precisasse omitir, e por vezes mentir, acerca da realização de uma outra atividade profissional.

Nesses anos todos permaneci trabalhando e os conflitos foram recorrentes nesses espaços, em razão dos meus horários "especiais". Porém, a partir de junho de 1.992 a mudança de local em muito me favoreceu. Assim, agradeço a todos os funcionários da Unidade de Saúde Básica Jardim São Savério - em especial ao *dr Francisco Vanin Pascalicchio*, *Maria Lucia Russo*, pela tranqüila negociação com os meus horários. Aos meus atuais chefes *dr César Oscar Polacchini*, *Miriam Aparecida Alves de Oliveira*, pela compreensão e flexibilidade, mas sobretudo, pelo respeito e valorização profissional.

A *Silvia Clara Marcelino* que com muita dedicação digitou grande parte desta dissertação.

A *Yara Regina* que também realizou parte da digitação.

A *Vera* que conseguiu, com sua extrema eficiência me tranqüilizar, amenizando o meu medo do tempo não ser suficiente.

A *Nelsi* que com carinho fez a revisão do português.

Ao *Styllo*, que com estilo próprio quase conseguiu me ajudar - meu muito obrigada.

As companheiras do GELEDÉS: *Nilza Iracy da Silva* por achar soluções para os meus dilemas.

A *Edna Roland* e a *Suely Carneiro* por haverem tentado.

Ao *Celminho* por realizar com eficiência e carinho o meu scanner.

A *Isaura*, amiga que me ajudou nas traduções.

Agradeço a todas as pessoas que, no momento, me falha a memória em citá-las, mas em nenhum momento me falharam à

atenção, compreensão e carinho, e não por menos deixam de receber o meu sincero muito obrigada.

Agradeço com todo o carinho do meu mundo às pessoas que se transformaram em meus informantes. Essas pessoas me ajudaram a reconstruir um pouco da história de Dã- Laudelina de Campos Mello.

A Bene Moraes e a Carlos Kis militantes negros, que estiveram junto com Dã- Laudelina até o final.

Finalmente agradeço a co-autora desta dissertação - Laudelina de Campos Mello - por tudo que me ensinou, por ter sido muito bom trabalharmos juntas.

O espaço abaixo fica em branco.
Dã- Laudelina teria certamente alguma
coisa a dizer neste momento.

Dedico:

A mim mesma,
a autora *Elisabete Aparecida Pinto*.
A amizade de Marta Francisca Topel.
A Luís Carlos Pinto, em memória.

RESUMO

A presente dissertação verifica a possibilidade de aquisição e formação de identidade étnica e de gênero em diferentes contextos sociais, revelados na história de vida de Dã. Laudelina de Campos Mello (1.904 - 1.991)

A globalidade do seu trabalho e da sua visão de mundo foram recolhidos a partir de quatro fontes diferentes de dados:

1. Relatos orais de Dã. Laudelina;
2. Depoimentos de pessoas que conviveram com ela em algum momento de sua vida;
3. Fotos antigas que estavam em seu poder;
4. Documentos diversos.

As categorias Etnicidade, Gênero e o Processo Educacional, foram verificadas através da análise dos espaços em que essa luta se efetivou.

Em decorrência desta proposta, analisou-se as relações de Dã. Laudelina com a Associação das Empregadas Domésticas, com Organizações e Movimentos Negros e o espaço familiar. Os demais espaços e atividades, nos quais Dã. Laudelina teve uma efetiva inserção, contribuíram também para aprofundar a análise; fornecendo o contexto mais amplo de sua atuação.

Embora as partes nas quais se dividem este trabalho sejam aparentemente autônomas, reservam uma interdependência entre si, se inscrevendo dentro de uma problemática fundamental: desvendar o processo de identidade étnica, de gênero e o processo educacional de Laudelina de Campos Mello.

SUMMARY

This summary, verify the possibility of aquisition and ethinical identites formation and gender in deifferent social context, showed in lifes history of Mrs- Laudelina de Campos Mello (1.904-1.991).

The overallity of her labour and her world's view was collected starting from four different source of informations:

- 1. Orals accounts about Mrs- Laudelina;*
- 2. Evidences of persons who speak to her, in some moment of her life;*
- 3. Antiques photos in her hands;*
- 4. Various documents.*

The categories Ethnicity, Gender and Education Process, was checked through analysis concerning period this light started out.

Resulting from this proposal the relationship between Mrs- Laudelina and Maid Association was analysed with

Nigger's Organization and Movement as well as family relationship. The rest of spaces and activities in which Mrs. Laudelina had effective insertion, also contribute to make deeper the analysis; providing more ample about her act.

Although the parties in which this work is divided has been apparently autonomous, reserve interdependence amongst themselves enrolling inside a basic problematic: to disclose the ethnic identity process, gender and education process of Mrs. Laudelina de Campos Mello.

APRESENTAÇÃO

D^a. LAUDELINA POR ELA MESMA

Conheci D^a. Laudelina em Campinas no mês de novembro de 1.985, no seminário sobre o negro e as discriminações raciais no mercado de trabalho.

A presença no seminário de grupos e indivíduos negros foi muito pequena, e diante dessa situação, D^a. Laudelina iniciou uma fala, fazendo críticas ao comportamento da população negra. Foi perfeito. Seu discurso, tinha entonações e pausas, não aquelas utilizadas por quem declama uma poesia, mas naquelas falas e pausas eu percebi que ela tinha apreendido a sua vida, e a de outros em um minuto, e segurado a história no olhar.

A vida fez com que eu reencontrasse D^a. Laudelina, mas nenhuma de nós pensou que ela se transformaria em sujeito/objeto de estudo de minha pesquisa. No início ela resistiu um pouco a essa idéia e manteve suas reservas, mas

depois concordou. Acostumou e se encantou, conforme comentário que ela fez a uma amiga:

"Ela já escreveu 98 páginas da minha história, e ela vai virar Drª. com a minha história."⁽¹⁾

Entretanto, os depoimentos presentes na pesquisa, de nenhuma forma são um reflexo da realidade vivida por Dã-Laudelina, antes, pelo contrário, são o resultado de um longo diálogo, no qual um dos agentes, o pesquisador, apesar de não aparecer de forma explícita no texto está constantemente presente. A construção deste testemunho, constituiu-se através de uma empatia entre pesquisador e pesquisado, visando o objetivo comum do resgate da trajetória de vida de Dã-Laudelina. Apesar disto havia metas específicas de cada uma das interlocutoras: -

As minhas que se interessavam por alguns temas e as de Dã-Laudelina, cujos interesses às vezes confluíram com os meus e às vezes predominaram os seus, uma vez que ela conhecia parcialmente os meus interesses e objetivos e sabia como explorar e alargar este espaço.

Todavia eu tenho consciência, de que o resultado final desta etnografia é um trabalho basicamente meu. Isto resulta da consequência da aceitação da distinção feita por Geertz⁽²⁾ entre o *"being there"* (o trabalho de campo) e o *"being here"* (a produção do texto final).

Portanto, é na escrita do texto etnográfico que a autoridade do pesquisador aparece em todas as suas dimensões, já que é o pesquisador que avalia e prioriza os dados recolhidos: a cronologia dos depoimentos e enfatiza alguns temas em detrimento de outros.

Assim, como afirma John Van Maanen:

"Ethnographies are politically mediated, since the power of one group (or person) to represent another is always involved ... Most crucially, ethnography irrevocably influences the interests and lives of the people represented in them - individually and collectively, for better or for worse."⁽³⁾

Estando consciente desta problemática, ao longo do trabalho com Dã- Laudelina, tentei dar a ela maior liberdade para que ela resgatasse e reencontrasse sua história. Tal objetivo nem sempre foi fácil pois, neste longo processo mais de uma vez, precisei repensar preconceitos com os quais cheguei a este diálogo (tanto idealizações no sentido positivo quanto expectativas no sentido negativo).

Esta experiência de convivência e trabalho conjunto transformou o eixo norteador da pesquisa, em pontos significativos que aparecem ao longo do presente trabalho.

O fato de Dã- Laudelina haver falecido em maio de 1.991, revestiu de maior responsabilidade e autoridade a escrita do texto. Por esta razão, resolvi incluir na presente dissertação

o depoimento quase completo, o que permite aos leitores fazerem as suas próprias interpretações (já que este não pretende e nem pode ser o reflexo de uma realidade, senão uma interpretação entre muitas outras).

O título escolhido para o Apêndice II: *Dª LAUDELINA POR ELA MESMA* não implica em uma contradição com o acima exposto, pois além da consciência deste fato, é nesta parte do trabalho que a voz de Dª Laudelina se fará presente com maior fidelidade.

NOTAS

- (1) Depoimento de Magali a qual relata o pensamento de Dã-Laudelina sobre a presente pesquisa.
- (2) Geertz - *Works and Lives - The Autropologist As Author* - 1.988.
- (3) Van Maanen - *Tales of the Field - On Writing Ethnography* - pág. 4 e 5.

TRADUÇÃO:

"As etnografias são mediadas politicamente, visto que a força de um grupo (ou pessoa) para falar em nome de outro está sempre envolvida ... a etnografia influencia irrevogavelmente os interesses e as vidas das pessoas representada neles individualmente e coletivamente, para melhor ou para pior."

"... a inteligência também nunca salvou ninguém, e isto é verdade, porque se é em nome da inteligência e da filosofia que se proclama a igualdade dos homens, é também em seu nome que se decide o seu extermínio."

Frantz Fanon

SUMARIO

VOLUME I

Introdução	30
------------------	----

PARTE I

CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

CAPITULO I - A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

1. Considerações Iniciais	49
2. As Linguagens	51
2.1. História Oral	53
2.1.1. A Arte de Narrar, na Arte de Vida D ^â . Laudelina	57
3. Os Depoentes	60
4. Os Documentos	61
5. As Fotografias	64
5.1. A Fotografia na Reconstrução da Trajetória de Vida de D ^â . Laudelina	66
6. Relatos Oraís, Documentos e Fotografias. Breve Discussão Sobre a Complementariedade	68

*CAPITULO II - MARCO TEÓRICO - DISCUSSÕES PRELIMINARES SOBRE
ETNICIDADE, GÊNERO E O PROCESSO EDUCACIONAL*

1. Introdução	72
2. Etnicidade	75
2.1. Identidade étnica - A Construção do Grupo étnico Negro de Origem Africana no Brasil	76
2.1.1. Os Micro-Grupos-Étnicos	81
2.1.1.1. Cor da Pele	84
2.1.1.2. Posição Social	86
2.1.1.3. Sistema de Valores	88
3. Gênero	90
4. Processo Educacional	94

*CAPITULO III - ETNICIDADE E GÊNERO NA CONSTRUÇÃO DE UMA
IDENTIDADE: A MULHER NEGRA*

1. Perspectivas de Análise	104
2. Mulheres e Mulheres: as Desigualdades	107
3. A Mulher Negra no Imaginário Social	111
4. Etnicidade-Gênero: Laudelina, Mulher Negra	118

PARTE II

FAMÍLIA, SOCIEDADE E SOCIALIZAÇÃO

<i>Introdução</i>	<i>126</i>
-------------------------	------------

CAPITULO I - A FAMILIA DE D^a. LAUDELINA NO CONJUNTO DAS FAMILIAS NEGRAS

1. Breve Revisão Crítica das Abordagens sobre Família Negra	128
--	-----

CAPITULO II - D^a. LAUDELINA DA FAMILIA AOS ESPAÇOS PUBLICOS DE LUTAS COLETIVAS

1. Retrospectiva Familiar	146
1.1. O Casamento da Mãe de D ^a . Laudelina: A Construção de uma Nova Família	148
2. A Educação de D ^a . Laudelina	154
3. O Casamento de D ^a . Laudelina e a Construção de um Outro Tipo de Família	159
3.1. D ^a . Laudelina e a Educação do Filho	162
4. A Ligação de D ^a . Laudelina com a Família de Origem	165

PARTE III

O MOVIMENTO NEGRO: ESPAÇO DE (RE)SOCIALIZAÇÃO E CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADES

Introdução	176
------------------	-----

CAPITULO I - D^a. LAUDELINA NO SEU TRAJETO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE ÉTNICA

1. Fogos de Caldas, Santos e Campinas: Lembranças Passadas na Construção da Identidade Presente	184
--	-----

*CAPITULO II - Dã- LAUDELINA E A SUA TRAVESSIA PELO MOVIMENTO
NEGRO: AS DIFERENTES ESTRATÉGICAS DE RESISTENCIA*

1. Dã- Laudelina no Conjunto das Lideranças e Organizações Negras	209
2. Dã- Laudelina e as Propostas de Superação das Discriminações étnicas em Campinas	222
2.2. A Organização de Projetos Educacionais	226
2.3. A Organização do Lazer e Atividades Culturais	232
2.3.1. Os Bailes	232
2.3.2. As Escolas de Samba	242
2.3.3. O 19 Salão de Belas Artes	245

*CAPITULO III - Dã- LAUDELINA, POLITICA E A PARTICIPAÇÃO DO NEGRO
NAS ORGANIZAÇÕES POLITICAS PARTIDARIAS*

1. Dã- Laudelina no seu Trajeto Político Partidário	260
2. A Política: Estratégia de Sobrevivência e Morte das Organizações Negras	263
2.1. Os Políticos Brancos	263
3. Visão de Dã- Laudelina do Negro no Processo Político Partidário	268
3.1. Os Políticos Negros	268
3.2. Os Partidos Políticos e os Negros	276

*CAPITULO IV - MOVIMENTO NEGRO, AVANÇOS E BLOQUEIOS: O PODER COMO
OBSTACULO*

1. Uma Avaliação de Dã- Laudelina sobre o Movimento Negro Atual: O caso de Campinas	284
2. Uma Breve Discussão sobre a Posição da Mulher Negra no Espaço Negro	292

PARTE IV

A SINDICALIZAÇÃO E A HISTÓRIA DE UMA LUTA

<i>Introdução</i>	299
 <i>CAPÍTULO I - BREVE CARACTERIZAÇÃO DO EMPREGO DOMÉSTICO ATRAVÉS DA BIBLIOGRAFIA ANALISADA</i>	
1. O Emprego Doméstico: a Definição e Delimitação de Cenas e Personagens	306
2. A Situação da Empregada Doméstica Negra na Bibliografia Analisada	313
2.1. A Questão étnica Negra na Associação das Empregadas Domésticas: o Evidente Mas Não Discutido	318
2.2. A Discussão do Trabalho Doméstico nos Movimentos Negros: o Discutido Mas Não Trabalhado	323
3. A Situação das Empregadas Domésticas e a Posição da Igreja	325
4. A Situação das Empregadas Domésticas e a Posição do Estado	334
5. Breve Resumo	353
 <i>CAPÍTULO II - DÂ- LAUDELINA DE EMPREGADA A SINDICALISTA</i>	
1. DÂ- Laudelina: Empregada Doméstica	361
1.1. O Ritual da Passagem	369
1.2. A Sindicalização: A Meta Final	373
2. A Estrutura da Associação das Empregadas Domésticas em 1.936, na Cidade de Santos	377
3. DÂ- Laudelina, o Estado, a Sociedade, os Políticos e os Patrões frente as Reivindicações das Empregadas Domésticas	379

*CAPITULO III - A FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS
EM CAMPINAS - 1.961*

1. A Organização, Estrutura e a Proposta Educativa da Associação em 1.961	383
2. A Realidade da Empregada Doméstica em Campinas e o Surgimento de uma Proposta Política Educativa.....	389
3. Dã- Laudelina, o Estado, a Sociedade, os Políticos e os Patrões frente as Reivindicações das Empregadas Domésticas (1.961 à 1.964)	399

CAPITULO IV - A ASSOCIAÇÃO DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS NO PERÍODO DE 1.964 A 1.968

1. A Associação das Empregadas Domésticas em Campinas após o Golpe de 1.964	410
2. A Estrutura e Organização Interna da Associação após o Golpe de 1.964	414
2.1. A Proposta Educativa da Associação das Empregadas Domésticas	417
2.1.1. Uma Creche para os Filhos das Empregadas Domésticas	420
3. Dã- Laudelina, o Estado, a Sociedade, os Políticos e os Patrões frente a Reivindicações das Empregadas Domésticas (1.961 à 1.964)	423
3.1. A Sociedade Local, Dã- Laudelina e os Patrões	429

CAPITULO V - Dã- LAUDELINA E O TRATAMENTO DADOS AS QUESTÕES ÉTNICAS NA ASSOCIAÇÃO

1. As Várias Formas de Discriminações étnicas Sofridas pelas Empregadas Domésticas Negras	441
2. A Ligação da Associação das Empregadas Domésticas com o Movimento Negro	445
3. A Posição da Empregada Doméstica Negra na Associação ...	449
4. Etnicidade na Associação/Sindicato das Empregadas Domésticas	452

CAPITULO VI - A SINDICALIZAÇÃO: MORTE OU CONTINUIDADE DE UMA LUTA?

1. O Retorno de Dã- Laudelina para a Associação das Empregadas Domésticas	456
2. A Atualidade da Proposta Política Educativa para o Sindicato das Empregadas Domésticas de Campinas	463
 CONCLUSÃO - Reflexões Finais	 479

VOLUME II

APENDICE I

ALBUM DE FOTOGRAFIAS

Fotos de Família

Fotos do Movimento Negro

Fotos da Associação/Sindicato das Empregadas Domésticas

Fotos (Miscelânea)

APENDICE II

LAUDELINA POR ELA MESMA

- I - Dã. Laudelina de Campos Mello no período de 1.904 à 1.924
- II - Dã. Laudelina de Campos Mello no período de 1.924 à 1.926
- III - Dã. Laudelina de Campos Mello no período de 1.944 à 1.964
- IV - Dã. Laudelina de Campos Mello após o período de 1.964

ANEXOS

- I - Cartas de Família
- II - Documentos Referentes ao Movimento Negro
- III - Documentos Referentes ao Movimento das Empregadas Domésticas
- IV - Documentos Referentes a Outros Movimentos

Bibliografia

INTRODUÇÃO

Os estudos acerca das relações no Brasil têm sido realizadas por pesquisadores nacionais e internacionais, independente de serem estes negros ou brancos. Entretanto, a origem e os motivos impulsionadores são diversos, de acordo com as situações específicas e interesses que cada investigador traz de suas vivências anteriores.

Durante a elaboração do presente trabalho, tive a oportunidade de ler introduções de livros e teses sobre o assunto, e pude perceber que é comum encontrar justificativas diferentes para o estudo desse tema. Como poder-se-á observar na citação abaixo transcrita:

"O meu interesse pelo negro começa na minha infância, quando junto aos meus avós, insistia para que me falassem dos tempos vividos em suas fazendas junto aos escravos de seus pais.

A pureza dos seus relatos, imprimidos enquanto crianças, deixou marcas profundas em minha imaginação e sensibilidade. Esta impregnação mágica da vida dos negros cresceu nos embalos noturnos do gongo da tia Merência que ocupava os espaços vazios, próximo à minha casa no interior. Seu atabaque, sua lírica e seus cantos selavam o meu destino impulsionada que fui por uma vontade mais sentida que pensada, a penetrar naquele mundo e entender os seus códigos".⁽¹⁾

Em outras pesquisas são recorrentes além das justificativas a exposição dos problemas encontrados na elaboração do trabalho de campo, junto à população negra, a saber:

"Quando as reuniões do grupo de estudos passaram a ser realizadas nas dependências do clube, pude manter um contato mais direto com as pessoas que viriam a ser os principais informantes deste trabalho. Foi nessa ocasião que experimentei uma grande sensação de desconforto: - A sensação de estar sendo discriminada, pois grande parte das discussões giravam em torno da validade da minha participação no grupo. Era acusada, por alguns membros do grupo, de observar os negros como "objeto" de pesquisa, e vista como espiã; minha presença era discutida, porque "se os negros conseguissem alguma coisa, eu iria dizer que foi com a ajuda do branco". Por outro lado, era apoiada pelos que me convidavam, e estes acusavam os primeiros de discriminadores, extremistas e ignorantes. Para melhorar meu relacionamento no clube tive que "abrir meu jogo", explicando-lhes que meu projeto de pesquisa pretendia estudar apenas aspectos relativos à organização familiar e que gostaria de ter como universo de trabalho as famílias do clube, porque "eram famílias organizadas." (2)

A dificuldade que muitos pesquisadores têm de compreender o seu universo de trabalho, pode ser exemplificada através da história do antropólogo Renato Rosaldo, que mostra não só como a experiência pessoal influencia a pesquisa, mas como ela também pode gerar uma reformulação do objeto de estudo e até da própria pesquisa.

Nos anos de 1.967 à 1.969 e em 1.974, os pesquisadores Renato Rosaldo e sua esposa Michelle Rosaldo, fizeram trabalho de campo em Manila, nas Filipinas, estudando a tribo Ilongot. Renato Rosaldo elegeu como objeto de pesquisa o

motivo que levava os velhos Ilongots a cortar cabeças de seus antigos rivais de clã (costume característico desta comunidade) como reparação dos danos que eles consideravam que estas pessoas haviam feito a alguém de suas famílias ou de seus clãs.

A análise mais interessante que Rosaldo faz em *"Culture and Truth; The Remaking of Social Analyses"* é que ele só pôde entender os depoimentos de seus informantes, (os quais diziam que cortavam as cabeças de seus inimigos, quando eram tomadas por sentimentos de raiva, cólera, angústia, insatisfação e outras), após a morte de sua esposa Michelle Rosaldo, que durante a realização do trabalho de campo caiu num precipício.

Assim, a reelaboração teórica anteriormente feita por ele das interpretações deste ritual fica elucidada nas seguintes palavras:

"... Only after being repositioned through a devastating loss of my own, could I better grasp that Ilongot older men mean precisely what they say when they describe the anger in bereavement as the source of their desire to cut off human heads... All interpretations are provisional; they are made by positioned subjects who are prepared to know certain things and not others. Even when knowledgeable, sensitive, fluent in the language, and able to move easily in an alien cultural world, good ethnographers still have their limits, and their analyses always are incomplete. Thus, I began to fathom the force of what Ilongots had been telling me about their losses through my own loss, and not through any systematic preparation for field research." (3)

Provavelmente, o fato de eu estar diretamente ligada ao tema estudado, possibilitou descrições e explicações

diferentes, muito mais próximas do concreto vivido e pensado, que influenciaram diretamente o produto final desta pesquisa. Desta forma explico:

O meu interesse pelo negro começa na minha infância, quando junto ao meu avô, insistia para que me falasse dos tempos vividos na fazenda onde, já como negro livre, convivia com outros escravos.

A profunda tristeza que acompanhava seus relatos, resgatando a vivência enquanto semi-liberto que presenciou o sofrimento de uma escrava, em específico sua mãe, deixou marcas profundas em minha memória e sensibilidade.

Esta impregnação da noção de injustiça e do racismo sofridos pelos negros, cresceu nos, embalos matinais da escola primária que freqüentava e na discriminação sofrida via livros didáticos, e diretamente pelo processo de exclusão vivenciados por mim e por outras crianças negras. O racismo, a coragem e persistência de minha mãe e o sentido de dignidade e justiça transmitido por meu pai, selavam meu destino, impulsionada que fui por uma vontade mais sentida que pensada, de repensar este mundo de injustiça e exploração e encontrar formas de destruir os códigos racistas.

Esse foi o ponto crucial que despertou meu interesse para o estudo da particularidade do negro no Brasil.

Contudo, ao longo desta pesquisa tentei tornar estranho um fenômeno tão próximo a mim.

Desta maneira, propus-me fugir de um reducionismo perigoso, pois acredito que tanto negros como brancos possam abordar a questão negra desde que sejam conscientes dos seus próprios preconceitos e limitações na elaboração da pesquisa, como bem diz Hobsbawm:

"Historiadores estão profissionalmente obrigados a não compreender a história de modo errado ou ao menos fazer um esforço. Ser irlandês e orgulhosamente ligado à Irlanda - ser mesmo orgulhosamente católico irlandês ou protestante - do Ulster irlandês não é, em si mesmo incompatível com o estudo rigoroso da história da Irlanda ... tanto quanto um sionista é compatível com a escrita de uma história genuinamente séria dos judeus; a menos que o historiador abandone suas convicções quando entra em uma biblioteca ou quando faz uma pesquisa."⁽⁴⁾

Mas sobretudo, devo ainda dizer que é sempre muito rara a oportunidade que nós negros temos de escrever algo sobre nós mesmos no espaço acadêmico. Eu espero ter conseguido fazê-lo de maneira competente.

Nesta dissertação em específico, resolvi trabalhar com a história de vida de Laudelina de Campos Mello: militante negra, sindicalista, consciente da situação da mulher negra já nos anos de 1.925, sem se declarar feminista. Fundadora da

primeira Associação das Empregadas Domésticas do Brasil no ano de 1.936 em Santos.

Essa militante tendo ocupado um espaço público significativo, passou a ter sua conduta iluminada, o que permitiu a ela mostrar-se, para o melhor ou para o pior, através de palavras e ações quem foi e do que foi capaz.⁽⁵⁾

Conforme Hannah Arendt:

"A ação é a única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria. Corresponde à condição humana de pluralidade, ao fato de que homens, e não o homem vivem na terra e habitam o mundo. Todos os aspectos da condição da condição humana têm alguma relação com a política. A ação é a fonte do significado da vida humana. É a capacidade de começar algo novo que permita ao indivíduo revelar a sua identidade."⁽⁶⁾

Mas sobretudo, por acreditar que a ação individual ou coletiva, num determinado momento histórico, repercute, constroe e interfere na forma de ser de outras gerações, é que decidi trabalhar com a trajetória de vida desta militante.

Esta opção também se deu pelo fato de Dã-Laudelina, ter consciência da importância de sua luta, mas sendo semi-alfabetizada não pôde construir ela mesma sua autobiografia. Não se pretende com isso dizer que o trabalho em andamento é um Biografia pois "O objetivo do pesquisador biógrafo é desvendar a vida particular daquele que está entrevistando ou cujos documentos está estudando, mesmo que neste estudo atinga a

sociedade em que vive o biografado", o intuito é, através dela, explicar os comportamentos e fases da existência individual ... o personagem sempre se revela em seus comportamentos que compõe um todo integrado, de tal maneira que este todo não poderia ser dividido sem se encontrar imediatamente destruído ...⁽⁷⁾

O material coletado junto a Dã- Laudelina, possibilitou verificar como se construiu e se desenvolveu sua personalidade através de situações por ela vivida, mas também revela, retrata, descreve, toda uma visão da construção da sociedade em determinados períodos e mais especificamente empregadas domésticas com outros grupos sociais e com a sociedade mais ampla. O que se perseguiu na narrativa de vida de Dã- Laudelina é a intersecção entre o individual e o social, a este aspecto da história oral estudiosos denominam história de vida⁽⁸⁾. Faz-se necessário esclarecer que tanto a autobiografia, a biografia, os depoimentos orais e a história de vida, são considerados História Oral. Técnica esta utilizada por pesquisadores das diversas áreas das ciências humanas.

Em particular, os relatos de Dã- Laudelina foram analisados como uma obra - um texto, no qual não se verificou só a sua visão de mundo mas, também suas expressões concretas⁽⁹⁾, que se interagem com outras obras.

Neste contexto a sua biografia teve aqui a sua importância a ser examinada cuidadosamente, uma vez que ela pode

dar as explicações para os textos (discursos) de Dã- Laudelina; todavia é importante frisar que, "a biografia é senão um fator parcial e secundário, sendo essencial a relação entre a obra (discurso) e as visões de mundo que correspondem a certas classes sociais."⁽¹⁰⁾ — (grifo meu)

Para Goldmann, o papel do historiador "é distinguir no conjunto da obra o que está de acordo ou, inversamente oposto às idéias fundamentais do sistema, desvendar as inconseqüências e contradições eventuais e também tentar descobrir nos epígonos, mais preocupados com o sistema do que com a verdade, as conclusões diante das quais o mestre recuará ... Assim como, o que o historiador deve compreender não é apenas por que esse ou aquele filósofo deu essa ou aquela resposta a certos problemas, mas também — e a questão não têm importância menor — por que ele ignorou totalmente outros problemas fundamentais referentes ao homem e ao universo".⁽¹¹⁾

Assim, o método utilizado nas análises dos depoimentos de Dã- Laudelina, me possibilitou perceber que ela teve seu comportamento marcado por uma grande diferença quando comparado com o da maioria das lideranças negras, masculinas e, principalmente com o das mulheres negras, pois ela demonstrou "ter consciência verdadeiramente completa da significação e da orientação de suas aspirações, de seus sentimentos, de seu comportamento."⁽¹²⁾

Tal fato influenciou na eleição do objeto da presente pesquisa a qual procura discutir a possibilidade de aquisição e formação de identidade étnica e de gênero em diferentes contextos sociais.

Para Lucien Goldmann *"as consciências coletivas só existem através das consciências individuais, mas não é a soma destas"*⁽¹³⁾. Goldmann julgou o termo consciência coletiva um tanto confuso, substituindo-o por "consciência de grupo" que especificou como: consciência familiar, consciência profissional, consciência de classe.

A consciência desenvolvida a partir de um situação econômica, social e/ou étnica vivenciada pelo indivíduo ou grupo, gera uma visão de mundo, (*Weltanschauung*) entendida como um *"conjunto de aspirações, de sentimentos e de idéias que rege os membros de um grupo (mais freqüentemente, de uma classe social) e os opõem aos outros grupos"*⁽¹⁴⁾. Este fenômeno pode ser comparado com a teoria Gramsciana a respeito dos intelectuais orgânicos e da hegemonia das classes fundamentais.

Para Goldmann todos os indivíduos constroem esta consciência de classe de maneira mais ou menos consciente e coerente, pois só raramente a atingem de forma integral, mas nem por isso deixam de ter "consciência relativa".

"Só raramente, alguns indivíduos excepcionais atingem, ou pelo menos se aproximam, da coerência integral."

Na medida em que chegam a exprimi-la, no plano conceitual ou imaginativo, serão filósofos ou escritores, e suas obras serão tanto mais importantes quanto mais se aproximam da coerência esquemática de uma visão do mundo, quer dizer do máximo da consciência possível do grupo social que exprimem. Disso resulta que os indivíduos excepcionais exprimem a consciência coletiva melhor e de uma maneira mais precisa do que outros membros do grupo." (15)

Encontra-se semelhante afirmação também em

Gramsci:

"Todos os homens são filósofos." (16) Todos os homens são intelectuais mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais (17). O problema da criação de uma nova camada intelectual, portanto, consiste em elaborar criticamente a atividade intelectual que existe em cada um em determinado grau de desenvolvimento." (18)

Contudo a argumentação de Goldmann parece muito mais seletiva ao afirmar que: "A tomada de consciência varia de um homem a outro e só atinge seu máximo em alguns indivíduos excepcionais." (19) Assim difere de Gramsci o qual pelo exposto acreditava que esta consciência poderia ser politicamente construída.

Acredito que a possibilidade de adquirir "consciência" também poderia ser dada pelas oportunidades que a população negra vai ou não encontrar no mercado de trabalho. Esta "consciência" se manifesta de várias formas e através de

diferentes aspectos da realidade e se altera de acordo com os momentos históricos e as diferentes conjunturas.

Supõe-se também que as condições enfrentadas pela população negra no mercado de trabalho tenha sido a mola propulsora da aquisição e formação de identidade de classe, étnica e gênero de Dã- Laudelina. Teria sido esta situação que possibilitou a ela construir uma visão de mundo capaz de perceber e relacionar a questão de classe, a questão de étnica e a questão de gênero?

Teria de fato também Dã- Laudelina conseguido ter percepção histórica-política das consciências negras diluídas nos elementos da realidade, conseguindo sintetizar, veicular e catalisar o conjunto de idéias dispersas no meio da população negra? Sendo a resposta à referida pergunta positiva, poder-se-ia concluir que foi este fato que lhe permitiu se destacar, organizar e exercer liderança dentro do movimento negro?

Para responder estas questões é necessário percorrer e delimitar um caminho, que se inicia com a reconstrução da trajetória de vida de Dã- Laudelina, mostrando sua participação nos movimentos sociais do período em que viveu.

Os diversos suportes empíricos permitiram a elaboração de uma análise diacrônica e sincrônica da trajetória de vida da mesma.

Entretanto, no tocante ao tema da pesquisa, devo dizer que foi um desafio; primeiro porque existem poucos estudos que analisam histórias da vida de militantes negros e mais raro ainda, histórias da vida de militantes negras, posso elencar aqui, dois trabalhos biográficos publicados recentemente, um de Oracy Nogueira - *Negro Político, Político Negro* (1.992) e o outro de José Correia Leite e Cuti - *... E disse o velho militante José Correia Leite* (1.992).

Específico sobre mulheres negras e que trabalha com história de vida, pontuo a dissertação de mestrado de Lúcia de Fátima Nogueira Olanda - *"A questão da consciência - Uma análise centrada no sujeito, uma personagem feminina importante na história do Nordeste - Maria Aragão* (1.991).

Em segundo lugar, porque para as presentes análises se elegeu as categorias Etnicidade e Gênero e as questão educacional, isto posto em razão de Dê- Laudelina ser uma militante negra semi-alfabetizada.

Ao me reportar à ampla bibliografia sobre gênero, o meu horizonte se abriu, assim pude perceber o quanto é frutífera a categoria analítica gênero; para explicar as especificidades das relações interétnicas no Brasil, por exemplo, a incorporação do macho latino pelo negro; casamentos interétnicos, a relação homem negro e mulher negra.

Todavia, apesar da existência desta abundante bibliografia sobre etnicidade e gênero, poucos são os estudos que cruzam estas duas categorias.

Estiveram ao meu alcance só dois textos que além de abordarem as duas temáticas inter cruzam com a categoria classe.

O primeiro de Verene Stolck - *"Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade (1.991)* me fez entender o real significado dessa nova abordagem que focaliza etnicidade e gênero em contraste com estudos mais antigos que centravam a sua atenção na raça e no sexo.

A segunda obra *Gender, "Racism and the Politics of Identities in Latin América - Sallie Westwood and Sarah A. Radcliffe* - adota o enfoque de Said e mostra como a construção do "Outro" Latino Americano foi destorcida pelo discurso eurocêntrico incorporado o mesmo as elites governamentais. A diferença destes, as autoras propõem:

"In this volume we wish to contextualize women's protest not only in terms of pre-existing political organizations, socio-economic structures and reproductive responsibilities, but also to uncover some of the 'internalities' of political protest, like gender and political identities, images and, practices that shape everyday behaviour, symbolism and place in political culture." (20)

Acredito que o referido estudo possa ter sido inovador no âmbito da Academia inglesa e mesmo norte americana. Entretanto, as questões levantadas por estas autoras, não são uma novidade para as mulheres negras brasileiras (militantes ou pesquisadoras), fenômeno este que se observa entre outras na quantidade de referências que essas autoras fazem as pesquisadoras latino-americanas e em específico das brasileiras.

Por ora seria oportuno esclarecer ao leitor desta dissertação que as referidas categorias de análises estarão sendo descritas com um pouco mais de profundidade na 1ª Parte do trabalho, constituída de 3 (três) capítulos.

Pretende-se compreender como foi possível para Dâ. Laudelina construir as identidades de étnica e de gênero através da análise dos espaços em que essa luta se efetivou.

Em decorrência desta proposta, se analisará as relações de Dâ. Laudelina com a Associação das Empregadas Domésticas, com Organizações e Movimentos negros, se estendendo a análise também do seu espaço familiar. Todavia, os demais espaços e atividades, que não serão aqui sistematizados, mas nos quais Dâ. Laudelina teve efetiva inserção, contribuirão também para aprofundar a análise e permitir as conclusões finais desta dissertação, pois fornecem o contexto mais amplo de sua atuação.

Assim, na IIª Parte composta por 2 (dois) capítulos, discutir-se-á a posição de Dã- Laudelina na dinâmica familiar.

Na IIIª Parte procurar-se-á discutir a relação de Dã- Laudelina com o movimento e organização negra, esta parte do trabalho é constituída de 4 (quatro) capítulos, que propiciarão evidenciar como se caracterizam nos períodos estudados (1.904/1.991) as manifestações racistas, bem como, as ações e reações por parte de indivíduos, grupos negros e por Dã- Laudelina a essas manifestações.

A proposta da IVª Parte é discutir sobre Associação/Sindicato das Empregadas Domésticas e os 6 (seis) capítulos que a compõem permite que se verifique principalmente as possibilidades que a Dã- Laudelina teve de negociar politicamente com os patrões, poder político local e o Estado.

A análise destes (3) espaços (família, movimento negro e Associação/Sindicato das Empregadas Domésticas), também possibilitará definir e sistematizar:

- As diferentes formas de educação (formal e informal) por ela vivenciadas ao longo de toda a sua vida. Dando ênfase a educação informal já que Dã- Laudelina foi uma mulher semi-analfabeta.

- As diferentes formas de transmissão educacional (formal e informal) por ela utilizadas nos movimentos sócio-políticos que ela organizou ou participou (culturais, políticos ou profissionais), bem como, a maneira pela qual Dã- Laudelina contribuiu neste intrincado de relações à sua identidade étnica e de gênero.

* Objetivando facilitar a leitura do trabalho, explico aos leitores, que os relatos orais de Dã. Laudelina colhidos por mim, seguem no texto escritos em *itálico*, mas sem notas. As demais citações sejam de outros depoentes ou extraídas de outros textos seguem, também em *itálico*, com as devidas notas e referências.

NOTAS

- (1) Berriel, Maria Maia de Oliveira - *A Identidade Fragmentada* - pág. 10.
- (2) Barbosa, Irene Maria - *Socialização e Relações Raciais: Um Estudo da Família Negra Em Campinas* - pág. 18.
- (3) Rosaldo, Renato - *Culture e Truth, The Remaking of Social Analyses* - pág. 3/8.

TRADUÇÃO:

"... Somente após uma existência reposicionada por meio de uma devastadora perda para mim, pude compreender melhor o que significa precisamente para o homem mais velho a descrição sobre a raiva durante o luto, como a fonte de seus desejos de impedir a mente humana ... Todas interpretações são provisórias; elas são feitas de matérias posicionadas, preparados para saber apenas certas coisas. Mesmo quando entendido, suscetível, fluente em sua linguagem, e capaz de circular facilmente num mundo cultural estrangeiro, bons etnógrafos ainda têm seus limites e suas análises sempre são incompletas. Desta maneira, eu começo a compreender a força do que 'Ilongots' me contou acerca de suas perdas, acerca de minha própria perda e não através de nenhuma preparação sistemática para pesquisa específica."

- (4) Hobsbawm, Eric J. - *Nações e Nacionalismo desde 1.780* - pág. 8.
- (5) Arendt, Hannah - citada na introdução de *A Condição Humana*, por Celso Lafer - pág. 1.
- (6) Arendt, Hannah - citada na introdução de *A Condição Humana*, por Celso Lafer - pág. 5.
- (7) Queiroz, Maria Isaura de - *Relatos Orais: Do "Indizível" ao "Dizível"* - pág. 23/24.
- (8) Queiroz, Maria Isaura de - *Relatos Orais: Do "Indizível" ao "Dizível"* - pág. 25/26.
- (9) Goldmann, Lucien - *Dialética e Cultura* - pág. 20.

(10) Ibidem - pág. 74.

(11) Ibidem - pág. 62.

Resumindo, Goldmann enumera os quatro pontos que um historiador "não tem o direito, em caso algum de negligenciar:

1. restabelecimento da totalidade coerente do pensamento estudado;
2. Análise das inconseqüências individuais do pensador devidas à sobrevivência das antigas formas de pensamento a respeito de certos pontos subordinados ou a concessões diante dos poderes estabelecidos (igreja, Estado);
3. Análise das inconseqüências individuais do pensador devido ao desejo de eliminar os paradoxos e os conflitos muito flagrantes com a realidade;
4. Análise dos limites imanentes da visão do mundo representada pelo pensador estudado.

(12) Ibidem - pág. 20.

(13) Ibidem - pág. 20.

Embora o reconhecimento das implicações do **conceito de consciência e identidade**, entre os diversos autores. Acredito que o estudo de Goldmann sobre consciência possa se adequar corretamente às propostas deste estudo, o qual buscar verificar a construção de identidade étnica e de gênero na vida de Dã. Laudelina de Campos Mello.

(14) Ibidem - pág. 20.

(15) Ibidem - pág. 15.

(16) Gramsci - *Concepção Dialética da História* - pág. 11.

(17) Gramsci - *Os Intelectuais e a Organização da Cultura* - pág. 7.

(18) Ibidem - pág. 8.

(19) Goldmann, Lucien - *Dialética e Cultura* - pág. 21.

A Etnografia acerca da trajetória de vida de Dã. Laudelina é um campo aberto também para ser analisado via o referencial Weberiano, em específico, o conceito de liderança e dominação carismática, pois a dominação

carismática, em sua forma pura, é particularmente extraordinária e colocada fora do cotidiano, construindo-se numa relação social estritamente pessoal, que provém do valor carismático, de qualidades pessoais e de sua comprovação.

Nesta dissertação optou-se por verificar os textos de Dã-Laudelina tendo como base Gramsci e Goldmann.

- (20) Westwood, Sallie e Radcliffe, Sarah A. - *Racism and the Politics of Identities in Latin America* - pág. 1.

TRADUÇÃO:

"No volume anterior desejo contextualizar o protesto das mulheres não só em termos de organização política pré-existente, estrutura sócio-econômica e responsabilidade reprodutiva mas também para descobrir alguns dos protestos políticos internos como gênero e identidade política, imagens e práticas que formam cada dia o comportamento, simbolismo e local de cultura política."

CAPITULO I

A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para reconstruir e estudar a trajetória de vida de Dã. Laudelina foi preciso utilizar principalmente, a história oral, uma vez que os dados que reconstroem sua biografia, no que diz respeito, a sua vida prática e intelectual, não estavam registrados em obras, escritas por ela mesma ou por outro pesquisador.

A globalidade do seu trabalho e da sua visão de mundo foram recolhidas a partir de quatro fontes diferentes de dados.

1. Relatos orais e Dã. Laudelina;

2. Depoimentos de pessoas que conviveram com ela em algum momento da sua vida;

3. Análise documental empreendendo correspondência com familiares ou dirigida e recebida de instituições públicas, recortes de jornais e revistas referentes à sua atuação e colecionadas por Dã. Laudelina;

4. Fotos antigas que estavam em seu poder.

Estes diferentes suportes permitiram perceber ao compará-los que, nem sempre, os fatos e situações descritas por Dã. Laudelina ocorreram exatamente da forma relatada por ela. Algumas vezes, os documentos e as fotos situaram no tempo e no espaço um acontecimento, outras vezes, foi somente a análise documental que possibilitou a reconstrução histórica de um dado acontecimento. Mas o propósito deste estudo não foi uma reconstrução objetiva sobre a vida de Dã. Laudelina, aliás impossível senão um interjogo das diversas interpretações acerca de sua vida, a sua interpretação dos acontecimentos por ela vivenciados e as minhas próprias interpretações sobre o ouvido, visto e lido.

Para esta reconstrução foi necessário efetuar um trabalho minucioso, procurando registrar todos os detalhes da trajetória de vida de Dã. Laudelina, que revelou todo um crescimento quanto às opções políticas, que "estão indissoluvelmente intrincados", fruto de um intelecto em contínua criação e perpétuo movimento, que sente a autocrítica vigorosamente, de modo ... conseqüente.

"A construção deste desenvolvimento teórico-prático em ordem cronológica, determinou os elementos que se tornaram permanentes, isto é, que foram assumidos como pensamento próprio, diverso e superior."⁽¹⁾ As experiências (re)socializadoras vividas no Sindicato, partido político e outras instituições da sociedade civil. (grifo meu)

2. AS LINGUAGENS

Em razão de se utilizar, principalmente, dos relatos orais como técnica de levantamento de dados, se acredita necessário definir sucintamente as bases psicossociais desta oralidade, pois o relato oral se compõe de um tipo específico de linguagem, e de um esforço da memória.

A imagem fotográfica que será discutida adiante, também é aqui entendida como uma linguagem.

Os depoimentos de Dã- Laudelina e de outros informantes que, estão presentes neste estudo, são linguagens que se relacionam com outras linguagens, como por exemplo a documental, a jornalística e a fotográfica com registros diferentes que este trabalho tentará contrapor.

As linguagens estruturam, mapeiam a realidade e têm o poder de totalizá-la; ao mesmo tempo elas têm uma ação

reveladora, pois ao ouvir as falas de Dã. Laudelina, do profº. Geraldo e de outros foi emergindo o que estava oculto, velado pelo discurso. Estas pessoas, ainda que não desejassem, através da linguagem, se fizeram conhecer e ampliaram este conhecimento até mesmo à esfera das comunidades às quais pertencem ou pertenciam.

As linguagens detêm um caráter ambíguo, à medida que ao falar, se expressa inconscientemente todo um rol de conhecimentos memorizados de formas habitual *"sendo que nada é arbitrário, acidental ou mesmo curioso na estrutura de uma palavra ou de um discurso"*⁽²⁾. Assim também a linguagem dos gestos, está radicada em necessidades reativas do organismo, mas as leis do gesto, o código não escrito das mensagens e respostas gesticuladas, são obra anônima de uma elaborada tradição social⁽³⁾.

Mas, por outro lado, este conhecimento e experiências partilhados que são acessíveis à comunidade via linguagem, podem ser manipulados por esta comunidade e pela sociedade mais ampla. Este fenômeno possibilita a obtenção de novos conhecimentos e, até mesmo de uma nova linguagem que pode servir de instrumento de mudança das estruturas objetivadas no mundo social. Esta mudança é construída a partir de um novo conhecimento ou comportamento político, apropriado a partir de um antigo conhecimento e revestindo-o de uma linguagem atual.

As linguagens fazem parte de uma representação da cultura. E enquanto uma faculdade humana constroem a sociedade, a tornam real e pública, ao mesmo tempo que são construídas pela sociedade. Trata-se de um processo dialético e contínuo que implica exteriorização, objetivação e interiorização.⁽⁴⁾

As linguagens são instrumentos transmissores do conhecimento sedimentado e que é socialmente definido como realidade. Estes conhecimentos são fixados na consciência do indivíduo, desta forma, as linguagens são instrumentos de controle e legitimação, mas também de transformação do contexto social.

As linguagens permitem uma função socializadora à memória, e fornecem os meios para objetivação de novas experiências, permitindo que sejam incorporadas ao estoque já existente de conhecimento.

2.1. HISTÓRIA ORAL

A linguagem na sua expressão oral, proporcionou às diversas culturas africanas que aqui vieram, organizar as formas de resistências dentro de uma realidade comum na senzala e depois, no meio urbano mesmo antes, mas principalmente, no pós-abolição.

"O falar é ao mesmo tempo empregar uma certa síntese, possuir a morfologia desta ou daquela língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização." (9)

O ato de falar pode ser uma forma de perpetuação do universo conhecido, mas também uma estratégia de resistência e transformação, à medida que existe a possibilidade de manipular a cultura através da linguagem.

Os relatos colhidos para esta pesquisa permitiram perceber que o falar, o contar, o prostrar negro é permeado em diferentes graus por um poder branco dominador. O registro da história de vida de D^a. Laudelina, e o depoimento do prof^o. Geraldo revelam que eles conseguiram protestar contra esta branca dominação e foram capazes de reivindicar a sua negritude. Mas outros, como D^a. Ligia e seu Sampaio não conseguiram ultrapassar este discurso e se afogaram nas determinações brancas ao construírem seus depoimentos.

Os relatos orais sintetizam os momentos vividos, construindo uma biografia individual, mas possibilitam também Associações com a estrutura social. O relato oral se revela uma das técnicas mais apropriadas para os estudos das trajetórias de vida, indicando o sentido histórico e a dinâmica das relações sociais.

No que se refere à arte de narrar, percebe-se que em nossa sociedade pela sua própria dinâmica, o tempo físico para

troca de experiências, além de escasso, é hoje ocupado pela imagem televisiva (TV, Vídeos, Cassetes, etc). Em outras sociedades, por exemplo nas culturas agrafas africanas, mesmo nos dias de hoje, o espaço de troca de experiências é bem maior, assim como, o próprio idoso é visto como aquele que pode passar sabedoria. *"Sapiência prática que muitas vezes toma a forma de uma moral, de um advertência, de um conselho, coisas com que hoje não sabemos o que fazer, de tão isolados que estamos, cada em seu mundo particular e privado."*⁽⁶⁾

E no que se refere a nós, negros, o que muitas vezes nos atinge individualmente é reflexo do que acontece no coletivo, mas existe uma imagem bloqueadora, representada por uma "ideologia igualitária" que, com todos os seus mecanismos, vai nos afetar principalmente nas abstrações e concretudes que se materializam no nosso cotidiano.

Essa situação pode, por vezes, nos roubar a consciência, impedindo-nos de vislumbrar como se desencadeia este processo de opressão. Assim, quando das massas oprimidas emergem indivíduos capazes de identificar esta realidade e se sobrepor a ela, a resposta dos grupos negros, seja muitas vezes, a de permanecer surdos e mudos não compartilhando das novas verdades descobertas.

Entretanto surgem artistas, poetas aqui e ali que são capazes de esculpir com arte a vida, para que as comunidades

negras a desfrute. Mas infelizmente, na maioria das vezes, por uma série de obstáculos impostos, estes artistas, poetas e intelectuais, não conseguem fazer com que sua voz que surgiu como um grito de liberdade seja difundida e partilhada.

Então o ato de registrar, analisar e veicular esta verdade oprimida, faz com que este eco de liberdade percorra alguns quilômetros a mais e, assim, possa dar continuidade à história.

Em nosso caso negro, especificamente, tentar recuperar a arte de contar, é sobretudo reencarnar a tradição e a memória comuns, que venham garantir a existência de uma experiência coletiva, *"ligada a um trabalho a um tempo partilhado em um mesmo universo de prática e de linguagem."*(7)

Recuperar a arte de contar, é também fazer com que caia por terra, a construção engenhosa da história dos vencedores que não nos permite reproduzir a dos vencidos. Logo, se temos a rara e escassa oportunidade de utilizar da arte de narrar/escutar, que o façamos *"pois o acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois."*(8)

2.1.1. A ARTE DE NARRAR, NA ARTE DE VIDA DE D^a LAUDELINA

D^a Laudelina foi uma contadora de histórias que narrava não somente as experiências por ela vividas, mas também, aquelas que lhes foram transmitidas por outros contadores. Contava aquilo que pôde observar, absorver e refletir sobre toda a sociedade. No ato de relatar suas histórias eram também transmitidos conhecimentos e no que se refere à temas negros, ela era uma verdadeira "enciclopédia", pois era sabedora da biografia de muitas celebridades negras. As vezes parecia que D^a Laudelina encarnava o papel dos cronistas das sociedades africanas, pois na falta de arquivos, competia a estes a transmissão de costumes, das tradições e os princípios de governo dos reis."'

A impressão deixada é que ela havia se apropriado também de toda uma historiografia oficial sobre o negro e que, ao fazer sua re-elaboração, mostrava as contradições existentes entre as visões brancas e negras.

Por meio do que foi por ela relatado, percebe-se que ela era movida pela intuição, não se identifica o ato de planejar em seu discurso, é como se ela tomasse uma carona no acontecido e realizasse e se realizasse a partir daí.

Suas ações públicas não foram minuciosamente planejadas, mas, à medida que aconteciam, todos os detalhes

referentes às situações vivenciadas eram guardados para que pudessem ser lembrados com a maior fidelidade possível. Assim, em sua casa existia um verdadeiro arquivo, no qual se pôde encontrar documentos com mais de 50 anos, cartas de familiares, ofícios, recortes de jornais, fotografias e, com certeza, era este arquivo que alimentava sua memória.

Este trecho de seu depoimento revela essa sua preocupação em documentação do passado.

"Estas fotos é uma grande recordação de tudo isso que a gente fez, de tudo isso que a gente já participou, é uma grande recordação. Todo mundo fica admirado porque eu guardo tudo, eu sento aqui, fico vendo tudo isso, fico recordando tudo isso que se passou, parece até mentira. Eu não tinha projetado nada disso na minha vida, vai acontecendo, a gente quase nunca projeta, eu nunca sonhei alguma coisa assim."

Analisando o seu relato, verifica-se também, que existe uma proximidade entre trajetória pessoal e conhecimentos de história e atuação política. A construção de sua história como indivíduo e como liderança se realiza num contexto social que é, muitas vezes, permeado por conflitos políticos. E D^a Laudelina por agir politicamente, se apropria de um conhecimento histórico passado, se mantém informada por meio de jornais, e revistas, além de se valer dos conhecimentos adquiridos no movimento negro, no partido político e nos Sindicatos.

Esta postura era possível porque ela possuía uma memória precisa e, por isso, nada lhe escapava: as datas, os

nomes de políticos, os acontecimentos. Como ela tinha consciência de sua vida pública o seu relato era ordenado cronologicamente de acordo com os acontecimentos.

Falar lhe era fácil e prazeroso todavia, o seu discurso era mediado pelo dizível e o não dizível, e detalhes de sua vida privada, só foram sair da superficialidade nas últimas entrevistas, quando um clima maior de empatia já havia sido construído entre pesquisador e entrevistado.

Alguns aspectos relacionados com atividades desenvolvidas, principalmente na Associação das Empregadas Domésticas, também não foram ditos na sua totalidade, e por um momento, se atribuiu à ausência de tais dados ao roteiro de pesquisa. Mas ao entrevistar outras pessoas identificou-se que essa ausência, se devia aos conflitos que existiram entre as associadas, os quais causavam a Dã. Laudelina grande desprazer ao relembrá-los.

Ela relatava situações e experiências que vivenciou e, são estas experiências relacionadas com a conjuntura histórica vivida por ela que, revelam sobretudo, o perfil das convergências e divergências dela e dos grupos por ela liderados com a estrutura sócio-econômica-política. Assim *"cada história é o ensejo de uma nova história, que desencadeia uma outra, que traz uma quarta, etc..., essa dinâmica ilimitada da memória e da*

construção do relato com cada texto chamando e suscitando outros textos." (10)

A beleza está nos trechos em que ela relata as tentativas de subtração e transformação do sistema que a oprime, na vontade, na rebeldia, na persistência na atitude de criar um novo espaço para o negro e, mesmo em alguns momentos em que se percebe um esforço até para tentar sonhar com a criação de uma nova sociedade.

O outro aspecto identificado nos relatos se refere ao fato de Dã- Laudelina possuir consciência aguçada tanto de sua negritude, como de sua situação de classe, de sua idade e do pouco futuro, com a proximidade da morte mas, apesar de tudo isso, reafirmar a necessidade de prosseguir com a luta.

3. OS DEPOENTES

Para reconstruir a trajetória de vida de Dã- Laudelina, foi preciso colher depoimentos de pessoas que viveram com ela num determinado momento, ou que, passaram por um mesmo acontecimento que ela também pode vivenciar.

O contato mantido com estes depoentes foi bem diferente do mantido com Dã- Laudelina. Ela em suas narrativas, apesar de existir um pesquisador coordenando a pesquisa, quem

decidia o que relatar era ela. Algumas coisas ela acreditava serem relevantes narrar, como por exemplo, as suas experiências com a Associação das Empregadas Domésticas. Durante as várias entrevistas, na qual, se levou uma proposta do que narrar, foi comum ouvir dela: "Nós não temos coisa mais importante para falar?", ou, então, muitas vezes se percebeu uma recusa em falar tudo num mesmo dia, para que assim ela pudesse negociar um retorno da pesquisadora.

Mas no caso dos depoimentos orais, dos outros informantes só interessavam os acontecimentos que se ligavam diretamente ao trabalho com Dã. Laudelina e a escolha do que narrar foi feita unicamente com este critério.

4. OS DOCUMENTOS

Quaisquer materiais escritos que possam ser utilizados como fonte de informação são considerados aqui documentos. "Estes incluem desde leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos, arquivos escolares"⁽¹¹⁾, arquivos pessoais e outros (grifo meu).

A fonte documental por mim utilizada nesta dissertação é exclusivamente retirada do acervo particular de Dã.

Laudelina. Esses documentos se apresentavam de forma desorganizada e, alguns sem datas precisas. Contudo, ela me ajudou a situá-los histórica e politicamente, o que facilitou a seleção dos mesmos.

Esse acervo era composto de cartas da famílias, amigos e políticos, artigos de jornais e revistas e documentos oficiais (estatutos, projetos de políticos) que diziam respeito às experiências de Dã. Laudelina, seja no espaço doméstico, ou espaço público de lutas coletivas, que permitiram reconstituições de eventos históricos e instrumentos para reconstituição e análise de estruturas e conjunturas sociais.⁽¹²⁾

A primeira divisão dos documentos foi consequência e acompanhou a estrutura geral proposta nesta dissertação. assim, estes se dividiam em documentos que se referiam ao espaço familiar, aos espaços de luta coletiva, movimento negro e Associação/Sindicato das empregadas domésticas.

Os demais documentos, fazem parte de uma "miscelânea", pois não se encaixaram nas divisões anteriormente citadas. Todavia não foram desprezados, pois as informações contidas neles se relacionaram indiretamente com um desses espaços e mesmo elucidaram outras questões do presente estudo.

Num segundo momento se organizou cronologicamente os documentos correspondentes a cada espaço já citado. No que se

refere ao espaço familiar, utilizou-se apenas 15 (quinze) cartas da família.

Quanto ao espaço da militância do movimento negro foram analisados o conteúdo de:

- duas cartas, memorandos recebidos de órgãos oficiais;
- dois artigos de jornais e revistas;
- dois programas políticos de candidatos negros;
- três panfletos de organização de eventos;
- um artigo de jornal (imprensa negra).

No tocante a Associação/Sindicato das empregadas domésticas foram divididas em:

- documentação interna da Associação (ficha de inscrição, estatutos e outros), totalizando oito documentos;
- cartas recebidas de órgãos oficiais, e de políticos, onze;
- cartas enviadas a órgãos oficiais e a políticos, quatro;
- cartas recebidas de organizações negras e não negras, dez;
- cartas enviadas a organizações negras e não negras, cinco;
- cartas de amigos de militância, três;
- carta anônima, uma.

Documentação referentes aos congressos da categoria:

- V Congresso Nacional das Empregadas Domésticas do Brasil - 24 a 27 de janeiro de 1.985 - Olinda -PE;
- missa do V Congresso Nacional;
- projeto de regimento interno para o Congresso Nacional;

- VI Congresso Nacional das Trabalhadora Domésticas do Brasil;

Relação das Pautas:

Tese 1 - A Trabalhadora Doméstica e a Cidadania - Família, Educação, Moradia, Saúde, Lazer, Discriminação Racial, Participação Política. RJ/RJ.

Tese 1 - Cidadania - Nova Iguaçu/RJ.

Tese 2 - A Trabalhadora Doméstica e sua realidade.

Projeto de Formação Profissional da Empregada Doméstica - Comissão de Educadores Negros de Recife/PE

Documentos do grupo da miscelânea:

- quatro artigos de jornais;
- cinco cartas de amigos;
- duas cartas e memorandos oficiais;
- uma listagem dos presidentes de Associação de Moradores da Cidade de Campinas.

5. AS FOTOGRAFIAS

A imagem fotográfica sempre vai testemunhar uma fração da realidade passada que, pode ser, um passado remoto ou recente. Ao ser preservada ou reproduzida a imagem retida pela foto, "fornece o testemunho visual e material os fatos aos espectadores ausentes da cena."⁽¹³⁾ Estas imagens permitem muitas interpretações e aplicações em vários ramos das ciências e das artes.

Miriam Moreira Leite⁽¹⁴⁾ aponta a dificuldade dos estudos a nível da interpretação das fotos. Os estudos passados têm se baseado na história de técnicas na biografia de fotógrafos, em possibilidades multiplicadas da arte fotográfica ou na recuperação da verdade.

A partir da década de 70, passa a existir uma intensificação de esforços de conservação, organização e inclusão da fotografia na apresentação de resultado de pesquisas históricas, entretanto a prática acontece de forma independente da análise do texto fotográfico, dando um caráter ilustrativo à análise verbal, não se procura um significado próprio das imagens.

Neste trabalho a foto não é um agregado é um complemento tanto para o entrevistado, pesquisador como para os leitores. A foto faz parte do trabalho, na medida que possibilita analisar as várias facetas de um fenômeno, assim como, auxilia o entrevistado, a reativar a sua memória e (re)começar a narração de uma história, ou iniciar a recordação de um novo fato.

Por outro lado, as fotos são instrumento metodológico importante para um pesquisador que não quer que o sujeito da pesquisa, neste caso D^{ca} Laudelina, se converta num simples objeto de pesquisa e uma identidade abstrata.

A foto registra um momento histórico, o que possibilita ao pesquisador, entrar no tempo e levantar hipóteses e explicações para o presente. Isto pode ser percebido pelo álbum de fotografias de Cristiano Jr.⁽¹⁹⁾, que tem sido utilizado e comentado por vários pesquisadores das ciências sociais. Através da imagem fotográfica reproduzida por este fotógrafo, os escravos na época, sem direito de serem cidadãos, não tratados como pessoas pelos senhores e, convertidos numa categoria pelos historiadores. Através da imagem recriada pelo fotógrafo, se convertem em pessoas, cada um com a sua própria identidade tanto no aspecto cultural como no aspecto individual.

5.1. A FOTOGRAFIA NA RECONSTRUÇÃO DA TRAJETÓRIA DE VIDA DE D^ª-LAUDELINA

Em outubro de 1.989, quando se iniciou o processo de entrevistas com D^ª-Laudelina, percebi que além da facilidade que ela tinha em narrar o seu passado, ela se utilizava também de documentos e fotografias para ilustrar a sua fala ou vivificar sua memória. Enquanto se realizavam as primeiras entrevistas não se sistematizou e analisou os documentos e fotografias mas, nessa ocasião, as fotos e documentos já foram sendo escolhidos conjuntamente e recolhidas para se preparar a sua reprodução visando uma posterior análise.

Após terminadas as entrevistas, se iniciou a sistematização das fotos e dos documentos junto com Dã. Laudelina. Foram reproduzidas 89 (oitenta e nove) fotos que faziam parte do seu acervo.

Com a ajuda de Dã. Laudelina, elas foram agrupadas de acordo com atividades por ela desenvolvidas e, assim, se obteve 4 grupos de fotografias.

1º grupo é formado por 12 fotos de família.

2º grupo são fotos de atuação de Dã. Laudelina na sua militância junto ao movimento das empregadas domésticas e contém de 39 fotografias.

3º grupo contém as fotos da atuação de Dã. Laudelina junto às organizações negras e os movimentos negros se constituindo de 27 fotografias.

4º grupo se constitui em uma miscelânea de 11 fotos pessoais de Dã. Laudelina registrando sua participação em outras atividades sócio-culturais.

A profã. Olga Von Simson⁽¹⁶⁾ ao estudar o carnaval Paulistano, tendo como um dos suportes a fotografia divide as fotos catalogadas em dois grupos: Frias e Quentes. As fotos frias são consideradas aquelas que só trazem as informações visuais não sendo estas acompanhadas de descrição e comentários fornecidos

pelos doadores. As fotos quentes são aqueles que, ao contrário, vêm acompanhadas de descrições.

Os quatro grupos anteriormente citados nos quais se dividem as fotos de Dã- Laudelina, também contém fotos frias e fotos quentes pois, em decorrência do falecimento de Dã- Laudelina e, pela dificuldade de se encontrar um outro informante que pudesse descrevê-la, interrompeu-se esta atividade de identificação das fotos.

Cada um destes grupos reserva peculiaridades e intenções específicas que se passará a discutir a seguir (Apêndice I).

6. RELATOS ORAIS, DOCUMENTOS E FOTOGRAFIAS: BREVE DISCUSSÃO SOBRE A COMPLEMENTARIEDADE

Muitas tem sido as pesquisas que utilizam como suporte empírico, apenas os relatos orais, sejam em forma de história de vida ou de depoimentos orais.

Nesta dissertação, como ficou claro, utilizou-se três suportes empíricos: relatos orais, documentos e fotografias, e isso garantiu, que se chegasse de forma mais segura aos objetivos da mesma.

Os relatos de Dã. Laudelina acerca dos seus feitos revelaram fundamentalmente a sua interpretação sobre a sociedade e sobre si mesma; esses, quando comparados com os depoimentos de pessoas que conviveram com ela, elucidaram que ela tinha consciência de sua vida pública mas, ao mesmo tempo, como tinha muita modéstia, me permitiu perceber que ela omitia, que determinados eventos idealizados e organizados por ela.

As informações obtidas pelas fontes orais foram ampliadas pela riqueza de documentação e fotografias, primeiramente, pode se dizer que documentos e fotografias são fontes estáveis, podendo ambos serem consultados várias vezes e nas diversas fases da pesquisa.

Determinados acontecimentos puderam ser reconstruídos apenas com as análises documental, como se verá mais adiante no caso da construção da creche para os filhos das empregadas domésticas. Os depoimentos de Dã. Laudelina não elucidaram a este respeito os detalhes percebidos por meio dos documentos. Os documentos também revelaram os níveis de ligação de Dã. Laudelina com a sociedade local e o poder político. Assim também, as fotos "frias" ou "quentes", retrataram Dã. Laudelina no espaço privado e público, mostrando também como viveu no mundo dos homens; negros e brancos, tentando lutar em pé de igualdade por direitos sociais e políticos.

As fotos "quentes", das quais se obteve informações de forma mais detalhada acerca do contexto histórico que o material foi produzido, alargaram a possibilidade de sua utilização na pesquisa. Entretanto, as fotos "frias", foram de grande utilidades pois as suas imagens, analisadas com os relatos e documentos, aliados a um conhecimento anterior (que todo o pesquisados deve ter do assunto que estuda) permitiram o estabelecimento de relações e comparações, que sugeriram novas interpretações.

Um outro aspecto positivo da complementariedade de suportes empíricos, diz respeito ao momento da devolução do trabalho à população estudada. Algumas fotos foram transformadas em *slides* e, aliadas às descrições feitas por D^{ca} Laudelina, poderão futuramente permitir a elaboração de um audiovisual.

Algumas entrevistas foram filmadas podendo transformar-se posteriormente em uma edição, facilitando principalmente o acesso das empregadas domésticas a este estudo.

NOTAS

- (1) Gramsci, Antonio Concepção - *Dialética da História* - pág. 95.
- (2) Cardoso de Oliveira, Roberto - *Identidade étnica e Estrutura Social* - pág. 98.
- (3) Ibidem.
- (4) Berger e Luckmann - *A Construção Social da Realidade* - pág. 91-96.
- (5) Fanon, Franz - *Pele Negra, Máscaras Brancas* - pág. 48.
- (6) Gaenebin, Jeane - In Prefácio; Walter Benjamin ou a História Aberta - pág. 09.
- (7) Ibidem - pág 11.
- (8) Ibidem - pág. 15.
- (9) Niane Djibul Tamser - *Sundjata, ou A Epopéia Mandinga* - pág. 06.
- (10) Gaenebin, Jeane in Prefácio. Walter Benjamin ou a História Aberta - pág. 19.
- (11) Ludke, Menga e André, Marli - *Pesquisa em educação Abordagens Qualitativas* - pág.
- (12) Lang, Alice B S G - *Documentos e Depoimentos na Pesquisa Histórica-sociológica em Reflexões sobre a Pesquisa Sociológica.*
- (13) Kossoy, Roris - *Origens e Expansão da Fotografia no Brasil - século XIX* - MEC/FUNARTE, 1980, pág. 33.
- (14) Moreira Leite, Miriam - *A Imagem através de palavras In Ciência e Cultura* - volume 38 nº 9 set. 196.
- (15) Azevedo, P C de - *Escravos Brasileiros do século XIX na Fotografia de Cristiano Jr.*
- (16) Von Simson, Olga - *Depoimento Oral e Fotografia na Reconstrução da Memória. História Sociológica - Reflexão de Pesquisa* - Boletim do Centro de Memória nº 5.

CAPITULO II

MARCO TEÓRICO

DISCUSSÕES PRELIMINARES SOBRE ETNICIDADE, GÊNERO E O PROCESSO EDUCACIONAL

1. INTRODUÇÃO

Etnicidade e Gênero são categorias principais, utilizadas para estudar a trajetória de vida de DÂ. Laudelina. Definidas as categorias principais, utiliza-se um conjunto de sub-categorias, tais como: cor, posição social e sistema de valores. No processo de análise, as sub-categorias aparecem, como auxiliares na construção e elucidação das categorias principais.

As categorias principais surgem do meu recorte como pesquisadora e são categorias baseadas na observação da realidade empírica.

O relato de Dã Laudelinna é uma interpretação que ela faz da realidade e, na tentativa, de produzir-se um conhecimento sobre ela, realiza-se uma reinterpretação, relativizando o discurso inicial. Assim, procura-se contextualizar histórica, social e culturalmente o relato de Dã Laudelina, verificando, as contradições existentes em suas falas e ações as quais, revelam o nível da introjeção inconsciente do comportamento social e étnico de toda a sociedade que demarcam, contornam e norteiam ações grupais e individuais.

A "realidade não é transparente a seus agentes" ⁽¹⁾, e Dã Laudelina, realizou um longo processo de desvendamento para entender essa realidade. A Marx reconhece-se o mérito de ter rompido com a ilusão da transparência. "Na produção social de sua existência, os homens travam relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade." ⁽²⁾

Não se pretende com as categorias de análise utilizadas esgotar a atuação de Dã Laudelina; pois sua vida foi uma realidade concreta de inesgotável riqueza, dando significado e qualidade à sua luta, tornando essa luta, sempre uma fonte de desafios à razão e, sugerindo, um contínuo processo de conhecimento.

O estudo da trajetória de vida de Dã Laudelina, sob a base da análise das categorias de etnicidade e gênero, permite definir e demarcar as características de sua

identificação como mulher e como negra; pois "as relações entre as pessoas se processam através da identidade e da diferenciação"⁽³⁾, referendadas por um contínuo e dinâmico processo de construção histórica individual e social.

As distinções existentes no outro (classes étnicas e de gênero), são encaradas como diferenças que, muitas vezes, são criadas e legitimadas para se colocar certos indivíduos e grupos sob o jugo de outros. Estas diferenças são usadas para justificar os processos de desigualdades sócio-econômicas e culturais.

Os contingentes socialmente dominantes assumem os seus papéis, e determinam os papéis que os outros indivíduos e grupos sociais podem assumir de acordo com os seus sinais diferenciadores: étnicos de classe e de gênero. Estas categorias podem se sobrepor entre si criando diferentes intensidades de conflitos sociais ocasionados pelos diversos processos de marginalização social.

Uma vez institucionalizados estes papéis, todo um sistema de perpetuação dessa institucionalização estará presente na conduta de cada indivíduo ou grupo, por meio da transmissão de crenças e valores, que se materializam na distribuição social do conhecimento e na divisão social do trabalho. A construção da identidade pode assim ser transformada pelas relações sociais.

Nos cruciais momentos de conflito, responsáveis pelos avanços e bloqueios que dinamizam a vida social.

2. ETNICIDADE

O conceito de etnicidade foi construído historicamente e de forma mais significativa no período Pós II Guerra. Este processo se deu dada a "repugnância ética às doutrinas raciais nazistas". Desta data em diante, tal fato levou muitos acadêmicos a evitar o termo "raça"⁽⁴⁾. O termo Etnicidade, também passou a ser utilizado como substituto da categoria raça em razão, do caráter ideológico-político das discriminações raciais.

Para Bonfil Batalla "raça":

"Se refiere propriamente a la frecuencia diferencial con la que ocurren en diversas poblaciones cuertas características somáticas, aparentes y transmitidas genéticamente... No obstante, parece claro que el concepto de raza no puede usarse como sinónimo de grupo étnico, tanto por su propia ambigüedad, como por su filiación biológica, que lo hace poco pertinente para la explicación social de fenómenos sociales".⁽⁵⁾

O termo Etnicidade assim como ele é abordado por B. Batalla e Cardoso de Oliveira, ambos inspirados no célebre trabalho de Fredrik Barth, é um instrumento sumamente útil para se submergir no horizonte aqui pesquisado.

Ao longo desse trabalho se tentará abordar etnicidade como uma construção sócio-histórica que surge e é estimulada pelas relações de exclusão e inclusão que tem como base o racismo e como resultado as discriminações; seja no mercado de trabalho, em salários diferenciados, na exclusão da política e outros. A etnicidade em relação à população negra, também será abordada tanto no que diz respeito à dimensão objetiva como subjetiva. Isto último referente a análise da construção da identidade étnica como um processo construtivo.⁽⁶⁾

Assim, a categoria etnicidade é entendida como um conceito relacional e situacional, que se constroee dentro de um contexto específico de conflito étnico.

2.1. IDENTIDADE ÉTNICA - A CONSTRUÇÃO DO GRUPO ÉTNICO NEGRO DE ORIGEM AFRICANA NO BRASIL

Em busca de uma compreensão dos grupos étnicos de origem africana no Brasil, se tomará os critérios determinados por Fredrik Barth, como instrumento heurístico. Barth classifica uma população como grupo étnico quando:

a) principalmente através de meios biológicos se reproduz (ou se auto perpetua);

- b) compartilha valores culturais fundamentais realizado em formas culturais, cuja unidade é evidente;
- c) perfaz um campo de comunicação e interação;
- d) é formado por um grupo em que seus membros se identificam a si mesmos, e são identificados por outros, como constituindo uma categoria distinguível de outras categorias, estas pertencentes a uma mesma ordem.⁽⁷⁾

Aplicando-se estes critérios à população negra brasileira verifica-se em relação ao primeiro tópico que, características físicas poderiam ser base do grupo étnico negro no Brasil.

No que diz respeito, ao segundo tópico, verifica-se que não existe um repertório cultural e, conseqüentemente, uma ideologia única e homogênea, acerca da população negra no Brasil.

A pergunta é: como definir esse segmento populacional diferenciado?

A cor é uma variável necessária, mas não suficiente, o que nos remete a procurar uma resposta no espaço da cultura e da identidade; pois apesar dos antagonismos e conflitos existentes no interior da população negra, existe uma "matriz cultural" que permeia as suas manifestações.⁽⁸⁾

Assim, os grupos negros e seus descendentes, existem peculiaridades culturais bastante difundidas a exemplo, da religiosidade, das formas de diversão e mesmo, os espaços possíveis de serem conquistados no mercado de trabalho.

Um exemplo disso é o depoimento de um militante negro, quando faz referência à religião:

"A religiosidade negra tanto transcende o Candomblé e a Umbanda, que pessoas que nunca pisaram num terreiro expressam essa religiosidade dos Orixás em outras atividades. Isto permite compreender que quando o negro está em outras religiões, pratica, por exemplo, uma Assembléia de Deus, diferente de outros brancos. Minha irmã que pertence à Assembléia de Deus, sempre foi radicalmente contra o Candomblé e a Umbanda, tem horror de macumba. Mas se observarmos como ela pratica a religião Batista, é uma "mãe de santo" em pessoa. Sua maneira de praticar e de ser religiosa é a maneira negra africana." (9)

No tocante ao campo da comunicação e interação (tópico 3), não existe na população negra um sistema de comunicação que leve a organização do grupo e mesmo entre os diferentes grupos de ativistas não existe de forma concreta uma estratégia que unifique as lutas contra o racismo, uma vez que mesmo as lutas políticas do movimento negro estão marcadas por diferenças profundas.

Acerca do tópico 4, a realidade brasileira, assim como os caracteres físicos não constituem a base para formação de grupos étnicos; também não vão dar condições para o contingente populacional negro, como um todo, se identificar e ser

identificado como negro. Deve-se observar que a mesma dificuldade de definição enfrentaria a etnia branca se não tivesse condição de grupo dominante. Esta identificação sempre é conjuntural e, envolve, aspectos políticos-econômicos e ideológicos além, da variação de cor e dos "status" ocupados por indivíduos ou grupos sociais.

Cardoso Oliveira diz ser comum encontrar, nas modernas sociedades de classes, uma ideologia igualitária reinando sobre as cabeças dos homens⁽¹⁰⁾. Acredita-se que esta ideologia igualitária possa se equiparar à democracia racial quando se trata de população negra pois, essa ideologia não tem por "função" fornecer ao indivíduo, ou aos grupos um conhecimento verdadeiro da estrutura do sistema interétnico, mas busca simplesmente inseri-los, de certo modo, em suas atividades práticas que sustentam a dita estrutura.⁽¹¹⁾

Todavia, esta ideologia igualitária, assume representações etnocêntricas à medida que é difundida por um grupo dominante, visando perpetuar a sua ideologia e tornar nítidas as diferenças dos grupos socialmente dominados; diferenças de valor que organizam os grupos numa hierarquia e, assim, os indivíduos inseridos neste sistema interétnico passam a se identificar e serem identificados como pertencentes a tais grupos. E de forma geral, os próprios membros dos grupos dominados

passam a se ver com os olhos do grupo dominante, ou através das categorias etnocêntricas do outro.

Por esta razão, dentro de uma sociedade marcada pelas denúncias de discriminação de étnica, gênero e classe, é estreita e estrita a definição de "Branco". Por outro lado, por motivos ideológicos e de manipulação política, a definição de negro é tratada num emaranhado de ambiguidades e confusões.⁽¹²⁾ A tentativa da procura de uma unidade cultural afro-brasileira fracassa por um lado, devido às diversidades manipuladas ideologicamente pelo grupo dominante e por outro lado, esses grupos negros constroem suas identidades de acordo com a visão que as atividades cotidianas lhes permite ter de si mesmos, ou seja, a relação que esses têm com o trabalho, a percepção que possam ter do preconceito e do racismo influenciaram ou que influenciarão a utilização dos símbolos e padrões afro-brasileiros ou europeus.

Assim, não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais (negros) em diferentes momentos históricos.⁽¹³⁾

A população negra brasileira é fragmentada e estes fragmentos dão origem a pequenos grupos que serão chamados aqui de micro-grupos-étnicos.

2.1.1. OS MICROS-GRUPOS-ÉTNICOS

As populações negras transportadas para servirem como escravos no Brasil, sob um processo de dominação, foram marcadas pelas dicotomias escravo-senhor e negro-branco.

A identidade de origem desses grupos com o tempo foi sob a dinâmica deste processo de dominação, se confundindo e até se perdendo para a maioria dos indivíduos. Na nova terra essas populações partilham as mesmas condições materiais de existência e de dominação. Contudo essa nova realidade não impediu a organização de grupos da população negra escrava a partir de suas diferenças étnicas, ainda que, esta atitude não tivesse permanência no tempo, dada à própria dinâmica de dominação e exploração do sistema escravocrata.

Assim, entende-se que mesmo vivendo uma mesma realidade de dominação e exploração as diferenças culturais foram mantidas entre a população escrava, que se indentificavam e eram identificadas pelos senhores segundo a sua origem "(nagô, ussá, bantu, malê ou crioulo para os aqui nascidos)". (14)

Uma vez que todos eram negros, não foi então a cor da pele sinal diacrítico que influenciasse as relações entre eles mas sim, a cultura. Entretanto, foi a cor da pele que serviu para identificá-los no seu papel de escravo negro. É importante

destacar aqui que a definição de todos esses grupos diversos vindos da África como "negro", foi uma invenção do branco, que de acordo com as conjunturas específicas, ora reconhecia as suas diferenças culturais, ora reduzia a uma única classificação: Negros. Essa estratégia de dominação se assemelha à utilizada em relação às nações indígenas da América Latina. (15)

Mas, para o negro escravo a sua condição determinou a necessidade de novas formas de organização que lhes dessem condições de resistir.

"... Na senzala que a cultura brasileira se formou, tinha negros de todas as nações africanas, que contavam suas histórias ...

"As rebeliões, as revoltas escravas, eram organizadas neste espaço." (16)

As diversas culturas africanas foram se mesclando na diáspora emprestando, ao longo do tempo, a sua estrutura e muitas das suas características ao que se chama de cultura nacional, a qual se construiu e se constrói num processo dialético entre as diversas culturas africanas, européias e outras aqui existentes. Todavia, esse processo nem sempre desencadeia a construção de uma identidade afro-brasileira para a população negra, que quase sempre tem seus movimentos étnico-culturais cooptados pelos brancos, impedidos a sua transformação num movimento político deflagrador de uma manifestação de identidade. (16)

Assim, essas pessoas se agrupam de acordo com a percepção que possam ter da realidade. Esta realidade funciona como orientadora das ações de indivíduos e grupos, pois influencia, constrói e também é construída pela subjetividade das partes envolvidas, e pela concretude dos interesses de ordem econômica e política.

As situações de conflito que envolvem a população negra, propiciam uma organização, um movimento social ou mesmo a alienação. Estas organizações ou grupos micro-grupos-étnicos referentes à população negra brasileira, parece que se formam a partir de uma tripartite: cor da pele, posição social e sistema de valores. Estes micro-grupos-étnicos se identificam e são identificados como diferentes, entre indivíduos e grupos da mesma origem étnica e por indivíduos e grupos étnicos diferentes.

Entre os contingentes populacionais de origem negra, a cor da pele foi por muito tempo determinante na organização de grupos de origem religiosa ou recreativa. A cor da pele era o sinal diferenciador especificamente para os mulatos que, desde o século XVIII, mantinham irmandades religiosas próprias diferentes de outras para negros⁽¹⁸⁾ e, neste século, se verifica a eminência de clubes recreativos para mulatos a exemplo, dos "Mulatos Rosados"⁽¹⁹⁾; e de Associação que além da cor se diferenciavam como o grupo "Que Vi".⁽²⁰⁾

2.1.1.1. COR DA PELE

A cor da pele é fundamental nos estudos de situações raciais ocorridas no Brasil, em razão da maioria das classificações e identificação neste país, terem ocorrido a partir das variações da cor da pele dos indivíduos.

Faz-se oportuno aqui, mencionar rapidamente, o estudo comparativo de Dracy Nogueira, no qual, o autor teoriza o preconceito utilizando duas situações: preconceito de marca e preconceito de origem. O fenômeno preconceito de marca frequente no Brasil, ocorre quando este se exerce em relação à aparência, isto é, quando este toma por pretexto para suas manifestações, os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque. Quanto ao preconceito de origem, peculiar dos Estados Unidos, "basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico para que sofra as conseqüências do preconceito." (21)

O próprio termo cor, um substantivo que se qualifica com um adjetivo, passa acrescentando-se um De (de cor) a qualificar e a distinguir o homem negro de outros homens - homem de cor. Conforme Aurélio Buarque, "de cor, diz-se das pessoas que têm a cor da pele naturalmente escura." (22)

Este termo analisado no seu aspecto histórico e social revela, todo um contexto preconceituoso, que tanto brancos

quanto negros utilizavam e utilizam (com menor frequência nos tempos de hoje), para mascarar uma realidade discriminadora tentando camuflar os conflitos étnicos. O termo "de cor" passa a ser utilizado pelo "branco educado", para manutenção da etiqueta de relação inter-raciais tentando evitar as situações de humilhação de indivíduos do grupo discriminado.⁽²³⁾

Com mais intensidade na década de 20, 30, ser identificado ou se auto identificar como pessoa de cor, também denotava e denota uma maneira distinta de ser negro. A estes são atribuídos qualidades como: honestidade, bondade, esforço e trabalho pois, em geral, são estes negros que reforçam o mito de "negros de alma branca".

O termo preto ou negro, tomava e ainda representa para alguns indivíduos brancos ou negros uma dimensão de ofensa, e são utilizados em situações de conflito.⁽²⁴⁾ Para o branco o termo preto ou negro assume um caráter desprezível, utilizado para qualificar a pessoa negra desonesta. O homem de cor se distingue da negrada "grupos de indivíduos dados a pândegas ou desordens." ⁽²⁵⁾

O termo preto ou negro, para o homem negro foi sendo revisto no decorrer de sua caminhada em direção de uma maior consciência étnica. Contudo do "homem de cor" ao negro várias classificações de cores coexistem num mesmo contexto histórico social, sendo utilizadas por negros e brancos. As

usadas com mais frequência são: moreno, pardo, mulato, escuro, marrom, roxinho e outras.⁽²⁶⁾ Dentro da análise do preconceito, a categoria cor foi efetivamente estudada, e é um elemento importante no preconceito de marca. A categoria cor tem relevância menor na avaliação do processo de racismo.

"O rechaço do fenótipo é meramente um sintoma desenvolvido como expressão social. (Denomina-se) o fenótipo negro ou indígena não porque o preconceito os leva gratuitamente a isso mas porque ele simboliza todo um ser cultural, espiritual ontológico, (considerado) inferior."⁽²⁷⁾

2.1.1.2. POSIÇÃO SOCIAL

Nesse século de transição do trabalhador escravo para o trabalho livre, a diferenciação entre os micro-grupos-étnicos negros, também esteve marcada pelo acesso ao mercado de trabalho. Esse acesso possibilitou a conquista de bens materiais e não materiais, que favorecem a demarcação dos grupos citados.

Um exemplo protótipo desse processo na formação do binômio "negros de elite" e trabalhadores negros informais, fenômeno amplamente estudado por Florestan Fernandes e outros pesquisadores⁽²⁸⁾ e, que será discutido com maior profundidade, na terceira parte dessa dissertação.

Os "negros de elite" são definidos por terem um emprego fixo, de forma geral, suas lideranças ocupavam na cidade funções de caráter burocrático.

Por isso, o termo "negro de elite", não pode ser comparado e nem pode ter equivalência ao sentido dado à "elite" quando se faz referência à elite burguesa, detentora de poder sócio-econômico-político.

Quanto aos trabalhadores informais, José Carlos Gomes da Silva⁽³⁰⁾, estudando o negro em São Paulo afirma que os trabalhadores negros informais tinham um espaço territorial definido, ocupando principalmente a Barra Funda. Eram em sua maioria migrantes negros da lavoura, exercendo na cidade as funções de carregadores, serventes de pedreiro, perfuradores de poços, e de acordo ainda com esse autor o contraste entre a elite negra e trabalhadores informais se dava também, pela relação que a elite negra tinha com famílias nobres paulistanas.

Esses contrastes não ocorreram apenas na cidade de São Paulo, outras pesquisas demarcam a existência desse fenômeno em outros Estados e cidades do interior.⁽³¹⁾

2.1.1.3. SISTEMA DE VALORES

O acesso ao mercado de trabalho favorece a obtenção de bens materiais e não materiais e à criação de todo um sistema de valores.

No caso do "negro de elite", a própria proximidade com as famílias brancas, propiciava um comportamento assimilado, influenciando na opção religiosa, nas aspirações e no próprio comportamento moral.

Entretanto, mesmo partilhando a mesma cultura básica da sociedade branca se viam excluídos dessa, não aceitos totalmente pelos brancos e não querendo se identificar com os outros micro-grupos-étnicos negros da sociedade.

A saída natural para este grupo foi a criação de características de distinção que se manifestavam num estilo particular de vida, a qual se expressou do início do século até a década de 70, principalmente pela não utilização pública, ou não, dos símbolos afro-brasileiros, a isso também se pode acrescentar formas de vestir, círculos de amizade pontuados e a criação da Associação de lazer exclusivas.

Assim, atitudes e comportamentos opostos funcionavam como diferenciadores entre um micro-grupo-étnico e outro. Os negros de elite eram em sua maioria católicos, faziam

críticas ao samba e à forma pela qual outros micro-grupos se organizavam no seu cotidiano (religião, educação, etc).

A religião afro-brasileira sofreu muitas perseguições entretanto, essas não impediram que muitos micro-grupos-étnicos se organizassem culturalmente e demarcassem sua distinção, através do sistema de símbolos fornecidos por essa religião.

Todavia, o sistema de símbolos fornecido pela religião, ou por outros aspectos culturais, estão sempre sujeitos a reinterpretações, acomodando-se assim as circunstâncias políticas, econômicas e sociais. Essas transformações são observáveis entre a coletividade negra, principalmente após a década de 70.

Apesar de estar concebendo que os micro-grupos-étnicos são formados pela tripartite: - cor - posição social - sistema de valores, não as tomo mecanicamente. Os exemplos dados de negros de elite e trabalhadores informais, são os mais ilustrativos mas não impediu a existência de outras combinações como: negros bem posicionados que vivenciaram e vivenciam plenamente os sistemas de valores afro-brasileiros como o samba e o candomblé.

3. GÊNERO

O termo gênero como categoria analítica é novo, os trabalhos que passam a abordar esta questão de forma sistematizada vem à luz na década de 80, com as contribuições de diferentes disciplinas, como a biologia, a antropologia, a psicologia e a sociologia e pelo próprio movimento feminista. (32)

A construção desta categoria analítica se destina a desnaturalização do fenômeno, o qual se encerra na tentativa de justificar política e ideologicamente as desigualdades sociais com base no sexo.

Sexo (sem as implicações sociais) se refere ao fisiológico e não comporta especificidades culturais e determinações de papéis masculinos e femininos se restringindo assim, simplesmente, ao componente biológico que distingue o macho da fêmea na espécie humana como na maioria das espécies biológicas e na forma de reprodução dessa espécie.

No que concerne à reprodução biológica é evidente que existem diferenças palpáveis (gestação, o parto e outras), entre o macho e a fêmea, mas isso não justifica que a partir dessa diferença se construa modelos de relações sociais de gênero que implique na subordinação de um sexo a outro.

As relações sociais de gênero se ligam a outros tipos de relação sociais, que geralmente em sociedades de classes como o Brasil são desiguais.

Essa questão pode ser explicada via aos estudos de Manine Molyneaux e de outros que nela se inspiraram.⁽³³⁾

Assim, de acordo com Molyneaux é fundamental realizar uma diferenciação entre, os interesses das mulheres, interesses estratégicos de gênero e interesses práticos de gêneros, pois as preocupações das mulheres são diferentes de acordo com sua condição e posição social, referentes a um contexto sócio-histórico determinado.

Exemplificando: uma mulher pobre vivência clara e duas formas específicas de discriminação e exploração: por ser mulher e por ser pobre, (gênero e classe), podendo se agregar outras especificidades, como trabalhadora rural ou doméstica.

No caso das mulheres negras, existe geralmente uma triplice forma de discriminação e exploração por ser mulher, por ser pobre e por ser negra (etnia, gênero e classe). Por isso os interesses baseados nas semelhanças biológicas, e outras que são comuns entre as mulheres devem ser entendidos como interesses de gênero, visando desmistificar a homogeneidade imposta pela noção de interesses de mulheres assim como afirma Molyneaux:

"However, this is not to deny that women generally have certain in common. These can be called gender interests to differentiate them from the false homogeneity imposed by the notion of 'women's interests.'" (34)

Nesta dissertação gênero é um constructo abstrato que vai estar se defrontando, não apenas com formações discursivas, mas com as experiências de Dã- Laudelina um agente histórico concreto.

Assim, o pensamento de Molyneaux, se recoloca pela distinção feita entre interesses estratégicos e práticos de gênero, pois fornece o embasamento necessário para entender as ações e posturas de Dã- Laudelina nas conjunturas históricas que ela vivenciou.

Interesses estratégicos de gênero, se define segundo Molyneaux da seguinte forma:

"Strategic interests are derived from the analysis of women's subordination and from the formulation of an alternative, more satisfactory set of arrangements to those which exist. These ethnical and theoretical criteria provide the basics for the formulaion of strategic objectives to overcome women's subordination, such as the abolition of the sexual division of labour, the alleviation of the burden of domestic labour and childare, the removal or institutionalised forms of discrimination, the establishment of political equality, freedom of choice over childbearing, and the adaption of adequate measures against male violence and control over women." (35)

Se por um lado os interesses estratégicos se referem a subordinação das mulheres em relação aos homens, visando a construção de uma sociedade mais igualitária. Por outro

lado, os interesses práticos, são definidos por Molyneaux como aqueles que emergem das necessidades imediatas, conforme se explicita abaixo:

"Practical gender interests arise from the concrete conditions of women's positioning by virtue of their gender within the division of labour. In contrast to strategic interests these are formulated by the women themselves who are within these positions. Practical interests are usually a response to an immediate perceived need, and they do not entail a strategic goal such as women's emancipation or gender equality. Analyses of female collective action frequently deploy this conception of interests to explain the dynamic and goals of women's participation in social action."⁽³⁶⁾

Exemplificando os interesses estratégicos são referentes as condições concretas na qual as mulheres se encontram, fazendo parte também da esfera doméstica; pois incluem além da responsabilidade com a reprodução biológica, a reprodução dos bens e serviços para família, ou seja, em dados com as crianças manutenção da casa e outros.

Em específico para as mulheres de baixa renda surge um outro papel de **gerente urbana**, quando frente a realidade imposta às mesmas; lutam pelas melhorias comunitárias, reivindicando postos de saúde, escolas, creches, asfalto, espaço de lazer e outros, junto as autoridades locais pressionando direta ou indiretamente o Estado e organizações não governamentais.

Dessa forma a mulher de baixa renda, assume um triplo papel: **produção**, seja fora ou realizada no espaço doméstico, **reprodução** biológica e de bens e serviços e finalmente o papel de **gerente urbana**.

Acredito ter elucidado nesta exposição que gênero organiza socialmente a divisão sexual, estabelecendo significações para diferenças corpóreas.⁽³⁷⁾

No próximo capítulo, o leitor poderá observar como a categoria gênero favorece e facilita a identificação e percepção do modo qual a sociedade classificou e construiu os esterótipos referentes as mulheres negras, instituindo uma relação de poder, que estrapolam a relação homem e mulher.

Essa suscinta revisão de fatos passados permitirá também contextualizar histórica e socialmente o espaço, no qual, também se encontra Dã. Laudelina no exercício de construção de sua trajetória como mulher negra.

4. PROCESSO EDUCACIONAL

Define-se educação como um contínuo processo de (re)socialização que se concretiza nas relações cotidianas, via os diversos setores da sociedade civil, partidos políticos,

Sindicatos, igrejas, escolas, movimentos sociais, Associações, meios de comunicação, realizações de trabalho, família e outros.

Nessas relações os conflitos estão sempre presentes pois a educação que se destina às classes, grupos étnicos e gênero determinados se veicula à visão de mundo de uma elite dominante, que domina o poder político e econômico, portanto o aparato estatal, por meio de algumas dessas instituições acima citadas, gerando um enfraquecimento na elaboração do pensar de um grupo social e politicamente expropriados dos bens sociais, suplantando-se a concepção de mundo destes por um pensar dominante.

Mas, estas relações têm um caráter dinâmico, e como mostra a concepção Gramsciana, embora as classes dominantes sejam as mais influentes, o proletariado também pode exercer hegemonia sobre outras classes buscando a construção de uma nova cultura. Assim, toda relação de hegemonia necessariamente é uma relação pedagógica⁽³⁸⁾, assumindo a educação papel preponderante na criação da nova cultura. Esta relação educativa para Gramsci *"não pode ser limitada às relações especificamente escolásticas (escolares), mas se opera em toda a sociedade em seu conjunto e em todo indivíduo com relação aos outros indivíduos."*⁽³⁹⁾

A Educação é veiculada e difundida pelos intelectuais, os quais segundo Gramsci são definidos não somente por aqueles elementos das camadas sociais mais elevadas,

tradicionalmente formadoras de intelectuais, mas, em geral todo indivíduo que exerce funções de organização, seja no domínio da produção, da cultura e/ou da administração pública. Gramsci afirma ser impossível a luta hegemônica sem a atuação do intelectual.

"... Uma massa humana não se distingue e não se torna, independente "por si", sem organizar-se (em sentido lato); não existe organização sem intelectuais, isto é, sem organizadores e dirigentes, sem que o aspecto teórico da ligação teoria/prática se distinga concretamente em um extrato de pessoas "especializadas" na elaboração conceitual e filosófica."⁽⁴⁰⁾

Este intelectual não é integrante de uma elite que detém o saber e a verdade, mas o indivíduo que desempenha uma função efetiva na sociedade, não precisando necessariamente, para isso de instrução, de estudos especializados. Gramsci defendia que todo homem tem uma capacidade intelectual que pode ser desenvolvida no exercício da luta pela hegemonia de uma determinada classe.

Os intelectuais orgânicos do proletariado vão desenvolver o seu trabalho nas organizações da sociedade civil, sendo estes também agentes da sociedade civil e política.

Os intelectuais orgânicos estabelecem um nexo entre a infra-estrutura e a super-estrutura. Desta maneira a configuração de um determinado bloco histórico num dado momento guarda uma estreita relação com a ação dos intelectuais, que repercute diretamente no movimento da infra-estrutura e da super-estrutura, havendo portanto uma interferência do intelectual orgânico no mundo da produção, por meio das conseqüências políticas do seu trabalho.

Assim, a Educação se liga à identidade étnica e de gênero à medida que são construídas via o conjunto das relações nas classes e entre classes; entre as combinações possíveis entre sujeitos diferentes (homens e mulheres), (brancos e negros), (mulheres brancas e mulheres negras).

No Brasil, verifica-se que as relações sociais de produção são marcadas por um caráter racista e sexista em relação às origens étnicas sexuais, no qual o negro e a mulher passam por um processo de pseudo-integração, mas que os coloca à margem da participação sócio-política-econômica.

E neste contexto é que localiza a importância da prática de Dã- Laudelina, enquanto militante e intelectual negra na mediação da conscientização e organização de grupos dentro da população negra e pobre.

NOTAS

- (1) Cardoso de Oliveira, Roberto - *Identidade étnica e Estrutura Social*, pág. 99.
- (2) Karl Marx citado in Cardoso de Oliveira - *Identidade étnica e Estrutura Social*, pág. 99
- (3) Saffioti, Heleieth I. B. - *Rearticulando Gênero e Classe Social* apresentado no XIV Encontro Anual de ANPOCS, pág. 27.
- (4) Stolcke, Verina - *Sexo Está Para Gênero Assim Como Raça Está Para Etnicidade*, pág. 106; e Seyferth Geralda em *Dicionário de Ciências Sociais*, pág. 436-487.
- (5) Bonfil Batalla, Cruillermo - *La Teoría Del Control Cultural En La Estudio De Processos étnicos*.

 Todavia o caráter biológico do termo "raça", não tem nenhuma relação com as atitudes e comportamentos preconceituosos com base nas características físicas. Um outro é salientado por Cardoso de Oliveira que diz: "não cabe mais exorcizar a noção raça, como não devemos lutar ainda para eliminar quaisquer biologismos porventura arraizados à noção de etnia" (RCO-1975,83).
- (6) Cardoso de Oliveira, Roberto - *Identidade étnica e Estrutura Social* e Bonfil Batalla - *La Teoría Del Control Cultural En La Estudio De Processos étnicos*.
- (7) Barth, Fredrik - *Los Grupos étnicos Y Sus Fronteras*, pág. 11 - citado por Brandão em *Identidade e Etnia*.
- (8) Hobsbawn, E. - *Nações e Nacionalismo Desde 1870*, pág. 81-82.

Aqui poderia se utilizar a argumentação de Hobsbawn o qual afirma que "a etnicidade negativa é sempre intrinsecamente pouco importante ao protonacionalismo (e a articulação de movimento nacionais de libertação), a menos que tenha sido fundido a uma tradição estatal, como na China, na Coréia e no Japão." Segundo as análises deste autor, quando se refere à realidade africana, negritude é um sentimento que existe na realidade através de um confronto com pessoas de

pele mais clara. É um fato político, mais a mera consciência da cor não é uma condição necessária e suficiente para gerar um movimento de libertação, autodeterminação, ou um grupo étnico com consciência de si mesmo.

- (9) Barriel, Maria Maia de Oliveira - *A Identidade Fragmentada*.

Depoimento de um militante negro dado a autora.

- (10) Segundo o autor deve se fazer uma consideração entre a distinção de ideologia igualitária e ideologia étnica... Ideologia igualitária é uma anti-ideologia étnica... A ideologia igualitária, por seu lado, supõe que o "grupo" ou a sociedade portadora dessa ideologia, não se assuma como uma etnia. Para Cardoso de Oliveira, as ideologias igualitárias transitam fora - e tão somente fora dos níveis locais; onde se dão efetivamente as relações interétnicas..., referindo-se exclusivamente às relações índio/branco.

E no caso da população negra se aplica esta ideologia igualitária?

Na minha perspectiva se aplica e comparo esta ideologia igualitária à ideologia da democracia racial, da mesma forma que Cardoso de Oliveira cita G. Myrdal, pág. 70. "Acreditamos que o credo norte americano, se equivalha e se aplique as relações étnicas entre negros e brancos no Brasil."

Cardoso de Oliveira, Roberto - *Identidade étnica e Estrutura Social*, pág. 70-71.

Ver também G. Myrdal - *O Valor em Teoria Social* - Segunda Parte.

- (11) Cardoso de Oliveira, Roberto - *Identidade étnica e Estrutura Social*, pág. 72.

- (12) A possibilidade de definição de uma identidade afro-brasileira ou de uma etnia afro-brasileira tendo sido perseguida, por estudiosos brasileiros, confluindo em debates não conclusivos. Entre eles: profº Kabenguele Munanga, Josildeth Consorte, Cunha Jr e outros.

Embora existindo as diversidades nacionais poderia se percorrer o caminho trilhado por Cheikh Anta Drop, em busca da unidade cultural africana, mesmo esta comportando as imensas diversidades, a nível do continente e em termos

lingüísticos, religiosos, populacionais, geográficos e outros.

- (13) Ortiz, Renato - *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*, pág. 139.
- (14) Maggie Ivone - *Cor, Hierarquia e Sistema de Classificação: A Diferença Fora do Lugar*, pág. 13 - Ver também Kátia Mattoso - *Ser Escravo no Brasil*.
- (15) Assim, o termo índio/negro criado pelos conquistadores luso-espanhóis não existia no vocabulário das diferentes etnias aborígenes da América Latina. A criação de um termo que englobe grupos distintos numa categoria homogênea, sem tomar em conta diferenças existentes, foi um veículo a mais para a dominação dos mesmos. A repetição e uso desses termos na academia e em outras instituições, ajudou a cristalizar a visão etnocêntrica em relação a essas minorias étnicas.
- (16) Depoimento do Prof. Geraldo Campos de Oliveira
- (17) Borges Pereira, João Baptista - *A Folclorização da Cultura*.
Fry, Peter - "*Feijoada e Soul Food*" - Notas Sobre Manipulação de Símbolos étnicos e Nacionais In Para Inglêss, Ver
- (18) Mira, João Manoel Lima - *A Evangelização do Negro no Período Colonial Brasileiro*.
- (19) Grupo citado no Depoimento de Henrique Cunha Jr. em Novembro de 1991 e na Revista *Senzala* editada na década de 40.
- (20) Depoimento de Dã. Ligia de Castro em 7 de agosto de 1.991.

Este grupo "Que Vi" foi fundado por seu pai conforme seu relato:

"... porque papai não gostava que a gente fosse na casa de um ou de outro não, era dentro de casa, então de forma que eles se reuniram com o meu tio e outros senhores e formaram então um club, p'ra gente ter onde se divertir, chamava-se "Que Vi".

Prossegue informando sobre os pré-requisitos necessários aos sócios.

... ele era alto funcionário da Secretaria do Estado - Tinha alguns rapazes que também faziam parte, porque tinha

irmã, então também queriam levar, mas, todos escolhidos. Para entrar tinha que encher um questionário, eles mandavam fazer pesquisa (a respeito da pessoa) - era necessário ter profissão e ser formado, boa colocação... e tinha que ter boa conduta."

- (21) Nogueira, Oracy - *Tanto Preto Quanto Branco: Estudos de Relações Raciais*, pág. 79-80.
- (22) Buarque de Holanda, Aurélio - *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, pág. 476.
- (23) Nogueira, Oracy - *Tanto Preto Quanto Branco: Estudos de Relações Raciais*, pág. 83.
- (24) Oliveira Berriel, Maria Maia - *A Identidade Fragmentada - As Muitas Maneiras de Ser Negro*, pág. 69-70, Ver também em Oracy Nogueira no livro citado na nota nº 27.
- (25) Buarque de Holanda, Aurélio - *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, pág. 1187.
- (26) A Questão de Classificação de Cores foi discutida na Dissertação de Mestrado de Moema Poli Teixeira Pacheco - *Família e Identidade Racial - Os Limites da Cor nas Relações e Representações de Um Grupo de Baixa Renda e também por Ivone Maggie.*
- (27) Nascimento, Elisa Larkin do - *Pan-Africanismo na América do Sul - Emergência de Uma Rebelião Negra*, pág. 12.
- (28) Fernandes, Florestan - *A Integração do Negro na Sociedade de Classe.*

José Carlos Gomes da Silva - *Os Sub Urbanos e a Outra Face da Cidade - Negros em São Paulo 1.900-1.930 - Cotidiano, Lazer e Cidadania.*

Olga R. de Moraes, Von Simson - *Branços e Negros no Carnaval Popular Paulistano.*

Irene Maria Barbosa.

- (29) Fernandes, Florestan - *A Integração do Negro na Sociedade de Classe.*

José Carlos Gomes da Silva - *Os Sub Urbanos e a Outra Face da Cidade - Negros em São Paulo 1.900-1.930 - Cotidiano, Lazer e Cidadania.*

Olga R. de Moraes, Von Simson - *Branços e Negros no Carnaval Popular Paulistano*.

Irene Maria Barbosa.

- (30) José Carlos Gomes da Silva - *Os Sub Urbanos e a Outra Face da Cidade - Negros em São Paulo 1.900-1.930 - Cotidiano, Lazer e Cidadania*.

- (31) Cunha Junior, H. - *Velhos Urbanos em São Carlos Barbosa, Irene Maria - Socialização e Relação Raciais*.

- (32) Ver - Albertina de Oliveira Costa e Cristina Bruschini - *Uma Questão de Gênero*.

Moema Viezzer - *O Problema Não Está Na Mulher - e outros relacionados na Bibliografia Específica sobre gênero desta Dissertação*.

- (33) Molyneaux, Manini - *Mobilisation Without Emancipation? Women's interests, state and revolution in Nicaragua*.

Ver também - Kate Young - *Reflexiones Sobre como Enfrentar Las Necesidades de Las Mujeres - 1.991*.

Caroline O N Moxer - *La Planificacion de Genero en el Tercer Mundo: Enfrentando Las Necesidades Praticas y Estrategicas de Genero - 1.991*.

- (34) Molyneaux, Manine - *Mobilisation Without Emancipation? Women's interests, state and revolution in Nicaragua - pág. 62*.

TRADUÇÃO:

"De qualquer modo isto não se nega, as mulheres geralmente têm certezas em comum. Estas podem ser chamadas interesses do gênero por diferenciá-los da falsa homogeneidade imposta pela noção dos interesses das mulheres."

- (35) Ibid - pág. 62.

TRADUÇÃO:

"Interesses estratégicos são derivados de análises da subordinação das mulheres e formulação de uma alternativa mais jogo satisfatório de acordos para aqueles na qual existe. Esses critérios étnico e teórico fornecem a formulação básica de objetivos estratégicos para vencer a subordinação das mulheres, tal como a abolição da divisão sexual de trabalho, o alívio da carga de trabalho doméstico

e cuidado com os filhos, a mudança ou forma institucionalizada de discriminação, o estabelecimento de política de igualdade, liberdade de escolha sobre controle de natalidade, e a adaptação de medidas adequadas contra a violência masculina e controle sobre as mulheres."

(36) Ibid - pág. 62-65.

TRADUÇÃO:

"Interesses de gênero prático resultam de condições concretas de posicionamento de mulheres em virtude de seu gênero dentro da divisão de trabalho. Ao contrário dos interesses estratégicos esses são formulados pelas mesmas mulheres que estão dentro destas posições. Interesses práticos são normalmente uma resposta para uma necessidade imediata e elas não resultam em alvo estratégico tal como a emancipação ou gênero de igualdade das mulheres. Análise de ação coletiva feminina frequentemente instaura esta concepção de interesses para explicar a dinâmica e meta da participação da ação social das mulheres."

(37) Scott, Joan - *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* - 1.990.

Discussão feita por profª Eleonora de Oliveira no curso: *Gênero e Políticas Públicas* - em 5 de julho de 1.993, foi importante para esse entendimento.

(38) Gramsci, *Concepção Dialética da História*, pág. 37.

(39) Ibid - pág. 37.

(40) Ibid - pág. 37.

CAPITULO III

ETNICIDADE E GÊNERO NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE:

A MULHER NEGRA

1. PERSPECTIVAS DA ANÁLISE

No caso desta dissertação, quando se fala de mulher negra, automaticamente, se refere a intersecção etnicidade e gênero. Como etnicidade e gênero são aqui entendidos como construções sócio-históricas pretende-se, neste capítulo, rever suscitantamente os principais contextos históricos que possibilitaram a construção sócio-histórica de estereótipos acerca da mulher negra no Brasil.

Através da análise da historiografia oficial, percebe-se que ficaram ausentes dos estudos que focalizaram o período da dominação patriarcal manifestações de revoltas de mulheres, negras e pobres. Aparecendo de um lado, a mulher branca dominante, e do outro, escravos ou escravas submissos e passivos,

estas análises só apresentam as mulheres negras como lascivas e objeto de uso sexual de seus senhores. Estas perspectivas ideológicas de investigação do negro, da mulher e dos pobres, utilizadas pelo saber branco dominante e "racional", de uma forma ou de outra, passaram a fazer parte também do discurso de protesto do intelectual negro.

Assim, esses intelectuais negros ao criticarem as perspectivas de investigação de análise reducionista de Gilberto Freyre, Donald Pierson e outros⁽¹⁾ (os quais acreditavam entre outras coisas, que o exercício de dominação patriarcal exercido pelo senhor sob a mulher negra escrava, utilizando-a como objeto sexual foi um fator que redundou na humanização das relações entre escravos e senhores⁽²⁾), não deixam, principalmente no que se refere às mulheres negras, de visualizá-las no período da escravidão como coisas que, também, eram vitimizadas quando transformadas em objeto sexual do senhor. Essas perspectivas se estende para: as análises do período pós abolição e reforçam, muitas vezes, a idéia de mulher negra como doméstica ou prostituta⁽³⁾. Não se pretende, todavia negar, a violência e a opressão que escravos ou escravas e libertos ou libertas sofreram e que nós, cidadãos negros, hoje sofremos e, assim, incidir também em um reducionismo. Mas, se faz preciso revisitar a história e perceber que o negro escravo passou por um processo de coisificação que deve ser relativizado. O escravo, se vê como ser dominado, mas produtor de uma vida cultural, intelectual que

difere de coisa, apenas na visão do senhor, ele é de certa maneira, visto como uma mercadoria. O próprio senhor, na criação de seu aparelho repressor, deixa transparecer que está mercadoria é capaz de revolta e organização.

Contudo, esta história do negro e da mulher negra que nestas últimas duas décadas vem sendo repensada, foi muitas vezes construída a partir da visão dos habitantes da Casa Grande. E a história dos vencedores que sempre oculta a outra face, ou seja, a visão dos dominados (negros, mulheres, pobres, índios), a memória subjugada ou subterrânea como diz Michel Pollack⁽⁴⁾.

O pensamento do profº Geraldo Campos de Oliveira pode sintetizar as diferenças entre estas perspectivas de investigação, quando afirma:

... Na senzala (foi) que a cultura brasileira se formou. Tinha negros de todas as nações africanas, que contavam as suas histórias na senzala... As rebeliões, as revoltas escravas, eram organizadas neste espaço...

Então p'ra mim a Senzala é a Casa Grande ao contrário, entendeu como é? E isso aí. E a Casa Grande de Gilberto Freyre. O nosso negro é que ia espalhando uma cultura, a da Senzala por todo o país...

Todos eles falavam uma linguagem... a sua religião se mesclou (com) maometanos (e outros), foi através disso. E isso contribuiu p'ra a formação religiosa do povo brasileiro... era o próprio povo mesmo que se orientava.⁽⁵⁾

O depoimento do profº Geraldo Campos de Oliveira orienta aqui a perspectiva pela qual se fará a análise da

trajetória da mulher negra no Brasil, que terá como eixo principal, as possibilidades que o escravo utilizou para se subtrair deste sistema de opressão. Considerando que o sistema escravocrata brasileiro, por meio de pequenas "brechas" possibilitava, ainda que de forma restrita, a ascensão social individual, o que se verifica, entre outros fatores, por meio das funções diferenciadas ocupadas pelos escravos ou escravas no processo de produção e reprodução da força de trabalho que lhes conferia formas de tratamento diferenciadas e, até mesmo, a conquista de sua liberdade. Contudo, estas possibilidades não os faziam mudar de camada social.⁽⁶⁾

2. MULHERES E MULHERES: AS DESIGUALDADES

A posição da mulher na família e na sociedade é consequência de um sistema de dominação mais amplo. Verifica-se, que a estrutura de dominação da sociedade brasileira pode ser caracterizada como tendente para o tipo patrimonial-patriarcal (paternalista), que aqui se implantou desde os princípios da colonização.⁽⁷⁾

A estrutura de dominação patriarcal se legitima, se consolida, com a utilização dos escravos e escravas como força de trabalho e os faz pertencer a um categoria diferenciada de humanidade.

Dentro do sistema patriarcal o papel da mulher branca na família das classes dominantes se generaliza como o da procriadora legal restrita à vida do lar. Contudo, Mott (1.988) e outros⁽⁸⁾ apontam para uma participação e uma ação política das mulheres, desde o Brasil colônia, lutando por si mesmas, pelos grupos às quais pertencem, pela nação ou pelas injustiças sociais sofridas por outros.

Todavia, apesar das lutas, a grande maioria das mulheres da classe dominante e das comadas mais pobres, viviam sob a dominação do pai e do marido, sendo uma realidade concreta também a falta de acesso à educação formal.⁽⁹⁾

Segundo Ana Maria Ribeiro Rodrigues, no final do século XIX, no Brasil o movimento de mulheres reivindicava educação formal. As mulheres pertencentes às classes dominantes, queriam espaço nas escolas femininas e repudiavam o preconceito contra as mulheres letradas e intelectualizadas difundidos pela ideologia patriarcal; não havendo, contudo, uma homogeneidade de pensamentos entre elas.

Ao se tratar da igualdade de direitos, no trabalho ou, em casa, emergiam as divergências entre estas mesmas mulheres como se pode notar via editorial do periódico denominado: "A Mensageira": Nem a mulher que vota, nem mulher que mata... ⁽¹⁰⁾ o que deixa claro que mesmo as mulheres brancas introjetaram todo um sistema de dominação patriarcal, e se consideravam seres

humanos diferenciados, demonstrando hostilidades às mulheres que desejassem igualdade política e social entre os sexos pois isto, segundo elas, implicaria na perda da virtude e da moral.

Assim, a mulher branca, que não tinha quase ou nenhuma autoridade neste sistema social vigente e em específico, diante do homem branco (pai ou marido), exerce como função administrativa no lar uma forma que reproduz o poder masculino, ao controlar os escravos.

Neste contexto, a mulher branca que também era atingida, de acordo com sua classe, pelo processo de dominação e exploração ao lhe apresentar as "brechas" de participação política e social, não pensava na mulher negra como sua semelhante, ou seja, pensava-a afetada pelo preconceito e pelo racismo que imperou e impera, na sociedade brasileira. Dentre os reformadores do século passado, que se preocuparam com a formação moral e profissional dos trabalhadores livres, distingue-se Nísia Floresta Brasileira Augusta Faria, que explicitou, principalmente a situação da mulher sendo, por isso, considerada como uma das primeiras feministas do Brasil. Algumas de suas críticas foram quanto a criação das meninas ricas como "objeto de luxo e inúteis" e, sobre o aproveitamento, das pobres no mercado de trabalho. Para esta, no Brasil havia contingente populacional para formação da mão de obra, apontando que as mulheres pobres

nacionais, i.e., as que nasciam de famílias livres, bem como as índias, formariam o operariado.⁽¹¹⁾

Em sua colocação, evidencia sua preferência em relação às índias, pois acreditava na superioridade destas sobre as africanas:

"As mulheres (índias) são, não somente mais asseadas que as africanas, e mais próprias a ajudar-nos a criar nossos filhos, servindo-nos com fidelidade e submissão, sem o servilismo e vício das infelizes escravas, mas também susceptíveis das doces e nobres afeições, sua alma encerra preciosos tesouros, que uma educação bem dirigida abrija àqueles mesmos que tanto desdenham a sua raça."⁽¹²⁾

Aconselhava também às mães brancas a cuidar pessoalmente da educação de suas filhas, ao invés de deixá-las entregues às escravas cheias de vícios e desmoralizadas pelo cativeiro.

Segundo Mott, o movimento abolicionista parece ter sido para as mulheres brancas⁽¹³⁾, a primeira experiência de militância política organizada a nível nacional. Todavia, para estas mulheres lutar contra a escravidão não significava "ver o negro como cidadão igual, íntegro, capaz de cuidar da própria existência ou, antes pressupunha, que o negro deveria continuar sujeito às elites brancas"⁽¹⁴⁾. Nestes movimentos e nas sociedades femininas organizadas não havia a participação do negro escravo ou mesmo liberto; estas posturas se baseiam nas correntes de

pensamento emancipadoras, abolicionistas e liberais e no caso das mulheres em específico, pode se acrescentar, o ideal cristão.

O feminismo (até hoje) parece não haver superado esta postura, pois a participação da mulher negra, tendo em vista a sua especificidade é geralmente bloqueada neste espaço de discussão. Segundo Lelia Gonzales:

"O atraso político dos movimentos feministas brasileiros é flagrante na medida em que são liderados por mulheres brancas de classe média... O discurso só é predominantemente de esquerda, de enfatização da luta junto ao operariado... Todavia, é impressionante o silêncio com relação à discriminação racial. Aqui também se percebe a necessidade de tirar de cena a questão crucial: a libertação da mulher branca se tem feito às custas da exploração da mulher negra." (15)

3. A MULHER NEGRA NO IMAGINÁRIO SOCIAL

A partir da segunda metade do século XIX começa se acelerar o processo de desintegração do sistema escravocrata, ocorrendo um aumento de negros livres que, neste período (apesar das pressões cotidianas de ordem legal ou mesmo pelos preconceitos que permearam o processo dinâmico da sociedade), se ocupavam no espaço urbano, em atividades de transporte, construção civil e outros. Estes tipos de atividades não eram partilhadas pelas mulheres pois estas se dedicavam aos serviços domésticos diversos, comércio ambulante, barracas no mercado de verduras, frutas e comidas e como operárias nas fábricas. (16)

Na transição do trabalho escravo para o trabalho livre, o negro passou por um processo de exclusão que foi articulado por reformistas políticos pertencentes a dois grupos: nacionalistas e imigrantistas.

Os nacionalistas, apesar de verem a população de negros e mestiços sobre um estereótipo de inferioridade, acreditavam na possibilidade de incorporar ao mercado de trabalho livre, ex-escravos e homens livres nacionais.

Os imigrantistas, que eram partidários da vinda de imigrantes estrangeiros para a Brasil, acreditavam ser impossível adaptar e educar os "nacionais" ao trabalho, e os imigrantistas se recusavam a tratar da incorporação do nacional ao mercado de trabalho livre reagindo com desprezo e apartes, irados contra aqueles que ousavam lembrar a existência deste potencial de livres e pensavam em utilizar os negros só em última hipótese.⁽¹⁷⁾

Com a crescente aceitação dos projetos imigrantistas na Câmara dos Deputados, os Africanos e descendentes foram alijados do mercado de trabalho, fazendo parte, de uma grande massa que o sistema político-econômico tornou desocupada e submeteu ao sub-emprego.

Foram as elaborações políticas e ideológicas elaboradas visando a construção da superioridade das civilizações arianas, através da dissimulação de uma origem branca dos gregos

e romanos que teve como consequência nos séculos XVIII e XIX a visão do europeu, como civilização superior. Estes justificaram e legitimaram, através da ciência, a colonização da África e Ásia e a escravidão na América. Utilizando-se desta mesma metodologia e suportes científicos, justificaram também a exclusão do negro do projeto de uma nova sociedade brasileira que seria "liberal e capitalista." (18)

Ana Maria Rodrigues Ribeiro pesquisando teses defendidas por médicos cariocas inspiradas no Gobinismo e Darwinismo Social, mostrou que tais trabalhos estipulavam os novos padrões de comportamento para a família. E de acordo com a pesquisadora, nestes novos padrões negros não se encaixavam, pois a mulher negra, escrava ou livre, era vista como obstáculo à construção da família nuclear branca, sendo acusada de haver contaminado a família brasileira com toda a espécie de imoralidades.

"A escrava é exemplo da corrupção que poderá fazer frutificar nas jovens brancas o germe da corrupção que lhes foi instalado na alma pelo leite com que foram alimentadas. Uma boa educação poderá neutralizar estes germes, mas a educação dada é a continuação da presença negra. Nestas condições, as jovens não podem... uma vez ligadas ao carro matrimonial, nem bem cumprirem os mistérios de mãe, nem mesmo engendrar filhos fortes e robustos." (19)

A presença da mulher escrava vai se dar em vários níveis da sociedade desde, espaço rural ao espaço urbano e, também, no espaço doméstico do branco. A presença da escrava na

casa dos brancos ricos e remediados por grande período do sistema escravocrata era sinal de status. Na segunda metade do século XIX, passa a ser considerado como desonra, por parte da elite dominante da época, principalmente por seus especialistas médicos, juristas, ou padres, os quais afirmavam que as mulheres negras não podiam ser honestas, nem honradas.

O corpo jurídico tenta "definir moralidade e honestidade traçando uma linha através de padrões que considera afiançáveis..."⁽²⁰⁾. São estabelecidos padrões rígidos e que ao tentar excluir a mulher negra dos mesmos fizeram com que parcela das mulheres brancas também não se encaixassem nesses padrões. Mas estes eram dirigidos ao julgamento dos descendentes de africanos e a eles aplicados.

Como se pode perceber, pelo até agora discutido, a grande repressão era realizada buscando a obediência a padrões sexuais de comportamento e, fica claro, que estes padrões sexuais eram construídos tendo como suporte toda uma ideologia ocidental cristã e se destinavam às famílias brancas.

Neste contexto os padrões negros, conforme Ana Maria Rodrigues Ribeiro, eram somente lembrados quando podiam ser utilizados como exemplo do que não fazer. A forma de se relacionar com o corpo, de conceber o casamento e o amor dos negros na África era diversa pois estes não davam à sexualidade e ao corpo o mesmo tratamento e o mesmo valor da sociedade branca.

Para a referida autora, esta forma de ser negro não se dilui com a escravidão:

"A mulher negra sempre tratou sua sexualidade de forma diferente das outras mulheres brasileiras... A imagem da população negra (a autora refere-se à produção de fotografos, e viajantes estrangeiros) reproduzida durante o século passado, nos mostra que a lembrança da África era mais que incidental. O modo de trazer suas crianças às costas, com uma forma peculiar e única de dobrar o pano onde o filho é colocado, o rosto marcado com cicatrizes profundas, semelhantes àsquelas usadas para iniciação das moças negras na puberdade africana, os cabelos elaboradamente arrumados, o modo de trançá-los, ou a forma de colocar o lenço na cabeça, toda uma percepção de mundo diferente do da população branca." (21)

Estando estabelecido pela ciência e pela sociedade que o comportamento da mulher negra era desviante, as pressões cotidianas provavelmente foram intensas. Assim, até mesmo algumas funções ocupadas por mulheres negras e pobres e que lhes garantiriam sua sobrevivência como: costureira, enfermeira, florista e outras, foram qualificadas moralmente como marginalizantes.

Estas idéias passavam a fazer parte da construção simbólica da sociedade. Assim, se no século XIX as meninas negras na adolescência passavam a ser severamente castigadas por suas senhoras, com a justificativa de vigiar e cuidar de suas virtudes, no início deste século, esta prática se estende à ação policial, Que passa a perseguir mulheres negras que acreditavam serem suspeitas de prostituição, controlando qualquer comportamento mais espontâneo delas, em lugares públicos. (22)

O trecho a seguir transcrito mostra que final do século XIX e início do século XX existiu: uma separação étnica e independente de padrões de conduta, ser negro foi considerado como sinônimo de imoral, tendo seu lugar na sociedade predeterminado.

"... pelas indagações que tenho feito, procedeu tudo de ver o Povo ali em um dos camarotes uma parda que trazida pelo desembargador Francisco Baptista tem sido alvo de escândalos de todos que a vêem ali aparecer; contra a Polícia que se deve guardar no Teatro, contra a decência mesmo. É importante que Vossa Mercê mande notificar a esta parda que se chama Francisca de Tal para que não torne mais ao Teatro com a pena de que sendo ali vista, será presa na cadeia Pública, e esta execução ficará a cargo do Ministro Inspetor. Tenho mais de lhe recomendar que nos dias de concurso será preciso apresentar-se no seu camarote momentos antes de principiar a ópera, para providenciar todo o motim que ali se proponha fazer, sem permitir assobios, gritos... e que longe importa ir coibindo de baixo do auxílio da guarda militar que ali estão. Importa também tirar uma exata informação sobre o que foi naquela noite, que principiaram a desordem e levantaram as vozes dirigidas a atacar àquela mulher e o Desembargador Francisco, que ali apareceu mesmo a frente em companhia dela, e logo que tiver descoberto, quais foram os principais cabeças que concorreram e facilitaram esta desordem, me darão parte assim, como haver cumprido e como que aqui fica determinado, confiando das suas luzes e de sisudo comportamento com que Vossa Mercê sempre se emprega em servir que terão muito cuidado na política." (23)

No caso exposto, o crime é ser mestiça e ir ao Teatro com um branco desembargador. Não obedecendo ao lugar inicialmente a ela pré-determinado, parece também um desafio à regra, e tal situação não condizia com aquilo que a sociedade entendia e perpetuava acerca do que é ser negro e qual o lugar que este deve ocupar.

Assim, mesmo quando médicos, juristas e pensadores sociais não ousavam dar respostas racistas a estas perguntas, a literatura se incumbia desse tipo de resposta, talvez de forma mais romântica, eficiente e prazerosa, difundido na sociedade que o negro é lascivo, promíscuo e bestial; seres sexualmente desagregados. (24)

Esta idéia está presente nos romances do final do século passado e permanece presente até nos tempos de hoje, principalmente nas obras de Jorge Amado, Aluísio de Azevedo, que não dão a seus personagens negros o direito de constituir família.

Desta forma, o racismo passa a operar com estratégias diferentes, mas se utiliza ainda de categorias geradas pela escravidão. A negra é associada à sensualidade e ao prazer sexual (principalmente na figura da mulata e na execução de trabalho doméstico), funções estas que foram preferencialmente designadas às mulheres negras pela sociedade brasileira. Estudos (25) têm provado que a prostituição e o exercício do trabalho doméstico não foram as únicas atividades ocupacionais desempenhadas pelas mulheres negras. Estas não foram as únicas trajetórias profissionais percorridas por estas mulheres, e nem seus únicos meios de mobilidade social. No surgimento de outras oportunidades sociais, estas foram aproveitadas e, assim, ainda que em número restrito, muitas conseguiram obter uma certa

ascensão social, mesmo que para tanto construíssem uma identidade étnica e de gênero negativas, ou seja, identidades construídas sob projetos idealizados pelo grupo branco⁽²⁶⁾ e que elas absorveram.

A construção de estereótipos acerca da mulher negra e sua percepção acerca desses foi resultado de um contínuo desenvolvimento em contextos históricos diferentes. Percebe-se que esta experiência foi constantemente modelada pela categoria natural sexo-raça, que constroem o binômio mulher e negra, determinando a forma destas categorias serem manipuladas no cotidiano dentro dos limites que faculdades inatas permitem, ou seja, concretamente ela não poderá se tornar homem nem branca, mas pode se tornar machista e adotar esteticamente um padrão branco de comportamento. Por outro lado, "as representações que os homens e as mulheres fazem da realidade social operam como forças propulsoras de novas ações"⁽²⁷⁾ capazes de alterar este universo simbólico que encerra aspectos de dominação, opressão e exploração racista e machista.

4. ETNICIDADE-GÊNERO: LAUDELINA, MULHER NEGRA

A história negra, com os seus personagens, quase nunca é abordada pela historiografia oficial e, muitas vezes, estes quando mencionados, são passados com a imagem de figuras

legendárias. Esta é a impressão deixada quando se fala de Luiza Mahim e outras mulheres negras do passado. Talvez com Dã-Laudelina não aconteça diferentemente no futuro. Talvez o fato de se ter recolhido o seu relato, as fotografias antigas e os diversos documentos que comprovam a sua existência real e sua luta concreta evitem essa mitificação.

Em jornais da cidade de Campinas aparecem, entre o período de 1.966/1.967, dois artigos que podem ilustrar como a sociedade relega à obscuridade os indivíduos negros e suas ações. Um artigo versava sobre o projeto das empregadas domésticas na esfera do poder político e um outro falava sobre a ação de Dã-Laudelina junto às empregadas domésticas e tentava compará-la à figura mítica da mãe negra:

"... Porém, como só é acontecer com as coisas verdadeiramente grandes, atrás de toda sua simplicidade esconde-se uma grande alma, um símbolo da mãe negra brasileira, uma verdadeira líder e uma mulher na acepção da palavra." (28)

Este trecho do artigo merece um maior aprofundamento, todavia, por ora, o estudo se fixará no aspecto equivocado do artigo que, através de argumentos ultrapassados, tenta esvaziar a luta política e reivindicatória de Dã-Laudelina; pois ao representá-la como uma "mãe negra" as suas atitudes deveriam ser sempre abnegadas, a exemplo do símbolo utilizado que foi construído pelo homem branco, impedindo assim reivindicações e exigência de direitos. Sobretudo, ao defini-la

como símbolo da mãe negra brasileira, "uma verdadeira líder e uma mulher na acepção da palavra", reafirma-se assim o mito da mulher que não faz política, pois como mulher, mãe e negra ela deveria ser somente procriadora, doadora da vida. A política é vista nessa época, como uma esfera masculina, assim é, que em outro artigo do período, aparece a legalização do emprego doméstico, como preocupação de um político da cidade: João Lanaro, que tenta capitalizar a luta das domésticas a seu favor tratando a legalização do trabalho doméstico como uma plataforma política individual.

O fato de um setor da sociedade local buscar minimizar a luta de Dã- Laudelina, pode ser melhor compreendido num contexto histórico mais amplo no qual, a invisibilidade do negro é um processo e resultado de um poder etnocêntrico que programa, legitima e perpetua a exclusão e invisibilidade do elemento negro via diversas estratégias e linguagens.

Na primeira parte desta dissertação discutiu-se um pouco sobre as formas de transmissão da memória negra, e definiu-se em outras palavras, que as linguagens também podem ter instrumentos para transformar fatos históricos e sociais em valores de um grupo. Este processo demanda poder, e no caso específico aqui discutido; dos grupos negros que foram subjugados e que, ainda o são, os estudos tem mostrados que apesar da dominação foram capazes de se utilizarem de diversas linguagens e

da memória como estratégia de resistência e transformação da realidade social. (29)

Estabelecer, criar e transformar antigos padrões de comportamento em novas formas de resistência e luta demanda ação individual e/ou coletiva, do que aqui se chamará de intelectuais orgânicos. Estes, enquanto mobilizadores e organizadores de grupos de resistência, estabelecerão propostas para alargar as brechas que o espaço da estrutura social oferece à luta negra.

Entende-se que a linguagem é o principal instrumento do intelectual orgânico para realizar a sua ação mobilizadora, educativa e organizadora. Pois a linguagem é forma de transmissão da memória em sociedade.

"E ela que provê as categorias fundamentais para que certo grupo social interprete o mundo, ou seja, para que ele diga como ele é. Mas exatamente por causa disto, por determinar a interpretação, a linguagem determinará também a maneira pela qual a referida comunidade ela irá organizar a sua ação." (30)

Dã. Laudelina pode ser definida como intelectual orgânica: uma organizadora de grupos de resistência. Existe uma peculiaridade em Dã. Laudelina que vai diferenciá-la da grande maioria da população negra, em específico, do comum das mulheres negras, que é o sentido de luta, transformado em independência e coragem, que lhe possibilitou ter a capacidade de criar, a partir

das tradições (afro-brasileiras) vigentes, padrões historicamente novos de denúncia e de condenação ao que existe⁽³¹⁾.

Neste intrincado de relações contraditórias, a construção de gênero na trajetória de vida de Dã- Laudelina, pode ser identificada de forma implícita, tanto no conteúdo, como posteriormente na construção de sua esfera de vida privada e pública, pois ela nunca defendeu publicamente a liberdade sexual da mulher, nem tão pouco, se identificava como uma militante feminista.

A construção de sua etnicidade se deu numa esfera individual e pública. Dã- Laudelina explicita em seu relato, um projeto político e educativo para o negro, como veremos, nos próximos capítulos. Poder-se-á então, verificar que este projeto amplo e integrado para o negro, foi fruto de sua inserção em diversas facções do movimento negro e de contatos individuais mantidos com negros e brancos de posições políticas e sociais diversas e as vezes até mesmo divergentes.

NOTAS

- (1) Estas posturas por mim identificadas nos trabalhos de Abdias de Nascimento - *O Quilombismo*, e nos trabalhos de Lélia Gonzales. O discurso dos dois autores são semelhantes e se estendem às falas de outros intelectuais militantes: "O destino da mulher negra no continente americano, assim como de todas as suas irmãs da mesma raça, tem sido, desde a sua chegada, ser um coisa, um objeto de produção ou de reprodução sexual. Assim, a mulher negra brasileira recebeu uma herança cruel: ser não apenas o objeto de produção (assim como o homem negro também o era) mas, mais ainda, ser objeto de prazeres para os colonizadores. O fruto dessa covarde procriação é o que agora é aclamado como o único produto nacional que não pode ser exportada: a mulher mulata brasileira. Mas se a qualidade deste "produto" é tida como alta, o tratamento que ela recebe é extremamente degradante, sujo e desrespeitoso." - Lélia Gonzales: *Lugar Do Negro*, 1.982, pág. 35.
- (2) Donald Pierson, comentado por Abdias do Nascimento em *O Quilombismo*.
- (3) Ver Abdias de Nascimento - *Quilombismo* - e Lélia Gonzales - *Lugar De Negro*.
- (4) Pollack Michel - *Memórias e Esquecimento, Silêncio*.
- (5) Depoimento do prof^o Geraldo Campos de Oliveira.
- (6) Saffiotti, Heleith - *A Mulher Na Sociedade de Classes, Mito e Realidade*, 1.979.

Mattoso, Katia - *Ser Escravo No Brasil*.

Carneiro da Cunha, Manuela - *Negros Estrangeiros*.
- (7) Mott, M. L. de Barros - *Submissão e Resistência: A Mulher na Luta Contra a Escravidão*. Ver também: *A Mulher Na História do Brasil* - M. D. Priore, 1.988.
- (8) Mott, M. L. de Barros - *Submissão e Resistência: A Mulher na Luta Contra a Escravidão*.

(9) Sobre este assunto ver:

Saffiotti, Heleith - *A Mulher Na Sociedade de Classes, Mito e Realidade*, 1.979.

Crescente, M. Teresa Cauby - *Mulheres de Ontem?*

Rodrigues Ribeiro, Ana Maria: *A Imagem e o Silêncio: O Lugar da Mulher Negra no Século XIX*.

(10) Citado em *A Imagem e o Silêncio: O Lugar da Mulher Negra no Século XIX*, Ana Maria Rodrigues Ribeiro, pág. 238.

(11) Azevedo, C. M. M. de - *O Negro Livre no Imaginário das Elites*.

(12) Idem pág. 70. Ver também: M. L. de Barros Mott - *Submissão e Resistência* - pág. 58-59-60.

(13) O grifo ou acréscimo da palavra "Branca" é meu.

(14) Mott, M. L. de B. - *Submissão e Resistência* - pág. 73.

(15) Gonzales, L. - Citada em Abdias do Nascimento - *O Quilombismo* - pág.

(16) A este respeito ver:

Ribeiro Rodrigues, A. M. - *A Imagem e o Silêncio: O Lugar da Mulher no Negro no Século XIX*.

(17) Azevedo, C. M. M. - *O Negro Livre no Imaginário das Elites*.

(18) Ver sobre o assunto:

Diop Anta Cheikh - *L'Unité Culturelle de L'Afrique Noire*.

Said, Edward W. - *Orientalismo - Oriente como invenção do Ocidente*.

(19) Ribeiro Rodrigues, A. M. - *A Imagem e o Silêncio: O Lugar da Mulher no Negro no Século XIX* - pág. 197.

(20) Idem pág.

(21) Idem pág. 213.

(22) Maciel Cleber da Silva - *Discriminações Raciais - Negros em Campinas (1.888 - 1.921)*.

(23) Ribeiro Rodrigues, A. M. - *A Imagem e o Silêncio: O Lugar da Mulher no Negro no Século XIX* - pág. 208-209.

(24) A este respeito ver: Teófilo de Queiroz Jr.

(25) Ver:

Ribeiro Rodrigues, A. M. - *A Imagem e o Silêncio: O Lugar da Mulher no Negro no Século XIX* - pág. 197.

Carneiro da Cunha, Manuela - *Negros Estrangeiros*.

Mattoso, Katia - *Ser Escravo no Brasil*.

(26) A este respeito pode se ver: Neusa Santos Souza - *Tornar-se Negro*.

(27) Saffioti, H. I. B. - *Rearticulando Gênero e Classe Social* - pág. 27.

(28) "Empregadas Domésticas precisam de Direito na Previdência Social" - Jornal não identificado - Campinas - São Paulo.

(29) Ver:

Von Simson, Olga e Gusmão, Neusa: *A Criação Cultural na Diáspora e o Exercício da Resistência Inteligente*.

Ortiz, Renato.

Ribeiro Rodrigues, A. M. - *A Imagem e o Silêncio: O Lugar da Mulher no Negro no Século XIX*.

Paul Sartre : *Reflexões Sobre o Racismo*.

Grande parte destes textos expostos na bibliografia específica (sobre relações raciais no Brasil), de uma forma ou outra vai estar mostrando processos de superação e subtração do sistema criado pelo negro.

(30) Alves, R. - *Notas Introdutórias sobre a linguagem* - pág. 27.

(31) Moore, B. - *Injustiça: As Bases Sociais da Obediência e da Revolta*.

INTRODUÇÃO

Nesta parte do trabalho, busco pensar o contexto no qual a família de Dê. Laudelina se estruturou e se organizou internamente.

No capítulo anterior ficou claro que o modelo possível para os africanos e seus descendentes seguirem seriam o patriarcal, com um destaque à autoridade paterna e do homem sobre a mulher. Tal modelo parece que foi adaptado às famílias negras de acordo com as suas condições naturais de existência.

Um exemplo notório são as famílias negras compostas pelos trabalhadores informais, quase em oposição as famílias constituídas pelos negros de elite.

As segundas parecem se aproximar muito mais do modelo patriarcal ao passo que a primeira se estruturavam a partir da sua realidade sócio-econômica, e nessas geralmente com mais frequência a chefia estava com as mulheres, em razão muitas vezes da fragilidade dos relacionamentos, viuvez e outros.

Essas famílias geralmente carregavam o estigma de desorganizadas e isso era agravado pelas práticas de lazer,

culturais e religiosas que optavam, as quais se aproximam de um universo afro-brasileiro discriminado, de uma forma, ou de outra, pela cultura dominante.

Apesar da família de D^ã Laudelina se aproximar do modelo patriarcal, ou dos negros de elite, vai ser possível para o leitor perceber como ela desenvolveu sua identidade étnica e de gênero nesse espaço, e também vislumbrar o modelo por ela adotado na construção de uma nova família.

CAPITULO I

A FAMILIA DE Da- LAUDELINA NO CONJUNTO DAS FAMILIAS NEGRAS

1. BREVE REVISÃO CRÍTICA DAS ABORDAGENS SOBRE FAMILIA NEGRA

Muitas pesquisas⁽¹⁾ tem sido realizadas abordando o negro no início deste século e final do século passado. Estas pesquisas ainda que não sejam específicas sobre Educação e Família abordam, por vezes, de forma detalhada estes aspectos.

Como é sabido, a produção intelectual sobre o negro no Brasil, passou por várias fases. Inicialmente, as reflexões científicas dos intelectuais sobre o negro, surgiram como expressão de correntes de pensamentos vigentes no século passado que enfatizavam o conceito de *raça*, compondo uma imagem negativa e patológica do negro em confronto com outros segmentos sociais. Estas análises eram ancoradas no Gobbinismo e Darwinismo Social dos séculos XVIII e XIX, e no Brasil, seu principal representante foi Nina Rodrigues.

A partir da década de 30 o negro passa a ser estudado sob o ângulo da cultura. O conceito de raça é substituído por tentativas de folclorização de sua cultura. A presença negra não é julgada mais como presença patológica indesejável: são consideradas as suas contribuições para a cultura brasileira sob os mais diferentes aspectos. Deixando de ser encarado como "problema social", passa a ser visto como um "adorno cultural", e suas reais condições de existência não são questionadas, sugerindo a não existência de discriminação racial contra o negro no Brasil, dada a valorização da sua cultura dando, assim, suporte à ideologia da democracia racial.

Os principais pensadores desta corrente são Silvio Romero, Gilberto Freyre, Arthur Ramos, Edson Carneiro e outros.

Nos anos 50 a UNESCO patrocinou uma pesquisa no Brasil e os estudos do negro apresentados pela escola de Sociologia Paulista (Florestan Fernandes, Otávio Ianni, Fernando H. Cardoso e Roger Bastide), transformaram a questão racial num problema social. Os resultados de seus estudos implicavam no desmascaramento da situação racial brasileira. Demarcaram e elucidaram a discriminação onde se encontravam os descendentes de africanos na sociedade brasileira.

Todavia, as análises feitas por estes autores, classificam a população negra do início do século como anômica. Esta anomia dá suporte à caracterização do negro como incapaz de

se adequar aos esquemas contratuais de trabalho livre, não tendo condições de competir com os imigrantes europeus no mercado de trabalho.

Mesmo considerando a valiosa contribuição destas pesquisas, principalmente por ter revelado ser a sociedade brasileira profundamente racista, alguns autores em pesquisas desenvolvidas mais recentemente na década de 80, têm feito críticas à visão dos negros como anômicos feita por Florestan Fernandes e outro autores.

Entre estes estudos, encontra-se o trabalho de Célia Marinho Azevedo: *O Negro Livre no Imaginário das Elites* (racismo, imigrantismo e abolicionismo em São Paulo), que tenta responder à seguinte questão:

"até que ponto a imagem de uma massa inerte desagregada, inculta, sem grande importância histórica naquele momento, na medida em que já teria saído marginal da escravidão, não surgiu do ângulo de formulações étnico-racistas que justamente com isso procurariam justificar a necessidade de imigração européia em substituição ao negro". (2)

E chega a conclusões contrárias às que Florestan Fernandes, Otávio Ianni e Celso Furtado chegaram. Para esta autora, a transição do trabalho escravo para o trabalho livre se deu sobre bases racistas onde a inferioridade do negro foi sendo construída científica e politicamente, para justificar a sua exclusão do mercado de trabalho.

Cleber da Silva Maciel: *Discriminações Raciais: Negros em Campinas (1.888-1.921)*, trilhando caminhos semelhantes aos de Azevedo, prova que:

"Os argumentos (de Florestan Fernandes) que apontam deficiência nos ex-escravos e seus descendentes, contra melhor poder adaptativo do imigrante as condições determinadas pela sociedade capitalista são débeis. Em segundo lugar... a situação de degradação a que são levados os negros também após o fim da ordem escravocrata não são resultantes de sua aversão ao trabalho, como forma de negação do passado escravista, mas sim que tal situação decorre da não existência de oportunidades de trabalho. O negro não foi abandonado pelas autoridades, pelo contrário, houve sim uma preocupação em deslocá-lo dos seus antigos locais de trabalho. Em terceiro lugar, todo esse processo... foi determinado por forte componente racista engendrado nas classes dominantes para dar cumprimento a expectativa idealista das tradições de superioridade européia." (3)

Entretanto, nas críticas que este autor faz à escola de Sociologia Paulista distingue o pensamento de Otavio Ianni, pois segundo Maciel:

"apesar de (Ianni) inicialmente ter seguido as linhas gerais argumentativas dos revisionistas, deles se diferencia ao colocar a questão racial dentro de uma discussão de perspectiva mais profundamente marxista. A questão racial é vista em sua especificidade e como um aspecto a mais da luta de classe". (4)

Florestan Fernandes também estende esta anomia ao espaço negro e, assim como Celso Furtado, estabeleceu que o negro não possuiria aqueles laços familiares tão necessários para a reprodução e estabilidade da sua força de trabalho. (5)

"Faltava ao liberto a auto-disciplina e o espírito de responsabilidade do trabalhador livre, as únicas condições que

poderiam ordenar, espontaneamente, regularidade e a eficácia do trabalhador no novo regime jurídico-econômico."⁽⁶⁾

Ao conferir às famílias negras este caráter sociopático, o autor, então, as divide em integradas e desintegradas.

Para Moema de Poli Teixeira Pacheco⁽⁷⁾ os estudos de Florestan Fernandes sobre a família negra se baseiam na linha de estudos norte-americanos denominada "patologia de adaptação".

Esse caráter sociopático o autor atribuiu também às famílias negras, classificadas por ele, como integradas (ou seja, constituídas de homem, mulher e filhos, via casamento legal), quando as compara com as famílias dos imigrantes ou com a família tradicional dos brasileiros das camadas dominantes, concluindo que as famílias negras estão longe de produzir efeitos integradores, socializadores e de controle desejados pela sociedade.

Quando analisa as aspirações educacionais das famílias negras deste período, o autor fala em pais negros: cultos como aqueles que tinham ambições em relação aos filhos sem incentivá-los, por temerem as barreiras que se opunham à ascensão social do negro; outros, que acreditavam que o importante seria estudar para doutor. Quando este ideal não era atingido também não se interessavam em orientá-los na escolha de uma outra opção. Pais cuja situação de trabalho não permitia o desenvolvimento da

percepção da importância da instrução. Portanto, a criança negra desse período, segundo o autor, tinha estreita possibilidade de aproveitar as oportunidades educacionais do ambiente. Para ele, estas oportunidades eram potencialmente acessíveis, não importando a forma de organização da família negra, desintegrada ou integrada. Assim, conclui, que as famílias negras deste período não aproveitaram as influências construtivas que poderiam melhorar a posição das novas gerações na ordem social competitiva, através da sua interação mais intensa no meio urbano.⁽⁸⁾

A este respeito, os depoimentos de D^{ca}. Laudelina coletados por mim acerca de sua vivência escolar e de outros, informantes fornecidos a outros pesquisadores, como o do Sr. José Correia Leite a Zeila Fabri Demartini⁽⁹⁾, permitem pensar que as oportunidades potencialmente acessíveis, não existiram da forma como afirma Florestan Fernandes.

Conforme José Correia Leite conta, as restrições aos negros nas escolas públicas eram muito frequentes:

"Tinha vários grupos escolares lá no Bexiga, alguns estão até hoje lá, né? Tinha um na rua Major Diogo com esquina da Manuel Dutra, parece que o Maria José. E tinha também um outro... mas... matricular mesmo era difícil. E um ponto esse, porque nunca a pessoa ia bem trajada, não tinha condições em frequentar a escola descalço, né?

E já havia também o problema ligado à cor; havia muito... Não precisava nem falar nada, chegava lá e já olhava p'ro traje, a maneira de falar, né? Já se via tudo, que eram pessoas que não tinham, então eles achavam que não tinha importância ser

analfabeto. E não havia uma campanha de alfabetização... se tivesse eu não teria dificuldade... Por falta de vontade não foi."⁽¹⁰⁾ Ele acabou estudando em escolas particulares.

O depoimento do Prof. Geraldo Campos de Oliveira também revela e reforça as dificuldades existentes no ingresso às escolas públicas na década de 30 a 40:

"... São Paulo era um horror para o negro, para se conseguir uma matrícula no grupo escolar, eles tinham que pedir carta, cartucho como se fosse arrumar emprego, carta para o político, o major, votos para os poderosos economicamente, pedir para conseguir matrícula para um crioulinho, um neguinho, num grupo escolar."⁽¹¹⁾

Esse depoimento expressa também que o mesmo tipo de situação ocorrida com D^{ca} Laudelina por volta de 1.918 em Poços de Caldas, ainda era recorrente na cidade de São Paulo nas décadas de 30 e 40; de acordo com o depoimento de D^{ca} Laudelina, para a sua irmã conseguir uma vaga no colégio das Freiras em Poços de Caldas foi preciso recorrer à intervenção paternalista do padrinho. Mas mesmo com a intervenção do padrinho que era fundador do colégio, a aluna não permaneceu por não possuírem seus familiares condições financeiras para acompanhar as exigências do colégio, conforme explica o depoimento de D^{ca} Laudelina:

"... daí então aquela coisa, aquele luxo que tinha no colégio, tinha que seguir, tinha que acompanhar as ricas no uniforme."⁽¹²⁾

Esta situação é semelhante à comentada por José Correia Leite:

"As crianças negras pela situação econômica vivida não tinham roupas e sapatos para ir a escola. A situação econômica da criança negra, entre outros fatores funciona como fator de eliminação do negro do espaço escolar."

As relações étnico-negras no espaço escolar, tem sido alvo de recentes estudos⁽¹³⁾ e, todos apontam para as dificuldades enfrentadas pelas crianças negras nos diversos aspectos que as envolvem na escola.

Assim, as primeiras análises realizadas pela sociologia paulista, parece terem sido influenciadas por toda uma estrutura racista. A branquitude era ainda o padrão para qualquer investigação que se pretendia; então, se estudava o negro, comparando-o com o padrão socialmente aceito: o branco.

Para Moema P. T. Pacheco:

"Pouco se tem produzido no sentido de avançar nos estudos da família negra brasileira levantando novos elementos para o debate. A Tese recente de Barbosa (1983) em Campinas, ao tentar escapar às caracterizações da família negra como anômica não traz maiores contribuições à discussão teórica na medida em que reproduz a dicotomia famílias organizadas e desorganizadas ao optar pelo estudo de famílias negras do primeiro tipo em seus processos de socialização da criança negra." (14)

De acordo com as propostas deste estudo, concorda-se parcialmente com as afirmações feitas por Moema Poli. Primeiro

por se acreditar que os arranjos familiares são possíveis a partir da posição sócio-econômica que esta ou aquela família negra ocupa, e do sistema de valores que as norteiam, sendo esta também, uma condição para a organização de famílias brancas no Brasil. Segundo, por acreditar que, Florestan Fernandes ao realizar uma pesquisa macro-sociológica não captou com precisão a riqueza do universo das comunidades negras, tanto da capital como do interior. As nuances diferenciadoras, tanto de classe, de ocupações, como dentro de um mesmo estrato social não são aprofundadas. Além disso deve-se perceber que o estudo de Florestan Fernandes tem o seu universo de pesquisa restrito à cidade de São Paulo e, especificamente que os depoentes citados são majoritariamente do bairro do Bexiga e imediações não devendo, portanto suas conclusões, serem levadas ao âmbito geral, como comumente se verifica nas discussões acadêmicas deste trabalho. Em terceiro lugar, pensa-se que apesar da pouca produção a respeito do tema família negra, algumas obras mais recentes trazem contribuições valiosas para o debate do assunto.

Os estudos de Robert W. Slenes, Kjertive e Brugger, Katia Matos⁽¹⁵⁾, os quais utilizam inventários post-mortem, listas nominativas, revistas e jornais, registros paroquiais como fonte de pesquisa, revelam a possibilidade de formação e organização da família negra mesmo no período colonial, mostrando que o sistema de dominação e exploração escravagista, opera de forma diferente de acordo com o tempo e

espaço, não havendo um comportamento rigidamente sistematizado e padronizado para escravos e senhores.

Robert W. Slenes, ao analisar as obras de Florestan Fernandes e Otavio Ianni, vai demonstrar que estes utilizaram como fonte de dados, relatos de viajantes os quais têm os seus conteúdos afetados pelo racismo, o que contribui, segundo Slenes, para as conclusões dos autores citados em relação à organização da família escrava e a família negra no pós-abolição.

Estes autores esgotam a possibilidade da existência de família escrava, a partir das restrições do próprio sistema escravista. Assim, os contatos sexuais são definidos por estes como promíscuos, licenciosos e passam a atribuir e classificar a família negra no pós-abolição, como anêmica e com um caráter sociopático, oriundo da própria vivência enquanto escravo.

Todavia, um dos estudos que mais se aproxima da proposta deste trabalho, é constituído pelas análises feitas por Cunha Jr.⁽¹⁶⁾ o qual procura relativizar a idéia de desorganização da família negra, dividindo a partir de suas reflexões, a família negra do início do século em cinco categorias a partir da oportunidade de trabalho.

Assim, a primeira categoria compreende a população negra que vai estar fixa no meio rural, dedicada à produção de

subsistência ocupando terras que não têm valor, e realizando uma agricultura sem valor comercial.

A segunda categoria vai concentrar a família em trânsito, que abrange as famílias do meio rural que fogem das secas do nordeste para virem ao centro sul. Esta população entretanto, migra mas não se fixa nas cidades. É uma população rural que não tem paradeiro muito definido.

A terceira categoria relaciona-se ao meio urbano. O autor classifica como velhos urbanos: negros que tenham profissões fixas e posições já garantidas no meio urbano, mesmo antes da abolição sendo que estas profissões, por vezes, eram características do período da escravidão, pois, antes mesmo da abolição havia um número de 600.000 a 400.000 homens livres entre os meios urbanos e rural.

Verifica-se por fotografias e desenhos de pessoas que estiveram no Brasil na época da escravidão, imagens de cenas urbanas, nas quais, mulheres carregavam e comerciavam coisas, provavelmente como negros de lucro ou de ganho. Mas, o importante aqui, é frisar a existência dessa população exercendo aquelas atividades.

No pós-abolição, essa população continua esse tipo de profissão e, com a vinda dos imigrantes vão perdendo espaço de

trabalho, mas passando posteriormente a trabalhar o ciclo das ferrovias e sacarias do café.

A quarta categoria diz respeito à população desempregada do meio urbano, a qual, de acordo com o autor, mereceria uma discussão mais ampla, porque mesmo antes da abolição, já existia uma população urbana desempregada, sendo que esse desemprego sempre esteve presente na história brasileira.

A quinta categoria concentra a população semi-empregada, ou que vai estar passando do meio rural para o meio urbano, e que não vai conseguir se encaixar como negro de emprego fixo no meio urbano e então permaneceu em semi-empregos ou tarefas informais sem uma persistência ou continuidade na atividade de trabalho.

Em 1.987, Cunha Jr. (17) estuda as famílias negras que tinham profissões fixas residentes em São Carlos e, que ele, classifica como "velhos urbanos".

Acredita-se então que os pais de Dã Laudelina podem ser comparados com os atuais "velhos urbanos" de São Carlos, os quais se caracterizam como grupos de negros que, no pós-abolição, tiveram acesso às pequenas propriedades rurais ou, empregos urbanos, relacionados com as áreas de transportes, sacaria, carregamento de produtos e outros. Conforme indica o depoimento de Dã Laudelina:

"O meu pai cortava madeira no Paraná, pinho que era para exportar para a França, mas como naquela época, não havia transporte eles cortava a madeira e punha na jangada e (era) a correnteza que levava p'ro lugar que (ia) ser transportada. Eles iam p'ro Paraná e ficavam um mês, dois meses, o tempo que fosse preciso para cortar a madeira.

Quando fui nesta época que eles foram cortar, estavam cortando um pinheiro muito alto. ... e eles estavam cortando a árvore com o machado, e meu pai está ali... eles estavam batendo aqui (em) vez de cair p'ro lado que eles estavam cortando, caiu p'ra lá do lado do meu pai, caiu em cima do meu pai... esmagou...

Meu pai morreu. Enterraram ele lá mesmo, (porque esbagaçou o corpo), no Paraná e voltaram ..., aí meu pai não voltou... A minha mãe queria saber porque ele não voltou, (e) meus tios p'ra não contar p'ra minha mãe, logo de primeira vista, disseram que (ele) tinha ficado p'ra comandar o grupo que ficou lá. Na outra vez que eles voltaram aí eles contaram; e já era a segunda viagem que eles faziam. Então eles contaram que meu pai morreu."

Assim, com o falecimento do pai de Dã Laudelina, provavelmente em 1.917, sua mãe volta a trabalhar em um hotel em Poços de Caldas.

" Nesta época eu estava com doze anos e pouco, quase treze anos. Minha mãe foi trabalhar no Grande Hotel, na lavanderia, (e) eu fiquei em casa p'ra tomar conta da casa e olhar tudo. "

Na história da família de Dã Laudelina é recorrente a chefia estar atribuída às mulheres. Situação esta, que, também se pode observar com frequência, nas histórias de outras famílias negras e brancas pobres.

Este fenômeno tem sido objeto de alguns estudos⁽¹⁸⁾, que usualmente tomaram como fonte dados para pesquisa o P.N.A.D. 76 e Censo Demográfico de 1.980.

Segundo Carmen Barroso, "a chefia de mulheres é um fenômeno predominantemente urbano, o que poderia ser explicado pelas maiores oportunidades de trabalho encontradas na cidade; mesmo que estas se situem nos mais baixos degraus de prestígio e remuneração." (19)

Neste contexto afirma Bruschini que:

"Se já é dramática a situação das mulheres que são chefes de família, mais grave ainda ela se torna se a chefia conjugal estiver a cargo de uma mulher negra." (20)

Isso se dá pelos seguintes motivos:

a) segundo o estudo de Oliveira, Porcaro e Costa, 84,5% das mulheres negras que são chefes de família, têm o rendimento familiar igual ou inferior a três salários mínimos;

b) a proporção de mulheres negras economicamente ativas que são chefes 21,7%, comparativamente à proporção de brancos economicamente ativos nesta situação 15,28%;

c) de acordo ainda com as referidas autoras, a ascensão social e econômica da mulher negra em geral, se processa, em ritmo muito mais lento do que a dos homens negros e da mulher branca. (21)

A família de origem de Dã. Laudelina também era constituída por agregados, o que se observa pelos seus relatos, cartas e na descrição da foto nº 02.

"Eu tinha uma tia que trabalhava num hotel de Poços de Caldas, numa pensão. Ela estava fritando um porco inteiro, ... ela escorou com um pedaço de madeira o tacho. Queimou a madeira e quando ela chegou perto do fogão para mexer, o tacho virou contra ela ... Ela ficou dois anos na cama queimada, viva só de uma parte... A outra parte estava morta. ... Na época em que ela foi queimada, ela estava de dieta, ela tinha tido meu primo. Aí, meu primo ficou pequeno, não tinha ainda um ano. Minha mãe conseguiu uma amiga que tinha filho pequeno da mesma idade dele, e levava todo dia ele quatro vezes no dia p'ra mamar. Essa senhora que amamentou ele até idade de seis anos.

Então meu primo me chamava de mãe Lina. Era assim que ele me chamava, porque eu é que acabei de criar ele. A mãe tava trabalhando e eu que acabei de criá."

No próximo capítulo, será aprofundada a questão da chefia familiar, e a presença de agregados no espaço doméstico de Dã. Laudelina.

NOTAS

- (1) Estes estudos que me refiro estão enumerados nas notas a seguir e na Bibliografia Final com todos os dados.
- (2) Marinho Azevedo, Célia - *O Negro Livre no Imaginário das Elites* - pág. 152.
- (3) Maciel, Cleber da Silva - *Discriminação Raciais Negros em Campinas (1.888/1.921)* - pág. 132-133.
- (4) Maciel, Cleber da Silva - *Discriminação Raciais Negros em Campinas (1.888/1.921)* - pág. 132-133.
- (5) Ver: Florestan Fernandes - *A Integração do Negro à Sociedade de Classes* e Celso Furtado - *Formação Econômica do Brasil* - pág. 140.
- (6) Florestan Fernandes, citado em Célia Marinho Azevedo - *O Negro Livre no Imaginário das Elites* - pág. 7.
- (7) Pacheco, Moema P. T. - *Família e Identidade Racial*.
- (8) Fernandes, Florestan - *A Integração do Negro à Sociedade de Classes*.
- (9) De Martini, Zélia de B. Fabri - *A Escolarização da População Negra na Cidade de São Paulo Nas Primeiras Décadas Deste Século*.
- (10) De Martini, Zélia de B. Fabri - *A Escolarização da População Negra na Cidade de São Paulo Nas Primeiras Décadas Deste Século* - pág. 7-8.
- (11) Depoimento oral do profº Geraldo Campos de Oliveira.
- (12) Relato Oral de Dª Laudelina. Ver Na Parte II Deste Trabalho.
- (13) Refiro-me à produção prática e intelectual realizada pela própria população negra e não negra.

PRODUÇÃO NEGRA:

Henrique Cunha Jr. - *A Indecisão dos Pais Face à Percepção da Discriminação Racial Na Escola* e outros trabalhos realizados junto à ABREVIDA.

Rachel de Oliveira - *Reflexões Sobre a Experiência e Alteração Curricular em São Paulo*. A autora tem outras produções.

Mancel de Almeida Cruz - *Pedagogia Interétnica* (Estado da Bahia).

Ana Célia da Silva (Estado da Bahia). *Estereótipos e Preconceitos Em Relação ao Negro no Livro de Comunicação e Expressão de 1º Grau - Nível I - Projeto de Pesquisa*.

Elisabete Aparecida Pinto - *A Influência das Etnias Na Relações Pedagógicas em Pré-Escola e Escolas de 1ª a 4ª Série - Projeto de Pesquisa*.

PRODUÇÃO NAO NEGRA:

Profª OLIVEIRA, Fulvia Rosemberg, tem realizado pesquisas significativas na área.

- (14) Pacheco, Moema F. T. - *Família e Identidade Racial* - pág. 70.

- (15) Mary Kjerfve e Brugger (1.991):

Compadrio - *Relação Social e Libertação Espiritual em Sociedades Escravistas* - Campos, 1.754 e 1.766.

Stenes (1.988) - *Lares Negros, Olhares Brancos: História da Família Escrava no Século XIX*.

Kátia Mattoso - *Ser Escravo no Brasil*.

- (16) Cunha Jr., Henrique - *Velhos Urbanos em São Carlos* - Relatório de Pesquisa

- (17) Cunha Jr., Henrique - *Velhos Urbanos em São Carlos* - Relatório de Pesquisa.

- (18) Ver: Oliveira, Porcaro e Costa - 1.985 - *O Lugar do Negro na Força do Trabalho e Repensando o lugar da mulher negra*, AMPOCS, Mimeo, 1.983.

Bruschini, Cristina - *Mulher e Trabalho*.

- (19) Carmem Barroso - *Sozinhas ou Mal Acompanhadas: A Situação da Mulher Chefe de Família* - citada por Cristina Bruschini em *Mulher e Trabalho*.
- (20) Bruschini, Cristina - *Mulher e Trabalho*.
- (21) A este respeito ver também Irene Sales de Souza - *O resgate da Identidade na Travessia do Movimento Negro* - a qual utilizando-se dos dados de Oliveira, Porcaro, Araujo - *O Lugar do Negro na Força de Trabalho* e Elza Berquó - *A População Negra e o Casamento* concluiu que, os diferenciais de rendimento ... beneficiam o homem negro em detrimento da mulher negra, apesar de ela possuir uma escolaridade melhor do que o homem negro.

Em todos os índices a mulher negra encontra-se em situação inferior à do homem, percebendo em termos de rendimento mensal, entre 29,5% à 72%, do que ganha o homem negro.

Ver também Lélia Gonzales - *Mulher Negra* que, analisado, os dados F.N.D. sugerem segundo Bruschini, que o racismo e suas práticas são mais contundentes do que o sexismo, pois as desigualdades entre brancas e negras são ainda maiores do que aquelas verificadas entre os sexos. Sessenta e nove por cento (69%) das mulheres negras trabalham na agricultura e na prestação de serviços provavelmente como empregadas domésticas. Sessenta por cento (60%) não tem registro em carteira e, mesmo as que estão em ocupações de nível superior, e que são apenas 2% das trabalhadoras dessa raça ganham 48% menos que as brancas, enquanto estas recebem, em média 35%, menos do que seus colegas desse nível.

CAPITULO II

Dã- LAUDELINA DA FAMILIA AOS ESPAÇOS PUBLICOS DE LUTAS COLETIVAS

1. RETROSPECTIVA FAMILIAR

Por meio do relato de Dã- Laudelina constata-se que sua avó materna era uma escrava doméstica. Estas subdivisões existentes no conjunto da escravaria proporcionavam estratégias de convivência com os senhores determinando formas diferenciadas de sobrevivência. No caso da família de Dã- Laudelina, isto fica mais claro, pois "pelos serviços prestados", a família Junqueira lhes doou uma casa.

"... O avô da sinhá moça tinha dado a casa p'ra minha avó, e a minha avó passou p'ra nós... p'ra minha mãe. Era uma casa que tinha doze cômodos, era um colosso, era uma enorme casa. A cozinha era quase uma quadra..., aquelas cozinhas de chão batido... Era no centro... (esquina) com a rua Paraná, ali perto do mercadão onde passava aquele canal."

Não foi possível identificar, por meio das fotos da família, e mesmo através do relato de D^{ca}. Laudelina, indicações de uma figura paterna presente na organização da família de sua mãe. A família se constituía de mãe e filha.

Percebe-se que diante da necessidade dos senhores, a filha é separada da mãe (trata-se de D^{ca}. Sidônia, mãe de D^{ca}. Laudelina) para que exercesse, apesar de haver nascido livre, um trabalho semi-escravo, como "ama-seca" da filha de Augustinha Junqueira, que era deficiente física.

"Minha avó deu a minha mãe p'ra uma da sinhá dela, a sinhá dela era Firmina Junqueira. E a minha mãe foi dada para Augustinha Junqueira Cobra, (Cobra era sobrenome do marido). Minha avó foi dada p'ra esta sinhá que era p'ra pajear a mesma moça dos padrões, então minha mãe carregava ela p'ra dar banho, dava comida na boca, na hora que ela tinha acesso (de loucura) ela jogava prato vazio na minha mãe. (Isso) tudo, e minha mãe não podia falar, tinha que ficar quieta, aceitar, agradecer."

Através do relato constata-se que D^{ca}. Sidônia foi nascida em Poços de Caldas - Minas Gerais, entre 1.835 e 1.884, e o sr. Marco Aurélio, pai de D^{ca}. Laudelina, parece haver nascido por volta de 1.879. Juridicamente nascidos livres, pois a lei do ventre livre havia sido sancionada em 1.871, mas apesar de "livres", vivenciam e são educados entre duas realidades: a da "liberdade" e a da escravidão, que se fundem em uma única, a da sujeição pessoal e da obediência, à qual foram submetidos assim como outros libertos.

A educação formal para o escravo era proibida conforme a Constituição de 1.824 e que vigorou até 1.889, que declarava o ensino de primeiro grau obrigatório aos brasileiros, exceto a dois grupos: **os escravos e os leprosos.**⁽¹⁾

Todavia, segundo alguns estudos, existiram senhores que mantinham escolas para seus escravos e mesmo quando não havia possibilidade de frequentá-la, alguns escravos como conseguiam aprender a ler e escrever e tinham ofício.⁽²⁾

Ao acompanhar a "sinhá menina" à escola, a mãe de Dã. Laudelina aprendeu a ler e a escrever, por esforço e vontade próprios, pois apesar de ser uma "ama-seca" livre, a família Junqueira não reservaria a ela um espaço de educação formal.

1.1. O CASAMENTO DA MÃE DE Dã. LAUDELINA: A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA FAMÍLIA

Analisando os depoimentos de Dã. Laudelina, 1.901 aparece como a data provável do casamento de sua mãe, o qual foi um arranjo da família Junqueira escravocrata, onde "com frequência a escolha da companheira do escravo, se ele deseja se casar, (era) feita pelo senhor".⁽³⁾

"... Aliás até os casamentos eram premeditados pelos patrões, pais, pelos parentes, era assim, não era a gente que escolhia, era os velhos que escolhiam.

O meu fui eu que escolhi, porque eu já estava numa outra época. Agora minha mãe, não".

De acordo com os depoimentos de Dã. Laudelina, a família era construída e organizada, tendo como modelo os valores das famílias brancas: especificamente, da família Junqueira. Assim, a religião adotada foi a católica, apesar de Dã. Laudelina em uma das entrevistas, de forma indireta, ter revelado algum conhecimento sobre as religiões afro-brasileiras:

"Se eu não fosse filha de bons Santos...

Se eu não tivesse os meus orixás... eu teria sido presa."

Por volta de 1.914, a mãe de Dã. Laudelina permanecia trabalhando na casa da família, e se percebe indicadores explícitos da continuidade da prática de trabalho escravo, notados quando Dã. Sidônia se recusa a continuar prestando serviço, e foi então chicoteada, pelo português uma espécie de jagunço da família Junqueira.

"Aí a sinhá mandou buscar a minha mãe, mandou um português que era capacho dela lá, que era chacareiro, jardineiro, fazia limpeza e tudo. Foi buscar a mãe com o rabo de tatu. Aí minha mãe foi, chegou no meio do caminho a minha mãe (disse):

- Quer saber de uma coisa? Eu não vou é nada. Eu voltar por quê? Eu não tenho que dar satisfação p'ra essa gente. Eu não sou escrava.

Aí ele (o português), começou a chicotear a minha mãe no caminho. ... Avancei no pescoço dele, quase matei ele... eu tinha doze anos nesta época. Avancei no português pela garganta ..., agarrei na garganta dele, se não me separassem dele eu teria matado de tanto ódio que eu fiquei."

Ao persistir no não cumprimento desse trabalho é pressionada pela família, que a obriga a sair de casa que fora por eles doada.

"A sinhá velha, mãe da sinhá moça criou aquele ódio porque a minha mãe não ia cuidar da filhinha dela; e começou a fazer pressão contra a minha mãe."

A situação é resolvida com o apoio dos patrões de uma tia de Dã. Laudelina que também pertencendo a uma família tradicional denunciavam a prática à justiça e a casa é então devolvida.

"Então ela (a sinhá), tirou a casa da minha mãe. Eu tinha uma tia que trabalhava em São Paulo também numa dessas famílias quatrocentonas. Quando ela tirava férias ela ia para Poços de Caldas (e) minha tia chegou nesta ocasião que a sinhá Augustinha estava tirando a casa da minha mãe. A tia disse:

- Não. Não vai tirar não. Isto aqui é de vocês, isto é nosso. Foi nossos avós que deixaram p'ra nós, ela não vai tirar.

Aí minha tia voltou p'ra São Paulo e contou, e eles entraram na justiça e fizeram devolver a casa p'ra nós; que a velha tinha tirado. ... Quem doou foi a avó dela. Aí voltou, a minha mãe recebeu de novo a casa."

Nota-se que práticas paternalistas por parte dos patrões estão presentes nesta e em outras situações e são aceitas como estratégias de resistência, ascensão e proteção pelos ex-escravos e empregados. O paternalismo aparece permeando as situações de trabalho, a educação e até mesmo aos contatos sociais mais simples.

O batismo de todas as crianças da família era realizado por brancos ricos, neste período, criando laços efetivos de compadrio funcionavam como um pára-raios amenizando as discriminações e favorecendo até mesmo o equilíbrio financeiro. Assim, o fato da irmã de Dã. Laudelina ser impedida de entrar no "colégio das freiras", por ser negra é amenizado com a intervenção de seu padrinho, que graças ao status de fundador do colégio, obriga as freiras a aceitar a aluna negra. Contudo, a pressão psicológica e econômica imposta à aluna não permitiu a sua permanência no colégio.

Nota-se não haver uma atitude passiva e conformista da família que sentia a necessidade de educação formal e recorria ao padrinho. Todavia, existia um conjunto de mecanismos discriminatórios sutis, que estavam inseridos no sistema educacional os quais a família, naquele momento, não podia ou não sabia manipular.

Em outras situações de conflito, por ocasião das quais os filhos brigavam ou batiam em crianças brancas após serem por estas discriminados, havia sempre repreensão por parte da mãe caso houvesse a reclamação da família do discriminador.

"... Eu batia nela, ela chegava em casa, contava p'ra mãe, a mãe dela ia na minha casa a minha mãe batia, no outro dia eu batia nela... A minha mãe soube mas me deu uma surra, uma surra daquelas..."

Este relato revela o fato de que a família não sabia como orientar as crianças para enfrentar as situações de discriminação. Segundo D^{ca} Laudelina, sua mãe não discutia a questão da raça e, também, não se impunha nos contatos mantidos com brancos.

Em relação a seus irmãos, relata que estes tinham um comportamento diferente daquele por ela assumido, segundo o relato, eles parecem haver introjetado o preconceito que se refletia numa atitude de passividade e conformismo, numa perspectiva assimilacionista. (A luta de D^{ca} Laudelina contra o racismo será analisada na III parte)

Quando questionada a respeito do comportamento de sua irmã, D^{ca} Laudelina respondia:

"- Não, ela era muito mole, ela não tinha nem a metade" (da minha coragem e altivez)."

Como sua mãe se torna viúva, assumindo a sustentação da família e o fato de ter como compadre o dono da Usina de Leite de Poços de Caldas o que, lhe garantia as sobras de leite, que se transformavam sobretudo em queijos e doces os quais eram vendidos para gerar a manutenção de sua família.

"Minha mãe fazia queijo. Naquela época não existia geladeira, e o dono da usina era o padrinho do meu irmão. Então, quando era meio dia o leite que sobrava na usina (porque era ele que vendia o leite p'ra cidade), a minha mãe mandava o caldeirão e a gente levava o leite. Ela fazia um ou dois queijo por dia; ela fazia

coalhada, fazia pão... tudo com aquele leite. Os doces vendiam, mas as verduras não."

Em se tratando dos contatos mantidos com brancos pobres, se altera o tipo de relação, havendo contatos sociais igualitários, pois os vizinhos, que eram de forma geral todos brancos, freqüentavam a sua casa e vice-versa.

"Tinha um italiano vizinho da minha mãe que era compadre da minha mãe. Minha mãe batizava os filhos deles, e eles batizava nossos irmãos. Tinha ora que a gente chamava eles de compadre Tomás, compadre Santa. A mulher dele era comadre também nossa. Então ela fazia polenta de cortar com o barbante. Ela cortava a polenta, um pedaço de queijo e já fazia o prato, ela ia na cerca:

- Comadre, manda as crianças aqui, a gente deixava de comer a comida da gente para comer a comida dela, a polenta com "raditiche", o almeirão.

A gente comia polenta com "raditiche" da comadre Santa, com molho de tomate, e a nossa comida a gente levava p'ra eles que comiam a comida que a minha mãe fazia, feijão com pé de porco."

Todavia, essas relações não se estendiam a todas as esferas de convivência, pois entre os negros de Poços de Caldas funda-se nesta época um grupo chamado Treze de Maio, sendo Dã Laudelina já aos dezesseis anos a Presidente. Ao relembrar este episódio, fica claro que a fundação desta sociedade de bailes surgiu do distanciamento do branco pobre e do rico em relação ao Grupo Negro no espaço de lazer.⁽⁴⁾

"Esse grupo foi fundado por vários moços e moças, nós éramos vizinhos (e) todos negros. Era mais bailes, festas. Agora sobre raça a gente não tinha naquela época muito (como discutir), era um grupo formado por causa do isolamento dos brancos."

ERRATA

Título do trabalho: Etnicidade, Gênero e Educação: A trajetória de vida de D^a Laudelina de Campos Mello (1904-1991)

Dissertação de Mestrado apresentada por Eliane Aparecida Pinto.

I Parte

Apresentação

pag XVII - onde se lê reencontramos lê-se
recontamos

Introdução

pag 30 - Na primeira linha após a palavra relações
acrescentar etno-raciais

pag 30 - onde se lê realizadas lê-se realizadas

pag 35 - onde se lê de condição de condição lê-se
de condição

pag 37 - onde se lê no último parágrafo consciência
lê-se consciência étnica

pag 41 - onde se lê as questões educacionais lê-se a
Questão Educacional

pag 42 - onde se lê Verônica Stolok lê-se Verônica
Stolok

pag 43 - onde se lê observe lê-se observe

pag 43 - onde se lê outras lê-se outros

pag 43 - onde se lê Movimento negro lê-se
Movimento Negro

pag 44 - onde se lê no 3o parágrafo que a, retirar o
e

pag 45 - onde se lê contribuiu lê-se construiu

pag 47 - onde se lê buer ler lê-se buer

pag 50 - onde se lê intrincadas lê-se intrincadas

pag 51 - Tirar ponto final depois da palavra

superior transformando o As minúsculo em as
minúsculo

pag 54 - onde se lê Associações lê-se Associações

pag 56 - onde se lê em documentação do passado
lê-se em documentar o passado

pag 58 - onde se lê Sindicatos lê-se sindicatos

pag 60 - onde se lê vivenciar lê-se pôde vivenciar

pag 62 - onde se lê de famílias lê-se de famílias

pag 64 - onde se lê Trabalhadores lê-se
Trabalhadores

- pag 69 - acrescentar a palavra foram depois da
palavra determinados
- pag 70 - onde se lê pesquisando lê-se pesquisador
- pag 70 - onde se lê permitir lê-se permitir
- pag 71 - notas (6) onde se lê Gagnabin, Jeanne lê-se
Gagnabin, Jeanne
- pag 71 - notas (13) onde se lê Boris lê-se Boris

Capítulo II

- pag 74 - retirar o ponto final da última linha
- pag 75 - onde se lê Nos lê-se nos
- pag 76 - onde se lê os grupos negros lê-se nos
grupos negros
- pag 77 - onde se lê tivesse condição lê-se tivesse
na condição
- pag 80 - retirar o "de", que vem depois da palavra
discriminação
- pag 80 - onde se lê racismo influenciaram ou que
influenciaram a lê-se racismo que
influenciaram ou influenciaram na
- pag 83 - acrescentar na última frase a partir de -
se diferenciavam, as seguintes palavras:
"pela posição social dos negros que
participavam
- pag 86 - onde se lê processo na formação lê-se
processo está na formação
- pag 91 - onde se lê relação social lê-se relações
sociais
- pag 91 - onde se lê Marins lê-se Marins
- pag 93 - onde se lê estratégias lê-se práticas
- pag 94 - onde se lê dados lê-se cidades
- pag 95 - onde se lê sindicatos lê-se sindicatos
- pag 95 - onde se lê associações lê-se associações
- pag 95 - onde se lê realizações de trabalho lê-se
relações de trabalho
- pag 98 - nota (5) retirar a frase "um outro é
salientado" e acrescentar "E conforme"
- pag 99 - nota (12) onde se lê conclusivos lê-se
conclusões
- pag 99 - nota (12) onde se lê Drop, lê-se Diop
- pag 102 - nota (33) onde se lê Marini, lê-se
Marins
- pag 102 - nota (33) onde se lê Hoxer, lê-se Hoxer

Capítulo III

- pag 104 - onde se lê evocitadamente lê-se
evocativamente
- pag 106 - onde se lê E lê-se e
- pag 123 - nota (6), pag 124 nota (9) onde se lê
Saffiotti lê-se Saffiotti

II Parte

Introdução

pag 136 - onde se lê seriam lida-se seria

Capítulo I

pag 136 - onde se lê Fátia Matos lida-se Fátia
Mattoso

pag 143 - nota (7) onde se lê Nalla lida-se Nalla

pag 143 - nota (10) idem

pag 144 - nota (13) onde se lê Clones lida-se Clones

Capítulo II

pag 148 - retirar a palavra "como" depois de "alguns
escrevos"

pag 152 - retirar "o que" que vem antes de lhe
garantis

pag 168 - acrescentar "estava" após O* Silânia ...
com

pag 171 - retirar "de seu relato" que vem depois da
palavra momentos

III Parte

Capítulo I

pag 184 - onde se lê histórias lida-se histórias

pag 197 - onde se lê história lida-se história

pag 199 - acrescentar "que" depois das palavras
pode-se dizer

pag 200 - onde se lê O depoimento que, lida-se O
depoimento atalho

pag 201 - onde se lê submersão lida-se submersão

pag 203 - onde se lê e o mesmo momento foi lida-se e
no mesmo momento ser

pag 208 - notas (14-15) onde se lê Racistas lida-se
Raciais

Capítulo II

pag 219 - retirar o ponto final existente entre as
palavras crime e inafiançável

pag 221 - onde se lê consegue e aparentemente lida-
se consegue perceber e aparentemente

pag 227 - retirar o "do" após Clube Cultural

pag 238 - onde se lê entendendo-o leia-se
entendendo-a
pag 238 - onde se lê discutido no capítulo II leia-se
se discutido no capítulo II da 1 parte
pag 240 - onde se lê corroborar, leia-se corroborar,
para que

Capítulo III

pag 250 - onde se lê ter leia-se teve
pag 250 - onde se lê buscou a coletiva identidade
leia-se buscou a identidade
pag 271 - onde se lê pedra leia-se pedre
pag 275 - onde se lê elegem leia-se elegoria
pag 282 - onde se lê Kabenguelli leia-se Kabengele

Capítulo IV

pag 284 - onde se lê negras brancas leia-se
negras/brancas
pag 297 - onde se lê momento leia-se movimento
pag 297 - onde se lê minha em função leia-se minha
vida em função

IV Parte

Capítulo I

pag 307 - onde se lê Saffioti leia-se Saffioti
pag 311 - idem
pag 321 - onde se lê Associações das empregadas
domésticas leia-se Associações das
Empregadas Domésticas
pag 332 - onde se lê o qual leia-se a qual
pag 338 - onde se lê Cadernets leia-se cadernets
pag 347 - onde se lê mortearam leia-se mortearam
pag 348 - onde se lê outras profissionais leia-se
outras categorias profissionais
pag 351 - onde se lê contribuíram leia-se
contribuíram
pag 353 - onde se lê entra leia-se entra
pag 360 - nota (74) acrescentar Folha de São Paulo -
24/10/1993, suplemento mulher, pag 3

Capítulo II

pag 361 - onde se lê troncu-se leia-se tornou-se
pag 363 - onde se lê respeito a contratual leia-se
respeito contratual

pag 364 - onde se lê das cartas lê-se das cartas
 pag 373 - onde se lê Os professores lê-se O
 professor
 pag 374 - acrescentar o algarismo romano "III" após
 ano: 6
 pag 374 - onde se lê sindicalização lê-se
 sindicalização
 Obs. Trata-se de um documento escrito em
 1971
 pag 380 - onde se lê Ideologias e opiniões lê-se
 ideologicamente opostas
 pag 381 - onde se lê Tal postura lê-se Tal
 postura se observada
 pag 385 - onde se lê cogitare lê-se cogitava
 pag 385 - onde se lê uma política lê-se um
 político
 pag 385 - onde se lê pensavam lê-se pensariam
 pag 386 - onde se lê última lê-se última
 pag 386 - onde se lê Sindicatos lê-se sindicatos
 pag 390 - onde se lê por lê-se para
 pag 393 - onde se lê meu Deus! lê-se meu Deus!
 pag 395 - onde se lê Esta resposta lê-se Esta
 proposta
 pag 396 - onde se lê foto, lê-se foto 17
 pag 398 - onde se lê e lê-se o
 pag 402 - onde se lê não tinha lê-se mantinha
 pag 405 - onde se lê interferia lê-se e interferia
 pag 405 - onde se lê enterra lê-se esportava
 pag 406 - onde se lê alfrete-se lê-se alferem-se

Capítulo IV

pag 415 - onde se lê tinha um conto lê-se tinha
 uma conta
 pag 426 - onde se lê eu lê-se ri
 pag 434 - onde se lê foto... acrescentar o número 63
 pag 436 - onde se lê as matas lê-se suas matas
 pag 436 - onde se lê pro lê-se pro!

Capítulo V

pag 441 - onde se lê energia lê-se energia
 pag 442 - onde se lê conforme as fotos acrescentar
 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16
 pag 452 - onde se lê consultas lê-se consultados

Capítulo VI

pag 457 - onde se lê uma octava lê-se uma outra
 pag 457 - onde se lê da força lê-se da força
 pag 461 - onde se lê dimensionado lê-se
 dimensionado
 pag 461 - onde se lê em lê-se em
 pag 464 - onde se lê duplo lê-se duplo

pag 457 - onde se lê objetivam leia-se objetivavam
 pag 457 - onde se lê do leia-se ao
 pag 457 - onde se lê profissional aceita leia-se
 profissional não é aceita

Reflexões Finais

pag 479 - onde se lê sistematizados leia-se
 sistematizadas
 pag 481 - onde se lê de sua leia-se de uma
 pag 481 - onde se lê ou termo leia-se ou em termos
 pag 481 - onde se lê classificado leia-se
 classificadas
 pag 481 - onde se lê família "velhos urbanos" leia-
 se famílias de "velhos urbanos"
 pag 481 - onde se lê pela leia-se plana
 pag 484 - onde se lê via leia-se vida
 pag 484 - onde se lê neocêntrica leia-se
 eurocêntrica
 pag 486 - onde se lê via leia-se vida
 pag 487 - onde se lê por leia-se para
 pag 487 - onde se lê reivindica leia-se reivindica a
 pag 487 - onde se lê se reportam leia-se se reportam
 pag 488 - o segundo parágrafo está incorreto, leia-
 se Os espaços de lutas coletivas (partidos
 políticos, sindicatos, movimentos negros)
 percorridos por D^a Laudeline, foram espaços
 masculinos que lhe impuseram limites no que
 se refere à liberdade de escolher
 companheiros, assim como, não priorizaram a
 especificidade feminina nas suas lutas,
 reduzindo todas as diferenças a uma questão
 de classe.
 pag 489 - onde se lê mio leia-se meio
 pag 491 - onde se lê logo leia-se algo

Volume II

Apêndice I

pag 13 - onde se lê descrição leia-se descrição
 pag 14 - onde se lê grupamento leia-se agrupamento
 pag 16 - onde se lê continham dados que revelaram
 leia-se contém dados que revelam
 pag 16 - onde se lê segundo ela mesma afirmou leia-
 se segundo ela
 pag 17 - onde se lê segundo leia-se Segundo
 pag 77 - onde se lê resolveram leia-se resolver

Bibliography

- pag I - code 00 10 Erling 101-10 Erling
pag IV - code 00 10 Holborn 101-10 Holborn
pag V - code 00 10 Holm 101-10 Holm
pag VI - code 00 10 Hove 101-10 Hove
pag VII - code 00 10 Sand 101-10 Sand
pag XIX - code 00 10 Fredrik 101-10 Fredrik

2. A EDUCAÇÃO DE D^a LAUDELINA

A educação da população negra vai estar ligada à sua inserção no mercado de trabalho, (tendo em vista, a grande quantidade de obstáculos, institucionais, econômicos e culturais para se inserirem na rede formal de Educação). Para tanto são acionados alguns pré-requisitos fundamentais ordenadores do comportamento dos futuros trabalhadores e são ministrados pela família ou pela instituição responsável (escola, igreja) que dizem respeito à obediência, à eficiência, à disciplina e outros. Estes padrões de comportamento visavam permitir uma boa integração à situação de trabalho na qual obediência, respeito e disciplina eram fundamentais para os trabalhadores de baixo-recursos.

Foi a necessidade financeira, nos casos citados por Gonçalves e Silva⁽⁵⁾ que, levou os depoentes, ainda crianças, a se inserirem no mercado de trabalho, dando início a um processo de aprendizagem a partir da prática e da vivência no próprio local de trabalho e ainda que não proporcionassem a estes uma rápida ascensão social, é notado em alguns casos, certa estabilidade no serviço e a construção de uma carreira na profissão escolhida. Em outros casos, nota-se a rotatividade de serviços, possibilitando ao indivíduo o exercício de várias profissões.

Outro aspecto da Educação para o Trabalho se faz presente no depoimento do Prof. Geraldo Campos de Oliveira, que relata sobre o costume que havia em Franca (S. P.), dos pais colocarem os filhos nas oficinas, barbearias, sapatarias, farmácias, etc... para que aprendessem uma profissão, entretanto, não dispensavam a educação formal, transmitida pela escola. "Eu ia para escola de manhã e a tarde eu ia p'ra farmácia, hoje eu não sei (mais) preparar uma limonada purgativa".

O depoimento do Prof. Geraldo Campos de Oliveira coloca a educação profissional não como uma prioridade, mas sim, como um pré-requisito para uma possível ascensão social. Acredita-se que esta prática, caracterizada pela tradição-costume, não era possível ser exercida pela maioria da população negra, mas era utilizado por todas as famílias com relativa estabilidade financeira.

A existência desta prática é registrada desde o século XV, onde os estamentos altos costumavam enviar seus filhos a outros lares visando a profissionalização. O processo de preparação para integração nas relações sociais de produção se dava no seio familiar com freqüência no meio Artesanal.⁽⁶⁾

Em geral, a aprendizagem e a educação tinham lugar através da socialização direta de uma geração por outra, mediante a participação cotidiana das crianças nas atividades dos adultos e sem intervenção sistemática de agentes especializados como os

da escola, instituição que então desempenhava um papel muito restrito. A partir do Renascimento e, principalmente com o processo de industrialização da sociedade ocidental, a escola toma outra característica, e de instituição restrita à elite, passa exercer um papel educativo mais amplo e terá função definidora da posição social dos alunos, pois estará moldando o indivíduo para assumir os papéis a ele determinados pela sociedade. No caso dos indivíduos negros, estes aprenderão na escola sobretudo a negar sua etnia e cultura, mas por outro lado, ela será vista como a oportunidade que os descendentes de africanos precisavam e precisam para dar início ao processo de mobilidade social.

É sabido que, a maioria das famílias negras, não conseguiam manter a frequência de seus filhos na escola, e o depoimento de D^{ca} Laudelina ilustra bem esta realidade, pois a instrução formal recebida por ela foi pouca, conforme ela mesmo diz:

"Nasci em Poços de Caldas, sul de Minas em 12/10/1.904. Filha de pais descendentes de escravos, minha infância foi de menina pobre. Fiz até o terceiro ano do Grupo Escolar David Campestre."

A conjuntura em que ela vivia não era propensa a uma mobilidade social vertical para os elementos negros, mesmo com os apadrinhamentos por parte da elite branca conseguidos por sua família, conforme o discutido no capítulo anterior.

A sua educação foi direcionada para o trabalho. Cuidando dos irmãos, sendo pajem ou ajudando a mãe a fazer doces, estava sendo educada para vir a ser boa dona de casa ou uma empregada doméstica qualificada.

Contudo, a percepção que ela teve do contexto social em que vivia, fez com que ela desenvolvesse um sentimento de resistência e um desejo de superar as injustiças. A coragem foi uma de suas qualidades percebidas desde cedo por sua mãe.

"... A minha mãe dizia p'ra mim que eu devia ter nascido homem, porque já nasci com aquela garra, com aquela coisa que tudo para mim eu não deixava passar, eu queria enfrentar."

Analisando os relatos, pode-se afirmar que nesta fase, D^a. Laudelina estava construindo sua identidade enquanto membro da classe pobre e como pessoa negra, através de tentativas de superação das discriminações étnicas e sociais. No entanto, não há vestígios de identificação por ela realizada, das discriminações de gênero, num prisma contestatório (o que não é de se surpreender tendo em vista, o período ao qual se fala (1.904-1.922)). Ao contrário, os valores de moralidade se fizeram sempre presentes construindo uma prática de vida que reproduzia as limitações sofridas pelo sexo feminino na época.

"... Minha mãe era muito reservada, era assim, não falava nada de sexo, nada de namoro. Naquela época, era muito difícil falar sobre isso."

Percebe-se que o comportamento ativo de Dã-Laudelina era aceito por sua mãe, até mesmo para defender a família das pequenas dificuldades cotidianas. Entretanto, no que se diz respeito aos divertimentos e namoros, Dã-Laudelina passa a ser controlada pelo irmão mais novo.

"Meu irmão me levava nas festas. Nos bailes era acompanhada por ele e as outras meninas com avós, com mães. Crescemos ali assim, naquele ambiente rígido, porque as mães eram muito bravas."

Assim, a família tentava também interferir no seu namoro com o homem que depois veio a ser seu marido, mas Dã-Laudelina se utilizava de estratégias e namorava escondido, o que revela uma certa liberdade em relação aos padrões impostos pelo grupo familiar.

"... Eles não conheciam a família do rapaz, então eu fui proibida de namorar. Durante a construção do hotel Quissicana, a gente namorava escondido (riu)."

Observa-se assim, que a experiência de Dã-Laudelina nesta fase, é marcada pela limitação da estratificação social e discriminação étnica e de gênero estabelecidas e perpetuadas pela sociedade e reproduzidas pela família.

3. O CASAMENTO DE D^ã. LAUDELINA E A CONSTRUÇÃO DE UM OUTRO TIPO DE FAMÍLIA

Segundo D^ã. Laudelina o casamento fazia parte de um projeto, mas não nos padrões tradicionais.

"... Eu sempre sonhei em casar, nunca pensei em ter filhos (ri), pensava em ir no baile e dançar, tudo isso eu pensava."

Os relatos indicam que D^ã. Laudelina mantinha relações igualitárias com seu marido.

Relação esta que parece bem diferente daquelas das mulheres da sua época e classe social, ou não, que quando não totalmente submissas, teriam que articular as formas possíveis de resistência por meio de estratégias informais de aparente subordinação ao machismo.

O tipo de relação mantido por D^ã. Laudelina no casamento se evidencia pela satisfação que ela tinha em relembrar e revelar algo de muito íntimo, que o tempo não superou, o amor que ela sentiu por seu marido,

"O meu marido era muito bonito, eu amei muito ele, eu vou procurar a fotografia dele para você ver como ele era bonito."

Parte do seu sonho parece ter se realizado via matrimônio principalmente, no que tange ao lazer, o que pode ser percebido via seu próprio relato:

"Nós (íamos) aos bailes e sempre ganhando concursos com ele, ganhei concurso, de Valsa, de Tango. Em São Paulo eu trabalhava e também me divertia com meu marido, nas quintas-feiras (nós íamos) no Paulistano ou em um outro (salão) ali perto da Igreja do Carmo."

O casamento não representou para Dã- Laudelina uma submissão ao elemento masculino, seja na vida privada, doméstica, espaços coletivos de luta política. Isso pode ser percebido quando ela relata a fundação em Santos, com outras pessoas, de uma Associação com objetivos recreativos denominada "Saudades de Campinas". Mais uma vez, ali se confirmou o tipo de relação que Dã- Laudelina travava com seu marido e com as demais pessoas, expressa pela posição que ela ocupava nesta Associação:

"Eu era oradora oficial e vice-presidente, o meu marido era o secretário."

Segundo Dã- Laudelina, esta Associação foi fundada do final de 1.924 ao início de 1.925, e neste período o que era relegado à mulher pobre era o trabalho e a vida doméstica. E, é sabido, que o movimento negro reproduzia os padrões do sociedade mais ampla, existindo a predominância e o poder masculinos, e para as mulheres restando as organizações das festas e a cozinha. Assim, Dã- Laudelina com a sua postura de dirigente parece ser

uma exceção. Esta condição de exceção era percebida por ela que tinha consciência dos limites impostos para a mulher na sociedade neste período, todavia a especificidade da mulher não é discutida no grupo.

"Naquela época ainda não havia esta posição forte da mulher, então a gente movimentava mais a parte beneficiante."

Após se preparar para a vida política, toma frente de alguns movimentos como o das Empregadas Domésticas em 1.936, e assume nesta data definitivamente uma vida pública se transformando num sujeito político pois na tentativa de conseguir o registro do Sindicato para empregadas domésticas, vai para o Rio de Janeiro em Setembro de 1.936, para participar do Congresso de Trabalhadores, o qual acabou não ocorrendo.⁽⁷⁾

Dã. Laudelina não relatou em detalhes como estava o seu relacionamento conjugal, nesta época, mas em 1.938 ela se separou do seu marido. O motivo segundo ela, foi ele ter arranjado uma amante:

"Ela era (amiga) íntima minha quando eu descobri, o negócio já era velho, nós nos separamos e ele foi para o Rio. Ele ficou doente e voltou e foi por isso que eu vim embora (para Campinas); porque quando ele voltou, ele queria que eu voltasse. Não quis voltar, eu estava trabalhando de governanta... Minha sogra não deixou eu voltar."

Pela descrição acima se verifica que após dez anos seu marido quis retomar a relação matrimonial, mas Dã. Laudelina

veio para Campinas, em Janeiro de 1.949, não aceitando a reconciliação. A posição de Dã. Laudelina nestes dois momentos sugere a sua disposição de lutar contra os preconceitos que uma mulher militante e negra deveria enfrentar. Assim, em função de assegurar a sua integridade moral, não concordou em reconstruir a relação. Salienta também em sua fala, a posição de protesto e cumplicidade de sua sogra para com a sua atitude, quando afirma: "- Minha sogra não deixou eu voltar com meu o marido.", referindo assim que existiu um momento de reflexão entre essas mulheres (sogra, nora) que, revela não só o caráter de Dã. Laudelina, mas também o perfil de não subordinação de outras mulheres da família.

3.1. Dã. LAUDELINA E A EDUCAÇÃO DO FILHO

Dã. Laudelina foi mãe de dois filhos: Alaor que nasceu em 1.925 e Neusa que nasceu em 1.928 e faleceu ainda pequena. Alaor, nome dado ao filho, era também o nome de um dos seus irmãos.

Foi muito difícil resgatar a relação que Dã. Laudelina manteve com o seu filho pois, por mais que se questionasse, ela nunca aprofundou em seus relatos a dinâmica desta relação mãe-filho. Devido ao falecimento de Alaor em 1.989,

não foi possível entrevistá-lo, podendo ser este também um dos motivos pelos quais ela evitasse falar muito a seu respeito.

Ao relatar suas opiniões e visões mais atuais, Dã. Laudelina dava muita importância à educação formal. E este apelo também foi freqüente no meio negro das décadas de 20, 30, 40, em cujos movimentos ela esteve inserida. Todavia, não se evidencia nos relatos uma preocupação acerca da formação educativa formal de seu filho.

A importância desse fato se deve marcar no âmbito da mera hipótese: Dã. Laudelina tendo essa atitude expressa uma vez mais, a prioridade dada por ela a sua militância nos espaços políticos coletivos, relegando o espaço doméstico e individual ao segundo plano.

Assim, as informações sobre a educação e atividade profissional do seu filho, foram passadas de forma fragmentada em diferentes entrevistas. Através destas entrevistas se pode concluir que Alaor fez o ginásio e o segundo grau formando-se técnico em contabilidade, todavia durante o período que ficou em Santos, ele parece ter trabalhado como estivador nas docas.

A função de técnico em contabilidade Alaor veio a exercer em Campinas, no período em que Dã. Laudelina trabalhou na fazenda São José, como administradora, além de outras funções.

De acordo com depoimento de Dã. Laudelina, Alaor sempre a acompanhou, com propósito de cuidar dela. Era uma pessoa tranqüila, não participando dos movimentos políticos reivindicatórios locais, apenas quando influenciado pela mãe, como é o caso de sua participação na Segunda Guerra, quando se alistou por influência da mãe.

O depoimento do Sr. Sampaio vem corroborar essa afirmação:

"O Alaor cuidava da casa e ela cuidava da rua... ela tinha muitos convites, ela almoçava em minha casa e jantava, passava em minha casa, comia na casa de Dã Kita, na casa não sei de quem..." (8)

Alaor, passou a sua vida assessorando e secretariando a sua mãe, numa posição secundária mas dedicada. Esta ligação muito forte com a mãe, exerceu influência em todos

A sua educação foi direcionada para o trabalho. Cuidando dos irmãos, sendo pajem ou ajudando a mãe a fazer doces, estava sendo educada para vir a ser boa dona de casa ou uma empregada doméstica qualificada.

Contudo, a percepção que ela teve do contexto social em que vivia, fez com que ela desenvolvesse um sentimento de resistência e um desejo de superar as injustiças. A coragem foi uma de suas qualidades percebidas desde cedo por sua mãe.

"... A minha mãe dizia p'ra mim que eu devia ter nascido homem, porque já nasci com aquela garra, com aquela coisa que tudo para mim eu não deixava passar, eu queria enfrentar."

Analisando os relatos, pode-se afirmar que nesta fase, Dâ- Laudelina estava construindo sua identidade enquanto membro da classe pobre e como pessoa negra, através de tentativas de superação das discriminações étnicas e sociais. No entanto, não há vestígios de identificação por ela realizada, das discriminações de gênero, num prisma contestatório (o que não é de se surpreender tendo em vista, o período ao qual se fala (1.904-1.922)). Ao contrário, os valores de moralidade se fizeram sempre presentes construindo uma prática de vida que reproduzia as limitações sofridas pelo sexo feminino na época.

"... Minha mãe era muito reservada, era assim, não falava nada de sexo, nada de namoro. Naquela época, era muito difícil falar sobre isso."

Percebe-se que o comportamento altivo de Dã-Laudelina era aceito por sua mãe, até mesmo para defender a família das pequenas dificuldades cotidianas. Entretanto, no que se diz respeito aos divertimentos e namoros, Dã-Laudelina passa a ser controlada pelo irmão mais novo.

"Meu irmão me levava nas festas. Nos bailes era acompanhada por ele e as outras meninas com avós, com mães. Crescemos ali assim, naquele ambiente rígido, porque as mães eram muito bravas."

Assim, a família tentava também interferir no seu namoro com o homem que depois veio a ser seu marido, mas Dã-Laudelina se utilizava de estratégias e namorava escondido, o que revela uma certa liberdade em relação aos padrões impostos pelo grupo familiar.

"... Eles não conheciam a família do rapaz, então eu fui proibida de namorar. Durante a construção do hotel Quissigana, a gente namorava escondido (riu)."

Observa-se assim, que a experiência de Dã-Laudelina nesta fase, é marcada pela limitação da estratificação social e discriminação étnica e de gênero estabelecidas e perpetuadas pela sociedade e reproduzidas pela família.

3. O CASAMENTO DE D^a. LAUDELINA E A CONSTRUÇÃO DE UM OUTRO TIPO DE FAMÍLIA

Segundo D^a. Laudelina o casamento fazia parte de um projeto, mas não nos padrões tradicionais.

"... Eu sempre sonhei em casar, nunca pensei em ter filhos (ri), pensava em ir no baile e dançar, tudo isso eu pensava."

Os relatos indicam que D^a. Laudelina mantinha relações igualitárias com seu marido.

Relação esta que parece bem diferente daquelas das mulheres da sua época e classe social, ou não, que quando não totalmente submissas, teriam que articular as formas possíveis de resistência por meio de estratégias informais de aparente subordinação ao machismo.

O tipo de relação mantido por D^a. Laudelina no casamento se evidencia pela satisfação que ela tinha em relembrar e revelar algo de muito íntimo, que o tempo não superou, o amor que ela sentiu por seu marido.

"O meu marido era muito bonito, eu amei muito ele, eu vou procurar a fotografia dele para você ver como ele era bonito."

Parte do seu sonho parece ter se realizado via matrimônio principalmente, no que tange ao lazer, o que pode ser percebido via seu próprio relato:

"Nós (íamos) aos bailes e sempre ganhando concursos com ele, ganhei concurso, de Valsa, de Tango. Em São Paulo eu trabalhava e também me divertia com meu marido, nas quintas-feiras (nós íamos) no Paulistano ou em um outro (salão) ali perto da Igreja do Carmo."

O casamento não representou para Dâ. Laudelina uma submissão ao elemento masculino, seja na vida privada, doméstica, espaços coletivos de luta política. Isso pode ser percebido quando ela relata a fundação em Santos, com outras pessoas, de uma Associação com objetivos recreativos denominada "Saudades de Campinas". Mais uma vez, ali se confirmou o tipo de relação que Dâ. Laudelina travava com seu marido e com as demais pessoas, expressa pela posição que ela ocupava nesta Associação:

"Eu era oradora oficial e vice-presidente, o meu marido era o secretário."

Segundo Dâ. Laudelina, esta Associação foi fundada do final de 1.924 ao início de 1.925, e neste período o que era relegado à mulher pobre era o trabalho e a vida doméstica. E, é sabido, que o movimento negro reproduzia os padrões do sociedade mais ampla, existindo a predominância e o poder masculinos, e para as mulheres restando as organizações das festas e a cozinha. Assim, Dâ. Laudelina com a sua postura de dirigente parece ser

uma exceção. Esta condição de exceção era percebida por ela que tinha consciência dos limites impostos para a mulher na sociedade neste período, todavia a especificidade da mulher não é discutida no grupo.

"Naquela época ainda não havia esta posição forte da mulher, então a gente movimentava mais a parte beneficiante."

Após se preparar para a vida política, toma frente de alguns movimentos como o das Empregadas Domésticas em 1.936, e assume nesta data definitivamente uma vida pública se transformando num sujeito político pois na tentativa de conseguir o registro do Sindicato para empregadas domésticas, vai para o Rio de Janeiro em Setembro de 1.936, para participar do Congresso de Trabalhadores, o qual acabou não ocorrendo.⁽⁷⁾

Dã. Laudelina não relatou em detalhes como estava o seu relacionamento conjugal, nesta época, mas em 1.938 ela se separou do seu marido. O motivo segundo ela, foi ele ter arranjado uma amante:

"Ela era (amiga) íntima minha quando eu descobri, o negócio já era velho, nós nos separamos e ele foi para o Rio. Ele ficou doente e voltou e foi por isso que eu vim embora (para Campinas); porque quando ele voltou, ele queria que eu voltasse. Não quis voltar, eu estava trabalhando de governanta... Minha sogra não deixou eu voltar."

Pela descrição acima se verifica que após dez anos seu marido quis retomar a relação matrimonial, mas Dã. Laudelina

veio para Campinas, em Janeiro de 1.949, não aceitando a reconciliação. A posição de Dã- Laudelina nestes dois momentos sugere a sua disposição de lutar contra os preconceitos que uma mulher militante e negra deveria enfrentar. Assim, em função de assegurar a sua integridade moral, não concordou em reconstruir a relação. Salienta também em sua fala, a posição de protesto e cumplicidade de sua sogra para com a sua atitude, quando afirma: "— Minha sogra não deixou eu voltar com meu o marido.", referindo assim que existiu um momento de reflexão entre essas mulheres (sogra, nora) que, revela não só o caráter de Dã- Laudelina, mas também o perfil de não subordinação de outras mulheres da família.

3.1. Dã- LAUDELINA E A EDUCAÇÃO DO FILHO

Dã- Laudelina foi mãe de dois filhos: Alaor que nasceu em 1.925 e Neusa que nasceu em 1.928 e faleceu ainda pequena. Alaor, nome dado ao filho, era também o nome de um dos seus irmãos.

Foi muito difícil resgatar a relação que Dã- Laudelina manteve com o seu filho pois, por mais que se questionasse, ela nunca aprofundou em seus relatos a dinâmica desta relação mãe-filho. Devido ao falecimento de Alaor em 1.989,

não foi possível entrevistá-lo, podendo ser este também um dos motivos pelos quais ela evitasse falar muito a seu respeito.

Ao relatar suas opiniões e visões mais atuais, Dã Laudelina dava muita importância à educação formal. E este apelo também foi freqüente no meio negro das décadas de 20, 30, 40, em cujos movimentos ela esteve inserida. Todavia, não se evidencia nos relatos uma preocupação acerca da formação educativa formal de seu filho.

A importância desse fato se deve marcar no âmbito da mera hipótese: Dã Laudelina tendo essa atitude expressa uma vez mais, a prioridade dada por ela a sua militância nos espaços políticos coletivos, relegando o espaço doméstico e individual ao segundo plano.

Assim, as informações sobre a educação e atividade profissional do seu filho, foram passadas de forma fragmentada em diferentes entrevistas. Através destas entrevistas se pode concluir que Alaor fez o ginásio e o segundo grau formando-se técnico em contabilidade, todavia durante o período que ficou em Santos, ele parece ter trabalhado como estivador nas docas.

A função de técnico em contabilidade Alaor veio a exercer em Campinas, no período em que Dã Laudelina trabalhou na fazenda São José, como administradora, além de outras funções.

De acordo com depoimento de D^{ca} Laudelina, Alaor sempre a acompanhou, com propósito de cuidar dela. Era uma pessoa tranqüila, não participando dos movimentos políticos reivindicatórios locais, apenas quando influenciado pela mãe, como é o caso de sua participação na Segunda Guerra, quando se alistou por influência da mãe.

O depoimento do Sr. Sampaio vem corroborar essa afirmação:

"O Alaor cuidava da casa e ela cuidava da rua... ela tinha muitos convites, ela almoçava em minha casa e jantava, passava em minha casa, comia na casa de D^{ca} Kita, na casa não sei de quem..." (8)

Alaor, passou a sua vida assessorando e secretariando a sua mãe, numa posição secundária mas dedicada. Esta ligação muito forte com a mãe, exerceu influência em todos os níveis (político, profissional, pessoal).

Assim Alaor, não chegou a construir família e carreira próprias. Ele viveu junto com a mãe sessenta e cinco anos, mas não conseguiu se tornar independente da forte figura materna.

4. A LIGAÇÃO DE D^â. LAUDELINA COM A FAMÍLIA DE ORIGEM

A construção deste tópico, foi possível através da análise das fotografias e, principalmente das cartas que ela recebeu da mãe, irmãs e cunhadas. O material analisado demarca mais precisamente o período de 1.944-1.964, pois foram poucas as referências que D^â. Laudelina fez de sua família de origem no decorrer de seu relato.

As fotos de irmãos, primos, cunhados, sobrinhos e amigos, eram recebidas de presente por intermédio das cartas ou lhes eram dadas pessoalmente em ocasiões de visitas ou encontros com pessoas amigas.

"Miriam sempre gordinha, está sapeca que só vendo! Ainda não tirou retratos, mais assim que tirar um eu mando um a você..." (9)

Os conteúdos das cartas se assemelham: tanto as da mãe como as das irmãs e cunhadas e solicitam constantemente notícias e visitas por parte de D^â. Laudelina e passam informações sobre acontecimentos ocorridos no dia a dia (doenças, trabalho, viagens, festas religiosas, etc.).

A mãe demonstrava permanente preocupação com os demais filhos e a necessidade de protegê-los, por isso se faz presente em suas cartas a comunicação de que estava saindo de Poços de Caldas para ir ao Rio de Janeiro, para visitar e

auxiliar os outros filhos, principalmente nos casos de doença, preocupação esta que parecia não se estender a Dã. Laudelina. Ao contrário, em momentos de crise da família, a sua presença era solicitada na esperança que ela pudesse resolver as questões mais complicadas que envolviam situações de discriminação a exemplo do caso ocorrido com seu irmão Ary em 1.954:

"Meu irmão estava doente, ele tinha tido, quase um derrame, ele perdeu o serviço... Foi por causa do racismo, disseram que ele era Comunista. Fizeram uma greve e culparam meu irmão. Meu irmão teve um acesso e quase morreu. ... Juscelino tinha nomeado meu irmão mestre de hotel (Quissocana Hotel) e não havia no Brasil mestre negro, então criou aquela "hogerisa" entre o branco, porque ele foi nomeado o mestre com cartola, porque... com traje de mestre... ele passou a mandar nos outros, ele dirigia o hotel (e o) restaurante. Então fizeram uma greve e culparam meu irmão. Meu irmão sentiu muito aquilo e teve quase um derrame. Eu (fui) falar com o Juscelino Kubitschek ele me atendeu e indenizaram (meu irmão). Naquela época ele recebeu vinte mil cruzeiros, comprou um terreno, construiu uma casa. Ele era marceneiro, tinha ofício de marceneiro, que ele tinha aprendido na escola. Ele mesmo construiu tudo, os móveis e tudo, ele não trabalhou mais (no hotel), ficou trabalhando em casa, de marceneiro. Outro derrame se repetiu e ele morreu."

A relação que Dã. Laudelina mantinha com o trabalho e com a sociedade também é discutida nas cartas:

"Querida filha, estimo muito saber que a sua patroa é tão boa e caridosa. Pois é destas pessoas que Deus nos indica e que precisamos, não é verdade? Eu já quero bem ela como se tivesse o prazer de conhecer. Você disse como poderá pagar tantas obrigações a estes patrões tão bons? É muito fácil é você ser sempre dedicada em tudo que puder, não é?... Por hoje basta, você dê lembranças à sua bondosa patroa. A você e Alaor lembranças de seus irmãos e cunhadas." (10)

"Dã. Sidônia recebeu sua carta e trouxe p'ra eu ler, fiquei contente com suas notícias, como estás de cartaz, hem? Que Deus

te ajude que vás sempre p'ra frente. Nós nos orgulhamos por ver (você) assim apreciada e com postos elevados, e assim que se faz não é mesmo." (11)

"... Por vê-la feliz e tão prestigiada no nosso meio, que é da nossa cor, que Deus te ajude sempre para teu êxito e a nossa felicidade sim. Todos nós ficamos contente, então és a oradora da turma?!... com carinho, abraço de sua mãezinha. Sidônia." (12)

Dã. Laudelina no período que corresponde ao final de 1.957 até Junho de 1.959, não manteve contato com a família conforme acusa uma das cartas.

"Recebi a tua cartinha, você não pode imaginar o quanto fiquei alegre ao receber sua carta tão desejada o que você viu? Que faz mais de um ano que não tinha notícias sua? Eu não podia te dar notícias pois não sabia o endereço. Zenaide cansou de perguntar-me notícias. Anézia a mesma coisa." (13)

Os trabalhos que Dã. Laudelina desenvolvia neste período junto à sociedade campineira, podem ser responsáveis por este afastamento, uma vez que este período marca atividades junto à Escola de Bailados Santa Efigênia, à fundação da Cidade dos Menores, à fundação de uma Sociedade Negra, atividades de lazer e recreação desenvolvidas com outras instituições.

As cartas também revelam que o estado de saúde de Alaor, filho de Dã. Laudelina era precário, citando várias intervenções cirúrgicas. Existe nas cartas uma preocupação em saber se Alaor estava em Campinas, Santos ou São Paulo.

De acordo com o depoimento de Dã. Laudelina, Alaor voltou neste período para Santos.

"O pai dele ficou muito doente e veio p'ra Santos. Minha cunhada veio buscar o meu filho p'ra cuidar do Pai dele... (ele sofreu) um derrame nas vistas, ficou cego,... ele estava morando com a minha cunhada... Em 1.952 ele faleceu, meu filho voltou p'ra Campinas e voltou p'ra fazenda ficou trabalhando lá. Reformava as casas dos colonos, instalação elétrica, me ajudava em casa."

Dentre o conjunto das correspondências de família, a última foi um cartão enviado por Dã. Sidônia à Dã. Laudelina em 04/01/1.970.

"Bondosa filha Laudelina. Recebi o teu lindo cartãozinho o qual alegrou muito o meu velho coração. De ... meu querido neto.

Receba lembranças de todos os seus irmãos e o Coração de sua mãe muito agradecida...

Os mais sinceros votos de Boas Festas e um Ano Novo Risonho e Feliz.

Eis os votos da mamãe e vovô

Sidônia " (ver anexo I)

Em 1.970, Dã. Sidônia com mais ou menos oitenta e seis anos e Dã. Laudelina com sessenta e seis anos. Nesse mesmo ano Dã. Sidônia faz uma visita a Dã. Laudelina e em 1.974 ela faleceu.

Assim, mesmo que as visitas não fossem frequentes, percebe-se que as cartas e fotos asseguram a continuidade das relações entre parentes.

Em 1.989 quando procurei Dã. Laudelina e iniciamos as entrevistas, uma das primeiras coisas que ela me disse foi:

que não tinha parentes, que seus irmãos haviam falecido e seus sobrinhos fazia mais de vinte anos que não davam notícias.

Em decorrência desse fato iria passar a sua casa para Sindicato das Empregadas Domésticas, porque senão a casa ficaria para o Estado.

Mas, logo depois de algumas entrevistas ela começou a falar de coisas mais privadas e domésticas: da saudade que ela tinha de seus irmãos que estavam vivos; um em Poços de Caldas, uma em São Paulo na cidade Ademar e uma no Rio de Janeiro.

Dã. Laudelina manifestou interesse de visitar no Rio de Janeiro sua irmã Zenaide. A visita seria realizada em 11/06/1.991, mas não houve tempo pois Dã. Laudelina faleceu antes.

Tudo indica que em razão das relações familiares serem esparsas e distantes, passaram a ser pouco consideradas por Dã. Laudelina ao pensar nos destinos de seus próprios bens.

Acredito que a idade possa tê-la influenciado a declarar publicamente a não existência de familiares, que no caso poderia impedi-la de realizar o seu desejo: deixar a sua casa para o Sindicato das Empregadas Domésticas.

Em entrevista realizada pelo MIS - Museu de Imagem e Som de Campinas, e também no depoimento coletado por Maria Dutra de Lima, ela confirma a não existência de família.

"Eu já passei a (minha) casa. É (para o) Sindicato das Empregadas Domésticas; no caso aqui seria um apêndice do Sindicato. Porque se eu deixar p'ra passar de morte, eu não tenho parentes p'ra deixar, mais vai aparecer alguém, p'ra ficar p'ro Governo, eu não vou deixar. Então eu passei, já fui no cartório, já assinei; p'ra continuar p'ra usos e frutos; não pode vender, não pode dar, não pode alugar; p'ra usos e frutos, até enquanto existir a última empregada doméstica no Brasil ..."

Nos anos de militância que ela acumulou, ela pôde experienciar o que é não ter espaço (casa), tanto na sua militância junto ao movimento negro e mesmo junto a Associação das Empregadas Domésticas.

"Depois nós passamos a nos reunir lá na Catedral (por falta de sede). Mas o padre Karan é carne de pescoço, então quem chegava até às oito horas entrava e fechava a porta; quem chegava depois não entrava ...; quem estava lá dentro não podia sair antes das dez horas, antes do término. Nós ficamos um ano lá, aí (eu falei) nós precisamos sair daqui, precisa ir para um lugar, precisa ter um espaço p'ra fazer alguma coisa, p'ra fazer movimento, p'ra reunir com mais pessoas, aí começamos a procurar."

"A Lise indicou um salão perto da igreja ... Divino Salvador, o padre de lá era outra casca de ferida, enrolou a gente durante um mês, toda vêz que a gente ia ele não estava ou estava em reunião."

Um dia o Pico se encheu de razão. Nós ficamos quatro horas (esperando e ele estava reunindo lá com os grã-finos). Quando terminou a reunião dele com os grã-finos do Cambuí, que ele veio (era) dez e tanto da noite e começou a fazer rodeios dele que não podia porque ali funcionava uma Associação das Damas da Sociedade, começou aquele rodeio."

Assim, ter um espaço, uma casa para se reunir, significava poder, poder que Dã. Laudelina possibilitou às empregadas domésticas usufruir, ou seja, ter uma sede própria.

Essa concessão é materialização dos laços estabelecidos e do significado que a luta e o Sindicato das Empregadas Domésticas tinha na sua vida.

A história de Dã. Laudelina sugere que, com passar dos anos, o seu apego aos espaços públicos e político coletivos (como o Sindicato e movimento negro e partidos políticos), foram aumentando; trajetória essa contrária das lideranças políticas que muitas vezes com o passar dos anos se recolhem no espaço doméstico.

O exposto nesse capítulo deixa claro que, apesar de Dã. Laudelina nutrir um carinho especial pela família, após os anos de 1.924 não participou mais efetivamente do cotidiano doméstico da família de origem, nem mesmo através de cartas frequentes, mas esteve presente sempre que solicitada para resolver questões que extrapolassem o espaço doméstico e envolvessem questões políticas.

Construiu a sua nova família tendo como bases novos valores, que não a colocaram na situação de subordinação ao marido e ao estabelecido às mulheres na sociedade.

Assim, família e espaço doméstico, vão tomando significados diferentes para a D^a. Laudelina, que por razões econômicas ou não, nunca privilegiou o espaço doméstico com um espaço para ser dividido apenas com uma única família nuclear, por conseguinte, na cronologia de seu relato observa-se os vários momentos de seu relato, de habitação conjunta, às vezes sem a companhia do filho; em Santos com a cunhada, em Campinas com uma amiga e também quando montou uma pensão, na qual dividia espaço de moradia com uma família de Poços de Caldas.

É recorrente também a coabitação por solidariedade, prática essa que é uma réplica do que acontecia com a sua família de origem em Poços de Caldas. Esse tipo de solidariedade era praticado também, nos anos de 1.926-1.927, quando D^a. Laudelina recolhia as empregadas domésticas negras que não tinham para onde ir.

Essa situação torna a acontecer quando ela conhece Mário um artista plástico, que estava desempregado, ao qual ela transformou num membro de sua família, e como ela mesma dizia: *"passei a cuidar dele como se fosse um filho."*

"Um dia, pela manhã em 1.963, eu passava pela Francisco Glicério; eu vejo um pintor pintando, fazendo uma pintura de uma vaca na parede de um açougue. Parei e fiquei olhando porque eu achei aquilo, uma pintura diferente, ... achei que eu tinha que parar.

Ele acabou de pintar uma parte e desceu..., eu olhei p'ra ele e falei:

- Muito bonita a pintura que você está fazendo, muito sugestiva, ainda não vi em Campinas uma pintura assim num açougue... está bonito demais! Você mora aqui em Campinas? Você é campineiro? Ele disse:
- Não. Não sou campineiro, eu vim de Lins.
- Mas você pinta parede, pinta carro, tudo... Ele disse:
- Olha eu não sou pintor de parede, mas como eu estou aqui há pouco tempo, não conheço quase ninguém... estou procurando serviço; eu peguei este serviço aqui. Eu sou pintor de quadro (sou pintor clássico). Eu não sou pintor moderno, porque pintor moderno a senhora vira o quadro de cabeça para baixo e não entende nada. Eu disse:
- Eu também não gosto de pintura moderna, porque a gente não entende nada.
- Como é que você se chama?
- Eu me chamo Mário de Oliveira, e a senhora?
- Eu me chamo Laudelina de Campos Mello, e meu apelido é Nina.
- Mas você Mário... pintor de quadro está pintando parede?!
- Vamos ali falar com o Braúlio Mendes Nogueira.

E fomos ali três casas depois já era a Associação dos Jornalistas. Chegando lá o Braúlio, estava lá sentado lendo jornal. Ai chegando lá o Braúlio:

- Oi Nina, entra.
- Eu vim trazer uma pessoa p'ra você conhecer. Ele falou:
- Pois entra, vamos sentar aí. Sentamos lá na sala.
- Eu vou fazer a apresentação porque ele é novo na cidade: ele chama Mário, é pintor e tem diploma da Escola de Belas Artes de São Paulo e está pintando parede.
- Mas porque que ele está pintando parede?
- Pergunta p'ra ele? Começamos a conversar, foi quando o Braúlio disse:
- Ah! Vamos lá à noite conversar com o professor Jaime p'ra ver se coloca lá na escola.

Fomos lá e na hora o professor já tomou os dados, já pediu os documentos dele, já registrou ele, e daí no outro dia ele foi dar aula na Escola de Belas Artes de Campinas.

Isto foi muito importante p'ra vida do Mário. Eu consegui levar ele para morar com a gente ele foi. Aí ele já estava lecionando já não estava mais pintando parede. Já saía de manhã, a gente cuidava da roupa dele e tudo p'ra ele ir arrumadinho lecionar, porque os alunos eram todos brancos, não tinha um negro p'ra contar história...

Então eu levei (o Mário), p'ra morar com a gente e começamos a conviver junto, então aqui o Mário era uma partícula da família da gente, se dava muito bem com o meu filho.

... Neste tempo (o) que a gente sabia era bom, ia atrás do Mário... e assim o Mário ficou conhecidíssimo, depois até ele montou um ateliê dele e preparou um ateliê muito chique, muito distinto ali dentro do Cambuí, ali na rua Guilherme da Silva...

Depois que nós mudamos da Moraes Sales, ele foi morar no Cambuí, depois de lá ele foi com mudança p'ra Ouro Preto. Ele mora na casa de um dos inconfidentes. Ele continua lecionando, agora regularizou a situação com a Maria e com a filha. Ele se casou com uma das companheiras nossas da Associação das Empregadas Domésticas."

Assim, a concepção de parentesco de Dã. Laudelina não era baseado na consanguinidade mas sim, na afinidade étnica-política e ideológica.

Em relação ao que é família parece que Dã. Laudelina pensava na descendência direta. A mãe e o filho, que davam a ela idéia de pertinência a uma família, acrescentando os agregados pelas afinidades já mencionadas, a exemplo do caso do Mário.

NOTAS

- (1) Sebastião Berenice Ap. et alui - *A Discriminação Da Mulher Negra no Mercado de Trabalho* - pág. 12.
- (2) Ver:

Manuela Carneiro da Cunha - *Negros Estrangeiros*.

Kátia Mattoso - *Ser escravo no Brasil*.

Lília Schwarcz - *Retrato em Branco e Negro: Jornais, Escravos de Cidadãos em São Paulo no Final do Século XIX*.
- (3) Ver a este respeito: Kátia Mattoso - *Ser escravo no Brasil* - pág. 127.
- (4) Von Simson - *A Burguesia Se Diverte no Reinado de Momo*.
- (5) Gonçalves e Silva, P.B. - *A Formação do Operário Negro do Rio Grande Do Sul - História de Operários Negros (1.984)*.
- (6) Enguita M. - *Face Oculta da Escola* - pág. 106.
- (7) Para maior detalhamento da sua atividade política nesse período ver Parte III, IV, V.
- (8) Depoimento oral de sr. Sampaio.
- (9) Carta que Dã. Laudelina recebeu da cunhada, datada: Poços de Caldas - 01/06/1.954.
- (10) Carta que Dã. Laudelina recebeu de sua mãe Dã. Sidônia, datada: Poços de Caldas - 14/10/1.951.
- (11) Carta que Dã. Laudelina recebeu do irmão Ary e da esposa Geralda, datada: Poços de Caldas - 01/06/1.954.
- (12) Carta que Dã. Laudelina recebeu de sua mãe sem data. O conteúdo indica ser por volta de Junho ou Julho de 1.954.
- (13) Carta que Dã. Laudelina recebeu de sua mãe Dã. Sidônia, datada: Poços de Caldas - 22/06/1.959.

INTRODUÇÃO

Acredita-se que a cultura africana e suas derivações da diáspora formam uma cultura singular, ou seja, diferenciada do eixo da cultura europeia e da cultura asiática e que pode ser compreendida pelo seu registro de informações através dessa linguagem simbólica que inclui: oralidade (com a sua expressão e gesticulação), a idéia do ritmo e a estrutura sonora.

"A senzala, porque foi na senzala que a cultura brasileira se formou, tinha negros de todos as nações africanas, que contavam as suas histórias na senzala.

As rebeliões e as revoltas escravas, eram organizadas neste espaço."(1)

As linguagens são organizadas por uma estrutura psicossocial, econômica e cultural, bem como, é a memória que "ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertinência e as fronteiras sócio-culturais ..., entre coletividades de tamanhos diferentes sejam: "partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, religiões, clãs, famílias, nações ou grupos étnicos."(2)

A memória negra como todas as memórias coletivas passou e passa por um constante processo de construção.

A redefinição de um povo colonizado segundo Albert Memmi traz como estratégia de luta e rememorização de suas instituições sejam elas religiosas ou políticas, suas tradições, seus costumes e sua música. Pensando na realidade brasileira a única instituição oficial (criada por branco e tendo o negro como peça fundamental) foi a instituição escravidão, a qual está sedimentada na memória coletiva nacional.

Esta memória nacional esteve e está sempre presente na linguagem do branco, como discurso do dominador, a fim de lembrar ao negro que ele foi escravo, traduzindo a idéia de escravo como a do ser inferior, a do não intelectualmente apto. Este constante relembrar traz para o período posterior à escravidão uma perpetuação da condição de ser inferior para afro-brasileiro.

A memória coletiva nacional vista como dominante e opressiva, vai influenciar na construção da memória negra tornando-a subterrânea e subjugada, em razão da influência das instituições socializadoras nacionais (como: escolas, igrejas, partidos políticos, meios de comunicação de massas e outros) estarem veiculando a mensagem de que o negro é indolente, passivo infantil, em suma pessoa de segunda categoria.

A intensidade de transmissão da memória coletiva branca influi decisivamente nas estruturas intelectuais dos descendentes de africanos. Este estado de dependência ou parcial submissão faz com que mesmo o discurso de protesto negro seja as vezes permeado da linguagem do eurocentrismo.

Existe um espaço em que esta memória subjugada, que se pretende analisar se constrói e para compreendê-la será preciso reunir elementos das descrições das experiências de lutas negras desde o início do século até os movimentos negros presentes.

Tomando como ponto de partida Cleber da Silva Maciel⁽³⁾, que consulta os jornais do período de 1.881 à 1.921), verifica-se que a população negra reaparece na linguagem branca, quase sempre ligada a violência e ao negativo social.

Interessa aqui retratar que a imprensa negra deste período, reproduz, por vezes, os mesmos estereótipos utilizados pelos brancos. Afirmava que os negros têm muitos problemas: "são naturalmente inimigos do trabalho, indolentes, preguiçosos, atávicos, resignados e humildes, além de promoverem uma desordem na formação do caráter nacional." Reivindicavam por outro lado: "Somos homens e queremos ser tratados como homens", e da mesma forma aconselhavam à "mocidade preta a lutar pela evolução da raça "dos descendentes de Cam."⁽⁴⁾

Ainda se encontra a mesma ambiguidade, após um hiato de quase 50 anos, num discurso do grupo Evolução que demarca os atributos de negros e brancos. O grupo acredita que a *"... arte do negro é algo terra a terra. A arte do Branco é coisa mais intelectualizada"*⁽⁵⁾. Esta frase tem o mesmo conteúdo da citação de Satre sobre Senghor: *"o negro possui a emoção e o branco a técnica."*⁽⁶⁾

Esta dicotomia não escapa das dicotomias utilizadas pela antropologia/sociologia clássicas que, originadas no pleno auge do colonialismo no plano econômico e ancorada no positivismo no plano teórico, sempre separaram o mundo em: civilizados/primitivos, homem lógico/homem pré-lógico, Oriente/Ocidente produzindo, desta forma, entidades sem existência real. Pode-se fazer uma analogia entre a criação distorcida de uma cultura negra no Brasil com o Orientalismo criado pelas práticas políticas e o poder institucionalizados de um conhecimento ocidental monopólico e autoritário⁽⁷⁾. Os "nativos" de Said, os orientais, e, no caso aqui estudado, nós negros não tivemos espaço (político, institucional e acadêmico) para contestar o modo como fomos pensados e "criados" pelos brancos e pela sociedade dominante.

Desta forma as ambiguidades favorecem a consolidação do estigma. E é entre a consolidação deste estigma e a construção de uma nova realidade que a memória negra, se

constrói, nos protestos e com influência das lutas negras de outros países, as quais dão suporte às novas definições do movimento negro brasileiro.

Os movimentos negros do início do século sempre mantiveram contatos com movimentos de outros países, principalmente Estados Unidos. Entretanto o retorno à África se deu por meio das lutas pela independência africana do período 1.960 à 1.964.

Os *slogans* dos panteras negras, dos movimentos muçulmanos e do poder negro chegam ao Brasil em 1.965 ... e militantes brasileiros passam a se interessar pelo que acontece nos Estados Unidos e pelo estudo do material por ele produzido. Segundo Cunha Jr.: *"A tendência pantera negra é a que ganha maior força entre nós. A luta negra é a luta de todos povos oprimidos"*.

Em 1.970 em meio a toda repressão política-econômica eclode o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR) com o objetivo de buscar a unidade política, pretendendo fazer da luta contra o Racismo um projeto de abrangência maior.

O mundo adquire importância redobrada na transformação do universo simbólico dos próprios militantes, por um lado os grupos brasileiros passam a ler Amílcar Cabral, Samora Machel, Agostinho Neto, por um outro lado, ocorre um resgate da

tradição dos orixás enquanto organização religiosa, manifestações culturais e artísticas, a linguagem corporal, proporcionam aos indivíduos e grupos negros uma nova leitura acerca da população negra no Brasil.

O movimento *Black Soul* (São Paulo 1.975 à 1.976) o *Raggae* no Norte e Nordeste ... formado por jovens pobres, que diante das dificuldades impostas pelo sistema, se mobilizam através da música de origem americana ou jamaicana e criam via espaço do lazer um movimento de transformação e preservação de um universo simbólico negro.

Entende-se que restabelecer as raízes culturais negras é opor-se à branca dominação. "A ancestralidade africana, (via África, Estados Unidos ou Jamaica) tem, portanto, o objetivo de determinar o que ela criou, recuperou e preservou em termos da compreensão do mundo, universo simbólico, religioso, percepção de tempo e espaço para os diferentes grupos étnicos que compõem a história da presença negra no Brasil."⁽⁸⁾ — (grifo meu)

Retomando aqui o depoimento do prof^o Geraldo Campos de Oliveira:

"A identidade da comunidade negra surgiu na senzala.

... Reuniu os negros maometanos, ... negros anamistas com toda sua tese de cultos religiosos, lá eles brigavam, e se acertavam.

Na senzala vieram famílias reais, negros de uma certa estirpe e viviam sob a mesma opressão."⁽⁹⁾

Tenta-se perceber aqui um esforço de organização da história através de diferentes linguagens numa única história que pudesse ser partilhada como a memória negra do novo mundo. O sistema escravocrata criou um paradigma de conhecimentos universais, aos quais o negro parcialmente se submeteu, mas paralelamente criou um espaço de organização da resistência.

E é no resgate da história destas organizações negras do passado que ocorre um processo de interpenetração: - O negro transforma a sua linguagem, pela qual ele também é transformado, bem como, o espaço que divide com o branco, reinterpretando *"incessantemente o passado em função dos combates do futuro."*⁽¹⁰⁾ Por isso a necessidade de buscar Zumbi de Palmares, Revoltas dos Malês, a experiência dos quilombos, as instituições religiosas negras, Laudelina de Campos Mello, e outros para testemunhar a favor de uma imagem negra positiva, que forneça um outro processo socializador, e que venha a dar origem a uma organização étnica efetiva, que seja capaz de tirar o negro (parafraseando Fanon) do seu desvio existencial.

NOTAS

- (1) Depoimento do prof^o. Geraldo Campos de Oliveira.
- (2) Pollak, Michael - *Memória e Esquecimento, Silêncio*, pág. 4.
- (3) Maciel, Cleber da Silva - *Discriminações Raciais (Negros em Campinas), 1.888 - 1.921*.
- (4) Ibidem, pág. 71.
- (5) In Nascimento, M. Ercília do - *A Estratégia da Desigualdade - O Movimento Negro dos Anos 70*, pág. 91 (Grupo Evolução, era um Grupo de Teatro Negro em Campinas).
- (6) Sartre, Jean-Paul - *Reflexão sobre o Racismo*.
- (7) Para maior aprofundamento sobre a questão do orientalismo o leitor deve procurar em Edward W. Said - *Orientalismo - O Oriente como Invenção do Ocidente*.
- (8) In Nascimento, M. Ercília do - *A Estratégia da Desigualdade - O Movimento Negro dos Anos 70*, pág. 91.
- (9) Depoimento do prof^o. Geraldo Campos de Oliveira.
- (10) Pollak, Michael - *Memória e Esquecimento, Silêncio*, pág. 10.

CAPITULO I

Da- LAUDELINA NO SEU TRAJETO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE ÉTNICA

1. POÇOS DE CALDAS, SANTOS E CAMPINAS: LEMBRANÇAS PASSADAS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PRESENTE

Quando D^a- Laudelina narrava sobre as suas estratégias de superação do racismo, se percebia a satisfação que ela sentia em memorizar os seus comportamentos e atitudes de altivez e de coragem. Apesar do rancor, pelas discriminações sofridas, a forma pela qual ela enfrentou as situações foram muito mais importantes para ela.

Assim, rememorar estas histórias era tornar pública, entre outras coisas, a construção de sua auto-estima, e de sua própria identidade enquanto pessoa privada e pública.

Algumas situações vivenciadas na infância, em Poços de Caldas, o demonstram:

"... Aí passa tempo, minha mãe já era casada, Mãe de filho tudo, já tinha três filhos, eu que era a mais velha ... aí chegou um certo dia lá que ela estava com os nervos, a minha mãe chegou para cuidar-dela ..., ela começou a esbofetear à minha mãe na cara, aí minha mãe ficou revoltada ..., e disse: eu não sou escrava e eu não vou aguentar mais isso, e vou embora.

Aí a sinhá mandou buscar a minha mãe, mandou um português que era capacho dela lá, que era chacareiro, jardineiro fazia limpeza e tudo. Foi buscar a minha mãe com o rabo de tatu, (disse): quer saber de uma coisa, eu não vou é nada, eu vou voltar porque eu não tenho que dar satisfação p'ra esta gente eu não sou escrava ... Aí ele (o português) começou a chicotear a minha mãe no caminho ... Avancei no pescoço dele, quase matei ele, eu tinha doze anos nesta época, avancei no português pela garganta ... agarrei na garganta dele se não me separassem dele eu o teria matado de tanto ódio que fiquei."

Em outra ocasião:

"... Uma vez eu ia indo à escola e a minha professora foi minha madrinha de crisma, e vinha voltando da escola, o filho do Juiz morava um pouco retirado da onde a gente morava, por quê a gente morava no centro da cidade. Os filhos do Juiz então estavam brincando na calçada tinha um monte de pedra e começaram a jogar as pedras na gente. Eu passei a mão num punhado de pedra e larguei na vidraça, arriou uma vidraça inteira da porta da frente. O Juiz mandou prender a minha mãe. Quando chegou a polícia p'ra prender a minha mãe eu disse:

- Não. Quem vai presa sou eu, porque fui eu quem quebrei a vidraça, não a minha mãe.

O soldado:

- Você não pode ir porque você é criança.

- Não, eu vou sim.

... Aí chegou lá no tal juiz ele começou a maltratar a minha mãe, aí eu pulei na frente. A minha mãe disse:

- Cala a boca.

- Cale a boca nada, respondi.

O Juiz:

- Esta negrinha é atrevida, não?

A minha mãe:

- Ah! Seu Doutor, ela é assim mesmo!

Falei tudo que eu tinha p'ra falar: só porque seu filho é branco a gente é obrigado a aguentar, eles nos chamavam de **macaco**, **lava buteco**, **saci** ... eram todos eles "os branquinhos" que chamavam a gente de **saci-pererê**.

Aí começaram lá (e) o Juiz resolveu deixar por isso mesmo. Eu disse: se prender a minha mãe eu quebro outra vez o vidro.

Aí o juiz falou:

- Você precisa dar uma carraspana nesta negrinha. A gente não tinha nome, era **negra**, **negrinha**.

Aí a minha mãe: sim senhor (riu). Vamos p'ra casa, vamos."

Ainda em Poços de Caldas:

"Tinha uma menina que era filha de um português que era dono de um hotel, na mesma rua que a gente morava e ela estava na escola também comigo. Ela se enfeitava, branca, rica, né?, então a gente brigava, brigava lá dentro na hora do recreio, (e) a professora punha a gente de castigo (mas) quando saía na rua eu batia nela outra vez. Então levou isto um tempo sem parar. Eu batia nela, ela chegava em casa, contava p'ra mãe; a mãe dela ia na minha casa, a minha mãe me batia, no outro dia eu batia nela.

Então fomos fazer a primeira comunhão ela também, em todo lugar ela estava junto. Aí fizemos a primeira comunhão de manhã. Teve a missa, teve a comunhão e depois dava chocolate, a gente ganhava um cartucho de biscoito doce ... a gente ia p'ra casa.

Dai p'ra chegar em casa tinha um lugar, um corquinho, tinha uma pinguela que a gente tinha que passar ..., aquela água tinha pegado aquele bolor verde quando chegou bem no meio ela vinha vindo na frente com as outras e tal ..., eu vinha atrás com uma turminha, quando ela chegou no meio, eu empurrei, ela caiu lá embaixo; barreou toda esta parte dela aqui, ela estava com um vestido de "laise" caríssimo, sapato branco. (Naquele tempo que usava sapato branco, ou sapato preto com pulseirinha e com emia, era só filha de sinhá, negro não tinha direito a usar).

Elameou toda a cabeça, precisou dois homens entrarem p'ra tirar ela da lama, ela chegou em casa aos berros. A minha mãe soube mas, e me deu uma surra daquelas. Eu não fui na procissão mas ela também não foi porque sujou o vestido. Ela não queria outro vestido, ela queria aquele, que ela vestiu de manhã p'ra fazer a primeira comunhão.

A mãe dela foi na minha casa e disse:

- Quer saber de uma coisa, vamos fazer estas duas deixar de brigar, porque um dia a sua filha mata a minha filha, porque a sua filha é mais velha e tem mais força.

Fizeram a gente dar a mão e fazer as pazes, foi horrível ... Não bati mais, acabou. Mas não que eu passei a gostar dela, porque a gente guarda aquilo, aquela mágoa dentro da gente não sai nunca."

As três histórias contadas por Dã- Laudelina acerca das discriminações por ela sofridas na infância, faz com que se levante imediatamente a seguinte questão: Como que uma **menina** pôde, na forma de resistência solitária, enfrentar uma autoridade legítima, a força de um homem (o empregado da família Junqueira), e se impor às regras estabelecidas pela sociedade da época?

De forma simplista se poderia responder a esta questão dizendo o seguinte: Dã- Laudelina foi mobilizada pelo ódio e pela rebeldia que a situação de discriminação gerava. Mas o ódio aliado a outros sentimentos, como o medo podem levar as pessoas a se submeterem diante de uma experiência de discriminação muito forte e violenta; levando ainda o discriminado a tomar uma postura resignada.

Em a *Interpretação dos Sonhos*, Freud relata uma cena que o marcou profundamente e que talvez possa auxiliar uma interpretação da situação similar vivenciada com Dã- Laudelina:

"Chegou finalmente ao acontecimento de minha juventude que ainda hoje atua sobre todos esses sentimentos e todos esses sonhos. Eu devia ter dez ou doze anos quando meu pai começou a me levar em seus passeios e a ter comigo conversas sobre suas opiniões e sobre as coisas da vida em geral. Um dia, para me demonstrar como o meu tempo era melhor que o seu, contou-me o seguinte fato: Uma vez, quando eu era jovem, no país aonde nasceste, saí à rua num sábado, bem vestido e com um boné (usado pelos judeus) de pele novo. Veio um cristão; de um golpe jogou meu boné na lama gritando: judeu, desce da calçada!

E o que tu fizeste? Eu apanhei meu boné, disse meu pai com resignação. isto não me pareceu heróico da parte daquele homem grande e forte que levava pela mão. A esta cena, que me desgostava, eu opunha outra, bem mais conforme aos meus sentimentos, a cena em que Amílcar fez seu filho jurar, diante do altar doméstico, que se vingará dos romanos. Desde então Aníbal tem um grande lugar em minhas fantasias."⁽¹⁾

Muitas interpretações poderiam se realizar a partir destas histórias, mas para o momento é importante salientar apenas duas:

1. Que um dos propósitos dos grupos dominantes é impedir a geração de qualquer sentido de auto-estima nos grupos étnicos diferentes, que possam colocar em xeque a situação de superioridade do primeiro e sufocar assim a igualdade. Então há necessidade de difusão estratégica de crenças, valores e estereótipos que podem fazer das distinções do outro um ser estigmatizado, levando principalmente os negros no Brasil (e outros grupos étnicos em outros Estados) desde a infância a

acreditarem que são inferiores. Este enfrentamento não ocorre apenas face a face com os indivíduos racistas como fora relatado, mas também (é mais importante que isso) com um sistema social determinado.

2. O sentido de luta de Dã- Laudelina e o sentimento de indignação sentido tanto por ela, como por Freud, talvez possa ser compreendido, via a questão tratada por Barrington Moore Jr., o qual se interroga na sua obra:

"O porquê as pessoas aceitam amiúde a condição de vítimas de suas sociedades, enquanto, em outras ocasiões, elas se tornam tão ousadas e buscam, como energia e paixão fazer alguma coisa para mudar suas condições." (2)

Na perspectiva deste autor, o comportamento das pessoas são gerados por processos econômicos, culturais, políticos, sociais e religiosos; que operam simultaneamente. Assim, existe toda uma construção engenhosa de formas de governo, instituídas pela camada dominante, que busca a ordem social e também obscurecer de todas as formas que o contingente populacional situado na camada inferior da sociedade, expliquem adequadamente as circunstâncias de suas vidas; identificando-se muitas vezes com a estrutura de poder vigente.

Desta forma, para muitos indivíduos, "especialmente aqueles situados na base da pirâmide das sociedades estratificadas, a ordem social é uma coisa boa em si

mesma e, por esta eles sacrificariam freqüentemente outros valores." (3)

Para garantir que o oprimido se identifique com esta ordem social, se utiliza não apenas de toda opressão econômica, mas se injeta no outro todo um acervo de valores culturais e religiosos, além das práticas de concessões e benevolência, as quais garantem a sujeição da camada dominada, mesmo quando ocorram mudanças no sistema social.

Na história de vida de Dã. Laudelina, esta questão é recorrente, e simultaneamente com as seqüências de situações discriminatórias experienciadas em Poços de Caldas; ela convive com contatos interétnicos **aparentemente igualitários** com os vizinhos e uma relação paternalista com os ricos da cidade; observável nos depoimentos que se seguem:

O RELACIONAMENTO COM OS VIZINHOS

"Os doces vendiam, mas as verduras não. De manhã a minha mãe não pegava uma cesta daquelas de taquara ponhava couve, ponhava chicória, ponhava almeirão, pimenta, cheiro verde, tudo aquilo tinha naquela cesta, que eu ia nas casas das pessoas vizinhas p'ra distribuir ...

Tinha um italiano vizinho da minha mãe que era compadre da minha mãe, minha mãe batizava os filhos deles, e eles batizava nossos irmãos. Tinha hora que a gente chamava eles de compadre Tomas e comadre Santa, a mulher dele era comadre também nossa. Então ela fazia polenta de cortar com o barbante, ela cortava a polenta, um pedaço de queijo e já fazia o prato. Ela ia na cerca; Comadre

manda as crianças aqui, a gente deixava de comer a comida da gente para comer a comida dela, a polenta com "raditiche", o almeirão.

A gente comia polenta com "raditiche" da comadre Santa, com molho de tomate e a nossa comida a gente levava p'ra eles que comiam a comida que a minha mãe fazia: feijão como pé de porco.

A minha mãe fazia pão com leite e manteiga enchia um saco, guardava na dispensa, daí ia tirando, durava uma semana, duas semanas, então trocava a comadre Assunta mandava os pães dela e a gente levava o da gente, e era assim. Toda aquela vizinhança e os mais velhos eram nossos avós: Vó Maria, Vó Chiquinha.

Depois a minha mãe vendeu a casa, dividiu tudo (e) nós fomos morar perto da Fonte dos Amores, na rua do Piauí."

O RELACIONAMENTO COM OS RICOS

A natureza e objetivo do relacionamento que a família de Dã- Laudelina mantinha com os ricos da cidade pode ser identificado através de algumas de suas falas:

"A minha irmã estudou no colégio de freiras, onde a minha mãe estudou com a filha da sinhá, minha irmã estudou neste colégio mas foi uma barra, pois (o colégio) não aceitava negros. Ela conseguiu por intermédio, do compadre que ela tinha, todos nós fomos batizados, o que não foi batizado foi crismado por branco. Naquela época era tudo compadre branco. Então ela tinha um compadre que era dono de um grande hotel, Hotel Lealdade Reinaldo Amarantes.

Era aquele velho costume, da gente estar tomando a bênção do branco, de estar subordinado ao branco.

Este doutor Reinaldo era fundador deste colégio então (foi) ele que conseguiu, daí então aquela coisa, aquele luxo que tinha no colégio, tinha que seguir, tinha que acompanhar as riscas no uniforme ..."

Estas situações citadas demonstram o quanto a realidade do negro é esquizogênea, pois os brancos emitem constantemente dupla informação. Contudo, não dificultaram totalmente a percepção de Dâ- Laudelina da situação do negro e da sua própria realidade.

O paternalismo que pode ser observado através do seu batismo e de seus irmãos por brancos ricos, e que tinham um status na sociedade local, foi recorrente na sua fala, e também significativo, pois foi lembrado com reprovação a uma situação que levava o negro à sujeição; conforme relatado no depoimento recentemente citado.

As relações "igualitárias" com os vizinhos parecem não terem sido isoladas do contexto social da época, pois em determinado momento os negros são excluídos do espaço de lazer mesmo dos vizinhos brancos pobres.

Dâ- Laudelina conseguiu separar as aparentes concessões locais que poderiam camuflar sua percepção individual, reagindo de forma ativa às discriminações e percebendo a necessidade da organização em grupo, ainda que sem o conteúdo político, mas já com o componente étnico:

"Nos meus dezesseis anos, nós entre grupo de moços lá de minha terra, nós fundamos um grupo chamado Treze de Maio, eu fui logo indicada a Presidente do Grupo. Esse grupo foi fundado por vários moços e moças, nós éramos vizinhos, todos negros. Eram mais bailes, festas ... Era um grupo formado por causa do isolamento dos brancos."

Assim, Dã- Laudelina nos anos vividos em Poços de Caldas (que como todo o Brasil até os dias de hoje em algumas regiões, mais que outras se caracteriza por estipular códigos que "também regulamentam e punem o comportamento agressivo entre indivíduos de estratos diferentes, infligindo pesados castigos aos membros dos estratos mais baixos e penalidades leves para o contrario")⁽⁴⁾, já agia conforme relata Barrington Moore Jr., com um grau significativo de autonomia, a qual é constituída por três qualidades ou capacidades humanas, que podem adicionar "energia na alma".

A primeira qualidade pode ser chamada de "coragem moral" e se caracteriza pela capacidade de resistir a poderosas e ameaçadoras pressões sociais para as regras ou ordens opressivas ou destrutivas.

A segunda qualidade é a capacidade intelectual de se reconhecer que as regras e as pressões são de fato opressivas; podendo este reconhecimento tomar a forma de percepção moral.

A terceira capacidade, a "inventividade", que é a capacidade de criar a partir das tradições culturais vigentes, padrões historicamente novos de condenação ao que existe.⁽⁵⁾

É difícil precisar como o próprio autor afirma, o surgimento da autonomia e coragem moral em um indivíduo, em razão da invisibilidade de seu princípio. Mas fica claro pelo exposto

anteriormente, que esta qualidade surge no bojo das desigualdades individuais ou coletivas, podendo ainda o seu surgimento ser considerado um ato de contraste ou oposição, e/ou um ato de identificação pessoal ou social.

No caso de Dã. Laudelina verifica-se, via relatos, que ao despontar a sua autonomia, a sua coragem emerge no mesmo momento, a sua oposição ao poder e aos costumes estabelecidos, e muito mais a sua identidade social com o componente étnico a qual, segundo Roberto Cardoso de Oliveira, é uma categoria do espírito humano. Assim, o autor afirma:

"A identidade étnica é inculcada no indivíduo já em seus primeiros três e quatro anos de vida e robustecida durante todo o processo de sua socialização, e durante toda a sua existência - mesmo quando manipula sua identidade e "passa" para outro quadro étnico de referência (o índio ou o negro, socializado como tal, quando passa para o mundo dos brancos, por exemplo) permanece (ou não) o resto de sua vida escamoteando sua identidade original: muda de lugar, de nome, de amigos, e, cada vez que vê ameaçado seu segredo, repete o ciclo da trapaça."⁽⁶⁾ - o grifo é meu

A análise feita por Cardoso de Oliveira é muito esclarecedora para as questões aqui discutidas. Contudo, parece mais útil para refletir a realidade de Estados multiétnicos (declarados ou não, eg. Ex.: União Soviética, México, Ex-Yugoslavia, Itália, Bélgica, Suíça, etc) onde a variável cor não é definitiva. Na realidade brasileira e da maioria dos Estados da América Latina em geral, a cor (tanto nos negros, índios, pardos e mulatos) fazem com que essa "camuflagem" se dificulte,

pois o negro pode ser rico, com estudos e prestígio social, mas não poderá nunca ser "camuflado" inteiramente, e será visto pelos outros, sempre, como negro ou como índio.

Mas tomando como referência a análise de Cardoso de Oliveira, o discutido por mim não contradiz o fato de que os grupos étnicos minoritários negros no Brasil continuam tentando se "camuflar".

Assim, continuando com a teoria do mesmo autor, o qual

"... levantada hipótese que a força da categoria (etnicidade) esteja precisamente no seu caráter inconsciente, a aflorar na consciência individual ou coletiva sempre que estimulada por símbolos étnicos (situações discriminatórias), isto é, símbolos que, por contraste (e/ou discriminações por oposição), marcam significativamente posições num quadro social de classificação." (7) - grifo meu

O caráter inconsciente da identidade étnica, ao qual Cardoso de Oliveira se refere pode ser observado nas histórias de Dã. Laudelina, principalmente quando ela dá continuidade à história do seu relacionamento com a Alfonsina (a filha do português, dono de um hotel em Poços de Caldas):

"Ai ficamos moças eu vim embora p'ra São Paulo ..., me casei em Santos. Ela também se casou e foi morar em Santos. Quando eu vi tocar a campainha, onde eu morava; eu morava com a minha cunhada em Santos ... A minha cunhada vai atender, pegado tinha uma casa p'ra alugar que a minha cunhada que estava tomando conta.

Quando a minha cunhada disse é, eu reconheci a voz da criatura, uma voz parecida, eu cheguei assim e olhei era a Alfonsina,

aquilo p'ra mim é como se tivesse dado uma facada sabe? Aí ela (a Alfonsina) olhou a casa, gostou da casa, quando ela foi embora eu fui no portão. E ela me disse: Mas você por aqui? É esta é a minha cunhada. Ela mora lá não sei quantos anos, não sei foi quatro, cinco ou seis anos. eu nunca perdoei ela, porque ela falava você não tem sapato branco, você não tem sapato de pulseirinha, você não tem vestido com laço cor de rosa ... Então ela se queixava p'ra minha cunhada que não perdoei ela nunca, eu não perdoei mesmo; só pelo fato dela pular com um pé só e me chamar de saci-pererê, me chamava de macaca, me chamava de negrinha fedida."

Ao narrar estas histórias, Da- Laudelina deixou aflorar toda a sua emotividade, podendo sugerir o caráter inconsciente da sua identidade étnica. Isto pode ser também percebido através do depoimento do profº. Geraldo Campos de Oliveira, o qual ingressa no Movimento Negro (Frente Negra Brasileira) em Franca, aos dezoito anos, convidado por um amigo (Martim), pois a sociedade precisava de um secretário para compor a diretoria; mais sua participação não era compromissada.

"Não, era uma sociedade recreativa, então eu cumpria minha obrigação, ia às reuniões de diretoria, ouvia, mas eu não dava atenção (para o que) eles discutiam. O Martim não era de Franca, entendeu, então ele devia ter vindo de um lugar onde o preconceito já fosse uma realidade, uma discriminação, para ele estas discussões estava certo.

Já em Ribeirão Preto, era diferente de Franca. O tratamento era outro né?, negrinho p'ra lá, negrão p'ra cá, negro; essa coisa toda; aqui não entra negro. Havia lugar por exemplo barbarias, que não admitiam servir negro, não servia. Isso lá pelo período de 1.932, 1.933. Em Campinas a coisa era mais severa, quando eu passei a militar no Movimento Negro, eu ainda sentia, era perseguido e havia discriminação. Em Campinas era bem declarado, então (era) aquela estória, não entrava em restaurantes, em hotéis não recebiam, nunca havia vaga para o negro, esta coisa toda, então aí que eu comecei a perceber o problema." (8)

O prof^o Geraldo prosseguiu contando a estória do dia em que foi barrado e a partir deste fato que ele iniciou sua militância séria e compromissada.

"Bom o negócio foi o seguinte. Quando nos mudamos para Campinas, houve uma exposição, eu não me lembro de que ... Eu fui com um grupo de amigos a essa exposição quando nós íamos entrando na exposição, ingresso para entrada aquela coisa toda, o porteiro parou na minha frente:

- O Senhor não pode entrar, você não pode entrar.

- Mas por quê ?

- Você não pode entrar porque é de cor.

Aí que começou toda a história, foi lá em Campinas, aí nós fundamos o Centro Cívico Campineiro, fundamos uma porção de casas lá." (9)

Pode-se observar que tanto no depoimento de D^a Laudelina como no do prof^o Geraldo, a motivação catalisadora de consciência foi o fato de ambos haverem sentido em suas próprias peles ou próximos a si mesmos a discriminação étnica. No caso do prof^o Geraldo, nem mesmo a sua inserção no Movimento Negro politicamente organizado contribuiu para o despertar da operacionalização da sua identidade em uma atividade política.

Contudo:

"A identidade étnica, sendo de natureza ideológica, ocupa o centro de sistemas ideológicos, funcionando como uma bússola a orientar os indivíduos e os grupos em mapas cognitivos coletivamente construídos." (10)

Isto parece significar, que não adianta apenas despertar a identidade étnica individualmente, porque a transformação desta identidade étnica despertada em um movimento individual ou grupal de redefinição da situação discriminatória do indivíduo ou do grupo, vai depender das construções ideológicas dos contextos sociais e de conjunturas específicas, nos quais os indivíduos e grupos estejam inseridos no momento.

Os indivíduos podem também despertar sua identidade pelo contraste de elementos do próprio grupo étnico e/ou familiar como o caso da postura assumida por Dã. Laudelina quando observa o comportamento cheio de temor de sua mãe, ao se deparar com as situações de discriminação. A descrição do comportamento da mãe foi recorrente na fala de Dã. Laudelina, demonstrando a indignação por ela sentida ao ver sua mãe tendo um comportamento submisso.

Parece que esta mesma indignação era sentida por Freud, como se pode observar anteriormente, que para não se lembrar do comportamento resignado do pai, preferia lembrar da história de Amílcar.

Mas no caso aqui estudado, os relatos mostram, que Dã. Laudelina busca a redefinição de si e de seu próprio grupo, não se percebendo nela a necessidade de negar a sua origem étnica (da mesma forma que Freud durante o período antisemita na

Austria), como acontecera com milhões de negros no Brasil e judeus na Europa.

Entretanto, qualquer que seja o caminho a seguir, por indivíduos e o grupo discriminado, existem os matizes: as influências das ideologias políticas e crenças religiosas e outros fatores que não definem automaticamente se o indivíduo pertence a uma ou outra categoria. Pode-se dizer num mesmo contínuo existem tonalidades diferentes, o que significa que as posturas conservadoras com as posturas progressistas, a alienação e a não alienação coabitam num mesmo indivíduo, o que não impede uma constante mudança na dinâmica do processo de transformação individual.

O importante é frisar que através da análise da história de vida de Dã. Laudelina, mais precisamente os relatos da primeira juventude, se desenvolve um sistema de representações coletivas, no qual pode se observar, distinguir e delimitar, mais o menos, o momento da emersão da identidade étnica (infância) e da sua transformação em sujeito político coletivo (aos 30 anos). A divisão e a demarcação destes dois momentos na trajetória de vida de Dã. Laudelina, foi possível mesmo considerando que identidade (étnica e/ou de gênero), e a "visão do mundo estejam, uma colada à outra como dimensões sócio culturais ... e políticas articuladas" coerentemente.⁽¹¹⁾ — grifo meu

**ALGUMAS SITUAÇÕES DISCRIMINATÓRIAS NA VIDA ADULTA DE D^a.
LAUDELINA EM SANTOS E EM CAMPINAS**

Da infância para a vida adulta, as formas de enfrentamento as discriminações étnicas mudaram, quando pequena D^a. Laudelina agredia fisicamente, na vida adulta passou combater as discriminações via o movimento organizado e também utilizando dos meios juridicamente legais existentes

O depoimento que relata a atitude do caminhoneiro preconceituoso e exemplifica o tratamento legal dado por D^a. Laudelina, a essas discriminações:

Um dia eu estava em Santos prestando serviço no trânsito na rua Senador Feijó, então passou um caminhão carregado com excesso de volume, então eu apitei e mandei o motorista parar, fechei o sinal e mandei ele parar.

Ele não obedeceu e avançou; eu desci do pódio, fui na frente do caminhão, fiz ele parar e aí perguntei:

- Você ouviu a advertência, não parou por quê? Ele disse:

- Ah! Eu não vi ninguém. Eu disse:

- Ah! Então você vai ver.

Aí eu fui no telefone chamar o policial, o policial conduziu ele preso e rebocaram o caminhão. Levou doze anos para ele tirar o caminhão.

Dai o comandante disse:

- Você não viu ninguém porque era uma negra ou por quê você não obedece às ordens que são dada pelo governo, pelos prefeitos, pelo exército?

Neste outro depoimento, pode-se observar a postura de Dâ. Laudelina frente à miscigenação:

"(tinha também um neguinho, muito metido que pensava que era branco só porque era filho de branco com negro. Um dia ele foi fantasiado dançar o baile de carnaval chegou lá, ele foi barrado, a mulher e a filha podiam entrar, ele não. Aí a mulher não entrou também, nem a filha, então este tal mulato aqui foi barrado né, e foram embora. Ele foi atrás de nós, nessa sociedade que era p'ra gente entrar na briga com ele. aí eu olho p'ra ele e digo: O senhor não está com dor de cabeça, não? Não está sentindo nada na cabeça. Ele disse: não, porque a Sra. está perguntando isso? Porque você como funcionário do Banco do Brasil passa pela gente na rua nem olha, você faz questão de desviar, quando um negro vem vindo na sua frente agora você vem pedir arrego, agora você se lembrou que o mesmo sangue que corre na nossa veia, corre na sua, não é assim, não viu? Você é mulato e se considera branco, porque você é filho de negro com branca, então você se considera branco, sua mãe é branca, agora o safado do seu pai era negro né, casou com uma branca (riu), porque a branca quando casa com negro é porque o branco já pegou, já dormiu com ela, deu um ponta-pé na bunda e vai embora. Ele virou as costas e foi embora até hoje não olha na minha cara (ri) ... nem olhou p'ra trás não falou nem até logo, não é desaforo? Casou com uma branca safada na vista, se achava o dono do Banco do Brasil, agora que o branco deu um ponta-pé nos cornos velhos dele, ele vem procurar o negro, mas ele é cara de pau mesmo, esse negro é cara de pau."

O depoimento em relação ao Jardim Carlos Gomes é um exemplo de valores obsoletos e a subserção de Dâ. Laudelina :

"Aqui em Campinas, o negro passeava por dentro no jardim Carlos Gomes e o branco por fora para não misturar. Eu tinha uma amiga que era cabeleireiro, eu lhe disse:

- Que negócio é esse aqui duas correntes uma negra, uma branca ... Ela respondeu:

- Os negros não se misturam com os brancos. Eu falei:

- Ou é o branco que não se mistura com o negro? Ela falou:

- Tanto faz é sempre assim. Eu disse:

- Qual é o meu papel aqui dentro por dentro ou por fora? Ela diz:

- Tem que acompanhar o negro. Eu disse:

- Não, eu vou entrar nas duas (saio por uma e entro por outra) e os brancos não fizeram nada e aquilo acabou.

O Branco fazia 'footing' na rua Barão de Jaguará e o negro fazia na praça do Glicério. A briga era essa, a discriminação do negro, aquela coisa que eles tinham contra negro, aquela recessão contra o negro."

Estas três situações discriminatórias extraídas do relato de D^{ca}. Laudelina, acontecidas em épocas, lugares e em contextos diferentes demonstram, entre outras coisas, que a unidade cultural de uma nação consiste no fato de que todas as valorações são mutuamente compartilhadas num certo grau, ainda que interpretadas e operacionalizadas de forma diferente (12).

Assim, em Santos, um caminhoneiro na década de 40 se comporta de maneira abertamente racista, se recusando a atender a D^{ca}. Laudelina que, no momento, exercia a função de soldado do exército, fingindo não tê-la visto pelo fato dela ser mulher e negra.

Nessa ocasião D^{ca}. Laudelina se utiliza do status que a sua função de soldado lhe conferia e lança mão de medidas legais contra o discriminador.

De forma diferente, estes valores preconceituosos oscilam no comportamento do negro e, muitas vezes, (como no caso "neguinho safado" citado pela D^{ca}. Laudelina) também na tentativa

de escamotear a sua identidade étnica, buscando a aproximação ao grupo branco (a "camuflagem" a qual se refere Roberto Cardoso de Oliveira), em prejuízo de seu próprio grupo de origem.

Todavia, no caso do "neguinho safado", fica explícita a **dimensão objetiva e subjetiva** da identidade étnica. O "neguinho safado", um mulato, objetivamente não branco, pode se auto identificar como branco, e o mesmo momento foi identificado pelo branco e por outros "micro-grupos étnicos" como sendo negro.

Da mesma forma, neste relato, aparece a utilização do caráter relacional e situacional "inconsciente" da identidade étnica pelo "neguinho safado", que faz com que ao ser discriminado procure outros negros. Entretanto, o fato dele não manter nenhuma espécie de laços culturais, políticos e sociais, com os grupos negros o faz ser excluído por Dã. Laudelina desse espaço pois parece que ela não conseguia encaixá-lo em nenhum dos micro-grupo-étnicos nos quais ela transitava.

Outro aspecto desse depoimento de Dã. Laudelina é a miscigenação. Tratar aqui dos casamentos interétnicos, provavelmente em razão da profundidade do assunto, desencadearia em uma outra dissertação. Mas a citação de Dã. Laudelina é digna de ser analisada com um pouco de cuidado, por revelar uma das dimensões de sua percepção acerca das relações interétnicas no Brasil, o que mais especificamente se nota quando ela fala:

"— Sua mãe é branca, agora o safado do seu pai era negro, casou com branca (riu), porque a branca quando casa com negro é porque o branco já pegou, já dormiu com ela, deu um pontapé na bunda e vai embora.

(O neguinho safado) casou com uma branca safada na vista, se achava o dono do Banco do Brasil, agora que o branco deu um pontapé nos cornos velhos dele, ele vem procurar o negro, mas ele é cara de pau mesmo, esse negro é cara de pau."

O que estava por trás dessa fala de Dã- Laudelina?

O que ela queria dizer com isso?

Acredito que essa fala traga como pano de fundo toda a exploração histórica da mulher negra sofrida na sociedade branca, que tolerava a miscigenação ilícita entre homens brancos e mulheres negras.

Já no caso dos homens negros e mulheres brancas "se aplica as mais furiosas sanções da doutrina anti-amalgamação", conforme afirma G. Myrdal⁽¹²⁾ analisando a sociedade norte americana.

E, é segundo o referido autor, que se tenta entender os casamentos interétnicos entre brancos e negros no Brasil. Para G. Myrdal:

"... Os negros norte-americanos também fazem objeção à amalgamação. Porém, nossa impressão é que sua relutância à amalgamação, constitui apenas uma reação a doutrina dos brancos. A grande proporção de mestiços entre negros torna-lhes difícil esposar a doutrina do "sangue puro". Contudo existe orgulho racial entre os negros, porém, provavelmente trata-se de uma reação de defesa. A exploração sexual, no intercuro entre homens brancos e mulheres negras, a desgraça destas, que não são aceitas em matrimônio pelos homens brancos e o status inferior da prole

mista são razões práticas para que os negros cultivem o orgulho racial em seu próprio grupo. Mas é quase certo que este orgulho não se baseia numa condenação da miscigenação com fundamentos raciais biológicos.

As atitudes dos brancos são as primeiras e decisivas, as dos negros têm o caráter de acomodação e protesto." (13)

Penso que Dã. Laudelina queria também protestar o comportamento do homem negro que busca muitas vezes ao se ascender socialmente, legitimar seu status se casando com uma mulher branca. Entretanto não fica claro qual era a sua posição em relação aos casamentos interétnicos. Contudo, contextualizando a fala Dã. Laudelina levanta a hipótese de que ela não condenava os casamentos interétnicos, senão o fato de que a maioria dos homens e mulheres negros casados com brancos, renegavam qualquer participação no âmago dos grupos negros.

O termo branquinha safada, mostra o inconformismo de Dã. Laudelina com esse tipo de conduta, que transforma também a esposa branca, num impulso irracional, em objeto de sua raiva.

As valorações preconceituosas partilhadas em sociedade sofrem mutações e conforme o discutido no estudo de Cleber da Silva Maciel (1.986) em Campinas (1.923-1.924), existia o costume de:

"... Evitar a permanência de negros nas vias públicas, principalmente nos feriados e fins de semana ... Diante da prática de impedir, por parte dos brancos de Campinas, a presença de negros no jardim público da praça Carlos Gomes, o Getúlio inicia uma campanha convocando a população negra a não se intimidar, comparecendo à praça, numa espécie de manifestação

pública contra o racismo. Tal campanha teve resultados positivos, conforme avaliação do jornal. Pois, em seguida saem vários artigos de auto-elogio pelo fato de terem conseguido mobilizar um número significativo de pessoas para o ato e pela consideração que tal ação teria ampliado a consciência dos participantes sobre os problemas da comunidade." (14)

Estas questões parecem não ter sido sanadas pois em 1.953, quando Dã- Laudelina chega no centro urbano de Campinas, não havia a proibição da permanência do negro no Jardim Carlos Gomes, mas uma segregação tácita ao negro, mais sutil, mas igualmente eficiente.

O exposto mostra que em 1.953, as estratégias de racismo via a segregação já estavam obsoletas, o que favoreceu que a atitude de Dã- Laudelina não merecesse uma represália por parte do poder público; como era costume antes em Campinas e tão pouco uma resposta agressiva do grupo branco, podendo exercer livremente combate ao auto-preconceito e a submissão do negro diante das imposições do branco.

Como afirma Barth (1.976), os grupos étnicos diferentes que partilham um mesmo território se dividem numa estrutura de classes no mercado de trabalho, ocupando lugares distintos nela.

Assim, em Campinas, a segregação e violência ao negro após 1.926 sofre mutações.

"Pois já estava clara a sua situação social de meio cidadão, assim como estava definido uma política econômica e social que os

jogava cada vez mais para baixo, no que diz respeito às estratificações sociais, em relação aos imigrantes brancos que eles viram chegar." (19)

Podendo desta maneira as discriminações tomarem um caráter sutil, não havendo mais a partir de 1.926, a necessidade de controlar de forma explícita e violenta o comportamento do negro.

Este capítulo vem mostrar, entre outras coisas, a coerência de atitude de Dâ- Laudelina frente as discriminações étnicas durante toda sua vida.

No próximo capítulo o leitor poderá perceber que essa coerência se explicita num projeto de intervenção educativa, racionalmente pensada através de diferentes estratégias políticas e sindicais.

NOTAS

- (1) Chemouni, J. - *Freud e o Sionismo: Terra Psicanalítica, Terra Prometida*, pág. 160.
- (2) Barrington Moore Jr. - *Injustiça: As bases sociais de obediência e da revolta*, pág. 9.
- (3) Barrington Moore Jr. - *Injustiça: As bases sociais de obediência e da revolta*, pág. 9.
- (4) Barrington Moore Jr. - *Injustiça: As bases sociais de obediência e da revolta*, pág. 9.
- (5) Barrington Moore Jr. - *Injustiça: As bases sociais de obediência e da revolta*, pág. 9.
- (6) Cardoso de Oliveira, Roberto - *Enigmas e Soluções*, pág. 137.
- (7) Cardoso de Oliveira, Roberto - *Enigmas e Soluções*, pág. 116.
- (8) Depoimento do profº. Geraldo Campos de Oliveira
- (9) Depoimento do profº. Geraldo Campos de Oliveira
- (10) Cardoso de Oliveira, Roberto - *Enigmas e Soluções*, pág. 112/113.
- (11) Cardoso de Oliveira, Roberto - *Enigmas e Soluções*, pág. 113.
- (12) Myrdal, G. - *Valor em Teoria Social - 2ª parte*, pág. 113.
- (13) Myrdal, G. - *Valor em Teoria Social - 2ª parte*, pág. 221.
- (14) Maciel, Cleber da Silva - *Discriminações Raíças Negros Em Campinas (1.888-1.921)*, pág. 191.
- (15) Maciel, Cleber da Silva - *Discriminações Raíças Negros Em Campinas (1.888-1.921)*, pág. 24.

CAPITULO II

Da- LAUDELINA E A SUA TRAVESSIA PELO MOVIMENTO NEGRO: AS DIFERENTES ESTRATÉGIAS DE RESISTENCIA

1. Da- LAUDELINA NO CONJUNTO DAS LIDERANÇAS E ORGANIZAÇÕES NEGRAS

Da- Laudelina começou a militar de forma organizada aos 16 (dezesseis) anos em Poços de Caldas - Minas Gerais. Presidente do 13 de Maio, grupo negro que tinha finalidades recreativas.

Essa prática de organizações negras com finalidades recreativas se padronizou e se estendeu também no Estado de São Paulo; como vem corroborar o depoimento do profº. Geraldo Campos de Oliveira:

"Era mais no sentido do lazer, e não no sentido da reivindicação, era época do mumu, do resmungo, era só resmungar.

O negro era inseguro, precisava sempre de um branco, precisava de uma muleta branca,... ele podia ir nas entidades negras, "as entidades" negras, representava para ele uma libertação de um

problema, é onde ele se sentia a vontade, então ali ele não tinha medo de nada, ele não precisava ter medo, ali naquele meio, entendeu como é que é?"(1)

Dã- Laudelina permaneceu até inícios da década de 30, na organização e participação de associações de lazer e prestações de serviços beneficentes, atuando muito mais na cidade de Santos.

"Nós éramos diretores do Saudades de Campinas, eu era oradora oficial e vice-presidente. O meu marido era o secretário. O presidente era um campineiro que morava lá chamado Paulo de Oliveira. (Associação foi fundada) de 1.920 para 1.925, foi logo que terminou a revolução.

Nesta época eu participava só desta associação que era só lazer e cultura e tinha um espaço mais negro; naquela época eles (os brancos), eram muito racistas e não queriam se misturar. (Nós) fazíamos promoções, cada festival tinha 6 (seis) grupos, o azul e o branco. Cada promoção era um grupo que fazia, eu era do grupo amarelo, grupo da "sempre viva."

Os anos de 1.933 à 1.963, foram o auge da militância de Dã- Laudelina no Movimento Negro. Esse período é expressivo pela continuidade de suas ações, ligadas ao Movimento Negro e também porque no início dos anos de 1.930, Dã Laudelina dá um caráter político, reivindicatório a sua luta.

"A gente (se reunia ainda) na sociedade Saudades de Campinas, tinham vários campineiros morando em (Santos). Era uma sociedade recreativa dançante e cultural. Então chegou um professor que era maranhense e ele estava fugido da terra dele, porque ele era comunista, então como ele era negro, a gente pegou ele para lecionar, ele era muito culto, muito preparado, (assim) ele preparava a gente para oradores, palestras, mostrando o que era a condição do negro e do branco trabalhador."

Ao longo deste tempo muitas organizações negras foram criadas e desfeitas; tentarei pontuar algumas das mais importantes, nas quais Dã. Laudelina participou ou teve algum tipo de acesso.

A Frente Negra Brasileira, o Jornal Clarim da Alvorada, e Clube Cultural do Negro, apareceram no seu relato, quando ela narrava sobre os anos 30 (trinta) e 40 (quarenta), conforme depoimento que segue:

"A gente fazia festas... tinha um jornalzinho nosso (que se chamava Clarim), era feito por negro ... Nesta época (1.934, 1.935, 1.936), tinha outras sociedades, as Sociedades dos Dirigentes Sindicais que tinha clube dele e outros clubes na cidade... Foi (neste momento) também criada a Frente Negra...

Dai desta sociedade então nós estávamos em contato com São Paulo era o Clube Cultural do Negro e o profº. Geraldo Campos, era fundador, ... ele tinha um partido chamado Partido Liberal, dentro do grupo da cultura, então foi fundado vários movimentos e tinha vários departamentos, ele era diretor ... do Clube Cultural, e pertencia também ao departamento político, logo em seguida o departamento político foi desfeito."

A Frente Negra era uma das principais organizações do período de 30 (trinta), e pretendia ser uma organização de auxílio mútuo, mas com perspectivas de participação nas estruturas formais de poder.⁽²⁾

Dã. Laudelina não participou diretamente da Frente Negra Brasileira, mas teve acesso a toda produção jornalística da época, tanto realizada pela Frente Negra como por outras associações negras. Contudo, ela selecionava as informações

divulgadas por essas diversas organizações, e os seus companheiros da militância étnica política. Assim, o fato de ter se aliado em determinado momento a um negro maranhense comunista, a Vicente Lobato e ao prof^o. Geraldo Campos de Oliveira, significa uma opção tática, ou seja, uma forma política distinta de encaminhar as questões negras, pois essas pessoas tinham uma leitura política do mundo que se aproximava da sua. O prof^o. Geraldo, por exemplo, era militante da Frente Negra, mas se opôs à postura política da mesma, organizando o Clube Cultural do Negro, uma espécie de descidência da Frente Negra. O seu relato pode elucidar melhor o porque da ruptura:

"Aí houve uma decisão na Frente Negra, quando houve a eleição do Guaraná Santana para a presidência..., que era aqui na rua da Liberdade onde hoje é , como é que chama esse clube Português..., foi quando se pretendeu transformar a Frente Negra num movimento, num Partido Político, nós éramos contra a transformação da Frente num Partido Político.

Porque a gente achava que um negro, devia admitir que um outro negro participe de um partido deferente, entendeu, isso não podia manter na nossa associação com discriminação partidária, você entendeu como é? Então aqui só vem P.T., aqui só vem U.D.N., descartava a questão principal (étnica) se podia nas preocupações das lutas internas (políticas partidárias) e ... o apelo era para cor do que se comprometer com ideologização." (3)

Neste momento as idéias de D^a. Laudelina convergem também com outras idéias do referido professor, o qual também exercia uma militância étnica-sindical, o que muito colaborou para a fundação da Associação das Empregadas Domésticas em Santos (como se verá mais adiante).

O jornal Clarim da Alvorada, que Dâ- Laudelina cita, foi fundado por sr. José Correia Leite em 1.924 e durou até 1.932.

Este jornal surgiu como um órgão literário, humorístico, mas em finais dos anos 20 (vinte), tornou-se também um instrumento de combate contra a discriminação étnica no mercado de trabalho privado, e mesmo no espaço público. Entre outras práticas, reproduziam e discutiam na imprensa negra, os anúncios discriminatórios existentes em outros jornais da cidade. Como se verifica abaixo:

" Ter um metro e setenta e dois centímetros de altura, no mínimo saber ler e escrever, ter boa conduta, idade mínima 22 (vinte e dois) anos, preferindo-se homens robustos maiores de 25 (vinte e cinco) anos e de cor branca. (O Clarim da Alvorada, 1.929)" (4)

Dâ- Laudelina tinha acesso a todo esse material publicado pela imprensa negra, mas preservava a sua individualidade de pensamento, assim como, divergia das idéias difundidas, por outros militantes negros nessa imprensa. Isto me foi possível observar via a postura do militante negro Arlindo da Veiga em um artigo do jornal a Voz da Raça (ligado à Frente Negra), o qual era partidário de regimes políticos nacionais-socialistas-facistas, em vigor na Alemanha e Itália:

"Nações que se presam, que têm uma doutrina nova e séria como a Alemanha e Itália atuais, não podem permitir que uns pândegos da democracia liberal, os bobões que até hoje vivem gritando os "imortais princípios da Revolução Francesa", os socialistas

anarquizadores, e os comunistas criminosos que pregam abertamente sua estupidez." (5)

Este militante dizia claramente que Hitler estava certo:

"Que nos importa que Hitler não queira na sua terra, o sangue negro? Isto mostra apenas que a Alemanha nova se orgulha de sua raça. Nós também, nós brasileiros, nós também temos raça. Não queremos saber de arianos. Queremos o brasileiro negro e mestiço." (6)

Esta postura de Arlindo da Veiga e de alguns outros frentenegrinos se deu em razão da percepção que estes tiveram da perda de espaço no mercado de trabalho para os imigrantes. O caminho assumido pelos frentenegrinos era de oposição ao branco imigrante principalmente ao italiano, procurando se aproximar do branco (luso-brasileiro) e do mestiço.

Dã. Laudelina ao relatar o motivo pelo qual se alistou no movimento de defesa passiva e auxiliar de guerra (II Guerra Mundial), permite que se vislumbre as bases da divergência existente entre a sua postura e desse militante frentenegrino.

"(O que) me levou a me alistar quando o Brasil estava sendo atacado, estavam afundando os navios. Então eu li o livro que Hitler escreveu, que se chamava "Livro Azul", este livro foi proibido, foi queimado, foi proibido de ler, Getúlio Vargas proibiu, porque era um livro que trazia toda espécie de (maldade).

Hitler foi o maior carrasco que existia naquela época. Dizia no Livro Azul, que ele eliminaria todas as raças que não fossem arianas, principalmente a raça negra seria eliminada. Então

aquilo me levou, me trouxe uma revolta dentro mim, então resolvi me alistar para servir a Pátria."

Quando Dã- Laudelina justifica o motivo pelo qual se alistou na defesa passiva e auxiliar de guerra, fica explícito que ela combatia racismo ao homem oprimido, não apenas ao negro.

O interessante para destacar dessa posição divergente de Dã- Laudelina, é que enquanto o referido líder negro se preocupava exclusivamente com a situação de opressão do negro, por pertencer ele a esse grupo, Dã- Laudelina vai muito além, conseguindo perceber que qualquer tipo de opressão étnica, de gênero, e/ou religiosa, deveria ser combatida.

Ela tinha como ideal a plena igualdade entre os grupos étnicos, e não simplesmente colocar as vítimas em papel de vitimários. Nesta sua colocação aparece novamente não só o aspecto humanístico de sua postura, mas também uma percepção mais clara da realidade brasileira da época.

Uma outra peculiaridade de Dã- Laudelina que a faz diferente das outras lideranças negras do período é que, apesar do jornal o Clarim da Alvorada fazer oposição ao jornal A Voz da Raça, suas propostas se aproximavam das idéias e da mentalidade da elite negra da época.

Assim, tanto o jornal o Clarim da Alvorada, como A Voz da Raça, transmitiam de forma exclusiva a necessidade de se

integrar no mercado de trabalho, e para tanto ambos passam a ignorar todo e qualquer símbolo que os identificassem com uma origem estrangeira. As referências à África dessa forma eram evitadas, sendo valorizados os heróis nacionais como: Luis Gama, José do Patrocínio, Rui Barbosa e também a figura da Mãe Negra.

A elite negra se opunha aos trabalhadores informais negros que se organizavam politicamente na cidade a partir de símbolos afro-brasileiros.

Os dois referidos jornais comentavam a vida dos blocos carnavalescos, do samba, e do cotidiano negro mais simples, mas não deixavam de apontar os símbolos afro-brasileiros utilizados pelos negros que não pertenciam a elite negra como expressão de atraso:

"As nossas sociedades até agora somente folguedos e coisas piores é que tem produzido.

As outras classes se apegam ao capricho para se elevarem materialmente e intelectualmente e daí, constituem a alta camada social, enquanto nós ficamos na baixa...

As farras, as noites que perdemos são pedaços das nossas vidas que se vão." (7)

Dã. Laudelina participou diretamente do cotidiano do negro não pertencente a elite negra, tanto em Santos como em São Paulo. Freqüentava campo de futebol com o marido, os bailes e os sambas, e também residiu em São Paulo em bairros pobres onde o contingente de população negra era maior.

"Nós ficamos (em Santos 1.925, 1.926, 1.927, 1.928), e ficamos de 1.928 até 1.934 em São Paulo, eu morava em Santana, morei na rua Voluntários da Pátria, morei na rua Olávio Ovídio, morei no bairro do Limão. Depois de lá fui para Vila Mariana, morava na rua do Sol, ele estava numa outra construção, eles estavam fazendo um colégio, nós ficamos de 1.932 até 1.933, na Vila Mariana, nós fomos para o Bexiga, morar na rua Jacaré, onde foi fundada a escola de samba.

Em São Paulo eu trabalhava e também me divertia com meu marido, nas quintas-feiras (nós íamos) no Paulistano ou em outro ali perto da igreja do Carmo, bom, o Paulistano também era por ali, e tinha baile a semana toda (e eu ia uma vez por semana)."

Este contato que ela manteve com estes grupos propiciou a Dâ- Laudelina sentir as maneiras pelas quais estes manipulavam os símbolos culturais e conviviam com as suas necessidades materiais.

Assim quando ela pensa na situação material da empregada doméstica, ela sabia que a categoria era formada por mulheres negras e sabia o que isto significava, política e culturalmente.

"A situação da empregada doméstica era muito ruim, a maioria daquelas antigas trabalharam 23 (vinte e três) anos e morria na rua pedindo esmolas. Lá em Santos a gente andou cuidando tratou delas até a morte. Era um resíduo da escravidão, porque era tudo descendente de escravos."

A análise da sua trajetória pontua que ela passou ou tinha conhecimento dos espaços que estas mulheres negras estavam, sejam esses de moradia ou lazer (Barra Funda, Clube Paulistano da Glória) tinha percepção também da discriminação moral que estas sofriam diante da sociedade branca, e também,

como os negros de elite as viam e sobretudo que estas mulheres eram chefes de família, ainda que isto não esteja explícito no relato.

Então o período marcado pelos anos de 1.925 a 1.940, revela que realmente foram as condições enfrentadas pela população negra no mercado de trabalho, que possibilitou a Dã-Laudelina construir uma visão do mundo que neste momento relacionasse e totalizasse a questão de classe, a questão étnica e a questão de gênero.

O que a sua narrativa elucida também é que ela participou de várias facções do Movimento Negro desse período 20, 30, 40, e pode perceber o nível das consciências negras diluídas nos elementos da realidade, conseguindo sintetizar, veicular e catalisar o conjunto de idéias dispersas no meio da população negra organizada em diversos grupos, os quais tinham, apesar dos conflitos, objetivos reivindicatórios comuns, ou seja, acesso ao recursos materiais, mais especificamente o trabalho.

A necessidade de recursos materiais também demarca um espaço étnico, assim como observa-se na análise de B. Batalla que se apoiando na teoria de Barth afirma:

"En sistemas estratificados, la función organizadora del grupo étnico también ha sido empleada como herramienta conceptual para comprender modalidades de la estratificación social, cuando ésta sigue las líneas de la diferenciación étnica."

Estes problemas remiten a teorías de la estratificación y, en última instancia, a teorías del poder, como marcos conceptuales adecuados para ubicar la discusión sobre naturaleza de los grupos étnicos." (8)

O Brasil sempre definido como um país democrático, não assumi ser uma sociedade pluriétnica, na qual o acesso ao mercado de trabalho é claramente demarcado pelas diferenças étnicas, sendo os grupos visivelmente discriminados negros e índios.

Assim o Estado brasileiro critica o racismo e a discriminação étnica difundida pela sociedade, estabelecendo aparentemente suportes legais anteriormente expressos via lei Afonso Arinos: atualmente considerando discriminação étnica "racial" crime, inafiançável.

Entretanto, para o contingente populacional negro, o direito de contratação coletiva e os salários eram, e ainda são diferenciados.

Mas na década de 40 a situação econômica em geral e do mercado de trabalho em particular se altera e passam a ser absorvidos na estrutura econômica, não apenas os mulatos, mas também os negros. Isso posto em função de que a entrada de imigrantes, já havia reduzido e a modernização da indústria nacional se expandia. Esta incorporação era vista como generosidade de Getúlio Vargas, e as contradições raciais perderam as suas expressões objetivas. (9)

O depoimento de Correia Leite, revela a posição da população negra diante dessa situação:

"As contradições raciais ficaram diluídas. Desta forma, o negro pensa que não há mais necessidade de uma imprensa de protesto. Como o jornal "Novo Horizonte", fundado em 1.948, um dos últimos da imprensa negra, a atuação se repete: são os velhos que haviam fundado "O Clarim da Alvorada", que irão ajudar a nova geração. Por outro lado, do ponto de vista organizativo não mudou: os seus fundadores têm de sair com os jornais embaixo do braço para vendê-los ou distribuí-los entre os negros. Por isto em 1.955 o Novo Horizonte desaparece."⁽¹⁰⁾

Todavia nesse período, mais precisamente após a guerra de 45 qual foi a posição de Dã. Laudelina diante dos grupos negros?

É nesse período sobretudo que ressalta em Dã. Laudelina a qualidade de excepcionalidade da qual Goldmann se refere, (já discutida na Introdução), ou seja, "os indivíduos excepcionais exprimem a consciência coletiva melhor e de uma maneira mais precisa do que outros membros do grupo"⁽¹¹⁾; pois ela consegue perceber:

1. Que uma pequena abertura para o negro no mercado de trabalho na década de 40, não resolveria a sua situação econômica-social, política e cultural;

2. As divergências intra-grupo; traça um objetivo de ação junto às diversas tendências do Movimento Negro, buscando

a unidade social e política entre os diversos micro-grupos-étnicos.

Nesse período também ela consegue e aparentemente se adapta aos sistemas de valores dos diversos micro-grupos-étnicos, tendo um espaço para se movimentar entre eles e decidir intra-grupos. (Como se verá a seguir neste mesmo capítulo); os quais se opunham entre si e marcavam suas diferenças, sob a base de seus sistemas de valores, posição social e cor da pele.

Enquanto esses diversos grupos se opunham, Dá-Laudelina teve a percepção da unidade social negra a partir de uma mesma realidade histórica e política, e aqui seria apropriado utilizar a explicação de Bonfil Batalla:

"Cualquier observación empírica, por otra parte, nos muestra que los miembros de un grupo étnico tienen con frecuencia ideas y percepciones que pueden ser muy diferentes y en cierto nivel hasta opuestas y contradictorias, en relación a temas como la caracterización del propio grupo (y de los "otros"), la identificación y explicación causal de diversas situaciones y problemas, la necesidad o no de cambios, la legitimidad de las decisiones internas y muchos asuntos más que, en su conjunto, llegan a constituir verdaderas ideologías a través de las cuales se expresan proyectos alternativos y también concepciones distintas sobre la propia identidad..."

La pratica diferenciada y el acceso desigual a la cultura propia coloca a individuos y grupos en posiciones jerarquizadas e implica el manejo de elementos culturales distintos, o de los mismos en distinta medida. Estas diferencias, sin embargo, no se traducen en culturas distintas y separadas, sino en niveles culturales diferentes que pueden conformar, en algunos casos verdaderas subculturas.

No son culturas distintas, aunque presenten una gama de variantes y contrastes, porque incluyen también contenidos comunes y complementarios: - aquella parte de la cultura autónoma que hace

posible el desempenho de cada uno como actor social. La identidad étnica, en si misma, es un componente indispensable: el saber-se parte de un grupo con limites identificables, que es el campo primero e inmediato de acción social."⁽¹²⁾ - grifo meu

Desta forma, as posturas de Dã- Laudelina diante das discriminações sofridas, foram passando por mutações geradas pelo processo de socialização, politização e pela consciente responsabilidade de ter que agir para mudar a situação do negro. Foram estas transformações que permitiram a ela poder afirmar aos 83 anos:

"Campinas mudou nesses quarenta e dois anos, foram conquistas minhas e do dr. José Alberto, do Evangelista, da Banda de Música dos Homens de Cor e vários outros."

2. LAUDELINA E AS PROPOSTAS DE SUPERAÇÃO DAS DISCRIMINAÇÕES ÉTNICAS EM CAMPINAS

Dã- Laudelina chegou em Campinas em 1.949, e em seu relato ficam explícitos as condições nas quais chegou e como passou a estruturar sua vida e militância no Movimento Negro.

"Depois vim para Campinas, no dia 13 de janeiro de 1.949, num sábado, fui para esta fazenda São José, na estrada de Mogi-Mirim, fiquei quatro anos e cinco meses, lá na fazenda, trabalhando com a família de Santos ... Ela se chamava Benta Silva Vaz Cardoso..."

Depois em 1.953 quando a proprietária faleceu, venderam a fazenda eu vim para Campinas (centro urbano), aqui em Campinas com um vasto conhecimento, eu estava aqui desde 1.949, já ia em festas aqui..."

Então fiquei morando aqui junto com a Leonor, que era uma cabeleireira e trabalhando com a família do dr. Atilio Leitão... A Leonor já era sócia lá (do Clube Cultural), fomos p'ro cultural em 1.953...

Neste meio de tempo, nós começamos já a fomentar p'ra sociedade fazendo as fazendas (ou seja, visitas à população negra rural). Criamos os departamentos de cultura e esportes, então a gente funcionava no Clube Cultural, que fui convidada pelo Machado. Fiquei no Cultural, trabalhava vendendo salgado, mas também na diretoria do Cultural, naquela luta de ver se conseguia elevar o nível cultural do negro, melhorar a situação do negro."

Campinas na década de 50 (cinquenta) de acordo com o já discutido anteriormente, demarcava com muita força, qual era o espaço público que o negro poderia ou não ocupar.

O combate a esse tipo de discriminação (étnica), pelos indivíduos e grupos negros se dava de forma individual ou coletiva, ora forçando a integração dos negros nesses espaços "brancos", ora promovendo uma parcial autonomia do grupo negro, principalmente na esfera de lazer, tendo como estratégia a organização paralela das mesmas atividades que o grupo branco promovia.

O perfil da intensidade das discriminações ocorridas na sociedade campineira em relação ao negro e as estratégias de resistência e enfrentamento desses, podem ser observadas, nas histórias contadas por Dã. Laudelina onde ela relata os feitos de seus companheiros, salientando o dr. José Alberto Ferreira. foto nº 25.

"Conheci ele (José Alberto Ferreira). logo que eu cheguei aqui p'ra cidade (ele já ia se formar)... Nós entramos na luta foi quando o cara que é da televisão que está trabalhando na novela Meu Bem Meu Mal, que briga com a Dã Elza, o Fontoura (ele é campineiro, ele era dono do xarope Fontoura); então ele foi candidato a vereador (em Campinas), ele era um político racista. Então tinha aqui em Campinas um avião chamado "Teco-Teco" que se alugava e pagava dois mil cruzeiros para voar ... ele (dr. José Alberto) pagou para distribuir o folheto, (o qual) desmoralizava o candidato, porque o candidato era racista. Lá (no folheto) dizia que não era p'ros negros votar nele, os negros e os brancos né, porque se ele era racista, era racista com o branco pobre, (pois), o branco pobre também não tem condições é igual ao negro; também era marginalizado e falou uma porção de coisas naquele (panfleto), eu tinha um deles guardado, a muito anos não sei p'ra onde foi. Aí ele perdeu e por isso ele foi embora daqui; depois de muito tempo ele voltou p'ra cá de novo e foi para a Rádio Gazeta. ele já trabalhou em rádio, no teatro e na t.v., vendeu a firma (de xarope)."

Dã Laudelina relata também, a intervenção do dr. José Alberto na Rádio Gazeta de Campinas.

"A Rádio Gazeta ficava quase esquina da Conselheiro Feijó, não entrava negros, as crianças negras não iam na matinê, o Gazetinha era o melhor, e crianças negras não entrava... quando chegava um negrinho na fila ela tirava e punha do lado, chegava um branco ela puxava e punha na fila, aí um domingo antes ele (dr. José Alberto) falou para mim. - "Olha, domingo que vem eu vou ficar na porta do Gazetinha e vou mostrar para Marina Magalhães com quantos uns se faz um dez." Eu pensei já vem sujeira, ele já tinha feito com o candidato racista né, soltou cinquenta mil panfletos de avião na cidade e acabou com o candidato Ele era diretor e essa Marina Magalhães era Secretária da Educação, ela era casada com um dos Magalhães, uma família tradicional aqui em Campinas, ela era casada com o Raul Magalhães, era ela que ficava na porta tirando os negrinhos. Então ele foi, e (viu) que tinha acho que cinco, dez ou quinze negrinhos, ela os tirou e pôs do lado, e o que ele fez, com aqueles que foi ficando do lado? Ele (foi) e ficou perto deles, quando a fila estava quase terminando aí ele atravessou a rua com aquele monte de negrinhos e foi na fila, e quando chegou na porta ela pôs a mão na cabeça e disse: "Como que vocês estão na fila se vocês não podem entrar?" - Vocês estão proibidos de entrarem aqui." E o doutor Ferreira disse: - "Não, eles vão entrar porque eles não estão proibidos de entrar aqui, pois aqui é uma rádio e a rádio é pública, e esses mantimentos que vocês dão para os brancos é público, vocês não

cobram então os negrinhos também podem." Aí ela disse que ia chamar o diretor, e ele disse: "Não vai chamar o diretor, porque eu vou bater nele também." Daí ele empurrou ela do lado e falou para os negrinhos entrarem, (eles entraram) daquele dia em diante acabou. "

No Jóquei Clube o negro também não podia entrar, e também o dr. José Alberto interveio.

"Depois foi a (conquista) do Jóquei Clube. O negro não podia entrar no Jóquei Clube, pois o pessoal que entrava lá era muito importante. Nos grandes prêmios só entrava branco de fraque e cartola... O negro não podia entrar para assistir as corridas; negros podiam jogar assim tinham umas cabines como se diz? e ocultas, sei lá o nome que eles dava, o negro fazia o jogo... depois eles entregavam p'ro negro lá na frente, negro não tinha direito, concorria no prêmio mas não podia assistir.

... O Jóquei Clube estava no centro da cidade e não podia mais ficar ali, então ia mudar, o último grande prêmio (realizado ali) foi muito comentado nos jornais, rádios, tudo anunciava a transferência do Clube que mudou para a Boa Vista.

Nesse último grande prêmio ... veio o Ademar que era governador de São Paulo, veio outros políticos e o dr. José Alberto disse que ia também ... pôs o melhor terno que ele tinha, se engravatou todo, pôs chapéu. Porque naquela época quem andava sem chapéu era vagabundo.

Quando ele chegou no portão, dois porteiros, um leão de chácara (de um) lado e outro do outro lado, ele chegou e entrou ... tirou o chapéu e ia entrando, eles pularam na frente dele e (um dos) porteiros que também era negro disse que ele não podia entrar. Ele disse: "Por quê que não? "

Diante dessa exclusão do negro na sociedade campineira, D^{ca} Laudelina começa sua ação de combate a discriminação, organizando atividades na esfera educacional, cultural, social e do lazer, por exemplo, o baile das Debutantes

Negras, bailes para eleger a beleza negra ou fundando uma escola de bailados clássicos para negros.

"Aqui em Campinas, meninas negras não podia debutar.

A gente dentro daquela postura no clube nós montamos o grupo negro de cor, mas não tinha professora negra p'ra dirigir e as brancas não iam...

Eu desisti, deixei o clube e montei sozinha a escola de elementos negros, porque haviam duas escolas uma da filha do Lix da Cunha e outra era de um negro com um branco, mas o negro não aceitava (as negras), porque ele era preconceituoso, não aceitava movimentos Negros, não aceitava nada.

Então nós aí conseguimos com essa professora negra p'ra dirigir porque as brancas não iam."

2.2. A ORGANIZAÇÃO DE PROJETOS EDUCACIONAIS

A educação como estratégia de resistência e luta sempre foi uma proposta presente nas discussões e ações negras. Em Campinas por exemplo, uma dessas tentativas foi a criação do Colégio São Benedito, o qual em 1.903, pertencente a Irmandade de São Benedito, ligando-se em 1.911, à Federação Paulista dos Homens de Cor.⁽¹³⁾

Dã. Laudelina também mostrou ter no decorrer de sua trajetória uma preocupação na formação educacional do negro, tanto no que se refere ao aspecto formal, quanto ao informal.

A escola de bailados Santa Efigênia, fundada em 1.955 em Campinas é reflexo dessa preocupação. Neste período Dâ- Laudelina estava militando em conjunto com o Clube Cultural do Recreativo, e em razão das divergências internas, ela deixa o referido clube e monta sozinha a Escola de Bailados.

Para realização desses projetos Dâ- Laudelina precisou procurar uma professora negra de São Paulo, pois na escola de branco, negro não entrava e professora branca na escola de negros não lecionava.

O depoimento que se segue elucida perfeitamente a natureza e objetivos dessa escola:

"A profâ- Léo Tigre vinha de São Paulo lecionar (para) um grupo de brancos aqui em Campinas, numa sociedade chamada Saudade de Campinas. Ela vinha duas vezes por semana lecionar: quarta e sexta-feira. Depois ela passou a vir três vezes por semana para Campinas, uma vez p'ra escola dos brancos e outra vez p'ra nossa escola. O nome dela era Léo. Eu a conheci por intermédio de alunas das famílias conhecidas da gente ..., me levaram p'ra conhecer a professora. Fui um dia assistir a aula, conversando com ela, eu disse que tinha vontade de que Campinas tivesse (escola) para as meninas negras que a gente não conseguia aqui nas escolas do branco. Ela disse:

- Por quê vocês não organizam, aí eu venho dar aula p'ra vocês. Então eu falei:

- Pode ficar. Você garante que vem lecionar as aulas; nós vamos procurar um local!

Aí, então, fomos falar com o prefeito que havia uma casa na rua Cônego Cipião ...; se ele podia ceder a casa p'ra gente se instalar. Ele cedeu, (a casa ficava) perto da Legião Brasileira; que eu trabalhava também com a Legião Brasileira.

A casa era onde nasceu um Prefeito, Sérgio Rodrigues, era toda de tijolo à vista, tinha dois andares, era na rua Cônego Cipião, mas

lá em cima, pertinho do viaduto. Nós passamos a organizar, montamos tudo, começou-se a fazer as inscrições. Os primeiros alunos foram os Baltazares, que era família mais conhecida, aliás a maior família de negros de Campinas. Em 1.964-1.968, constituía a família maior de Campinas. Tinha trezentos e poucas pessoas, agora não sei já está casando bisnetos, então já aumentou mais; mas faleceu o pai, a mãe e os irmãos. Haviam o curso de bailados clássicos, curso de sapateado e o curso de danças modernas, danças populares. Instalamos a casa, a Prefeitura ajudou, o Prefeito ajudou com móveis, com tudo que nós instalamos na casa.

Nós tivemos um grande número de alunos brancos e alunos e alunas; porque havia aula de dança moderna. Tinha p'ra cavalheiros, rapazes, p'ra moças, bailados p'ra crianças e moças. Nós fundamos o teatro p'ra também dentro dos bailados clássicos, funcionar a parte teatral então, nós apresentávamos peças teatrais (em) benefícios."

O espaço onde funcionava a escola de bailados não se restringiu à transmissão de conhecimentos formais de dança e de música, mas se estendeu também à esfera do lazer e a um espaço de educação informal para os jovens. Este espaço também era usado por outros negros que desejassem socializar o seu conhecimento; é o que se pode observar no depoimento que se segue:

"Fazíamos um movimento porque era uma casa muito grande, uma casa de dois andares, tinha espaço p'ra tudo, ali tinha grupo de crianças, tinha grupo de jovens. A gente fazia bailinhos, fazia matinê. Fazia ali no quintal. O quintal era muito grande, desses quintais antigos né, com árvores, plantas. Então nós montamos no quintal uma espécie de carrossel, ... tinha jogo de pesca, tinha pesca, ... nós fizemos casinhas de coelhos, tinha tudo. Era uma quermesse permanente, funcionava: sábado, domingo e feriado.

Nesse meio de tempo que a gente tava fazendo esse movimento, então esse profº Souza, que eu mostrei a fotografia p'ra você, ia nas nossas festas, ele tocava violino, conseguiu levar um órgão. O prefeito emprestou um órgão p'ra gente, ele levava alunos dele p'ra fazer a apresentação, ele no violino os alunos no órgão; então começou a entrosar com mais pessoas ele (profº José Souza), era vizinho do dr. Valdemar que era Juiz de Menores. Ele convidou o juiz p'ra ir lá, um domingo. Nós estávamos fazendo uma festinha no domingo e o Juiz e a senhora dele (vieram). Ele

(o juiz) achou muito interessante aquilo e daí se pôs também que ele tinha vontade de ... organizar uma sociedade em que menores abandonados, e que havia muita dificuldade, porque os próprios colegas dele interferiam e que ele estava achando ali um local muito bom; e que seria bom se a gente pudesse ajudar.

Então nós entramos em conjunto com ele, assim, aumentou o número de pessoas para trabalhar, lá então tinha o grupo de jovens e rapazes que ficava na portaria, ficava no bar e tomava conta do salão. Tinha o grupo das moças que organizavam festas, tinha o diretor de teatro que era o Roberto (ele), mudou p'ra São Paulo, ele tinha um teatro folclórico, tinha a escola de bailados e apareceu um professor p'ra preparar as pessoas p'ra discursos. ... Preparou vários oradores, inclusive eu fiz o curso de oratória, aí criou-se uma diretoria de nós para com eles então funcionava as duas juntas."

Dã. Laudelina tinha uma relação muito boa com crianças e com jovens. Provavelmente, ao reuni-los na Escola de Bailados, lhes eram transmitidos todo um conjunto de valores e informações, qual Dã. Laudelina acreditava serem importantes; como ela falava, para a "libertação da raça" e construção da identidade étnica negra.

O depoimento do sr. Sampaio pode ilustrar a sua preocupação com a juventude:

"Já tinha um grupinho que já entendia ela, então ela gostava de negrinhos e negrinhas sempre bem vestidos, ela não gostava de gente assim não (mal vestido), ela gostava bem vestido, mesmo para passear com ela, se fosse menino colocava gravata e terno e se fosse menina traje de baile de gala, bem arrumados e ela também se arrumava muito bem, ela não gostava de ir de qualquer jeito... p'ra acompanhar ela, estar junto com ela porque ela era mesmo vaidosa, viu?" (14)

O depoimento do sr. Sampaio ainda informa a metodologia que ela utilizava na organização desses jovens negros.

"E toda semana ela reunia a turma.

- Vamos fazer isso, vamos fazer aquilo.

Era marcada a reunião no centro (da cidade), nós fazíamos muitas reuniões lá no A.C.I. (Associação de Imprensa de Jornal), então eles cediam aquela sala para nós, que era no centro, aí nós se reunia lá.

Então ela dizia:

- Bom esse mês nós vamos fazer isso, o que vocês acham?

- Então vamos fazer, então vamos sair trabalhando, você e você vão fazer isso, você e você vão fazer aquilo, você vai no jornal, você vai fazer pintura..., e se você não puder me avisa que eu mando outro fazer, e aí nós iamos para campo, a parte social por exemplo do dinheiro da sociedade, tem que ir na Prefeitura ver, você tem que ir no Juizado de Menores, para entrar tudo, aonde ela ia, ela conseguia tudo, eu deixava essa parte para ela, a parte burocrática que chama, né?" (15)

Essa metodologia e estratégia de ação parece não ter sido diferente à de alguns militantes negros dos anos (1.927 a 1.960), e de instituições dos mesmos períodos, como Centro Cívico Palmares (1.927), e a Frente Negra Brasileira período (1.930-1.933), que procuravam promover a educação do negro, entendendo-o não apenas no sentido estrito da alfabetização, mas principalmente no sentido político discutindo, com a coletividade, os problemas sociais enfrentados pelos negros tentando sensibilizá-los e conscientizá-los, por exemplo para

comprarem terrenos na periferia de São Paulo, fazer economias e assim saírem dos porões, favelas e cortiços.⁽¹⁶⁾

Entretanto, a educação via escola formal era muito importante para Dã. Laudelina, conforme explicita o depoimento do sr. Sampaio que se segue:

"Ela procurava as crianças para ir na escola, ... Ela ia na casa dos pais, ela encontrava na feira, encontrava na rua, ela vivia assim, para o povo negro... Ela falava:

- Escuta, nós precisamos lutar gente ! Porque eu sou filha de escravos e descendentes de escravos mais perto, eu vi a escravidão, vocês podem ser professores, podem ser médicos, doutores, você pode ser doutor. Ela punha na cabeça da turma se existem escolas que era p'ra se formar, que ela não teve isso, essa força..."⁽¹⁷⁾

A preocupação de Dã. Laudelina também se estendia para a profissionalização dos negros, que em sua maioria não podiam por razões econômica-financeiras naquele momento cursar escolas profissionalizantes ou a universidade.

Assim, em 1.965-1.966, Dã. Laudelina aproveitando o convênio entre a Promoção Social da Prefeitura de Campinas e o Ministério da Educação e Cultura (MEC), inscreve o Clube Cultural para a realização dos cursos de formação de pedreiro.

"A verba veio, nos lembramos até hoje, o valor já naquela época deu dois mil e quinhentos cruzeiros de assistência.

O nosso Clube, foi feito por intermédio da Dã Nina, nós conseguimos pelo MEC, formar quinze pedreiros. O MEC dava todo o material para formar o aluno, mas como é um Clube Cultural, Clube da Raça Negra, eu tinha que procurar os negrinhos p'ra ser

pedreiros. P'ra mim conseguir quinze, não consegui ! Até eu precisei fazer o curso de pedreiro, cento e vinte aula, tivemos que pegar os meninos brancos de fora para completar quinze, porque justo a época do Carnaval e tinha o São Bernardo já com uma escola de samba.

Escuta vocês não querem entrar numa escola de pedreiros, assim vocês já saem com carteirinha de pedreiro e daqui já saem trabalhando pelo MEC." (18)

2.3. A ORGANIZAÇÃO DO LAZER E ATIVIDADES CULTURAIS

2.3.1. OS BAILES

Dã- Laudelina se tornou especialista na organização desses bailes, recebendo convite para organizá-los em outras cidades do interior de São Paulo, como por exemplo em São Carlos.

"A Dã- Nina estava sempre no meio, ela quem procurava, que escolhia e preparava a menina e fazia o baile. O baile era de gala (todo ano também se promovia) o baile das garotas campineiras, o baile era popular, mas as rainhas eram sempre negras, tinha que ser preta.

Teve um concurso Bonequinha do Café, lá em São Paulo a Marlene, quem fez o vestido foi uma grande modista em Campinas, uma firma deu os sapatos, outra firma o traje esporte, o baile foi no Monte Líbano, ela só não ganhou porque houve cambalacho e a que ganhou nem era negra (mulata), na comissão julgadora tinha muitos brancos; correu dinheiro, mas tudo bem, a Marlene ficou com o troféu de Miss Simpatia, um troféu simbólico." (19)

O Baile Pérola Negra, foi o primeiro organizado em Campinas por Dã- Laudelina em 1.957, e dentro da perspectiva das

organizações negras, locais e estaduais foi um sucesso. Pela reportagem realizada pela revista "O Cruzeiro", este evento repercutiu por todo o Brasil.

"Pela primeira vez no Brasil a sociedade negra de uma cidade realizou um baile de gala e escolheu a sua rainha no ambiente suntuoso de um teatro municipal, congregar-se numa festa que alcançou o mais amplo sucesso. Foi em Campinas (no estado de São Paulo), que o jornal "Diário do Povo", resolveu concretizar um dos velhos sonhos da numerosa família negra organizando e levando a efeito o concurso que escolheria a Pérola Negra de Campinas. ... Bastou que a idéia fosse anunciada para receber o integral apoio da Associação Cultural dos Negros do Estado de São Paulo

O vice-governador de São Paulo Porfírio da Paz presidiu o júri que escolheu a mais bela jovem de cor de Campinas." (20)

Conforme o depoimento de Dã Laudelina a idealização a organização do evento Pérola Negra, partiu do próprio grupo negro, recebendo apoio do jornal "Diário do Povo", para sua concretização.

"No término de um dos festivais 6 de janeiro de 1.957, em benefício da Fundação da Casa dos Menores..., professor José de Souza, eu (Laudelina), Jair Clemente e outros elementos, ... descemos para levar as meninas que tiveram participando da festa quando chegamos no Largo da Catedral paramos, começamos a conversar preparando o programa das seguintes festas, quando Jair Clemente olhando para amanhecer do dia disse:

- Nós não podíamos fazer um festival homenageando a raça negra? Que Tal a Pérola Negra, a senhora ficaria na coordenação das candidatas para a seleção.

Então ficou, convidamos as candidatas, (vinte jovens foram inscritas), houve seleção, logo em seguida do lançamento do concurso nós fizemos um coquetel no "Lo Chiavo (um dos lugares mais fino da cidade), levando em conta a formação moral e o grau intelectual, deveria selecionar nove entre vinte concorrentes. Apontadas as nove semi finalistas, procedeu-se a eleição pública

que apontaria as cinco finalistas⁽²¹⁾. (Este restaurante) ficava na rua Gal. Osório onde é padaria Pingo de Ouro e Tecido Hering.

O concurso foi instituído por votos, elas venderam os votos estes depositados numa urna no Diário do Povo, todo final de semana a comissão fazia a contagem e era publicado pela empresa, o Diário do Povo patrocinou uma parte do concurso.

Houve a classificação final, das nove entre essas cinco finalistas; Marcília Gama, Cícera de Oliveira, Maria de Fátima de Andrade, Odete Amaral e Lucila Duarte. Ganhou a Marcília Gama."

Através ainda da reportagem da revista o Cruzeiro, é denunciada a falta de espaço físico, sentida não só em Campinas mas também em outros meios negros:

"A sociedade negra de Campinas não possui salão de festas, dadas a grande procura de ingressos, somente um local bastante amplo serviria. O Tênis Clube não poderia ceder seu local porque já havia marcado o baile da " Glamour Girl ".

A única solução seria o velho e austero teatro municipal. Mas esse teatro, já possuía uma tradição bastante antiga. Ali havia somente um baile por ano. Era a apresentação das debutantes da sociedade hípica, nada mais, nada menos, do que a fina flôr da sociedade da terra."⁽²²⁾

Mesmo com a falta de espaço em 26 de outubro de 1.957, realizou no Ginásio Campineiro de Regatas, o baile Menina Moça.

O baile Menina Moça, ou seja, das Debutantes já aconteciam em Campinas, mas as famílias negras não podiam participar conjuntamente. Assim D^a. Laudelina toma a frente e organiza o primeiro Baile das Debutantes Negras da cidade, mesmo com os imprevistos e discriminação sofridas conforme relata:

"O baile estava marcado. A Hípica dava o baile das debutantes brancas no Teatro Municipal; o tablado era deles, não era do município. Então, tudo pronto, convite vendido tudo, aí fomos falar com eles, p'ra eles alugar o tablado p'ra nós, e a diretoria se negou porque era um baile de negros; não queria que (negro) dançasse no tablado do branco. Ai nós fizemos um protesto nos jornais de Campinas; eles cederam, nós pagamos sessenta cruzeiros, naquela época era um dinheirão, né?" (24)

O prospecto (anexo) utilizado para divulgar esse evento explicita a sua natureza:

"Quem foi ao Baile de Gala Pérola Negra sabe como será. Primeiro Baile das Debutantes Negras (e) serão apresentadas as debutantes da sociedade negra de Campinas, Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Piracicaba, Jundiaí, São Carlos, e muitas outras cidades.

As meninas moças da elite negra de todo o estado de São Paulo num acontecimento que tão cedo não se esquecerá." (anexo II)

Para prestigiar este evento a elite negra campinense contou com a presença de Ruth de Souza, que foi a madrinha das debutantes participantes do baile.

Analisando também a foto nº 19, se percebe que tudo transcorreu e se reproduziu conforme os costumes da sociedade branca da época, com a cerimônia da troca de sapatos (na qual a debutante deve trocar os sapatos baixos pelos sapatos de salto), e também com as roupas que buscavam uma similaridade as utilizadas pelos os brancos.

Nesses bailes (Menina Moça, Pérola Negra e outros bailes de gala), o bom comportamento também era observado e talvez de forma mais rigorosa do que no próprio ambiente branco,

o estudo de J. C. Gomes da Silva revela que até os anos 50 (cinquenta), as associações recreativas dançantes freqüentadas pela elite negra determinavam regras de comportamentos morais, através de lembretes por sobre a mesa: *"mantenham a ordem, respeito, educação e compostura"*. Sendo que a proibição de danças populares consideradas imorais também eram comum como: gafieira, bataclan e quadradinho. (24)

É interessante aqui frisar que no baile Pérola Negra, a revistas o Cruzeiro e Manchete realizaram a cobertura jornalística do evento, provavelmente dada a presença do vice-governador do Estado Porfírio da Paz , que na ocasião veio dançar a valsa com a vencedora.

No baile Menina Moça, a elite campineira também aguardava a presença das revistas anteriormente citadas, mas parece que a espera foi frustrada, pois neste baile não havia a presença de políticos famosos e a revista Manchete e Cruzeiro não vieram fazer a cobertura conforme combinado. (25)

Na história da vida de D^a. Laudelina a prática de organização dos bailes é recorrente e, além destas atividades, se mostrarem uma forma de superação da discriminação e do racismo na esfera do lazer, estas também tinham outras finalidades. Esses bailes em Santos eram realizados também na tentativa de se conseguir dinheiro para manutenção das atividades beneficentes da Associação das Empregadas Domésticas. Em Campinas esta prática

continuou, e a renda se volta para as organizações negras, e posteriormente, para a Associação das Empregadas Domésticas. O baile do concurso Pérola Negra por exemplo, teve sua renda revertida em benefício do posto de puericultura Beatriz Helena (posto misto), e cooperação musical dos Homens de Cor. (26)

Esses bailes pelo que se é possível observar, aconteciam em espaços suntuosos, que comumente os negros não poderiam freqüentar para lazer, mas apenas como serviço.

"Em 1.937, nós fizemos um baile muito chique, nós conseguimos com o maior hotel, o hotel chamava-se Palace Hotel, então a gente conseguiu fazer um baile beneficente traje a rigor. Os negros de traje a rigor e os brancos. Os (negros entravam neste hotel) só para trabalhar, cozinheiros, copeiras e faxineiros, nós (negros) e os brancos montamos o baile... Foi tudo muito bonito, tudo muito bom, pela primeira vez o negro entrou no hotel mais chique (de Santos). O dono dele era conde.

(Nós fizemos) um outro baile após a guerra, nós conseguimos por intermédio do grupo de senhoras católicas promover um baile ... no hotel Pacarolli, grande Hotel Pacarolli, foi o maior sucesso, os negros estavam lá só para trabalhar para ser faxineiro, neste hotel (que fica) na praia do Gonzaga ... o dono era italiano muito rico ... No baile só entrava quem estava com traje a rigor ... A maioria (dos negros) que não pôde ir, porque não teve condições, meteram o pau, disseram que a gente queria ser o que não era ...; então criou aquela animosidade ..., a vice-presidente começou a me atacar. (vice-presidente da Associação das Empregadas Domésticas)"

Como se pode verificar pelo exposto, Dâ- Laudelina narrava com orgulho esses acontecimentos, o texto sugere que conseguir ocupar o mesmo espaço que o branco (ainda que de forma segregada), propiciava ao negro demonstrar ao branco igualdade.

Contudo esta estratégia reforça e reproduz uma desigualdade já existente entre os grupos negros, conforme discutido no capítulo II dessa dissertação, e também abordado por Von Simson e por José Carlos Gomes da Silva.⁽²⁷⁾

Assim os serviçais negros e muitas domésticas, não podiam ocupar esses espaços (branco, chique e rico), mesmo nas poucas vezes, nas quais o negro nestes tiveram acesso. Eram bailes beneficentes mas a maioria dos beneficiados não poderiam usufruir diretamente. Essas programações eram destinadas a "elite negra" do traje a rigor.

A reação da vice-presidente da (Associação das Empregadas Domésticas), a esse acontecimento citado no depoimento anterior vem elucidar a instauração da discórdia entre as militantes negras, das organizações negras nas quais Dã. Laudelina militava (incluo aqui também a Associação das Empregadas Domésticas). Provavelmente, as empregadas domésticas e outros negros que não participavam dessas festas pela questão financeira, não se sentiam discriminados e excluídos apenas diante da sociedade branca, ou mesmo diante do grupo negro de elite, mas sim diante do seu próprio grupo de militância; o que justifica a discordância da vice-presidente da Associação à estratégia política de Dã. Laudelina em conduzir algumas das suas atividades.

Todavia, tendo Dã- Laudelina uma proposta política, declaradamente não elitista, o que a levou a partilhar da proposta do grupo negro de elite?

Dã- Laudelina sempre dizia: "*Temos que trabalhar em conjunto para "libertação da raça."* Assim a organização de bailes não seria o prioritário para Dã- Laudelina, mas era o prioritário para essa parcela significativa da população negra a qual teria que se aliar e negociar para atingir o seu objetivo último - "a libertação da raça" - e para tanto ela teria que partilhar algumas das propostas do grupo. Dã- Laudelina também acreditava que o negro tinha que ter acesso a todas as coisas que o branco tem, e deveria ocupar todos os espaços que o branco ocupa, além das ideologias desses espaços (burguesia ou proletariado). Contudo Dã- Laudelina não era dependente de nenhum grupo organizado. Exemplificando: em 1.955 diante da falta de cooperação do Clube Cultural na organização de uma Escola de Bailados, ela funda sozinha a Escola de Bailados Clássicos Santa Efigênia.

O depoimento do sr. Sampaio também revela esta autonomia e independência dela junto a esses grupos.

"Ela não ocupava nenhum cargo lá no Cultural, mas ela era a dona da situação, ela dizia vamos fazer isso, vamos fazer aquilo. Então nós fazíamos. Chá beneficente, almoço. Então ela era uma brasileira batalhadora, em Campinas ela só não fazia chover, porque não podia, mas o que ela queria a turma toda apoiava, e a gente sempre com ela, ela era uma força ali com a gente." (28)

Agora tratando-se especificamente dos bailes para eleger a Rainha da beleza Negra, evidencia-se um racismo estético. A cultura brasileira institui que o padrão de beleza é europeu, assim para o branco, a mulher negra estaria esteticamente impossibilitada de disputar um concurso de beleza junto com a mulher branca.⁽²⁹⁾

Assim, a promoção de bailes para a eleição da beleza negra, organizados pelos grupos negros, corroborava que a idéia da inferioridade negra se difundisse.

Na história de vida de D^â- Laudelina, a organização desses bailes apesar de ter uma repercussão a nível estadual e colaboração de uma parcela da sociedade branca santista e campineira, a separação era nitidamente mantida, pois as mulheres negras eleitas nesses concursos, não participaram dos concursos de Miss Campinas como concorrentes. Através de uma carta que D^â- Laudelina recebe em 1.962, da Comissão Elite Campinas (comissão essa que era composta também por elementos negros e tinha como finalidade organizar o baile para eleger a Miss-Campinas de 1.962), fica explícita a participação lateral e secundária da mulher negra.

"Abrilhantando e prestigiando o acontecimento, estará presente a "Bonequinha do Café" eleita na Capital Bandeirante."⁽³⁹⁾

Essa parcela da sociedade branca campineira tida como liberal reconhece, a possibilidade da existência de uma representante da beleza negra, e lhe atribui um status dentro das festividades, contudo, não lhe confere o direito e status suficientes para participar de um concurso junto com uma mulher branca.

Dessa exclusão e imposição da elite branca a própria "elite negra campineira" participou ativamente, uma vez que ela fazia parte da comissão organizadora do concurso Miss-Campinas. Mas tudo indica uma aceitação da separação de forma tranquila, que pode ter sido estratégica, pois era espaço possível de ser conquistado naquele momento pelos grupos negros, na organização de um evento de caráter municipal.

Uma outra questão a ser tratada é que para organizar os eventos destinados à população negra, o grupo negro como um todo dependia do branco social e politicamente bem posicionado e que não explicitasse conscientemente o seu preconceito contra negro. O apoio do grupo branco acontecia na organização e programação se estendia ao convite de participação do branco comissão julgadora, o que aparentemente legitima a incapacidade negra decantada pela sociedade branca e denota por outro lado ser uma estratégia da negociação com o grupo branco.

Todavia as imposições se estendiam também, ao branco que estava nos eventos apenas como participantes, a exemplo do ocorrido no baile Pérola Negra.

"Aí alugou-se o Teatro, então aconteceu o seguinte: nos camarotes e nas frisas ficavam os brancos, os ricos que foram assistir; em baixo, no salão tava os negros dançando e as neguinhas entrando... porque todo mundo fez vestidos riquíssimos, muito bonito. E os brancos também tinha que ir de traje à rigor, senão não entrava, mesmo pagando. Foram..., os homens foram a rigor, as mulheres também p'ra assistir, mas não resistiram e pediram p'ra descer. Veio uma turma, desceu, e dançou, né ? No baile tudo, né? (31)

2.3.2. AS ESCOLAS DE SAMBA

O único registro que mostra a participação de Dã-
Laudelina nas escolas de samba de Campinas são as fotos nº 30 e 31.

Essas fotos são "frias" em razão de não havermos efetuado as leituras, mas como Dã-
Laudelina participou conjuntamente da divisão das mesmas, chegou a explicar rapidamente como se deu a sua participação.

"Eu nunca sai em desfile, mas participava da organização de duas escolas de samba. aqui em Campinas. Eu cuidava da decoração. Uma escola chegou a ganhar dois anos seguidos."

Mas, ao perguntar a um depoente sobre a participação de Dã- Laudelina nas escolas de samba, ele me responde:

"Bom, a Dã- Nina não era muito de escola de carnaval não. Eu nunca ouvi dizer que ela já tinha dirigido uma escola de samba. Ela era mais societ, em carnaval ela não era muito não... E nem participar assim de ajudar a escola de samba não, essa turma de escola de samba não é uma turma que está com a cabeça igual a nossa; assim, sabe como é? Uma turminha meio assim, sabe como é? Escola de samba vai quem quer, geralmente é no ar livre, chega lá é uma turma que só está afim daquilo... Educação ali não tem. Escola de samba é escola de samba. Bebem muita pinga, muita cachaça, vivem lá de qualquer jeito, brigam muito... Presidente de escola de samba não tem cultura nenhuma, para dirigir uma coisa direitinho, pode ver, é difícil; porque o povo é muito pequeno, é grande no volume, sabe como é que é? Mas a parte pequena Dã Nina nunca admitiu mexer, nunca entrou, o grau dela é acima, o de samba, sabe como é... não? Dã Nina não, ela é de outra linha, muito boa, muito bacana, mas com escola de samba na rua... O clube, nossa luta com dificuldades, o clube nosso é um clube de punho fechado, porque se o clube cultural de Campinas fosse de forma aberta em muito pouco tempo ele ia.

Geralmente, eu vou te apresentar como sócio do clube, então eu tenho que pegar sua biografia, quem é você, quem são sua família, onde você trabalha, você lá no clube é uma sócia, qualquer coisa errado vão falar; essa turma não admite erro, se for pra mim apresentar uma pessoa eu tenho que ver a pessoa primeiro; se não ela pode me dar dor de cabeça, porque lá é um clube idôneo, nosso clube tem personalidade jurídica, nós estamos na mesma faixa do Regatas, do Grêmio... é que é um clube pobre, mas nós tínhamos uma área de terra de seis mil metros quadrados; tem um telefone, uma quadra de basquetebol." (32)

Quando eu perguntei ao sr. Sampaio sobre a participação de Dã- Laudelina nas escolas de samba, não havia lhe contado sobre a existência das fotos e sobre as informações que ela havia me passado a respeito.

Assim em seu discurso ele reafirma uma divisão entre a população negra, via a manipulação dos símbolos étnicos. E segundo o depoente, fazer parte de um grupo que demarca suas diferenças a partir da utilização da cultura afro-brasileira, é estar *"perto de um povo muito pequeno"*.

Dessa forma o sr. Sampaio enquadra Dâ- Laudelina no micro-grupo-étnico no qual ele está inserido - o grupo da elite Campineira - afirmando: *"Dâ Nina nunca admitiu mexer, nunca entrou, o grau dela é acima o de samba, sabe como é?"*

Este fenômeno é explicado por Bonfil Batalla da seguinte maneira:

"La amplitud de las diferencias que pueden coexistir, así sea conflictivamente, en el seno de un grupo étnico, depende de la complejidad y característica de su organización social así como de los contenidos concretos de su cultura autónoma; los sistemas difieren en su grado de flexibilidad y tolerancia para admitir divergencias sin que se llegue al límite en que por alguna vía se cancele la pertenencia al grupo (se negue la identidad étnica) de quienes se alían en la tendencia menos poderosa." (33)

Prestando o depoimento anterior, o sr. Sampaio talvez pensasse dentro de sua escala de valoração, proteger a imagem pública de Dâ- Laudelina. Mas o mesmo depoente diz:

"Ela ia na casa dos pais, ela encontrava na feira, encontrava na rua, ela vivia assim, vivia para o povo negro." (34)

E o que se observa, é que a escola de samba na qual Dã- Laudelina participava era um espaço quase que exclusivamente negro. Portanto, se o seu objetivo era estar ao lado do povo negro, lutar pela "libertação da raça", a escola de samba era um espaço que ela também evidentemente contemplou.

2.3.3. O 1º SALÃO DE BELAS ARTES

Em 1.963, Dã- Laudelina, junto com Braúlio Mendes Nogueira, dr. José Alberto e Mário de Oliveira idealizaram o "I Salão Campineiro dos Amigos das Belas Artes".

"Foi quando eu dei a sugestão p'ra fazer a exposição. Ai um dia conversando com o Braúlio naquela época a gente tinha o teatro, então Braúlio dizia p'ra mim arranjar alguma coisa p'ra gente ocupar o teatro, ocupar o espaço (riu), não tinha nada, vamos fazer alguma coisa, uma apresentação, uma palestra.

- Você sabe Braúlio, faz tempo que estou com isso na cabeça então eu estou pensando agora, eu vou falar p'ra você que eu estou pensando. Eu estou pensando em fazer uma exposição de Valores Negros.

- Ótimo, ele se levantou, vamos fazer sim. Vamos organizar, realizar.

Sentamos, ele começou a perguntar como eu queria, então eu comecei a falar que a gente poderia apresentar: pintores, trabalhos, manuais, trabalhos artísticos, cerâmicas, música, tudo né..., jornal, tudo isso. Apareceu o jornalzinho do Baltazar que é o Hifen. Foi inaugurado naquele ano e a Geni com a poesia, o Baltazar com a música, foi ele que escreveu a valsa das debutantes. Tinha um cunhado dele que pintava muito bem e por duas vezes quis fazer uma exposição e não conseguiu - faleceu, né o seu Luizinho."

A discussão de porta em porta, e o combate ao auto-preconceito foram sempre a metodologia e os objetivos de Dã-Laudelina.

"Nós começamos a convidar (as pessoas), fomos na casa do seu Luizinho, ele já tinha quadros prontos, ele pintou mais, conversando com este rapaz que você viu a fotografia na casa dele o Raimundo, naquele época a gente estava fazendo o movimento do elemento negro, era o dia abolição, nós estávamos fazendo o movimento do aniversário da abolição. Aí convidamos o Raimundo e começamos a convidar o pessoal, depois veio de força da também Piracicaba, veio Jundiá, que também expuseram. Daí nós sentamos p'ra compor a exposição.

Organizamos, eu comecei a convidar, a visitar o pessoal, e a incentivar, tinha muitos que diziam:

- Será que vai dar? Eu dizia:

- Gente vamos, vamos, vamos, e aí conseguimos; foi o maior sucesso a exposição."

Este trabalho foi reconhecido dentro da cidade de Campinas, conforme documento anexo II, e também em todo Estado de São Paulo, e em outras regiões do Brasil.

"Nós fizemos, foi muito comentado, nós tivemos alguns visitantes do Rio Grande do Sul que veio conhecer.

Sérgio Menezes, mandou o secretário dele, porque o Sérgio Menezes é o diretor do Instituto de Cultura não sei que lá de São Paulo, Sérgio Menezes é muito falado, é um escritor, já escreveu muitos livros, sobre o negro, então ele mesmo diz que aquela contribuição ainda é pouco."

As atividades eram sempre realizadas com o apoio do comércio local, e sempre com a ajuda de pessoas brancas bem posicionadas, sendo esses políticos ou não.

"Nós fizemos coquetel, a indústria do Marquinho ofereceu a bebida, uma confeitaria ofereceu os salgadinhos. Nós fizemos um coquetel no saguão do teatro, era lindo a entrada, estilo barroco, né?

Então fizemos o coquetel convidamos as autoridades, as pessoas que estavam na fotografia, outros pintores famosos nós convidamos, discursaram na abertura, convidamos o Prefeito."

A organização do teatro experimental do negro, também é exemplo do branco nas atividades negras e da negociação existente a partir desse apoio, que quase sempre conferia ao branco um cargo de liderança e poder.

" Eu conheci D^{ra}. Laudelina de Campos Mello, aliás, minha grande amiga; não só na fundação do teatro experimental do negro, uma iniciativa curiosa, interessante, muito importante que houve aqui em Campinas, do qual eu um dos fundadores juntamente com Fernando Catani, ele era o ensaiador, eu era o presidente, e nós aqui levamos a peça " O Veneno de Cobra ", o autor Orico Silva; participamos de um torneio cultural-teatral aqui em Campinas, vencemos em primeiro lugar e fomos representar a cidade em São Paulo com grande sucesso. Foi um movimento no qual se destacou o saudoso Nelson Baltazar, vivendo o principal papel da peça.

D^{ra} Laudelina colaborou intensamente na montagem desse espetáculo e assim, era uma participante ativa de todos os movimentos ligados ao bem estar e engrandecimento cultural da raça negra." (35)

As descrições das atividades de lazer, educacionais e culturais, no combate às discriminações étnicas, sugerem que D^{ra}. Laudelina sempre precisou do apoio do branco para realizá-las. Tal fato é um reflexo da própria situação na qual o negro se encontrava, ou seja, sem espaço físico para realizar suas atividades e precisando de intermediários para chegar às esferas de poder públicas-privadas-locais, estaduais e federais.

Assim Dã. Laudelina, mantinha contatos com os brancos que tinham status na sociedade, mas, com algumas condições; entre elas, tinha que ser branco bom.

"Sabe o Barbosa, a gente tinha sido amigo de sindicato, de sociedade e tudo, ele era um branco, mas um branco legal. Então qualquer coisa ele falava p'ra mim:

- Ô Nina, vamos acudir aqueles coitados lá..."

Mesmo os "brancos bons" aos quais Dã. Laudelina fazia referência, portavam e portam, um discurso ambivalente em relação à questão étnica. Apoiavam as atividades dos negros, por estarem em condições sociais privilegiadas; e assim se aproximando do grupo negro não abalariam o seu status quo (pois são esses brancos que estão muito mais próximos da moral cristã, e da ideologia da democracia racial). Ao entrevistar o sr. Braúlio Mendes Nogueira, jornalista campineiro, que acompanhou e apoiou as atividades de Dã. Laudelina e dos grupos de Movimento Negro, por um longo período; fica evidente esta ambivalência. Em seu discurso ele nega a existência de preconceito étnico, e em específico na cidade de Campinas.

" Não, isso aí não existia, preconceito não, eu não me lembro; sempre as empregadas domésticas brancas e pretas eram aceitas. Na minha família teve várias empregadas pretas que se integraram na nossa família." (36)

Por vezes em seu discurso admite a existência de discriminação étnica, mas a culpa recai sobre o próprio grupo negro.

"E tem gente que critica, mas eu acho que tudo isso que se fizer pelo levantamento moral e social da classe é bom. A classe negra Acusada e em parte tem razão, ela não se preocupa muito com a parte da cultura, uma coisa toda em volta do preconceito, então ela se liga mais a carnaval, futebol, porque se projeta no carnaval e no futebol. Porque no passado de Campinas eu vejo que o negro não segue esse ponto cultural. Em vez de evoluir, retrocedeu, porque nós tivemos aqui entidades culturais de negros. Nós viemos a organizar as entidades culturais participando dessas atividades, isso tudo pela falta de liderança, porque os negros não cooperavam, aquela estátua da mão negra que está hoje lá no São Benedito; foi iniciativa minha. Eu fui procurar o vereador José da Silva, e eu fui a São Paulo entrar em contato com a entidade lá e conhecer os detalhes dos monumentos de São Paulo, para trazer para cá, esse vereador se interessou muito pelo assunto. Mas na inauguração do monumento... Negros?

- Poucos presentes!" (37)

Mas, o interessante aqui é que essas pessoas denominadas por Dê- Laudelina, como os "brancos bons", sofrem um conflito moral que segundo G. Myrdal analisando as relações raciais nos Estados Unidos, explica:

" A luta se desenvolve dentro das pessoas e não apenas entre elas. Como as valorações das pessoas estão em conflito, seu comportamento normalmente se transforma num compromisso moral. Por trás do comportamento humano, não se encontram " atitudes " homogêneas, mas sim uma mescla de inclinações, interesses e ideais em luta, uns mantidos conscientes, outros suprimidos durante longos intervalos, porém, todos ativos em distorcer o comportamento na sua direção." (38)

E isso pode explicar a atitude de muitos brancos tidos como liberais, e também a atitude do sr. Braúlio, que em plena década de 80 (oitenta), por iniciativa própria coloca uma estátua da mãe negra em frente à igreja de São Benedito e reclama a presença dos grupos negros da cidade na inauguração, sem avaliar que este símbolo já não representava um sentido de luta, exemplo e organização, para os Movimentos Negros locais.

Diante da postura dos novos grupos negros, os quais se recusaram a participar, e se colocaram publicamente contra o evento, o sr. Braúlio retorna ao seu discurso ambivalente e que demarca os limites entre o passado e presente, o velho e novo.

" Antigamente ... isso tudo desapareceu com o tempo (isso tudo), pela falta de liderança, porque os negros não cooperaram. "

Assim o branco bom tem um discurso que incrimina o negro também quando ele percebe que o negro sai da esfera determinada pelas suas valorações e procura novos caminhos; os seus próprios caminhos negros. A sociedade de acordo com cada momento histórico determina um lugar para o negro, ao qual ele não pode retroceder e nem avançar, pois a mobilidade vertical ascendente tanto econômica, como ideológica e moral também incomoda o branco.

O sr. Braúlio Mendes Nogueira, estava acostumado com os Movimentos Negros das décadas anteriores que faziam o culto a mãe negra, por acreditarem que:

" A figura da Mãe Preta é muito importante para a formação da nossa sociedade tradicionais, sempre teve uma Mãe Preta, que com o seu carinho, com o seu amor, ajudava na formação e na Educação... e ela, representa para nós um símbolo da nossa vivência, eu acho que essa figura não pode ser... não pode ser esquecida. Eu, por exemplo, não deixo de reverenciar, enquanto puder, vou reverenciar sempre ... Porque esta questão de dizer, vocês vivem chorando, vocês são uns manhosos, chorando... Não é que vive chorando, é um fato que aconteceu né, aconteceu, é uma realidade, não vejo porque esquecer. Ela não só resistiu como ela manteve um equilíbrio também; porque se ela se desequilibra, se ela ... não tem aquela força, aquela segurança, para onde é que nós vamos. Ia partir para a destruição ... Pois é, manter o equilíbrio. Ela teve uma posição equilibrada. Você vê, apesar de toda dificuldade,, o negro brasileiro lutou pela sua redenção e continua lutando ..., dentro de uma certa... dentro de uma certa linha ..., ele não se desespera. Eu acho que até certo ponto há certa apatia, mas esta apatia não vai ser resolvida com violência ..., o nosso lugar terá que ser conquistado através do nosso esforço, da nossa luta, da nossa Educação, através do amparo que damos aos nossos filhos ... não sei se com a violência se conquista alguma coisa." (39)

Em nenhum momento pude perceber nas falas e atitudes de Dâ- Laudelina, algum sinal ou ligação com o símbolo da Mãe Negra.

Segundo Gomes da Silva, a figura da Mãe Preta era constante nas páginas de O Clarim da Alvorada, o que poderia representar que esse era um dos símbolos mais autênticos da elite negra paulistana da época.

Assim, o relacionamento que Dã- Laudelina tinha com a elite negra e com os "brancos bons", em nada modificava sua postura ideológica e política.

As colaborações dos "brancos bons", sempre foram bem-vindas, apenas eram retrabalhadas por ela (ao seu modo); esse comportamento dela diante dessas situações revela seu lado **pragmático** (melhor exemplificado nos capítulos seguintes).

Contudo a relação de Dã- Laudelina com essas pessoas "brancos bons", não era baseada simplesmente na troca e na negociação, ela tinha por essas pessoas muito carinho e respeito, apesar de saber da limitação que os "brancos bons" tinham em entender muitas vezes as questões étnicas.

Meses antes de sua morte ela havia preparado uma lista de nomes de pessoas que a ajudaram na organização de seus eventos, e de acordo com a sua fala, com a "*promoção cultural política do negro e das empregadas domésticas*". Nessa lista de nomes que ela pretendia homenagear continha muitos brancos considerados por ela como "bons".

- Braúlio Mendes Nogueira

- Jaci Milani

- Francisco Amaral

- Pedrinho Simionato, e outros.

Parece que Dã. Laudelina entendia, conforme G. Myrdal, que estas inconsistências e contradições existentes nos "brancos bons", não deveriam ser tomadas como simples índices de insinceridade pessoal. Mas antes como sintomas de conflitos de valorações muito mais profundamente instalados.⁽⁴⁰⁾

NOTAS

- (1) Depoimento do prof^o Geraldo Campos de Oliveira.
- (2) Ver: Florestan Fernandes - *A Integração do Negro na Sociedade de Classes* - Volume II.

José Carlos Gomes da Silva- *Os Sub-urbanos e a Outra Face da Cidade Negros em São Paulo 1.900 - 1.930* - Cotidiano, Lazer e Cidadania.
- (3) Depoimento do prof^o Geraldo Campos de Oliveira.
- (4) Gomes da Silva, José Carlos - *Os Sub-urbanos e a Outra Face da Cidade Negros em São Paulo 1.900 - 1.930* - Cotidiano, Lazer e Cidadania, pág 115.
- (5) Gomes da Silva, José Carlos - *Os Sub-urbanos e a Outra Face da Cidade Negros em São Paulo 1.900 - 1.930* - Cotidiano, Lazer e Cidadania, pág 138.
- (6) Gomes da Silva, José Carlos - *Os Sub-urbanos e a Outra Face da Cidade Negros em São Paulo 1.900 - 1.930* - Cotidiano, Lazer e Cidadania, pág 139.
- (7) Gomes da Silva, José Carlos - *Os Sub-urbanos e a Outra Face da Cidade Negros em São Paulo 1.900 - 1.930* - Cotidiano, Lazer e Cidadania.
- (8) Batalla, Bonfil - *La Teoria del Control Cultural en el Estudio de Procesos étnicos*, pág. 7.
- (9) Ver: Clóvis Moura - *Organizações Negras*, 1.983 - pág. 153.
- (10) Moura, Clóvis. - *Organizações negras, 1983 - pp. 153-154*
- (11) Goldmann, Lucien - *Dialética e Cultura*, pág. 20.

A impressão que tenho é que o Movimento Negro retoma algumas posturas mais arrojadas apenas na década de 70, conseguindo nesse período atingir o nível de consciência de Dã. Laudelina. Assim, penso que Dã. Laudelina estava 25 anos a frente do Movimento Negro.

Explicitamente é na década de 70 que a população negra independente dos diversos micro-grupos-étnicos retoma a consciência da real condição de desigualdade que a cercava, a saber:

1. Mesmo sendo trabalhadores eram, ou ainda são, barrados, e no caso de conseguirem o emprego de acordo com a sua competência, não podem conseguir promoções devido a existência de uma discriminação étnica;

2. Os indivíduos pertencentes à população negra não tinham e não têm controle sobre os sindicatos, e nos momentos de crise os trabalhadores negros corriam e correm mais riscos de desemprego. Mesmo porque os sindicatos representam uma espécie de atividade associativa que pode interceptar, mas que não apóia nem substitui os laços étnicos e (raciais) (Rex, 1.988), e a discussão específica da questão étnica quando suscitada torna-se irrelevante no conjunto das demais discussões sindicais, sendo difícil para o próprio negro tenta encaminhar.

3. Os indivíduos pertencentes à população não têm igual acesso à Educação, sendo difícil chegar ao terceiro grau pela discriminação sofrida via estrutura formal e informal, existente na escola.

4. A população negra não tem igual proteção perante a lei e os seus contatos com a polícia, baseia-se no seguinte pressuposto: *"negro se mata primeiro para depois saber se é criminoso - é um slogan dos órgãos de segurança"* (Moura, 1.988:46), o qual é aplicado segundo a bibliografia consultada desde o início do século.

E a realidade brasileira mostra que a ação policial não se volta para atender e proteger a sociedade e todos os cidadãos, mas está explícito que sua prática se liga a interesses específicos de uma camada da população branca dominante e racista. A morte de Robson Silveira da Luz, nas suas dependências do 44º Distrito Policial de Guaianazes, em 5 de maio de 1.978, corrobora com o exposto.

Robson foi morto por excesso de torturas, após prisão ilegal sob acusação de roubo e assassinato, esse episódio sensibiliza a comunidade negra, especialmente após declaração do delegado Luiz Alberto Abdala: *" negro tem que ir p'ro pau "* (Nascimento, 1.989:101).

Nesse momento no dia sete de julho de 1.978, eclode o Movimento Unificado do Contra a Discriminação Racial (MUCDR) - com o objetivo de buscar a unidade política,

tentando fazer da luta contra o racismo um projeto de abrangência maior (Nascimento, 1.989:88).

Em 23/07/1.978, na I Assembléia Nacional o MUCDR, altera sua sigla para (MNU) - Movimento Nacional Unificado.

O depoimento de um dos fundadores do MNU, estampa claramente a conjuntura econômica-política do surgimento do referido movimento.

"Analisando a conjuntura é o momento em que o milagre brasileiro começa a decair e surgem mobilizações, organizações de massa, no sentido de se contrapor ao projeto econômico da ditadura militar.

Isso deu espaço para que os movimentos organizados e para que os negros saíssem das salas de debates e fossem para as ruas. Houve o caso da discriminação dos quatro atletas do Clube de Regatas Tietê, houve o caso da tortura do Robson Silveira da Luz, trabalhador, pai de família, preso, torturado no 44º Distrito Policial de Guaianazes. Há a questão dos movimentos populares se reorganizando. O movimento estudantil, o movimento operário, já ensaiando algumas greves setorializadas, principalmente em São Bernardo do Campo; o movimento feminista fazendo suas discussões mais abertas, o próprio movimento homossexual. O movimento negro se aproveita desse novo espaço, na medida em que setores da burguesia descontentes com o projeto econômico do governo começam a ser excluídos do processo; reclamam, reivindicam e buscam inclusive respaldo popular, na tentativa de estabelecer um novo projeto."(Nascimento, 1.989:103).

Foi nesse período que mais significativamente à uma valorização da cultura negra pelos grupos negros, numa tentativa de manipular a cultura negra politicamente.

- (12) Batalla, Bonfil - *La Teoria del control Cultural en el Estudio de Procesos Étnicos* - pág. 25 e 26.
- (13) Pereira, José Galdino - in *Projeto Território Educação e Sociedade. A diversidade das Propostas Educacionais no Região de Campinas (1.850-1.960)* - Centro de Memória - UNICAMP.
- (14) Depoimento do sr. Sampaio.
- (15) Depoimento do sr. Sampaio.
- (16) Fernandes, Florestan - *Integração do Negro na Sociedade de Classes* - Volume II.

Gomes da Silva, José Carlos - *Os Sub-urbanos e a Outra Face da Cidade - Negros em São Paulo 1.900 - 1.930.*

(17) Depoimento do sr. Sampaio.

(18) Depoimento do sr. Sampaio.

(19) Depoimento do sr. Sampaio.

Neste depoimento quando o sr. Sampaio diz o "baile era popular"- significa que os brancos que quisessem participar poderiam.

(20) Reportagem da Revista *O Cruzeiro*, 18 de maio de 1.957.

(21) Trecho extraído da revista *O Cruzeiro*, em justaposição com o relato de Dã. Laudelina.

(22) Reportagem da Revista *O Cruzeiro*, 18 de maio de 1.957.

(23) Depoimento de Dã. Laudelina dado para Maria Dutra Lima em *Trabalhadores Classes Perigosas*, pág. 6.

(24) Gomes da Silva, José Carlos - *Os Sub-urbanos e a Outra Face da Cidade - Negros em São Paulo 1.900 - 1.930.*

(25) Percebe-se por meio do prospecto utilizado para a divulgação do baile, que o grupo negro que estava organizando o evento havia entrado em contato com as revistas: *Manchete* e *Cruzeiro* - pois vinha informando no conteúdo do mesmo.

(26) Reportagem da Revista *O Cruzeiro*, 18 de maio de 1.957.

(27) Von Simson, Olga de Moraes - *Branços e Negros no Carnaval Popular Paulistano.*

Gomes da Silva, José Carlos - *Os Sub-urbanos e a Outra Face da Cidade - Negros em São Paulo 1.900 - 1.930.*

(28) Depoimento do sr Sampaio

(29) Essa exclusão é universal pois os concursos para se eleger as belezas Municipais, Estaduais e Nacionais é uma prática realizada em quase todos os países do mundo, e a presença negra parece ser quase inexistente. Assim dos concursos de Miss Universo, quase todos os países do mundo participam, e em toda a sua história parece que apenas uma negra foi eleita em 1.977 - Janelle Penny Commissiong - cidadã negra - Trindade Tobago.

No Brasil as normas estabelecidas raramente foram quebradas, pelo relato de Vera Lúcia Couto dos Santos - ex-vice Miss Brasil, verifica-se que o branco não suporta ver o negro ultrapassar o status por ele determinado.

"Era um encargo muito grande que, até então, não tinha sido dado a ninguém da minha cor... No dia do concurso, eu estava fazendo a última prova do vestido no ateliê do Hugo Rocha, quando recebi um telefonema de uma pessoa, voz feminina, que me disse:

- Olha, eu estou ligando p'ra você porque lhe aprecio muito e quero lhe dar um conselho de amiga. Acho que você deveria desistir do concurso porque existe um grupo de senhoras da sociedade que compraram mesas especialmente p'ra vaiaar você.

Não se identificou... Era parte sem dúvida, de uma guerra de nervos, não sei se de alguma admiradora, de outra concorrente, ou de alguém inconformada por eu ser negra, a representante do Estado da Guanabara.

Correu também o boato de que a Comissão Organizadora teria retirado o nome de Everton Castro Lima do júri, porque ele tinha se manifestado a meu favor publicamente; assim com disseram que colocaram o jornalista Pomona Politis, porque ele declaradamente não gostava de preto. Essas notícias chegavam a mim e era como se um ciclone tivesse me pegado, eu perdia o chão, ficava completamente baratinada, sabendo que tinha que manter a calma, mas sem saber como...

O que eu sei mesmo é que, no meio daquele tumulto infernal, onde o sorriso tinha que ser mantido a todo custo, eu ouvi claro e cristalino:

- Sai daí, crioula! Teu lugar é na cozinha. Não se manca, não?

Era uma mulher na ponta da passarela, que tinha a forma de uma ferradura, gritando histérica, inteiramente possessa. E ia por entre as mesas, repetindo, praticamente sem para, a mesma coisa. As senhoras nas mesas que o telefonema anunciou não estavam lá, mas aquela mulher valia por quase todo o Maracanãzinho...

(30) Carta endereçada a Dã. Laudelina em 21 de novembro de 1.962; pela Comissão Elite Campinas (segue anexo II).

(31) Depoimento de Dã. Laudelina dado para Maria Dutra Lima em *Trabalhadores Classes Perigosas*, pág. 6.

- (32) Depoimento do sr. Sampaio
- (33) Batalla, Bonfil - *La Teoria del Control Cultural en el Estudio de Procesos étnicos*, pág. 28.
- (34) Depoimento do sr. Sampaio
- (35) Depoimento do sr. Braúlio Mendes Nogueira.
- (36) Depoimento do sr. Braúlio Mendes Nogueira.
- (37) Depoimento do sr. Braúlio Mendes Nogueira
- (38) Myrdal, G. - *O Valor em Teoria Social*, pág. 112/113.
- (39) Gomes da Silva, José Carlos - *Os Sub-urbanos e a Outra Face da Cidade - Negros em São Paulo 1.900 - 1.930*.
- (40) Myrdal, G. - *O Valor em Teoria Social*, pág. 132/133.

CAPITULO III

DA- LAUDELINA, POLITICA E A PARTICIPAÇÃO DO NEGRO NAS ORGANIZAÇÕES POLITICAS PARTIDARIAS

1. Dã- LAUDELINA NO SEU TRAJETO POLITICO PARTIDARIO

Em 1.936, Dã- Laudelina se filia ao partido Comunista, e a partir desse período, sempre esteve ligada aos setores políticos mais progressistas.

"Eu venho votando na esquerda desde que eu comecei."

Para Dã- Laudelina o ano de 1.945, foi marcante, pois foi a primeira vez que ela votou, e em seu relato percebe-se que ela só se sentiu uma cidadã política a partir do momento que ter direito ao voto.

"Eu iniciei na politica, logo após a guerra em 1.945. Houve a eleição em 1.945 ..., e foi a primeira vez que eu votei. Então começou a campanha p'ra Constituinte."

Foi elaborada a Constituinte na época de Getúlio, que Getúlio era ditador, aí exigiram após a guerra que fizesse a constituinte. Getúlio fez a campanha para a constituinte, aí houve as eleições porque até aquela data não havia eleições ...

Eu votei no partido comunista no Luis Carlos Prestes naquele tempo, João Pessoa também foi candidato. Eu tinha saído do movimento Cidade-Guerra um movimento lá da Guerra ... e comecei a conhecer os políticos.

Estive filiada no partido comunista quando fechou, fui para P.R.P., mas o P.R.P. era o partido só dos burgueses não dos funcionários."

Conforme documento anexo II, D^{ca} Laudelina em

1.954 foi eleita por unanimidade para o cargo de Presidente do Departamento Feminino, do comitê Pró-Adhemar de Barros.

"Depois veio Adhemar de Barros como governador do Estado. Adhemar de Barros, fundou o partido P.S.P. (Partido Socialista Paulista), então eu passei a trabalhar p'ro partido do P.S.P."

Várias vezes ele foi candidato, nós trabalhamos p'ra ele p'ra mulher dele também, a candidata D^{ca} Leonor sempre foi uma pessoa muito firme. Ela comandou todas criações filantrópicas de hospitais: Hospital das Clínicas, Hospital de São Paulo, tudo isso passou pela mão dela.

A gente gostava muito dela porque ela era a primeira dama que mais saía em campo mesmo. Aí fundou o Hospital de Campos de Jordão, nós fomos convidados p'ra inauguração e tudo.

Então foi fundado o P.R.P. que passou a ser a U.B.N., depois da U.B.N. passou a P.S.P., e hoje é o P.D.S.. Já teve quatro nomes, vem do P.R.P., depois vem para o P.D.S., hoje é ... o partido do governo."

Em Campinas após o golpe de 1.964, D^{ca} Laudelina com o bipartidarismo se filiou ao M.D.B. e começou a se relacionar com Orestes Quêrcia.

Com o surgimento do Partido dos Trabalhadores (PT), Dâ. Laudelina se filia a ele, mas se desvincula do partido como demonstra o depoimento a seguir:

"Tem vinte carta do P.T. aqui, cancelei minha escritura, porque eles só estão fazendo, aquilo que a criança faz na fralda.

Cancelei porque o erro começa pelo partido ... que opção? O programa do partido é bom, quem está lá e que está fazendo sujeira.

Gente, o Lula é deputado Federal se omitir p'ra não sentar na mesa p'ra brigar, falar as verdades que sacodem, ele vai falar quando?

Você viu quando do último dia do debate, o Colorido, engavetou ele, empacotou ele, e ainda arrumaram aquela mulher p'ra dizer que ...

Mas isto fazia parte de uma política salafrária, política safada, ele (o Lula), foi na conversa. Eu no lugar dele, eu falava o diabo p'ro Collor, no dia que eles apresentaram aquela mulher contra ele.

O que esta acontecendo com o P.T.? - O P.T. está nos enterrando a gente. O P.T. deve de nos elevar está nos enterrando. Agora a última deles mandar votar em branco acabou com o resto do partido não vai ser fácil para elevar não, porque aqueles que eles mandaram votar em branco, votaram no Fleury porque esta contra ele (P.T.). Porque começou a fazer bobagem. Lula começou a fazer a bobagem quando lançou o coisa (). Se o partido tivesse forte, se o partido fosse do trabalhador, não tinha trabalhador fora do partido. Então o nosso candidato estava no Governo do Estado, eleito pela maioria, eleito pelo trabalhador. Perder no reduto deles? São Bernardo dos Campos e todo aquele pedacinho que perdeu pelo Maluf, um safado de um turco sem vergonha, turco Paulista e outro de Minas, turco Mineiro. Turco nasci lá no inferno chega aqui é paulista, é mineiro... perder p'ra essa corja toda? (O Lula) foi empacotado pelo colorido lá, e agora arrematou na mão do Quércia. E ainda o Quércia tirou sarro:

"- O P.T. vai votar no Fleury."

E votou mesmo. Aqui nós tivemos oportunidade (de ver), (eu) tive a oportunidade de votar no segundo turno, votei na legenda. Mas, se tinha Petista que se dizia Petista, porque votou contra? É

porque está insatisfeito, porque eles estão fazendo pior do que os capitalistas. Olhem safadeza do prefeito (Jacó Bitar):

"- Tô no partido não sou comunista, sou comunista não sou petista, estou no partido num sou petista, não recebo ordem de São Paulo."

Gente! Tenha dó! Estão fazendo pior do que essa corja que está aí!"(1)

2. A POLITICA: ESTRATEGIA DE SOBREVIVENCIA E MORTE DAS ORGANIZAÇÕES NEGRAS.

2.1. OS POLITICOS BRANCOS

No capítulo II discutiu-se um pouco acerca da forma pela qual as relações interétnicas, e se percebeu que para Dã. Laudelina realizar as atividades educacionais foi indispensável a ajuda do branco bem posicionado, ou que tinha algum status na sociedade local. Com estes brancos se percebeu também, que a relação não se baseava na negociação e na troca. Neste tópico, vai ser possível se evidenciar as diferenças das relações que Dã. Laudelina mantinha com os "brancos bons", e alguns "brancos políticos".

Os brancos políticos "como sempre tudo prometem e nada fazem". O depoimento de Dã. Laudelina que se segue pode elucidar essas diferenças.

"Agora aqui em Campinas, o movimento era somente para a cultura do negro para cultura, um movimento de integração com outras cidades. Em 1.959 nós fundamos em Campinas uma sociedade. Fundamos uma sociedade que se chamava Grupo Cultural do Negro Campinense era a época de eleições, então candidato à governador do Estado era Jânio Quadros. Nós tivemos então o sócio do Grupo Cultural do Negro de São Paulo.

Então José Benegris, professor Geraldo Campos de Oliveira e mais elementos que estavam no conjunto do processo da formação de uma sociedade em que o negro, estava entrando para uma política partidária no país. Então foi solicitado em Campinas para Câmara de Vereadores, para Prefeitura, o local p'ra gente reunir que a gente não tinha local para se reunir. Logo em seguida nós tivemos a visita do secretário do candidato do governo do Estado de São Paulo que foi Carvalho Pinto, (o qual) propôs para que a gente fizesse um ofício pedindo para o Estado um terreno para que fosse construída a sede da sociedade em que a gente estava preiteando em Campinas. Foi indicado um terreno no jardim Proença, perto da igreja de Nossa Senhora de Aparecida, (em) cujo terreno seria construída a sede da sociedade.

Então começamos a fazer um trabalho com os candidatos, prefeitos de Campinas, deputados estaduais, federal para que realizassem esse sonho que a gente tinha de ter uma sociedade do Negro em Campinas.

Na data de 25 de abril de 1.959, foi colocada a primeira pedra no terreno, veio para Campinas o Secretário de Cultura de São Paulo e Auro Andrade era o Senador naquela época, mas veio p'ra Campinas o filho dele Aurinho quando lançada a primeira pedra da sociedade.

Nós recebemos dos políticos um ofício que dizia que ali nós seríamos proprietários daquele terreno onde ia ser construída a sociedade. Mas infelizmente nós trabalhamos durante a campanha para os candidatos, foram eleitos tomaram posse mas foi esquecido, naquela promessa que eles haviam feito que havia de construir a sociedade para nós.

Da pedra fundamental nós continuamos a reunir fazer um trabalho em conjunto, porque os brancos desapareceram. Daí com muito sacrifício, com muita coisa, muita atrapalhada, muita confusão parou, parou de fazer a campanha. Nesta época nós estávamos morando num prédio na rua Benjamin Constant que foi instituída por um dos candidatos que era campineiro, Rui de Almeida Barbosa, e outros mais que eram candidatos à deputado. E como sempre eles prometem tudo e nada faz.

Passou-se um ano, eles requereram o prédio novamente, nós tivemos que mudar, nós já estávamos morando lá com meu filho e mais outro

casal. Era uma casa e tinha aquela sala onde a gente fazia as festinhas, matinês dançantes, faziam os bingos, onde apresentavam peças teatrais.

Então nós entregamos a casa e eu fui morar na rua José Paulino, quase esquina de Barão de Jaguará. Cessou a sociedade. Parou! Ninguém fez mais nada. Destituíu tudo. Não tinha local, e não recebemos o apoio dos (políticos). Nós recebemos aquele ofício mais quando a gente foi ver, o terreno não era nosso, porque nós tínhamos uma escritura do terreno. O terreno não era nosso, o terreno pertencia ainda à velha do jardim Baronesa. Existia a casa antiga, casa colonial, a casa grande, e estava ocupada por um grupo de menores abandonados que o juizado tinha concedido de colocar lá.

O terreno pertencia a município, tinha sido doado pelo município.

Terminou, nós mudamos, paramos o movimento, dispersou o pessoal de São Paulo também. Os daqui, todo mundo parou, não fez mais nada, e a pedra fundamental ficou lá até hoje.

Algumas daquelas pessoas que estavam naquela comissão compraram o terreno; compraram aquele terreno e construíram pra eles, pra os filhos, tão vivendo lá, mas compraram e pagaram."

O depoimento revela nitidamente o tipo de relacionamentos que ela estabelecia com os políticos brancos. Esses relacionamentos aconteceram através de uma troca de favores. Por um lado as lideranças negras deveriam organizar a população negra para votar no branco. Por outro lado, os políticos brancos deveriam atender às reivindicações da população negra.

Essas reivindicações geralmente eram atendidas como por exemplo: concessões de salões para bailes, concessão de uma casa para atividades culturais, educativas e de lazer.

Mas Dã. Laudelina resolveu mudar os rumos do Movimento Negro em Campinas.

"Aqui em Campinas, o Movimento era somente para cultura do negro, um movimento de integração com outras cidades..."

Fundamos uma sociedade que se chamava Grupo Cultural do Negro Campinense ... uma sociedade em que negro, estava entrando para uma política partidária no país."

Assim, ela novamente busca a ajuda do prof^o. Geraldo Campos de Oliveira e José Benegris para que juntos dessem uma identidade política partidária à organização negra em Campinas.

O pensamento de Dã. Laudelina já em 1.959 parece de assemelhar com a postura de Munanga, o qual acredita na *"... busca da identidade coletiva do negro, mas numa orientação mais político-ideológica do que culturalista, pois a realidade da "raça" é social e política; ela é uma categoria social de exclusão... A maior identidade do negro, do meu ponto de vista, seria identidade política, de um segmento importante da população despojada de seus direitos de participação política e sócio-econômica."* (2)

Dã. Laudelina buscou a coletiva identidade negra via campo político primeiramente, através do apoio do branco, que conforme o relato e também o documento em anexo II formalizou o apoio que eles (os políticos brancos), sabiam que não era

verdadeiro e nem se efetuariam, mas precisavam da ajuda de Dã-Laudelina e dos negros para se elegerem.

(Após as eleições) "foram eleitos tomaram posse mas foi esquecido, naquela promessa que eles haviam feito que havia de construir a sociedade para nós.

Da pedra fundamental nós continuamos a reunir fazer um trabalho em conjunto, porque os brancos desapareceram."

Assim, é oportuno aqui citar novamente Munanga quando diz que "o racista não se limita apenas em querer impor ao outro a sua visão do mundo, mas também em impedir-lhe o acesso quando se aproxima"⁽³⁾. Os dois momentos que cita Munanga em seu artigo aqui se expressa da seguinte maneira:

1. Aproximar para dominar e explorar, concedendo pequenas coisas e apoiando as manifestações culturais, mas reforçando as desigualdades e marcando as diferenças através da folclorização da cultura negra;

2. Afastar ou exterminar, no Brasil e especificamente na história de vida de Dã-Laudelina, isto acontece através da manipulação, da mentira, da repressão, da cooptação de lideranças, da institucionalização e burocratização do movimento, do descrédito de grupos específicos, do isolamento do movimento, por atender líderes e grupos moderados e isolar os mais radicais. Estas situações, o leitor poderá observar ao longo desta dissertação e em específico nesse capítulo.

3. VISÃO DE Dã. LAUDELINA DO NEGRO NO PROCESSO POLITICO PARTIDARIO

Os depoimentos coletados salientam dois pontos importantes que mereceram atenção:

1. A visão que Dã. Laudelina tinha dos Políticos Negros;

2. A a percepção que Dã. Laudelina tinha do comportamento da população negra no processo político.

3.1. OS POLITICOS NEGROS

Agora a presença do negro:

"Eu nunca vi, os candidatos (negros) só entraram para aparecer, aproveitar e p'ra angariar votos p'ros brancos.

Eu tenho em mente o Frederico que era presidente do Clube de Elite, foi vinte vezes candidato mais não conseguiu nunca, nem de suplente. Teve vários, tem outros que tão aí agora também no jornalzinho da nossa comunidade mas nunca conseguiram.

Que nem agora nesta campanha (1.988), o outro queria levar o nome do Jorge e não levava. O Jorge pegou e lançou aquele candidato negro, ... esse aí que tiravam sarro que ele não sabia falar, foi p'ra prefeito o Jorge que jogou ele nesse partido humanitário. Partido novo, que foi criado agora que não tem ainda nem nome, pode se dizer, porque um partido que foi fundado pelo Adalberto Camargo ... Adalberto Camargo na política foi a pior aberração que nós tivemos.

Era um negro rico. Ele era rico agora tá pobre. ... Ele tinha na praça quinhentos carros. Quinhentos taxi na praça de São Paulo.

A mulher era decoradora, a mulher dele faleceu.

Ele era um pequeno industrial, ele lidava com peças. Depois então, ele quando eleito deputado ele fez intercâmbio com Africa. Ele negociava com a Africa por intermédio do governador, do presidente da República, do governador do Estado, ele era quem fazia intercâmbio com a Africa e não deixava nós negros chegar perto dos africanos ... Ele apossou-se das diretrizes. Ele (tinha) comando daqueles entendimentos que ele tinha com os africanos; ele não dava possibilidade de nós os negros brasileiros descendentes dos africanos ter contato com os africanos. Ai fez um comércio p'ra ele porque ele que dirigia; ele e o filho, do intercâmbio da negociação entre o Itamarati e os governos era ele que fazia.

Você entendeu? Quando ele consegue chegar lá, ele não tá nem aí, ele pensa que o branco vão votar nele. O branco não vota em negro, branco vota nele mesmo e ainda pega voto do negro."

Dª. Laudelina ao falar dos políticos negros os classifica em dois grupos: "negros não honrados" (sem compromisso étnico-político efetivo e uma prática política individual); "negros honrados" (compromissados politicamente com as causas negras)

Ao falar dos negros não honrados menciona detalhadamente aspectos da trajetória política de Adalberto Camargo⁽⁴⁾, talvez por esse ser uma liderança que envolveu politicamente outros indivíduos que partilhavam do mesmo pensamento e prática política como: Theodosina Ribeiro e Paulo Rui.

Adalberto Camargo foi a maior expressão política eleitoral negra, conseguindo noventa mil votos nas eleições de

1.974 e colaborou para a criação do "Voto Racial", entendido como "uma identidade racial negra entre eleitos e candidatos, baseada na crença de que o importante é o negro votar em um negro para superar as barreiras também existentes no âmbito partidário." (9)

Dã. Laudelina neste período também era membro do M.D.B., e também acreditava no voto racial, mas divergia de Adalberto Camargo, talvez por ele estar ligado a sociedades culturais recreativas de "elite" e não ter uma ideologia política, como ele próprio afirma:

"Eu não sou candidato de nenhuma corrente partidária, nunca fui da corrente classista, nem ideológica, nem estudantil, nem sindicalista." (6)

A crítica que Dã. Laudelina faz a Adalberto Camargo é generalizada a outros parlamentares negros via a Federação das Entidades Afro-Brasileira do Estado de São Paulo, quando avaliam as eleições no bipartidarismo:

"Nossa participação nas eleições de 1.974, 1.976 e 1.978 não foram menos frustrantes. Muita teoria, muita exigência por parte das entidades negras aos candidatos porém, pouco trabalho efetivo e apoio prático foi oferecido para a efetivação da eleição dos candidatos. Por outro lado, a comunidade negra votou sim, mas não nos candidatos negros conseqüentes. Ele elegeu alienígenas, racistas e repressores que nunca se propuseram a defender quaisquer interesse da comunidade, alguns nem compareceram aos debates para não se comprometerem..." (7)

Adalberto Camargo parece ter consciência das críticas que setores da população negra o faziam ou fazem e elabora sua defesa:

"Eu não mudei. A pedra que querem atribuir a mim através dos negros, é porque esses negros são subservientes, obedientes à sociedade branca que os domina, os fazem de capacho, chofer, continuo e de lavadeira, só isso. E eu não sei ser isso. É o que faz uma campanha empenhada e promovida pelo branco escravocrata.

O negro não tem opinião própria porque o negro nunca teve opinião política nesse país... Falei para eles na televisão da Bahia, Estado muito bonito, folclórico, cheio de religião mas é um povo inerte, inocente. É um Estado com setenta e cinco por cento de negros e devia ter uma representação negra no Congresso. Qual é a igualdade? E mais, todas manifestações que houve no P.M.D.B., foi na base do negro, na cultura, o negro na arte, na dança, na culinária.

Em termos econômicos e políticos ninguém se manifestou. Na hora de por a mão no dinheiro ninguém fala.

Eu estou vendo toda a movimentação, porque eu vou para o segundo tempo. Houve um desencanto por esses pseudo-líderes que estão no partido da suposta oposição. Se desencantaram com os dirigentes. Porque eles nunca pertenceram à direção do partido. Os negros lá são cupinchas, ou não é? Prometeram Secretaria de Estado. Fizaram um comitê contra mim. Fizaram seminário e simpósio. Eu aqui estou olhando. Não deram nada para ninguém. Deram carguinhos." (8)

Adalberto Camargo coloca não haver um partido político para o negro, "nós nunca exercemos nenhuma prática política, nunca participamos da vida pública desse país. A não ser usados como pinico, na hora eleitoral depois posto debaixo da cama." (9)

Assim, justifica a sua mudança de partido político, do P.M.D.B. para o P.D.S..

"Eu não mudei de partido, eu nunca mudo, porque tenho uma máxima:
 "— Defunto que muda de cova perde osso."

A minha linha de pensamento é para a emancipação psicológica da comunidade negra que ainda está psicologicamente escravizada..." (10)

Fica expresso no depoimento de D^a Laudelina que ela não acreditava na existência de uma neutralidade política, assim o P.D.S. representa Paulo Maluf e Benedito Pio da Silva — (responsáveis pela proposta de controle da natalidade das populações negra e parda), assim para ela Adalberto Camargo era partidário das idéias malufistas:

"O Maluf, quando o Maluf foi candidato, a outra vez que ele perdeu, Maluf tinha uma postura assim, imposta pelos americanos, para que eles esterilizassem as mulheres negras para não ter filhos.

A prisão da Beth Mendes, da Teresa tudo teria envolvido nisso que denunciaram a Beth Mendes foi presa no Uruguai, no Uruguai não, no Paraguai, no Paraguai não, em Lima, no Peru.

E ainda tem negro falando que vai votar no Maluf (os americanos impôs a ele) para esterilizar as mulheres negras. Como eles conseguiram esterilizar as índias e as colhedoras de borracha lá no Amazonas, eles conseguiram esterilizar as mulheres lá. As mulheres de lá tão tudo esterelizadas. Queriam esterelizar as negras também a maior parte dessa coisa, (esterelização) é para a mulher negra, "mulher negra tem sangue quente, então tem mais filho.(ri)"

Ana Lúcia Farah Valente⁽¹¹⁾ (classifica em seu estudo dois grupos de políticos negros, os comprometidos explícita ou implicitamente com a questão racial e os descomprometidos. Esta divisão difere um pouco da divisão feita

por Dã. Laudelina que nem menciona em seu discurso os totalmente descomprometidos, compreendido pela referida autora como aqueles que tinham seu discurso calcado no mito da democracia racial, ou simplesmente, "achavam que o problema racial suposto era um problema de distinção entre classes sociais." (12)

Os negros que Dã. Laudelina denominava de honrados, podem ser equiparados ao que Farah Valente designa de negros explicitamente comprometidos com a questão étnica e efetivamente cumprem o que prometeram, principalmente, para a coletividade negra. Entre os políticos honrados, Dã. Laudelina elegeu Esmeraldo Tarquinio, do qual no seu depoimento passa a falar:

"Mas nós temos políticos negros honrados, a exemplo de Esmeraldo Tarquinio, ele começou como vereador, ele foi o vereador mais votado de Santos. Lá em Santos você consegue eleger um negro com voto branco porque lá, é uma cidade assim tipo Rio de Janeiro (que) é uma cidade popular perto do mar. E Esmeraldo como advogado dos doqueiros, dos trapicheiros, dos carregadores e ensacadores da Companhia de Docas de Santos, adquiriu uma fama, uma postura muito boa na política defendendo os Sindicatos, porque era advogado de três a quatro Sindicatos fortes, era advogado negro, advogado dos trabalhadores das docas, então advogado muito forte e inteligente.

Assim, Esmeraldo conseguiu então uma corrente muito forte dentro da elite branca, não só dos trabalhadores (das docas) mas sim de comércio de Santos e ele foi (advogado). P'ra ele ser eleito o prefeito de Santos você já imagina, ele foi o mais votado no Estado de São Paulo, então ele adquiriu esta confiança honrado um advogado que não fazia tramóias, ele conseguiu uma postura boa até no meio dos brancos. Então lançaram a candidatura dele, ele foi vereador, depois foi deputado, depois quando ele se candidatou a prefeito de Santos foi venceu também a maioria, dos quatro candidatos.

Ele tinha um gabarito político muito forte e dominava mesmo as classes tanto o trabalhador quanto o empregador, então ele conseguiu essa votação.

O pai dele foi inspetor de polícia, mas o pai morreu, quando o pai dele morreu ele ficou ainda menino, foi engraxate, foi vendedor de jornal, ele trabalhou nas oficinas da Tribuna Livre lá de Santos, na Gazeta nos jornais, ali ele foi aprendendo dentro da oficina de jornais.

Ele foi cantor de rádio, sempre estudando, ... fez a faculdade. Ele estudou na mesma faculdade que estudou o Pelé.

Então ele estava preparado, ele fez curso na escola de inglês, francês, escola de italiano, neolatinas, quer dizer ele se preparou, ... ele estava preparado para dirigir Santos. É que agora está sendo dirigida por uma mulher com vinte e sete anos. Ele com vinte e sete anos também era deputado.

Na campanha dele a briga era estar mais p'ro negro, p'ro negro estar na política, mas na política que negro tivesse uma postura, um lugar, não só como convidado da porta p'ra fora. A campanha dele foi lançado a cultura do negro, porque ele dirigiu várias Associações, Sociedades.

Terminou assim ele foi cassado em 1.964, foi cassado quando ele ia tomar posse, ele ia tomar posse em abril e foi cassado em março. Ele foi cassado e parou, foram vinte anos, quando veio a anistia, estava fazendo de novo a campanha para deputado, foi quando ele teve um enfarte e morreu.

Eu acho que ele morreu de emoção, porque estava sendo o mais votado."

Para Dâ. Laudelina, Esmeraldo Tarquinio era definido como aquele que conseguiu vencer pelos próprios esforços, mas não se distanciou das causas étnicas e sociais.

Evidencia-se que, ainda que em esferas diferenciadas de poder, haviam semelhanças nas formas de encaminhar as questões étnicas-políticas-sociais, entre Dâ. Laudelina e Esmeraldo Tarquinio e os depoimentos colhidos

revelaram serem eles amigos e que partilhavam da mesma ideologia política, no que diz respeito:

1. A identificação do negro através da política e compromisso com os Sindicatos;

2. Dã. Laudelina transitava por todos os micro-grupos-étnicos negros e segundo F. Valente: "Esmeraldo Tarquinio (também) parecia transitar com facilidade pelas diversas correntes ideológicas do Movimento Negro, desde as conservadoras até as mais revolucionárias." (13)

3. Dã. Laudelina acreditava que negro não vota em negro, Esmeraldo Tarquinio acreditava ter "um destino negro se fizesse uma campanha centrada na questão racial pois não conseguiria votos nem dos negros, nem os brancos e não se elege." (14)

Benedita da Silva também era considerada uma política negra honrada, segundo os critérios de Dã. Laudelina e ao falar sobre ela, Dã. Laudelina se entusiasmava, isso fica expresso quando ela comenta sobre a participação de Benedita da Silva no VI Congresso das Empregadas Domésticas.

"A razão dela ter sido convidada p'ra vir no seminário (congresso) foi que, quando nós fomos para Pernambuco ela era lá (no Rio), ela era vereadora, aí ela acompanhou o congresso. Durante o tempo que nós estivemos lá, ela acompanhou o congresso. E a Benedita foi dentro da Constituinte, foi a deputada que mais lutou pelo enquadramento de classe (refere-se a categoria da empregada doméstica)."

Ah! Ela contou toda a história da vida dela no congresso, que foi doméstica, depois estudou, ela era professora, p'ra assistente social, e foi presidente dos favelados da onde ela mora. (Contou) todo o trabalho que ela fez. As pressões que ela sofreu das patroas. (A pressão) foi mais, depois que veio o registro de enquadramento de classe. Daí ela sofreu muitas pressões das patroas.

Cercaram ela na rua p'ra bater... telefonaram, mandaram carta chamando, falando, xingando, falando horrores - "que agora os macacos estavam no poder, que os macacos subiram no galho e tudo; agora os macacos subiram no poder."

3.2. OS PARTIDOS POLITICOS E OS NEGROS

Dã. Laudelina tinha consciência que todos os partidos em intensidade maior ou menor não deixaram de ter preconceito contra o negro e contra a mulher e, partilhava nesse sentido do mesmo pensamento de Adalberto Camargo, o qual acredita que negro não tem um partido onde suas necessidades sejam inteiramente contempladas.

O depoimento de Adalberto Camargo revela as formas de discriminação sofrida pelo político negro no interior do partido:

"Embora o M.D.B. sempre defendesse o processo democrático de provimento de cargo, mesmo internamente. Em uma dessas reuniões em casa do Montoro, eu era mais ou menos o conselheiro do grupo, o João Paulo me convidou para ir porque lá eles iriam reunir os três os grupos, a cúpula dos três grupos, para discutir essa unificação. A casa dele estava aberta.

Dentro daquele espaço de liberalidade que ele deu na casa dele, eu entrei com um pouco de atraso no horário. Ele estava conversando, confabulando logo no hall de entrada. Montoro estava

de costas para a entrada da rua e o João Paulo de frente. Naquele exato momento, João Paulo disse:

"Nós fazemos o entendimento, mas na chapa única o Adalberto tem que ser o primeiro vice-presidente ou primeiro secretário."

Aí Montoro usou a seguinte expressão :

"Eu não acho conveniente por negro na cúpula do partido." Aí eu cheguei, ouvi e bati nas costas dele. Ele ficou muito desapontado, sem argumentação, mas eu, tive um tipo de atitude para com ele, para que ele não ficasse desconcertado. Disse a ele o seguinte:

"O tempo traz muitos ensinamentos, e esse tempo passa senador, tem uma particularidade, eu sei esperar para as transformações."

Terminou a conversa, ficou muito descontente, desconversou... Esse foi um fato." (15)

Dã. Laudelina expressa claramente também esse descontentamento em relação ao P.T., quando declara que:

"O partido não quer nem saber se nós existimos."

A percepção que Dã. Laudelina teve da posição do partido acerca do negro, é similar com a constatação de Borges Pereira, o qual afirma segundo F. Valente que:

"O P.T. mesmo solicitado, vinha se recusando a acertar a incorporação da questão negra como tópico específico de seu programa, a partir do princípio de que o partido estaria centrado na defesa do trabalhador, sem adjetivação de qualquer espécie, mesmo as de natureza racial." (16)

Mas apesar dele, em sua convenção nacional haver incluído no programa uma preocupação com as minorias étnicas, Dã. Laudelina pensava ser insuficiente pois, segundo ela:

"Os candidatos negros que foram lançados pelo partido, Marco, por exemplo, teve a maioria da votação não venceu porque era negro.

Quando nós fizemos uma comissão e mandamos para o partido que nós queríamos lançar a Benedita da Silva como vice dele, ele enrolou, enrolou, e lançou aquele outro safado lá do Rio Grande do Sul, mal quisto, mal visto, traficante e tudo o que aconteceu.

Aposto se ele tivesse lançado a Benedita ele teria força, vou te dizer p'ra você, não só da mulher, mais dos próprios homens, ele teria força e o trabalhador reforçava o partido.

Nós não tivemos, eles negaram a Benedita no entretanto na greve de Volta Redonda, foi ela que segurou as pontas lá dentro de Volta Redonda, secretariando a greve.

É sinal que ela tem capacidade, mas quando? Mas (aqui em Campinas também), quando o Jacó entrou nós pedimos uma secretária, não conseguimos, começou brigar (os negros), eles (brancos do partido) começaram a jogar negro contra negro.

Negro é safado por lei, ficaram um brigando com o outro e não conseguimos nada.

Lá em São Paulo teve trinta departamento, hoje não tem nenhum, eu tenho jornais aqui do Quércio abraçado com o Presidente da Comunidade Negra (Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra), do Quércio beijando a secretária lá na secretaria da mulher. Da mulher do Quércio no departamento da mulher, hoje se você procurar um (você não acha).

O primeiro departamento que ele extinguiu foi o departamento do trabalho." (17)

Diante da participação lateral que Dã. Laudelina percebia que o negro tinha no interior dos partidos políticos, ela sugeria que uma das saídas era o negro criar o seu próprio partido.

"O negro ainda não se conscientizou que, o negro não pôs na cabeça que ele tem que se unir e criar um partido."

Mas sua longa experiência a fazia refletir acerca de sua própria proposta:

"Mas o branco tem medo que o negro chegue a criar um partido, porque ele sabe que tem negro que vai brigar contra eles, então tira da idéia do negro de votar no negro p'ra votar nele (branco); dá cem cruzados p'ra cada um e bota um cálice de pinga e vota nele."

Dã- Laudelina tinha consciência também que a influência do branco, independente da ideologia conservadora ou progressista, dividia os micro-grupos-étnicos. O seu projeto de militância e sua prática na esfera cultural e social podem confirmar a existência de uma matriz cultural nos termos de Bonfil Batalla que una esses grupos; mas seu relato e sua prática política revelaram que, foi impossível a construção de uma identidade étnica via política na qual convergisse todas as identidades particulares dos diferentes micro-grupos-étnicos negros. Assim, a identidade étnica negra no Brasil para no campo da cultura, perdendo sua força de ideologia étnica no campo político, para se confundir muitas vezes no discurso do cidadão, ou em um outro tipo de alienação política.

O seu depoimento revela que tinha a percepção que este fenômeno se estendia à mulher, e ao trabalhador como se poderá observar a seguir.

"Dentro do Movimento Político eu vejo que é importante o negro estar assumindo o poder político, mais é muito difícil; porque o próprio negro dificulta. Porque o negro ainda não está

conscientizado que ele deve lutar pelo negro ou por ele mesmo. Então o negro está sempre nas campanhas políticas, em vez do negro estar junto com o negro ele está trabalhando para o branco, ... não se encontrou ainda dentro de uma campanha política que o negro esteja trabalhando p'ra outro negro.

Mas o objetivo do negro não é levar o outro negro lá dentro, ... eles estão sempre trabalhando para o branco, porque o negro ainda não pôs na cabeça que o branco joga cinco, dez candidatos p'ra um atrapalhar o outro, mas angariar votos para o branco entendeu? Negro nunca está trabalhando firme p'ro negro, porque o negro não tem confiança no próprio negro, nem nele próprio ele não tem. Porque ele acha que o negro não tem capacidade, até agora o que eu sinto o que eu senti é isso, um não tem confiança no outro...

O próprio negro cria preconceito contra o irmão. Você sabe de uma coisa? Nós temos quarenta e dois advogados negros. Não conto com eles em nada... eles não colaboram. Nós já lançamos candidato, o negro não vota no negro, a mulher não vota na mulher, o trabalhador vota no patrão, e assim vai a vida. Não é p'ra esse século não! O negro, se ele sobe um degrau, ele não conhece o outro, muito difícil. Nós temos esse grupo de advogados formados em Campinas, cansamos de convidar eles p'ra tomar parte nos Movimentos, e se vai ou não vai, mas não dá uma palavra. É mudo, surdo e cego. Então é muito difícil, né?

Agora mesmo, na campanha do Jacé, funcionário lá dentro da Prefeitura, varredor de rua, que foi contra o candidato do trabalhador, diziam:

"- é ele não vai fazer nada."

E não tão conseguindo mesmo, porque não tem verba p'ra se movimentar.

Eu acho que o trabalhador tá muito neutro ainda. Nós tivemos um avanço agora em 88, 89, na campanha do Lula, nós tivemos um avanço bom, mas ainda não é só isso, puxa mais, porque em nome "Partido do Trabalhador", todo trabalhador devia que estar unido, e a dificuldade da gente resolver as coisas é porque eles não estão engajados, né? Ainda muito trabalhador tá votando no patrão, e precisa conscientizar esse povo. É ainda tá pensando muito no patrão, tá aceitando muito esmola ainda, né? É o passe, é o almoço, é a cesta básica." (20)

Dã. Laudelina conseguia perceber que a situação do negro era similar com a do trabalhador e da mulher, e que uma

possível organização específica do negro sofreria a mesma imposição, ou seja, as contradições existentes entre classe trabalhadora e patronal com todas as agravantes expostas pela questão étnica. Situação essa que se estendia também à mulher.

Dã- Laudelina falava na necessidade da união entre a classe operária, mulher e negro. Gramsci no texto "A questão Meridional", atribui as alianças como condição fundamental na hegemonia do proletário, constituindo-se numa estratégia para o enfrentamento da burguesia.

Dã- Laudelina no decorrer de toda a sua caminhada buscou uma aliança entre os diversos micro-grupos-étnicos e isto implicou e implica, num complexo sistema étnico político estabelecido no interior desses próprios grupos.

O negro, para Dã- Laudelina, deveria eliminar qualquer relação de opressão política e preconceitos internos e estabelecer efetivamente uma relação de aliança, priorizando o que é essencial para a maioria da população negra.

NOTAS

- (1) Depoimento de D^â. Laudelina dado ao Museu de Imagem e Som da Campinas.
- (2) Munanga, Kabengueli - *Racismo da Desigualdade à Intolerância*, pág. 54.
- (3) Ibidem - pág. 54.
- (4) Adalberto Camargo foi eleito pelo M.D.B. em 1.966 deputado federal e reeleito em 1.974, permanecendo no cenário político até 1.978.
- (5) Gomes dos Santos, Genivalda - *Partidos Políticos e Etnia Negra*, pág. 19.
- (6) Depoimento de Adalberto Camargo dado a Ana Lúcia E. F. Valente em *Política e Relações Raciais: O Negro e as Eleições Paulistas de 1.982*, pág. 145 à 172.
- (7) Gomes dos Santos, Genivalda - *Partidos Políticos e Etnia Negra*, pág. 23.
- (8) Depoimento de Adalberto Camargo dado a Ana Lúcia E. F. Valente em *Política e Relações Raciais: O Negro e as Eleições Paulistas de 1.982*, pág. 145 à 172.
- (9) Depoimento de Adalberto Camargo dado a Ana Lúcia E. F. Valente em *Política e Relações Raciais: O Negro e as Eleições Paulistas de 1.982*, pág. 145 à 172.
- (10) Depoimento de Adalberto Camargo dado a Ana Lúcia E. F. Valente em *Política e Relações Raciais: O Negro e as Eleições Paulistas de 1.982*, pág. 145 à 172.
- (11) F. Valente, Ana Lúcia E. - *Política e Relações Raciais: O Negro e as Eleições Paulistas de 1.982*.
- (12) F. Valente, Ana Lúcia E. - *Política e Relações Raciais, O Negro e as Eleições Paulistas de 1.982*, pág. 64-65.
- (13) F. Valente, Ana Lúcia E. - *Política e Relações Raciais, O Negro e as Eleições Paulistas de 1.982*, pág. 61.

- (14) F. Valente, Ana Lúcia E. - *Política e Relações Raciais, O Negro e as Eleições Paulistas de 1.982*, pág. 61.
- (15) Depoimento de Adalberto Camargo dado a Ana Lúcia E. F. Valente em *Política e Relações Raciais: O Negro e as Eleições Paulistas de 1.982*, pág. 145 à 172.
- (16) Depoimento de Adalberto Camargo dado a Ana Lúcia E. F. Valente em *Política e Relações Raciais: O Negro e as Eleições Paulistas de 1.982*, pág. 53.
- (17) Depoimento Dã. Laudelina dado ao Museu de Imagem e Som de Campinas.
- (18) Batalla, Bonfil.
- (19) Depoimento de Dã. Laudelina dado a Maria Dutra de Lima em *Trabalhadores Classes Perigosas*, pág. 28 à 39.
- (20) Depoimento de Dã. Laudelina dado a Maria Dutra de Lima em *Trabalhadores Classes Perigosas*, pág. 28 à 39.

CAPITULO IV

MOVIMENTO NEGRO, AVANÇOS E BLOQUEIOS: O PODER COMO OBSTACULO

1. UMA AVALIAÇÃO DE D^â. LAUDELINA SOBRE O MOVIMENTO NEGRO ATUAL: O CASO DE CAMPINAS

A visão de D^â. Laudelina acerca do Movimento Negro atual, pode ser captada principalmente através da descrição feita por ela do relacionamento mantido pelas diversas instituições e indivíduos negros de Campinas, na ocasião do Centenário da Abolição em 1988.

"(As instituições negras) tudo negativo. Na liga dos Homens de Cor estava uma briga por causa de poder. Antes a liga era proibida de ter mulheres no quadro social, agora está tendo (mas), já era uma política machista.

Mas está uma briga lá: tem o Ademir e o Barriga eu nem sei o nome dele o apelido é Barriga. Ademir faz parte da secretaria, mas não funciona não, ninguém está funcionando, nós tivemos lá em várias reuniões, mas não tem nada só brigas: é reivindicação dos poderes, todo mundo quer ser presidente, todo mundo quer mandar, todo mundo fazer.

O M.N.U. eu não posso contar nada, porque eu não tenho nada p'ra contar. Só trabalhamos em conjunto no Centenário da Secretaria da Cultura, então, dava a cobertura no que a gente precisasse: local, material...

O Reginaldo começou a dar o contra que nós não deveríamos aceitar, porque no fim ..., estava dando a entender que era os brancos que estava fazendo. O secretário sentou e disse:

- Nós não queremos fazer, nós estamos colocando à disposição de vocês os locais, material, que é p'ra realizarem e agora vocês sentam com a gente e diz o que vocês querem fazer, traçam o programa e traz p'ra gente então vocês vão precisar de palanques, vocês vão precisar de locais, auto-falantes, de tudo isso é com a gente, menos dinheiro porque nós não temos dinheiro p'ra dar. Nós contamos com vocês e programa.

Então começou aquela questão dele com Benedito Evangelista, com o Barriga, com a Banda de Música dos Homens de Cor, com o departamento do negro. Ele (Reginaldo) levou o programa e ninguém aceitou o programa que ele levou. O cronograma que ele levou, ele dirigia, ele trazia, ele acontecia, (portanto), não era um programa democrático, porque na democracia todos tem voz.

Primeiro ele chegou dizendo que o dia que o Sarney decretou feriado 13 de Maio (ele) queria que o departamento de Cultura mandasse um telegrama de repúdio.

Depois ele levantou disse que ia fazer uma passeata que iria terminar na porta da igreja com o enterro da Princesa Isabel.

Aí eu não aguentei, me levantei e disse:

- Nós somos caranguejo! Estamos andando p'ra traz... nós temos que ir é p'ra frente. Da Princesa Isabel já não existe nem mais os ossos. Então nós vamos tratar de Princesa Isabel que já foi? Nós temos que estar na época agora, nós vamos tratar da nossa época. A luta é agora! O que já foi, já foi. Meu coração já não quer mais saber daquilo tudo. Então nós temos que caminhar é p'ra frente, estamos agora é retrocedendo, vamos agora fazer o enterro da Princesa Isabel, o que vai adiantar fazer o enterro? Vai adiantar alguma coisa?

Aí o coiso levantou aquele da UNICAMP, como que ele chama, o menino da barraca da UNICAMP ...

O Ivan levantou e disse que ia ter uma passeata que sairia da igreja depois da missa, depois do ato ecumênico, saía da igreja, subia a rua 13 de Maio, descia Campos Sales, passava pelo jardim Carlos Gomes, subia a Conceição e vinha p'ro largo do Rosário; queria que cobrisse a placa da rua 13 de Maio; então eu disse:

- Mas que vai adiantar cobrir a placa? O Ivan:

- Vamos cobrir porque depois nós vamos exigir que tire a placa e troque de nome. Dê- Laudelina:

- Vocês tem que mexer com a Câmara, os negociantes da 13 de Maio, com o Prefeito, com todo mundo; que as ruas da cidade tem a Câmara que acolhe as sugestões dos nomes ... Tem que brigar com todos estes departamentos para conseguir a troca da rua. Ao invés de brigar pela troca de nome da rua, vamos tratar do agora. Primeiro nós temos denúncia que no Banco Itaú, tem negros que fez concurso está lá dentro trabalhando na cozinha, não está no balcão. O único banco que tem negro trabalhando no balcão é o banco que eu recebo minha aposentadoria, é o Econômico. Os outros bancos não tem negros no balcão.

Nós temos duas telefonistas negras. A loja Americana nós lutamos quinze anos para colocar duas negras lá dentro que eles não aceitavam negros no balcão, agora tem caixas, tem no balcão, mas foi luta nossa, minha e do dr. José Alberto, do prof^o Gustavo, do falecido dr. Wilson e outros. É isso que nós vamos querer. A inclusão das crianças nas escolas, (porque) os negrinhos são taxados como feio, de sujo, piolhento.

Teve um problema de uma assistente social do parque Manuel da Nóbrega, que pôs uma criança de castigo, durante quinze dias p'ra fora do salão. Nós fomos até o prefeito levamos uma carta, exigimos a saída dela de lá. É isto que nós temos que ver, não é trocando nome de rua, nem queimando cadáver da Princesa Isabel que nós vamos resolver o nosso problema não, o que já foi, já foi, o meu coração já perdoou, que a própria poesia diz:

- Nós temos que pensar no agora, o hoje. Não é verdade? Ai o secretário disse:

- É vó a senhora tem razão, mas é difícil discutir com o bispo, chamam ele de bispo. O Reginaldo não aceita, ele é radical demais, ele não aceita. Tudo ele dá o contra. Só ele é que está certo, só vale o pensamento, a posição dele, a palavra dele, os ideais dele, e não pode ser assim. Agora nós não estamos aqui para fazer o programa nós estamos pedindo p'ra vocês montarem o programa e trazer p'ra nós, p'ra gente ver o que vocês vão fazer, o que vocês vão precisar, é isso que nós queremos, nós não queremos tomar a frente de vocês. Para amanhã dizer foi a Prefeitura quem fez que foi o departamento, é vocês que vão fazer.

A programação saiu muito mau, em todo caso saiu.

Então começou assim aqui os detalhes, foi lá no salão vermelho.

Então esses são debatedores, então o Januário foi convidado pelo Reginaldo, Januário quando confirmou que vinha, então ele vinha de avião, descia em Viracopos, então o Prefeito pôs o carro à disposição dele, o carro social à disposição dele, foi o secretário da Cultura e foi o Reginaldo encontrar com ele no aeroporto de Viracopos. Fez um, convite p'ro Januário, fez o Januário vir do Rio de Janeiro de avião, de lá trouxeram ele de carro oficial da Prefeitura; ficou hospedado no hotel de Campinas, no hotel ali na avenida lá na rua irmã Serafina, um hotel caríssimo, hotel de primeira, a conferência era de noite às sete horas da noite. Sabe quantas pessoa tinha para assistir o Januário vindo do Rio, colocado no jatinho com todos os aparatos, e todas as mordomias? Fala a verdade, tinha trinta pessoas. Trinta contando com a gente, nós. O Januário saiu do Rio para vir falar para nós é uma aberração. Nós já conhecemos o Januário. A gente vive em contato com o Januário tinha que tá falando p'ra platéia mais ou menos de umas cem pessoas. O Januário teve a maior decepção, o departamento de Cultura mais ainda. O Prefeito mandou representante, veio da UNICAMP o professor, aquele que não gosta do Reginaldo, o professor da Lapa, trouxe o americano. Aquele que não gosta do Reginaldo, Bob Slanes e trouxe mais este, veio Lucila, veio não sei quem mais, mas p'ra fazer trinta pessoas com esses elementos nosso tinha Benê, eu.

Ademir estava na faculdade estudando, essa menina aqui, eu de mulher, a Isaura, Carlos, o Benê e o Reginaldo, e o resto era brancos, ele veio falar p'ro negro ou falar para o branco? O branco está cansado de saber a história do negro, ela sabe a história, ele escreve se não publica por que não quer, se abrir p'ro negro também entrar na roda.

Aí a Lucila nos convidou, p'ra fazer um lanche, aí foi eu, o Reginaldo, o Januário, a Lucila e o Benê. Aí o Januário então pois as cartas na mesa e espremeu o bispo de todo jeito.

A Banda dos Homens de Cor a postura deles é virada. O que acontece com o pessoal da banda é o seguinte: a banda hoje está capengando. Está só aqueles restolho dos velhos, (eles) estão carregando aquilo mais por uma obrigação.

Naquela época que nós fizemos uma homenagem p'ra banda aos vinte e cinco anos de fundação, conseguimos um fardamento novo, até foi (junto com a) semana de Carlos Gomes e Vinte e Cinco Anos da reforma do teatro Municipal.

A banda é subvencionada pelo o município, tem uma verba do município, então ela, tem uma obrigação de atender chamados, às vezes que a Prefeitura precisa. A banda tem obrigação de atender os chamados. Mas hoje nós estamos, se tivermos dez músicos tem muito. Os mais velhos já morreram, e havia uma escola dentro da banda preparando os jovens.

Era Seu Pompeu, Renato Pompeu, eu acho que ele foi trinta ou quarenta anos presidente da banda. Depois que ele morreu, é que criaram essa impossibilidade, eles não aceitam jovens, porque aqueles jovens que eles prepararam naquela ocasião aprenderam a música, mas foram para outro lado, montou conjunto, uma orquestra e estavam tocando em outras orquestras, tocando em outro lugar, estavam tocando em bar, tocando em outras coisas mas não na banda. Então quando o Ademir inaugurou o Departamento da Cultura do Estado, na Campos Sales, eles levaram a banda para tocar o hino nacional, mas tocaram pela metade, porque não tem elementos que toquem, eles estão, mas estão fazendo mais, eles estão muito velho, precisando de instrumentos novos e tudo. Então o problema da banda a gente já sentou com o Prefeito e já pediu, ou eles aumentam a subvenção da banda p'ra eles comprarem mais instrumentos, ou se fizerem uma campanha para se comprarem mais instrumento e aí a banda é ligada ao Clube Cultural. Então vem a rixa, do cultural com a banda. A banda não se dá com a diretoria mais, a banda não concorda com eles, porque eles não tratam da parte financeira, da parte cultural, da parte em que eles precisam, melhoria de farda, de tudo.

Começamos a fazer festivais, fazia baile da saudade, baile dos veteranos em prol da banda lá no Cultural, por fim encrencaram porque o Cultural cobrava da banda o acesso dos membros (da banda) nos bailes, das feijoadas, dos vatapás, coisas da vida, churrascarias, festas juninas, p'ra os dois, p'ro Cultural e p'ra banda, né? Mas não une.

Não une a banda com o Cultural, não une. A banda com os da liga dos Homens de Cor.

Então eu falei um pouco também, a gente estava procurando meios de unir estes três grupos: a banda de música dos Homens de Cor, a sociedade dos Homens de Cor e o Cultural, que é registrado reconhecido, porque os outros não são. Não tem outro grupo reconhecido aqui, nem políticos, nem nada. Aí eu parei um pouco p'ra ver se parava as brigas, porque aí estava brigando Ademir, o Moraes, o Benê, outro Benê o Benê Paulino, o Benedito Evangelista, o Barriga e outros elementos, mais estava todo mundo brigando, dentro dos Homens de Cor, foram todo mundo p'ra lá. Ninguém tinha um acordo. Agora passaram p'ra banda, a banda não caminha também, agora está o José Paiva, está o Sampaio, está o Benedito Evangelista que é também fundador da banda. Estão tudo lá na banda, mas não faz nada no Cultural, não faz nada na banda.

Lá nos Homens de Cor, estão brigando por causa de posto de visão. O Barriga é o presidente, o Barriga não aceita o Ademir como vice-presidente porque o Ademir não fez nada, e o Barriga também não está fazendo nada nos Homens de Cor. O Benedito Evangelista não aceita nem o Ademir nem o Barriga dentro da Liga. Então, não

entra num acordo nunca! Você consegue fazer nada. É negro contra negro. Um puxa o tapete do outro, então assim."

Nos capítulos anteriores fica explícito o que Dê-Laudelina desejava para a coletividade negra, bem como, os meios que ela utilizou para tentar atingir os seus objetivos.

Neste capítulo o que se salienta, por meio da avaliação que ela faz dos Movimentos Negros atuais, são sobretudo os obstáculos que ela enfrentou para operacionalizar esses objetivos.

Fica explícito que ela tinha consciência que sua proposta inicial, a união da "raça", não se concretizou. Mas apesar de se sentir desanimada e descrente diante da postura do negro junto ao outro negro, a sua própria visão não se alterou com o tempo (história), simultaneamente lhe emergia sensação de tranqüilidade, compreensão e esperança no futuro.

"O próprio negro cria preconceito contra o irmão. Você sabe de uma coisa? ... Nós já lançamos candidato. O negro não vota no negro, e assim vai a vida. Não é p'ra esse século não!"(1)

Os seus obstáculos na realização de suas propostas foram não só as disputas pelo poder, percebidas entre os grupos negros, como também as vivenciadas por ela. Uma dessas situações o relato que segue elucida:

"Ela fez foi uma chapa contra mim, e ela perdeu, eu fui reeleita, ... e ela não se conformava, eu viajava, o pessoal me chamava, os

políticos e tudo, chamava para dar apoio. Isso criou aquela coisa, uma animosidade negro para negro. Diziam que eu queria ser mais. Eu nunca quis ser, eu sempre fui isso que eu sou. Eu nunca quis aparecer; as coisas que eu faço não é para ficar como pinguim em cima da geladeira."

A disputa pelo poder como bem demonstra as experiências de Dã. Laudelina, destrói a possibilidade da construção de uma identidade étnica coletiva do negro. As diferenças não ficam entre os próprios grupos, sendo identificadas também por outros grupos étnicos em posição dominante que de uma maneira, ou outra, manipulam essas diferenças em seu benefício, e Dã. Laudelina parece que tinha nítida consciência desse fato.

"O branco está cansado de saber a história do negro, ele sabe a história, ele escreve, se não publica; porque não quer se abrir p'ro negro também entrar na roda."

O poder como fenômeno negativo na formação da unidade grupal, é percebido também por militantes negros atuais, como vem corroborar o depoimento a seguir:

"Existe uma questão que não é discutida dentro do Movimento, mas que é necessário refletir sobre ela para mudá-la: - O Individualismo ... A medida que avaliamos o M.N.U. hoje, percebemos, que algo vai mal na sua prática política, deixando-nos a impressão do já visto, pois o que se vê é a reprodução das relações de poder da sociedade branca. Como se dá esta reprodução? Como consequência do racismo, o modelo de poder que foi internalizado pelo negro, foi o do branco que no Brasil, dentro do sistema ditatorial que vivemos, tem controle de saber das informações e o dinheiro. O negro militante exerce nas práticas políticas a mesma forma de poder." (2)

Um outro aspecto importante de se salientar no depoimento de Dã. Laudelina, é o choque entre o velho e o novo, expressos principalmente no capítulo II, nos trechos que, se tratam acerca do evento que inaugura a estátua da Mãe Negra em Campinas.

Uma vez mais se verifica esse choque agora nas posturas de Dã. Laudelina que sendo pragmática, aderia a uma luta concreta reivindicando o acesso da população negra aos bens e serviços (escola, trabalho). Esta postura se contrapõe de forma radical à concepção de luta simbólica (troca de nome da rua, enterro da Princesa Isabel), compreendida pelos integrantes do Movimento Negro unificado (M.N.U.). Apesar da luta simbólica ter um poder de transformação das atitudes das pessoas que decodificam os seus símbolos, ainda por si mesma na forma em que se processa no Brasil, não constitui um elemento de mudança social, neste caso, na situação de exclusão do negro no espaço de trabalho educacional e lazer.

As posturas de ambos não são contraditórias, mas mostram uma diferença significativa nas formas de ação para conquistarem os mesmos objetivos.

Outro aspecto a ser observado neste depoimento é o confronto geracional, o que nos próximos capítulos se aprofundará, quando se tentará mostrar como o discurso de Dã.

Laudelina foi desautorizado, pelas suas seguidoras, em razão da sua idade.

2. UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE A POSIÇÃO DAS MULHER NEGRA NO ESPAÇO NEGRO

A posição da mulher negra no espaço do Movimento Negro, se explicita também ainda que de forma escassa nos relatos de D^a. Laudelina. Contudo elucidam objetivamente a sua visão acerca da posição da mulher negra nas organizações negras, a saber:

"... Antes na liga dos Homens de Cor ... era proibido de ter mulheres no quadro social, agora está tendo (mas) já era uma política machista."

Essa prática machista, a qual D^a. Laudelina se refere, era vivenciada em outras organizações negras, onde as mulheres não participavam diretamente da direção. Geralmente, essas organizações se estruturavam em departamentos, esportes, cultural, e entre outros, o departamento feminino.

D^a. Petronília, relatando sobre a sua participação no departamento feminino no Clube Negro de Cultura, mostra como a ação da mulher era controlada pelo homem.

"A mulher era meio restrito, só mesmo em festas assim, mas nas reuniões era a diretoria; a diretoria era só o homem..."

Tinha a Mocita, aí que começou a mulher negra. Tinha a Mocita, Carolina M. Dias (escritora) e Dê- Sebastiana. A Mocita era uma espécie de enciclopédia, ela sabia tudo, então ela tomava parte em tudo. Era uma coisa, não assim como a espécie de setor feminino, assim como eu estou fazendo assim com você. Então fazia aquela roda, todo mundo participava, todo mundo dava opinião.

Era um grupo de mulheres dentro do Clube, mas não era assim fulano é isso, sicrano é aquilo, era tudo solto, cada um falava, cada um dava opinião e assim acho que a Associação foi crescendo.

A gente organizava tudo: as festas, as excursões, os pic-nics, tudo..., tudo... Aí, primeiro foi a festa da Primavera, então era escolhido por votação a Rainha, então foi a Rainha da Primavera..."

Continuando a entrevista, pergunto-lhe:

"Dê Petronília, e como esses homens viam as mulheres? Como era o namoro por exemplo? (pausa) A senhora já me falou que a senhora era uma pessoa mais avançada p'ra época, cantava no rádio, praticava esportes... Dentro disso como que eles viam as mulheres da época?"

Diante dessa pergunta Dê Petronília se reporta ao seu marido e pergunta:

"- O Eduardo, como é que naquele tempo vocês como homem, como é que vocês viam a mulher na Associação?"

- Esta pergunta eu não sei responder, porque...

Nesse momento Dê Petronília indiretamente transfere a conversa para o seu marido, passo a entrevistá-lo.

- Tinha mulher na diretoria?

- Não, não tinha mulher na diretoria.
- Elas faziam o quê?
- Faziam aquela parte do departamento feminino (cozinha, festas).
- Os homens iam para cozinha para organizar as festas também?
- Não. O único que tomava conta dessa parte era sempre... era o Borba, José Assis Barbosa.
- Ele que tomava conta da parte feminina?
- Ele que tinha uma espécie de controle. Agora o resto cada um tinha sua parte dentro (do clube), o pai dela era o Presidente. O Borba era uma espécie de secretário, ele que arrumava todas aquelas coisas, festas, convidava aquelas pessoas p'ra ir ao Clube fazer conferências..."

D^a Petronília continua:

"- O Borba controlava tudo, ele tinha a "iniciativa" e a gente fazia, ele dava sugestão e a gente cumpria. Ele convidava, arrumava tudo e dava o trabalho p'ra gente." (3)

D^a. Laudelina não enfrentou esse machismo do homem negro e das organizações negras, apesar de ter clareza da sua existência, não conseguiu organizar as mulheres negras para reivindicarem seus interesses específicos de maneira a subverter o machismo existente nas organizações negras brancas.

A sua luta pelas empregadas domésticas emergiu especificamente da sua percepção da situação da mulher negra que exercia essa profissão. Contudo, as discussões se fixariam na reivindicação dos direitos jurídicos da categoria, havendo discussões específicas acerca de discriminações étnicas sofridas

no espaço de trabalho e sociedade, mas não se estende para a realidade específica da mulher negra.

Assim, como Dã· Laudelina outras mulheres negras vêm, através dos tempos denunciando as precárias condições de vida da população negra, buscando a superação das desigualdades, conquistando o direito da cidadania.

As necessidades específicas das mulheres negras por muito tempo não foram contempladas pelo Movimento Feminista, por tentarem, como já discutido anteriormente, a homogeneização dos interesses de gênero.

O mesmo processo parece ocorrer com o Movimento Negro, que não reconhecia os interesses e necessidades das mulheres negras, privilegiando a opressão sofrida pelo negro na sua forma global.

Assim, tanto o Movimento Feminista como o Movimento Negro propagavam que a especificidade seria sinônimo de divisão, enfraquecendo ambas as lutas.

Essa situação tem se transformado, mas as posição da mulher negra no contexto do Movimento Negro suscita pesquisas mais aprofundadas, que possam dar conta da dimensão psico-afetiva e sexual dessa mulher e de sua relação com o homem negro.

A postura Dã- Laudelina, me levou a levantar uma indagação no projeto inicial acerca de sua vida afetiva e sexual, a qual estava exposta no projeto nos seguintes termos:

Uma mulher negra para participar em igualdade de condições com líderes masculinos do movimento étnico-político-social-cultural e reivindicatório, necessitaria abdicar em longo período de seus relacionamentos afetivos como os depoimentos de Dã- Laudelina parece sugerir?

Como ela não só priorizou o que dizer, mas muito mais que isso, ela acompanhou o desenvolvimento do projeto. Uma vez ela me perguntou:

"- O que você já escreveu sobre mim?

- Eu fiz o projeto. Respondi.

- Eu quero ler.

Ao ler, me pergunta num determinado momento:

"- O que você escreveu aqui sobre mim? O que significa isso?

Ela queria saber sobre a indagação levantada e após eu lhe esclarecer a questão, ela me diz:

"Você tem razão, casamento não daria. eu até tinha um branco que corria atrás de mim, mas daria certo. Tinha meu filho também.

Mas eu já estava envolvida no momento e casamento não ia dar certo. E namorar sem casamento também não. Então eu tive que renunciar esta parte da minha em função da luta que eu assumi...

... Mesmo no Movimento Negro tinha sempre um que fazia uma gracinha, isso me magoava muito, quando era branco que fazia as gracinhas não me magoava tanto."

NOTAS

- (1) Depoimento de Dã. Laudelina dado a Maria Dutra de Lima - para a revista - *Trabalhadores Classes Perigosas* nº 06.
- (2) Uma avaliação da prática do M.N.U., Mimeo., Coord. Executiva e Coord. Estadual, M.N.U., R.J. - 04/10/1981, pág. 3 - citado por Maria Ercília do Nascimento - *A Estratégia da Desigualdade*.
- (3) Trecho da entrevista realizada com Dã. Patronília e seu marido Eduardo.

INTRODUÇÃO

Dã- Laudelina teve uma importante atuação junto ao movimento das empregadas domésticas. Pode-se considerá-la a pioneira nas reivindicações da categoria. O material coletado, sejam os suportes orais: (relato de Dã- Laudelina e depoimento de pessoas que conviveram com ela em algum momento de sua vida, os suportes fotográficos, os artigos de jornais e as cartas possibilitam a elaboração de uma história mais recente do movimento e da organização das empregadas domésticas seguindo a sua trajetória.

A reconstituição do movimento apresenta certa delimitação geográfica pois, com certeza muitos dos acontecimentos se referem ou ocorreram em Campinas.

A bibliografia consultada⁽¹⁾ trata fragmentariamente o assunto e não mostra a existência de um trabalho que analise detalhadamente o histórico deste movimento.

Assim, as referências bibliográficas levantadas foram divididas em dois grupos distintos:

1. Aquele que evidencia o compromisso do intelectual com o projeto político do Estado;

2. Aquele cujo produto de pesquisa contribui para a redefinição da posição social da doméstica na sociedade de classe.

Os autores do primeiro grupo Vieira Coutinho (1.940), Lima Ribeiro (1.943), Kawal (1.949), Ir. Corintha N. Moura (1.958) e Conceição (1.971), Kaufmann (1.975); em suas produções referentes às empregadas domésticas deixam transparecer a visão que têm da categoria que pode apresentar ambiguidade, ora ela aparece como injustiçada e incapaz de lutar pelos seus direitos; ora como malvada, ignorante e revoltada. Todavia, este material apesar de obsoleto no tratamento de algumas questões contribuiu para que se pudesse mapear sobretudo a situação das empregadas domésticas no início do século, assim como da própria situação da mulher negra.

Nos trabalhos acima citados seus autores demonstram total desconhecimento a respeito dos movimentos reivindicatórios das empregadas domésticas e, deixam transparecer implícita ou explicitamente, que a categoria de forma geral não tem consciência de classes e em razão disso não se organizam para exercerem pressão ao Estado, o que pode ser verificado com a citação que se segue:

"Nota-se que as leis e decretos existentes não surgiram em consequência de um trabalho reivindicatório desta categoria profissional. Eles representavam a preocupação com as condições da empregada doméstica vistas "de fora", isto é, por elementos que a ela não pertencem ... Nem sempre projetos elaborados, estão adaptados a realidade, como o projeto apresentado pelo advogado Gilberto Caldas que pretendia uma regulamentação para o trabalho da empregada doméstica em termos da dos empregados em indústria ou comércio." (2)

Esta imagem de concessões vinda de cima para baixo no que se refere às reivindicações das empregadas domésticas e suas conquistas, junto ao poder político, são transformadas por estes próprios políticos em concessões do Estado. O depoimento acima citado reflete a mesma visão do problema pela academia da época.

Constata-se que as classes dominantes tentam perpetuar esta idéia na sociedade como todo, levando também a maioria das empregadas a não saberem de sua história e da sua capacidade de organização e de luta.

No segundo grupo encontram-se os trabalhos de Azeredo (1.989), Barros (1.985), Roy (1.989), Saffioti (1.978), Souza (1.982), Vieira (1.987), Nascimento (1.972), Kofes (1.990).

A exploração/subordinação são focalizadas de acordo com o período de realização das obras analisadas. Mas, é a partir do trabalho de Saffioti, que ocorrem mudanças significativas no enfoque do tema. A exploração do trabalho

doméstico é contextualizada e discutida dentro da configuração do sistema capitalista de produção.

Analisando os dois conjuntos das obras descritas, foi possível elaborar uma caracterização do emprego doméstico no seu aspecto legal; a intervenção de outras instituições na questão como: igrejas, órgãos públicos municipais e estaduais (prefeitura e polícia), a relação patroa X empregada e a articulação dessas instituições com os patrões. Nessa parte do trabalho se tratará da Caracterização do Emprego Doméstico, na busca de se fazer uma análise histórica da situação da empregada doméstica num período anterior a 1.936 (momento no qual Dã. Laudelina funda a primeira Associação) até os nossos dias. Esta análise encerra a sua importância a partir do momento que possibilita avaliar e situar o início da luta de Dã. Laudelina pela categoria das empregadas domésticas e o que a sua ação representou e representa como avanço para a época.

Esta parte também tratará:

- da passagem de Dã. Laudelina para um sujeito coletivo;
- da fundação da Associação da Empregadas Domésticas em Campinas (1.961);
- da atuação da Associação das Empregadas Domésticas após o golpe de (1.964);

- da conexão emprego doméstico X questão étnica realizada por Dã- Laudelina;
- de fazer uma reflexão com a atual proposta educativa da Associação e a proposta educativa de Dã- Laudelina.

Este conjunto de questões, provavelmente, deram condições sobretudo, de se efetuar uma análise da possibilidade de construção de identidade étnica e de gênero, que Dã- Laudelina teve dentro do espaço doméstico na relação empregada doméstica X patroa e, também na Associação das Empregadas Domésticas ou Sindicato, enquanto um espaço de luta de uma categoria constituída em sua maioria por mulheres negras.

Nos textos jurídicos, nos documentos oficiais da Associação/Sindicato e mesmo Dã- Laudelina utilizava o nome da categoria no masculino. Contudo, na sua história, não mencionou casos significativos da participação direta masculina nas lutas da categoria.

Apenas em um artigo de jornal, mencionou a sua intervenção em um caso, que as partes se constitua de um patrão X empregado, conforme segue abaixo transcrito:

"... Aliás, um destes últimos (jardineiros) há pouco tempo deu algum trabalho a Dã- Laudelina: estava empregado há alguns anos e resolveu deixar a colocação; a presidente da Associação acompanhou patrão e empregado à justiça para homologação do acordo de dispensa e ficou impressionada com a atitude do empregador." (3)

Assim, não incluo aqui em minhas análises, as peculiaridades dos empregados domésticos principalmente porque essa questão não se explicitou diretamente na militância de Dã-Laudelina.

NOTAS

- (1) Ver a relação bibliográfica específica sobre empregada doméstica no final dessa dissertação
- (2) Oliveira Conceição, Arlete - *Contribuição do Serviço Social para a formação da Consciência Profissional da Empregada Doméstica*, pág 9.
- (3) *Ela é "o terror das patroas"*, Jornal da Cidade - Campinas - 3 de julho de 1.967.

CAPITULO I

BREVE CARACTERIZAÇÃO DO EMPREGO DOMÉSTICO ATRAVÉS DA BIBLIOGRAFIA ANALISADA

1. O EMPREGO DOMÉSTICO: A DEFINIÇÃO E DELIMITAÇÃO DE CENAS E PERSONAGENS

Ao analisar a bibliografia foram recorrentes algumas categorias referentes ao trabalho doméstico que possibilita um sucinta caracterização. Entre elas estão a formação profissional, a relação empregada doméstica X patroa e outras que se seguem:

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Os trabalhos analisados apontaram para um baixo nível de escolaridade da categoria. A empregada doméstica recebe

a sua formação profissional na casa da família que a emprega. Mesmo que detenha um conhecimento anterior adquirido no seio de sua própria família, adapta-se ao ritmo de cada casa na qual passam a trabalhar.

Em 1.939, foi identificado por Maria Eulália V. Coutinho, que a oferta de mercado era para que a empregada doméstica realizasse todo o serviço da casa. Dez anos após os dados se alteram, conforme aponta a pesquisa realizada pela Confederação Católica em 1.949 na cidade de São Paulo, onde 72% da preferência era para cozinheira. Esta questão volta ser analisada em 1.978 por Heleith Saffiotti, a qual identificou que 73% das empregadas domésticas realizavam todo o serviço da casa. Os demais trabalhos não analisam diretamente este aspecto, mas fica explícito que a grande parte das domésticas entrevistadas, pelos autores realizavam todo o serviço da casa.

A RELAÇÃO EMPREGADA DOMÉSTICA E PATRÕES

Em 1.940, Maria Eulália Coutinho ao referir-se à relação empregada doméstica X patrões diz:

"Sem querer julgar com demasiada severidade, encontramos nesta relação, ainda muito da escravatura. Embora a abolição em 1.888, achamos que sua influência perdura até o dia de hoje, tal o trato, que em geral é dispensado aos empregados, ou o conceito em que são tidos".

Categorias da escravidão foram identificadas por Oliveira da Conceição em 1.971 e, por Saffiotti em 1.978.

A primeira salienta o espírito servil e a ligação afetiva, a segunda o baixo salário.⁽¹⁾

Outros estudos também fazem⁽²⁾ referência à origem escrava do trabalho doméstico. Numa descrição da forma pela qual a patroa se aproxima da empregada doméstica na agência de colocação da Divisão de Fiscalização dos Serviços Domésticos, fica elucidativo a marca da escravidão, pois pode-se imaginar o escravo diante do senhor que procura uma mercadoria nos mercados de compra.

"A agência de colocação (oficial) está instalada no porão do prédio, onde há várias divisões destinadas as empregadas para os diversos serviços domésticos. Lá ficam as candidatas, alguns dias seguidos à espera de alguma patroa que a escolha. Tivemos a impressão de uma exposição, de uma vitrina, pois a patroa corre os olhos por todas, examina-as da cabeça aos pés, até encontrar um tipo que lhe convenha, e só depois é que fala com a candidata sobre as condições de serviço."⁽³⁾

A presença do servilismo e clientelismo é demonstrada em todos os estudos. Nos trabalhos escritos nas décadas de 30, 40 e 50, identifica-se a existência dos preconceitos e discriminações étnicas e sociais de forma declarada e a classe patronal parece neste período ter incorporado e acreditado de forma acirrada pertencerem a categorias diferenciadas dentro da humanidade hierarquizada a

partir da cor e da classe social. Isto pode ser evidenciado pelas descrições dos autores sobre o tratamento dado às domésticas:

"Outro problema que surge para as empregadas, em casa de família, é o da alimentação É freqüente ouvirmos queixas de empregadas a respeito da falta de sobremesa e de leite na alimentação ... se tratasse apenas de sobremesa, o caso não seria tão grave. Mas, as próprias refeições são poucas, tudo contado, medido, pesado, sem levar em consideração a empregada. Se sobrar para ela, comerá, do contrário, contentar-se-á com migalhas. ... Outra empregada, quando vai à feira, a patroa recomenda sempre que compre, além de bananas boas um pouco de "bananas para o macaco" que não existe em casa. Esta é a sobremesa das empregadas..."

Segue outro exemplo da mesma autora:

"Uma empregada, chorando, procurou a estagiária, pedindo que lhe fosse feito um curativo no braço, que apresentava extensa queimadura. Interrogada se a dor era muito grande, respondeu que "o coração é que doía". Contou que, ao passar uma camisa do patrão, deu-se um curto circuito e, ao ver as chamas, susteve o ferro na mão, enquanto desligava o fio elétrico, para evitar que a camisa se queimasse. Não pode impedir que uma faísca atingisse a peça de roupa, fazendo um pequeno furo. O patrão, ouvindo-a gritar, correu, pôs os óculos e examinou a camisa, recriminando-a pelo sucedido, sem ao menos perguntar se estava ferida. E a empregada disse amargamente que "uma camisa tem mais valor do que uma empregada." (4)

Nos trabalhos mais recentes (5) percebe-se que na relação empregada doméstica e patrão também prevalece o assistencialismo e o servilismo. Segundo Moffat:

"O assistencialismo dificulta a identificação do inimigo ... a beneficência consagra os dois papéis, os ricos e os pobres, e cumpre duas funções. No sistema de poder: ao rico permite reduzir seu sentimento de culpa pela exploração a que submete o pobre, e ao pobre o confunde, dificultando-lhe localizar o que é que lhe tira o produto do seu trabalho." (6)

Esta situação se configura na expectativa que a empregada doméstica tem em encontrar uma patroa boa, ou seja, que lhe faça concessões de presentes e as trate como "pessoa."

"Eu gosto muito da minha patroa. Minhas irmãs também gosta. Tem uma irmã aqui, que tem dois (filhos) e mora com a patroa e eu somos que nem irmã. A gente combina muito. Ela é muito boa p'ra mim." (7)

é também o tratamento dado pelas patroas que determina a mudança de emprego. A transitoriedade é marcada pela idéia de igualdade e reciprocidade.

A relação empregada doméstica X patroa caracteriza-se também pela submissão da primeira em detrimento da autoridade imposta pela segunda. Autoridade esta, que se faz presente no nível educacional, econômico e social que instrumentalizam a patroa de um poder irreal, mas capaz de bloquear o processo qual, o outro, (doméstica) poderia se ver como sujeito social, pois esta autoridade interfere na privacidade e intimidade da profissional, conforme relato abaixo:

"O duro, o duro é que as patroas não querem mandar só no trabalho da gente não ... querem mandar na vida da gente, no interior da gente. ... Elas querem interferir quando pergunta se a gente tem namorado, se fuma. Onde a gente vai quando tem folga. Dá palpites na roupa da gente, nos programas de rádio, que a gente ouve, no volume do rádio." (8)

Assim, todos os trabalhos registram a marca do poder e da exploração, que se manifestam de formas diferentes em contextos marcados por tempo e espaços determinados.

VISÃO DA EMPREGADA SOBRE O TRABALHO DOMÉSTICO

Em 1.971, Oliveira Conceição relatou sobre as representações das empregadas domésticas:

"Elas sentem sua situação desprivilegiada e marginalizada, algumas colocam como necessária a regulamentação, mas não conseguem selecionar meios que possam influir de maneira objetiva para que haja uma mudança de situação ... Não sendo a maioria que consegue visualizar implicações favoráveis da regulamentação do empregado enquanto profissão."⁽⁹⁾

Nos estudos realizados por Saffiotti 1.978, Barros 1.985, Vieira 1.987, Azeredo e Roy 1.989 e Kofes 1.990 percebe-se que, ainda que as autoras trabalhassem caminhos distintos para pesquisar o tema, algumas conclusões são comuns e estas se referem à maneira pela qual a mulher trabalhadora doméstica negra ou branca se vê dentro do contexto mais amplo. Estas conclusões se equiparam ao processo de mistificação⁽¹⁰⁾ no qual, as idéias particulares da classe dominante se transformam em idéias universais de todos e para todos os membros da sociedade.⁽¹¹⁾ Foi o que observou Kofes (1.990) conforme se explicita na citação abaixo:

"... freqüentemente as mulheres, empregadas domésticas, se referiam ao cotidiano das famílias onde trabalhavam: a alimentação, o arranjo da casa, os hábitos das pessoas, o que era feito, comparando ao seu próprio estilo de vida e expressando críticas mas também aspirações. Estas últimas apareciam sobretudo quando descreviam as reformas a fazer nas casas em que moravam, e apareciam também na linguagem e na maneira de educar os filhos." (12)

Para elas o trabalho que realizam é transitório e se encontram nele pela necessidade de complementar o orçamento familiar, ou por terem consciência da dificuldade e despreparo profissional que as impede o exercício de outra profissão. As domésticas solteiras esperam a oportunidade de emprego no comércio ou na indústria, enquanto que as casadas aguardam o momento de exercer a atividade doméstica dentro de sua própria casa.

O salário desta forma as impedem de conquistar um espaço social e pessoal, em consequência não assumem a identidade de empregada doméstica como profissional⁽¹³⁾, o reconhecimento, profissional e social está ligado a realização de um trabalho que proporcione sustentação no plano financeiro e ascensão no plano social.

O trabalho doméstico não oferece poder de compra "se a gente quer comprar uma roupa nova não pode porque não tem crédito nas lojas. Aí a patroa vai, faz o crediário e desconta do salário da gente." (14)

2. A SITUAÇÃO DA EMPREGADA DOMÉSTICA NEGRA NA BIBLIOGRAFIA ANALISADA

No início do século, a categoria empregada doméstica era constituída na grande maioria por mulheres negras, embora houvesse uma tentativa da elite dominante desde o início da segunda metade do século XIX em empregar mulheres brancas e em última hipótese, as índias em substituição ao trabalho do escravo doméstico.⁽¹⁵⁾

A legitimação "teórica científica" da incapacidade negra se difunde pelos jornais da época perpetuando a discriminação.

"... Como amigo dos nossos patricios e interessado na paz das famílias da nossa terra, não devemos deixar de aconselhar-lhes que substituam, ou ao menos que diminuam o número desses muitos inimigos que se nutrem em nosso seio. Criados livres, morigerados e bons, como os que podemos encontrar entre as famílias alemãs que emigram para as nossas praias, são os que ora nos convêm para, não só resguardarmos do perigo que nos está eminente, como também nos fora da influência danosa que sobre nós tem produzido os escravos ...

Mas atenda-se bem nossas ideias: nós queremos criados só para o interior doméstico, afim de que se não comuniquem com o escravo e se não envergonhem do serviço que fazem, porque o vêm ser feito por essa gente objecta; queremos, por ora, negros escravos ou livres, para o serviço externo, mas que não venham residir em nosso seio de família e emprestar-nos suas idéias acanhadas perniciosas e aviltadas pela imoral escravidão."⁽¹⁶⁾

Os poucos estudos existentes a este respeito não possibilita se estabelecer aqui a abrangência deste projeto. Os

dados obtidos pela pesquisa da Confederação Católica em 1.948⁽¹⁷⁾ revelam que a categoria empregada doméstica era constituída exclusivamente de brasileiras ... A porcentagem era de 93% de elementos nacionais, 3% de portugueses e 4% dos outros países Espanha, Polônia, Itália e Alemanha.

Ao analisar os dados obtidos pela referida pesquisa L. M. Kawall acrescenta que em 1.933, havia um número maior de estrangeiros que se dedicavam aos serviços domésticos, contudo, a insuficiência de dados que dispunha não lhe possibilitou afirmar se estas pessoas "teriam voltado para seu país natal ou se melhorariam de situação econômica."⁽¹⁸⁾

Em relação à cor, os dados obtidos pelos 259 questionários respondidos e devolvidos pelas patroas foram os seguintes: 288 empregadas eram brancas, 273 pretas e 206 pardas. Os resultados apontam para uma maioria de origem negra.

No estudo feito sobre a instituição Santa Zita que se explicitará a seguir, mostra que em 1.958, 62% das empregadas domésticas que eram atendidas nas programações da instituição tinham origem negra e exerciam a função de cozinheira.⁽¹⁹⁾

Nos trabalhos pesquisados, são poucos os que fazem referência direta ou indireta à questão étnica, as referências se restringem aos comentários estatísticos e quando não, fazem

descrições imbuídas de preconceito e racismo, o que se pode verificar abaixo:

"O movimento de empregadas de cor (na agência de colocação oficial) aumentou muito com a supressão da imigração, e agora ainda mais com a guerra. Entretanto, nem sempre as de cor são preferidas pelas patroas. (São estas) que se revoltam quando percebem a diferença, que aliás é notável. Atribuímos essa preferência pelas brancas, porque geralmente as de cor não tem espírito de iniciativa no trabalho. Precisam ser vigiadas, orientadas, pois ao contrário não executam bem o serviço ... É de lastimar a falta de caridade ou delicadeza de certas senhoras que chegam a dizer, na cara da empregada: não me serve, prefiro branca." (20)

Nas agências particulares também a preferência das patroas era para a doméstica branca, mas algumas aceitavam as negras para o serviço de cozinheira.

Entre as justificativas para a recusa referiam-se à moral das pessoas negras, fazendo referência a sua frequência nas sociedades recreativas dançantes, pouco aconselhável, "conforme o comentário feito pela a autora:

"Precisamos esclarecer aqui que em se tratando de pessoa de cor, as sociedades recreativas de que falava eram também frequentadas por esse elemento ... Os nomes das tais sociedades são bastante sugestivos, principalmente pelo contraste de seus frequentadores: Flor de Inocência, no Bairro da Liberdade, Rosa de Inocência, Lírio Branco, etc." (21)

A discriminação contra a trabalhadora doméstica negra naquele período parece ser declarada, suscitando em alguns elementos da população negra a necessidade de se organizar contra

a discriminação nesse campo de trabalho. Em 1.943, Lúcia Machado Kawall registra a existência de uma agência de colocação dirigida por negros. A autora reconhece ser a "agência uma organização em defesa da raça..." Segundo a autora, o diretor da agência colocava também empregadas estrangeiras quando estas apareciam, mas quando a ocasião se apresentava encaminhava em primeiro lugar as negras.

A autora tenta explicar e justificar a situação

dizendo:

"A maioria das nacionais (pretas) são analfabetas e isso contribui para que tenham menores probabilidades de eficiência, motivando sua depreciação ... Em conversa, procurávamos mostrar-lhe (ao diretor da agência de negros) que as outras agências podiam não ser as responsáveis pelo boicote. Este seria feito pelas patroas, não por uma questão de raça, mas por uma questão de formação profissional. Em geral as empregadas estrangeiras são menos exigentes quanto à questão de saída aos domingos, e outras regalias, têm maior instrução, maior compreensão da responsabilidades pelo trabalho."

Os autores dos trabalhos anteriormente citados⁽²²⁾, não deixaram a variável cor de lado, o que remeteria a um preconceito inconsciente e implícito das mesmas.

Ao contrário, suas posturas demonstraram explicitamente a visão preconceituosa e racista que nortearam suas análises, que tiveram como suporte o esforço das mesmas em explicar e justificar o racismo, visando culpabilizar a própria população negra.

Em três trabalhos mais recentes, que tratam especificamente da questão, Muniz de Souza - 1.987, Vieira - 1.987, Azeredo - 1.989, verifica-se que embora o universo destas pesquisas seja distante, ou seja, os dois primeiros trabalhos limitam-se aos depoimentos das mulheres negras domésticas vinculadas à Associação. Já Azeredo, limita-se aos depoimentos de empregadas negras e brancas (provavelmente desvinculadas da Associação da categoria), e depoimentos das respectivas patroas. Contudo o importante aqui é frisar que as representações se assemelham.

Nos três trabalhos identifica-se a existência dos preconceitos e discriminações étnicas e sociais de forma declarada ou sutil. Os depoimentos das empregadas revelaram ambiguidades determinadas pelas introjecções dos preconceitos étnicos e de classe.

No trabalho de Vieira (1.987) foi detectado que a questão étnica dentro do universo da empregada doméstica, se constitui em fator secundário, não sendo considerada uma preocupação principal, relegada a segundo plano dentro da pauta de reivindicações definidas por elas, em favor da luta de classe. Muniz de Souza (1.982) chega a conclusões semelhantes às de Vieira no que concerne à participação das mulheres associadas ao órgão da categoria e nos movimentos negros.

Azeredo (1.989) tenta refletir sobre o papel do feminismo nas relação de empregadas domésticas e patroas considerando "classe e raça" e conclui afirmando: "não ser suficiente para o feminismo apenas lutar para que as empregadas domésticas sejam protegidas por leis mais justas ... (é preciso) uma reflexão séria sobre tais relações, e o que elas significam para um movimento que busca igualdade entre os gêneros.

2.1. A QUESTÃO ÉTNICA NEGRA NA ASSOCIAÇÃO DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS; O EVIDENTE MAS NÃO DISCUTIDO.

Nas representações das empregadas domésticas presente nos três⁽²³⁾ últimos trabalhos, o racismo e a discriminação são parte do conteúdo do discurso, contudo evitam tratá-lo com um caso pessoal, justificando que a discriminação existe para todos aqueles que são pobres, que não é um problema exclusivo dos negros. "Para todos os desprovidos de condição social, a discriminação se mostra evidente."⁽²⁴⁾

As Associações das empregadas domésticas parecem ser apenas um fórum legítimo para as discussões trabalhistas. Elas acreditam não ser a Associação um espaço negro, ainda que sejam recorrentes situações que implicam a cor da pele na relação empregada doméstica X patrão, principalmente no tocante à contratação.

"Uma senhora me chamou para trabalhar, ela me disse: 'preciso de uma outra empregada, só que não pode ser mais preta que você'. Então eu não fui, levei." (25)

"A empregada vai dormir dentro de casa. Prefiro que seja branca." (26)

Diante destas situações onde a patroa demonstra a preferência por uma empregada branca. A Presidente da Associação das Empregadas Domésticas de São Paulo diz o seguinte: *"a sua ficha é imediatamente cancelada ou a gente nem deixa que ela preencha a ficha."*

Para a Presidente da Associação das Empregadas Domésticas de São Paulo, a seleção tem que acontecer a partir da capacidade da empregada, mas a questão étnica não é discutida porque para a Presidente *"não se fazia necessário"*, uma vez que, de acordo com a referida Presidente, para as associadas não existe a discriminação. Segundo a mesma *"este tipo de discussão seria uma maneira de fazer com que as coisas ficassem separadas e para ela as coisas estão juntas."* (27)

Apesar da pesquisa de Muniz (1.982) não mencionar a que grupo étnico pertencia a Presidente em exercício neste período, constatei ser esta branca, de acordo com entrevista dada, pela mesma, ao Estado de São Paulo em 24/04/1.983. Em outras situações a preferência recai sobre as empregadas negras.

"Prefiro empregadas negras e feias por causa do meu marido." (28)

Esta fala se liga a um preconceito estético, para a sociedade em geral a mulher negra está "longe" dos padrões de beleza branco europeu, estabelecidos por ela com os únicos possíveis e legítimos.

São preferidas as negras também para o serviço de cozinheira.

A patroa sempre dizia: "cozinheira boa, tinha que ser aquela preta, gorda, de bunda bem grande."⁽²⁹⁾ ... Contudo, tem casas que se a empregada é negra, ela não pode sair da cozinha.⁽³⁰⁾

Muitas das entrevistadas alegam não sentirem, nem perceberem, "qualquer discriminação por parte da família ou dos amigos desta", por serem negras.⁽³¹⁾ Esta postura provavelmente é consequência de uma "ideologia igualitária", difundida a nível de sociedade mais ampla, que se caracteriza pelo seu discurso, que propaga a igualdade de oportunidade, classes, étnicas, gênero e credo.

Assim, mesmo estando em contato constante com a discriminação étnica, a percepção é tardia e pode ser conseguida a partir da participação em movimentos negros em função da prática política educativa difundida por este meio.

"Durante o tempo em que eu estava na Associação, eu não pensava em discutir com as empregadas negras o preconceito racial, isto porque eu também não discutia e não conhecia bem o problema. Passei a discutir e a falar sobre o preconceito, sobre a discriminação quando comecei a participar do movimento negro."⁽³²⁾

As discussões de problemas que são simultâneos são realizados desta forma em separado; Associação tem como objetivo junto às associadas a consciência de classe não relacionando com a questão étnica.

"Para mim isso tudo (o racismo) é secundário, (o mais importante) é ver a minha profissão, tudo no preto e no branco teoricamente, eu fazendo parte como trabalhadora, depois eu vou lutar por outras coisas." (33)

Apesar das autoras não haverem explicitado que nas Associações das empregadas domésticas existe o primado da classe sobre as categorias etnicidade, gênero parece que esta é a leitura que elas fazem do fenômeno.

Apesar disto, uma interpretação alternativa dos depoimentos aparecidos nestes textos permitira chegar a conclusão diferente. Estas representações são resultado de um processo de socialização e ressocialização das empregadas domésticas, que aqui classifico da seguinte forma:

1. Porque a identificação do negro como pertencente a um grupo étnico é um processo muito difícil e doloroso a ele como bem explica Vieira. (34)

2. Segundo por que a partir do momento em que as empregadas domésticas se vinculam ao grupo sindical ou à organização com direção progressista ou revolucionária, torna-se comum o desaparecimento da questão étnica e mesmo de gênero, dado

que por esta perspectiva será o "cidadão" que toma a primazia, tanto ao nível teórico-metodológico, como pode se observar nas análises das autoras mencionadas, como a nível político: nos partidos políticos, Sindicatos, entre as mais importantes instituições educacionais.

Como foi apontado pelas autoras⁽³⁵⁾, o surgimento das Associações trabalhadas no Rio ou em São Paulo, surgiram como apoio da JOC - Juventude Operária Católica. Pelo discurso político desta organização tudo era reduzido a classe, principalmente no início da década de 60, período de fundação destas Associações as quais refletiam a atmosfera política da época.

De acordo com minha compreensão do caso aqui estudado, esta tentativa de explicar os fatos não dá conta da realidade, contudo, transforma-se em ideologia e justifica os depoimentos:

A Associação não discute a questão racial, "eu acho porque a gente batalha muito mais a condição trabalhista, porque a luta é de trabalhador."⁽³⁶⁾

2.2. A DISCUSSÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO NOS MOVIMENTOS NEGROS: O DISCUTIDO MAS NÃO TRABALHADO

Das entrevistadas nos trabalhos de Muniz (1.982) e Vieira (1.987), apenas uma tinha participação no movimento negro. Desenvolvia no período da entrevista "atividades junto a grupos de São Paulo, como o Grupo Negro da PUC, Movimento Negro Unificado (M.N.U.) e articulava a discussão da questão racial em Taboão da Serra." (37)

A mesma entrevistada esteve presente no III Congresso da Cultura Negra da Américas, realizado na PUC, compôs a mesa de abertura, ao lado de personalidades nacionais e internacionais e discutiu sobre a mulher negra e a situação da empregada doméstica no Brasil. (38)

As demais acreditavam não haver necessidade de participação nos movimentos negros; nos depoimentos a resistência ao movimento negro é reconhecida e, é justificada por considerarem o movimento negro um movimento de "elite".

O fato da não participação massiva das empregadas domésticas no movimento negro, não impediu a este que no seu interior se discutissem questões diretamente relacionadas com elas. Como bem afirma Vieira (1.987) na conclusão:

"As denúncias e reivindicações das empregadas domésticas circulam quase que exclusivamente no circuito reduzido dos militantes."⁽³⁹⁾

Assim, é preciso levar em conta o alcance do protesto do movimento negro pela sociedade e as dificuldades da realização de um trabalho com a população negra em contextos sociais onde não existe uma homogeneidade da população.

Esta situação vivenciada pelas domésticas negras, em específico, tem como pano de fundo a difusão de uma ideologia igualitária eficiente que à nível da sociedade dominante liberal propaga um discurso que tenta tornar homogêneo etnia, gênero e classe; e a nível dos Sindicatos, partidos políticos de ideologias progressista, ou não, reduz tudo a classe. Neste contexto a empregada doméstica negra vai sentir dificuldade de se perceber como profissional e como negra.

Ao se associar a um grupo com tendências progressistas, a questão étnica também não é discutida. O discurso destes movimentos trabalhistas permaneceram por muito tempo incompatíveis e negando o discurso do movimento negro. São a estes movimentos que as lideranças domésticas estão associadas, assim, parece possível entender a dificuldade da empregada doméstica negra em associar a cor de sua pele à discriminação sofrida no seu cotidiano.⁽⁴⁰⁾

Para Vieira (1.987) é necessário, que se criem canais que abram espaço para o diálogo e a experiência de um

trabalho de conscientização conjunta entre movimento negro e a empregada doméstica.

3. A SITUAÇÃO DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS E A POSIÇÃO DA IGREJA

O material pesquisado⁽⁴¹⁾ ilustra também o processo de participação da Igreja Católica na preparação de moças pobres para o exercício do serviço doméstico.

Várias instituições foram fundadas pela Igreja Católica, aparentemente se preocupavam com a formação profissional das empregadas domésticas. Entre elas encontravam-se:

- Escola de Empregadas Domésticas das Filhas de Maria Imaculada, fundada em 1.923, na cidade de São Paulo.

- Escola de Empregadas Domésticas da Congregação Mariana Nossa Senhora do Bom Conselho e São José, 1.936, na cidade de São Paulo.

- Missionárias Sagrado Coração de Jesus Para o Serviço Doméstico, 1.937, na cidade de São Paulo.

- Casa Santa Zita, fundada em 1.944, na cidade de São Paulo.

- Associação do Pão dos Pobres de Santo Antonio (ligada à Paróquia da Catedral de Campinas) fundada em 1.907 na cidade de Campinas.

Outras instituições foram fundadas por leigos, mas ligados diretamente à igreja, a exemplo da Casa Santa Marta, departamento da Liga das Senhoras Católicas. Paralelamente existiram instituições dirigidas por leigos, que não se destinavam apenas ao trabalho com empregadas domésticas, mas também eram ligadas à Igreja Católica como a Lareira e o JOFC.

Algumas destas casas funcionavam em regime de internato, as meninas eram admitidas até os 14 anos e ao atingirem os 18 anos se empregavam como doméstica ou voltavam com a família e, caso tivessem um comportamento contrário às normas da instituição eram enviadas ao juizado de menores. Mau comportamento era considerado por estas instituições, muitas vezes, as recusas das empregadas em ficar trabalhando na casa de um patrão que não lhes fossem de gosto.

Geralmente estas instituições não tinham um programa específico para formação de empregadas domésticas, umas ministravam o curso de alfabetização às empregadas de forma regular, outras ministravam o curso de forma vaga e alegavam que as aulas não poderiam ser dadas diariamente por prejudicarem a vida das empregadas.

Algumas destas instituições eram gratuitas, outras cobravam mensalidades "para estímulo das alunas".

Unanimemente a preocupação destas instituições estava no ensino religioso e formação da moral este fato é perceptível na situação quando as religiosas acertavam os critérios do contrato que era informal, e era exigido do patrão consentimento para que estas semanalmente viessem à escola para as práticas religiosas e que não se permitissem saídas noturnas.

A Casa de Santa Marta, Departamento da Liga das Senhoras Católicas, "tinha a finalidade de receber as menores abandonadas que terminassem o curso do Asilo, preparando-as para profissão doméstica. Esta instituição parece uma das poucas que tinha sua programação visando de fato a profissionalização e oferecia os seguintes cursos e serviços:

1. Curso para obtenção do certificado primário.
2. Curso para profissionais: copeira, cozinheira, arrumadeira, lavadeira, pajem.
3. Curso de puericultura.
4. Círculos de formação moral.
5. Cursos de religião.

6. Clubes recreativos dos quais fazem parte as internas e as ex-alunas da instituição. A adesão ao grupo era livre.

7. Serviço médico, para as internas e ex-alunas.

De todas as instituições religiosas mencionadas neste trabalho, a Casa de Santa Zita parece ter tido maior adesão e repercussão do trabalho que desenvolvia. Foi fundada em 19 de Março de 1.944, porém em 1.940, já existia o trabalho com as empregadas domésticas só que não institucionalizado.

A Casa Santa Zita chegou a ter 500 alunas, com as quais realizava trabalho dando assistência médica, recreativa, educacional e religiosa. Existiam duas categorias de alunas, as internas e as externas. As primeiras geralmente eram colocadas nas instituições pelos pais ou responsáveis, por questões econômicas, e lá aprendiam o ofício de doméstica. As externas eram aceitas na programação da instituição, por meio de uma carta de apresentação, fornecida pela patroa e só frequentavam também qualquer curso com a autorização da patroa. (42)

As religiosas realizavam atendimento individual e grupal com as empregadas.

A Casa de Santa Zita, ao expor suas finalidades, sintetiza as preocupações das demais instituições mencionadas e deixa claro para quem elas estavam prestando o serviço:

"A Casa Santa Zita visa o bem da família por meio do apostolado junto as empregadas domésticas." (43)

A prática deste apostolado entra em conformidade com os interesses das patroas, que buscavam empregadas dóceis, submissas e obedientes, e, por este motivo não se serviam das agências oficiais de colocação, porque as empregadas lá encontradas eram muito "exigentes". (44)

Os documentos utilizados por esta instituição como: ficha de apresentação, ficha médica, o jornal Ecos de Santa Zita, Caderneta de Poupança, serviço de colocação (45), deixam explícitos a ligação que estas instituições tinham com os patrões, e o controle da vida da empregada que tanto instituições quanto patrões desejavam exercer.

Na ficha de apresentação está contida um observação onde lê-se *"A escola não funciona aos sábados. Caso a empregada sair do emprego, pede-se avisar a diretoria pelo telefone 52-2717, das 8 as 11 horas."* (46)

Em outra situação por meio do jornal pode se verificar a constante preocupação com a prática religiosa e com aparência da empregada doméstica. Transcreve-se abaixo um trecho do jornal Ecos de Santa Zita:

"Conselhos de uma velha empregada:

Eu falo para você, ... ouça a voz da experiência e se não quiser, quem perde é você.

Estamos em pleno verão e, se o asseio é necessário sempre, muito mais neste tempo. Você gosta de água, isto é, tomar banho todos os dias? Ou é daquelas que dizem não ter tempo? Vou contar-lhe um segredo ... a sujeira acumulada, mais o suor, faz desprender da pessoa um cheiro que incomoda muito os outros.

Olhe, tome banho todos os dias e procure na farmácia algum produto que tire o cheiro de suor ..." (47)

Todas as atividades organizadas para as empregadas domésticas, realizavam-se em horários que não fossem colocar em risco as necessidades dos patrões, pois parece que as queixas nesse sentido eram frequentes:

"... As reuniões são sempre depois das 17 horas, aos domingos. Isto devido á queixa das patroas de que, frequentando os atos da paróquia, geralmente pela manhã, chegam muito tarde em casa." (48)

Ligado à Casa de Santa Zita funcionava o Club das Amigas do Lar (CAL), onde as patroas discutiam os problemas relativos às domésticas. Segundo a instituição este club tinha o objetivo de "ajudar a obra a alcançar seus objetivos" ... não era um movimento de empregadas, era para empregadas".

A meu ver a existência do club entre outras coisas se deu pelo apoio moral, e o apoio material que as senhoras prestavam a obra⁽⁴⁹⁾. Mesmo porque a presença das patroas na instituição garantia a formação profissional da empregada de acordo com os requisitos por elas exigidos.

Sendo essas instituições mediadoras entre dois grupos, empregadores e empregadas, se destaca o fato de só

estarem regulamentadas as obrigações das empregadas. Os únicos deveres delegados aos patrões são acerca da permissão destes para que a empregada participasse da celebração religiosa, interesse esse inerente às instituições católicas, tanto religiosas quanto leigas.

A mensagem que essas instituições passavam para a doméstica é que ser tratada como pessoa da família era o essencial; os trechos abaixo deixam explícito que o ensino era para submissão e subserviência.

"Orientadas pela Obra, as empregadas preferem ganhar menos e serem bem tratadas pelas pessoas da casa onde trabalham, do que receber mais, sem consideração. Esse é o motivo que as levam a fixarem-se na casa das patroas."

Somos testemunhas dos casos edificantes de empregadas que no seu heroísmo anônimo, permanecem em casa dos patrões, quando estes a dispensam, por não mais lhe poder pagar.

É o caso de M. L. e M. J., duas irmãs que há 10 anos trabalham numa mesma casa. Por doença do patrão, a esposa precisou ir trabalhar fora para sustentar a família. Deram liberdade às duas de irem procurar outro emprego, pois não mais poderiam pagar-lhes o ordenado.

Elas permaneceram, sem nada receber, durante quase dois anos, quando poderiam ganhar muito mais em outra casa, pois são ótimas empregadas. ... Com a morte do patrão, as duas já ganhavam um pouco e a responsabilidade do lar recaiu sobre elas, quase inteiramente.

Vêm muitas vezes nos consultar a respeito do seu modo de agir com as crianças, algumas adolescentes, muito mimadas pela mãe, o que traz situações bem difíceis para as empregadas. Vendo que as mais velhas viviam em liberdade excessiva, entrando tarde em casa, foram ter com a patroa explicando-lhe a situação. A mãe não gostou, dizendo que as "filhas eram dela e ninguém devia constrangê-las". Agravando-se o estado das coisas, vieram novamente procurar-nos e foram orientados a ir falar com o tio das meninas, a quem as mesmas respeitavam muito. Este tomou

providências para que a família fosse morar junto a sua casa, onde seria mais fácil observar as sobrinhas. As duas empregadas, embora essa mudança representasse um sacrifício a mais para elas, pois o bairro é distante e vão ficar mais presas, foram de bom grado e agora mantem-se felizes com a transformação que se operou nas meninas, sob a influência do tio.

Continua dizendo: "Vemos neste caso a dedicação e o desprendimento de duas jovens empregadas, que se tornaram como membros da família, interessando-se por todos e por tudo, embora sacrificando a parte monetária."

Como este, poderíamos apontar muitos outros exemplos que demonstram não ser a classe das domésticas composta apenas de "virgens loucas", mas de "virgens sábias" e prudentes, talvez em sua maioria. ⁽⁵⁰⁾

A Associação do Pão dos Pobres de Santo Antonio a qual demarca a sua existência desde 1.907, foi oficializada e ampliada em 1.955, como obra Religiosa Filantrópica de Assistência Social. Com atividades filantrópicas junto aos migrantes esta Associação passou, entre 1.981 à 1.986, a oferecer cursos para domésticas, cujas "alunas" obtinham uma cota de alimentos no final da semana. ⁽⁵¹⁾

Segundo os dados colhidos por Kofes, o curso fazia parte de uma "nova orientação da Associação", que se explica e se justifica conforme o abaixo transcrito:

"Antes, os carentes cadastrados ficavam indefinidamente recebendo alimentos sem trabalhar. A nova orientação é diferente: as pessoas, maioria faveladas e migrantes de Minas Gerais e Paraná, são cadastradas para receber mantimentos. Mas ficam com a obrigação de que uma pessoa da família faça o curso de doméstica. Após o qual ela será encaminhada para uma casa de família. Do contrário perde o cadastramento. Estamos mudando a orientação para evitar os fregueses da instituição. Com isso, claro, já perdemos metade das pessoas que atendíamos." ⁽⁵²⁾

A última aula parece que sintetizava as propostas e objetivos do curso, indicando as diretrizes da ressocialização e transformação de um indivíduo em empregada doméstica.

"Portanto, é a minha vivência em casa, na casa da patroa que testará a aceitação que faço das palavras de Jesus, pois não adiantará rezar pela manhã e logo começar meu serviço emburrada ... não conversando com ninguém ... batendo os utensílios ... respondendo grosseiramente aos outros ... fazendo com preguiça o meu trabalho ... desobedecendo o gosto da minha patroa ... mentindo para ela ... chutando os animais da casa." (53)

A orientação dada pela Associação de Santo Antonio se assemelhava a Casa de Santa Zita, salientando a **obediência** e a **limpeza**.

O trecho do jornal Ecos de Santa Zita, transcrito anteriormente, tinha o mesmo conteúdo da primeira aula do curso ministrado pela Associação de Santo Antonio - "Evangelificação e Higiene Pessoal".

"É preciso saber que temos necessidade de limpeza diária, pois do contrário cheiramos mau. Devemos tomar banho todos os dias. Como é que se toma banho de maneira correta?...

Como mãe e dona-de-casa se sou "porca", como posso falar em limpeza, banho diário, ordem, se não a vivo...

Nosso banho diário é importantíssimo, pois abre os poros, nos limpa e tira do nosso corpo toda a sujeira e o cheiro desagradável ...

Devemos ter o nosso sabonete, talco, desodorante. Nossos objetos de ordem pessoal devem ser usados só por nós e jamais permitir que os outros os usem." (54)

4. A SITUAÇÃO DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS E A POSIÇÃO DO ESTADO

No final do século passado, nos anúncios e artigos de jornais são frequentes as referências feitas a amas-de-leite: contratando, alugando, vendendo, comprando ou mesmo nos artigos escritos por médicos ou anti-escravista que comentam o perigo dos escravos domésticos (em específico das amas-de-leite) nos seios das famílias brancas, na amamentação dos seus filhos e na sua educação. Essas são acusadas de supersticiosas, fetichistas e as acusavam principalmente de promíscuas. O ato de amamentar os filhos dos brancos acarretavam, muitas vezes, num grande número de amas-de-leite sífilíticas⁽⁵⁵⁾, as quais não recebiam depois nenhum tratamento médico.

O grande apelo feito por essa elite intelectual anti-escravista, era que houvesse uma fiscalização permanente e sistemática, sugerindo o exame médico específico para as amas-de-leite.

"A defeituosa e insuficiente alimentação das crianças é que tem originado o avultado número de óbitos nesta cidade, assumpto que nenhuma attenção tem merecido dos poderes competentes!... Refiro-me ao instituto das amas-de-leite.

... Distinctos collegas membros da Associação se ofereceram para esse trabalho. Diversos escriptórios foram abertos. Todos os jornais diários gratuitamente annunciaram mezes seguidos os lugares e horas para os exames das amas-de-leite, importante garantia para as mães que necessitassem.

... Ninguém apparecia nesses escriptórios!!

Ninguém julgou que houvesse necessidade de dar a seus filhos uma ama sadia, e as torpezas comerciais d'esse genero continuaram e continuam em detrimento da saúde e vida dos pobres innocentes, que são tantas vezes confiados a mulheres de toda a casta, tuberculosas, escofulósas, syphiliticas, anêmicas, etc... Pois bem se assim é, se a vida ou a saúde das crianças também dependem da influência governamental, que ela se exerça sem demora em relação a esse assumpto criando-se um Instituto de Ama-de-leite." (56)

As solicitações da elite dominante da época parecem terem sido acatadas pelo Estado, conforme revela a Lei de 6 de outubro de 1.886, que destinou o artigo 263 ao 294 para regulamentação do trabalho dos criados e das amas-de-leite.

"No artigo 263 da Lei está definido que "criado de servir" é toda a pessoa de condição livre, quer mediante salário convencionado, tiver ou quizer ter ocupação de moço de Hotel, hospedaria ou casa de pasto, cozinheiro, copeiro, cocheiro, hortelão, ama-de-leite, ama-seca, engomadeira ou costura e, em geral, a de qualquer serviço doméstico." (57)

Essa Lei tinha como objetivo uma fiscalização severa dos serviços domésticos para evitar "abusos de ambas as partes" e assim, determinar que todo o indivíduo que quisesse exercer a profissão, deveria sob pena de multa ou prisão, inscrever-se no livro de registro da Secretaria da Polícia, atestando ser a pessoa abonada e livre. Após a inscrição recebia uma caderneta que deveria constar, entre outras coisas, o número de ordem de inscrição, nome, nome dos pais ou tutor do criado, domicílio do patrão. Por essa caderneta o empregado pagava o quantia de 1\$000 à Câmara Municipal.

Deveria ser assentado pelo patrão nessa caderneta a data de admissão e saída do criado. No ato da saída escrever o motivo e o comportamento do criado enquanto esteve servindo.

Os patrões infratores pagavam a multa de 20\$000 pela infração, medida essa que se estendiam também nos casos de contratarem criados que não passaram pela identificação policial.

Referindo-se às amas-de-leite foi acrescentado à Lei artigos especiais, os quais as obrigava além da identificação policial, a passarem na Secretaria da Polícia a um exame, que deveria ser realizado pelo médico da Câmara Municipal, o qual declarava na Caderneta o estado de saúde em que se encontravam as mesmas.

Seguindo a mesma diretriz, as demais Leis sancionadas até 1.941, conservaram o caráter fiscalizador e controlador, sofisticando uma medida e outra.

Na Lei nº 1.794, de 12 de junho de 1.914, promulgada por Washington Luiz Pereira de Souza, o serviço doméstico, que estava a cargo da polícia, passou a ser responsabilidade da Prefeitura. Essa Lei previa criação de uma agência de colocação de criados anexa ao Departamento Estadual do Trabalho e a regulamentação das agências particulares de colocação. De acordo também com a referida Lei, para obter a

matrícula o interessado deveria exhibir entre outras coisas o atestado de que não sofria de moléstia contagiosa.

Em 30 de julho de 1.923 o Decreto nº 16.107, aprovou a regulamentação de locação dos serviços domésticos. Trata-se da primeira regulamentação a nível Federal sobre locação de serviços domésticos, e a definição de locadores de serviços domésticos, a mesma dada pela Lei de 6 de outubro de 1.886. Também o processo de identificação do empregado doméstico era o mesmo das Leis anteriores. Apenas o fornecimento das carteiras de identificação que foi delegado ao Gabinete de identificação e Estatística. Acrescentou-se, como critério de retirada das carteiras, a fotografia e a impressão datiloscópica.

Em seguida, foram elaboradas a Lei nº 2.996 de 16 de agosto de 1.926, que criou a fiscalização e o Ato 2.764 de abril de 1.927, que regulamenta a matrícula.

O Ato nº 1.028 de 10 de março de 1.935, vem regulamentar o exercício da profissão no Município da Capital. Já o Ato Municipal nº 983 de 27 de Dezembro de 1.935, restabeleceu a matrícula dos criados de servir a cargo da divisão de fiscalização dos Serviços Domésticos, pois esta atribuição estava a cargo do Estado.

Assim, todos os empregados domésticos e mesmo as agências de colocação profissional particular estavam submetidas

ao órgão de Fiscalização dos Serviços Domésticos conforme a disposição do ato.

O Ato 1.028 de 10 de março de 1.935, restabeleceu a matrícula dos criados de servir a cargo da Divisão de Fiscalização dos Serviços Domésticos do Departamento Municipal de Higiene e deu outras providências, conforme o Artigo 19: Ninguém poderia exercer a partir de 15 de abril de 1.939 o serviço doméstico ficando o empregado e o empregador sujeitos a multa no caso de não acatarem a Lei, de 10\$000 à 200\$000.

Os objetivos do órgão era essencialmente de fiscalizar eficientemente tudo quanto se referia ao serviço doméstico, aplicando as sanções estabelecidas no regulamento àqueles que não cumprissem as determinações legais ou por mau procedimento ou incorreção, que a elas fizessem jus.

Essa fiscalização se estendia às agências de colocação particulares, ocorrendo casos de fechamento dessas por terem colocado empregadas sem a matrícula obrigatória do órgão público, ou simplesmente por estarem funcionando sem o licenciamento prévio da divisão de saúde. Junto ao órgão também funcionava uma agência de colocação, a qual tinha por finalidade colocar os domésticos que a ela se apresentavam legalmente habilitados pela Divisão de Serviços Domésticos e Identificação Municipal.

Os patrões interessados deveriam procurar o serviço mediante o pagamento da taxa de 5\$000, válida por 30 dias. A assinatura de contratos era opcional, conforme revelam as disposições dos Artigos 28 e 29.

"Sempre que as partes estiverem dispostas a assinar contrato, estipulando direito e obrigações recíprocas, ser-lhe-á isso facilitado pela agência, que adotara para esse fim fórmula especial

No caso de não cumprimento dos contratos por qualquer das partes, a divisão, recebendo a reclamação respectiva, fornecerá cópia do contrato devidamente autenticada, mediante a taxa de 2\$000, não cabendo à Prefeitura, entretanto, responsabilidade alguma pela sua inobservância."(58)

Em 27 de março de 1.941, foi expedida a 29 Lei de caráter nacional pelo Presidente da República Getúlio Vargas. Trata-se do Decreto nº 3.078. Esse decreto transferiu para a polícia a fiscalização e identificação da locação do serviço doméstico. O referido decreto nunca foi regulamentado. O mesmo parece diferir dos outros acerca do contrato de locação. Nas Leis anteriores se previa multas e prisões se as causas das rescisões não observassem os preceitos contidos nas mesmas.

No Decreto nº 3.078, o contrato rescindia-se pela simples manifestação da vontade de qualquer dos contratantes, antes dos seis meses. Após o seis meses a Lei previa: "o curso prévio de oito dias por parte daquele que pretender".(59)

Esse decreto definia empregado doméstico "*todos aqueles que, de qualquer profissão ou mister, mediante remuneração, prestem serviços em residências particulares ou a benefício destas*".⁽⁶⁰⁾ Já o Decreto Estadual nº 19.216 de 2 de março de 1.950 (Estado de São Paulo), aprovou o regulamento da Secção de Registro dos Empregados Domésticos e os classificou de forma semelhante ao Decreto nº 16.107 de 30 de julho de 1.923, ou seja, considerou empregados domésticos: "*cozinheiros e seus ajudantes, copeiros, arrumadores, lavadeiras, engomadeiras, jardineiros, serventes, enceradores, amas-de-leite ou amas-secas, governantes, costureiras e, em geral, quantos prestem serviços domésticos no âmbito familiar*".⁽⁶¹⁾

Na Lei nº 2.757 de 23 de abril de 1.956, distingui-se, os serviços do condomínio, dos serviços domésticos. Os porteiros, zeladores, faxineiros e serventes de prédios de apartamentos residenciais, a serviço da administração do edifício e não de cada condômino em particular.

Tal distinção era garantida pela Consolidação das Leis do Trabalho - Decreto-Lei nº 5.452 de 1 de maio de 1.943, que em seu Artigo nº 7, alínea "a" lê-se:

"... Empregados domésticos, assim considerados, de modo geral, os que prestam serviços de natureza não-econômica à pessoa ou a família, no âmbito residencial dessas. Assim os serviços passaram a ser incorporados à CLT⁽⁶²⁾ e as empregadas domésticas não."

Como pode se observar os Decretos-Lei regulamentados até 1.956 não instituiu, efetivamente, para empregadas domésticas nenhum benefício social, a leitura dos Atos nº 1.028 de 1 de março de 1.936 sugere que o Departamento Municipal de Higiene não estava preocupado com o bem-estar social da doméstica, nem com a sua segurança enquanto trabalhadora e com a possível organização de classe que as oportunizassem reivindicar os seus direitos. Fica explícito que a preocupação era salvaguardar as famílias abastadas dos riscos que pudessem correr com empregadas ladras e doentes. Nos casos de doença, era garantida por lei que o patrão podia dispensar o seu empregado, conforme disposto no Artigo nº 278, parágrafo 1º da Lei de 6 de outubro de 1.886 e Artigo 13º alínea "a" do Decreto nº 16.107 de 30 de julho de 1.923. No Artigo 6º do Ato nº 983 de 27 de dezembro de 1.935, lê-se: *"A matrícula será cancelada quando o matriculado vier a sofrer de moléstia contagiosa ou que inabilite ao exercício da profissão."* (63)

Quando as empregadas ficavam sem amparo na invalidez, velhice, morte, doença ou maternidade, acidentes e desemprego involuntário, a assistência que recebiam era fornecida principalmente pela igreja católica, através dos asilos e pelas diversas Santas Casas.

Assim, sobressai aqui uma primeira conclusão, existiam dois agentes como intenção de otimizar os seus

interesses: por um lado os patrões procuram achar a mão-de-obra mais conveniente para eles, por outro lado, as instituições católicas que cuidavam dos seus fiéis enquanto católicos. Nesse esquema, as empregadas domésticas são convertidas em mero objeto para ambas instituições lograrem os seus objetivos. Pois esses acordos, não faziam a mínima referência aos direitos das empregadas enquanto trabalhadoras.

Nesse contexto o Estado também aparece, como um Estado de classe, atendendo os interesses do patrões e justificando a não inclusão da empregada doméstica nas leis trabalhistas por este se dar no âmbito familiar, "por não ser o lar uma empresa, e nem por, constituir-se o 'trabalho prestado' em fator de produção e conseqüente não gerar conflito entre capital e trabalho."⁽⁶⁴⁾

Esta situação era claramente percebida por Dâ-
Laudelina conforme o relato abaixo transcrito:

"O Getúlio já tinha instituído as lei sindicais e ia haver o primeiro congresso (de trabalhadores em 1.936) ... As empregadas domésticas foram distituídas das leis trabalhistas, nós estávamos criando um movimento para ver se conseguia o registro do Sindicato ... Eu fiquei no Rio uns três ou quatro dias, no terceiro dia eu consegui com o secretário do ministro. Fui falar com o ministro mas não adiantou nada porque não havia possibilidade de enquadramento da classe das empregadas domésticas. Foram destituídas porque não traziam economia para o país. E até hoje eles dizem que as empregadas domésticas não trazem economia para o país ... De repente elas que trazem a economia ... Nós trazemos economia, elas saem para trabalhar (patroas), principalmente a classe média elas têm que trabalhar fora e então passam a escravizar a empregada doméstica."

Kofes, analisando o trabalho de Jellin, torna a transcrição anterior mais elucidativa:

"O trabalho doméstico, em sua forma assalariada ou não seria de qualquer maneira trabalho produtivo, na medida em que a unidade doméstica termina por contribuir com a organização produtiva. A existência do serviço doméstico, abundante e barato, incidindo sobre a qualidade das famílias de alta renda, permitiria assim, o uso da renda monetária em mercadorias alternativas de poupança. Não marginal, portanto, a unidade doméstica seria um tipo de organização produtiva." (65)

O trabalho doméstico e o capitalismo não é objeto desta dissertação, mas poder-se-ia aqui dizer que as formas não capitalistas de trabalho e as formas capitalistas se co-existem, visando garantir o funcionamento da sociedade capitalista, não se restringindo apenas às relações trabalhistas, empregadas doméstica X patroa.

Por isso é que, foi na esfera legal, onde Dâ-Laudelina, buscou o reconhecimento político e estruturou a primeira Associação das empregadas em 1.936.

O direito a sindicalização inicialmente, e depois estender os direitos trabalhistas adquiridos em 1.941 (CLT), também à categoria das empregadas domésticas, constituíram o seu objetivo principal e mortearam as atividades políticas das Associações por ela organizada.

As peculiaridades da luta de Dâ-Laudelina estarão sendo discutidas nos capítulos que se seguem. Todavia, se faz

oportuno continuar descrevendo um pouco acerca da seqüência na qual ocorreram alguns dos direitos conquistados pelas empregadas domésticas.

Em 1.966, conforme bem se ilustra na história de Dã- Laudelina, o direito de filiação à Previdência Social, passou a ser atribuído a categoria, porém enquanto facultativa, ou seja, sua inscrição não era automática era paga autonomamente. A inscrição da empregada doméstica era providenciada por ela mesma, mediante a entrega de requerimento ao INPS, os encargos da contribuição, 16% do salário base, era de responsabilidade da empregada doméstica.

Foi apenas em 11 de dezembro de 1.972, que a Lei nº 5.859, a qual integra as empregadas domésticas na Previdência Social foi aprovada.

Essa lei estende ao empregado doméstico direito a férias anuais remuneradas de vinte dias úteis, após um ano de trabalho prestado na mesma residência familiar.

A inserção da empregada doméstica na Previdência Social, deixa de ser facultativo, passando para qualidade de segurados obrigatórios.

Essa lei considerava empregado doméstico. "aquele que presta serviços de natureza contínua e de finalidade não lucrativa à pessoa ou à família, no âmbito residencial destas."

No ato de admissão o empregado doméstico deveria apresentar:

- Carteira de trabalho e da Previdência Social;
- Atestado de boa conduta;
- Atestado de saúde, a critério do empregador.⁽⁶⁶⁾

Em 1.981, as empregadas conquistaram mais um direito, o FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço).

Pela nova constituição de 5 de outubro de 1.988, são "Assegurados à categoria dos trabalhadores Domésticos os direitos previstos nos incisos IV, VI, VIII, XV, XVII, XVIII, XIX, XXI e XXIV." Esses incisos inseridos no Artigo XXXIV, e encontram-se assim expostos:

IV - SALARIO-MINIMO, fixado em lei, nacionalmente unificado, capaz de atender às suas necessidades vitais básicas e às de sua família com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social, com reajustes periódicos que lhe preservem o poder aquisitivo, sendo vedada sua vinculação para qualquer fim.

VI - IRREDUTIBILIDADE DO SALARIO, salvo o disposto em convenção ou acordo coletivo.

VIII - DÉCIMO-TERCEIRO SALARIO com base na remuneração integral ou no valor da aposentadoria.

XV - REPOUSO SEMANAL REMUNERADO, preferencialmente aos domingos.

XVII - GOZO DE FÉRIAS ANUAIS REMUNERADAS com, pelo menos, um terço a mais do que o salário normal.

XVIII - LICENÇA A GESTANTE, sem prejuízo do emprego e do salário, com duração de 120 dias.

XIX - LICENÇA-PATERNIDADE, de cinco dias.

XXI - AVISO PRÉVIO PROPORCIONAL AO TEMPO DE SERVIÇO, sendo no mínimo de trinta dias, nos termos da lei.

XXIV - APOSENTADORIA. "(67)

Todavia, essa lei que foi aprovada no dia 28 de fevereiro de 1.988, que garante à empregada alguns direitos, expostas anteriormente, ainda não contemplou integralmente os desejos e necessidades da categoria, ou seja, estarem incluídas na CLT, necessidades e desejos que Dã. Laudelina passou grande parte de sua vida lutando para realizá-los.

Penso ser pertinente transcrever trechos da discussão de Cretella Junior sobre: **O Empregado Doméstico na Nova Constituição**, a saber:

"Se "todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza", o regime jurídico do trabalhador doméstico, advindo da relação empregatícia é equiparado ao regime jurídico trabalhista dos demais empregados de fábricas, indústrias ou empresas, sendo-lhes, assim assegurados, inúmeros dos direitos previstos, neste artigo 7º.

Características dos empregados domésticos - eis aspecto relevante, que é preciso acentuar, porque 'sui generis' a tipologia da empregada das casas, ou melhor, da doméstica.

O trabalhador comum, regra geral, não reside no emprego: toma condução - uma, duas e até mais - para chegar ao lugar de trabalho. Paga as refeições do próprio bolso, ou, quando muito, tem o talão-restaurante, que cobre apenas parte da refeição. Ou, quando reside próximo ao emprego, o que é raríssimo, come em casa. Depende de transporte coletivo e nas viagens de ida e volta perde muitas horas, enfrentando filas nos ônibus, trens, metrô e, no final da jornada de trabalho, tudo recomeça com novas filas e horas de desconforto, para voltar ao lar. A Doméstica, que mora no emprego, levanta-se de manhã, sempre mais tarde que o trabalhador comum, prepara o café, alimenta-se, principiando o

dia sem as dificuldades enfrentadas pelo trabalhador, com os meios de transporte. Partilha, a seguir, da vida da casa.

Prepara o almoço e come o mesmo tipo de comida dos patrões e a mesma sobremesa. A tarde prepara o jantar, ou lanche, de que também participa na qualidade comensal.

A noite, terminado o trabalho está livre e, caso durma no emprego, tem quarto confortável, independente, com rádio ou televisão. Pode ainda ler os jornais, que os patrões já leram. E revistas.

Ao final desta normal 'jornada de trabalho' - o que é a regra, no país, de norte a sul, e principalmente, nas Capitais e nas cidades grandes - a empregada doméstica nada gastou do próprio bolso com transporte, alimentação, higiene, vestuário (inúmeras patroas fornecem uniforme), material de energia elétrica, telefone, rádio, televisão, máquinas e aparelhos elétricos, em suma, pode guardar, integralmente, o salário no fim do mês, do que se conclui que, na prática, a relação empregatícia patroa-empregada difere de modo radical da relação de emprego que se forma entre empresa e trabalhador, nas fábricas, nos escritórios, nas lojas, nos supermercados, onde a impessoalidade é a regra, pois os patrões raramente entram em contato com os trabalhadores, quase sempre a direção imediata de gerentes e administradores.

Na relação de emprego patroa-empregada, qualquer problema pessoal da Doméstica é comunicado à primeira, que dedica à empregada os mesmos cuidados dispensados aos outros membros da família, providenciando os primeiros cuidados e o atendimento de pronto-socorro médico, de hospital e de dentista.

Terminado o almoço, lavando a louça ou colocados os pratos na máquina, a empregada, aos sábados, está livre. E aos domingos. Quando, em caso de visitas trabalha aos sábados ou aos domingos, recebe gratificações que equivalem às denominadas horas extras.

Assim, na prática, a tipologia da Doméstica e o ambiente em que se encontra apresentam características bem diferentes dos que se encontram entre os trabalhadores urbanos e, os trabalhadores rurais, cada um com seu tipo especial de trabalho.

Aplicar, como quer o legislador constituinte, as mesmas regras para relação empresário-trabalhador e patroa-empregada, é utopia, divorciada da realidade, que trará desastrosas consequências imediatas e futuras: despedidas em massa.

As consequências imediatas já se fazem sentir. Famílias estão mudando de hábitos, adquirindo congeladores (os 'freezers') e fornos de micro-ondas, dispensando antigas empregadas e, em lugar, contratando "quituteiras", (ou comprando pratos

congelados), diaristas ou faxineiras, e, até mesmo horistas, algumas vezes por semana.

As empregadas dispensadas, por sua vez, não encontram emprego nas fábricas e, quando encontram, comparam as vantagens que tinham no emprego doméstico, ao perceber que o que ganham é gasto com transporte, alimentação, vestuário, higiene, sem contar o uso de energia decorrente de aparelhos e máquinas do antigo emprego.

O ano seguinte à Constituição, 1.989, quando o piso salarial aumentar, como já aumentou, a situação se tornará, no mínimo, caótica, causando impacto maior sobre as Domésticas, despedidas do emprego, do que sobre as patroas ou donas-de-casa, cuja situação econômica permite fácil solução encontrada em outras vias.

Por outro lado, as empregadas domésticas, animadas com as perspectivas abertas pela Constituição e incitadas por falsos amigos procuram, junto a colegas, mais esclarecimentos sobre "seus direitos", reivindicando-os perante as patroas, esquecendo-se, porém, momentaneamente, quase sempre, das vantagens decorrentes da sua peculiar relação de emprego." (68)

As argumentações defendidas por J. Cretella Junior, mostram a sobrevivência de posturas conservadoras e elitistas que vigoram desde o início do século, as quais intentam descaracterizar o aspecto contratual do trabalho doméstico, tornando-o meramente pessoal, visando anular e fragilizar a necessidade reivindicativa da categoria, (no que diz respeito aos direitos já adquiridos por outras profissionais).

Contudo, as estratégias utilizadas pela categoria para as conquistas de seus direitos legais, foram se transformando através do tempo, como se poderá ver a seguir, foram realizando a passagem da dispersão e da alienação para a organização e consciência de classe.

Assim, em 1.940, Eulalia V. Coutinho faz as suas considerações imbuídas de preconceitos a respeito das domésticas e classifica os espaços de sociabilidade, conforme segue abaixo exposto:

"Os pontos de reunião, Jardim América, Praça Buenos Ayres e outros, observa-se ... o abandono em que ficam as crianças enquanto as pajens estão se distraíndo com conversas sobre os mais variados assuntos, inclusive críticas malévolas a toda família dos patrões ..." (69)

Estes eram espaços informais de trocas de experiências, que as possibilitavam elegerem critérios individuais de resistência, mostrando indícios de consciência de grupo profissional. Este fato se exemplifica com o exposto por Irmã Corinha a qual afirma:

"Quando uma empregada é maltratada numa casa, ou despedida injustamente, se as outras sabem do fato, por solidariedade não vão servir àquela patroa." (70)

As agências de colocações foram um espaço citado onde também existia a possibilidade de, a partir da troca de experiência entre elas, elegerem critérios de aceitação do emprego oferecido. Esta atitude ainda que reprimida parece ser adotada pela maioria das empregadas conforme comenta Lima Ribeiro.

"No ato do contrato, depois que a patroa explica as condições do trabalho, elas com ar de pouco caso, replicam fazendo uma série de perguntas como estas:

- Sua casa é grande? Quantos cômodos tem?
- Há muitas pessoas na casa? Recebe gente do interior?
- Recebe muita visita? Dá muito chá, muito almoço?
- Tem criança? Tem cachorro? Tem enceradeira elétrica?
- etc, etc?"⁽⁷¹⁾

Em 1.949⁽⁷²⁾, as empregadas domésticas reivindicavam, segundo pesquisa realizada no período citado.

- "1. Maior compreensão entre patrões e empregadas. (respeito, mutuo, interesse do patrão pela vida da empregada, consideração e reconhecimento para com empregada).
2. Melhor ordenado, melhor alimentação, boas instalações de moradia.
3. Liberdade na execução do serviço, folgas extraordinárias, liberdade de freqüência a escolas noturnas, liberdade para práticas religiosas.
4. Regularização da profissão: horário e serviços contratados, férias anuais, domingos livres e saídas nos dias santos e feriados. Estabilidade no emprego, aviso prévio e aposentadoria.
5. Elevação do nível de educação da classe, por meio de organizações bem orientadas (formação profissional), moral, intelectual, etc da classe.
6. Orientações à patroa quanto a seus deveres."

Naquele período, as reivindicações se baseavam na regulamentação que era inexistente e num tratamento mais humano dado pelos patrões.

Barros identifica em 1.985 o ponto de ônibus como o local em que as empregadas domésticas trocam experiências,

tomam conhecimento da realidade de trabalho de uma outra companheira, podem estabelecer critérios acerca do que é ter um bom emprego, todavia, estas informações não ultrapassam segundo a autora o nível verbal. As empregadas reconhecem o problema de cada uma dessas companheiras, mas não reconhecem a situação geral das trabalhadoras domésticas. Esta alienação é atribuída ao tipo de relação estabelecido entre patrão e empregada. (73)

Um outro fator levantado nos textos é o preconceito que os indivíduos que desempenham a atividade doméstica têm em se assumirem como empregados domésticos.

"A categoria abrange várias subtipos e espécies, tais como jardineiros, copeiros, arrumadeiras, cozinheiras, chofer, caseiros, etc. A expressão empregado doméstico não é bem aceita pelas amas, criadas, babás, que querem, com certa sensibilidade funcional, o tratamento de auxiliar do lar, atendente residencial, governanta, assistente familiar, enquanto jardineiros, mordomos, copeiros e outros não concordam que suas carteiras de trabalho sejam manchadas com o denominativo inconveniente de empregado doméstico." (74)

O preconceito, a relação estabelecida entre patrão e empregada doméstica, os baixos salários e outros fatores contribuíram e contribuem para que a empregada doméstica mantenha-se alienada, não conseguindo vislumbrar os caminhos de transformação de sua situação. Para estas profissionais a mudança de situação está, muitas vezes, na mudança de emprego.

Percebem a necessidade da união das profissionais, mas entretanto delegam em seus discursos uma responsabilidade maior ao patrão e ao Estado para que a mudança ocorra.

Um outro aspecto também considerado é o isolamento que a empregada doméstica é exposta na realização de um trabalho, o qual bloqueia a possibilidade de discussão conjunta da situação mencionada pela categoria no espaço de trabalho.⁷⁹

Todavia os textos indicam que em espaços públicos formais e informais propiciaram a organização das empregadas domésticas, que mediante ao desamparo legal da categoria, fundou em 1.939, a Sociedade Auxiliadora das Empregadas Domésticas de São Paulo, que tinha por principal objetivo: fornecer auxílio em dinheiro ao sócio que por motivo de doença ficasse impossibilitado de trabalhar, assistência médica, dentária e judiciária, medicamentos, hospitalização, dinheiro para funerais, etc... Trabalhar com serviço de colocação, fundar a Caixa de Aposentadorias e Pensões e organizar uma Escola Profissional.

Os objetivos e interesses dessa sociedade eram estritamente beneficente e assistencial: não mencionaram no estatuto propostas de reivindicações legais e políticas. Os documentos examinados não permitiram avaliar se esta organização chegou de fato a funcionar.

No tópico 2 do presente capítulo, pode se verificar que a população negra da época também tinha consciência da discriminação étnica sofrida pela mulher negra nesse campo de trabalho, e tentaram se organizar via uma agência de colocação. Todavia, o alcance desse tipo de protesto era limitado, não proporcionando uma alteração na situação sócio-jurídico das empregadas domésticas.

Foi nesse contexto que emergiu Laudelina de Campos Mello, e a importância de sua luta que já em 1.936, vislumbrava os interesses estratégicos dessa categoria profissional, como se passará a discutir mais detalhadamente nos próximos capítulos.

5. BREVE RESUMO

Pelo exposto no presente capítulo verifica-se que a tentativa de total exclusão do negro do mercado de trabalho foi legalizada, a partir dos interesses de uma elite dominante. Os textos analisados demonstraram uma heterogeneidade entra esta elite, pois muitos rejeitavam a presença negra, mas como não havia outro tipo de mão-de-obra as utilizava.

A legalização dessa exclusão não teve a mesma repercussão em todos os Estados e cidades do Brasil, como por exemplo: algumas profissões que eram permitidas aos negros

executarem no Rio de Janeiro em espaço urbano, em São Paulo já eram proibidos pela polícia.⁽⁷⁶⁾

Da mesma forma acontece com o trabalho doméstico, que na cidade de São Paulo, teve uma fiscalização mais severa, acarretando também, com a vinda dos imigrantes na perda desses espaços de trabalho pelas mulheres negras que eram preteridas pelas imigrantes brancas. Os dados obtidos não dão condições de generalizar esta situação e estender as cidades do interior de São Paulo. Pensa-se aqui que no interior esta situação não se reproduziu.

Entretanto este quadro teve uma alteração, a qual é demonstrada pela pesquisa realizada em 1.948 pela Federação Católica, onde a categoria profissional era constituída em maioria por brasileiros e destas 288 eram consideradas brancas, 273 pretas e 206 pardas; estas respostas foram dadas pelas patroas e, é sabido da dificuldade das pessoas identificarem quem é negro, quem é pardo no Brasil, mas o que interessa aqui é frisar a mudança ocorrida em 15 anos, pois até 1.933 a situação era diferente, a categoria era constituída em São Paulo em sua maioria por estrangeiros e, parafraseando a autora L. M. Kawall:

"Não se sabe se estas pessoas teriam voltado para seu país natal ou se melhorariam de situação econômica."

Sem dúvidas é necessário uma investigação mais profunda para descobrir o que aconteceu com as mulheres negras pobres neste período em São Paulo, nesta dissertação não se poderá abarcar este aspecto.

Em se tratando do Estado fica evidente que se aliou com a elite dominante para protegê-la das empregadas domésticas, as quais poderiam roubá-las, quebrar seus objetos e, também no caso de doença das empregadas, desobrigá-las de sua incumbência de cuidar da saúde das mesmas. Conforme um dos parágrafos do artigo 278: *"A matrícula será cancelada quando o matriculado vier a sofrer de moléstia contagiosa ou que o inabilite ao exercício da profissão."*

Esta situação levou muitas mulheres negras a ficarem nas ruas em casos de invalidez, velhice ou doença, fato este que se estendia às empregadas domésticas brancas que se encontrassem na mesma situação.

Um setor da Igreja, assim como, o Estado se alia à elite dominante com o propósito de preparar, educar as empregadas domésticas para futuras prestações de serviços nas casas de famílias abastadas. Contudo sem contribuir para a organização da categoria no que diz respeito às suas reivindicações específicas junto ao Estado.

Com a organização da categoria alguns direitos foram conquistados, mostrando um avanço significativo, tanto à

nível da estratégia de luta dessas organizações, quanto ao tipo de contrato mantido entre empregada doméstica e patrão.

NOTAS

- (1) Conceição, Arlete Oliveira - 1.971:6, Meleith Iara B Saffioti - 1978:36
- (2) Souza - 1.982, Barros - 1.985, Vieira - 1.987 e Roy - 1.989.
- (3) Coutinho, Maria Eulalia V. - 1.940:27.
- (4) Irmã Corinha do Nascimento Moura - 1.958:39.
- (5) Conceição - 1.971, Saffioti - 1.978, Souza - 1.982, Barros - 1.985, Vieira - 1.987, Azeredo - 1.989 e Roy - 1.989.
- (6) A. Moffat - *A Psicoterapia do Oprimido* - citado também em Barros - 1.985:46.
- (7) Depoimento colhido por Barros - 1.985.
- (8) Idem
- (9) Conceição, Arlete Oliveira - 1.971:15.
- (10) Memmi, Albert - 1.977.
- (11) Lacerda Sobrinho, Oscar Peixoto - 1.989:23.
- (12) Kofes, Suely - 1.990.
- (13) Barros - 1.985:75.
- (14) Barros - 1.985:74.
- (15) Azevedo, Célia Marinho de - 1.985.
- (16) Giacomini, Sônia Maria - 1.988
- (17) Kawall, Lúcia Machado - 1.949
- (18) Idem - 1.949:6.
- (19) Irmã Corinha do Nascimento Moura - 1.958:25, 28.
- (20) Ribeiro, Ana Maria Pia de Lima - 1.943:47.

- (21) Idem 1.943:54.
- (22) Maria Eulalia V. Coutinho - 1.940, Ana Maria Pia de Lima Ribeiro - 1.943, Lúcia Machado Kawall - 1.949, Irmã Corintha do Nascimento Moura - 1.958, Arlete Oliveira Conceição - 1.971.
- (23) Muniz - 1.982, Vieira - 1.987, Azeredo - 1.989.
- (24) Vieira, Celma Rosa - 1.987:146.
- (25) Ibidem.
- (26) Muniz - 1.982:32.
- (27) Muniz - 1.982:35.
- (28) Muniz - 1.982:32.
- (29) Vieira - 1.987.
- (30) Muniz, Edna - 1.982:34.
- (31) Muniz - 1.982:33, Vieira - 1.987.
- (32) Muniz - 1.982:40.
- (33) Vieira - 1.987:146.
- (34) Idem - 1.987:142.
- (35) Muniz - 1.982, Vieira - 1.987, Azeredo - 1.989.
- (36) Vieira - 1.987:146.
- (37) Muniz - 1.982:41.
- (38) Idem.
- (39) Vieira - 1.987:157.
- (40) Idem.
- (41) Ver bibliografia específica sobre empregada doméstica.
- (42) Irmã Corintha - 1.958.
- (43) Idem.
- (44) Coutinho, Maria Eulalia V. - 1.940:27.

- (45) Ver Irmã Corintha - 1.958 - anexos do trabalho.
- (46) Ibidem.
- (47) Ibidem.
- (48) Ibidem.
- (49) Ibidem.
- (50) Ibidem - pág. 74.
- (51) Kofes, Suely - 1.990:255
- (52) Ibidem - 1.990:225.
- (53) Ibidem - 1.990:257.
- (54) Ibidem - 1.990:256.
- (55) Giacomini, Sônia Maria - 1.988.
- (56) Ibidem - pág. 59.
- (57) Ribeiro, Ana Maria Pia de Lima - 1.943, anexos.
- (58) Ibidem.
- (59) Ibidem.
- (60) Ibidem.
- (61) Saffioti, Heleith Iara B - 1.979.
- (62) Ibidem.
- (63) Ribeiro, Ana Maria Pia de Lima - 1.943, anexos.
- (64) Kofes - 1.990
- (65) Ibidem
- (66) Ibidem
- (67) Cretella Junior - 1.989:4-5.
- (68) Ibidem - 1.989:11-16.
- (69) Coutinho - 1.940.
- (70) Irmã Corintha - 1.958.

- (71) Ribeiro, Ana Maria Pia de Lima - 1.943, anexos.
- (72) Kawal, Lucia Machado - 1.949:47-48.
- (73) Barros - 1.985.
- (74) Jornal
- (75) Profª Heleith Saffioti, afirma que no México as coberturas dos prédios residenciais são destinadas as empregadas domésticas, onde cada empregada tem seu quarto e partilham espaços comuns. A Avaliação da professora é de concordância quanto a este aspecto, pois acredita que mesmo que as patroas permitam que as empregadas assistam TV e façam as refeições em companhia de toda família não será o suficiente pois não comungam efetivamente os mesmos interesses, sendo a atitude superficial, ainda que, aparentemente a própria empregada doméstica se sinta um membro da família.
- (76) Ribeiro, Ana Maria Pia de Lima - 1.989.

CAPITULO II

Da- LAUDELINA DE EMPREGADA A SINDICALISTA

1. Da- LAUDELINA: EMPREGADA DOMÉSTICA

Dã- Laudelina começou a exercer o trabalho doméstico remunerado em Poços de Caldas entre 16 ou 17 anos, mas antes desse período realizava o trabalho doméstico em sua própria casa para ajudar a mãe que começou a trabalhar na lavandeira de um hotel.

Os depoimentos também indicam que ela exercia esporadicamente o emprego doméstico na função pajem antes de assumi-lo efetivamente:

"... Então aí eles contaram que meu pai morreu, nesta época eu estava com 12 anos e pouco, quase 13 anos, eu já era pajem, já trabalhava na casa dos Moreiras Sales, que era dono da casa bancária de poços de Caldas, depois, tronou-se o maior banqueiro do país, passei a ser pajem do filho do Mário Mourão, que era médico que mandava na cidade, foi prefeito foi tudo na cidade, aí eu passei a ser pajem deles..."

Ai minha mãe foi trabalhar na lavanderia de um hotel, que era do Juscelino Kubitscheck, e eu fiquei criando meus irmãos e dois sobrinhos... Depois minha mãe já foi ficando cansada de trabalhar na lavanderia e voltou p'ra casa, eu já estava com 16, 17 anos."

Naquele momento (aos 17 anos) Dã. Laudelina começa a trabalhar com a família de Juscelino Kubitscheck e ficou com eles até 1.922, quando estava com 18 anos, resolveu vir trabalhar em São Paulo com a família Kasamone. Pode se perceber que o relacionamento mantido com esta família não era muito bom, a saber:

"Minha relação com eles era mais escravocrata mesmo, eu era copeira."

Mas mesmo assim, Dã. Laudelina permaneceu com esta família até se casar em 1.924, aos 20 anos. Após o seu casamento ela continuou trabalhando, com outra família que lhe tratava melhor.

"Depois eu fui trabalhar com a Rainha da Beleza em Santos mesmo, ela era muito bonita e boa para mim, era casada com um Doutor de família tradicional, mas ela não colocava banca em mim."

Em 1.928, Dã. Laudelina vem de Santos para São Paulo, ficando até 1.934. Em São Paulo continuou a exercer a função de empregada doméstica, mas também se divertia nas associações recreativas negras e não exclusivamente negras.

Dã. Laudelina volta para Santos, continua trabalhando na profissão de doméstica, mas não descreveu como era o relacionamento com os patrões de 1.938 até 1.945.

Mas após a guerra, quando ela conhece Benta Silva Vaz Cardoso, volta a descrever a dinâmica da relação mantida com esta patroa.

"(Meu relacionamento) era o melhor possível, a minha patroa era muito liberal, muito amiga, ela não me considerava como empregada e sim como sua secretária, ela não falava minha empregada não, era governanta dela em Santos. Quando a Hilda (filha da patroa) estava no colégio lá em Santos, eu acompanhava ela. Ela estudou naquele colégio caríssimo. Eu fui (com minha patroa) para Portugal, ia para todo lado e fiquei um mês lá, pois a família dela mora no Porto (ela tinha móveis de Portugal), no ano de 1.952. Em Maio de 1.952 e dali nós fomos para Argentina."

No período que Dã. Laudelina começa a trabalhar com D. Benta Silva Vaz Cardoso, já militava há cerca de 10 anos no movimento político sindical. E apesar de toda uma consciência lúcida e nítida da situação da empregada doméstica, percebe-se que, aparentemente o depoimento evidência, em Dã. Laudelina talvez a existência do preconceito que ela combatia. Ao relatar o tipo de relacionamento travado entre ela e a patroa, ela valoriza a troca de denominação empregada/secretária. Mas chamada de secretária ou governanta - num determinado momento a função que ela exercia era de empregada doméstica, que de forma alguma impediria a existência de relação de respeito e contratual entre ambas, como ela mesma reivindicava à sociedade política e civil.

O conteúdo de uma das cartas que D^a. Sidônia envia a D^a. Laudelina, sugere que a relação existente entre empregada doméstica e patroa era norteadada possivelmente pelo assistencialismo e servilismo.

"Querida filha, estimo muito saber que a sua patroa é tão boa e caridosa. Pois é destas pessoas que Deus nos indica e que precisamos, não é verdade? Eu já quero bem ela como se tivesse o prazer de conhecer. Você disse como poderás pagar tantas obrigações a estes patrões tão bons? É muito fácil é você sempre ser dedicada em tudo que fazer, não é?... Por hoje basta, você dê lembranças à sua bondosa patroa." (1)

Todavia, analisando o conjunto dos dados levantados, verifica-se que D^a. Laudelina tinha clareza da relação mantida com essa patroa em específico, e não estava envolvida simplesmente com o "mito da boa patroa".

Nesse período, D^a. Laudelina, estava doente, pois durante a fase em que ela se alistou na defesa passiva auxiliar de guerra, na ocasião da 2^a Guerra Mundial, levou um tiro conforme o relato que se segue:

"Mas, nós tivemos mais problemas com os nossos brasileiros. Então, quando eu comecei a dar serviço no blecaute na praia, tinha bastante Junqueira, em Santos que são donos de tudo e os donos do Brasil, são os fundadores quase do Brasil.

Este Junqueira era muito influente na política ele era exportador de café. eu comecei a perceber que ele ia sempre com os seus papéis, com mais coisa enrolada de baixo do braço, ... Aí eu já estava dentro da Ordem Política Social fazendo diligência (investigação). Comuniquei (aos superiores) que dia sim, dia não, ou duas vezes, ele estava ali ... Ele foi preso e contratou um outro para me matar.

Estava no blecaute e tudo escuro com a lanterna para baixo, porque se você levantar o navio localiza você. Escurecia, eu a fiscalizar a entrada do navio. Ai eu fui atirada. Ele contratou um cara para me matar, mas o cara me atirou de longe, tinha um policial não muito perto e também estava escuro ele não conseguiu me matar mesmo, mas o tiro pegou no intestino e eu permaneci um tempo no hospital, isto já em 1.943, tinha sido inaugurado o IAPC, mas eu fiquei inválida."

Dã. Laudelina se recuperou e voltou a assumir o seu posto no movimento de defesa passiva auxiliar de guerra, do qual, participou de 1.941 até 10 de maio de 1.945.

Mas, em 1.945, torna a ficar doente e tudo indica que quem cuidou dela foi um família amiga e a patroa Benta Vaz Cardoso, pela qual, ela nutria profunda gratidão.

"Nessa época, eu fiquei muito doente, então fui operada de novo, ai morávamos perto de uma família e essa família nortista, ... gostava muito do meu filho, então tomava conta do meu filho quando estive doente, aquela família cuidava do meu filho, cuidava de mim. Ai eu melhorei um pouco e comecei a trabalhar de novo...

Após a guerra (eu comecei a trabalhar com esta família) ela viajava muito, eu era governanta, ela era portuguesa. Só ia p'ra dar uma olhada aqui e ali.

Dã. Laudelina trabalhou com essa família de 1.945 até 1.953 exercendo várias funções.

Essa patroa, além da sogra, apoiou e lhe deu respaldo para a atitude por ela tomada em 1.949 de não voltar com o marido.

"Eu vim para Campinas também por causa disso (solicitação de reconciliação do marido). Um dia, ela (a patroa) me convidou para conhecer a fazenda eu vim para ficar seis meses, e estou a 42 anos em Campinas, não sei quando venho definitivamente. Vim para Campinas, no dia 13 de janeiro de 1.949, num sábado, fui para esta fazenda, São José, na estrada de Mogi-Mirim, a governanta estava doente ..., aí ela foi internada em Campos de Jordão e faleceu. Então ela disse:

- Nina, você fica aqui um pouco p'ra mim. Porque foi esta senhora que me pois apelido de Nina, ela achava o nome muito difícil vamos diminuir um pouco, vou chamar você de Nina. As vezes (eu mesma) esqueço meu nome.

Esta fazenda era uma fazenda ultra moderna, tinha tudo quanto era moderno, ela era portuguesa, mas uma portuguesa muito democrata.

Aí quando fez seis meses que eu estava aqui ela disse:

- Sabe de uma coisa? É você que vai ficar aqui. Eu já estava gostando da fazenda.

Dai ela me disse:

- Sabe de uma coisa? Vamos fazer um hotel para repouso, só, para milionário!

Quem hospedava lá na Ademar de Barros, aqueles grandes políticos da época; Simonsem, aqui de Campinas (eram) os magnatas que passavam o final de semana.

Eu fiquei tomando conta ... fiquei sendo gerente da fazenda, ela transformou a fazenda num hotel, mas a parte de café, agricultura continuava. Um belo dia ela encarencou com o administrador e mandou o administrador embora. Aí (ela) chegou em mim e disse:

- Você e seu filho vai ficar aqui tomando conta até que eu arrume um administrador, você pode fazer e desfazer.

Ninguém conhecia a dona da fazenda, ela chegava na fazenda, tocava o telefone ela ia atender, aí perguntavam:

- Quem está falando?

- É a dona Bedesildes.

- Por favor chama a dona Nina p'ra mim.

Aí ela dizia:

- Dona da fazenda estão lhe chamando no telefone.

Ai fiz amizade com os colonos, ela me deu toda a liberdade."

Os relatos evidenciam que quando Dã. Laudelina utilizava a categoria "amiga" na sua relação com a patroa se referia parafraseando Kofes "a um universo comum enquanto mulheres". Mas a distinção entre a Benta Silva Vaz Cardoso e as demais patroas é salientada, pois a referida patroa deu condições a Dã. Laudelina de desenvolver seu potencial criativo e profissional, exercendo outras funções: governanta, gerente de hotel e finalmente sendo administradora da Fazenda São José.

Quanto à gratidão sentida por Dã. Laudelina, essa parece se referir a uma interação que supera as relações contratuais entendidas como "justas", e aqui seria interessante se reportar à conclusão da tese de Kofes:

"A presença estrutural das empregadas domésticas na organização familiar na sociedade brasileira, aguçaria a simultaneidade dos dois modelos. Ninguém poderia, portanto designar a relação entre patroas e empregadas domésticas como uma relação onde impera um modelo puro de relações paternalistas, reduzi-las a um modelo puro, racional, trabalhista. Os dois modelos aparecem concomitantemente. Como se, sem o salário não mais se mantivesse e só com salário, não se mantêm. Se, neste caso, a força do salário na manutenção desta relação é um dado que relativamente vem se fortalecendo, este é filtrado pelo modelo das relações personalistas."⁽²⁾

A categoria "amiga" - toma outra dimensão quando Dã. Laudelina se refere às "patroas amigas", que "auxiliavam" e "prestavam serviço" na Associação das Empregadas Domésticas em Campinas, conforme se discutirá nos próximos capítulos.

Dã Laudelina ficou 4 anos e 5 meses na Fazenda São José, com a morte da patroa (Dã Benta Silva Vaz Cardoso), Dã Laudelina vem, em 1.953, para a zona urbana de Campinas, e se emprega na casa da família do dr. Atilio Leitão e não teceu maiores comentários sobre seu período de exercício no mesmo. Provavelmente esse foi o seu último emprego como empregada doméstica, pois, por volta de 1.954/1.955, monta uma pensão e começa a vender salgados no Campo do Guarani.

"Nesta época eu já não trabalhava mais p'ra fora e nem morava mais com a Leonor. Morava no Casarão na rua Lusitana, nº 1.444, lá eu dava pensão. Depois logo veio uma família, minha conhecida de Poços de Caldas e nós ficamos morando junto.

Quando foi a inauguração do estádio do Guarani, eu já estava conhecendo a Ponte Preta, o Guarani ..., aí me convidaram p'ra vender salgado no campo. Eu já fazia salgados em casa e, tinha um grupo de meninos daquela família que tinha vindo de Poços de Caldas em casa, que vendia no campo. Eu fazia os salgados o meu filho ia junto p'ra dar orientação aos meninos.

Então eu fiquei de 1.953 à 1.954 trabalhando, vendendo salgados. Em 1.954 já estava entrosada com o pessoal da Ponte porque passei a vender na Ponte também, o pessoal gostava muito dos salgados que eu fazia."

Foram 33 (trinta e três) anos dedicados ao trabalho doméstico remunerado, dos quais, 14 (quatorze) anos, 1.922 à 1.936, foram vivenciados sem um posicionamento totalmente crítico acerca das condições de vida e de trabalho da empregada doméstica. Mas já havia uma preocupação com o amparo na falta de saúde e na velhice das mesmas por Dã Laudelina:

"A situação da empregada doméstica era muito ruim, a maioria daquelas antigas trabalharam 23 anos e morria na rua pedindo esmolas. Lá em Santos a gente andou cuidando, tratou delas até a morte. Era um resíduo da escravidão, porque era tudo descendente de escravos."

Em 1936 esta preocupação que existia apenas como uma intervenção benéfica, se transforma numa ação política organizada.

1.1. O RITUAL DA PASSAGEM

Pelo o até agora visto e lido sobre D^a. Laudelina, fica claro que ela tinha consciência da discriminação étnica sofrida pelo negro, tanto é, que desde dos seus 16 anos, organizava e dirigia Associações Negras. Todavia as implicações das discriminações, no cotidiano negro, só passaram a ser discutidas no partido político no qual ela se filiou. Pode-se dizer que ela atuava praticamente, mas não tinha consciência teórica da sua ação.

Para Gramsci:

"A consciência de fazer parte de uma determinada força hegemônica (isto é, a consciência política) é a primeira fase de ulterior e progressiva autoconsciência, na qual teoria e prática finalmente se unificam. Portanto, também a unidade de teoria e prática não é um fato mecânico, mas um devenir histórico, que tem a sua fase elementar no senso de distinção, de separação, de independência apenas instintiva e progride até a posse real e completa de uma concepção do mundo coerente e unitária." (3)

Tal fenômeno se processa na vida de D^a. Laudelina da seguinte maneira:

"... Agora, sobre a raça, a gente não tinha naquela época muito (como discutir); era um grupo (formado) por causa do isolamento dos brancos. Não questionávamos nada, até aquela data (1.916). Depois que fui pra Santos que eu comecei. Aí, entrei na política e comecei a discutir, pois o próprio partido começou (a fazer pressão) para que a gente lutasse pela raça."

A formação da consciência política de D^a. Laudelina foi se definindo com o contato que ela manteve com os militantes de Associações Negras em São Paulo das várias tendências existentes inclusive com integrantes da Frente Negra Brasileira por volta de 1.933, 1.934 e 1.935. Entretanto a sua ação, neste período, ela mesma afirmava, foram norteadas pelas posturas teóricas e práticas de Geraldo Campos de Oliveira, Vicente Lobato e um Professor Maranhense. Estes três dirigentes parece não partilharem na época das mesmas tendências políticas, contudo, tinham em comum a origem étnica.

O prof^o. Maranhense era comunista, "muito culto", e utilizava do espaço recreativo da "Saudades de Campinas" para a socialização do seu conhecimento étnico-sócio-político; através dos cursos de oradores e palestras que ministrava, que segundo ela: *"mostrava o que era a condição do negro e do branco trabalhador"*.

Vicente Lobato era socialista e, conforme declaração de um militante negro⁽⁴⁾, neste período 1.933/1.934, ele fugiu do Rio de Janeiro para São Paulo em razão das suas idéias políticas. Pelas informações recolhidas a seu respeito parecia ter sido Vicente Lobato muito importante para a formação de uma visão de mundo mais crítica para o grupo negro em São Paulo.

Prof^o. Geraldo Campos de Oliveira, atuava mais nos movimentos sindicais.

Com certeza foi a ação de direção e a metodologia desses três militantes que contribuíram para que D^a. Laudelina formulasse uma compreensão crítica de si mesma e se transformasse também em uma dirigente e uma organizadora dos grupos negros e sindicais. Pois, como afirma Gramsci, *"não existe organização sem intelectuais, isto é, sem organizadores e dirigentes, sem que o aspecto teórico da ligação teoria-prática se distinga concretamente em um extrato de pessoas "especializadas na elaboração conceitual e filosófica."*⁽⁵⁾

Todavia, é de fundamental importância abrir aqui um parênteses, D^a. Laudelina pontuava como seus mentores principais Prof. Geraldo Campos de Oliveira e Vicente Lobato, mas entretanto, ao analisar o seu relato, se verifica que no período de 1.928 até 1.934 ela permanece em São Paulo participando principalmente de atividades ligados ao lazer.

"Em São Paulo eu trabalhava e também me divertia com meu marido, nas quintas-feiras, (nós íamos) no Paulistano ou, em outro ali perto da Igreja do Carmo, bom, o Paulistano também era por ali, e tinha baile a semana toda (e eu ia uma vez por semana)."

Realizando uma intersecção deste depoimento com o depoimento de Geraldo Filme⁽⁶⁾ poder-se-á chegar a algumas constatações importantes. Segundo Geraldo Filme, sua mãe era cozinheira nos bairros de Cerqueira César e Jardim América e, em 1.925, vai para Europa com a família Alvares Penteado. Na Europa ela observa as manifestações sindicais em "alta". Ao retornar para o Brasil resolve organizar as cozinheiras num projeto de Sindicato. Emprestaram para ela um barracão e, para atrair as cozinheiras, resolve organizar festas e bailes neste barracão, funda o salão Paulistano atual Paulistano da Glória.

Assim, percebe-se que apesar do fato de D^a Laudelina reconhecer, pontuar e considerar, o movimento político sindical organizado como responsável pela sua transformação em um sujeito coletivo, existiu via o lazer, nas "festas das cozinheiras do Paulistano da Glória, vestígios diluídos de consciência da posição da mulher negra e da mulher empregada doméstica, não presentes nas suas lembranças narradas, mas, que com certeza, estavam presentes no momento no qual ela sistematiza junto ao movimento político-sindical organizado (o qual era constituído em maioria por homens) questões que são específicas da mulher negra trabalhadora.

Ao fundar a Associação das Empregadas em 1.936 com o apoio dos três já citados militantes, D^â. Laudelina consegue catalisar e operacionalizar os anseios que estavam dispersos entre empregadas domésticas e no meio negro. Nível de consciência este que, como vimos no capítulo anterior e veremos nos próximos capítulos, não foram atingidos até recentemente pelas Associações das Empregadas Domésticas e Movimento Negro.

Baseada no que o prof^o. Geraldo relatou sobre D^â. Laudelina, fica evidente que sem sua presença não seria possível a fundação da Associação das Empregadas Domésticas naquele momento.

"Acho por, exemplo, que ela era uma mulher consciente da sua situação de trabalhadora, mulher trabalhadora entendeu? Incorpora ao movimento supremo nacional e obreirista, podem chamar a D^â. Laudelina era uma obreirista, ela tinha aquela preocupação em organizar as empregadas domésticas, os empregados domésticos, com o objetivo de dar a eles um "status", uma posição nacional de trabalhadores. Ela era sindicalista e sempre estimulava a assembléia pra tá conseguindo o movimento doméstico, nunca participei assim ..."(7)

1.2. A SINDICALIZAÇÃO: A META FINAL

Neste mesmo ano 1.936, no Rio de Janeiro, iria acontecer o I Congresso dos Trabalhadores. Os professores Geraldo Campos de Oliveira e Vicente Lobato prepararam, segundo D^â. Laudelina, a pauta de reivindicação que segue transcrita abaixo:

"SINDICALIZAÇÃO DOS EMPREGADOS DOMÉSTICOS

Quando foi promulgada a Lei da Sindicalização no país, sob diversas até certo ponto absurdas alegações, inclusive a de que não produziam para a nação, foram as empregadas domésticas excluídas de qualquer enquadramento sindical, sendo-lhes mesmo proibido de se organizarem em Associações para fins de estudo, defesa, coordenação de seus interesses econômicos e profissionais, conforme estabelece a Consolidação das Leis do Trabalho no Artigo 511 e seus Parágrafos.

Muito embora esteja perfeitamente caracterizada a dependência econômica entre empregado e empregadores, no caso domésticos, sua vasta categoria de trabalhadores foi abandonada, posta à margem dos benefícios das leis sociais. Os trabalhadores domésticos: cozinheiras, arrumadeiras, porteiros, pajem, jardineiros, lavadeiras, motoristas particulares (que indevidamente foram afastados dos Sindicatos dos Motoristas) não têm salário mínimo, férias, descanso semanal obrigatório, horário de serviço determinado que possibilite o descanso reparado, produção, aviso prévio, nem mesmo os benefícios assistências da Previdência Social, por motivo de não ser permitido a estes trabalhadores se organizarem em entidade de classe oficialmente reconhecida. Constantemente é denunciada a crise de empregados domésticos sendo apontados como causas determinantes outras que não são causas, senão que são efeitos. Um dos motivos da fuga das trabalhadoras domésticas para o ramo de atividade do comércio e da indústria é a falta de garantias, faltas de amparo que a sindicalização concede a todo trabalhador doméstico. É compreensível perfeitamente que todo trabalhador doméstico, toda vez que pode, deriva suas atividades para indústria ou comércio onde gera benefícios, salário mínimo, férias, descanso semanal obrigatório, aviso-prévio, estabilidade, indenização por despedida injusta onde esteja; na doença, na velhice e tornado inválido, sob o descanso dos serviços da Previdência Social, livrando-se de em tais contingências, ficando na contingência digo fica na dependência da caridade pública suas precariedade de capacidade de acolhimento das instituições de amparo."(anexo)

D^a Laudelina desde o início buscou a sindicalização mas, conforme ela mesma relata, no período de 1.936, para se transformar em Sindicato entre outros requisitos,

qualquer organização de categorias profissionais deveria funcionar pelo menos 5 anos como Associação:

"... aí a gente voltou a trabalhar em cima da sindicalização das empregadas domésticas, mais aí como a Associação tinha que funcionar durante 5 anos p'ra depois requerer como Sindicato, continuamos como Associação."

O Sindicato é marcado pela relação capital e trabalho, visa combater os conflitos existentes nesta relação. A Associação tem caráter mais social, beneficiente e sua direção, muitas vezes, objetiva amenizar, contemporizar os conflitos das relações geradas pelo capital e trabalho.⁽⁸⁾

A transformação de Associação em Sindicato foi uma coisa esperada por D^a. Laudelina durante anos.

O diálogo mantido com D^a. Helder Câmara no V Congresso das Empregadas Domésticas, em 1.985, ilustra sua permanente luta por essa conquista.

"Depois, quando terminou a missa em ação de graças na Associação, Dom Helder veio me abraçar e nós fizemos aquela fotografia juntos. Ele perguntou se a gente estava satisfeita."

Eu disse que estava mas que ainda faltava um ponto."

Ele disse:

- Qual o ponto?

Eu disse:

- O registro da Associação como Sindicato profissional. Peço a Deus que não me deixe morrer antes de eu assistir esse momento

que eu tanto desejo na minha vida, e o amparo das minhas irmãs, das minhas colegas.

Aí ele disse:

- Deus é muito bom ele não vai deixar você morrer antes de você assistir esse ato maravilhoso de toda luz de sua vida, Deus vai te dar esse prazer."

Só em 1.988 ela conseguiu realizar o seu sonho, foram 52 (cinquenta e dois) anos de espera e luta, e no depoimento que segue abaixo transcrito ela também frisa a diferença entre Associação e Sindicato:

"(A mudança de Associação para Sindicato dos Trabalhadores domésticos) foi em 88, novembro de 88. Muda, muda muito porque Sindicato é político, né? Muda completamente, teve que fazer novos estatutos, porque a Associação era beneficente e o Sindicato é político." (9)

Considero que é possível se demarcar 1.936, como o momento da "Catarsis" de Dâ. Laudelina que de acordo com Gramsci: "serve para indicar a passagem do momento puramente econômico (ou egoísta-passional) ao momento ético-político, isto é, a elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens. Isto significa também, a passagem do "objetivo ao subjetivo" é a "necessidade à liberdade". A estrutura da força exterior que subjuga o homem, assimilando-o e tornando-o passivo, transforma-se em meio liberdade, em instrumento para criar uma nova forma ético-política, em fonte de novas iniciativas. (10)

Em 1.936, D^a. Laudelina não apenas funda a primeira Associação, não só colabora na elaboração do documento a ser apresentado em 1.936 no Congresso dos Trabalhadores. Sua grande colaboração foi a de não haver guardado simplesmente durante 52 anos este documento, mas sim de ter inserido estas propostas em outras grandes e pequenas lutas de sua vida.

2. A ESTRUTURA DA ASSOCIAÇÃO DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS EM 1.936, NA CIDADE DE SANTOS

A Associação de Empregadas Domésticas em Santos, foi fundada no dia 8 de julho de 1.936, com a finalidade de "proteger as empregadas; em defesa do trabalhador doméstico, mas aí era mais assistência".

Esse tipo de atividade desenvolvido pela Associação das Empregadas, também se estendia a outros grupos econômicos e socialmente discriminados.

Movimentava mais a parte beneficente, fazendo trabalhos com os carentes, os idosos e as crianças, mas sempre assim, lutando dentro do problema da sindicalização.

A Associação em Santos, além de fazer um trabalho beneficente e político, também desenvolvia parte a cultural: "... Fundamos o teatro nosso, era o Saudades de Campinas."

A Associação se estruturou internamente, seguindo o modelo do Clube Cultural do Negro de São Paulo com departamentos. Isso no período de 1.936 e também após a 2ª Guerra.

"Então, em 1.946, o Getúlio reabriu o Sindicato e aí a Associação também foi reaberta, começou a funcionar tudo de novo.

A fase de reorganização começamos como era mesmo, trabalhando para os necessitados, procurando encaminhar as domésticas no serviço, tinha uma agência de colocação, tinha um curso de alfabetização, e esse advogado dr. José Cintra Batista que ajudou a fundar a Associação. ele funcionava no departamento jurídico, tinha departamento médico. Esse médico que me operou durante a guerra, dr José Augusto Paulino, ele era nosso médico, tinha dentista, tinha tudo ... nós tínhamos o Departamento Beneficiente, nós fornecíamos roupas, alimentação e remédios."

Inicialmente a Associação funcionava numa sede.

"Cedido pelo Clério junto com a paróquia de Santa Teresinha ali no Campo Grande Gonzaga.

(Depois) nós fomos funcionar numa sede própria, esse advogado mesmo que conseguiu um prédio antigo lá em Santos, na rua 15 de Novembro, era de dois andares: em baixo funcionava os departamentos e em cima era salão para festas."

Para a manutenção da Associação eram organizados bailes, festas e outras atividades, conforme elucida o relato abaixo:

"... então, a gente fazia festas para adquirir fundos, porque a mensalidade era muito pouco, não dava; a mensalidade naquela época era mil réis. Então a gente fazia festinha, bailes nos domingos, jogos de futebol, torneio de futebol, naquela época ainda não havia esta posição forte da mulher, então a gente movimentava mais a parte beneficiante."

3. D^a LAUDELINA, O ESTADO, A SOCIEDADE, OS POLITICOS E OS PATRÕES FRENTE AS REIVINDICAÇÕES DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS

Em 1.936, D^a Laudelina ciente da situação das empregadas domésticas, busca para a categoria os mesmos direitos já conquistados pelos demais trabalhadores.

"Com a estória do Sindicato, nós aproveitamos, a Associação foi fundada dia 8 de julho de 1.936, no dia 5 de setembro ... ia haver um Congresso de trabalhadores na capital que era Rio de Janeiro, então o prof^o Geraldo Campos, aconselhou que se fizesse um apanhado sobre as Leis das empregadas domésticas e o prof^o Lobato foi, tirou das Leis Trabalhistas os parágrafos e os itens para montar a pauta do Congresso. O Getúlio já tinha instituído as Leis Sindicais e ia haver o primeiro Congresso, aliás era dirigido pelo avô do Fernando Collor. Naquela época ele era o 1^o Ministro do Trabalho do P.T.B.. As empregadas domésticas foram destituídas das Leis Trabalhistas, nós estávamos criando um movimento para ver se conseguia o registro do Sindicato ... mas quando nós chegamos ao Rio tinha sido suspenso o Congresso, o Ministro do Trabalho que aliás era o ... avô do Fernando Collor. Naquela época falava-se muito em comunismo, os capitalistas e os banqueiros, eles tinham pavor, então os capitalistas, os banqueiros, os milionários começaram a criticar contra o encontro dos trabalhadores, que o encontro iria fomentar uma greve contra os patrões, então foi suspenso ... O prof^o Geraldo veio embora para São Paulo, e eu fiquei no Rio para ver se entrava em contato com alguém, p'ra ver o que ia resolver. Eu fiquei no Rio uns três a quatro dias, no terceiro ... dia eu consegui com o secretário do Ministro, p'ra que ele deixasse eu falar com o Ministro."

Ao falar com o Ministro, D^a Laudelina se deparava com o objeto de sua grande luta política e reivindicatória diante do Estado e com a classe média e/ou alta empregadora.

"Fui falar com o Ministro, mas não adiantou nada porque não havia possibilidade de enquadramento de classe, as empregadas domésticas foram destituídas porque não traziam economia para o

país. Até hoje eles dizem que as empregadas domésticas não trazem economias para o país.

... de repente (são) elas que fazem a economia ... Nós trazemos economia, ele saem para trabalhar, principalmente a classe média, ele têm que trabalhar fora e então passam a escravizar a empregada doméstica."

Com a sociedade local (santista) parece que Dã. Laudelina em 1.936, mantinha um bom relacionamento.

"... Mas participavamos em tudo, campanha para creche, para tudo. Nós fazíamos muita coisa para a Cidade (em Santos) como aqui também (Campinas) trabalhamos, quero dizer, que nós tínhamos facilidade de conseguir muita coisa porque a Associação estava em todos ... Nós conseguimos através do jornal, fazia campanha para pessoas doente para nova Santa Casa e entrou (a Associação) sempre em tudo ... Assim, nós tivemos apoio dos advogados e da comunidade de Santos ... Ajudaram nesta época vários grupos, várias entidades e os partidos políticos P.T.B., Partido Cristão.

Tivemos também a colaboração da entidade dos Portuários, Sindicato Vermelho que deu o apoio p'ra gente, nós tínhamos o Santini, Presidente da Tribuna de Santos (que deu apoio através dos jornais).

Eu morava vizinha do dr. José Cintra Batista, ele era paulista (ele também) ajudou na fundação para depois a gente requerer o enquadramento de classe dentro das Leis Trabalhistas...

(Na diretoria da Associação) tinha comunista e não comunista, mas não dava muito para distinguir porque o pessoal fingia, muitas vezes, que era comunista. (Depois o partido) comunista entrou novamente na ilegalidade, mas só o partido (fechou), os Sindicatos e a Associação permaneceram abertos."

Dã. Laudelina, neste período, se declarava comunista mas mantinha relação com os vários partidos e instituições ideológicas e opostas. Em razão desta maneira especial de Dã. Laudelina atuar e negociar politicamente, definio-a como uma pessoa pragmatista, pois as suas atitudes e

comportamentos me levam a pensar que ela acreditava que a verdade de uma teoria ou ideologia étnica ou política constituía no fato dela ser útil para o Movimento Negro e da Associação/Sindicato das Empregadas Domésticas. Tal postura vista de um ponto de vista superficial, pode denotar, à prática de Dã. Laudelina uma certa incongruência, e acredito ser conveniente recorrer novamente às explicações de Lucien Goldmann o qual explica:

"Fora dessa inconsequências que qualificamos de sobrevivências históricas, de concessões conscientes ou inconscientes do filósofo, às forças sociais ou às idéias dominantes da sociedade em que ele vive, há outras cuja fonte é exatamente oposta, pois são provenientes justamente da força do pensamento, por assim dizer da envergadura do pensador. A maioria das concepções do mundo, levadas ao extremo, acarreta absurdos ou contradições flagrantes com a realidade e o filósofo, que busca a verdade antes de tudo pára e recua diante de tais paradoxos evidentes e prefere a inconsequência."⁽¹¹⁾

Essas aparentes inconsequências nas práticas políticas de Dã. Laudelina estarão sendo exemplificadas com mais profundidade nos capítulos que se seguem.

NOTAS :

- (1) Carta que Dã. Laudelina recebeu de sua mãe Dã. Sidônia, datada de Poços de Caldas - 14/10/51.
- (2) Kofes, Suely - *Diferença e identidade nas Armadilhas da Igualdade e Desigualdade: Interação e Relação entre Patroas e Empregadas Domésticas*, pág. 355.
- (3) Gramsci, Antonio - *Concepção Dialética da História*, pág. 21.
- (4) Depoimento de Henrique Cunha Jr.
- (5) Gramsci, Antonio - *Concepção Dialética da História*, pág. 21.
- (6) Depoimento de Geraldo Filme - *Programa Ensaio, TV Cultura*, dia 15/10/92.
- (7) Depoimento do profº. Geraldo Campos de Oliveira.
- (8) Verbete Associação Cooperativa - *Dicionário do Pensamento Marxista* - Bottomore, Tomn, Zahar Editor, 1.988 - pág. 20-1.
- (9) Depoimento de Dã. Laudelina, coletado por Maria Dutra de Lima, em revista - *Trabalhadores Classes Perigosas*, pág 38.
- (10) Gramsci, Antonio - *Concepção Dialética da História*, pág. 53.
- (11) Goldmann, Lucien - *Dialética e Cultura*, pág. 59.

Ver também sobre "pragmatismo" a definição dada pelo *Dicionário Português* - Aurélio Buarque de Holanda, pág. 1.376.

"... a verdade de uma proposição é uma relação totalmente interior a experiência humana, e o conhecimento é um instrumento a serviço da ação, tendo o pensamento caráter, pensamento finalístico: a verdade de uma proposição consiste no fato de que ela seja útil, tenha alguma espécie de êxito ou de satisfação."

CAPITULO III

A FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS EM CAMPINAS NO PERÍODO DE 1.961

1. A ORGANIZAÇÃO, ESTRUTURA E A PROPOSTA EDUCATIVA DA ASSOCIAÇÃO EM 1.961

Em 1.961, D^{ca} Laudelina se encontrava com 53 anos, já não trabalhava como doméstica e, sua ação pública, se voltava mais para os Movimentos e Organizações Negras. Contudo, neste período de 1.960/1.961, ela se deparava novamente com a falta de sede para prosseguir com o Movimento Negro por ela liderado. A Escola de Bailados havia fechado, e a promessa dos políticos de doar uma sede para o Movimento Negro não se cumprira.

Ao narrar esta passagem, foi possível se perceber que ela falava com muita tristeza, e uma sensação de fracasso:

"Terminou, nós mudamos, paramos o Movimento, dispersou o pessoal de São Paulo também, os daqui, todo mundo parou não fez mais nada e a pedra fundamental ficou lá até hoje."

Contudo, ao começar narrar sobre os outros movimentos que seguiram, como por exemplo, a campanha para a construção do Hospital Alvaro Ribeiro, esta tristeza e a sensação de fracasso eram substituídos pelo entusiasmo. E, com certeza, recomeçar com o trabalho junto às empregadas domésticas em 1.961 lhe proporcionou ânimo e alegria de realizar um trabalho que ela acreditava era lutar por uma questão muito próxima a sua realidade. Ela encarava esta atividade como uma responsabilidade sua, como se fosse sua missão.

Assim, no final de 1.959 e início dos anos 60, Dª Laudelina começava o seu trabalho de mobilização com um pequeno número de domésticas de Campinas e por meio do seu relato fica explícito as dificuldades encontradas na organização da categoria e também a situação na qual esta se encontrava nesse período:

"Os jornais, os Sindicatos faziam a divulgação e saía no rádio, saía nos jornais então as empregadas ouviram. Nós colocamos muitos boletins também.

Este trabalho de mobilização foi muito longo, nós começamos mais ou menos, no início dos anos 60 esse trabalho (jornais, Sindicatos). E também com reunião com grupo. O grupo era de três pessoas que já faleceram. A Juventina de Souza, Amélia Duarte e Amália Trevisan, essas foram as três pessoas que a gente ficou mais de um ano conversando, então elas levaram também recados p'ras patroas, que elas eram empregadas do Cambuí, elas começaram a arregimentar. Nestas reuniões se discutia a visão enquanto doméstica, que todas eram marginalizadas e além de serem marginalizadas, ganhavam pouco e trabalhavam muito, Dª Amália,

por exemplo, trabalhou quarenta anos na casa do Ernesto Paroliz, criou todos os filhos dele e pagava p'ra tomar conta dos filhos dela que naquela época ele pagava duzentos cruzeiros, para cuidarem dos menores que ela ficou viúva antes de trabalhar.

A (Juventina de Souza e Amélia Duarte) eram solteiras e moravam na casa dos pais.

E as queixas eram as mesmas, a Juventina de Souza por exemplo ela trabalhou vinte e cinco anos na casa do dr. Correia e Melo no Cambuí. Dormia no emprego e, p'ra sair, ela precisava sair escondido porque ela criou os filhos da patroa e também tinha o caçula que dormia com ela e p'ra sair tinha que sair escondido. Então era sacrifício muito grande p'ra ela, tinha ainda que fazer o menino dormir para depois ela ir p'ra reunião.

Era uma vida assim ... Uma vida toda de semi-escravidão, de semi-escravidão e ganhando apenas cento e cinquenta cruzeiros por mês, que não chegava a nenhum salário, pois em 1.961 o salário era novecentos cruzeiros, não chegava a nada mesmo."

Nesse momento também Dã. Laudelina encontra o sindicalista Pedro Segundo Simionato - Presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria da Construção Imobiliária de Campinas. De acordo com o sr. Pedrinho Simionato o encontro com a Dã. Laudelina, aconteceu numa reunião política, onde se cogitara apoio a candidatura, para Governador ou Prefeito de uma política local. Neste contato inicial, ela expõe sua proposta, e os dois juntos trocam idéias sobre o que poderia ser feito (parafraseando o sr. Pedrinho) "em função desta camada totalmente desfavorecida e esquecida da sociedade". A partir deste mesmo contato, estabeleceu-se entre Dã. Laudelina e sr. Pedrinho que eles passaram a trabalhar juntos com os demais sindicatos de Campinas, que tinha sua sede única na rua Barão de Jaguará e totalizavam 13 Sindicatos.

"Ai, nós marcamos uma reunião na sede do Sindicato, isto já foi uma semana depois ... e aí a Laudelina já trouxe um empregada doméstica junto com ela. Ali volta ase discutir o mesmo tema, o mesmo assunto, encerra-se marcando outra reunião após a outra, acho que nós realizamos 10 ou 15 reuniões preparatórias para chegar a uma reunião geral, onde pudesse se fazer presente as empregadas." (1)

Conforme relato sr. Pedrinho Simionato, a mobilização era feita de porta em porta, e a organização da categoria parece ter sido difícil. Na primeira reunião compareceu uma empregada e, na última, estiveram presentes quatro empregadas domésticas. A partir desta reunião, que vieram quatro empregadas, marcou-se uma reunião ampla para tentar fundar a Associação.

Paralelamente redigiram um estatuto, semelhante aos demais Sindicatos, para a Associação das Empregadas Domésticas, todavia, este estatuto tinha como reivindicação primeira o enquadramento da categoria nos quadros existentes da Legislação Trabalhista da época:

"Esta era a reivindicação número um da entidade e o estatuto idêntico ao Sindicato, só desvinculado no Ministério do Trabalho, no mais era praticamente um estatuto do Sindicato, sem fins lucrativos, em específico apolítico e ... para cuidar das reivindicações sócio-econômicas da categoria." (2)

Para essa reunião geral das empregadas domésticas houve a participação de funcionários do Sindicato para a elaboração e distribuição dos boletins.

"Daí, já nós conseguimos fazer boletins mimeografados, ... depois recortamos com a tesoura, com papel chupão que tinha que ser barato não havia dinheiro.

Aí, ela fez a distribuição, ou eu peguei funcionário do Sindicato e mandei distribuir de porta em porta pegando a zona mais rica da Cidade, Cambui, Nova Campinas, Guanabara, nas zonas onde se sabia que cada três casas, (uma tinha empregada). Batemos isso uma semana acho que entregamos mais de 1.200 boletins." (3)

A fundação da Associação foi no dia 18 de maio de 1.961, e segundo o sr. Pedrinho Simionato, nesse dia apareceram 26 empregadas domésticas (mulheres).

"Como o salão do Sindicato não era grande, era um salão que completava com 60 ou 70 e poucas pessoas, mas (com a presença) dos associados que estavam sempre por lá à noite o salão parecia cheio. Então foi divulgado isso na imprensa, então apareceu cheio, a repercussão para fora deu a entender que todas as empregadas de Campinas estavam lá e já querendo todos aqueles direitos preconizados." (4)

A foto nº 39, mostra o salão do Sindicato cheio, mas o interessante a este respeito é o depoimento de Dâ-Laudelina:

"... No dia 18 de maio de 1.961 foi a fundação, tinha 1.500 (mil e quinhentos) empregados domésticos neste dia transitando pela Barão de Jaguara. Aquilo abalou Campinas porque nunca tinha havido um movimento assim e nem tão longo ... alarmou, jornais e fotógrafos; naquela época ainda não havia televisão."

Estes detalhes de informações que divergem entre um depoente e outro, revelam que em um determinado momento Dâ-Laudelina opta por estar difundindo a versão da imprensa por razões políticas. Pois este fato poderia funcionar junto à

categoria como uma forma de mobilização, dando maior segurança às novas domésticas associadas, que estariam aderindo a um movimento forte. Bem como diante dos políticos, que em busca de votos, ou por compromisso com a causa poderiam defender suas reivindicações na Assembléia Federal.

No dia da fundação foi formada uma Diretoria composta de Presidente, Vice-presidente, Secretário, 2º Secretário, Tesoureiro e 2º Tesoureiro e um Conselho Fiscal de três membros.

Nesta fase a Associação se voltava mais para a mobilização das empregadas domésticas, visando as reivindicações de seus direitos. Não se percebe, via os depoimentos e documentos, a sedimentação de uma organização da estrutura interna da Associação como nos períodos de 1.936 à 1.948 e posterior à 1.964.

A Associação das Empregadas Domésticas funcionou até o período de 1.964, na mesma sede onde funcionava os demais Sindicatos e como a Associação era recém formada utilizava também da estrutura interna dos demais sindicatos. Exemplificando: o Departamento Jurídico do Sindicato passou a atender também os problemas das empregadas domésticas.

Todavia, neste período já se estipulou uma mensalidade para Associação, os recibos eram confeccionados com

utilização de mimeógrafo, confecção da carteirinha de identidade da associada e uma ficha cadastral com foto contendo os dados pessoais e profissionais da empregada doméstica (ver anexo III).

A proposta da criação de um departamento de colocação neste período não se efetivou na prática, em razão dos questionamentos levantados neste período por D^a Laudelina e membros dos outros Sindicatos, pois acreditavam que para se montar um departamento de colocação, necessitava ter uma lei de regulamentação profissional, para poder definir os direitos e deveres das empregadas domésticas. Assim, acreditavam que sem respaldo da lei, a Associação não poderia responder por quem ela tivesse indicando e colocando nos empregos.

2. A REALIDADE DA EMPREGADA DOMÉSTICA EM CAMPINAS E O SURGIMENTO DE UMA PROPOSTA POLITICA EDUCATIVA

Pelos depoimentos se pode concluir que, a situação das empregadas domésticas campineiras, não era diferente das situações vivenciadas pelas restantes das empregadas domésticas do Estado de São Paulo e/ou de outros Estados do Brasil. A ausência de lei que regulamentasse a profissão expunha as domésticas campineiras a contratação sem garantias de salário. Segundo o sr. Pedrinho Simionato:

"Sem garantia mesmo da própria comida, era diretamente uma escrava. Se ela não era vendida ou comprada ela estava lá em

troca de comida, sendo uma serviçal ao bel prazer via a consciência do empregador." (5)

A situação de baixos salários também é salientada por Dã. Laudelina, quando comenta a situação das empregadas domésticas neste período.

"Uma vida toda de semi-escravidão, e ganhado apenas cento e cinquenta cruzeiros por mês, que não chegava a nenhum salário, pois em 1.961 o salário era novecentos cruzeiros, não chegava a um salário. Não chegava a nada mesmo."

A situação de exploração da empregada doméstica era discutida nas reuniões preparatórias anteriores à fundação das empregadas domésticas e após a fundação. Acredito que foram as análises dessa situação feitas pelas empregadas que deram origem à reflexão dos procedimentos possíveis a serem tomados para superar esta situação.

Foram as queixas de Dã. Juventina de Souza e Amélia Duarte e de outras que, também experienciavam, situação semelhante na relação empregada doméstica X patroa, que impulsionaram às pequenas mudanças. A situação da empregada doméstica no local de trabalho chegava a atrapalhar a mobilização e organização do movimento devido ao excesso de horas de trabalho.

"... Então era sacrificio muito grande p'ra ela, tinha ainda que fazer o menino dormir para depois ela ir p'ra reunião."

O eixo das discussões na Associação se centravam em duas questões, conforme afirmava o sr. Pedrinho Simionato:

"1º O econômico pois 'ninguém queira pagar mais numa camada de burguesia que estava chorando a libertação da escravatura.

2º E o étnico pois havia predominância da cor negra nesta atividade de trabalho e segundo ele, a 'questão racial vai durar muito mais, pois será resolvida num processo mais lento'." (a relação emprego doméstico e a doméstica negra, será discutida em um capítulo específico.

Conforme relata o sr. Pedrinho Simionato "o objetivo da Associação era despertar a empregada para conseguir alguns direitos para posteriormente poder dar continuidade às propostas de organização interna.

Entretanto, Dê. Laudelina nesta fase, passava por um profundo processo de reflexão acerca de como motivar as empregadas domésticas para irem à Associação. tudo indica que ela pretendia efetuar um trabalho simultâneo: reivindicar legalização da profissão junto aos órgãos competentes e, também mobilizar, organizar e orientar as empregadas domésticas para superarem e os conflitos cotidianos vivenciados na casa de patrões ou em outros espaços.

Mil idéias vinham na cabeça dela, quer dizer, Laudelina vivia pensando de como arranjar um chamarisco para trazer as empregadas para a Associação. Ela pensava em cursos, mas (depois) ela pensava: curso para empregada, dar o que? Curso de arte culinária? Isso ela deve estar cansada de fazer o dia inteiro, deve estar saturada." (6)

Torna-se evidente que ela neste momento, tenta questionar e superar a sua antiga prática educativa, pois como se pode observar no capítulo anterior, D^a. Laudelina em 1.936, organizava curso de capacitação profissional: cozinheira, arrumadeira, garçons, balas e outros.

Entretanto, a preocupação com a profissionalização neste momento também foi presente, o objetivo prioritário era que a categoria alcançasse a dignidade de profissão. Para tanto, ela via a necessidade de suprimir o analfabetismo das empregadas domésticas, realizando cursos de alfabetização para aquelas que não soubessem ler e escrever.

D^a. Laudelina, neste momento, acreditava que alfabetizadas as empregadas poderiam melhor entender sobre legislação trabalhistas e assim, se aprimorar na organização e reivindicação dos direitos trabalhistas diante das instituições públicas competentes. De acordo com informação do sr. Pedrinho Simionato esta era basicamente a proposta até 1.964.

Sem um cursos específico para as empregadas domésticas, que Associação ou outros Sindicatos pudessem oferecer, as empregadas começaram a freqüentar os cursos ministrados pelo Sindicato, cursos de: Previdência, Legislação Trabalhista, Oratória, etc, conforme o relato abaixo:

"Laudelina, ... vamos convidá-las para participarem dos que nós já temos, porque de qualquer maneira, ela passa a ter um convívio

mais amplo, etc. E vieram realmente duas empregadas, participaram desses cursos no Sindicato, todos eles. Participaram do curso de Previdência que elas tinham, participaram do curso de Legislação Trabalhista que não tinham e passaram pelo curso de Oratória. essas duas empregadas se formaram tiraram o diplominha e falaram, discursaram no dia do diploma, foi um troço assombroso. (Falaram) sobre a Associação. O discurso delas, com as palavras toscas, um português que não é muito diferente do meu, mas elas se fizeram entender muito bem. O que elas queriam era uma legislação trabalhista onde pudessem ter o direito que todo o resto da sociedade já tinha conseguido, que era oito horas de trabalho, repouso remunerado, férias que elas não tinham, em última análise os direitos que os trabalhadores já tinham conquistado ao longo do século, e consolidado em 1.943, quer dizer ela em 1.962 estava dando o primeiro passo p'ra chegar lá.

Então isso você sentia realmente que estava dentro da empregada doméstica, ela sentia que ela era marginal do ponto de vista profissional." (7)

Estes cursos, entretanto, não serviram como motivação para que um número maior de empregadas domésticas passassem a freqüentar o Sindicato. Tudo indica que a pretensão de Dã^a Laudelina era transformar o Sindicato num ponto de encontro também para as domésticas, mas explica o sr. Pedrinho Simionato, que a população que freqüentava o Sindicato era constituída de 99% de homens, não havendo outras atividades se não as discussões políticas dos sindicatos e os cursos já mencionados.

"... Mas não havia como prender, iam lá p'ra ouvir a Laudelina, ouvir a mim, ou um outro diretor que tivesse lá eventualmente, para dar um incentivo, um entusiasmo. Mas meu Deus! Você entusiasmar quem está amassado, massacrado como estavam as empregadas na época, não era fácil." (8)

Mas havia uma preocupação de Dã- Laudelina com a cultura, lazer e educação formal e política das empregadas domésticas. Ela se preocupava com a solidão da empregada doméstica e com o relacionamento que elas mantinham com o namorado e família. É uma vez que o espaço sindical, por sua proposta causava uma evasão das empregadas domésticas, Dã- Laudelina, tendo como meta, congregá-las para expor suas idéias e orientá-las acerca das situações futuras que pudessem enfrentar, resolveu montar outras programações como:

- A elaboração das carteiras de identidade profissional, junto com as associadas;
- Programação de um baile específico para as empregadas domésticas;
- Programação de *pic-nic*;
- Programação de atividades promocionais: *shows*, festas com objetivo de arrecadar fundos para Associação e lazer.

A HISTÓRIA DA CONFECÇÃO DAS CARTEIRINHAS

"A carteirinha foi um 'troço' gostoso. Nós, no sindicato, tentamos oferecer uma carteirinha manufaturada bonitinha de curvin, etc., que era um 'troço' barato na época, p'ra dar para a Associação das Empregadas Domésticas. E a Laudelina me disse:

- De graça não, nós não podemos pagar e de graça eu não quero.

Eu disse:

- Meu Deus, mas isto não custa nada se você tiver que pagar também não vai pagar nada.

Então ela me disse:

- Mas não é por aí, eu acho que as coisas têm que vir de baixo, não pode ser assim, se vêm de cima não tem valor.

Aí trocando idéia, ela disse assim:

- Nós vamos fazer nossas carteirinhas.

Ela comprou uns pedaços de plástico em chapa, retalhava as bordas do plástico com o ferro elétrico, para depois botar a identidade da associada dentro daquela carteirinha. Isso era feito pelas empregadas domésticas. Eu achei louvável porque era uma maneira de trazer as empregadas para a Associação." (9)

O BAILE ESPECIFICO PARA AS EMPREGADAS DOMÉSTICAS

Este baile foi realizado na sede do Sindicato e, tinha como objetivo primordial, "servir de atrativo", para ver se as empregadas domésticas, se acostumavam com o Sindicato e passavam a freqüenta-lo com assiduidade e identificadas com causa, ou seja, tendo consciência da necessidade de participação para a conquista de seus direitos.

Segundo o sr. Pedrinho, "no dia do baile encheu o salão, não cabia, ficou gente até na rua ... Mas você não podia fazer isso todo dia e não era através do baile, que você iria levar cultura, que ia chamar alguém par lutar p'ra coisas mais importante ..." (10)

Relatando ainda sobre esta experiência diz:

"Muitas participaram só mesmo para paquerar, e outras, só iam ao Sindicato quando tinha baile."⁽¹¹⁾

PROGRAMAÇÃO DO "PIC-NIC" PARA AS DOMÉSTICAS ENTRE O SUCESSO E O FRACASSO

A programação do "pic-nic" foi feita por Dã. Laudelina e o sr. Pedrinho. Com os outros Sindicatos as experiências de realização destas atividades recreativas haviam dado certo. No caso das empregadas domésticas explica o sr. Pedrinho foi um fracasso.

"(Esta resposta) foi ingenuidade minha e de Laudelina, a gente fazia com empregada da nossa categoria e funcionava (riu). Mas meu Deus! Mas com a empregada doméstica? Fazer um 'pic-nic'! Naquela época, o salário que recebiam, não dava para pagar a passagem, mal elas conseguiam o dinheiro para pagar o trenzinho ... Me parece que (elas foram) para Monte Alegre do Sul, mas não escreve isso que não me lembro mais certo.

Aí p'ra cobrir as despesas a Associação ficou devendo, tivemos que por dinheiro do bolso. Quando vinha um associado eu dizia: 'Vamos fazer uma rifinha nós aqui'. Então da dez (dez cruzeiros) aqui p'ra rifinha da Associação das Domésticas, Assim, a gente (teve) condição de cobrir alguma coisa, através do próprio trabalhador da construção.

Então foi bem o 'pic-nic', foi um sucesso, foi bastante gente, quer dizer, do ponto de vista cultural, de convívio que era a preocupação dela. Do ponto de vista econômico foi um fracasso."⁽¹²⁾

AS ATIVIDADES PROMOCIONAIS

Neste período, de 1.961 à 1.964, se verificou por meio de documentação e fotos que D^{ca} Laudelina via a Associação, promoveu as seguintes atividades, enquanto formas de sociabilidade para a empregada doméstica:

1. Realizou um festival de 28 a 29 de janeiro de 1.961, conforme aponta um ofício enviado à D^{ca} Laudelina em 20 de janeiro de 1.961 (anexo III). O documento não revela a natureza deste festival e também não se pode identificar a instituição que o enviou. Apenas se sabe que o coquetel seria realizado no Elo Club Campineiro. Este evento se realizou meses antes da fundação da Associação das Empregadas Domésticas, não sendo possível identificar, se este evento tinha o objetivo de angariar fundos para Associação das Empregadas Domésticas, ou se estava ligado ao Movimento Negro.

2. Um festival em 19 de maio de 1.962, detectado via o ofício enviado à Associação das Empregadas Domésticas pelo Club Nove de Julho em 3 de abril de 1.962. todavia não fica explícito via o ofício a natureza deste festival (anexo III).

3. Um baile promocional que contou com a presença de Jair Rodrigues, conforme foto, neste baile também foi coroada uma Miss Simpatia.

AS ORIENTAÇÕES QUE D^a LAUDELINA DAVA AS EMPREGADAS DOMÉSTICAS
NESTE PERÍODO

O depoimento do sr. Pedrinho Simionato define o tipo de orientação:

"... Então, a Laudelina quando falava para as empregadas, ao mesmo tempo que ela levantava a reivindicação das empregadas, ela levantava a necessidade da moral das empregadas, isso era um troço que eu mais admirava, ela conseguia saber que a classe estava lá embaixo, não pela minoria. Ela procurava dar às empregadas descência em comportamento e a aplicação em conhecimento.

(Por exemplo) a empregada engravidar no emprego solteira; ela procurava mostrar com todas as letras o prejuízo que isso traria à própria empregada doméstica, o mal social que isso causava. (ela dizia):

- Você não tem estabilidade, você não tem marido, você já pensou? Você vai ser marginalizada até desse emprego, porque apesar dele não prestar e ser o que é, é o que tá aí, que te dá sustentação, então você não deve olhar para esse emprego malfadado do ponto de vista econômico que você exerce hoje, você tem que se preparar para o dia de amanhã, porque a hora que você tiver as leis determinando as suas funções, você vai ter também lei determinando as suas atribuições; então se prepare para o futuro ...

Ela tinha uma convicção que isso viria, que a empregada doméstica iria ser uma categoria profissional, como já eram os metalúrgicos como já eram as outras categorias ..."(13)

3. D^ã LAUDELINA, O ESTADO, A SOCIEDADE, OS POLITICOS E OS
PATR^õES FRENTE A REIVINDICAÇ^õES DAS EMPREGADAS DOM^êSTICAS
(1.961 A 1.964)

Os contatos mantidos com os órgãos governamentais aconteceram apenas a nível das reivindicações acerca da legalização da profissão. tudo indica que as mobilizações das entidades neste período eram norteadas pela política dos demais sindicatos. "O Movimento Operário-sindical, através do seu poder de pressão e mobilização, expressa o avanço das classes trabalhadoras, enquanto força política ..."(14)

Em 1.962, D^ã Laudelina e D^ã Maria, acompanharam "os dirigentes sindicais a Brasília que foram assistir à votação, pelo Senado Federal do projeto de lei que estabelece o chamado 13^o mês, ou seja, o abono anual obrigatório ... A conquista do abono de natal (13^o mês) foi resultado de longa luta das classes operárias. Dela aprovação do projeto, sem emendas, se constitui em mais um motivo de alegria para os trabalhadores..."(15)

D^ã Laudelina relata o fato da seguinte forma:

"(Então 1.962), nós fomos a Brasília, para o Congresso dos Trabalhadores, para que fosse assinada a lei (que dava) direitos ao salário família ..., dos trabalhadores ...

Nós saímos daqui no dia 5 de agosto, ..., nós paramos em Belo Horizonte e chegamos lá no dia 8 de agosto. Em Belo Horizonte, fomos falar com o governo porque o Carlos Lacerda proibiu a nossa entrada em Brasília, pois a tropa de choque havia barreiras nas

fronteiras dos Estados para não passar, ele era contra (realização do Congresso). Nós éramos comunistas. Agora hoje não tem comunista (riu). Em Belo Horizonte, nos reunimos e fomos p'ra porta do governo do Estado, o Governador mandou abrir a barreira e liberou a passagem da gente p'ro Rio, quando nós chegamos no Rio tinha um aparato bélico, tinha avião, tinha tudo para impedir o Congresso dos Trabalhadores, ... (que) já era em conjunto com João Goulart, pela Reforma Agrária ... que ele estava empreendendo. Ele foi deposto pela Reforma Agrária.

Em 1.962 foi a primeira vez que nós fomos a Brasília. Nós fomos pedir p'ra passar a ser ... filiado e no IAPC, era uma carta p'ra cada categoria, nós pertencíamos a carta da parte comercial, porque cozinheira, copeira, motorista e tudo pertencia à parte comercial. Então nós fomos p'ra Brasília pedir (para eles nos) registrar como facultativo no INPS, que até aquela época nós não podíamos pagar o INPS. Foi João Goulart (que assinou a lei). Enquanto foi IAPC nós não pudemos ser registrados, nem como facultativo junto ao INPS, levava um ano de carência p'ra ter direito, depois de um ano então, é que tinha direito à médico, hospital, tudo.

Então era dez mil homens e quatro mulheres. Eu, Maria e mais duas que foi, uma do Sindicato da Tecelagem e uma enfermeira, nós éramos quatro mulheres. A Maria é fundadora da Associação então eu convidei a Maria. ... Foi a maior festa, eles carregavam a gente. Eles pagavam tudo, a Maria ficou dormindo a hora que eu tirei esta foto.

(Nesta ocasião um dos almoços que foram servidos) falo sobre tudo aquilo que a gente precisava, o amparo porque as domésticas ficaram fora das leis trabalhistas, (peço) amparo (via) inclusão no INPS como facultativo e (peço) p'ro João Goulart que fosse regulamentada na CLP a inclusão, que fosse enquadrada as empregadas domésticas como trabalhadoras domésticas e tivesse todos os direitos iguais aos homens. Ai falei sobre a aposentadoria, sobre a condição delas quando estão doentes, falei tudo.

(Nós passamos quatro dias em Brasília) o Francisco Amaral era deputado nesta época. Então nós do Sindicato de Campinas, que oferecemos a caneta de ouro p'ra assinar a lei que facilita direito ao salário família. Daí nós entregamos p'ro Francisco Amaral a caneta, p'ra ele entregar p'ro Presidente do Senado, que era Auro de Moura Andrade.

(No dia que foi assinada a lei), nós levantamos de manhã, tomamos café e saímos p'ra passear um pouco, fazer hora, às dez horas, nós tínhamos que estar na Câmara com o Vice-presidente da Câmara que era Ranieri Mazzali, nós íamos ter uma entrevista com ele, às dez horas. Nós fomos p'ra Câmara, p'ra conversar com o Ranieri

Mazzali. Foi quando nós tiramos a fotografia com Francisco Amaral e depois terminou a entrevista. Nós saímos da Câmara, aí fomos almoçar. As quatorze horas tinha então a abertura do projeto de lei, que ia ser transformado em lei, que era assinatura da lei para o benefício salário família, fomos para a Câmara outra vez para ouvir a leitura da lei que ia ser sancionada, depois nós fomos ao senado para assistir a assinatura da lei às quatorze horas."

Segundo o sr. Pedrinho Simionato, D^o Laudelina para conseguir os benefícios consolidados por lei, para as empregadas domésticas, se relacionava com os políticos de diversos partidos, que denota o seu caráter pragmatista já discutido no capítulo anterior.

"É uma luta que ela tinha predisposição p^{ra} fazer, p^{ra} executar, ela não pensava em outra coisa na vida se não, na dita cuja empregada doméstica, ela tinha que encontrar uma maneira de enquadrar essa gente na nossa vida social, essa é a moral da história. E ela sempre freqüentou todos os partidos políticos, os partidos da cidade, ela sempre conheceu todo mundo, ... As reivindicações da empregada doméstica todo mundo ficou conhecendo através da Laudelina.

Aquele cara você viu na fotografia ... foi um cara excepcional, um homem extraordinário, esse cara teve que aguentar a Laudelina quantas vezes. (Ela dizia): Você é amigo do "Menha", pede p^{ra} ele entrar com um projeto (na Câmara). Ela vivia realmente a vida política da cidade, ela nunca perdeu e sempre teve decisões entre os candidatos que se propunham a fazer qualquer coisa (para as empregadas domésticas), mas ela sempre tava com aquele que estivesse compromissado com alguma coisa em relação à empregada doméstica, ... Se mentiram p^{ra} ela, ela não teve culpa, se lutaram ou não, eu não sei, mas a imposição dela, (era essa): O que você vai fazer pela doméstica p^{ra} merecer o meu apoio essa (era) o lema da vida dela." (18)

Até 1.964, o político que D^o Laudelina recebe correspondência é Esmeraldo Tarquinio, então deputado estadual,

essas correspondências e contatos mais próximos aumentam após o golpe de 1.964, como se verá no próximo capítulo.

O relato de Dã. Laudelina, o depoimento de sr. Pedrinho Simionato, e uma carta anônima, revelam que a sociedade local se opunha quase que em sua totalidade à organização das empregadas domésticas:

"Os patrões ficaram com medo e depois da fundação, eles começaram a ir para o jornal a criticar. O Pedrinho que era sindicalista, revidava."

Sr. Pedrinho diz:

"... Mas acho que a maioria via isso como um ponto de vista negativo ia perder a escrava, perder a empregada às quatro da manhã, ia ter que ter horário, enxergando toda aquela perda, essa era visão da Sociedade Campineira em maioria."

"A Associação foi inaugurada num dia à noite no meio da semana e no dia seguinte eu tinha uns processos na Junta de Consolidação e julgamento da Justiça do Trabalho de Campinas que era a minha vida diária. Lá existia uma funcionária da Junta ... uma velha solteirona, com seus sessenta e poucos anos daí p'ra fora, uma outra um pouco mais nova já também de idade.

Eu cheguei no balcão da Junta p'ra protocolar as reclamações trabalhistas dos empregados de construção, que não tinha nada a ver com a empregada doméstica, (mas) pelo fato de ter emprestado a sede, participado e apoiado a fundação da Associação; olha a maneira pela qual eu fui recebido no balcão dessa Junta:

- Você é uma 'persona non grata', feliz eu seria se você não pusesse mais os pés aqui. Foi assim nestes termos.

Isso me causou um impacto assim, meu Deus onde você está frequentando diariamente é igual a uma caixa de banco, né?! Olha me quebra aquela, me quebra lá. De repente você está marginalizado no troço que você têm que frequentar todo dia. Isso me botou a pensar que eu tinha feito uma coisa muito boa, pois se causou toda esta reação numa cabecinha daquele tamanho, então

estava mais que caracterizado que a coisa ia dar certo, ia se mudar alguma coisa, ia depender muito mais das domésticas, dali p'ra frente o problema era impor e mudar esta mentalidade tacanha, mentalidade pura e simplesmente do aproveitamento da situação." (17)

Esta posição da elite campineira é explicada via, uma carta anônima (ver anexo III) enviada para Dã- Laudelina por um representante desta elite, que ao falar da empregada doméstica, tenta justificar o tratamento que estas recebem em suas casas, atribuindo-lhes um caráter não profissional e explorador, pois para esta elite, são as patroas as molestadas.

"... A maioria das patroas na indumentária representam em posição inferior às senhoras, domésticas empregadas! ... 90% são vaidosas, desobedientes, faltosas nos horários, humilhando com palavras irreverente à mártir patroa que, por necessidade as suportam. Hoje, sem mesmo essa objetiva e altruística idéia sua, já elas têm até a petulância de dizer à patroa que lhe dê uma a duas horas para ir ao cabeleireiro e à manicure! A pobre patroa, sem pestanejar e mesmo tergiversar não ousa negar a esses imperativos." (18)

Esta elite havia delegado à empregada um status e um papel na sociedade e quaisquer comportamentos entendidos por estes, como desviantes, era motivo de crítica, assim, a vaidade e a reivindicação de direitos mínimos eram posturas destinadas às patroas e não às empregadas.

Para empregadas restava conforme a carta:

"Uma escola religiosa de aprendizagem e maneiras ... porque na verdade as empregadas são mal criadas e mal agradecidas à boas patroas em geral!" (19)

A situação de exploração vivenciada pela doméstica na casa dos patrões e o seu desamparo legal, parece ser discutido apenas entre os sindicalistas e outros setores mais progressistas, como na própria igreja. A este respeito, D^a. Laudelina, contava entre outras histórias, o acontecimento com o Monsenhor de Santana, deixando bem claro a posição da elite campineira.

"Ele foi obrigado a não pregar mais o evangelho, (pois ele), falava muito na posição dos patrões ... que não pagavam hospital p^{ra} elas (domésticas) e nem as tratavam como ser humano. ... As patroas se uniram (e) foram reclamar para o Bispo e (ele) proibiu ... Elas alegaram que ele era comunista.

Foi em 1.958, quando ele rezou a missa da Páscoa ... e fez durante a semana uma programação em benefício das domésticas.

Ele foi preso em São Paulo ... mas foi solto em seguida. O cunhado dele era vereador na época, dr. Julino Moscozo, que é casado com a irmã dele e conseguiu (soltá-lo)."

Neste período, D^a. Laudelina, estava se relacionando com setor mais progressista da sociedade: organização sindical e, com o setor mais avançado do clero, na figura do Padre Milton Santana. Cônego da Igreja Nossa Senhora de Fátima e também junto à Juventude Operária Católica (JOC).

A presença da imprensa neste momento não é notada. entre os documentos avaliados, D^a. Laudelina só aparece numa foto junto com os demais sindicalistas, na ocasião em que, os acompanhou até Brasília. Reportagem semelhante também foi realizada pelo Jornal do Sindicato das Indústrias Têxteis (anexo

II). A imprensa local também não fez referência à presença de Dã-
Laudelina como representante da Associação das Empregadas
Domésticas.

Neste período Dã- Laudelina não tinha com os
patrões contato direto, interferia nas relações de empregada
doméstica X patroa, uma vez que o Departamento Jurídico do
Sindicato não poderia resolver tais questões, devido à ausência
de legislação.

Segundo o sr. Pedrinho Simionato, em relação as
empregadas domésticas, funcionava muito mais do ponto de vista
civil e criminal, do que nas reivindicações trabalhistas. E mesmo
quando este departamento tentava agir na esfera civil e criminal
esbarra nas limitações impostas por lei, sendo necessário Dã-
Laudelina entrar em cena.

O depoimento do sr. Pedrinho Simionato explicita
as situações e a forma pela qual Dã- Laudelina nelas intervia:

*"O que mais acontecia nessa época era a empregada que quebrava
coisas e a patroa descontava do salário, era uma legislação
individual da casa. Essa gritaria era grande. Outra reclamação
grande que havia era que a empregada foi posta na rua porque
roubou, isso sem nenhuma apuração.*

*Essas eram as duas coisas que mais apareciam, que se podia fazer
alguma coisa, de qualquer maneira se poderia oferecer uma
assistência jurídica p'ra alguma.*

*A Laudelina tentava também resolver estes casos, e os casos
daquelas empregadas que levantavam às quatro horas e dormiam à
meia noite como rotina. Nestes casos ela procurava ir à casa da
patroa, marcar um encontro, no sentido de convencê-la*

amigavelmente; de que ela teria uma empregada muito melhor se ela desse alguma coisa se não arrancasse tudo, ela tinha muito este estado de espírito. Então volta e meia ela pegava o telefoninho dela e chamava a patroa, mas muito mais, no sentido de convencer, porque não tinha aonde se pegar às justças mais asquerosas e (por outro lado) a presença delas no sindicato chegavam em proporção de 1 por 1.000, você veja bem: a Associação foi fundada com 26 empregadas domésticas se não me falhe a memória, ela (doméstica) também não tava preparada p'ra isso, era só dificuldade, só dificuldade."

Dã. Laudelina contou alguns casos de polícia, nos quais ela teve que intervir entre a relação empregada doméstica, conforme elucida o relato abaixo transcrito:

"Agora, se não desse, ia p'ra ..., só teve dois casos de polícia. Esse é um dos casos, (foi) 62, logo depois da fundação da Associação: ela trouxe uma menina do interior p'ra criar e p'ra ser pajem, p'ra ser..., escravinha, ser tudo, né? A menina veio com 12 anos, e quando ela estava com 14 anos o patrão abusou dela, né? Daí enquanto ela não soube do negócio tava tudo muito bem, quando ela soube a menina já estava grávida, né? Aí ela pôs a menina p'ra rua, 11 horas da noite. Aí eu fui falar com ela, ela disse que tinha posto mesmo, porque a menina abusou da confiança dela e passou a ser amante do marido. Eu falei: 'Não foi ela que abusou do seu marido, foi seu marido que abusou dela'. Aí ela disse assim: 'Ah!, eu já resolvi, resolvi, está resolvido.' Eu falei: 'Eu também vou resolver', e fui lá no juiz e fiz a queixa né, o juiz chamou ela. Ela não queria ir porque era sogra do vereador, dona de butique, tudo. Aí o juizado incriminou ele, e o juiz: 'É, o senhor precisa reparar o erro, chama o pai e a mãe dela e indeniza a menina, manda levar a menina p'ra casa porque ela não têm onde morar, não tem onde ficar'. Aí vai atrás dos pais lá naqueles cafundó de Minas Gerais - ela tinha vindo de uma fazenda, porque eles vão buscar lá porque lá é barato né?, na cidade elas estão mais esperta. Aí fez o processo tudo, indenizou, o pai e a mãe veio e levou a menina, e deve ter nascido por lá mesmo, né? eu não soube mais. Mas teve que reparar. Naquela época o juiz fez ele dar doze mil réis, era um dinheirão, deu p'ra comprar uma casa. Então ela não podia me ver nem pintada, não pintada, não podia ver o meu nome no jornal que ela rasgava o jornal, né?

O outro caso, ela tava na casa há 30 anos, né?, tinha criado cinco filhos dos patrões, e aí ela tava muito doente e não tinha como se tratar, porque o que ela ganhava não dava p'ra pagar hospital. Não existia INPS, porque a gente tava lutando pelo INPS

e ainda como Associação não tinha direito, né? Aí fui conversar com ela ver se arranjava um hospital p'ra ela se tratar, ela se negou a ajuda ou fazer qualquer coisa. Aí fui no juiz e fiz a queixa. Aí consegui internar ela e pagar..., mas já tava muito mal, não aguentou, morreu. (20)

No período de (1.961 à 1.964) os contatos que Dã- Laudelina mantinha com os patrões eram apenas para resolver questões de ordem jurídica.

O espaço da Associação das Empregadas Domésticas e as relações empregada doméstica X patroa, nesse período, pode demonstrar, que apesar da universalidade da opressão que a mulher é acometida, mulheres de uma mesma sociedade, não partilham os mesmos interesses estratégicos, em função mesmo, dos diferentes interesses práticos e imediatos aflorados em classes diferentes.

Fora do espaço doméstico competia ao homem exercer pressão contra a organização das empregadas domésticas. Este fato se expressa na militância de Dã- Laudelina em diversas situações. todavia salienta-se aqui a carta anônima que ela recebeu em 1.961, ocasião da fundação da Associação das Empregadas Domésticas, a qual parece ter sido escrita por um homem que intentava defender as patroas, provavelmente por acreditar ser de competência masculina representar e defender as mulheres e as crianças de sua classe social na sociedade, exercendo sobre elas poder, e reproduzindo este poder e exploração sobre outras mulheres de outras classes e de outros grupos étnicos.

No próximo capítulo se verificará que ao mudar a conjuntura política, muda-se a diretriz política também da Associação das Empregadas Domésticas e, conseqüentemente, altera-se as relações entre mulheres (patroa e empregada doméstica).

NOTAS

- (1) Depoimento do sr. Pedrinho Simionato.
- (2) Idem.
- (3) Idem.
- (4) Idem.
- (5) Idem.
- (6) Idem.
- (7) Idem.
- (8) Idem.
- (9) Idem.
- (10) Idem.
- (11) Idem.
- (12) Idem.
- (13) Idem.
- (14) Manfredi, Silvia - *Educação Sindical entre o Conformismo e a Crítica* - pág. 40.
- (15) João Goulart recebeu líderes sindicais de Campinas, "*O Trabalhador Têxtil*", Campinas - julho de 1.962.
- (16) Depoimento do sr. Pedrinho Simionato.
- (17) Idem.
- (18) Carta anônima recebida por D^â. Laudelina em Campinas, datada 16 de maio de 1.961.
- (19) Depoimento de D^â. Laudelina, coletado por Maria Dutra de Lima, em revista - *Trabalhadores Classes Perigosas*.
- (20) Depoimento de D^â. Laudelina, coletado por Maria Dutra de Lima, em revista - *Trabalhadores Classes Perigosas*.

CAPITULO IV

A ASSOCIAÇÃO DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS NO PERÍODO DE 1.964 A 1.968

1. A ASSOCIAÇÃO DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS EM CAMPINAS APÓS O GOLPE DE 1.964

"Nós ficamos funcionando junto com os 13 Sindicatos e na mesma sede até 1.964 quando veio o golpe dos militares, daí a Associação propriamente dito, não foi fechada, porque quando fecharam os Sindicatos eu não estava mais lá, um dos presidentes, mais um dos vereadores da câmara tirou a gente de lá e nos levou pra um sede onde funcionava a UDN. Quando veio a revolução começaram a cassar todo mundo, no dia que prenderam o Pedrinho do Sindicato todo mundo foi pra porta da delegacia esperando que ele chegasse preso, a Isaura e as copinchas dela foram pra porta da delegacia lá na Andrade Neves pra esperar a chegada do Pedrinho, porque o rádio anunciou o nome do Pedrinho.

Como o Pedrinho era Presidente do Sindicato da Construção Civil, então provavelmente eu também teria que ir, tinha que ser presa, porque eu era comunista, Pedrinho foi depor, eu fui depois no mesmo dia, mas só que eles esperaram de manhã e eu fui á tarde, então ninguém me viu ir lá pra polícia pra depor.

(O delegado era muito meu amigo), quando precisava de mim ele ia me buscar para fazer vatapá, pra fazer cuscuz.

O dr. Dumont disse assim: a Nina não é comunista. A Nina é idealista, ela quer melhorar a situação das amigas dela, das

irmãs dela de categoria. O Pedrinho também não é comunista ele é idealista quer que os trabalhadores da construção civil, ...tenha uma vida melhor.

Nem eu, nem ele (Pedrinho) sofremos nada, mas o Sindicato continuou fechado, fechou tudo eram treze Sindicatos que funcionavam, fechou a sede e aí cessou o movimento do Sindicato porque todos funcionavam no mesmo local eram salões grandes e tudo. Então eu saí isenta e o Pedrinho também, mas teve dirigentes que fugiram, teve que fugir, teve que ir embora os da borracha tiveram que fugir, o irmão do Pedrinho o Irineu que hoje é vereador pelo P.S.D.B., fugiu porque ele era da alimentação e o outro era do Sindicato da borracha era maranhense mas ele era vermelho, então tinha apelido de Maranhão.

Então foi da alimentação, borracheiros, bancários, o único Sindicato que não era ligado a gente era o do comércio, que o Sindicato dos comerciários não era ligado porque a maioria eram patrões e os outros todos tiveram que fechar, eletricitários, gráficos, fechou tudo, Ai nós também da Associação não funcionamos porque fomos impossibilitadas de funcionar naquela época, não foi cassada mas funcionou. Durante (este período) a gente andava pro congresso ia atrás dos vereadores, então o Quêrcia já tinha se formado em direito era vereador e começou a trabalhar."

Dã. Laudelina passa a não manter mais contato direto com as antigas lideranças sindicais que a ajudou na fundação e organização da Associação das Empregadas Domésticas em 1.961, conforme relata o sindicalista Pedrinho Simionato.

"Por ironia do destino em 1.964, eu tinha uma audiência marcada com o Ministro do Trabalho que já não era mais o mesmo. Eu fui para o Rio as vésperas do golpe tentar resolver os processos de pensão de viúvas encralacrados no INPS, que ninguém se dispunha a resolver ...ia aproveitar a deixa com o Ministro para cobrar como tava o encaminhamento das reivindicações das empregadas domésticas, eu já não consegui falar com o Ministro porque eu fui 30 de Março. Embora o golpe de Estado só dado em 31, no dia 30 o Ministério já estava praticamente fechado, o Ministro não se encontrava, então eu perdi a viagem, mas foi o último contato, foi a última coisa que eu tive em comum com a Associação das Empregadas Domésticas, aí eu fui deposto do Sindicato houve a intervenção Eu vi a Laudelina na véspera do golpe dois dias

antes do golpe, ... a última vez que vi a Laudelina foi no dia 29; que eu disse pra ela:

- Laudelina eu tenho uma audiência com o Ministro marcada e eu vou ver o que eu posso arrancar para vocês lá no Rio.

Foi as últimas palavras que eu troquei com a Laudelina ela morreu sem eu vê-la, porque eu ainda vim saber da morte dela depois de enterrada." (1)

A opressão e a repressão que se instalou em 1.964 fez com que os Sindicatos e os operários se submetessem ao silêncio. As organizações sindicais modificaram as suas diretrizes políticas, ainda que a insatisfação dos trabalhadores continuasse, fazendo-os buscar formas alternativas de organizações.

No discurso de Dâ- Laudelina fica claro que ela entendeu bem este momento de crise, pois ela consegue perceber as diferenças entre as propostas do Sindicato e condição da Associação vinculada à Prefeitura Municipal de Campinas funcionando como instituição beneficente.

"A Associação das Empregadas Domésticas não foi cassada mas também não funcionou como a entidade reivindicatória que era (nessa época de 1.964 a 1.968). Foi liberada para funcionar como uma instituição beneficente. Nesse período não foi realizado nenhum evento e nem reivindicamos nada, a gente andava pro congresso, atrás dos vereadores. Nessa época o Quêrcia já tinha se formado em direito e era vereador e aí começou a trabalhar pra gente. Trabalhou pra gente como vereador na câmara ... e aí foi votado uma lei pra Associação passar a ser como utilidade pública não funcionava como Sindicato, mas se falava Associação para poder (a categoria) ser inclusa nas leis trabalhistas, pois, era muito difícil falar em Sindicato, (em razão disso) foi criada na câmara uma lei de utilidade pública, então foi quando eu comecei a funcionar, arranjando mantimentos, roupas, remédios (na Associação passou a ter), médico, dentista e advogado.

E então passou a funcionar como uma instituição beneficente, que era pra poder pleitear isso tudo, porém, não se parou de mandar projetos e dar dura no congresso."

A Associação passa a ter uma outra diretriz política, em razão de não estar mais participando conjunta e diretamente com os demais Sindicatos e também por passar a se reconhecer como entidade de utilidade pública a nível municipal conforme a Lei Municipal nº 3.317 de 27 de agosto de 1.965.

A sede da Associação passa a ser na rua Duque de Caxias nº 368 em Campinas.⁽²⁾

A Associação continua a ser denominada explicitamente no masculino: A Associação dos Empregados Domésticos de Campinas. O motivo é explicado pelo artigo de um jornal local - "Jornal da Cidade".

"A categoria profissional está no masculino representa não apenas as domésticas, mas também os copeiros e jardineiros."⁽³⁾

Entretanto, parece que o termo cai logo no desuso e nas cartas e ofícios enviados a outras instituições o termo aparece no masculino apenas no timbre, no conteúdo das cartas a categoria se torna sempre absolutamente feminina. Fenômeno esse verificado também na prática do atual Sindicato.

2. A ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO INTERNA DA ASSOCIAÇÃO APÓS O GOLPE DE 1.964.

A sistematização dos dados coletados propicia uma elaboração primeira de como se estruturava a Associação das Empregadas Domésticas no período pós 1.964. A Associação se estruturava por meio de departamentos da mesma forma que no período de 1.936, e nos moldes das organizações negras que ela participou naquele período. Dã. Laudelina menciona a existência de alguns como: Departamento Jurídico, Departamento Médico-Odontológico, Departamento Beneficiente. Os demais departamentos identificados como: Administrativo, Educacional, Finanças foram construídos aqui a partir dos depoimentos e análise de documentos.

O Departamento Jurídico e o Departamento Médico-Odontológico funcionavam sob a responsabilidade dos profissionais desta áreas.

Os demais departamentos tinham o seu funcionamento garantido pelas próprias associadas.

O Departamento Administrativo, responsabilizava-se pelo almoxarifado, expediente e setor de colocação. Tudo indica que as empregadas ao chegarem na instituição procuravam o Departamento Administrativo, onde lhes eram passadas as devidas

informações sobre a Associação e eram encaminhadas a outros departamentos de acordo com as solicitações feitas. Exemplificando: Caso as queixas se referissem às arbitrariedades existente nas relações empregadas domésticas e patroas, a empregada era encaminhada ao Departamento Jurídico, mas o caso também podia receber a intervenção de Dã- Laudelina. Este assunto já foi discutido no Capítulo III.

No caso da doméstica desejar se associar era preenchido uma ficha de matrículas (anexo III) contendo os dados de identificação, a função que desempenhava na casa do patrão, o endereço de serviço e o tipo de documento apresentado; a esta ficha era afixado uma fotografia 3 x 4. O preenchimento da ficha de inscrição, bem como, a distribuição de carteirinha de Associação era uma prática desenvolvida desde a fundação em 1.961.

Junto ao departamento administrativo funcionava o setor de colocação. As empregadas e patroas que procuravam o serviço preenchiam uma ficha com os dados de identificação e as pretensões a cerca da remuneração e desempenho profissional.

Existia um departamento responsável pelo controle de dinheiro. A Associação neste período tinha um conta bancária, recebia subvenções municipais e promovia bailes e outras atividades (bazares, rifas) para levantamento de verbas. Este departamento pode ser chamado de Departamento Financeiro. A

Associação passa a prestar contas dos seus gastos para a Prefeitura, tudo indica que em razão de estar recebendo subvenções municipais para realizar os seus projetos.

Nessa fase, para cobrir os gastos da Associação e realização dos projetos, realizam-se shows, festivais, festas para arrecadação de fundos. Nos documentos consultados se verifica que algumas dessas atividades foram divulgadas pelos jornais e rádios. Por meio de um ofício da TV Excelsior se detecta que a Associação também pagava para a televisão realizar a divulgação (anexo III).

A existência de um departamento beneficente, foi mencionada várias vezes por D^{ca} Laudelina, pois após o golpe de 1.964, a Associação se voltou para um trabalho beneficente.

Inicia-se o programa de distribuição de alimentos para pessoas necessitadas. As doações eram recebidas do Estado, Município e de outras instituições particulares: Confederação Evangélica do Brasil, Rotary Clube, Igreja Católica e indústrias de Campinas e região.

De acordo com a "Relação Nominal de Pessoas Assistidas". em 1.966, oitenta e duas famílias de empregadas domésticas eram atendidas nesse programa (listagem em anexo III).

2.1. A PROPOSTA EDUCATIVA DA ASSOCIAÇÃO DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS

O Departamento de Educação nesta fase se caracterizava pelos projetos de cursos de capacitação profissional e cursos profissionalizantes, como o de corte e costura. A proposta do curso de alfabetização não se efetivou na prática, talvez porque as empregadas domésticas interessadas, pudessem freqüentar os programas de educação de adultos oferecidos por instituições públicas, ou mesmo pela provável falta de recursos para organizá-lo e estruturá-lo. Mas em 1.968 se concretiza o projeto de creche para filhos das empregadas domésticas.

Segundo uma depoente os cursos de capacitação profissional eram ministrados uma vez por semana, havendo cursos de cozinheiras, arrumadeiras, copeiras, garçons, etc.

"Tinha também cursos de orientação para o trabalho como corte e costura, enfermagem, bordado, tricô, também orientação para o trabalho como empregada doméstica que muitas que vêm de fora também convém certas orientações. ... Esses cursos funcionavam normalmente uma vez por semana e era na própria sede da Associação, e era dado por pessoas da Promoção Social e de outras entidades vinham para colaborar com a Associação voluntariamente."⁽⁴⁾

Nesta fase, para Dâ- Laudelina a proposta educacional estava bem definida, pois anteriormente ela questionava a validade dos cursos de capacitação (conforme foi

relatado no capítulo anterior). Talvez esta nova postura seja resultado do amadurecimento de suas práticas, as quais fizeram com que ela passasse a defender a tese que a especialização dá ao empregado doméstico a dignidade de profissão como qualquer outra categoria profissional. Também pode se explicar pela influência da Prefeitura Municipal de Campinas, pois, uma vez transformada em utilidade pública, a Associação se ligou diretamente ao Departamento do Bem Estar Social da mesma.

Esta influência é exercida principalmente no controle da utilização das subvenções municipais, gastas no Departamento Beneficente e no Departamento de Educação. O Departamento do Bem Estar Social da Prefeitura passa também a auxiliar a estruturação dos cursos. Os jornais e outros documentos (anexo III) revelaram que a proposta educativa se concretizou na prática através dos cursos para formação de empregadas domésticas organizados conjuntamente com a Associação, e a profª Enea Caldalto Raphaelli, então diretora do Departamento do Bem Estar Social da Prefeitura.

A preocupação com a formação educacional e profissional da empregada doméstica já estava contida nos estatutos da Associação. Consta em uns dos parágrafos do Artigo 3º (são fins da Associação) "fundar e manter cursos de alfabetização, profissionais e pré-vocacionais"⁽⁹⁾. Esta

preocupação também se fez presente nos discursos de Dã. Laudelina.

Assim, é curioso que na abertura do I Curso Para a Formação de Empregadas Domésticas seja a profª Enea Caldalto Raphaelli quem discorra sobre os objetivos do curso (anexo III), e não Dã. Laudelina, legítima representante da categoria que já os havia preconizado em falas anteriores.

Tudo indica que neste período, a diretriz educativa dada pela Associação, não visava simplesmente a formação profissional das empregadas domésticas para futura colocação. Mantinha-se além dos cursos de arte culinária e outras orientações que dizem respeito ao emprego doméstico, também o curso de corte costura, e as orientações constante para as empregadas procurarem escolas para se alfabetizarem. Estes cursos davam às participantes um certificado.

A alfabetização das empregadas domésticas para ela era muito importante. Um jornal da época ao comentar o assunto diz:

"Explica Dã. Laudelina que dá capital importância ao curso de alfabetização, pois considera este básico para que os demais possam ser ministrados."⁽⁶⁾

Mas o que se faz notar, é que através dos cursos mantidos pelas Associação das Empregadas Domésticas, é possível

uma mobilidade profissional ou mesmo social ascendente, pois uma costureira tem uma posição social diferenciada da empregada doméstica na sociedade.

Dã. Laudelina, seguramente não promovia os cursos de capacitação da empregada doméstica, visando a perpetuação e o aumento deste tipo de profissional. Simplesmente intencionava melhorar as condições das pessoas que já exerciam a profissão, pois sempre as aconselhavam.

"Eu falo para meninas lá da Associação vamos trabalhar e fazer os nossos filhos estudarem porque nós não tivemos oportunidade, mas nossos filhos, não podem passar a vida roendo o pinico de branco."

2.1.1. UMA CRECHE PARA OS FILHOS DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS

Os artigos de jornais indicam que o projeto da creche para os filhos das domésticas começa a tomar corpo a partir de 1.968 ao entrar no plano de ação da categoria para aquele ano. De acordo com os documentos (anexo III) parece que inicialmente a creche se instalaria nas dependências cedidas pelo Grupo Escolar da Vila Tofanello "junto ao qual em área a ser doada pela Prefeitura construir-se-ia a sua sede social." (7)

Mas o planos se alteraram, por razões que não se pôde identificar, e se instalou a creche na rua Froença nº 651. O

aluguel da casa (de acordo com contrato assinado em 19 de setembro de 1.968), foi mantido pela Prefeitura Municipal de Campinas. O prazo de vigência do contrato foi de dois anos de 19 de setembro de 1.968 à 31 de agosto de 1.970.

Para a montagem da creche a Associação contou com o apoio da 1ª Dama do Estado, Dª Maria do Carmo de Abreu Sodré, Presidente do PAS (Plano de Amparo Social), com a qual Dª Laudelina entra em contato na ocasião de sua visita a Campinas em janeiro de 1.968, para discutir os critérios de instalação da creche (anexo III). A 1ª Dama do Estado orienta Dª Laudelina para registrar a Associação no Departamento Social do Estado (anexo III). Assim, em 20 de janeiro de 1.968, Dª Laudelina envia uma carta à 1ª Dama, cuja resposta obteve em 07 de junho de 1.968, por meio do ofício nº 130. Neste ofício solicitava-se que a Presidente da Associação enviasse o Atestado de Registro no Serviço Social do Estado e os Estatutos com a certidão de Personalidade Jurídica, documentos estes que deveriam ser encaminhados à Comissão Estadual de Material Excedente (CEME).

A lista solicitando o material a ser fornecido para a creche já havia sido enviada por Dª Laudelina aos PAS (Fundação Plano de Amparo Social) em 13 de dezembro de 1.967, data anterior ao encontro mantido entre a Presidente da Associação e a 1ª Dama do Estado.

Os documentos sugerem que a demora do envio dos materiais necessários à instalação da creche, ocorreu em razão da falta de local, definido para seu funcionamento. Assim, logo após assinatura do contrato da casa da rua Froença nº 651, D^a-Laudelina envia uma carta a D^a- Maria do Carmo de Abreu Sodré, em 04 de setembro de 1.968 comunicando a obtenção do local para instalação da creche e também que a Associação. Firmou convênio com o Departamento de Saúde e Bem Estar Social da Prefeitura Municipal de Campinas.

Via a documentação levantada não se pode precisar exatamente a data de início das atividades da creche, mas pela carta enviada ao FAS, no dia 14 de outubro de 1.968, solicitando colaboração para o Natal das crianças com a doação de brinquedos, percebe-se que a creche já estava em pleno funcionamento pois dizia a carta que havia mais de 50 crianças já admitidas, ou seja, 15 crianças de 1 a 5 anos, sendo 12 meninas e 3 meninos e 35 crianças de 6 a 10 anos, sendo 20 meninas e 15 meninos (anexo III). Assim pode-se supor que a creche se instalou efetivamente a partir de 12 de setembro de 1.968.

O relato que se segue explicita como ocorreu a estruturação e o funcionamento interno da creche.

"Nós montamos uma creche, não era uma creche que as crianças ficavam para dormir, ... era só durante o dia

Tinha a secretaria, tinha a sala onde a gente fazia as reuniões, tinha mais dependências, sala de jantar, cozinha, dispensa e mais três cômodos no quintal, e a garagem, então a gente ocupou tudo

isso. Na garagem, a gente fez uma espécie de (área de lazer) era um local onde as crianças brincavam, (forramos) tudo com carpete. Tinha os brinquedos e às vezes as crianças vinham escrever ali.

Tinha doze cômodos esta casa. (Haviam) três salões onde a gente pôs os berços pra eles dormirem a gente chegou a ter 15 crianças.

Eu morava na casa e também funcionava a creche era pago pela prefeitura, eu tenho aí os recibos tudo que foi assinado pelo prefeito, depois eu vejo para você a papelada, tem tudo aí, quanto pagaram, o tempo de contrato tudo aí, assinado pelo prefeito e as outras testemunhas Em 1.968 eu morava na rua Cruzeiros dos Anjos, depois de um tempo que eu mudei para (a casa onde funcionava a creche). Foi nessa época 1.968, que nós fizemos o contato com a 1ª Dama do Estado Maria do Carmo de Abreu Sodré, nós fizemos uma lista do que a gente ia precisar depois eu mostro pra você a lista (anexo III).

O Lions Clube também ajudou muito, na composição da creche, da primeira creche ele ajudou. Porque esta creche mudou, venceu o contrato e fechou, (em razão também) de tudo aquilo que aconteceu que eu deixei a Associação. A creche havia saído, foi feita uma creche em nome dos empregados domésticos em geral, na Vila Tofanello, então mudou todo o material para lá.

A Vila Tofanello, fica a onde eles falam fura zóio, pra lá do taquaral, antes de chegar na 31 de Março. A prefeitura construiu um prédio lá.

3. Dª LAUDELINA, O ESTADO, A SOCIEDADE, OS POLITICOS E OS PATRÕES FRENTE AS REIVINDICAÇÕES DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS (1.964 A 1.968).

Neste período o Estado, como se comentou no Capítulo I e II, continuava um Estado de classe e estava a serviço de uma elite dominante.

As produções e reproduções da opressão se efetuam no espaço de trabalho se expandindo às macro-estruturas, pois as

reivindicações das elites dominantes são atendidas pelo Estado. Parcialmente o pensamento nacional pode aqui ser identificado com o pensamento da sociedade dominante campineira que se manifesta por meio de uma carta anônima.

"Em hipótese alguma, D^a. Laudelina, ficará essa classe trabalhadora numa posição de nível à do operário, pois, primeiro o operário trabalha exposto às intempéries, aos perigos, aos intransigentes caprichos dos patrões que se fundam nos direitos sindicais, e, sobretudo, matam sua fome com o alimento ganho adquirido religiosamente com os suor de seu corpo, tão humildemente coberta por rústicas indumentárias!...

"Oxalá, o seu deputado federal, ao receber a minuta do projeto de lei que a comissão lhe enviará, faça de acordo com seus sábios colegas, justiça, pesquisando, perscrutando o amago, dessa causa dura de roer!" (8)

Este mesmo pensamento parece ser partilhado no congresso nacional, pelos deputados e senadores, conforme explicita o pronunciamento do Deputado Francisco do Amaral.

"Os políticos acreditam que assim agindo, estão protegendo as donas de casa, livrando-as do pesadelo da fiscalização sobre o trabalho das empregadas do lar. Na verdade, porém enquanto essa regulamentação não é baixada, escasseada cada vez mais a mão de obra disponível para o serviço doméstico e, em consequência, de duas uma; ou as donas de casa não encontram quem as auxilie nessa tarefa de indiscutível valor ou são obrigadas a receber em suas residências pessoas sem a devida qualificação." (9)

A ligação do Estado com a elite dominante e o ambíguo papel dos políticos, que às vezes se colocavam declaradamente contra os trabalhadores, era percebido por D^a. Laudelina que acreditava que a pressão dos patrões se estendia ao

domínio doméstico no contato diário com a dona de casa. A pressão masculina, em seu entendimento acontecia no congresso, conforme depoimento que se segue:

"Todos os presidentes que passaram desde Getúlio Vargas.... Todos os Ministros do Trabalho, todo mundo fez pressão (conta a regulamentação). Agora no congresso por intermédio de mulheres, com uma consciência política mais arejada e mais humana..., é que a gente conseguiu (a regulamentação da lei). Elas estão entrando com os projetos..., que eles (homens) combateram sempre."

Dessa forma, se explicita na fala de Dã. Laudelina a necessidade de legisladores e planificadores de políticas públicas terem um entendimento e incorporarem nas suas práticas políticas e profissionais a questão do gênero.

Em específico, na sua fala fica salientada essa diferença, pois os interesses práticos e estratégicos de gênero particulares das empregadas domésticas, só foram atendidos em razão da ação de mulheres não "machistas" no congresso.

Mas, na história de Dã. Laudelina, se verifica que as empregadas domésticas sempre tiveram uma ação de protesto contra a posição do Estado no que se refere aos seus direitos trabalhistas. Em conjunto com o movimento negro, ou Sindicatos sempre pressionaram os políticos em todas as esferas de poder.

Assim, é que em 1.966 Dã. Laudelina retorna à Brasília com os sindicalistas para falar com Jarbas Passarinho.

Nessa ocasião os sindicalistas reivindicavam o cumprimento das leis como reposição salarial e o salário família.

Nesta mesma ocasião a categoria das empregadas domésticas passaram a ter direito ao INPS apenas como facultativo:

"Não conseguimos ainda como Sindicato, mas esta data elas passam a ter direito ao INPS (e) a ter pensão também. Daí passou a ser facultativo pagava por conta. Agora 1.988 com o Sindicato passou a ser obrigatório. O patrão pagava a parte dele e as empregadas a parte dela. Ela (doméstica) pagava por conta mas já tinha direito com um ano de carência ao hospital, funeral e outros benefícios.

Então foi a vitória, então nesta noite também teve um banquete, no Hotel Nacional. Neste banquete eu fui encarregada de entregar as camélias são lindas, cor de rosa. O meu vestido era cor de rosa também este casaco preto.... Então fiz a entrega da flor, para mulher do ministro, então ele tirou sarro e disse a srã. que é o terror das patroas (eu)."

Aproveitando a oportunidade, Dã. Laudelina torna a solicitar ao Ministro Jarbas Passarinho, a regulamentação da profissão e a transformação da Associação em Sindicato e segundo ela a resposta foi a seguinte:

"Quanto a regulamentação da profissão das empregadas domésticas foi nos dito pelo (ministro) que era muito difícil a lei ser assinada, pela quantidade de gente.

Estava faltando isso: ... união das empregadas pra exigir que a lei fosse regulamentada. Ele (ministro) disse:

- Todos os Estados a gente vai os documentos são seu (referia-se DL). Uma andorinha só não faz verão, ... a conquista do trabalhador nunca foi dada para eles de mão beijada. A conquista do trabalhador desde o começo do mundo nunca foi regulamentada pelos patrões, pelos ministros nem, pelos governos, é pela união, pela quantidade de massa."

Neste momento, Dã- Laudelina não percebe as ambiguidades e as contradições que estão por trás do discurso de Jarbas Passarinho, e passa planejar a sua ação sob a influência da fala do ministro.

"(Em virtude da postura do ministro) nós entramos em contato com os outros Estados com os outros, municípios, onde já tinha (realizado) outros congressos, onde já tinha outras Associações e (trabalhamos) para a fundação de mais Associações. Depois daí foi incluindo na pauta de reivindicações (ao governo) mais 62 Associações (porque foi) encaminhada pro senado, para a regulamentação da lei, então a gente tinha que unir os Estados, as Capitais, os Municípios para reforçar (o pedido).

A igreja ajudou muito a gente, ia atrás das Associações, (por meio) do pessoal de igreja (que) entravam em contato com as entidades sindicais dos locais dos homens, pedindo apoio. Então a gente tinha uma massa consistente para poder brigar."

As dificuldades encontradas no cumprimento da Lei junto às patroas foi comentada por Dã- Laudelina, mas o interessante é que esta dificuldade se estendeu também ao posto do INPS de Piracicaba necessitando novamente a intervenção de Dã- Laudelina:

"... Em Piracicaba, estava um custo porque o diretor de Piracicaba não aceitava o inclusão das empregadas domésticas no INPS. Então aí eu fui com a Dulce a Presidente do Sindicato de Piracicaba (para Brasília) Nós entramos em contato com ele (ministro) e pedimos pra ele, que passasse uma ordem para que as empregadas domésticas pagassem INPS como facultativo, em Piracicaba, porque (este) diretório não estava aceitando.

Então o posto de Piracicaba estava contrariando uma lei, o Jarbas Passarinho, passou um telex (ver anexo III), uma ordem que fosse descontado os 8%, que seriam 16% porque (as empregadas) pagaram as duas partes".

Com os demais políticos o relacionamento de Dã. Laudelina aconteceram a partir dos interesses que esses demonstravam ter a respeito da causa da empregada doméstica, e movimento negro, podendo esse compromisso ter diversas formas de se manifestar.

Assim, através dos ofícios (anexo III) constata-se que alguns políticos, nesse período, destinavam da sua verba pessoal (dinheiro) para a Associação das Empregadas Domésticas e isso ocorria, tanto a nível municipal como estadual, e ainda intercediam junto às instâncias maiores de poder em prol da categoria.

Para a obtenção de tais favores parece ter sido necessário haver uma troca; Dã. Laudelina aparece sempre como elo de ligação entre a população local e esses políticos na figura de cabo eleitoral.

A documentação revela também que para Presidente de Honra da Associação das Empregadas Domésticas em 1.965 foi indicado o Prefeito Rui Novaes, o que reafirma, novamente, o pragmatismo de Dã. Laudelina no trato com os políticos.

3.1. A SOCIEDADE LOCAL, D^ã- LAUDELINA E OS PATRÕES

"Ela é o terror das patroas" - Título de um artigo de jornal de Campinas que provavelmente foi realizado mediante contato que D^ã- Laudelina teve com o Ministro Jarbas Passarinho. O título é parte da fala do próprio Ministro: "Muito Prazer! Então a senhora é que é o terror das patroas Campineiras?..."⁽¹⁰⁾

Mas conforme entrevista que D^ã- Laudelina deu para esse mesmo jornal local, percebe-se que ela se considerava a intermediária entre os interesses e pretensões das domésticas e das patroas ... intervindo como mediadora entre empregadas e patrões.⁽¹¹⁾

Esta visão neste momento, também era partilhada pela sociedade local, e fica explícito isto via os jornais, que naquele período passaram a divulgar os trabalhos da Associação conforme o exposto anteriormente.

A divulgação dos trabalhos realizados na Associação, assim como, a aproximação e participação direta das patroas na Associação das Empregadas Domésticas se deu pela interferência da Prefeitura Municipal de Campinas que, passa a "tutelar" a categoria, e enquanto órgão Público, contribuiu naturalmente para desviar o caráter contestatório; objetivo inicial da Associação. Certamente esta relação mantida entre a

Associação e a Prefeitura permitiu que os jornais passassem a discutir a questão das domésticas, e que ocorresse a aproximação da sociedade local junto a estas.

De forma explícita ou implícita, os interesses dos patrões sempre foram atendidos pelo Estado via as três esferas do poder público, e isto pode ser percebido via a ficha de inscrição da futura sócia, a qual difere da ficha realizada no período anterior à 1.964. Na ficha usada nesse período (1.964), entre outros pré-requisitos, constava a solicitação da declaração de antecedentes policiais e a carteira de saúde, exigências não muito diferente do Departamento de Fiscalização da Prefeitura Municipal de São Paulo no início do século, conforme já discutido no Capítulo I.

Nesse período os jornais passaram a criticar também o tratamento dado pelos patrões campineiros às empregadas:

"Isso de os patrões pagarem alguns poucos cruzeiros por mês e compensam o restante com favores e regalias, tem o nome de paternalismo e não passa de ilusão. Será que regalias recebidas no lugar do dinheiro, correspondem ao tanto que ela deveria ganhar no fim do mês? A solução é, mesmo, a regulamentação da classe, com direitos e deveres para patroas e empregadas (Direitos e Deveres)." (12)

A ligação que Dâ Laudelina tinha com os patrões nesse momento pareceu estar envolvida num complexo de ambiguidades com aparente subordinação às classes dominantes.

"Tinha muita patroa boa que ia nos dias de cursos lá na Associação; não comia na casa (delas), comia junto com a gente os pratos que a gente fazia."

Tinha muita patroa amiga. Tinha patroa que ajudava a gente na Associação, a Presidente da Oficina Santa Rita de Cássia. Dã Alice, a Lurdice, a gente trabalhava em conjunto com ela e fazia os enxovaizinhos para recém-nascidos, levava na maternidade, levava na casa, casas que tem mãe solteira e tudo. Quando nascia um filho duma empregada Dã Alice já chamava a gente e dava o enxoval, dava o enxoval completo, ajudava também na alimentação ela era do Lions Clube." (13)

O exposto acima sugere que Dã Laudelina não percebia nesse momento que atrás desta aparente relação amigável existia uma forte relação de dominação camuflada através da caridade.

No contexto anterior a 1.964 no qual a Associação estava diretamente ligada aos demais Sindicatos, as patroas e os demais setores da elite dominante protestavam contra a possível organização da categoria, pois o Sindicato formava um corpo de conhecimentos divergentes dos da maioria dominante, e sobretudo, estava envolvido num processo de mistificação que se expressava pelo temor da sociedade como um todo ao sistema comunista.

Já nos pós 1.964 a Associação das Empregadas, diretamente ligada à Prefeitura Municipal de Campinas, passa a ter sua proposta político-educativa dirigida pelo Departamento do Bem Estar Social da Prefeitura, que não era neutro, pois tinha em seu quadro funcional mulheres pertencentes a uma classe média, portadoras de um conhecimento intelectual e informação que geram

poder, divisão e valorização entre o trabalho intelectual e manual. Assim, o Departamento do Bem Estar Social de Campinas tinha um projeto social-educativo específico, o qual se definia, pela capacitação e promoção social do homem pobre com ajuda do rico.

De modo geral, fica claro que as patroas se aproximavam da Associação das Empregadas Domésticas em 1.964, com o propósito de imporem sua visão de mundo sobre estas, tentando estabelecer qual é o comportamento correto a ser mantido pelas domésticas; configurando a supremacia dos valores partilhados entre a classe média e alta e também suplantando na categoria (empregada doméstica) o sentimento de impotência e incapacidade de se organizarem sôzinhas.

A relação da dominação da patroa se expressa até no fato, delas irem para a Associação; espaço de organização das empregadas domésticas e lá num ato "fraterno", coroado de poder; comerem junto da mesma comida, no mesmo espaço.

A dictomia entre relações de trabalho e relações pessoais são assim, no espaço coletivo de luta das domésticas como uma extensão ampliada do que acontece no espaço familiar da patroa.

Todavia, aqui se faz necessário salientar que se no espaço da patroa (casa) existe troca entre salários/presentes; e a dictomia, trabalhadora/amiga, membro da família.

No espaço coletivo de luta da empregada (Associação) essa dictomia naquele momento também se dá de forma ampliada, a troca não se fez através de presentes concedidos a uma empregada mas para as associadas.

Assim, Dã. Laudelina se aproveitou do contexto econômico político e usufruiu o máximo possível dentro das restrições impostas pela conjuntura, da ajuda material que as patroas organizadas em instituições governamentais e não governamentais como o Rotary, Lions Clube, igrejas católicas e protestantes poderiam oferecer.

Foi nesse período que Dã. Laudelina pôde montar a creche para as empregadas domésticas e atender mensalmente oitenta e duas famílias pobres com cestas básicas fora outros benefícios que também se estenderam para o movimento negro.

Como foi discutido no início desse capítulo, Dã. Laudelina tinha plena consciência dessa nova situação e nesse período ainda mantinha de forma discreta um relacionamento com os sindicalistas de Campinas, mas o único momento em que essa relação se torna pública é em 1.966, na ocasião em que ela os acompanha até Brasília.

O contato com o clero também continua, mas nesse período se identifica sua ligação com os dois setores da igreja: as tendências mais progressistas e as tendências mais reacionárias. Em 1.967, D^{ca} Laudelina passa a morar na Rua Froença e começa a manter contato com os participantes da paróquia de Santo Antonio (foto ...). Os participantes da paróquia Santo Antonio e Associações leigas ligadas à Igreja como: a Oficina de Santa Rita, passam a "auxiliar" os trabalhos da Associação.

O contato com o setor mais progressista da Igreja, neste período, se evidencia após o encontro que D^{ca} Laudelina teve com o ministro Jarbas Passarinho. A JOC (Juventude Operária Católica) parece que nesse momento teve um papel decisivo na fundação de novas Associações de Empregadas Domésticas. Foi este setor mais avançado da igreja que entrou em contato com os sindicalistas de outras de cidades, para que esses discutissem a questão das empregadas domésticas e ajudassem a organização de outras.

A imprensa neste período passa a discutir a situação e as atividades desenvolvidas pela Associação das Empregadas Domésticas bem como, a colaboração dos diversos setores da elite local.

"Tem ainda a Associação a felicidade da ajuda de D^{ca} Odila Plaster, Presidente das Damas Rotarianas de Campinas, que muito contribuiu no Natal para distribuição de roupinhas as crianças

das domésticas, e da profª. Jacy Milane, Secretária da Educação e Cultura, da Prefeitura, além de muitas outras senhoras.

Na semana vindoura Dª Laudelina estará em São Paulo, mantendo contato com Sua Eminência Cardeal Dom Agnelo Rossi, que quando permaneceu, há pouco tempo em nossa cidade, em discurso proferido no Rotary Clube afirmou, espontaneamente que iria se interessar pela causa das domésticas locais." (14)

A imprensa também passa a destacar a figura de Dª Laudelina enquanto LIDER "da classe modesta das domésticas de Campinas", às vezes, passando a sua imagem como a grande mediadora entre empregadas domésticas e patrões ou ainda os artigos tentam esvaziar o caráter político de sua luta, atribuindo-lhe qualidades como abnegação, bondade "e uma grande alma", comparando-a também como a mãe negra brasileira. (15)

No período de 1.964 até 1.968, Dª Laudelina continuou desenvolvendo suas atividades promocionais e manteve o relacionamento com os clubes recreativos da cidade e, também solicitava a colaboração de instituições de fora, a exemplo da apresentação realizada em julho de 1.967 com o Grupo de Patinação Artística "Periquitos em Revista" da Sociedade Esportiva Palmeiras. Esse show foi em benefício, da instalação de uma creche para os filhos das empregadas domésticas.

Nesse período de 1.964 à 1.968, Dª Laudelina estabeleceu rede de alianças, com grupos que tinham objetivos comuns e mesmo com grupos opostos. Porém, conforme afirma Kate Young:

"Éste es un trabajo que toma mucho tiempo, pero el unir a mujeres en una fuerza masiva es evidentemente un paso necesario en cualquier estratégia dirigida a romper el legado de siglos de discriminación y marginación de género." (16)

Dã. Laudelina percebeu nas alianças a maneira de atingir as metas. A sua prática política demonstra que ela acreditou em algum momento na possibilidade de patroas se aliarem às empregadas domésticas. Esse fato também se explicita quando ela realiza uma avaliação de sua luta em pro da categoria:

"Por que eles (patrões) não se juntaram com a gente logo na fundação? Porque ajudaria ambas as partes..." (17)

Dã. Laudelina ousou ampliar as lutas das empregadas domésticas, visando romper com as diversas formas de discriminações vivenciadas pelas mesmas e, por outros grupos oprimidos, no que se refere à classe, étnia e gênero.

O desfecho dessa estratégia de alianças em sua trajetória não foi muito feliz, conforme retrata o depoimento abaixo transcrito:

"Nós funcionamos até 68; 68 ia haver nova eleição, então eu fui reeleita, e a que era secretária passou pra vice-presidência. Mas aí criou caso, porque ela passou a ter raiva porque eu avancei demais, né? Já havia aquele complô, aquela coisa das patroas, né? Porque as patroas faziam a cabeça. Então diziam que era coisa de comunista e que só iam reunir pra fazer greve contra as patroas. Então várias empregadas eram a favor da patroa e contra a Associação. Aí então eu saí, então nós fechou a Associação porque ninguém quis tocar, a Associação ficou quatorze anos parada, né?..."

Além de eles saquearem, fazer tudo aquilo, estragarem as coisas, ela foi na polícia e deu parte, né? Que eu tava viajando com dinheiro da Associação.

Foi no banco, bloqueou a conta no banco, ela tava com todo direito, ela era vice, né?...

Aí começou aquela guerra; eu saí da Associação. Mas ela não aguentou, não teve pulso. Ela fez de tudo, se candidatou a vereadora, fez de tudo que podia fazer. Aí a Associação parou, ficou quatorze anos parada. Eu fiquei doente. O médico chamou meu filho e disse: "Ou tem que internar sua mãe ou ela têm que sair dessa Associação"; fiquei proibida de falar na Associação..." (18)

O relato aponta para algumas dificuldades enfrentadas por D^a. Laudelina que diz respeito as divergências de interesses práticos e estratégicos de mulheres de classes diferentes, ou seja, os interesses das empregadas domésticas são diferentes dos interesses das patroas, sendo difícil para a patroa assumir o projeto político dessa categoria.

Entretanto, vendo o relato de D^a. Laudelina e outros textos analisados, também se percebe que não é tão difícil para a empregada doméstica, assumir e se identificar com o projeto político das patroas.

Esse processo tem sido mencionado em muitos estudos⁽¹⁹⁾, entre esses faço referência à Albert Memmi, que o denomina como o processo de mistificação, no qual oprimido se vê com olho do opressor.

Nesse período (1.968), a Associação passava por conflitos ideológicos, políticos e brigas pelo poder, como ela

mesma cita: "eu avancei demais." Assim, suas companheiras de luta não estavam preparadas para entender suas estratégias de alianças e negociação política, e se juntam às patroas. Aqui se faz oportuno mencionar novamente o estudo de Kate Young, o qual possibilita um maior entendimento dessa questão:

"Si bien las mujeres pueden compartir una história común de opresión y subordinación, esta experiencia está mediatizada por otras que pueden llevar a muchas de ellas a concluir ya sea que no pueden cambiar su situación o que el tratar de hacerbo sólo empeorará su posición actual, la que por lo menos han aprendido a manejar.

*Así, su experiencia de opresión no se traduce en ninguna acción para modificar su situación y ni siquiera para apoyar a otras mujeres que deseen hacerbo. Puede incluso llevar a ciertos grupos de mujeres a apoyar las estructuras e instituciones de dominación masculina y considerar a otras mujeres como **el enemigo principal.**" (20)*

No caso da empregada doméstica, os estudos existentes apontam para essa ambiguidade na relação entre patroa e empregada, que se baseiam no assistencialismo, servilismo, no preconceito que a própria categoria tem do trabalho que executa, levando-as a uma falta de auto-estima, que provavelmente interfere na estruturação e organização do espaço político de luta coletiva.

NOTAS

- (1) Depoimento de sr. Pedrinho Simionato.
- (2) Conforme o contrato de locação entre a Associação dos Empregados Domésticos de Campinas e o sr. Ela Kaplan, ver anexo III.
- (3) *Ela é o "terror das patroas"*, Jornal da Cidade - Campinas - 03/07/1.967.
- (4) Depoimento de Dã. Isaura Brás.
- (5) Estatuto Social da Associação dos Empregados Domésticos de Campinas - pág. 1.
- (6) *O que é a Associação dos Empregados Domésticos*, Correio Popular - Campinas - 21/09/1.968.
- (7) *Domésticas têm um plano de ação para 1.968*, s/n - Campinas - 07/01/1.968.
- (8) Trechos da carta anônima enviada para Dã. Laudelina em maio de 1.961, na cidade de Campinas - segue no anexo III.
- (9) Amaral, Francisco - *Profissão de Doméstica*, Diário do Povo - 15/09/1.968, pág. 15.
- (10) *Ela é o "terror das patroas"*, Jornal da Cidade - Campinas - 03/07/1.967.
- (11) Idem.
- (12) *Empregada Doméstica*, s/n - Campinas - 19/01/1.969.
- (13) *Domésticas têm um plano de ação para 1.968*, s/n - Campinas - 07/01/1.968.
- (14) *O que é a Associação dos Empregados Domésticos*, Correio Popular - Campinas - 21/09/1.968.
- (15) Young, Kate - *Reflexiones sobre como enfrentar las necesidades de la mujeres*.

- (16) Depoimento que Dâ. Laudelina concedeu a equipe técnica do Museu de Imagem e Som de Campinas (MIS).
- (17) Depoimento de Dâ. Laudelina extraído da revista - Trabalhadores Classes Perigosas - pág. 37.
- (18) A maioria dos estudos utilizam sempre o termo utilizado por Karl Marx de falsa consciência, como o exemplo de Kate Young que diz: *"Las más común es el hecho de que las mujeres están enceguecidas por un velo ideológico o son víctimas de una falsa conciencia"* - pág. 27.
- (19) Young, Kate - *Reflexiones sobre como enfrentar las necesidades de la mujeres* - pág. 27.

CAPITULO V

D^a LAUDELINA E O TRATAMENTO DADO AS QUESTÕES ÉTNICAS NA ASSOCIAÇÃO

1. AS VARIAS FORMAS DE DISCRIMINAÇÕES ÉTNICAS SOFRIDAS PELAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS NEGRAS

A prática de D^a Laudelina na Associação das Empregadas Domésticas, não visava apenas as conquistas dos interesses práticos ou estratégicos de gênero. D^a Laudelina se preocupava com os interesses étnicos.

Talvez esta prática seja resultado da forma pela qual se originou a primeira Associação, a qual imergiu das discussões do movimento negro, e da realidade de miséria e abandono, na qual se encontravam as mulheres negras empregadas domésticas.

Assim, D^a. Laudelina tinha consciência da situação das empregadas domésticas negras já em 1.925, e na ocasião que fundou a 1^a Associação estava ligada mais diretamente com o prof^o Geraldo Campos de Oliveira, que era líder sindical e diretor do Clube Cultural.

Certamente o pensamento político que direcionava o Clube Cultural, influenciou na estruturação da Associação das Empregadas Domésticas fundada por D^a. Laudelina. Esse pensamento pode ser elucidado e sentido na fala do referido militante, conforme relato que segue abaixo transcrito:

"A maioria da população brasileira e trabalhadora do Brasil constituída na sua maioria de negros, ..., a libertação da discriminação, o anti-racismo, só poderia conseguir abafar o racismo ..., através da luta sindical ... Porque o preconceito na minha forma de pensar ele revela nada mais nada menos do que uma vida de competição, competição no mundo econômico, com isso o negro avança e vai sendo um competidor para o branco e o branco ... sendo uma civilização oriental os chineses, os japoneses, os indianos, é a competição econômica, a luta por uma espaço econômico ... então eu pensava que o dia em que o negro avançasse economicamente, ele teria eliminado pelo menos, uma grande porcentagem da força da discriminação ..."(1)

Segundo o exposto, por prof^o Geraldo Campos de Oliveira a luta da legalização e sindicalização da categoria como profissional, refletiria diretamente na situação econômica das mulheres negras que passariam a usufruir de direitos já adquiridos por outros profissionais.

Por outro lado, a própria situação de discriminação étnica sofrida pela empregada negra no mercado de trabalho, foi uma variável que determinou também a organização das Associações, tanto em 1.936 como em 1.961.

D^a. Laudelina em seus depoimentos revelou que na ocasião de sua chegada em Campinas, os anúncios de jornais que ofereciam serviços para empregadas domésticas evidenciavam a discriminação contra o elemento negro, e as preferências eram sempre para empregadas brancas.

"Foi logo que eu vim para Campinas, 54, 55 por aí; de manhã, comprava o jornal Correio Popular; tava "precisa-se de uma empregada, prefere-se portuguesa; precisa-se de uma cozinheira de forno e fogão, prefere-se branca". Falei: "Eu vou acabar com essa coisa", aí fui no Correio, perguntei: "Quem é o diretor daquela parte?", e o porteiro lá me disse: "é Braúlio Mendes Nogueira". subi no elevador, já saí em frente dele e falei:

- Você que é o Braúlio Mendes Nogueira?

- Sou, em que lhe sirvo?

- E que história é essa de precisa-se de uma empregada, prefere-se branca, precisa-se de empregada prefere-se portuguesa?

- É eles vem pedindo, traz o anúncio já escrito, a gente é obrigado a publicar. Mas quer saber de uma coisa? Vou acabar com esse negócio, a senhora topa a briga? - O Braúlio me perguntou.

- Topo! - Respondi.

Dia seguinte, seis horas, comprei o jornal, não tava ... "precisa-se de uma empregada", mas não dizia a cor e nem a nacionalidade."⁽²⁾

Mesmo sobre o local de trabalho as queixas eram de que, as discriminações não só eram realizadas pelo patrões, mas principalmente pelas empregadas brancas que também trabalhavam na casa.

"É assim é um ciúme, elas se achavam no direito de como brancas estar no meio, estar no meio dos patrões e a gente de fora, então era fofoca, faziam questão de espezinhar a gente para a patroa, fazia as coisas erradas e depois jogava nas costas da gente.

Isto era comum e até hoje isto é comum se puderem fazer isso ainda fazem."⁽³⁾

O depoimento citado anteriormente, expressa bem as diferenças entre as mulheres: mulheres brancas - patroa, mulheres brancas - empregadas domésticas e as mulheres negras - empregadas domésticas. Tal processo mostra um intercruzamento entre as categorias classe, etnia e gênero. Nos capítulos anteriores, mais especificamente capítulos I, IV, verifica-se que este fenômeno nem sempre é percebido pelas empregadas domésticas; ainda que, estas estejam filiadas aos Sindicatos de Classes.

Constatação semelhante se encontra no estudo de Kate Young.

"... La mayoría de experiencias de las mujeres en tanto miembros de un grupo o clase oprimida, por ejemplo, generan lealtades centradas en el grupo que reprimen o no enfatizan la opresión de género. Muchas mujeres pueden llegar a creer que son necesarios cambios en otras condiciones de opresión antes que un cambio en las relaciones de género sea posible."⁽⁴⁾

O trabalho de Vieira, já discutido no capítulo I incluso nesta parte, estuda as relações étnicas no emprego doméstico e identifica as dificuldades semelhantes às encontradas por Kate Young.

2. A LIGAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DAS EMPREGADAS COM O MOVIMENTO NEGRO.

Dã. Laudelina comentava que a maioria das associadas eram negras, o que pode ser percebido também pelas fotos 39, 41, da posse da diretoria da Associação 1.961, e do primeiro aniversário em 1.962.

Uma empregada doméstica negra que também a acompanhou em parte de sua caminhada elucida esta questão com o seu depoimento:

"... Elas participavam não é propriamente um movimento negro, mas a própria categoria das empregadas domésticas , ... a maioria é negra, ... é um movimento negro." (6)

Como já demonstrado em capítulos anteriores, a Associação das Empregadas Domésticas participava ativamente com as demais instituições santistas e campineiras de festividades e comemorações locais.

No período de 1.961, percebe-se um afastamento de Dã. Laudelina das atividades específicas do movimento negro.

Porém, a presença negra é notada, além das próprias participantes da Associação que eram na maioria negras, também pelos grupos e indivíduos negros, que participaram do primeiro aniversário da Associação realizado em maio de 1.962, no Teatro Municipal de Campinas. Verifica-se que a maioria dos espetáculos realizados nesta data foram apresentados por negros que freqüentaram as escolas de bailados Santa Efigênia, por músicos negros da cidade e atores negros que faziam parte do Teatro Experimental do Negro de Campinas, que tinha como diretor o jornalista Braúlio Mendes Nogueira, conforme as fotos.

As ações com o movimento negro nesta época não estão fundidas nas ações da Associação das Empregadas Domésticas, isto não quer dizer que a questão racial não era discutida.

Nesta fase, parece que as discussões referentes às relações étnicas, via sociedade, e também na, relação empregada doméstica e espaço de trabalho fluíam com maior liberdade junto aos militantes sindicais.

No período pós 1.964, detecta-se que estas discussões foram limitadas, não sendo mais discutidas as questões étnicas abertamente.

Entretanto, nesta fase é que se evidencia a realização de atividades conjuntas entre Associação das Empregadas Domésticas e o Movimento Negro representado por

diversos grupos e, em específico o, "Clube Cultural Recreativo de Campinas", o que se verifica via a cópia do balancete do espetáculo do show de patinação no gelo, Periquitos em Revista da Sociedade Esportiva Palmeiras, realizado em 22 de julho de 1.967 e também, via ao depoimento do sr. Sampaio:

"Dã Nina trouxe os Periquitos em Revista do Palmeiras, o 'show' foi no ginásio de Regatas.

... Ela chegava lá (no clube Cultural) e era a dona da situação, ela chegava lá e dizia:

— Olha, vamos trazer os periquitos em Revista aqui, eu vejo tudo lá em São Paulo.

Quando via ela já tinha ido na Prefeitura ... conseguiu na Prefeitura a coisa para o motor de gelo deles ...

Quando nós fizemos o 'Show dos Mamungos' não tínhamos condução ..., ela punha-se em ação e conseguiu o ônibus que pegou os Mamungos lá e trouxe para cá. Então ela era uma batalhadora, em Campinas ela só não fazia chover porque não podia, mas o que ela queria, a turma apoiava ela, a gente sempre com ela porque ela era uma força ali com a gente e o que ela queria fazer a gente ajudava. Ela trouxe também para cultural o grupo 'Solano Trindade', foi um grande 'show'." (7)

Em 1.964, Dã Laudelina foi convidada pela Secretaria da Educação "para montar a cozinha típica baiana dentro da semana do folclore" ... Este convite se estendia apenas à Associação das Empregadas Domésticas, mas Dã Laudelina envolve também o Clube Cultural Recreativo de Campinas, o que pode ser percebido pelo depoimento do sr. Sampaio:

"Agora a grande promoção dela com as meninadas em Campinas foi a Semana do Folclore, que nós não sabíamos o que era aquilo ... aí que ela mostrou tudo o que a gente tinha que fazer. Você vai vender pipocas, você vai vender pinhão, você vai vender canjica e

eu vou fazer o vatapá, o angu à baiana e o xinxim de galinha, ela trabalhou muito, ela cozinha muito bem, é um negócio." (8)

Na ocasião da 2ª ou 3ª semana do folclore, a Associação das Empregadas Domésticas participou em conjunto com o Clube Cultural, e a renda foi destinada ao pagamento da escritura do terreno do referido clube.

"Era 25 cruzados, se fosse hoje, era 2.500 cruzados."

Tudo indica que o Clube Cultural continuou a participar da Semana do Folclore, anualmente junto com a Associação das Empregadas Domésticas, fato este reafirmado com a carta enviada em 13 de setembro de 1.971, a Dã. Laudelina pelo Clube Cultural, com objetivo de lhe agradecer a oportunidade de estar participando desta festividade em conjunto:

"... A diretoria do Clube Cultural Recreativo de Campinas, serve-se deste para cientificar a Vã. Sã., que em reunião realizada a 9 de setembro, ficou assinalado em Ata, um voto de Louvor a sua pessoa, em razão da magnífica colaboração prestada, quando da efetivação das festividades que marcaram o transcurso da 3ª Semana Folclórica, promoção vitoriosa que teve o auspício da Secretaria de Educação e Cultura de nossa municipalidade.

Nesta feliz oportunidade, junta também os maiores agradecimentos, e por outro lado, espera contar sempre com sua valiosa colaboração." (anexo III)

3. A POSIÇÃO DA EMPREGADA DOMÉSTICA NEGRA NA ASSOCIAÇÃO

A posição das empregadas domésticas negras na Associação se altera com a mudança de liderança. No período que Dã. Laudelina estava na Presidência parece que as discriminações étnicas intra-grupos não emergiam declaradamente e com frequência.

Quando questionada se as empregadas brancas não se importavam de participar e trabalhar para o movimento negro, a resposta dada com muito humor foi a seguinte:

"Vence a maioria, se as outras (negras) iam, elas (brancas) também iam e não se queixavam."

Já uma informante negra (membro da diretoria da Associação em 1.961 até 1.968 e Presidente a partir desta data) revela que as divergências entre empregadas brancas e negras eram constante ainda que mascaradas!

"Elas participavam não é propriamente um movimento negro, mas a própria categoria das empregadas domésticas, que a maioria é negra, que a maioria tem poder, mas numa diretoria a maioria é branca."

Num evento é o branco que vai para frente."

Associação é um movimento negro que as brancas lideram. A maioria dos sócios são negros, mas quando a negra lidera o branco não vem."

Então o que está havendo é um discriminação racial, se não há discriminação, então porque não aceitar que a negra vá na frente e fale."(9)

Confrontando os dois discursos pode se levantar a hipótese que, Dã. Laudelina se inseriu na organização das empregadas domésticas já com experiências adquiridas nas organizações negras, e como consequência, isso lhe possibilitou manipular e conduzir junto ao meio doméstico questões específicas do movimento negro.

Essa facilidade que Dã. Laudelina tinha em liderar, não se repete com a sua sucessora, após 1.968 pois provavelmente não tinha a mesma bagagem de experiência. Essa mesma líder presta depoimento a Suely Kofes que ao analisá-lo, traça o perfil dessa organização, a saber:

"A Associação de Domésticas de Campinas, na época em que Laís era presidente, era praticamente Laís. Frequentei, como pesquisadora, a Associação durante um ano, às quintas-feiras, dia marcado para as reuniões, e sempre encontrava Laís e mais uma empregada e, que variou, neste tempo, em três pessoas. foi Laís que reabriu a Associação, que cuidou do registro civil, que escrevia em jornais e procurava conhecer a situação das domésticas, dos políticos locais, para a partir da denúncia da situação da doméstica chegar a uma denúncia do patrão, político municipal."(10)

Apesar da referida depoente ter convivido com Dã. Laudelina desde do início da Associação em 1.961, na entrevista que deu a Suely Kofes parece não haver feito referência à militância de Dã. Laudelina, tal fato refere-se talvez às

pequenas divergências ocorridas no espaço da Associação naquele período.

A impressão deixada é que as divergências ideológicas comumente são transformadas em inimizades nessas Associações e nas experiências de Dã- Laudelina, em específico, parece que os conflitos entre negros na Associação de Empregadas Domésticas, assim como no movimento negro surgiram também a partir das disputas pelo poder.

Infelizmente estes conflitos levaram à parcial paralisação das atividades da Associação das Empregadas Domésticas em Santos (1.948) e em Campinas (1.968). O depoimento de Dã- Laudelina elucida esses dois momentos.

Em Santos de 1.936 à 1.948, a vice-presidente era negra, as rivalidades entre elas parece que sobreviveram as décadas, conforme elucida o relato abaixo transcrito:

"Então criou aquela nebulosidade, a vice-presidente passou a me atacar no congresso em São Paulo eu fui atacada por ela do começo ao fim no 1º Congresso, o 1º Congresso foi em 1.968.

Vivemos a guerra juntas que quando eu me alistei ela foi se alistar, era nós duas de negras eu e ela.

"... Fundamos a Associação juntas, tocamos a Associação de 36 até 41 quando nós alistamos como voluntárias de guerras fizemos quatro anos e oito meses de guerra, quando terminou continuamos, eu vim embora e ela passou à Presidência, aí ela acabou com a Associação.

Acabou, ficou a mesma coisa que estava, só que ela não se candidatou porque naquela época lá em Santos, não se falava em candidata negra..."

Essa outra se chamava ... Euclídea.

... Isso criou aquela animosidade negro para negro, que eu queria ser, mas eu nunca quis ser eu sempre fui quem eu sou ...

Então isto é a raiva deles, mesma coisa e a I. me mandou prender dentro da catedral, eu estava em oração dentro da catedral ela mandou me prender como comunista ...

4. ETNICIDADE NA ASSOCIAÇÃO/SINDICATO DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS

De forma geral as Associações das Empregadas Domésticas não discutem as questões étnicas, é o que conclui sobretudo as autoras dos textos que tratam especificamente sobre o emprego doméstico e questão étnica.

Os textos, consultas e relatos, me levam a concluir também, que a Associação das Empregadas Domésticas pode ser considerada como um movimento negro sindical, cujos participantes não conseguem identificá-lo como sendo um grupo étnico.

A categoria etnicidade é nesse espaço uma propriedade geral e abstrata, que emerge de uma realidade empírica, apenas por aqueles que estão preparados para observar o fenômeno, situá-lo e explicá-lo no intrincado das relações.⁽¹¹⁾

As ações de Dã. Laudelina na Associação das Empregadas Domésticas podem ser consideradas também com um conteúdo étnico consciente, a saber:

1. Tanto em Santos como em Campinas, essas ações se originaram do movimento étnico;

2. Em razão da categoria ser constituída por uma maioria negra, o branco era quase que exceção, assim parece que as discussões fluíram e as manifestações de preconceitos eram facilmente percebidas por suas seguidoras;

3. Porque o fator étnico era devidamente identificado e cruzado com a variável classe social; conforme discutido nos capítulos anteriores;

4. Ainda que as ações concretas não fossem interpretadas por todos os membros da Associação e nem por outras instituições na sociedade como étnicas, Dã. Laudelina as tratava explícita ou implicitamente como étnicas;

5. Foi construído um sistema de comportamento que era partilhado pelo grupo que diz respeito às necessidades exclusivamente negras, a relação com outras instituições negras e a busca da identidade da família negra a partir da Associação das Empregadas Domésticas, conforme explicita o seu relato abaixo transcrito:

"Eu falo para as meninas lá da Associação vamos trabalhar e fazer

mas nossos filhos, não podem passar a vida roendo o pinico do branco."

NOTAS

- (1) Depoimento do prof^o. Geraldo Campos de Oliveira.
- (2) Depoimento de D^a. Laudelina extraído da revista: *Trabalhadores Classes Perigosas* - pág. 31.
- (3) Depoimento de D^a. Isaura Brás.
- (4) Young, Kate - *Reflexiones Sobre Como Enfrentar Las Necesidades de Las Mujeres* - pág. 27, 28.
- (5) Vieira, Celma Rosa - *Negra: Mulher e Doméstica*.
- (6) Depoimento de D^a. Isaura Brás.
- (7) Depoimento do sr. Sampaio.
- (8) Idem.
- (9) Depoimento de D^a. Isaura Brás.
- (10) Kofes, Suely - *Diferença e Identidade nas Armadilhas da Igualdade e Desigualdade: Interação e Relação entre Patroas e Empregadas Domésticas* - pág. 362.
- (11) Cardoso de Oliveira, Roberto - *Identidade Etnia e Estrutura Social* - pág 92.

CAPITULO VI

A SINDICALIZAÇÃO: MORTE OU CONTINUIDADE DE UMA LUTA?

1. O RETORNO DE D^ª LAUDELINA PARA A ASSOCIAÇÃO DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS

Como se verificou no capítulo anterior, D^ª Laudelina, ficou quatorze anos afastada das atividades da Associação das Empregadas Domésticas, retornando em 1.982, conforme segue no relato explícito abaixo:

"Quando foi em 1.982, veio a Marquesa e a Maria, aqui na porta. eu fui atender, elas disseram: Nós viemos aqui p'ra conversar um pouquinho com a senhora.

Nós funcionávamos fazia cinco anos ... nos grupos, na igreja (ela não sabia que eu fui presidente da Associação das Empregadas Domésticas).

- Eu vim fazer uma pergunta, me disseram uma coisa, hoje eu estou em dúvida, então eu vim perguntar p'ra senhora ... É a senhora que é a fundadora da Associação das Empregadas Domésticas?

- Eu sou.

- Ah! A senhora está brincando! Nós estamos juntas em quatro grupos da lista, (grupos de trabalhos comunitários) eu não sabia que a senhora era a fundadora ... Eu (gostaria) que a senhora nos desse uma orientação, (de) como é que a gente pode começar a funcionar a Associação, porque nós já fomos no cartório, nós já fomos em São Paulo, nós já fomos em todo lado e não conseguimos o estatuto. Eles queriam registrar, mas não podia registrar porque já era registrado e eu ainda era a presidente.

Expliquei para (Marquesa e Maria) como é que era, e falei: O estatuto está aqui comigo, ele ficou quatorze anos na mão do Quércio, depois eu tirei da mão dele. Naquela época estava na mão dele porque ele levou p'ra Brasília, para pleitear uma subvenção federal, mas não podia porque não era reconhecida a categoria, então não conseguiu.

Então eu disse a elas que lhes entregaria o estatuto e elas me disseram: Mas nós não podemos fazer nada sem a senhora (riu)!!

Começamos a trabalhar, eu não ia muito e dizia p'ra elas: vão vocês, porque eu já estou cansada. Elas respondiam: Não vô, vamos juntas. Tudo que acontecia elas vinham me buscar...

... Fui como eles no Congresso, me carregavam no colo, foi uma maravilha o Congresso em Recife (V Congresso das Empregadas Domésticas). Nós ficamos no seminário Cosmo e Damião em Olinda. Quando eles falaram vamos embora eu disse: Vocês estão brincando, não é agora que nós vamos embora.

Quando foi agora, na campanha, (em 1.988) nós fizemos um movimento e entramos com pedido de registro do Sindicato e a Benedita da Silva com o (), pegaram o pedido. Então, dentro da nova constituinte, então enquadraram as empregadas domésticas agora em 1.988, registrou como Sindicato.

Agora nós estamos novamente na dr. Mascaranhas 220, uma quadra p'ra cima, não duas quadras. Estamos em cima da ética Marris, tem quatro éticas ali, uma em cada esquina.

(Nós vamos) montar o Departamento de Artes Culinárias e o Departamento de Cultura, tem várias pessoas (mobilizando)."

Dã. Laudelina retorna militar pelas causas das empregadas domésticas aos 78 anos, já idosa, mas cheia de entusiasmo. Criando nas suas companheiras um sentimento de admiração, que a transforma em símbolo de luta da categoria. As

cartas que ela recebeu de companheiras de muitos Estados do Brasil, demonstram o fascínio causado pela sua forte personalidade.

"Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1.991.

Querida D^ã Laudelina, um abraço

Olha, eu estava no Congresso das domésticas em Campinas - São Paulo, onde tive a honra de conhecê-la.

Pedi para você me escrever algo, você escreveu o seguinte:

"Tarde,

Francisca, nesta deverão, depois que passou a chuva as flores recebiam os pingos de orvalho para refrescar as nossas mentes que estavam acaloradas com as propostas a ser discutidas para que nossos direitos sejam respeitados, já estamos mais contentes com a vida que Deus nos deu. Salve o Congresso."

Este é o texto que tenho escrito com muita sabedoria por você, que você escreveu no meu caderninho.

D^ã Laudelina tenho uma boa notícia para lhe dar, nós domésticas de Nova Iguaçu agora temos nossa sede própria: rua Brasil 412, Centro de Nova Iguaçu. Hoje estou Presidente do Sindicato de Nova Iguaçu, eu sou Francisca, não sei se você vai se lembrar. Temos muita luta ainda pela frente, este ano a nossa prioridade é a sindicalização. Espero que me escreva senão puder por qualquer razão, peço que alguém me diga alguma coisa.

Um abraço,

Francisca Chaves Magalhães"

Os depoimentos das suas companheiras campineiras, também explicitam a natureza dessa relação, conforme passa a relatar D^ã Encarnação, membro da diretoria da Associação no período de 1.991.

"... Fiquei sócia e conheci a Dã- Laudelina, pra mim foi um exemplo, porque uma pessoa daquela idade, ela já era aposentada, ela tinha seu pedacinho que era a casinha própria dela e lutadora daquela forma, lutadora e eu falava:

- Puxa vida, ela já é aposentada, uma pessoa que podia estar tranqüila no canto dela e lutando daquela forma.

Porque ela não tinha hora nem dia, ... podia estar chovendo, chovendo tudo e ela chegava, então para mim a Dã Nina era um exemplo de dar força pra gente caminhar, uma pessoa daquela idade, com toda aquela carga de problema, porque naquela época que eu conheci ela, tinha problemas de saúde, um monte de coisas, ela já tinha colocado este marca-passo, ... Ai quando foi em Dezembro, o pessoal estava se preparando pro Congresso em Recife, e ela estava se preparando também, aí eu falava:

- Mas que coragem de pessoa, daqui em Recife, quantas horas? Aquilo lá pra mim era um ânimo, aquela pessoa pra mim era um exemplo da caminhada gente, tinha certo dia que a gente ficava meio assim e ela falava, mas vamos gente que não é por aí."⁽¹⁾

Uma outras companheira também membro da diretoria da Associação das Empregadas Domésticas de Campinas, fala de força de Dã- Laudelina:

"Olha a Dã- Nina desde a primeira vez que eu vi ela eu admirei, eu fiquei conhecendo ela foi no dia ... que teve uma celebração na catedral que faz um bom tempo e ela falou muito sobre os negros, ela colocou umas coisas muito importantes que eu até eu comentei com a pessoa que estava comigo:

- Que pena eu não tenho um gravador.

Porque ela falou mais de uma meia hora e foi aplaudida demais sabe? Então, eu comecei admirar ela a partir daquele dia e eu não sabia que ela já tava na Associação, porque eu não tava participando ainda da Associação, então quando eu vi ela na Associação eu fiquei muito contente, fiquei sabendo que ela tinha sido fundadora e eu sempre admirei ela pela coragem que ela tinha em enfrentar esta sociedade que nós temos, sempre teve esta sociedade cheia de preconceitos, cheia de exploração, principalmente em cima da mulher e do negro, então eu sempre admirei ela por causa da coragem que ela tinha e acho esta coragem dela me incentivou muito a assumir mesmo este trabalho. As vezes ela chegava aqui, quando era lá na Campos Sales ela

subia a escada e quando ela chegava lá em cima a gente via que ela não estava aguentando mais e ela entrava contente, alegre e sorrindo, então eu sempre admirei ela, e ela sempre contava pra gente como que foi difícil pra ela.

Eu me lembro muito bem, um dia que ela falou pra gente que a gente tinha que continuar, que a gente não era pra desanimar, sempre ela falava pra gente continuar e não perder a coragem, enfrentar as dificuldades ela sempre falava, a gente nunca pode parar, que a nossa luta ainda faltava muito ...

A gente sentiu que é mesmo aqui em Campinas que ela foi uma pessoa muito importante, tanto para nós domésticas como para nós negros. Aqui em Campinas, ela tava envolvida nos movimentos negros e também no meio político, ela era respeitada, que quando ela ia em algum lugar que ela falava a gente tinha a impressão que todo mundo conhecia ela, porque ela era sempre aplaudida, então é isso aí. Lá no congresso quando ela foi falar ela foi tão aplaudida nossa!

Para mim, ela era um símbolo mesmo de mulher corajosa mesmo, e entre outras associadas ela também passou a ser um símbolo de coragem, da mulher que conquistou o seu lugar." (2)

Os depoimentos de suas companheiras ilustram as representações da sociedade, como um todo, acerca do idoso. Dessa forma, Dã- Laudelina é transformada pelas suas companheiras, por um lado, em símbolo de luta e resistência da categoria e do movimento negro, e por outro, não a visualizavam como cidadã, e sim como idosa, conforme revela o depoimento que se segue:

"Ah! Eu pessoalmente nunca vi falha nela porque como eu disse pra você eu não tinha tanta intimidade com ela. Mas sabe assim, às vezes ela vinha no Sindicato, ela ficava brava, ela queria que a gente fizesse as coisas, conforme o ... jeito que ela queria, e, assim, algumas coisas de pessoa de idade, mas nada assim ver defeito, não digo defeito." (3)

Assim, a postura das associadas com a "idosa" Dã- Laudelina, pode ser explicada via o pensamento de Ronilda

Ribeiro, a qual acredita que *"os caminhos possíveis (para idoso), têm por extremos possíveis, duas condições de velhices: o velho sábio e o velho caco."*(4)

Em 1.991, aos 87 anos, Dã. Laudelina tinha projetos político-sociais destinados às empregadas domésticas e ao movimento negro e era, sobre estas propostas, que ela queria discutir e acreditava que o Sindicato poderia assumir e desenvolver-las.

Entretanto, parece que pelo fato de ser idosa, as suas propostas passaram a não ser discutidas com seriedade.

Assim, Dã. Laudelina fica entre a velha sábia e a velha caco, pois sua sapiência prática, ninguém poderia negar, porém seu discurso era disantoniado, assim como, as suas idéias, não foram utilizadas em razão dos 87 anos.

Para as associadas, a sua luta foi importante no passado, mas para o momento atual eram consideradas ultrapassadas.

O fato de Laudelina defender as sua idéias com paixão e fazer críticas severas ao andamento dos programas atuais da Associação, fez com que ela passasse a ser rotulada como assistencialista.

"As vezes ficava brava ... ela falava que a gente não tava fazendo nada no Sindicato, que tava parado, que não podia deixar parar.

A categoria é difícil mas, é por falta mesmo de condições mesmo, ela achava que estava muito estável, que tinha poucos sócios, ela sempre falava isso só que não tinha razão." (5)

"O atendimento naquela época (período de 1.936, 1.961, 1.965) ela dava muito assistencialismo." (6)

Em outubro de 1.992 quando eu estive reunida com empregadas domésticas e militantes negros na Comissão de Mulheres Negras "Laudelina de Campos Mello", na cidade de Campinas, uma das participantes me disse:

"Sabe você tem razão, eu mesma via a Dê- Laudelina lá sentada e nunca parei para ouvir ela falar. Ela estava lá mas eu nunca procurei saber sobre ela. Hoje eu vejo o quanto eu perdi." (7)

O depoimento de Dê- Encarnação, também vem confirmar a situação de isolamento que Dê- Laudelina vivenciou junto ao Sindicato das Empregadas Domésticas de Campinas nos últimos anos:

"Ela não contou a história bem clara ... então a gente não tem a noção bem clara de como que ela começou ...

Aí um dia que a gente foi na casa dela gravar, gravar não filmar, aí é que ela contou. Ela pegou toda a história, aí então, ficou claro de onde ela começou e qual era o objetivo, que é toda aquela história que você escreve, de como ela começou, que estava em Santos e ela veio p'ra aqui em Mogi-Mirim numa fazenda trabalhar."

Nós discutíamos muito e eu no fim, quando ela ia visitá-la que ela falava que era (para organizar cursos e) eu concordava assim entre aspas, eu concordava para não contrariar se não ela ficava nervosa. Ela ficava nervosa se a gente contrariasse ela, então a gente concordava com um monte de coisas entre aspas, porque a

gente sabe que não é por aí, concordava pra não deixar ela nervosa, falava pra ela um monte de coisa, eu falava então deixava ela tranqüila, falava olha Dã^a Laudelina a gente vai discutir, se a categoria chegar um consenso pra existir um curso então a gente vai dar este curso, mas eu sou contra, então a gente concordava pra não deixar ela nervosa mas aquela posição de assistencialismo ela queria ainda que fosse algumas coisas de assistencialismo que nem cursos e outras coisas." (8)

Os depoimentos transcritos anteriormente sugerem que, toda experiência (administrativa, organizacional, política e sindical) acumulada por Dã^a Laudelina na sua trajetória política/sindical não foram bem aproveitadas pelas militantes atuais da Associação.

Dã^a Laudelina no decorrer de sua trajetória foi construindo um discurso específico para a categoria e uma proposta educativa adaptada a uma categoria constituída em sua quase totalidade por mulheres.

2. A ATUALIDADE DA PROPOSTA POLITICA EDUCATIVA PARA O SINDICATO DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS DE CAMPINAS

Fica evidente que Dã^a Laudelina tinha bem definido o que era o trabalho doméstico, tanto no seu aspecto legal como a nível do cotidiano da doméstica no trabalho, vivenciado nas múltiplas facetas da exploração.

Como a extinção desta atividade era difícil de ser vislumbrada, penso que ela acreditasse que as condições de exercício desta profissão deveria ser melhorada, pois conhecia também, as reais condições de vida destas profissionais. Assim, pode-se verificar nos capítulos anteriores que ela tinha plena consciência que a categoria era formada em sua maioria por mulheres negras, e de que a demanda também foi preenchida por mulheres da zona rural semi-analfabetas, impossibilitadas na maioria da vezes, de se empregar em outras ocupações.

Esta situação não era percebida por D^a. Laudelina de forma isolada, mas sim inserida num sistema mais duplo de exploração, o que pode ser percebido também em uma fala sua, realizada em 1.986 na Associação Comercial de Campinas:

"... Eu falei para o Secretário da Segurança Pública levantei e falei ... Nesse dia começaram a discutir o assunto do menor, da mãe solteira, aí chegou no menor e o Secretário disse:

- Nós estamos com uma faixa de quatrocentos mil trombadinhas de São Paulo na faixa 5 à 14 anos, são filhos de empregadas domésticas e mães solteiras.

Pra que, mas nunca na vida dele que tivesse passado pela idéia de falar isso.

... Aí, eu levantei o braço e pedi a palavra, eu consegui. Eu disse:

- sr Secretário eu acho que o senhor está com a razão (e foi escutando) porque o senhor disse que quatrocentos trombadinhas que estão pelas ruas assaltando à mão armada são filhos de empregadas domésticas e mães solteiras e eu até posso dá um voto pelo o que o senhor disse mas, tem um porém que eu acho que esses quatrocentos mil trombadinhas que estão perambulando pelas ruas de São Paulo são filhos de empregadas domésticas, são filhos de mães solteiras e são o produto dos coronéis, que vão lá nos

cafundó de Minas Gerais, do Norte e do Nordeste buscar os infelizes que estão com enxadas nas mãos, trazem elas para as cidades, para serem escravas aqui e trabalham a troco de comida ela não sabe ler, ela não tem educação, não sabe atender telefones, não sabe dar um recado, pois elas não nasceram sabendo, e os coronéis não dão essa oportunidade, o pobre não pode estudar, o pobre não tem condições de estudar, ele está trabalhando, eu tenho visto por aí crianças com dez anos com enxada na mão ... Esses são filhos de empregadas domésticas, de mães solteiras, a maioria mas, eu acho que dentro dessa sociedade que nós vivemos, dentro da falsa sociedade, isso que chamam de sociedade, para mim isso é um antro de pouca vergonha, um antro de escândalos ...

Faz mais ou menos um mês ou quase um mês, quando aconteceu aquele caso lá em São Paulo, na casa maternal da mãe solteira, eu conheço a casa maternal, porque eu já estive lá fazendo uma pesquisa, aquilo ali é fundado e sustentado pelo coronéis inclusive o senhor, as mães solteiras que vão para lá, na casa maternal, são empregadas dos coronéis, e os filhos dos coronéis abusam delas e elas ficam grávidas e os coronéis mandam elas lá para casa maternal... então eu quero dizer para o senhor que se as mães dos trombadinhas que estão nas ruas são filhos de mães solteiras, ou de empregadas domésticas, o produto, a coisa, o erro não vem delas, porque elas são desonradas dentro da casa dos patrões, elas moram lá, elas dormem lá, elas vivem lá, agora quando elas ficam grávidas os patrões jogam elas na casa maternal, dentro da casa maternal é um açougueiro ..., agora aqueles que se salvam e escaparam da morte, estão aí jogados na rua e as mães não têm condições de criar, 'isso é sociedade' isso é a nossa política, eles dizem o problema do menor no Brasil, é igual o problema da seca no Nordeste. Ele falou o quê?

Porque no Nordeste só tem água para os coronéis, o pobre não tem água, o senhor coronel em qualquer parte do Brasil, o senhor cava dez metros o senhor tem água ..., tem água no Nordeste, só não tem dentro dessa sórdida política dos coronéis..."

Desta forma, a direção do movimento, buscou atingir três níveis apesar das diferentes conjunturas sociais e políticas:

1. A pressão ao Estado para regulamentação da profissão;

2. A organização e formação política da empregada doméstica para se inserirem nos espaços de lutas coletivas, como Sindicatos;

3. Capacitação profissional.

Essas três frentes de lutas demarcaram a forma que Dã. Laudelina elegeu para enfrentar as necessidades das mulheres empregadas domésticas. O item 3º diz respeito especificamente às necessidades práticas dessas trabalhadoras.

A proposta de capacitação profissional se implementaria tendo como base as estruturações passadas:

"Eles (patrões, políticos) só consideram profissão aqueles que trabalham no escritório, aquela que tem o nome ligado à profissão, as domésticas estão relegadas em 2ª categoria em 2º plano. Além dos patrões não considerar, as leis também não consideram.

A meu ver cada serviço tem que ser especificado, cozinhar é cozinheira, lavar roupa é lavadeira, arrumando a casa é arrumadeira e tomando conta de criança é um babá.

Acho ainda, eu disse desde do começo, lutar dentro do nosso Sindicato, nós precisamos ter um departamento dentro do Sindicato de arte culinária e economia doméstica, porque como Associação nós tivemos cursos, foi formada várias (categorias profissionais) garçons, cozinheira, lavadeira, arrumadeira. Ai que eles consideraram profissão porque tem o diploma na mão.

(Sem a especificidade) fica muito difícil da gente poder decifrar o exercício, porque ela (doméstica) realiza vários trabalhos por dia; ela faz o trabalho de arrumadeira, passadeira e tudo e ainda não tem um profissão ela não é considerada."

A proposta de cursos de profissionalização objetivam atender de forma imediata as "necessidades práticas de gênero" de uma categoria constituída em sua maioria de mulheres negras e de mulheres provenientes da zona rural.

Assim, no conjunto de sua proposta educativa, ela nunca excluiu a necessidade de educação formal e, para o atual Sindicato das Empregadas Domésticas, reafirma este propósito:

"A gente, dentro do Sindicato, precisa organizar cursos de aprendizagem, aqueles que não têm leitura ainda pode aprender a ler, não digo as mais velhas, mas as mais novas têm condições. Nós precisamos fazer uma campanha de alfabetização."

Essa proposta de D^â. Laudelina do atual Sindicato promover cursos de capacitação profissional aceita pela diretoria do mesmo (1.990-1.992). Para esta diretoria, os cursos de capacitação profissional, teriam um caráter assistencialista, seriam de responsabilidade do Estado, e também acreditavam, na época da entrevista, que este compromisso deveria ser assumido pelos patrões.

Os depoimentos de D^â. Encarnação Maria de Mello Marcondes e D^â. Maria Umbelina Matias, podem melhor elucidar a natureza desta proposta:

"Cursos de profissionalização? Não, aqui não tem. Bom a gente pode até ter curso um dia, porque se um dia decidir que vai fazer, não vai ser uma pessoa ou duas que vai vetar isso, porque vamos supor se haver uma assembléia e aprovar que vai ter curso, mas eu sou contra isso."

Sabe por que? O objetivo nosso mesmo em si é informar ela, pra ela ter informação e cobrar e negociar as suas reivindicações, porque se ela é uma boa profissional e não sabe reivindicar, ela não está informada como reivindicar ... então é por isso, uma boa profissional e não sabe reivindicar, ela não está informada como reivindicar ... então é por isso, uma boa profissional porque? Ela é uma boa profissional só pra produzir, e o salário vai ficar um salário mínimo...

Eu acho que está bom da forma que elas são pagas, elas são boas profissionais, porque se elas fosse uma má profissional elas não ficavam 2 ou 3 anos numa casa fazendo de um tudo, elas só são má profissionais quando elas dão talvez uma doença profissional mesmo, aí elas são dispensadas aí ela não presta, ela não é boa profissional, aí elas tem tudo quanto é tipo de defeito, intê aí ela prestou serviço talvez 5 ou 6 anos fazendo de um tudo na casa do patrão, então por isso ou vou contra.

Porque uma boa profissional pra que? Pra quem? Pra quem que ela vai dar lucros? Pro patrão. Então precisa ter consciência política, num primeiro momento eu defendo isso, agora a maioria eu não sei, eu penso dessa forma e um tanto da diretoria antiga nossa aqui pensa da mesma forma que eu, que toda vida a gente teve esta consciência política. ... Outra coisa, você é uma boa profissional, você entra numa casa e você vai ter que aprender tudo da forma que aquela família faz, porque cada casa é um modo que elas aplicam.

Agora, se a (patroa) quer ter uma boa profissional, paga um curso pra ela. As empresas não pagam cursos pro seus funcionários? A Bendix e outras firmas aí não pagam cursos? Porque se eles quer bons profissionais eles mesmos dão o curso. Então as empregadoras que quiser boa profissional eles que pagam um curso, o Sindicato não é obrigado a fazer boas profissionais pra ganhar salário mínimo."⁽⁹⁾

O depoimento de Dâ- Maria Umbelina Matias, membro da diretoria do Sindicato, também tenta justificar o porque de não se organizar no Sindicato cursos de capacitação profissional.

"Eu concordo com o lado deles, sabe porque? Porque quando eu morava lá em Costado, nós formamos uma escola ... e chamava Escola Profissionalizante Maria Gorete pra doméstica. Então a gente aprendia tudo isso, (serviços domésticos) mas nunca a gente aprendeu a descobrir, a valorizar. De nada serve (os cursos) pra gente se reconhecer como doméstica, porque ainda existe esta

escola lá e as domésticas de lá são as que ganham menos, ganham menos que o salário e são explorados.

Esta escola foi inventada por nós mesmos, a gente ficamos conhecendo uma pessoa era boa, era até um missionário, que veio da Holanda e ele queria fazer formar um grupo das domésticas, ajudar as domésticas e profissionalizar pra elas oferecer melhores serviços, mas nunca a gente foi instruída em enxergar. Nós como profissionais mesmo. Então a gente aprendia a cozinhar melhor, aprendia costura, aprendia por uma mesa, arrumar a mesa essas coisas toda, mas a gente nunca foi acordada que a gente tinha direitos, nunca foi passado isso pra gente. Então o curso profissionalizante pode ser visto como que p'ras domésticas tentar melhorar suas qualidades, não tanto pra valorizar ela mesmo, mas pra prestar melhores serviços pro patrão às vezes quer tudo. Então, eu creio que pode até acontecer este curso profissionalizante, mas tem que ter um bom trabalho.

... Agora hoje, graças a minha participação aqui no Sindicato desde de quando era Associação, eu aprendo a valorizar meu trabalho, mas antes não, a patroa falava aí se eu entrava pra cozinhar e acaba limpando casa, passando roupa, lavando roupa e quantas vezes eu preguei botão em roupão, ajudei a patroa a costurar, mas isso é porque sabia fazer, eu aprendi a fazer já pra dedicar, a gente aprendia melhor o nosso trabalho, mas não pra valorizar nós mesmos." (10)

A qualidade de excepcionalidade peculiar, em Dâ-
Laudelina, já foi mencionada na parte III em razão dela ter atingido o máximo de consciência possível, para sua época, nos assuntos referentes às questões negras.

Acredito que no tocante às lutas das empregadas domésticas, Dâ- Laudelina também avançou, e teve uma percepção que as suas atuais companheiras de luta ainda não atingiram.

Dâ- Laudelina sabia qual era a sua meta, os passos a serem seguidos, e o mais interessante, era a flexibilidade e o pragmatismo com o qual ela negociava politicamente seus

interesses, sem alterar o seu pensamento político-ideológico e sem fugir do seu objetivo inicial.

Penso que o pensamento de Kate Young possa melhor ilustrar a natureza de sua prática política.

"Se puede tambien facilitar el pensamiento estrategico teniendo firme en mente la idea de transformacion. Un concepto util es el de potencial transformador, que puede ser utilizado para identificar las necesidades practicas que tienen mayor potencial de producir el cambio. Con esto quiero decir que debe darse prioridad a la satisfaccion de aquellas necesidades practicas (posiblemente referidas a la condicion de las mujeres) que provean las condiciones que permitan intervenciones dirigidas a los intereses estrategicos (es decir, referentes a la posicion de las mujeres); o enfrentar las necesidades practicas de tal manera que la cuestion relativa a los asuntos estrategicos de genero surja casi espontaneamente."⁽¹¹⁾

Os itens 1 e 2 vêm corroborar com o anteriormente exposto pois, a meu ver, se referem aos interesses práticos e interesses estratégicos de gênero, porque era também a "posição" das mulheres negras, pobres e domésticas na sociedade que Dâ-Laudelina buscou questionar.

Em específico o item 1 se refere aos "interesses estratégicos" que foram sendo conquistados a longo prazo, isto posto dada a percepção de Dâ-Laudelina que ... *"las estructurivas antiguas de dominio y privilegio (branco) masculino no son sacrosantas niem tampoco derivadas de la herencia genética, sino que son imposiciones sociales, y como tales son susceptibles al cambio."*⁽¹²⁾ – grifo meu.

O item 2 se refere a todo trabalho de mobilização, organização e formação política, já comentados nos Capítulos II, III desta parte, sem o qual, talvez Dã- Laudelina, não alcançasse os seus objetivos.

A este respeito Kate Young diz:

"Para facilitar un pensamiento estrategico a largo plazo se considera necesario, por lo general, dos cosas: generar conciencia y generar conciencia social. Usualmente, la generación de conciencia se refiere al proceso de socializar las experiencias individuales de las mujeres acerca de relaciones personales opresivas, permitiéndoles ubicarlas dentro de un contexto más amplio. Esto les permite, a su vez, comenzar a identificar las estructuras de la sociedad que subyacen a su posición subordinada.

La generación de conciencia tambien puede dar cabida a la discusión sobre el sistema más amplio de discriminación y a las diferencias basadas en la edad, clax, creencias religiosas o aun etnicidad y raza ..." (13)

Dã- Laudelina tinha também consciência, que as diferenças existentes entre homens e mulheres na sociedade mais ampla, se estendia também para os espaços de luta coletiva das classes trabalhadoras, além das diferenças existentes entre homens e mulheres no espaço doméstico. Assim, alertava suas companheiras a esse respeito.

"Ainda tem uma parte muito interessante que o Sindicato das Empregadas Domésticas é completamente diferente dos homens, está engajada mais é diferente do homem.

A mulher vive dentro da casa ela trabalha durante o dia na casa da patroa e de noite na casa dela".

Os sindicalistas de vários setores de Campinas muito contribuíram para a luta de Dã- Laudelina (já mencionados principalmente no Capítulo III). Uma informante que militou nesse mesmo período salienta essa colaboração e coloca os preconceitos existentes ainda que não consiga explicitá-los com tranqüilidade.

"Era muito bom, nós tínhamos, sempre tivemos apoio de outros Sindicatos, sempre foi um conjunto de trabalho muito bom no qual eles sempre nos ofereciam apoio não só. Como por exemplo: eles irem com a gente para Brasília, como também apoio financeiro, como oferecer local para a gente que às vezes não tinha local para se reunir..."

Agora a discriminação, que a gente encontra não é tanto profissional, em termos de direção, poder, é mais embaixo, é mais o próprio trabalhador que às vezes sente - 'Eu sou poderoso' - é mais assim no campo de trabalho a discriminação. Tanto no campo de serviço como em outros campos profissionais.

Porque aí no caso de uma direção de Sindicato, para eles é indiferente nossa luta." (14)

Os capítulos II, III, IV intentaram elaborar uma sistematização das diferentes conjunturas políticas nas quais ocorreram a ação de Dã- Laudelina, e pode se perceber que havia uma distinção entre um período e outro no que se refere às estratégias políticas, entretanto, acerca da estrutura interna, ela se mostrou uma administradora nata.

A proposta neste momento é identificar e sistematizar também como se deu a estruturação e funcionamento do atual Sindicato de Campinas.

Segundo Dã- Encarnação, antes de 1.988, as reuniões das empregadas domésticas aconteciam em datas marcadas não havendo atendimento diário:

"A gente só reunia no terceiro domingo do mês, a gente tinha naquela época até bastante domésticas e às terças-feiras tinha reunião de diretoria ... e no terceiro domingo a gente fazia a reunião com todas as domésticas, aí vinha sócias e não sócias, participava quem quisesse, era isso aí só, mas as domésticas, a gente só fazia a ficha quando ela ficava sócia, sócia de ser sócia, se não, a gente não pegava nem o endereço." (15)

Depois de haver se transformado em Sindicato, em 1.988, o atendimento passa a ser prestado diariamente. Este atendimento era prestado na rua Campos Sales em sala cedida pelo Sindicato dos Metalúrgicos.

E em julho de 1.990 que se percebeu a necessidade de cadastramento das empregadas domésticas:

"... e foi em 1.990, aí que a gente começou a pegar os endereços num caderno mesmo, as que se associavam e das que não se associavam. ...

... depois, agora em julho de 1.991, que se criou um fichinha né, outra fichinha diferente, é um tipo de uma fichinha que tem o nome, o endereço, o dia que pessoa foi admitida, o dia que ela entrou e o dia que ela saiu do trabalho e, depois na própria ficha, tem um local p'ra gente colocar toda a estória da própria pessoa né, se ela foi demitida, porque foi demitida, a gente escreve a estória." (16)

A informante continua descrevendo acerca das queixas atuais e a relação com os patrões

"... A gente vê no nosso atendimento aqui, que existe mais de 30% que não são registradas, ... foi em 1.988 que veio a lei p'ra empregada doméstica e nessa época a patroa não queria pagar os direitos, não queriam seguir a lei, acontecia a contra dispensa, elas dispensavam e não queriam pagar os direitos. Esse é um tipo de enfermidade que continua até hoje e as pessoas dispensam a empregada e não quer pagar aviso prévio, décimo terceiro, férias, a licença gestante.

Vamos supor ... a empregada doméstica não tem direito a ficar grávida, ficou grávida ela já é dispensada, ela é dispensada ou, se não é pressionada dentro da própria casa, p'ra pessoa pedir as contas, porque aí acontece que pessoa doméstica grávida ela tem a mesma estabilidade de outro trabalhador, ela passa a ter os mesmos direitos de outros trabalhadores, e elas (patroas) não aceitam isso, elas não aceitam que as empregadas domésticas pode ficar grávida. Inclusive tinha uma chacareira que tinha uma empregada e ela falou p'ra ela:

- Eu vou dar serviço a você, mas você vai tomar comprimidos p'ra não ficar grávida.

Ela ficou muito revoltada com a patroa, inclusive ela me falou: - que foi a primeira coisa que foi falado no início do contrato de trabalho, p'ra não ficar grávida e ela fez de pirraça".

Então vê aí o desrespeito ao ser humano, a pessoa não pode ficar grávida, os processos maior nosso aqui é de domésticas que fica grávida. Acho que os processo, a maioria dos processos, acho que dá p'ra dizer que mais de 50% é de mulher grávida dispensada, tem muito acordo porque a direção aqui faz muitos acordos até de mulher grávida, já tem feito montante de pagar Cr\$ 500.000,00, Cr\$ 600.000,00, mas a dispensa é em massa.

Em geral, tem uma dispensa muito grande de dispensa e violência, violências existe até hoje, porque até bater em empregada eles batem, batem até hoje É isso não é só aqui em Campinas, é no geral violência, muitos casos que as pessoas, na Bahia, aqui não, mas na Bahia teve até uma pessoa que se suicidou, a empregada se jogou por uma janela p'ra se ver livre da violência sexual do patrão, então são casos que acontece ainda hoje." (17)

Dá- Encarnação elucida em seu depoimento as estratégias de intervenção nas demandas jurídicas utilizadas pelo atual Sindicato a saber:

(Nós fazemos acordo) a patroa não quer encaminhar p'ra justiça ..., porque ela não quer ver o nome dela na justiça, então, ela assume tudo e paga tudo aqui, o INPS se não recolhe INPS, já tem acontecido, porque se a empregada aceita uma homologação sem recolher INPS tudo bem, porque é o trabalhador que decide aqui, mas se ela falar que quer o INPS também, aí ela tem que recolher o INPS também. Então os acordos são muitos e cada dia são mais ... " (18)

Pelo exposto, pode-se verificar, que atual estruturação do Sindicato não avança muito, quando comparada com a estruturações anteriores - 1.936, 1.961 e 1.964. A fragilidade da organização interna do Sindicato pode melhor ser percebida, através dos documentos comprobatórios existentes no anexo III.

Pode-se afirmar ainda que a forma de intervenção nas situações de rescisão do contrato de trabalho são similares. Verifica-se, que Dã- Laudelina nos três períodos estudados, resolvia estes conflitos quando existentes via aos acordos firmados entre empregado e empregador, prática esta também assumida pela atual diretoria do Sindicato das Empregadas Domésticas.

Tudo indica que, apesar de parte das reivindicações legais das empregadas domésticas haverem sido atendidas, tendo suas leis sancionadas, essa prática não se transferiu aos órgãos competentes, permanecendo sob a responsabilidade do Sindicato.

As militantes do atual Sindicato das empregadas domésticas não têm bem delineado, na planificação de suas ações

as suas próprias necessidades, parece que se orientam por meio de um discurso que universaliza o trabalhador, enquanto categoria e o único recorte por elas realizado se centra na relação capital e trabalho. É o que sugere a narrativa de Dã Encarnação, da qual retomo trechos aqui:

As empresas não pagam cursos pro seus funcionários? A Bendix e outras firmas aí não pagam cursos? Porque se eles quer bons profissionais eles mesmos dão o curso. Então as empregadoras que quiser boa profissional eles que pagam um curso, o Sindicato não é obrigado a fazer boas profissionais pra ganhar salário mínimo." (19)

Assim, as referidas militantes, ao tentarem forjar uma igualdade que não existe entre trabalhadores, (seja à nível do espaço de luta coletiva, ou à nível da relação que o trabalhador tem com espaço de trabalho) deixam de inserir suas necessidades específicas de gênero no âmbito das demandas do conjunto da classe trabalhadora.

Acredito, que a exposição dos fatos, tenha elucidado as divergências existentes entre a proposta política educativa de Dã Laudelina e a do atual Sindicato.

Contudo, devo esclarecer ainda, que a proposta de Dã Laudelina, (ao contrário do alardeado por suas companheiras), não era assistencialista.

Existe uma diferença significativa entre assistência e assistencialismo. Assistência é uma resposta social

às reivindicações e necessidades imediatas da classe trabalhadora. O assistencialismo tem a sua ação revestida de paternalismo e visa mascarar as reais necessidades da classe trabalhadora.

O que Dã- Laudelina prestava às famílias das empregadas domésticas era assistência, tentando suprir as necessidades práticas de gênero, reivindicando e fazendo também alianças com os setores opostos. Todavia, sem deixar de vislumbrar a transformação da posição que as empregadas domésticas e os demais trabalhadores ocupavam e ocupam na sociedade.

NOTAS

- (1) Depoimento de Dã. Encarnação Maria de Mello Marcondes.
- (2) Depoimento de Dã. Umbelina Matias.
- (3) Idem.
- (4) Ribeiro, Ronilda - *A Mulher, o Tempo e a Morte* - pág. 132.
- (5) Depoimento de Dã. Umbelina Matias.
- (6) Depoimento de Dã. Encarnação Maria de Mello Marcondes.
- (7) Palestra realizada por mim em 10 de outubro de 1.992 - tema: *Laudelina de Campos Mello: Uma História de Luta* - local: Comissão de Mulheres Negras "Laudelina de Campos Mello"; depoimento de uma das sindicalista (trabalhadora doméstica) participante.
- (8) Depoimento de Dã. Encarnação Maria de Mello Marcondes.
- (9) Idem.
- (10) Depoimento de Dã. Umbelina Matias.
- (11) Young, Kate - *Reflexiones sobre como enfrentar las necesidades de las mujeres* - pág. 34.
- (12) Ibidem - pág. 25.
- (13) Ibidem - pág. 33.
- (14) Depoimento de Dã. Isaura Brás.
- (15) Depoimento de Dã. Encarnação Maria de Mello Marcondes.
- (16) Idem.
- (17) Idem.
- (18) Idem.
- (19) Idem.

CONCLUSÃO

REFLEXÕES FINAIS

Elenco aqui algumas questões que ainda não foram suficientemente sistematizados ao longo destas análises, essa tarefa implica em se reportar ao discutido anteriormente.

Começo pelas hipóteses iniciais desta dissertação e, podendo afirmar que certamente são válidas, pois realmente foram as situações de trabalho, na qual se encontrava a população negra que permitiu o despertar em Dâ- Laudelina da sua identidade étnica e de gênero, com um viés político.

No conjunto de suas falas e das análises feitas, pode se perceber que o acesso ao trabalho era um dos principais elementos constitutivos do seu projeto social de reversão do racismo e do machismo como forma de poder.

Acredito que para alcançar esse entendimento as referências de Goldmann e de Gramsci entre outros foram

fundamentais, pois permitem explicar tanto a construção de sua identidade étnica, como a forma pela qual ela organizou os grupos negros, difundindo e socializando principalmente a sua ideologia étnica.

O fato de ter percepção histórico-política das consciências negras diluídas nos elementos da realidade, lhe permitiu ter liderança e se destacar dentro dos diversos setores do movimento negro que se definiu aqui de micro-grupos-étnicos. Esses micro-grupos-étnicos, são produtores de ideologias étnicas distintas que contribuem para a formação de uma identidade étnica particular para cada um deles.

Espero que ao longo deste trabalho, haja ficado claro uma das características mais interessantes de Dâ. Laudelina, i.é., não se submeter a nenhuma das ideologias desses micro-grupos-étnicos, muito pelo contrário, o seu pragmatismo pôde ser observado no fato de que ela soube extrair de cada um desses grupos, as reivindicações, os símbolos que considerava mais úteis para a sua luta, fazendo-a diferenciada, e superando a prática e as contradições desses diversos grupos. Assim, como fora demonstrado, essa originalidade de pensamento, trouxe-lhe sucesso na concretização de seus ideais político-culturais, tanto no que diz respeito à coletividade negra, quanto junto às empregadas domésticas. Todavia, o reverso desse fenômeno forma os

vários confrontos enfrentados por ela tanto com a sociedade branca, quanto com os grupos e lideranças negras.

Dã- Laudelina construiu sua identidade étnica, buscando a legitimidade da cidadania do negro, seja nos espaços domésticos, ou nos espaços públicos de lutas coletivas. Assim, em se tratando especificamente da construção de sua identidade étnica, reporto-me ao estudo de Abner Cohen⁽⁴⁾, o qual diz que a construção de sua identidade étnica particular pode organizar-se a partir de símbolos culturais e/ou a partir de objetos políticos (reivindicatórios, anti-discriminatórios de igualdade social, etc). No primeiro caso fala-se de uma "identidade étnica cultural". No segundo, de uma "identidade étnica política". Aqui é preciso salientar que as coisas não são excludentes, muitas vezes observando-se a transição da primeira a segunda e vice-versa.

No caso de Dã- Laudelina, devido às circunstâncias e/ou conjunturas sociais, ela soube manipular tanto os símbolos étnico-culturais, quanto os políticos; observando-se que no começo de sua trajetória foi mais relevante a construção de uma identidade étnica negra centrada na questão política.

No espaço doméstico, os símbolos culturais afro-brasileiros não eram vivenciados. A família de origem de Dã- Laudelina, como já tratado anteriormente era uma família tipicamente de "elite" ou termo de Cunha Jr podendo ser

classificado como uma família "velhos urbanos, e a religião que profegavam era a religião católica.

Os espaços de lutas coletivas, nos quais, ela participou (partidos políticos, sindicatos e outros), também não lhe proporcionaram a oportunidade de contemplar os símbolos culturais étnicos, ligadas ao lazer ou à religião de origem africana, pois, quaisquer discurso seu que colocasse em evidência os símbolos afro-brasileiro nesses espaços deslegitimaria e desautorizaria a sua ação política.

Entretanto, em um dos seus últimos depoimentos, revelou ser adepta do candomblé ou da umbanda, conforme segue abaixo transcrito:

"Se eu não fosse filha de bons santos, se eu não fosse de uma corrente forte, se meus santos não me protegessem, meus Orixás, eu iria presa como comunista."

Depois, em conversas informais, ela narrou também detalhadamente situações onde ela superou "demandas espirituais"; todavia, tais depoimentos não foram bem trabalhados por esta pesquisadora, talvez, em razão de Dâ. Laudelina não perceber a relevância deste fato na reconstrução de sua história de vida, e uma vez que tinha pela consciência de sua vida pública, agia politicamente omitindo todo o tempo a sua ligação com a religiosidade africana se declarando publicamente católica.

A iniciação de Dã. Laudelina no candomblé ou umbanda pode ter se dado nos anos de 1.927 à 1.934, período em que residiu em São Paulo, e passou a percorrer os espaços de lazer, tipicamente negros, tantos espaços de negros de elite, como espaços negros mais populares; freqüentados por trabalhadores informais e empregadas domésticas. Esses últimos de uma forma ou de outra articulavam os símbolos afro-brasileiros como sinais demarcadores, principalmente o samba e a religião.

Contudo, a identidade religiosa ficou na obscuridade em quase toda a sua vida.

Mas a partir dos anos oitenta, conforme o depoimento do sr. Braúlio Mendes Nogueira, começa ser mais transparente o seu envolvimento com a religião afro-brasileira, a saber:

"Ela organizou com muito esforço, ela organizou ... as mulheres todas negras, todas de branco, lavando e cantando era uma coisa inédita que ninguém fez. Ela liderou também esse movimento (isso aconteceu) acho que isso faz coisa de dois ou três anos atrás, foi na sexta-feira da Semana Santa, um ato marcante. Não sei se teve apoio do clero ou não, sei que a igreja permanecia fechada. Elas lavavam a escadaria tudo de acordo com tradição da religião, mas sempre procurando despertar a consciência social, política no bom sentido da raça negra em Campinas." ⁽²⁾

Também conforme se pode observar na foto nº 35, Dã. Laudelina vai a uma missa organizada pela pastoral do negro em 1.988 vestida com roupa de Santo.

Essa mudança de comportamento de Dã· Laudelina se deu em razão da alteração da própria dinâmica da sociedade, que recria conjunturas culturais, sociais e políticas favoráveis à utilização de símbolos africanos reinterpretados principalmente pelos movimentos negros da década de setenta.

Esse fenômeno pode ser melhor explorado futuramente em outros estudos que possam relacionar a volta de pessoas idosas a sua religião original.

Retomando, etnicidade está ligada sempre a um grupo étnico, mas se expressa em cada indivíduo de forma particular. Na história de vida de Dã· Laudelina, este processo também se deu na construção de sua identidade de gênero, ainda que de forma diferente. Este fenômeno tem como causa principal o fato de Dã· Laudelina não militar ativamente em nenhum movimento feminista. Atribuo à falta de ligação de Dã· Laudelina com os movimentos feministas a duas razões:

1. Segundo a literatura que esteve ao meu alcance, até finais da década de oitenta, os movimentos feministas latino-americanos em geral, tinham reivindicações universalistas; calcadas de uma visão neocêntrica da realidade. Caberia nos perguntar aqui se Dã· Laudelina teria espaço no seio desses movimentos?

2. Como contrapartida aos ditos movimentos feministas a luta de Dã- Laudelina era mais pragmática. Ela não concebia a mulher na dimensão universal; preocupando-se em situar a mulher tanto no contexto de classe social, como no contexto étnico.

Foi assim que a luta de Dã- Laudelina se concentrou na mulher trabalhadora negra, principalmente na empregada doméstica negra.

Fica claro que o intenso convívio de Dã- Laudelina com as empregadas domésticas em confronto específico com as patroas, por um lado, e com a sociedade em geral por outro (homens e mulheres, brancos e negros, intelectuais, políticos e socialistas) redundou numa construção de gênero, permeada por esta situação particular que a fez lutar pelo direitos **políticos, sociais e reprodutivos** da mulher negra, mulher branca pobre e da família, todavia Dã- Laudelina no decorrer de sua trajetória pública, não teve a oportunidade de expressar livremente o seu ser mulher, em função de viver numa sociedade racista e machista.

Foi apenas em 1.970 que Dã- Laudelina se inseriu em um movimento específico de mulheres quando se muda para vila Castelo Branco, como segue explícito abaixo:

"Todos os movimentos das creches, tudo o que se fez eu estive presente. Aqui na vila Castelo Branco, eu mudei pra cá já com a incumbência de fazer um trabalho com a assistente social. Trabalhei aqui: casa, água, luz, imposto, asfalto, briga, morte,

levar louco p'ra hospício, eu fiz tudo isso. Ai nós fundamos o grupo de mulheres da periferia, o grupo comunidade da Igreja de mulheres, grupo de festas, das quermesses, jantar, chá, p'ra comunidade, p'ra vila, p'ros moradores, né?" ⁽³⁾

Esse movimento específico de mulheres, buscava suprir interesses e necessidades práticas de gênero. Nesse papel, Dâ. Laudelina se transformou numa "gerente urbana", lutando pelas necessidades das famílias e da comunidade local. ⁽⁴⁾

Em período anterior, 1.936, ela já exercia o papel de "gerente urbana" junto às empregadas domésticas negras desamparadas, contudo as metas e propostas por ela estabelecidas, passaram a questionar a "posição" da mulher trabalhadora na sociedade; podendo ser também entendido como metas e propostas ligadas aos interesses estratégicos de gênero correspondendo assim aos interesses "feministas", como bem explica Moser:

"És fundamental reconhecer que las necesidades prácticas de género adquieren um contenido "feminista". Sólo si son transformadas en necesidades estratégica de género." ⁽⁵⁾

Em sua trajetória não se percebe uma ação explícita e pública que ousasse mudar as estruturas subjacentes que norteiam a relação homem/mulher. todavia no espaço doméstico Dâ. Laudelina busca não cumprir com as obrigações tradicionais impostas para as mulheres, restritas muitas vezes, à reprodução biológica e à reprodução de bens e serviços, assumindo atitudes e comportamentos considerados "feministas". Porém, o estudo de sua trajetória de via vem mostrar que o importante é o processo no qual a luta se dá, e não as consequências finas desse processo.

Chegados a este ponto do trabalho, resta-nos perguntar: Que tipo de mulher foi Dã. Laudelina?

A partir dos relatos e das conversas que tive com a mesma, poderia ser definida como uma mulher que jamais se submeteu ao poder do homem branco ou negro, seja no espaço doméstico, ou no espaço público. Como fora relatado ao longo dessas páginas isto fez com ela usasse de toda a sua inteligência e pragmatismo par negociar e, assim, atingir as sua metas. Dã. Laudelina foi uma mulher que viveu no mundo dos homens negros e brancos, conforme se verifica nas fotos: 26, 30, 31, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 68, 69.

A exposição dos fatos sugere ao leitor que Dã. Laudelina foi exclusivamente uma militante negra, que reivindica os direitos políticos e sindicais.

Entretanto, quando eu me colocava em sua frente, eu me via diante de uma mulher vaidosa, tranqüila e que tinha espontaneidade de uma criança. Provavelmente, ela vivenciou o dilema que outras mulheres militantes vivenciaram ou vivenciam quando se repostam à dimensão afetiva e sexual de suas vidas.

Na fala de Dã. Laudelina fica claro que, para ela exercer atitudes caracterizadas como transformadoras de práticas sociais e do exercício de cidadania, teve que abdicar de seus

categorias mencionadas em separado, como um elemento heurístico que facilitasse a compreensão da história de sua vida. Contudo, esta separação não foi transparente na vida da mesma, e foi para a pesquisadora um grande desafio conseguir determinar onde ocorria a intersecção e onde ambas se separavam.

A isso se soma o fato longamente narrado da condição de Dã. Laudelina como sindicalista, gerente urbana e sobre tudo uma mulher pobre.

Um dos objetivos desse trabalho foi desvendar a identidade de uma das pioneiras entre as militantes negras no Brasil. Acredito que mesmo com as lacunas que este trabalho apresenta, possibilitei ao leitor perceber como foi que se construiu a identidade étnica e de gênero dessa militante, assim como apreciar o desenvolvimento de seu processo educacional.

O estudo realizado permite concluir ainda pela necessidade e importância de estudos histórico-sociológicos que analisando em profundidade a vida de determinadas pessoas, permitem apreender com mais clareza a complexidade dos contextos sociais em que viveram.

Assim, finalizando, pergunto qual foi a maior lição que Dã. Laudelina nos deixou?

Penso que a maior lição que Dã. Laudelina nos deixou foi a fé que ela tinha na vida aos 83 anos, idosa e

consciente que seu discurso estava sendo desautorizado, por ser uma velha mulher negra, e aqui gostaria de me reportar as reflexões de Václav Havel sobre a fé.

Havel, quando falava da fé, não se referia à esperança de que tudo acabaria bem diferenciando a fé de otimismo, o qual necessariamente não seria gerador de vida, pois esse as vezes funciona quando o seu portador acredita que tudo acabará bem, como se fosse uma ilusão e para Havel, a necessidade de ilusões para viver não é uma expressão de força, mas de fraqueza.

"A verdadeira fé é original, primordial e discreta; ela precede seu objeto (caso exista um). Em outras palavras, é a fé que anima seu objeto, nunca o inverso. (naturalmente, existe também a tendência oposta, "recíproca", mas acho que é sempre secundária, um reflexo causado pelo principal fator.) ... Não é um estado de encantamento, induzido pelo narcótico de um objeto estimulador, mas antes um 'estado de espírito' intrínseco, uma dimensão existencial profunda, uma direção interior que ou bem se tem, ou não se tem, e que quando se tem, eleva toda a existência a um nível mais alto do ser ... Embora possa assumir a forma de diversos estados de espíritos, condições, maneiras de amar ou outras expressões e características psicológicas, a fé vai bem mais adiante, dirigindo o homem assim, como a responsabilidade, a qual esta intimamente ligada - a lago que esta além das coisas e dentro delas! seu 'horizonte absoluto'. Como criador, portador e doador de sentido, longe de ser uma grandeza metafísica, astronômica, fria e abstrata, esse horizonte é, como se vê, a fonte das forças vitais que exaltam o homem, a humanidade e a história."⁽⁷⁾

Foi esta mesma fé que possibilitou que numa leitura atenta e profunda da história de vida de Dã- Laudelina fosse fácil observar uma grande coerência tanto na sua visão de

direitos individuais, ou seja, do direito a vivenciar e optar acerca de sua própria sexualidade.

Os espaços de lutas coletivas (partidos políticos, sindicatos, movimentos negros) percorridos por Dã· Laudelina, foram espaços masculinos que lhe impuseram limites no que se refere a liberdade nas suas lutas, reduzindo todas as diferenças a uma questão de classe.

Contundo, Dã· Laudelina penetrou nesses espaços sem incorporar os discursos neles difundidos, os seus depoimentos revelaram que ela não se via apenas como mais "um cidadão" e sim como uma mulher negra, e a seu modo, tentava romper com os obstáculos impostos por esses espaços, agindo de forma diferente até mesmo as de outras militantes, tanto no que se refere a prática política como na forma de perceber a particularidade da mulher na luta política, sem contudo adotar os comportamentos tipicamente masculinos.

A própria Hannah Arendt por incrível, que possa parecer ao leitor, tinha uma postura muito mais "antiquada" que Dã· Laudelina, ao analisar as diferenças entre homens e mulheres para ocupar determinados espaços; determinando que certos espaços deveriam ser monopólio dos homens, por conseguinte ocupando tais espaços as mulheres perderiam o seu ser mulher, conforme se verifica na transcrição abaixo:

"... Na verdade, correndo o risco de parecer antiquada, sempre pensei que existiam atividades que não convínham às mulheres, que não combinavam com elas. Dar ordens não combina com mulher, e por isso ela deve tentar evitar tais situações, se dá importância à preservação de suas qualidades femininas. Não sei se tenho razão. Adaptei-me inconscientemente a essa opinião ..." (6)

Dã- Laudelina foi uma mulher que não se destacou por dar ordem, mas também, fica evidente o quanto ela se satisfazia com essa sua peculiaridade. Sem nunca pensar que por isso perderia a sua condição feminina. Tal postura ficou clara nas minhas conversas com ela, e espero que também o leitor o perceba através da sua interpretação dos fatos aqui narrados e das fotos apresentadas.

A maneira com a qual Dã- Laudelina se vestia, a sua vaidade, se exemplifica a baixo:

"Neste banquete eu fui encarregada de entregar as camélias, são lindas, cor-de-rosa. O meu vestido era cor-de-rosa também, este casaco preto ... são lindas combinou."

Também observando as fotos nº 62, 69 verifica-se que Dã- Laudelina escolheu entre tantas fotos de sua militância sindical, a foto nº 1, para estar na parede da sala que lhe fora dedicada no Sindicato das Empregadas Domésticas.

Ao longo desta dissertação, tentei analisar como as categorias etnicidade e gênero se construíram, entre outros muitos processos de vida, na pessoa de Dã- Laudelina. Para atingir este objetivo, faz-se necessário estudar cada uma das

mundo, como nas lutas nas quais ela se engajou, uma coerência que superou amplamente contradições e dúvidas meramente conjunturais.

Penso que este último é uma consequência inerente da clareza e da justiça, com a qual Dã. Laudelina percebeu as metas que quis atingir e que de fato atingiu em grande parte.

Particularmente, trabalhar com Dã. Laudelina restituiu-me a vontade de voltar a militar no meio negro, a superar o meu ceticismo típico da minha geração pós anos 70.

Estarei voltando ao movimento com uma nova cosmovisão, claro que não a mesma que eu tinha, tão pouco a Dã. Laudelina, mas sim em síntese; todos os questionamentos levantados acerca de sua postura e da minha.

Isto não é o resultado de uma admiração da relação que tive com Dã. Laudelina, que eu não nego, em seu aspecto altruísta para com a vida, senão mais que tudo uma consequência de sua capacidade perceptiva da situação de opressão do negro em geral e, das domésticas negras em particular, e em todas as suas manifestações políticas, culturais, sindicais e até simbólicas.

NOTAS

- (1) Cohen, Abner - *Urban Ethnicity*.
- (2) Depoimentos do sr Braúlio Mendes Nogueira.
- (3) Depoimento de Dã Laudelina, extraído da revista - *Trabalhadores Classes Perigosas*, pág. 36.
- (4) Ver Maxine Molyneaux - (1.985), Kate Young - (1.991), Caroline Moser - (1.991), já citados anteriormente.
- (5) Moser, Caroline - *La Planificacion de Género en el Tercer Mundo: Enfrentando las necesidades practicas y estrategicas de género*, pág. 72.
- (6) Arendt, Hannah - entrevista concedida a Gunther Gaus, na TV alemã, em 28 de outubro de 1.964, *Folha de São Paulo* - caderno 6, pág 16 em 22 de agosto de 1.993.
- (7) Havel, Václav - *Cartas à Olga*, pág. 154-5.

Elisabete Aparecida Pinto

ETNICIDADE, GÊNERO E EDUCAÇÃO:
A TRAJETÓRIA DE VIDA DE
Da LAUDELINA DE CAMPOS MELLO (1.904-1.991)

VOL. II

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

1.993

P658e
v.2
25150/BC

ELISABETE APARECIDA PINTO

**ETNICIDADE, GÊNERO E EDUCAÇÃO: A TRAJETÓRIA DE VIDA DE
Da- LAUDELINA DE CAMPOS MELLO (1.904-1.991)**

VOL. II

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
1.993**

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Dissertação apresentada como exigência
parcial para obtenção de título de
Mestra em Educação
(Ciências Sociais Aplicadas à Educação)
à Comissão Julgadora da
Universidade Estadual de Campinas,
sob a orientação das:

Profª. Drª. Olga Rodrigues de Moraes Von Simson
(1.991-1.992)

Profª. Drª. Zeila de Brito Fabri Demartini
(1.993).

COMISSAO JULGADORA

[Handwritten signature]



Maria, Maria
É um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece viver e amar
Como outra qualquer do planeta.

Maria, Maria
É o som, é a côm, é suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando deve
chorar e não vive, apenas aguenta.

Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria, mistura a dor e a alegria.

Mas é preciso ter manha,
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele a marca
Possui a estranha mania
de ter fé na vida.

(Milton Nascimento)

VOLUME II

APENDICE I

ALBUM DE FOTOGRAFIAS

I - Fotos de Família	2
II - Fotos do Movimento Negro	12
III - Fotos da Associação/Sindicato das Empregadas Domésticas	46
IV - Fotos (Miscelânea)	76

APENDICE II

LAUDELINA POR ELA MESMA

I - Dã. Laudelina de Campos Mello no período de 1.904 à 1.924	2
II - Dã. Laudelina de Campos Mello no período de 1.924 à 1.926	10
III - Dã. Laudelina de Campos Mello no período de 1.944 à 1.964	20
IV - Dã. Laudelina de Campos Mello após o período de 1.964	48

ANEXOS

- I - Cartas de Família
- II - Documentos Referentes ao Movimento Negro
- III - Documentos Referentes ao Movimento das Empregadas Domésticas
- IV - Documentos Referentes a Outros Movimentos

Bibliografia I

APENDICE I

I - Fotos de Família	2
II - Fotos do Movimento Negro	12
III - Fotos da Associação/Sindicato das Empregadas Domésticas	46
IV - Fotos (Miscelânea)	76

FOTOS DE FAMILIA

Este agrupamento é constituído por 12 (doze) fotos, tiradas em épocas diferentes, contendo apenas 1 (uma) foto fria.

As fotos de família vão se distinguir dos demais agrupamentos por vários motivos: um deles é a motivação de se desejar procurar registrar os indivíduos ou grupos pertencentes à família num dado momento, simplesmente para servirem de lembrança. Assim, a maioria das fotos foram tiradas por fotógrafos profissionais em seus estúdios ou em praças públicas.

Algumas destas fotos registram momentos especiais como casamentos ou batizados.

Os retratados se apresentam nas fotos sempre bem vestido e demonstram sempre um ar altivo.

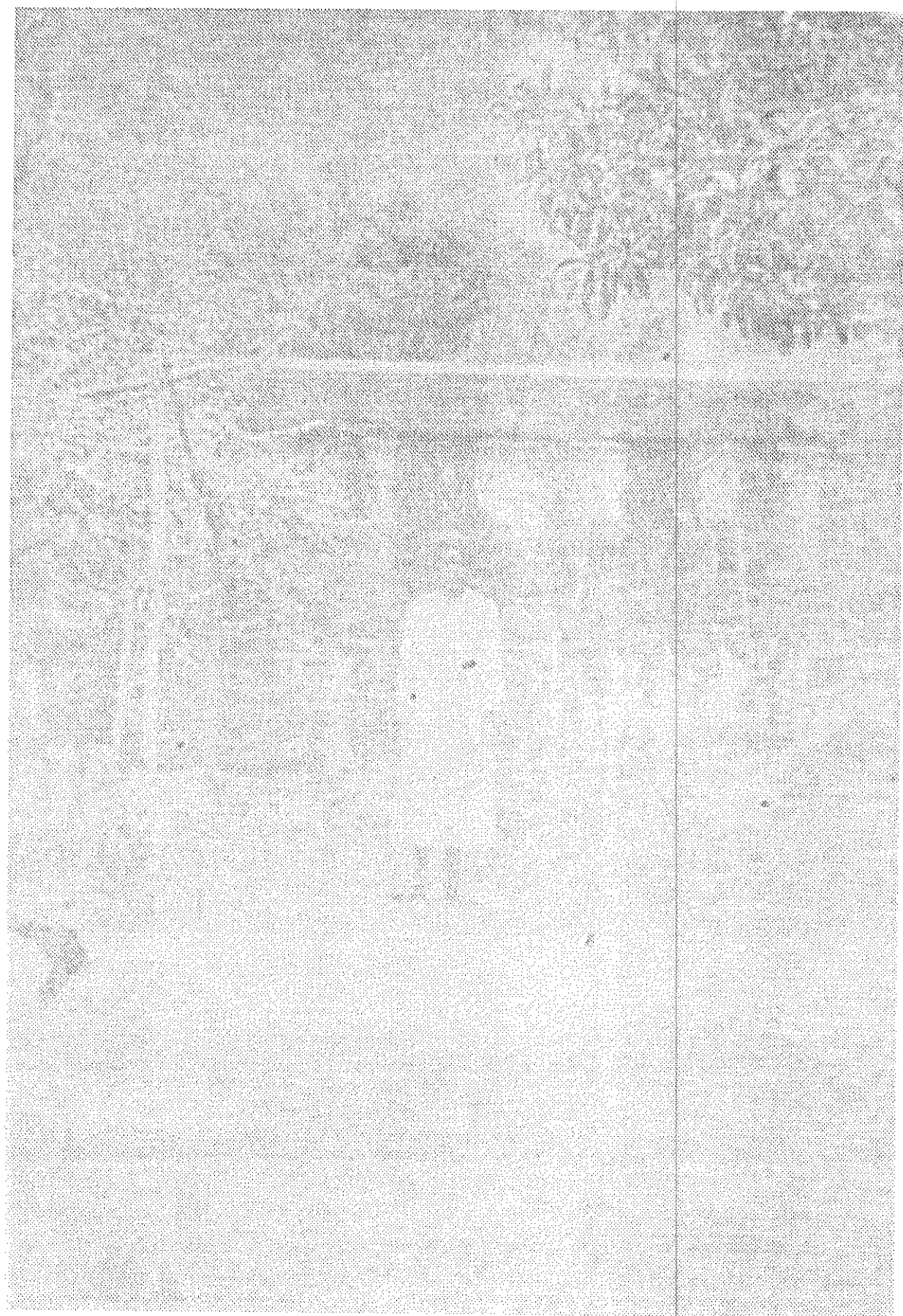
Estas fotos chegaram até Dã. Laudelina por carta ou em encontros com a família. Parecia ser um hábito familiar a prática de trocar fotografias; o que foi percebido via depoimento de Dã. Laudelina e também via análise das cartas de família.

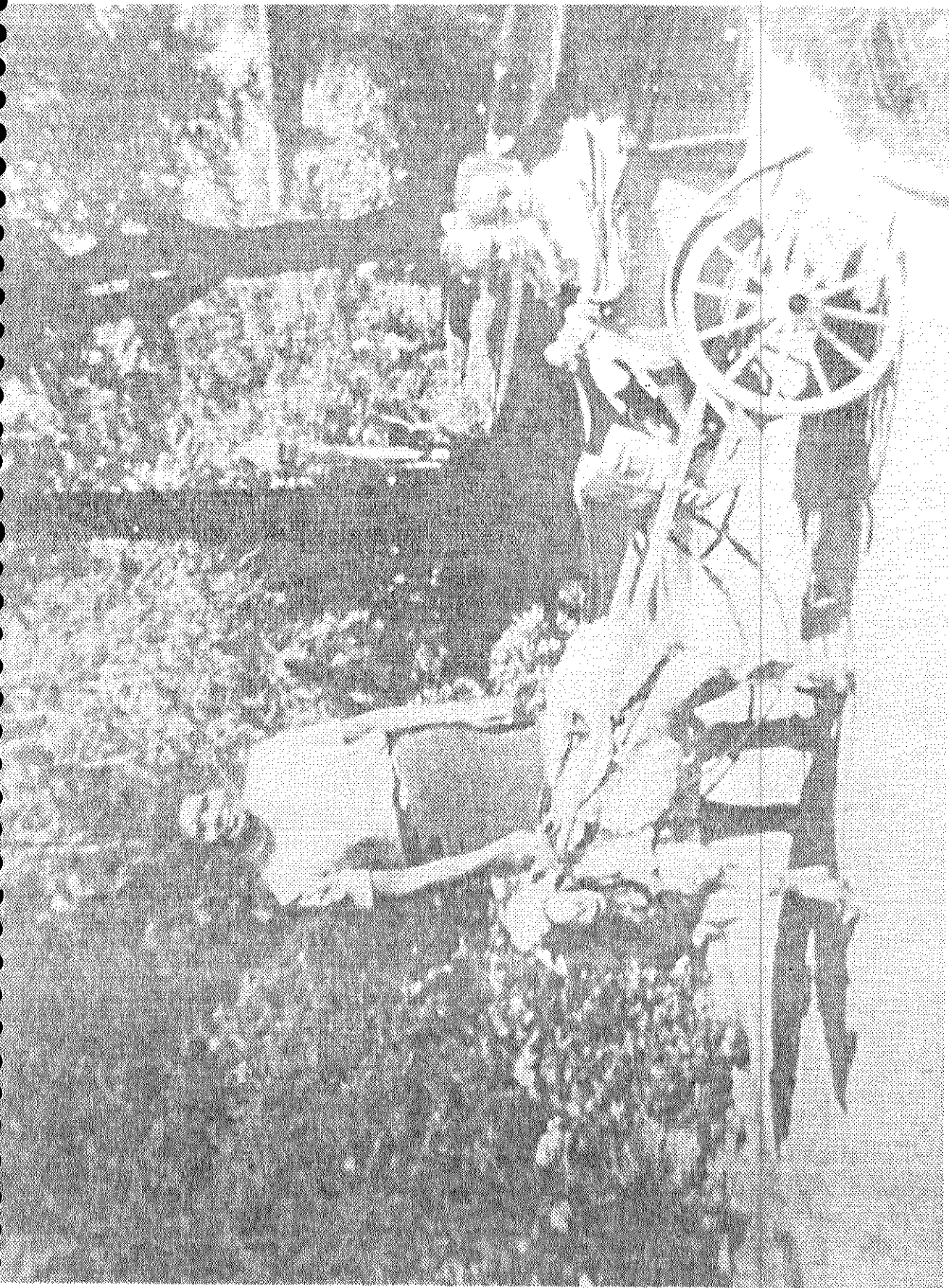
A descrição que Dã. Laudelina fez deste agrupamento de fotografias foi muito interessante para a pesquisa, pois possibilitou o recolhimento de novos dados sobre a sua família e seu relacionamento com ela.

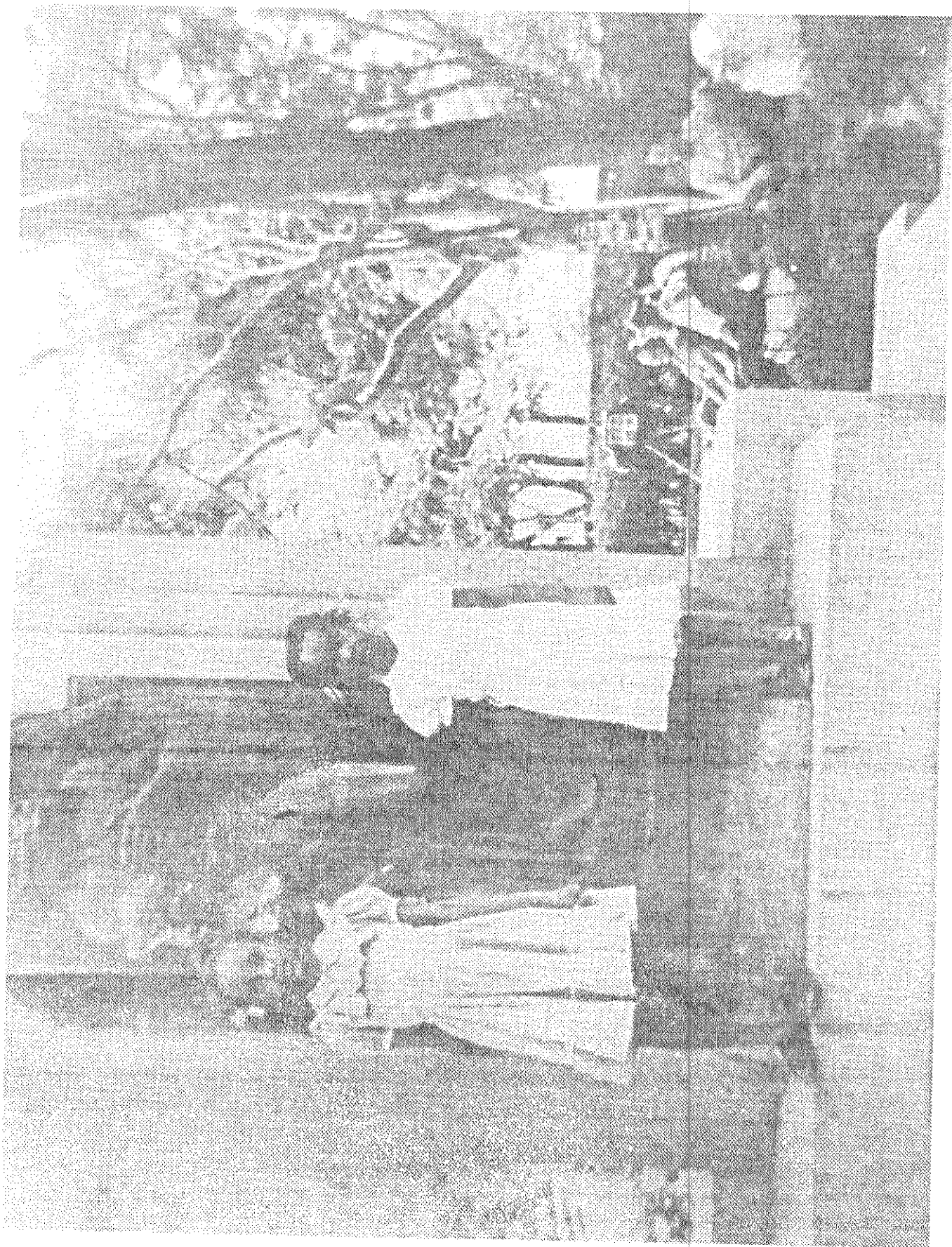
Sendo que alguns problemas foram melhor focalizados através da análise destas fotos, como a aspiração educacional da família de Dã. Laudelina e as suas possibilidades concretas de ascensão social.

Das 12 (doze) fotos analisadas, constarão nesta dissertação apenas as 8 (oito) principais.















FOTOS DO MOVIMENTO NEGRO

**FOTOS DA LIGAÇÃO DE Da- LAUDELINA COM O MOVIMENTO
E ORGANIZAÇÕES NEGRAS**

Esse agrupamento é constituído por 27 (vinte e sete) fotos, contendo 24 flias. Isto último, reportou-me a outro tipo de análise, centrada mais no conteúdo das fotos, do que na descrição, que fôra feita em outros conjuntos.

Dã- Laudelina na divisão dos 4 (quatro) agrupamentos fez alguns vagos comentários sobre os mesmos, mas com a sua morte, como já fora relatado anteriormente, interrompeu-se esse trabalho.

Para facilitar a análise e extrair o máximo de informação deste agrupamento resolvi dividi-lo em 3 (três) pequenos sub-grupos.

1. Fotos que revelam uma ligação do Movimento Negro com as atividades das empregadas domésticas, a exemplo das fotos nº* 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16 e 17.

2. Fotos do Movimento Negro, referentes a atividades de lazer e social. Essas fotos retratam, entretanto, os bailes para eleger a beleza negra. Fotos nº* 18, 19, 20, 21, 22, 23 e 24.

3. Fotos de manifestações culturais, artísticas e religiosas - nº 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34 e 35.

O primeiro sub-grupo, revela entre outras coisas que apesar da Escola de Bailados Clássicos Santa Efigênia ter sido fechada em 1.959, continuou havendo uma ligação de Dã- Laudelina com as ex-alunas e alunos, pois em 1.962 (como bem se observa nas fotos 10 à 16) esses se apresentaram para prestigiar o 19 aniversário da Associação das Empregadas Domésticas.

Alguns eventos promovidos por Dã- Laudelina no espaço negro, como o baile Miss-Simpatia, que contou com a presença de Jair Rodrigues (foto nº 17), tiveram o objetivo de angariar fundos para a Associação das Empregadas Domésticas. No grupamento a seguir fica elucidado que existiu um movimento recíproco, ou seja, muitas das promoções da Associação das Empregadas Domésticas, se realizaram em benefício do Movimento Negro.

A foto nº 9, a qual retrata profº. Geraldo Campos de Oliveira, sintetiza a ligação do Movimento Negro, com a história da Associação das Empregadas Domésticas, pois o profº. Geraldo, negro sindicalista, elaborou na efetivação dos ideais de Dã- Laudelina no ano de 1.936. Esse fato explica, talvez, a permanente ligação entre Associação das Empregadas Domésticas e Movimento Negro, pois a fundação já em 1.936 visava sobretudo, a

melhoria das condições de vida da mulher negra, a qual se encontrava marginalizada até mesmo desse espaço de trabalho.

O segundo sub-grupo, retrata a iniciativa e participação de Dã. Laudelina nas organizações de bailes e concursos de beleza negra, objetivando oferecer a população negra situações sociais semelhantes as ocorridas na sociedade branca, que naquele período segregava o negro, declaradamente, dos espaços sociais e de lazer.

A foto nº 18 é do coquetel oferecido as candidatas ao título de Pérola Negra, na foto estão presentes Dã. Laudelina, algumas das candidatas e as mães que as acompanhavam.

A foto nº 19 tirada na ocasião do baile Menina Moça; primeiro baile das debutantes negras, contou com a presença da atriz Ruth de Souza.

As fotos nº 22, 23 e 24 revelam também que a ação de Dã. Laudelina se expandiu por outras cidades do interior, essas fotos mostram a sua participação na organização do concurso de beleza de São Carlos, evento esse, semelhante aos quais, ela estava acostumada a realizar em Campinas.

A foto nº 24, em específico, mostra um pic-nic oferecido as candidatas do concurso ocorrido na cidade de São Carlos.

As fotos do terceiro sub-grupo situa Dã- Laudelina no movimento artístico, cultural e religioso.

Em específico, a fotos nº 27 e 28 retratam o evento denominado: I Salão Campineiro dos Amigos das Belas Artes, que segundo um ofício do vereador Romeu Santini enviado, em 6 de junho de 1.960 à Dã- Laudelina "reuniu dezenas de obras, de autoria de elementos de cor ..., os quais revelaram o quanto são capazes, no setor da pintura, do desenho, da cerâmica, da arquitetura, das artes aplicadas e da poesia e da música" (anexo II).

A foto nº 29 também saiu em um jornal da cidade de Campinas e na reportagem continham dados que revelaram um pouco do que ocorreu no dia que essas pessoas se retrataram, a saber:

"Queremos hoje, trazer para os leitores do 'Jornal de Campinas' a grata notícia de que o sr. Mário de Oliveira acaba de conquistar novos lauréis, tendo sido premiado com medalha de bronze, na recente exposição promovida pela Associação Paulista de Belas Artes, em São Paulo, com o seu 'auto-retrato'. Nesta mesma ocasião, a sua mestra e incentivadora, sra. Coletê Pujol, conquistou medalha de prata, com uma tela de natureza morta 'Peixes'" (anexo II)

As fotos nº 30 e 31 mostram a participação de Dã- Laudelina em escolas de sambas; mas não se pôde precisar o nome da escola. Segundo ela mesma afirmou sua participação se dava a nível da organização "nunca desfilei, mas sempre ajudei na organização".

As fotos nº 32 e 33 foram tiradas, acredito, na comemoração dos 70 anos de abolição, segundo o depoimento do profº Geraldo, esses eventos aconteceram durante algum tempo na cidade de Campinas, tendo como idealizadora Dª Laudelina.

As fotos nº 34 e 35 mostram, uma missa que aconteceu em Campinas em outubro de 1.988, organizada pela pastoral do negro de Campinas.

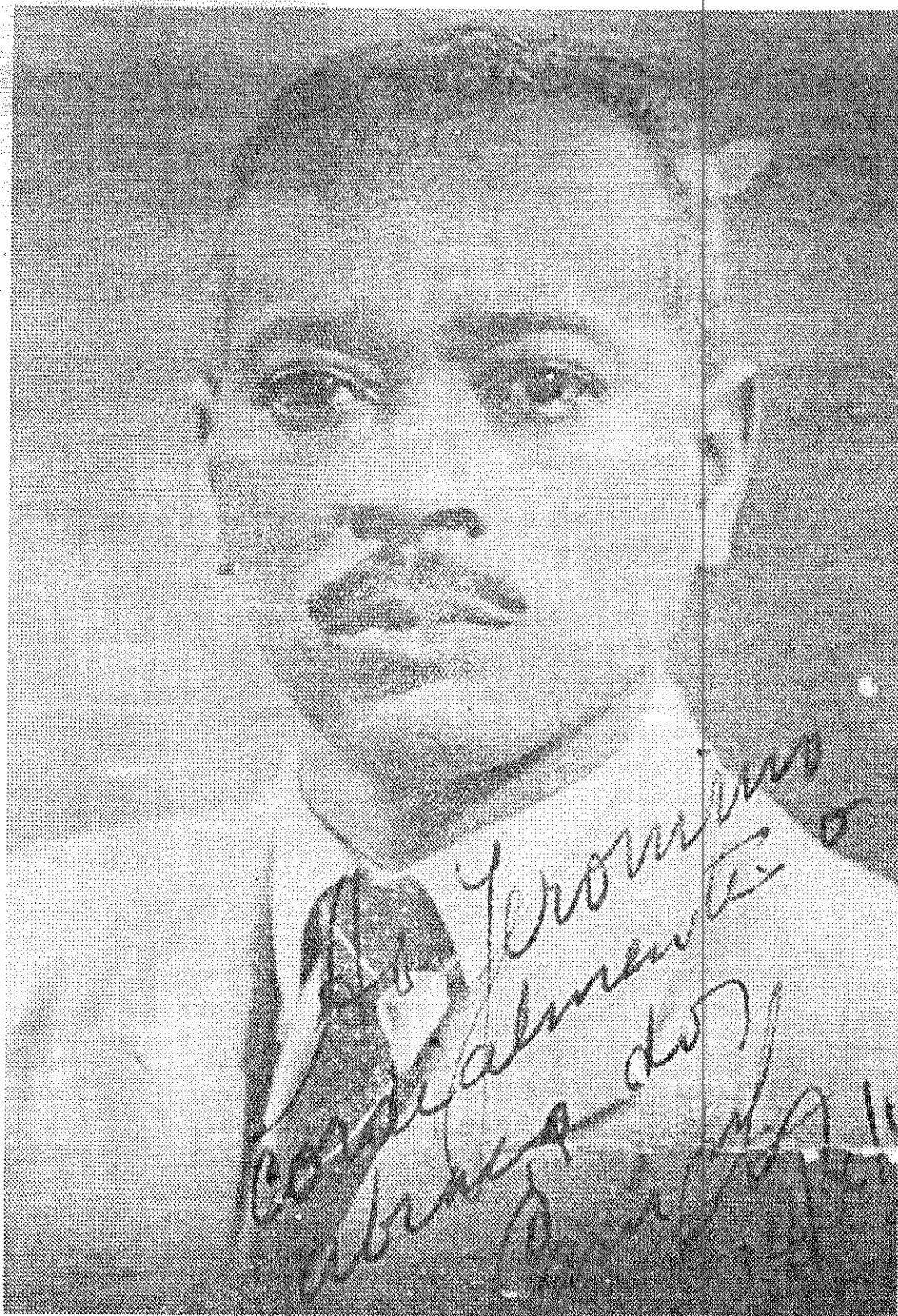
Dª Laudelina aparece na foto nº 35 vestida com roupa de santo; naquele momento permitido, pois ela sempre precisou omitir a sua filiação com a religião afro-brasileira.

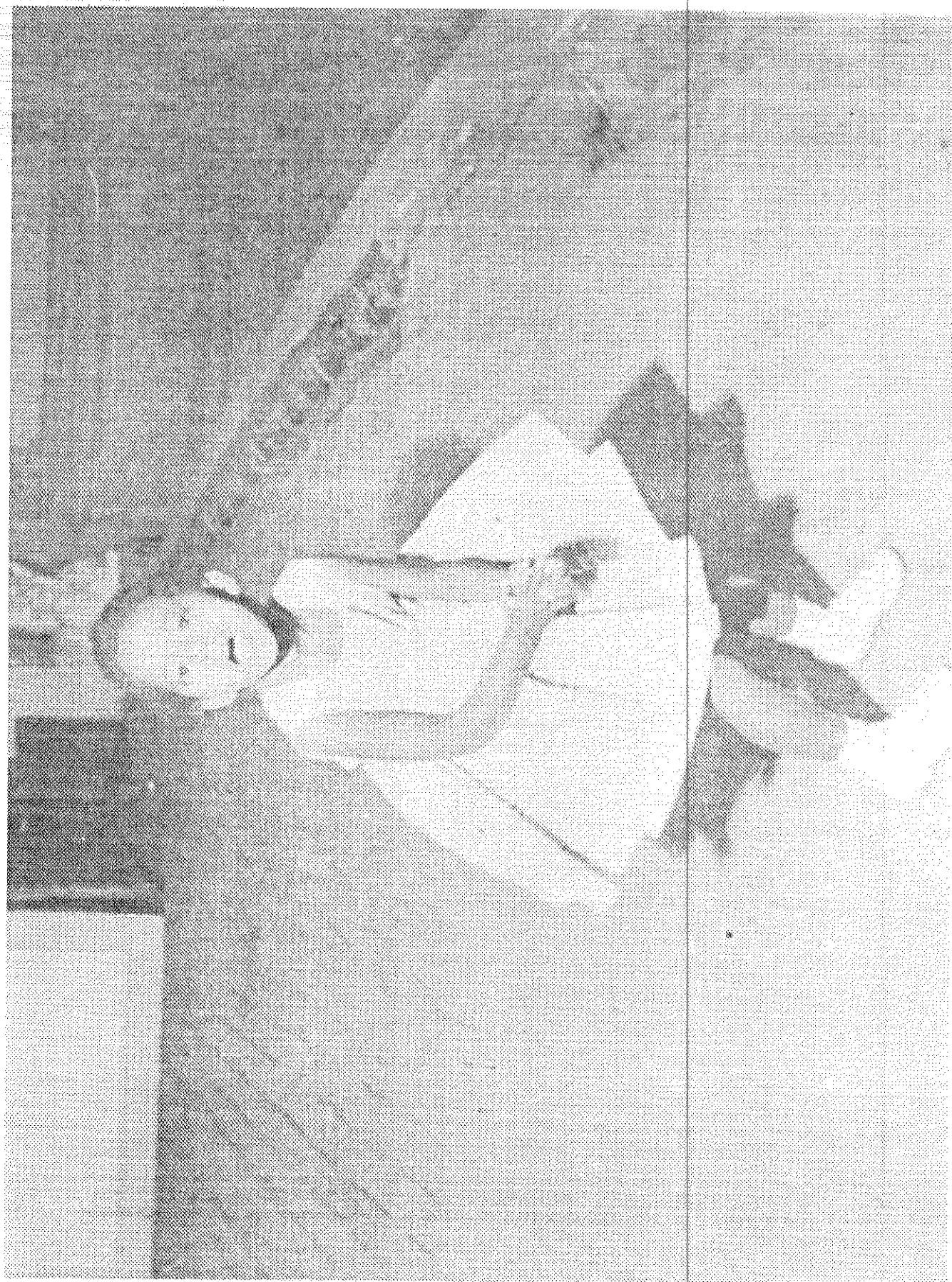
Dª Laudelina tinha um envolvimento grande com vários setores do Movimento Negro, e participou ativamente também das programações e eventos promovidos pela banda de música dos homens de cor. Foto nº 26.

A foto nº 25 registra a imagem do dr. José Alberto Ferreira, amigo, que Dª Laudelina admirava, pela grande contribuição dada ao Movimento Negro campineiro combatendo o racismo. Trabalharam juntos em algumas propostas educativas e culturais. Na política, Dª Laudelina o apoiou nas vezes que se candidatou a vereador, mas nunca conseguiu se eleger, porque conforme ele mesmo dizia: "negro não vota em negro".

Não se sabe ao certo como essas fotos chegaram as mãos de Dª Laudelina, algumas ofertadas por fotógrafos de

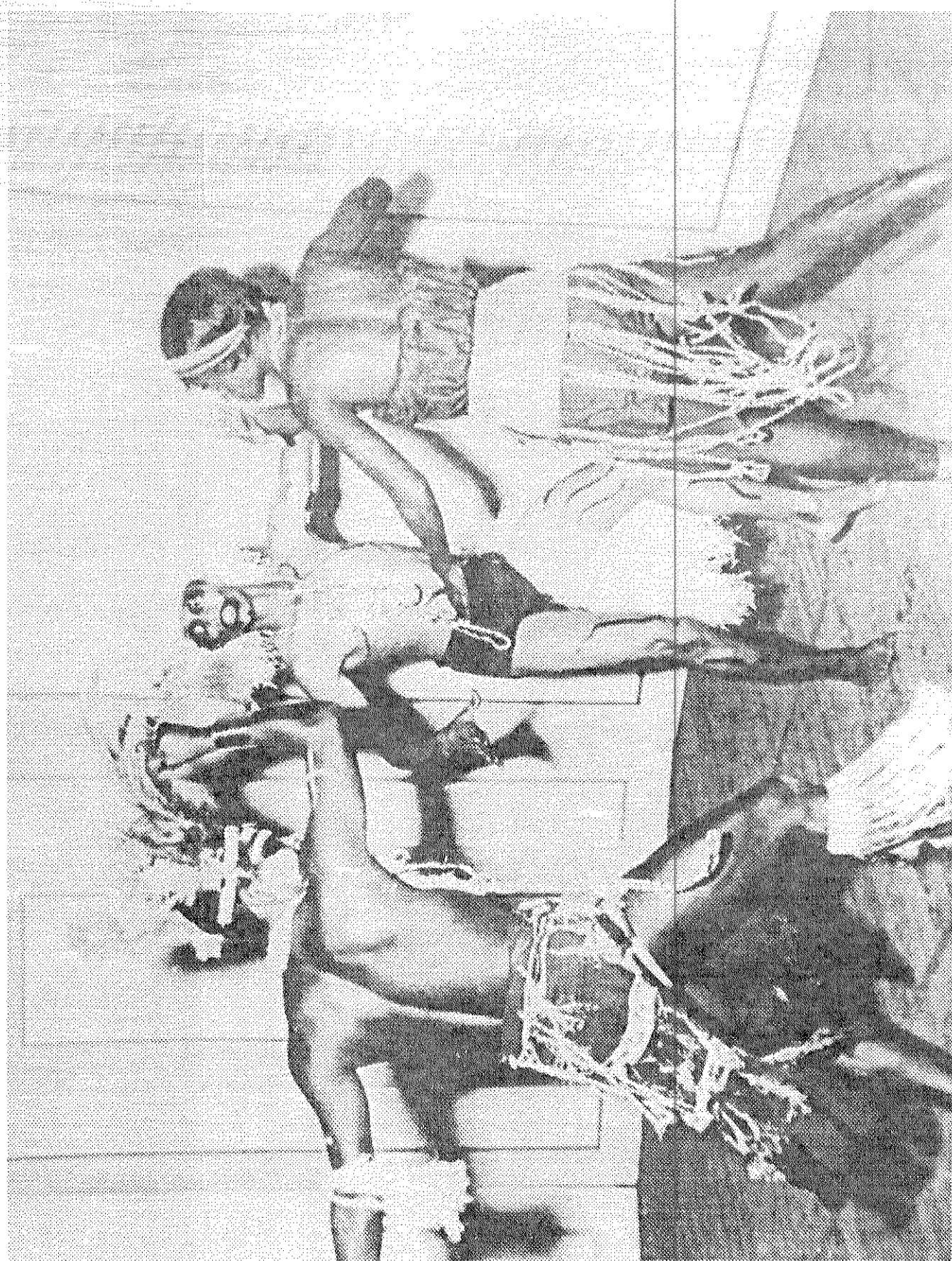
jornais da cidade, outras presenteadas por amigos, como é o caso das fotos 25 e 26. A foto 26 foi ofertada por Jerônimo, um militante negro da cidade de Campinas, que tinha em seu poder duas fotos do prof^o Geraldo.

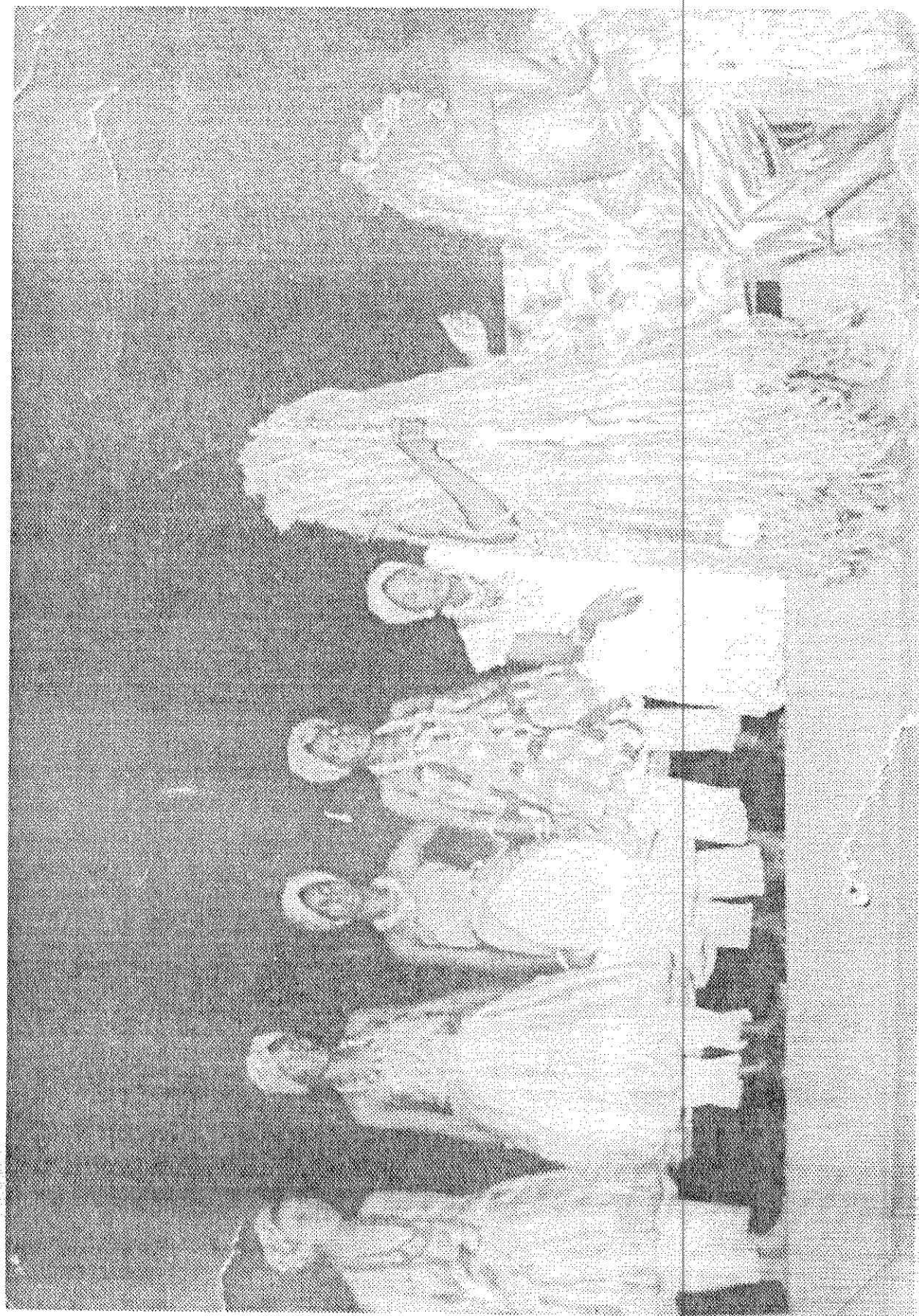






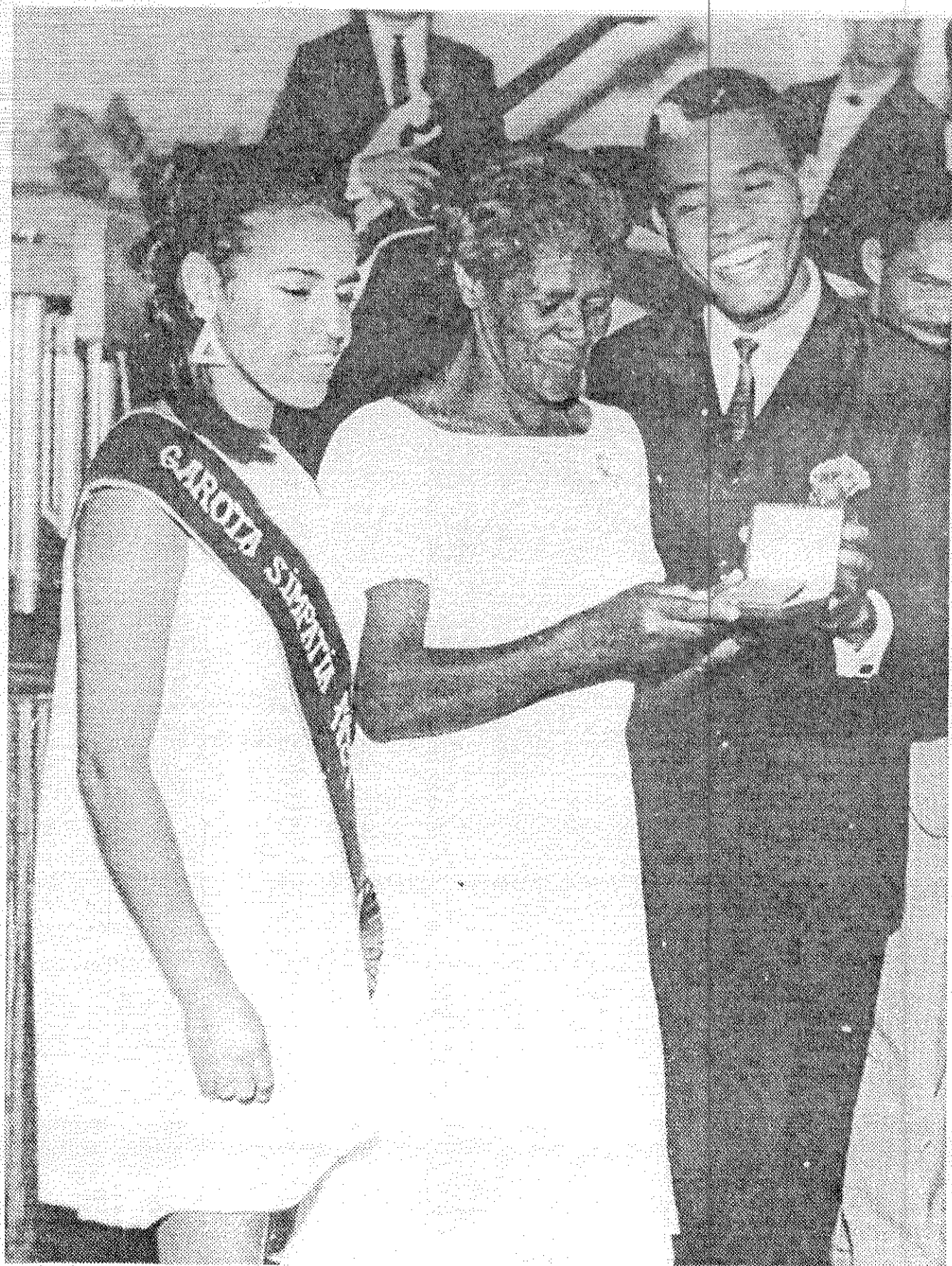


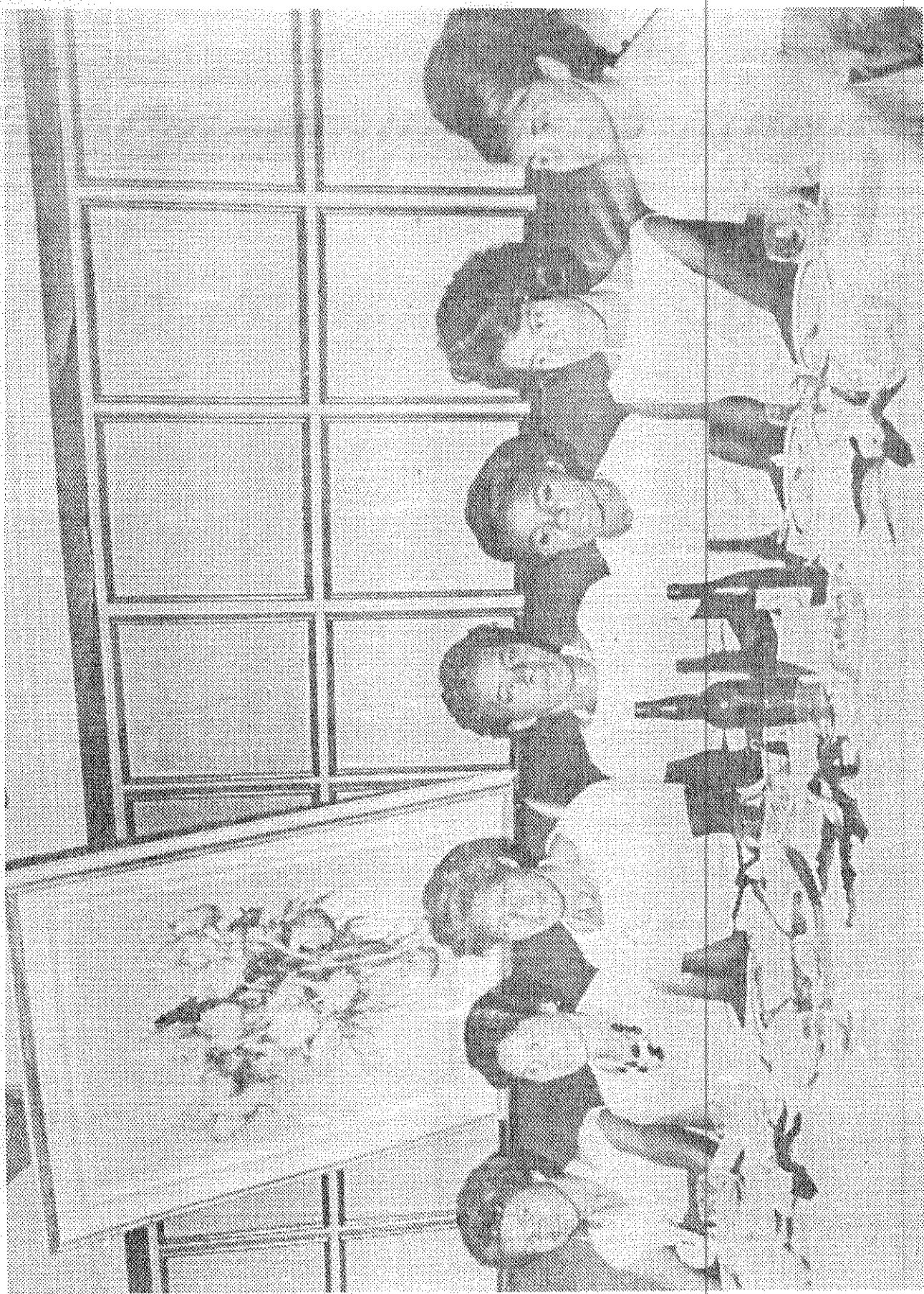


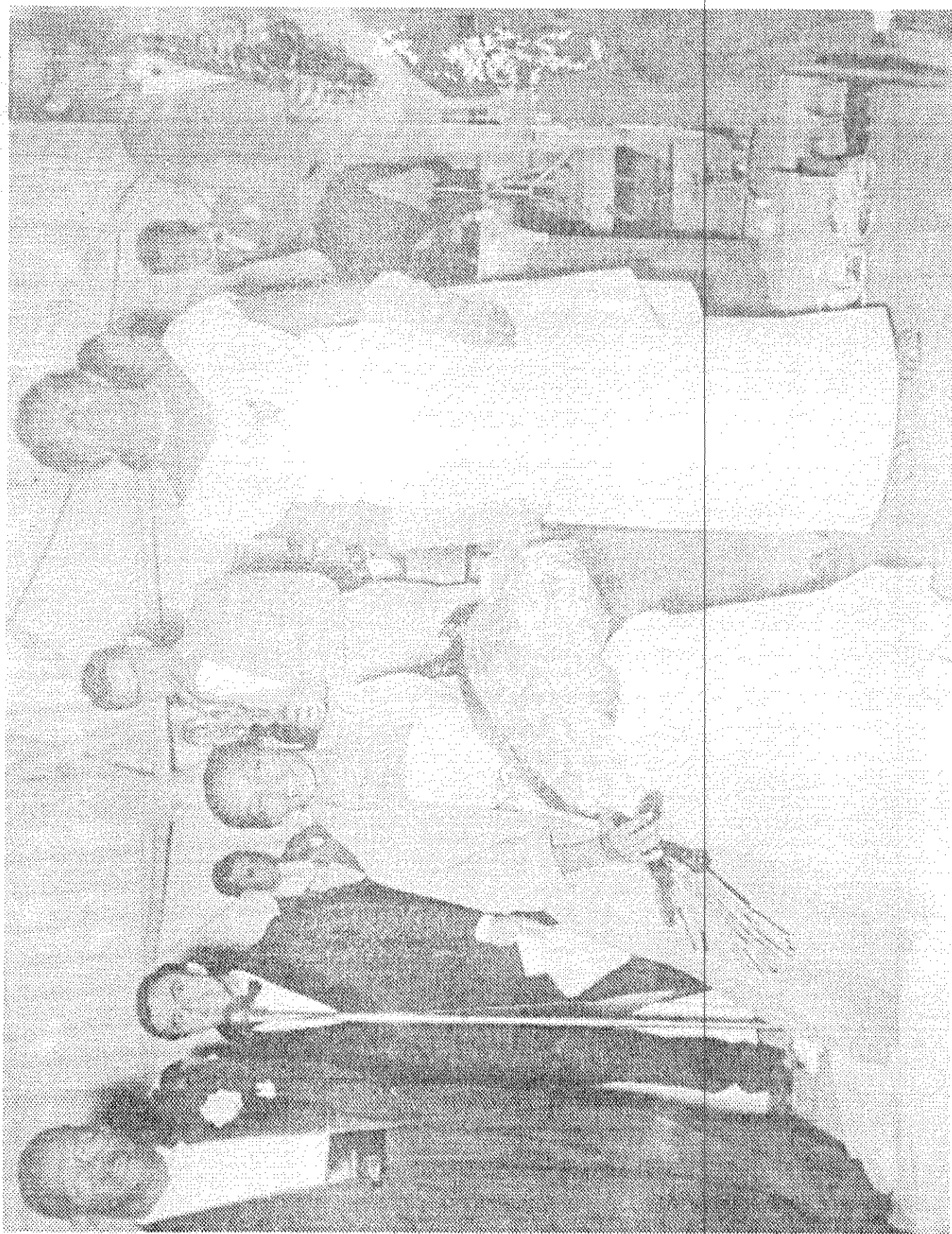




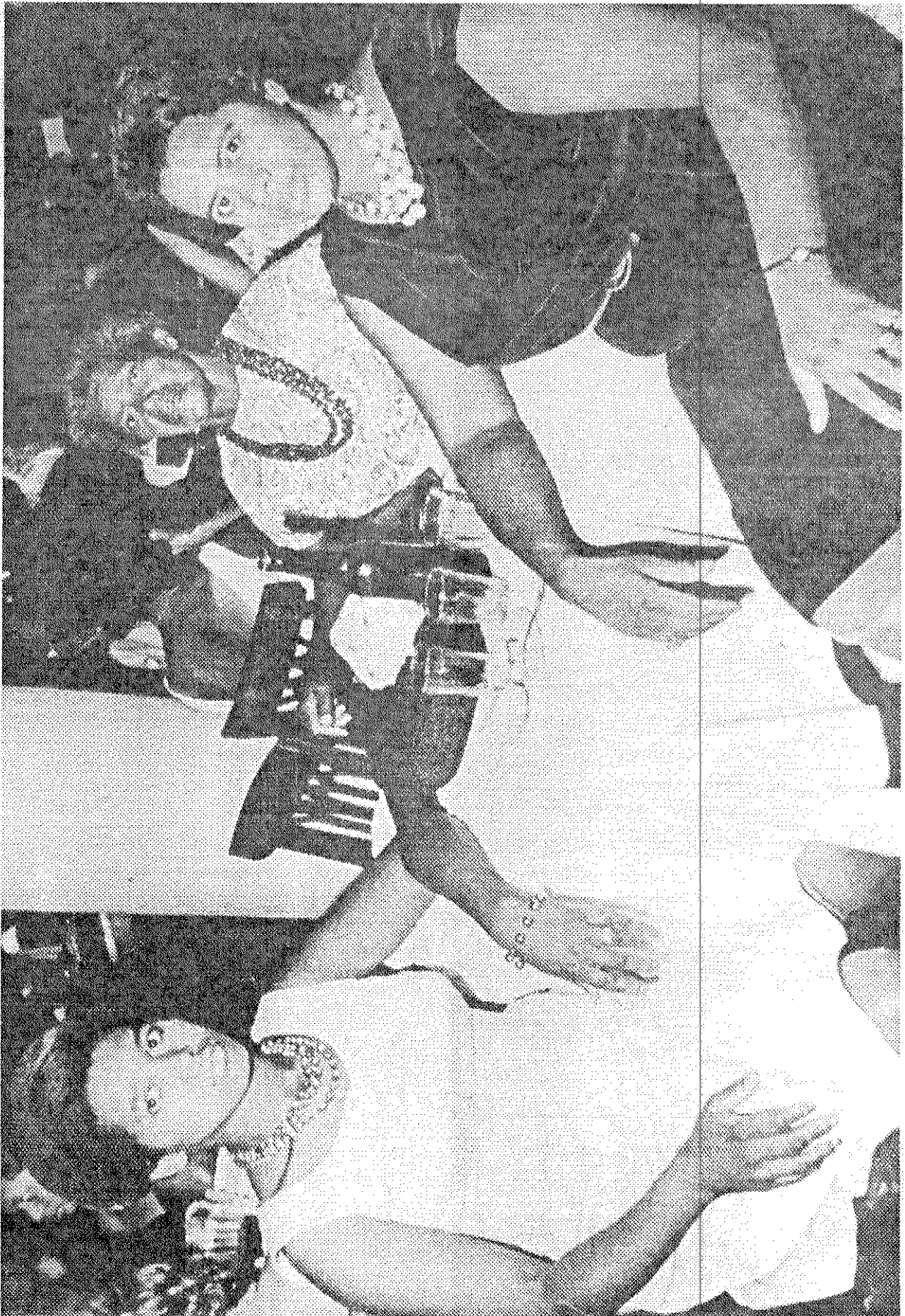




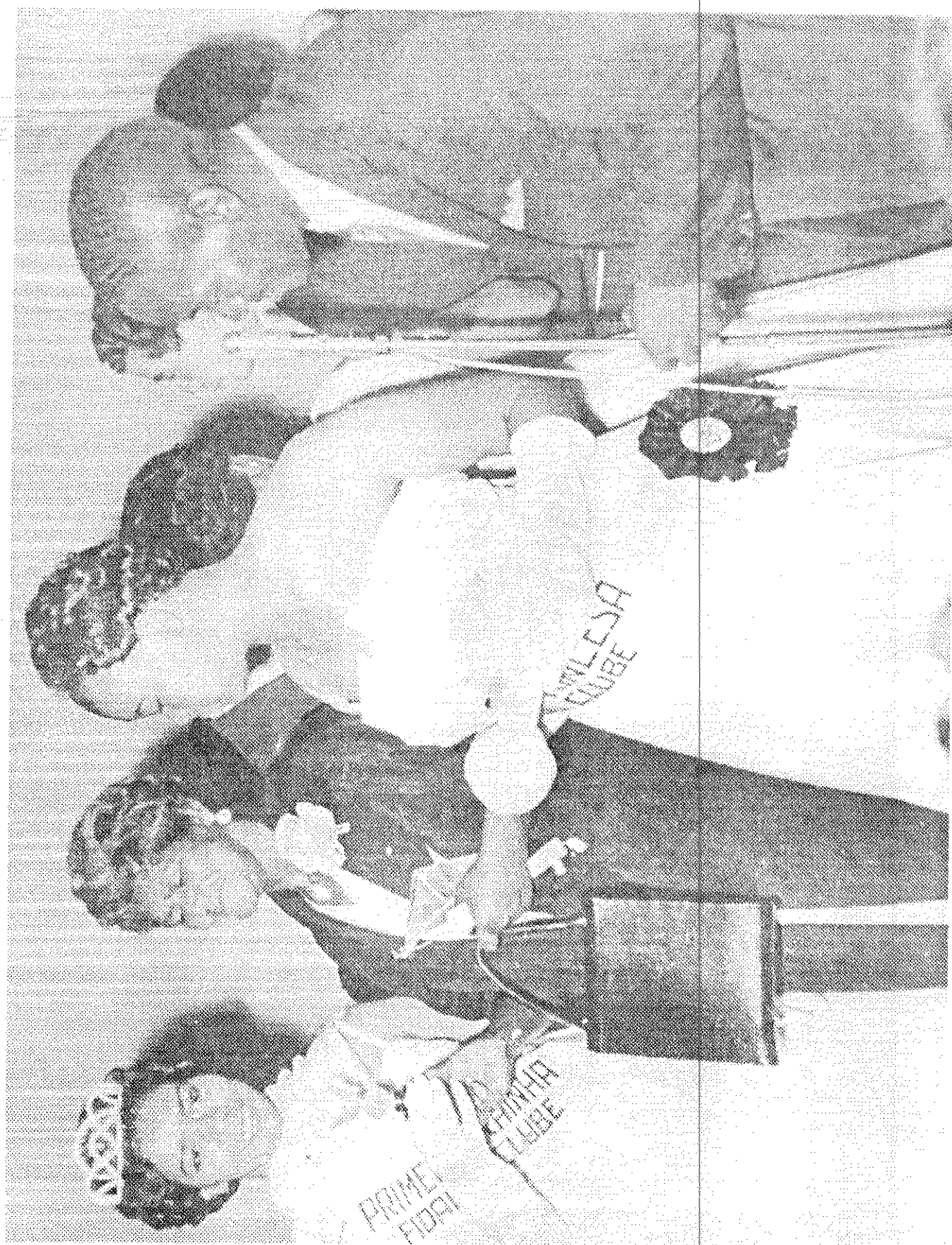


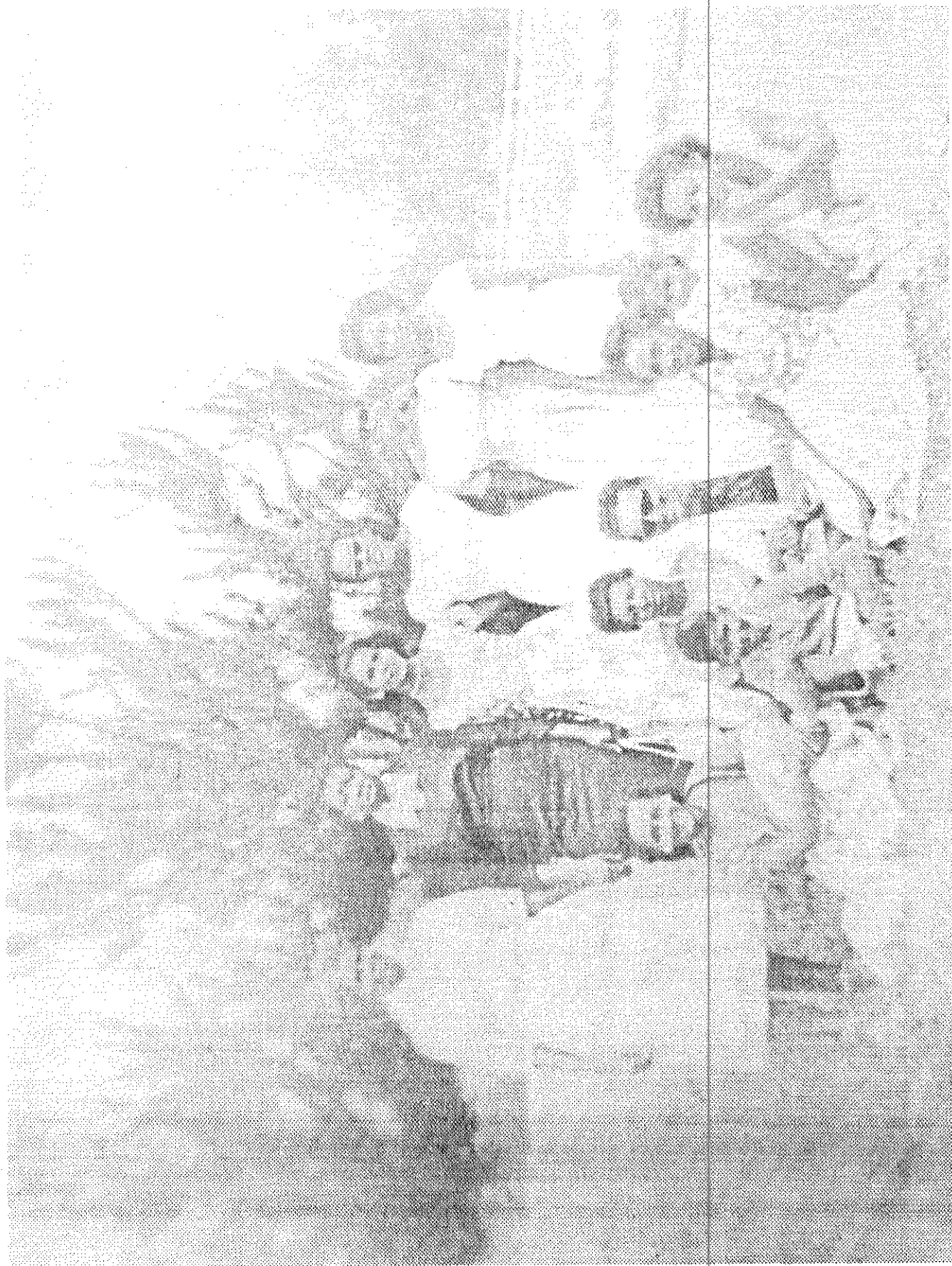




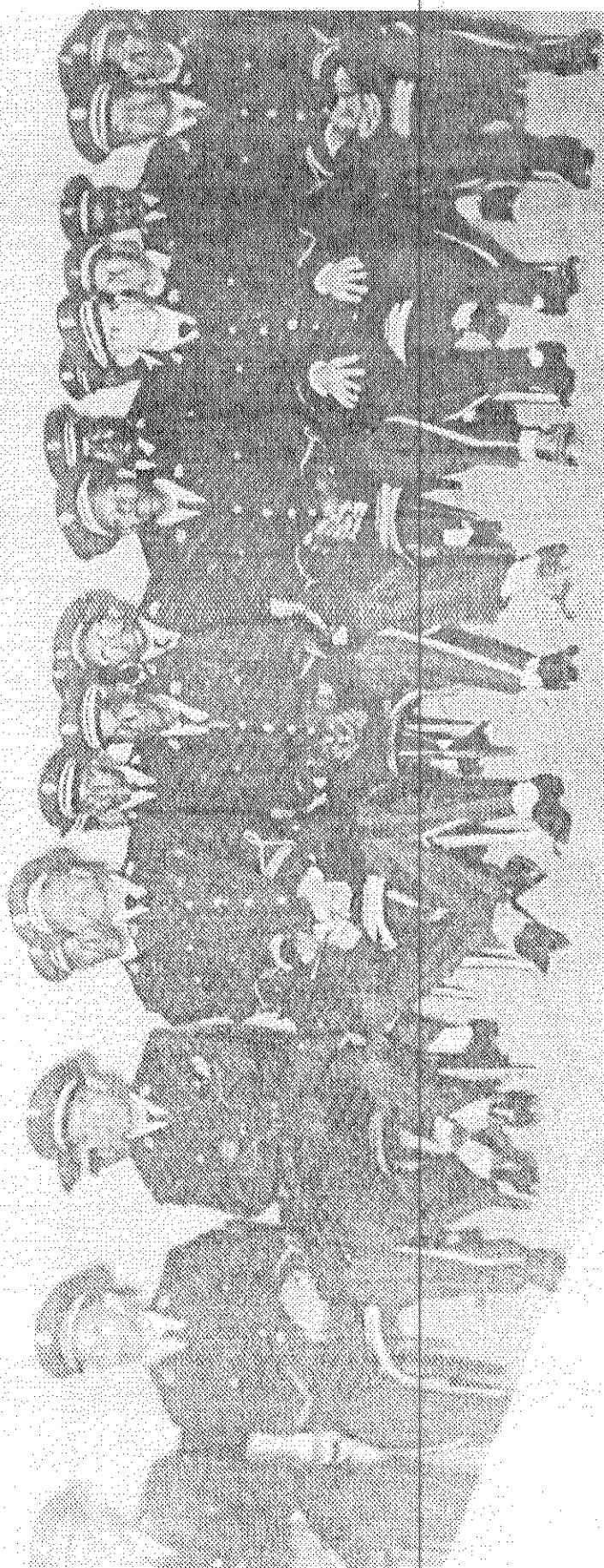






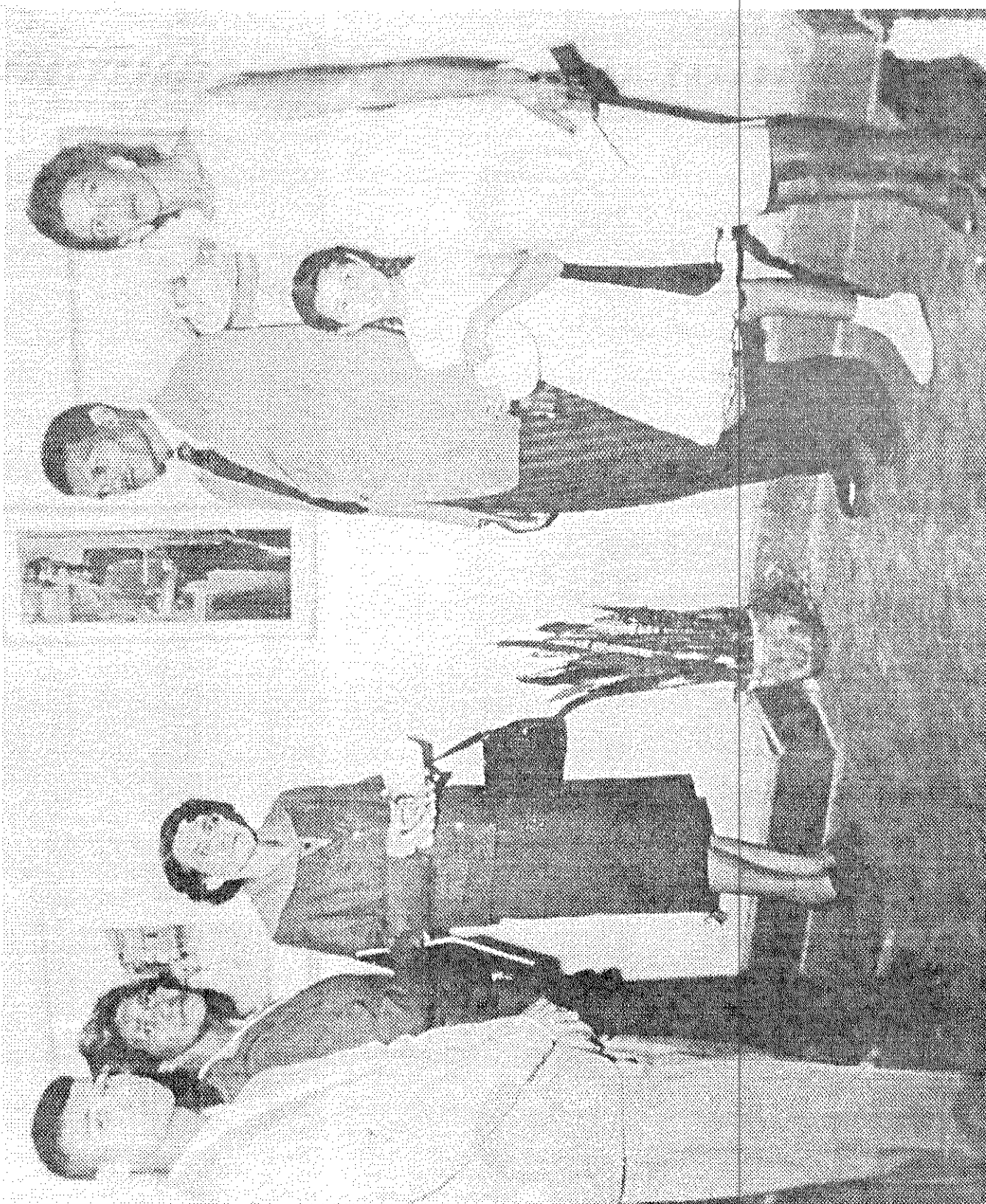


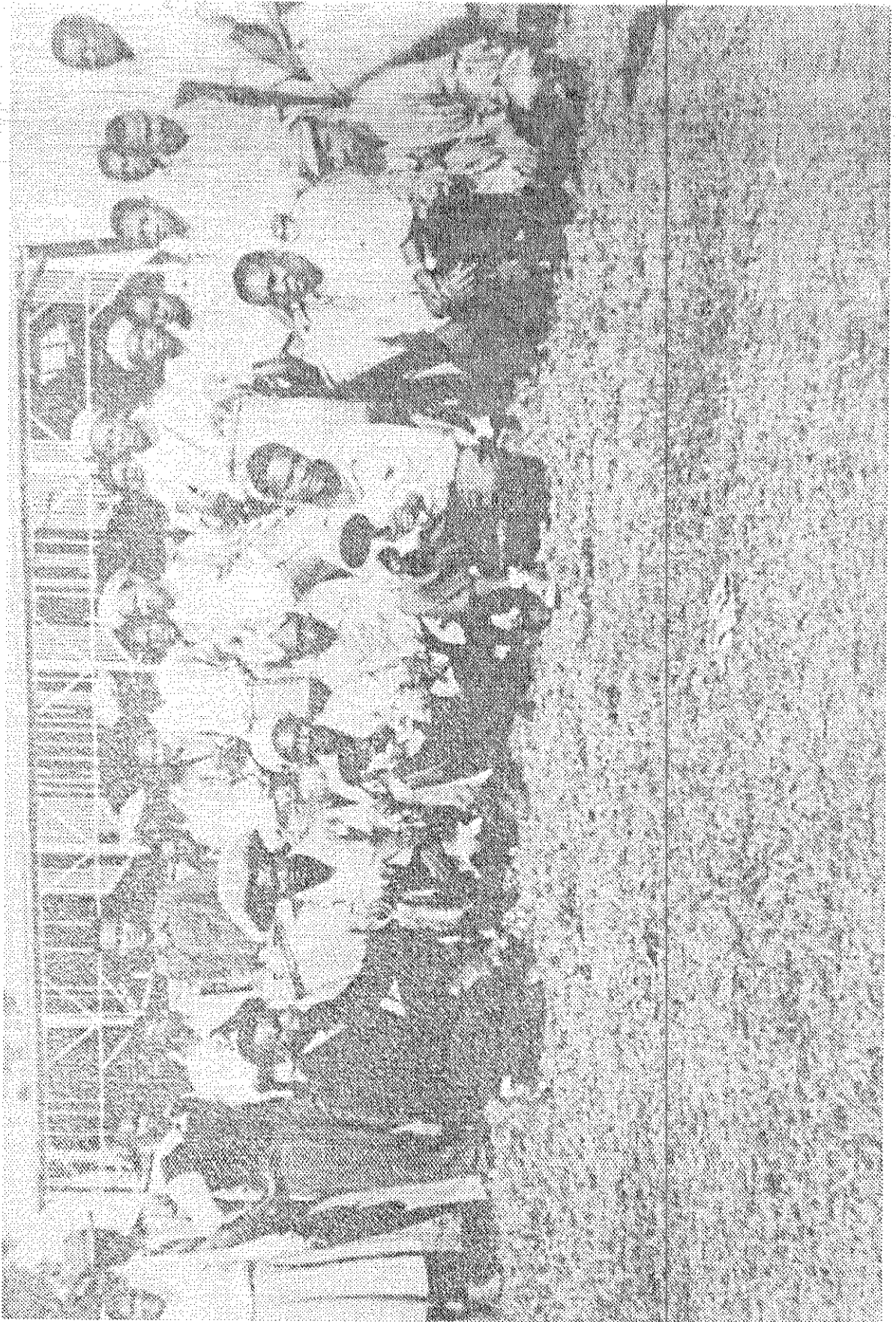


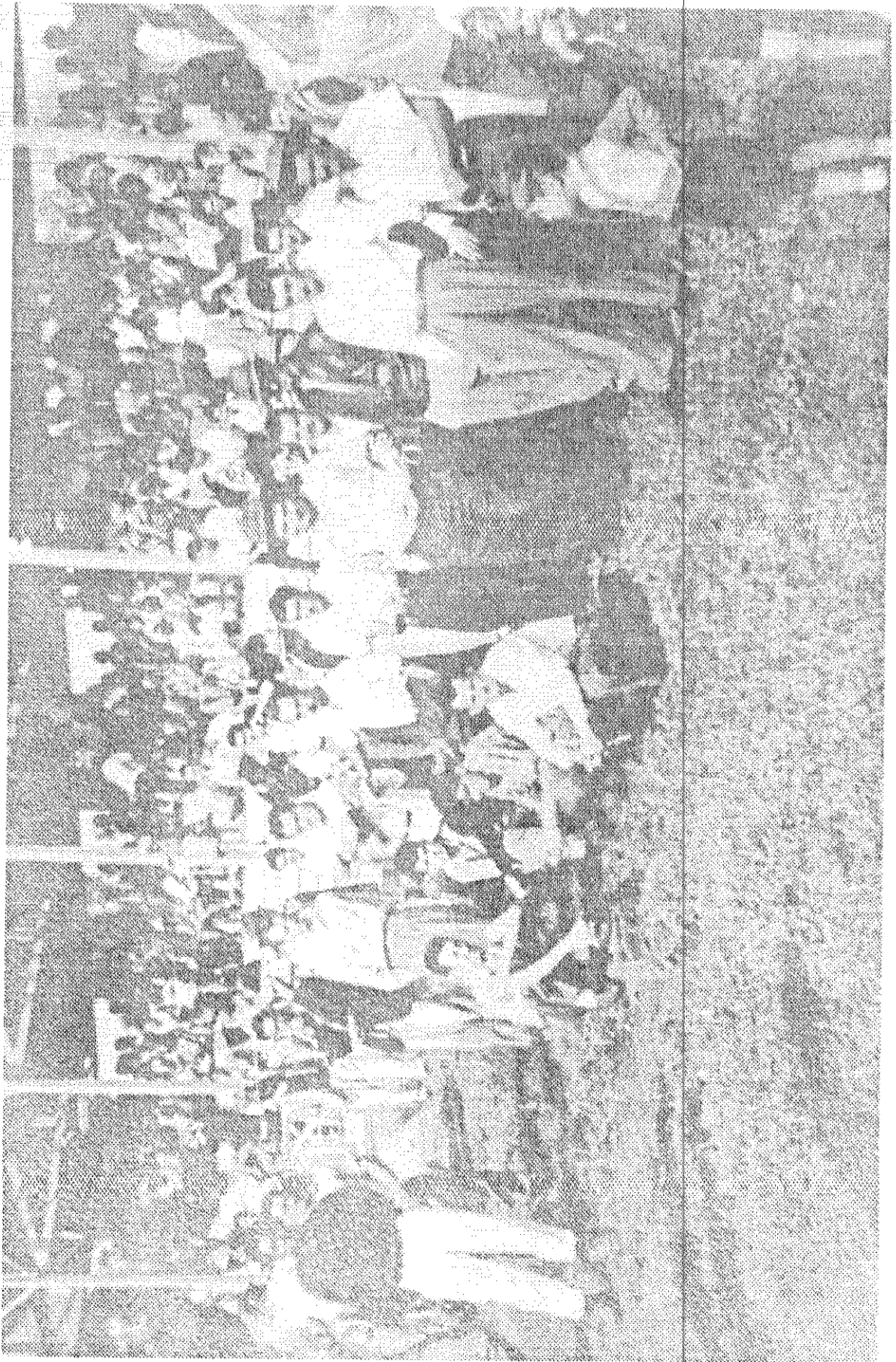








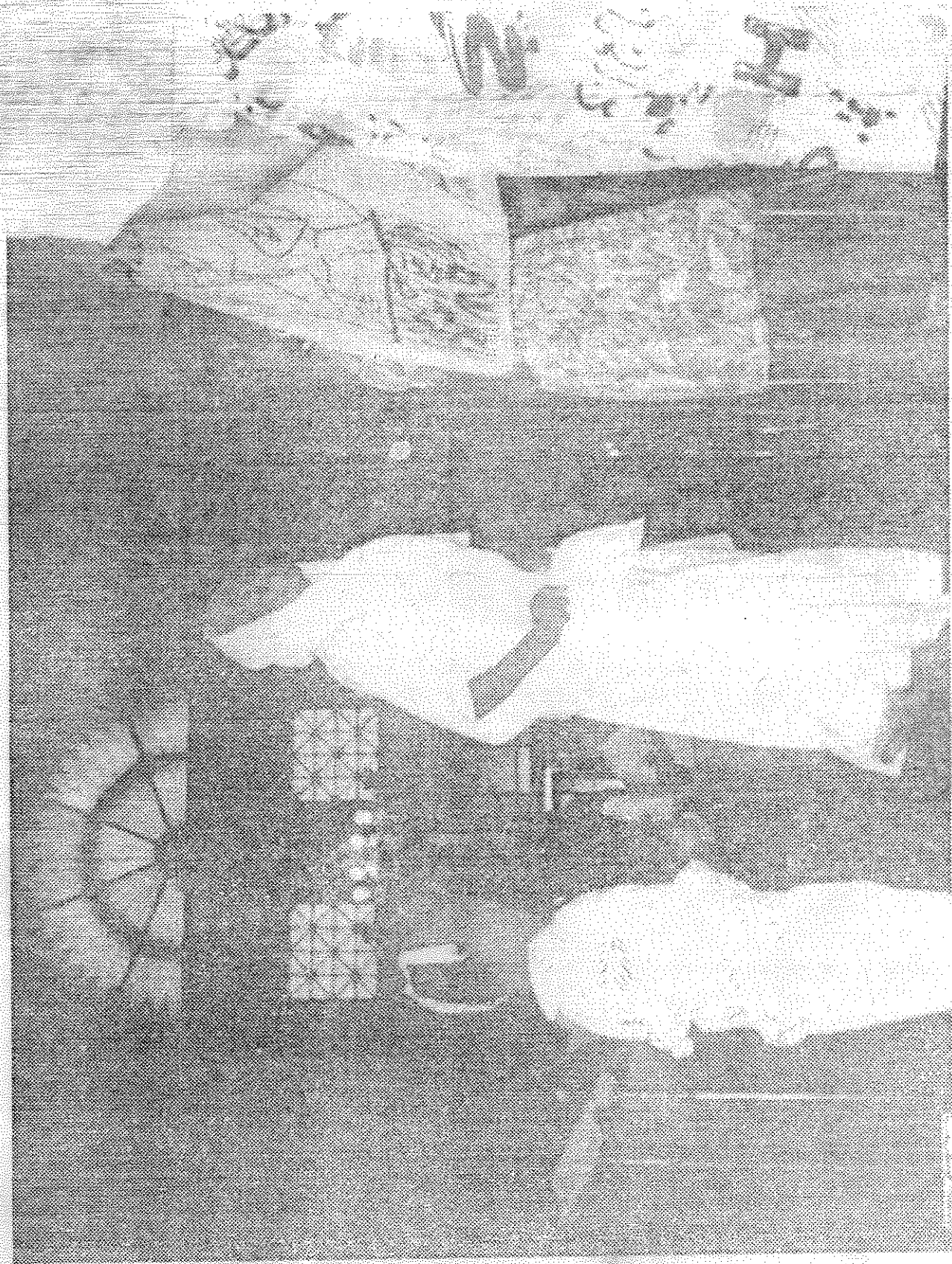












**FOTOS DA ASSOCIAÇÃO/SINDICATO
DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS**

Este agrupamento de fotos, é constituído por 39 (trinta e nove) fotos, tiradas em conjunturas diferentes, não contendo nenhuma foto fria. Revela, entre outros, aspectos da relação de Dã. Laudelina com uma de suas patroas, assim como, descreve pelas imagens, como se deu a organização desse movimento, principalmente, a partir de 1.961 na cidade de Campinas.

Acerca da organização e luta das empregadas domésticas em Santos, no período de 1.936, não existiu registro fotográfico no arquivo de Dã. Laudelina.

Muitas dessas fotos não foram planejadas foram tiradas por fotógrafos, de jornais locais ou que trabalhavam para o Estado, como foi o caso de muitas das fotos realizadas em Brasília em 1.964 - 1.966, e, em Olinda em 1.984. Os eventos que ocorreram em Campinas até 1.968, foram fotografados em quase a sua totalidade por fotógrafos profissionais.

Assim, essas fotos em sua maioria foram cedidas por esses fotógrafos, na ocasião que aconteceram os diferentes eventos.

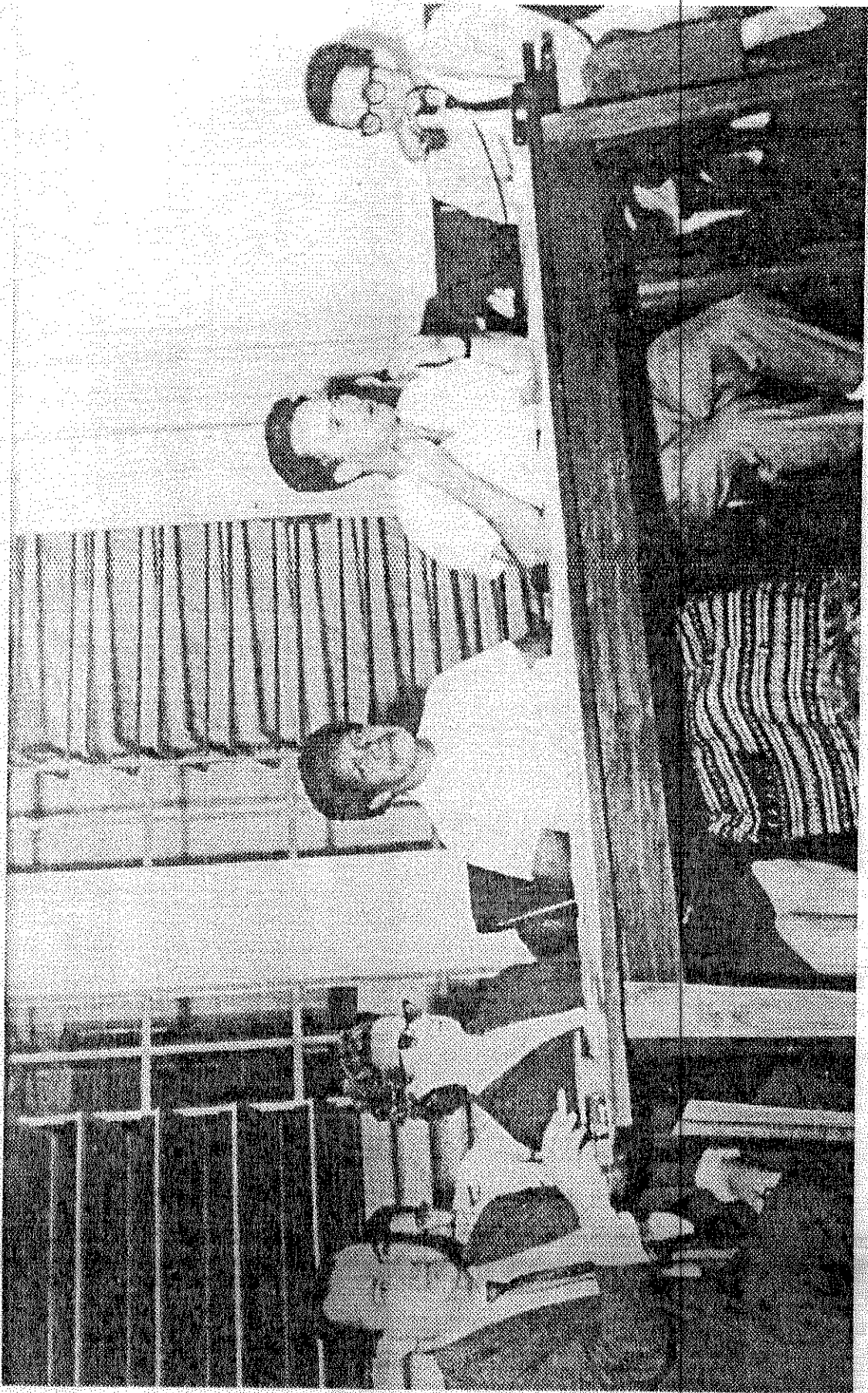
Foram poucas as fotos desse agrupamento encomendadas e pagas por Dã. Laudelina, algumas me encarreguei de reproduzir, pois com ela só haviam os negativos originais.

Dã- Laudelina ao fazer a descrição das fotos da Associação/Sindicato das Empregadas Domésticas ampliou os dados já coletados via relatos orais, pois novas histórias surgiram, detalhes foram esclarecidos, assim como, o conteúdo das fotos pôde ser melhor aprofundado. Foi nesse agrupamento que se percebeu mais claramente Dã- Laudelina, uma mulher negra, no meio de homens brancos.

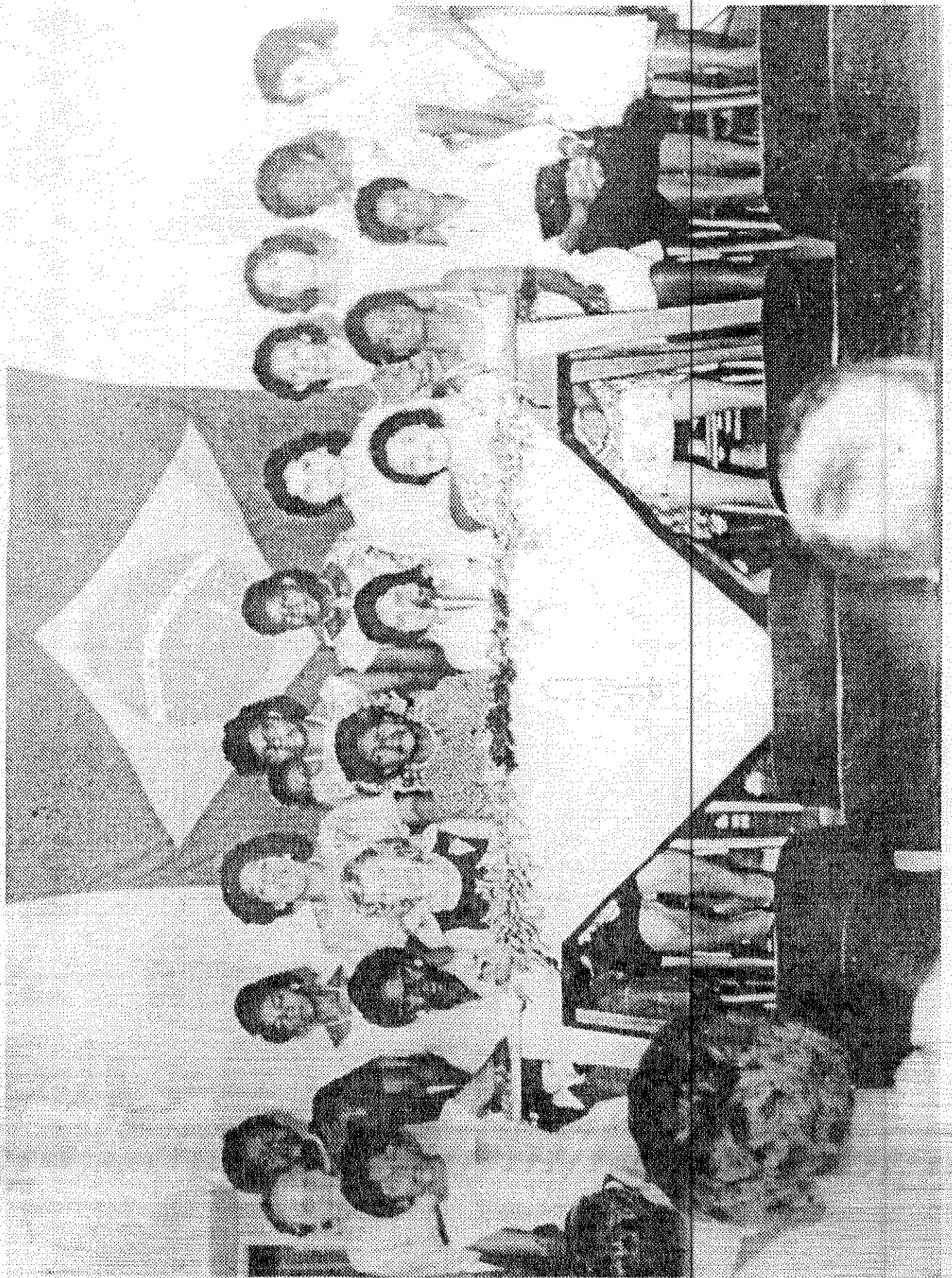
Das fotos analisadas irá constar nesta dissertação apenas as 26 (vinte e seis) mais elucidativas.

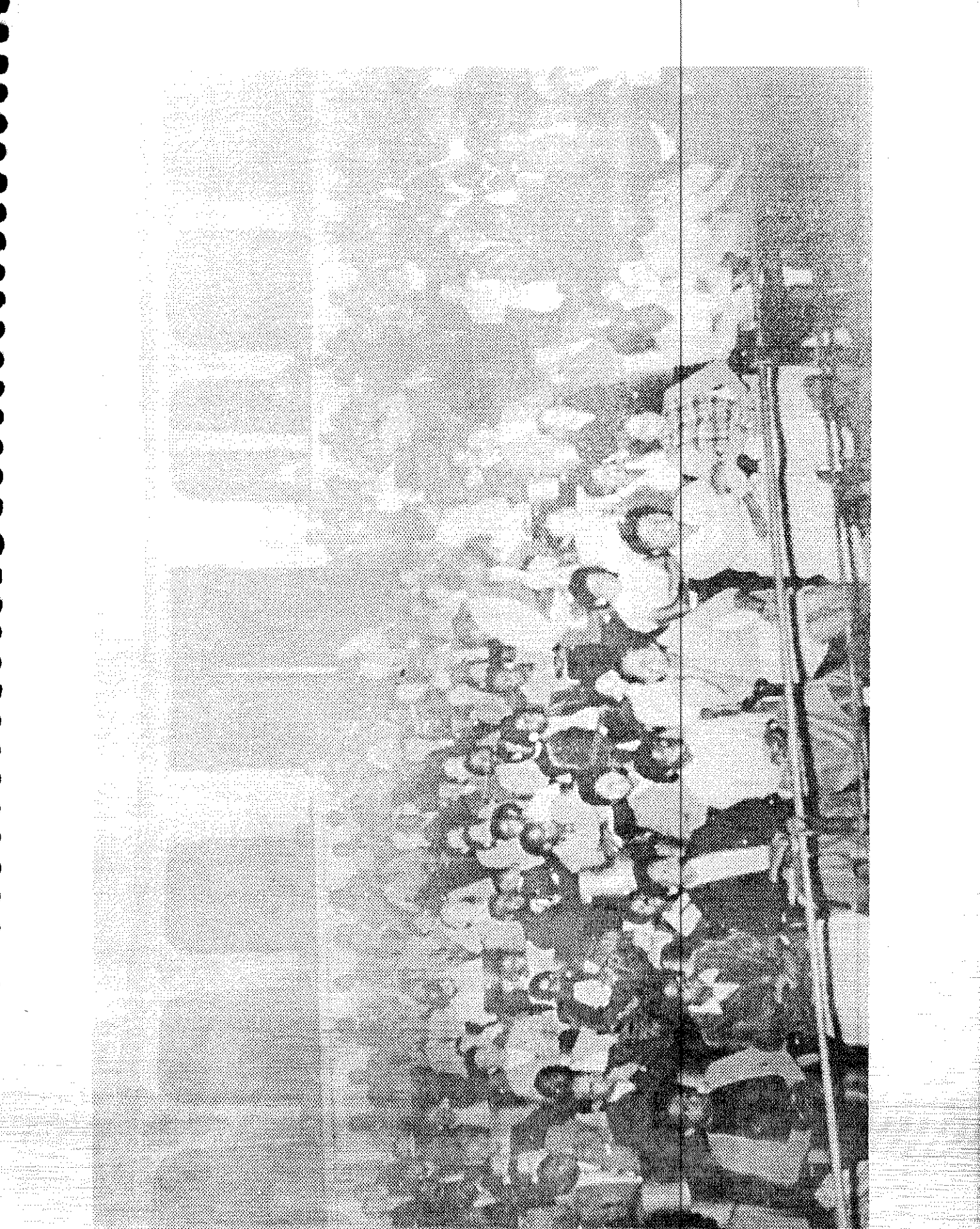




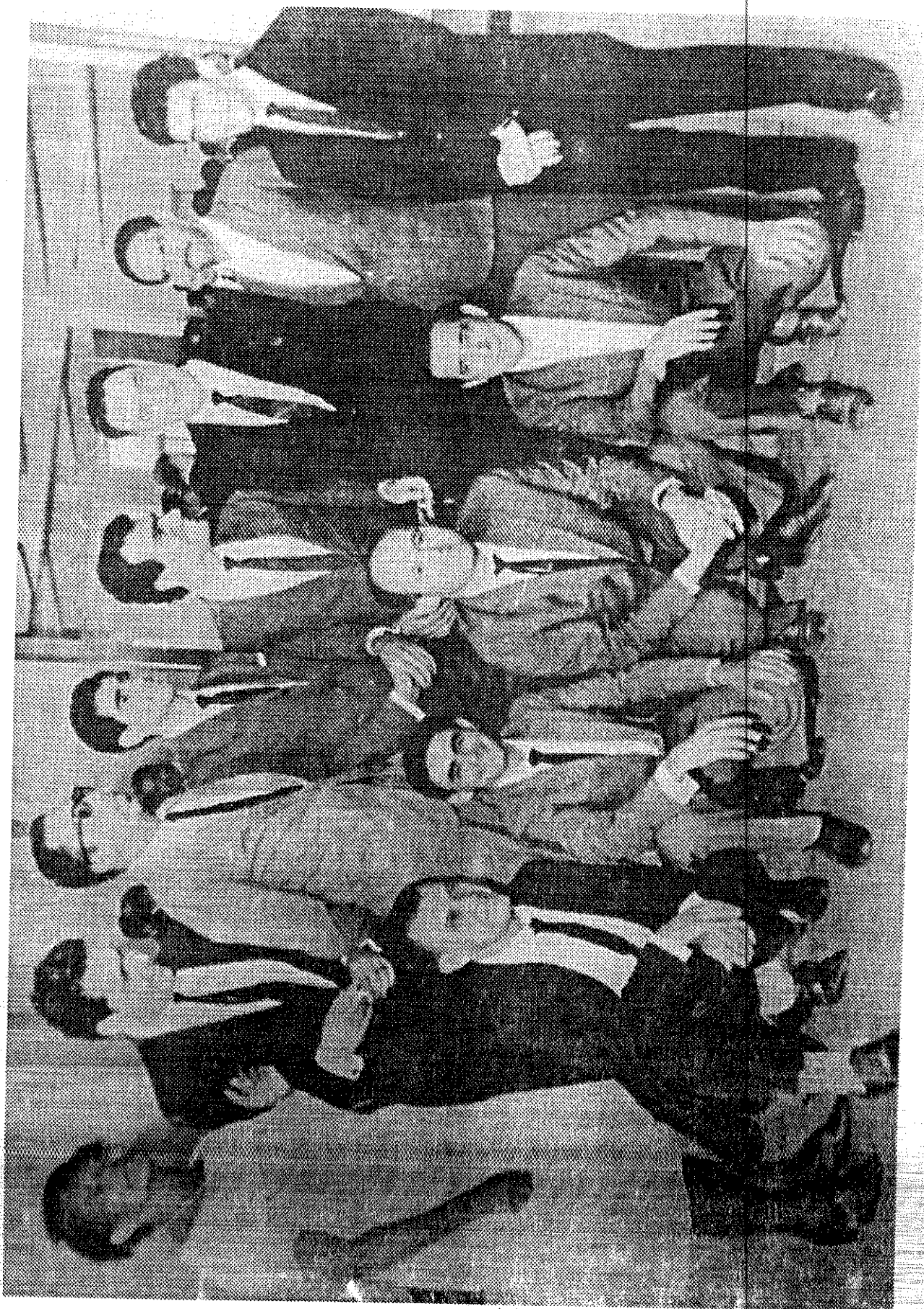


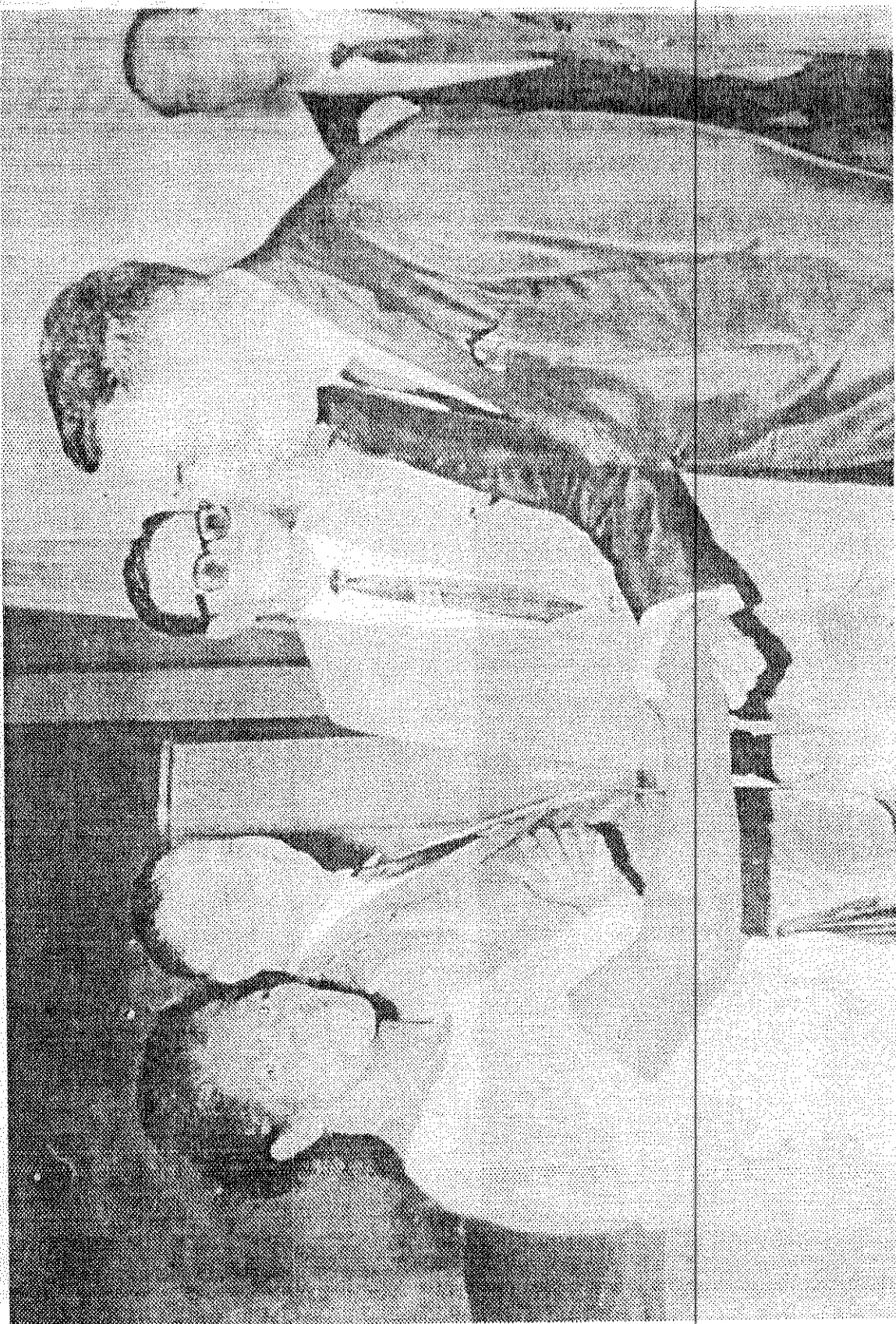












LEGENDA DAS FOTOS DE FAMÍLIA

Foto nº 02

Lembrança da família no batizado da sobrinha (bebê no colo), foto feita na fonte dos Amores (Poços de Caldas) - 1928. Na ocasião D. Laudelina não morava mais na cidade.

Da esquerda para direita (sentados): tia (materna), irmão (Alair), sobrinha (filha Zenaide), Irmã-criação (Érica - em pé), mãe (Da. Laudelina)

Da direita para esquerda (em pé): primo, irmão (Alaor), irmão (Ari), irmã (Zenaide com a filha no colo), cunhado (marido Zenaide), tio (materno - Luiz Carlos Junqueiro).

Foto nº 3

Fum desconhecido que fazia parte da caravana, que passeava num domingo na Fonte dos Amores (Poços de Caldas), - a presenteou com esta foto. Dna Laudelina na época estava com 16 anos.

Foto nº 04

Visita de Da. Laudelina ao irmão (ari) que se encontrava doente, vítima de uma ação racista no seu emprego, conforme relato da pg nº Poços de Caldas - 1952.

Da esquerda para direita: (em pé) Da. Laudelina, (sentadas). as sobrinhas.

Outra pose (foto nº 5). As sobrinhas em pé.

Foto nº 5

Outra pose as sobrinhas no em pé

Foto nº 06

Sobrinhos de D. Laudelina, filhos do seu irmão Alaor - Poços de Caldas. Presente de sua irmão, (1956) na ocasião em que viajaram ao Rio de Janeiro para entregar um Santo (promessas), ao neto de Getúlio Vargas. Da esquerda para direita: Jorge, Guilherme.

Foto nº 7

Filho da prima de Da. LAUDELINA-POÇOS DE CALDAS - Foi enviada a ela por volta de 1956, (PELA PRIMA), comunicando o noivado do filho. (foto)

Foto nº 08

Casamento da filha do primo (Acácio) de Da. Laudelina, realizado no Clube Caldense em 11 de agosto de 1953 - Poços de Cadas.

Da direita para esquerda: mãe (da noiva), pai (da noiva - Acácio), Filho caçula (Acácio), irmão de Da. Laudelina (Ari), a noiva (Nevia), o noivo (Oreovaldo), sobrinho (Filho irmão-Ari), sobrinho (Filho irmão), sobrinha-moça (filha irmão Alair), Da.Laudelina e a mãe encontrava-se atrás do bolo, sendo difícil visualizá-las.

LEGENDA DAS FOTOS DA ASSOCIAÇÃO/SINDICATO DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS

Foto nº 36

Dona Benta, patroa de Da. Laudelina na cidade de Santos (1945-1949). Em 1949, ela recebeu um convite para vir conhecer a fazenda na, estrada de Mogi Mirim (Campinas), passando a ser administradora da mesma (1950-1953).

Foto nº 37

Hilda Hist (escritora), filha de Dona Benta (patroa a Dona Laudelina). Lembra do dia de sua formatura em 1952. Hilda a entregou para Da. Laudelina juntamente e a foto nº 39 em 1964.

Foto nº 38

Assembleia Geral da Fundação da Associação das Empregadas Domésticas (Sindicato). Presente à Dona Laudelina do Fotografo (Diário do Povo) - 18/05/1961.

Da esquerda para direita: Dr. Jamil Gabias (Presidente da Câmara Municipal de Campinas), no fundo - Durval de Almeida (Diretor do Sindicato da Construção Imobiliária), Assistente Social (Associação), Da. Laudelina, Dr. de Luca (Primeiro Advogado da Associação)

Foto nº 39

Público participante da Assembléia do dia 18/05/1961 (em sua maioria empregadas domésticas - 1.200)

Foto nº 40

Posse da Diretoria - Associação das Emp. Domésticas - 05/07/1962. Não foi publicada nos Jornais de Campinas. Foi publicada em um jornal (não se recordou do nome) nº V Congresso que houve em Pernambuco.

Foto nº 41

Teatro Municipal de Campinas. Festa do primeiro aniversário da Associação das Empregadas Domésticas - 18/05/1962. O teatro comportava mil pessoas; trezentas ficaram do lado de fora.

Foto nº 42

Almoço no restaurante do Parque Industrial Brasília (05/08/1965). Da. Laudelina fez um discurso reivindicando igualdade em todos os direitos trabalhistas concedido ao homem; em principalmente o pagamento ao INPS às empregadas doméstica.

Da esquerda para direita: (Presidente: do sindicato: Dos Gráficos (Olivio de Oliveira); do Couro (Ernesto Palha); dos Chapeleiros (Jonas Matias) Em pé: Da. Laudelina.

Foto nº 43

Após o discurso feito para Da. Laudelina no Restaurante do Parque INDL - Brasília (05/08/1965)

Foto nº 44

Câmara dos Deputados - Brasília (10/08/1965), representantes dos sindicatos de Campinas.

Da esquerda para direita (em pé): das Empregadas Domésticas (Da. Laudelina), do Couro (Ernesto, Palha), dos metalúrgicos, dos Bancários, não se lembrou, Deputado Federal (Francisco Amaral - Prefeito em Campinas 1962), dos Gráficos (Claúdio Delfim); da Borracha; do Papelão, da Alimentação, Advogado do Sindicato dos Metalúrgicos. (Astoco Medeiros), presidente do Sindicato da Saúde (Irineu)

Foto nº 45

Câmara dos Deputados sala do Sr. Francisco Amaral - Brasília (10/08/1965). Foram entregar ao Sr Francisco Amaral; uma Caneta de Ouro (Comprada pelos Sindicatos de Campinas) para ser presenteadada ao Presidente do Senado Sr. Mauro de Moura Andrade, na ocasião, da assinatura da que faculta direito aos trabalhadores do salário - Família.

Foto nº 46

Banquete no Hotel Nacional, oferecido por sua Exmo. Castelo Branco - Brasília (26/05/1966). Foram solicitar ao Ministro do Trabalho Sr. Jarbas Passarinho, a regularização das Empregadas Domésticas junto ao posto do INPS (Piracicaba); o qual se recusava a receber o benefício das mesmas.

Da esquerda para direita: Da. Laudelina, Presidente Sindicato dos Enfermeiros (Dorácio da Silva), representante da Alimentação.

Foto nº 47

Sr. Francisco Amaral recebendo dos representantes dos sindicatos de Campinas - Brasília 1965

Da esquerda para direita Da. Laudelina, representante: Sindicato dos Imobiliários (José Notino), Sindicato dos Enfermeiros, Sr. Francisco Amaral, Secretário do Sr. Francisco Amaral.

Foto nº 48

Encontro no Ministério do Trabalho com o Sr. Jarbas Passarinho (Ministro) - Brasília 28/05/1966

Reunião do Ministro do Trabalho com os sindicalistas, solicitando o cumprimento das Leis Trabalhistas em vigor, e Da. Laudelina o enquadramento das empregadas domésticas nas Leis Trabalhistas da esquerda para direita: Presidente, da Junta de Comércio e Conciliação de Campinas, representante, Sindicato da Construção Imobiliária, Da. Laudelina, representante dos Gráficos, representante Sindicato do Comércio, Vereador, (Campinas), representante Sindicato dos Vigilantes.

Foto nº 49

Almoço oferecido pelo Ministro Jarbas Passarinho, no Hotel Nacional - Brasília (28/5/1966).

Da esquerda para Direita: Da. Laudelina, Representante Sindicato do Couro (Jesuino Machado), presidente da Câmara dos Deputados.

Foto nº 50

Esta creche funcionava na Rua Floriano Proguça, nº 631. Era custeada pela Prefeitura (Campinas), e assistida pela 1ª Dama do Estado Da. Ana Maria do Carmo Sodré. Após o término do contrato do Aluguel (Imóvel), foi transferida para outro local.

Foto nº 51

V Congresso Nacional das Empregadas Domésticas do Brasil Olinda/PE 24 a 27/01/1985. Da. Laudelina sendo entrevistada por uma Rede de Televisão antes de ao debatei.

Foto nº 52

V Congresso Nacional das Empregadas Domésticas do Brasil Olinda/PE - 24 a 27/01/1985. Da. Laudelina Trocando autógrafos com Dom Helder, antes da celebração da missa.

Da direita para esquerda. Dom Relder, Da. Laudelina, Maria Aparecida (Integrante da Associação - Campinas), Matilde (Secretária da Associação - Campinas); Lindalva (Integrante da Associação - SP)

Foto 53

Da. Laudelina c/ Dom Helder - Olinda/1985

V Congresso em Olinda

Foto nº 54

V Congresso Nacional das Empregadas Domésticas do Brasil - Olinda-PE - 24 e 21/01/1985.

Da. Laudelina c\ as militantes na sala debates.

Da esquerda para direita: Da. Laudelina, Olinda (Advogada-AL), militantes de Campinas, Lizi Roy, militante de Alagoas, Advogada/Maceió.

Foto nº 55

VI - Congresso da Empregada Doméstica de 19 a 22 de Janeiro de 1989.

Da. Laudelina discursa em praça pública.

Foto nº 56

VI Congresso das trabalhadoras Domésticas - Foi realizado no salão de debate, no Seminário de Padres - Hortolândia. Contou com a presença de 1.200 pessoas.

Foto 58

VI Congresso das trabalhadoras Domésticas - Campinas/Da. Benedita da Silva (Vereadora), foi convidada para participar do Seminário. Quando deputada foi a política que mais lutou pelo enquadramento de classe; sofrendo inclusive pressões diversas para parte da patroas.

Da esquerda para direita: Da. Laudelina, Da. Benedita da Silva (deputada), militante do Rio Grande do Sul, militante do Piauí.

Foto nº 57

VI Congresso das trab. Domest. - Campinas

Da. Laudelina na abertura do Seminário. História da Fundação da Associação, e posteriormente as pressões sofridas na profissão.

Foto nº 59

Sindicato da Associação das Empregadas Domesticas-Campinas - Aniversário da Da. Laudelina - out..89.

Da esquerda para direita: Maria Helena, Secretária da Assoc. de São Paulo, Da. Laudelina, Luisa (Vice-Presidente-Sindicato-Campinas), Dalvina (Diretora), ex-Advogado do Sindicato, visitante.

Foto nº 60

Aniversário Da. Laudelina-Out/89.

Da. Laudelina recebendo o presente de aniversário, enviado pela amiga e companheira Dulce de Aguiar (Presidente do Sindicato das Empregadas Domesticas Piracicaba).

Foto nº 61

Aniversário Da. Laudelina - out./89

Da. Belmira foi: uma grande amiga de Da. Laudelina; que a ajudou principalmente quando adoeceu na quermesse da semana folclórica.

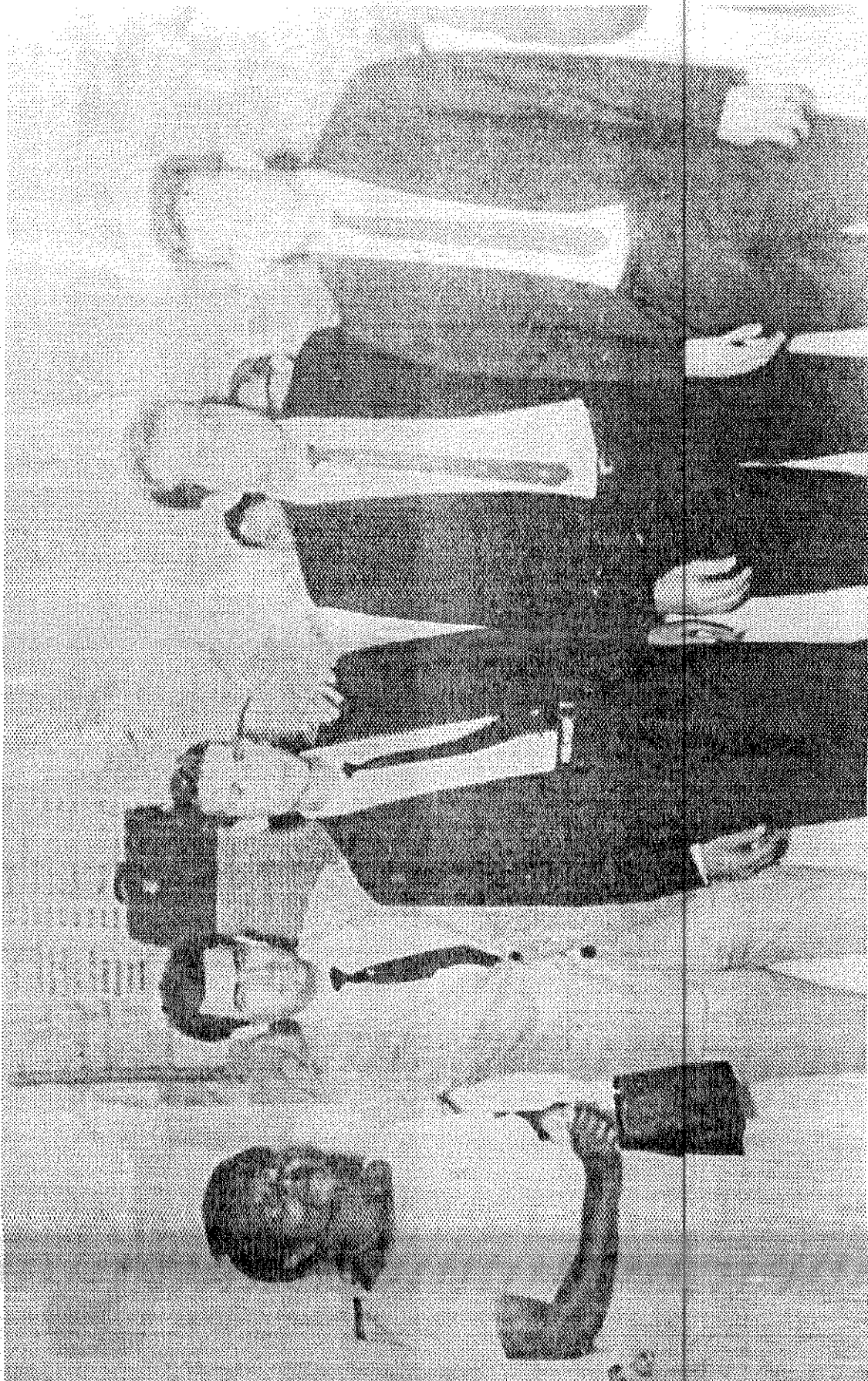
Da esquerda para direita: convidada, Regina (Irmã da tesoureira), Da. Laudelina, Da. Belmira

Foto nº 62

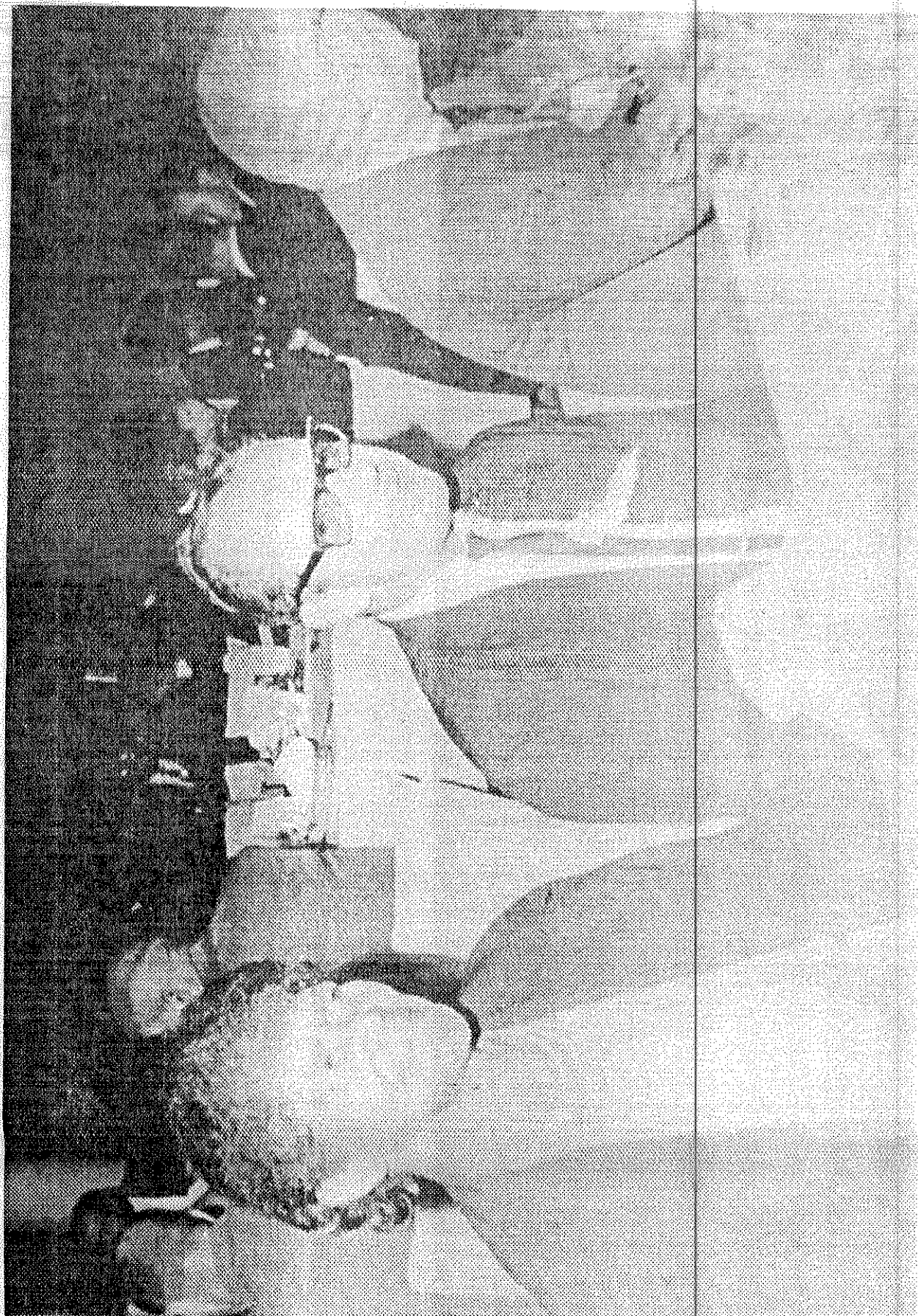
Aniversário Da. Laudelina-out\89

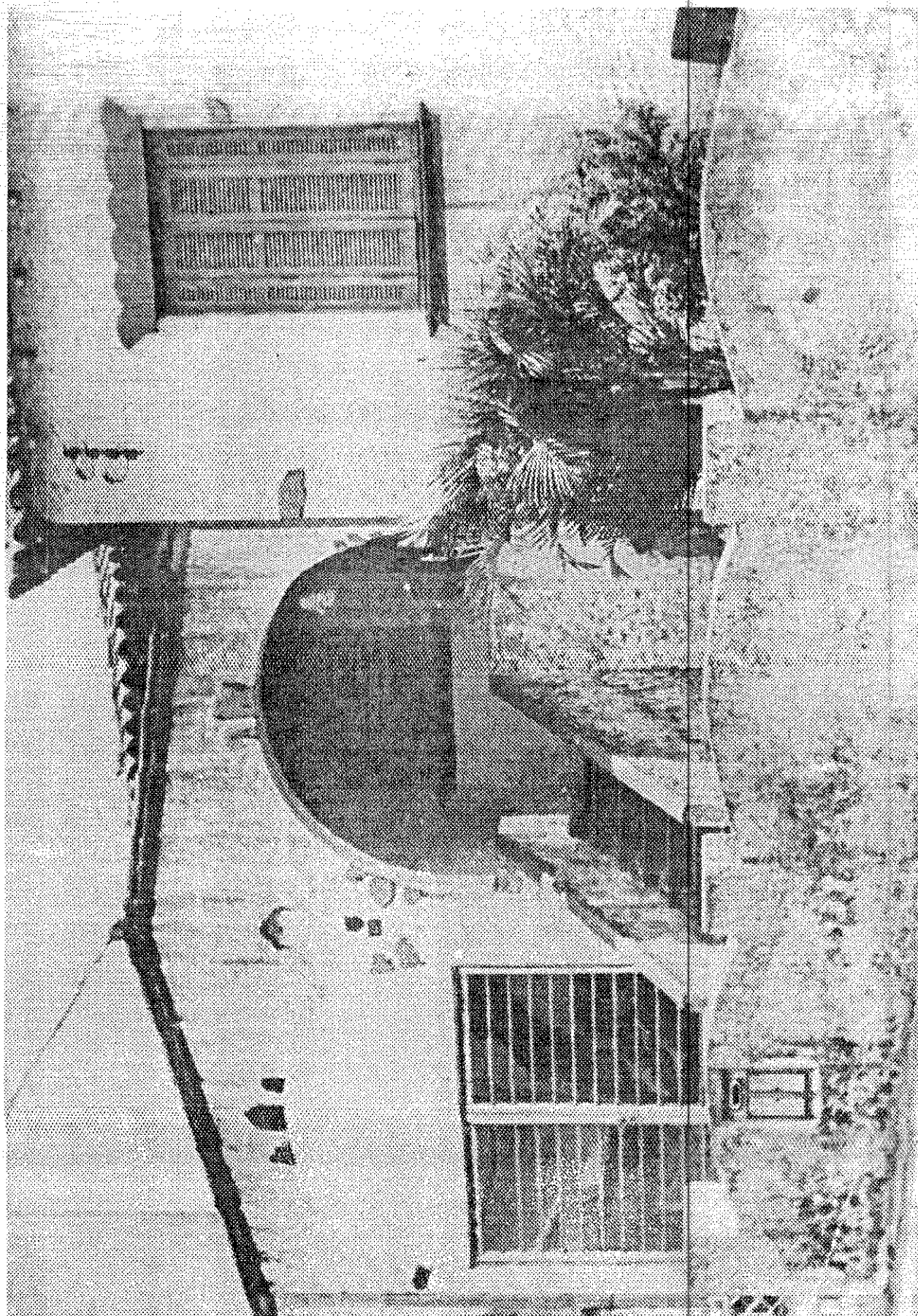
A diretoria do Sindicato de Associação das Empregadas Domestica.

Da esquerda para direita (em pé); Tereza, Regina, Maria, Francisca, Da. Belmira), Irmã da Luisa (...) Marqueza com bebê colo (2º Presidente da Associação), Dalvina, Luisa, não se recordou, Encarnação, Terezinha, irmã da Luisa, Mª Helena, Terezinha (sentadas); Dª Laudelina, Dª Belmira.



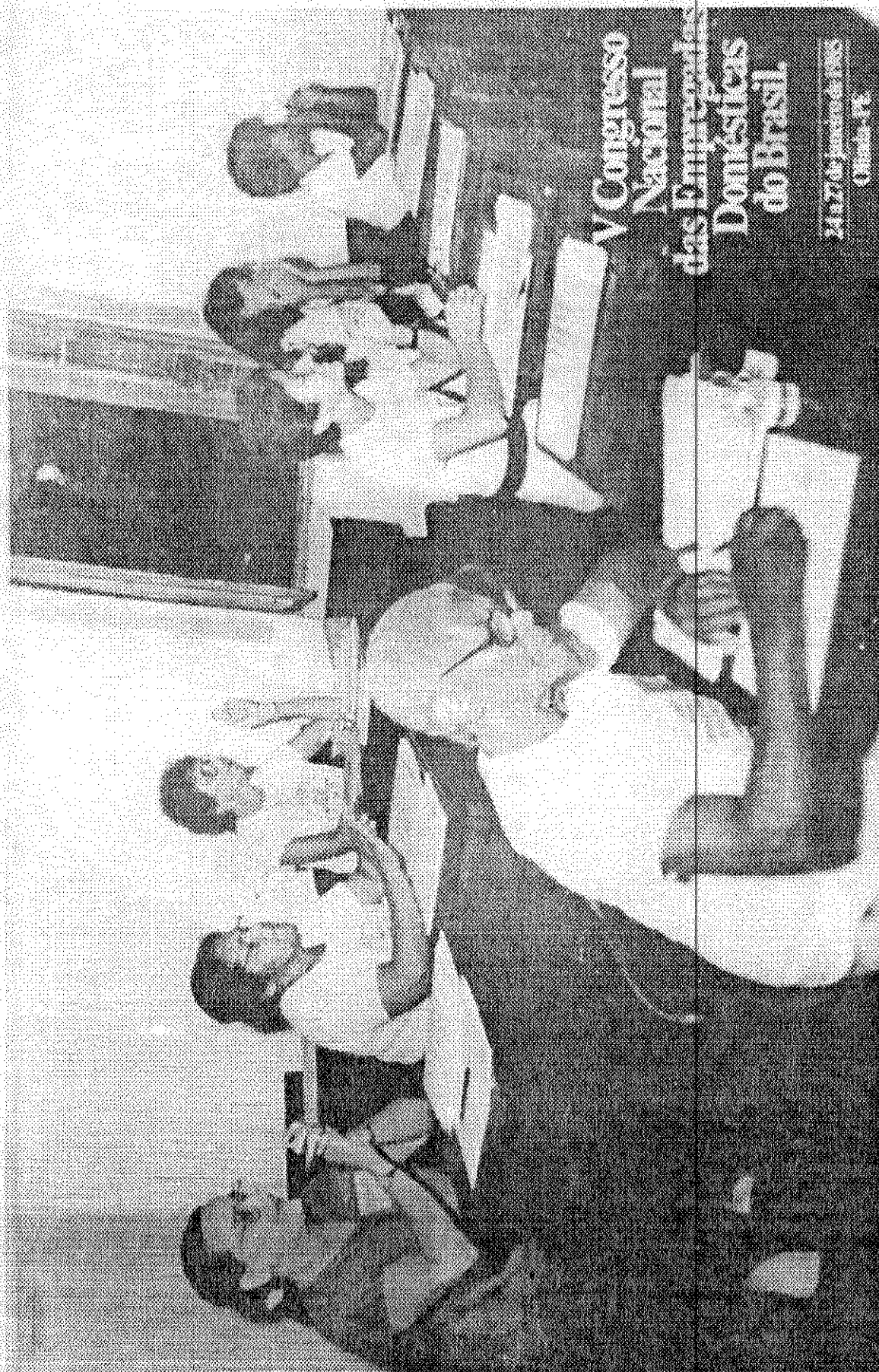






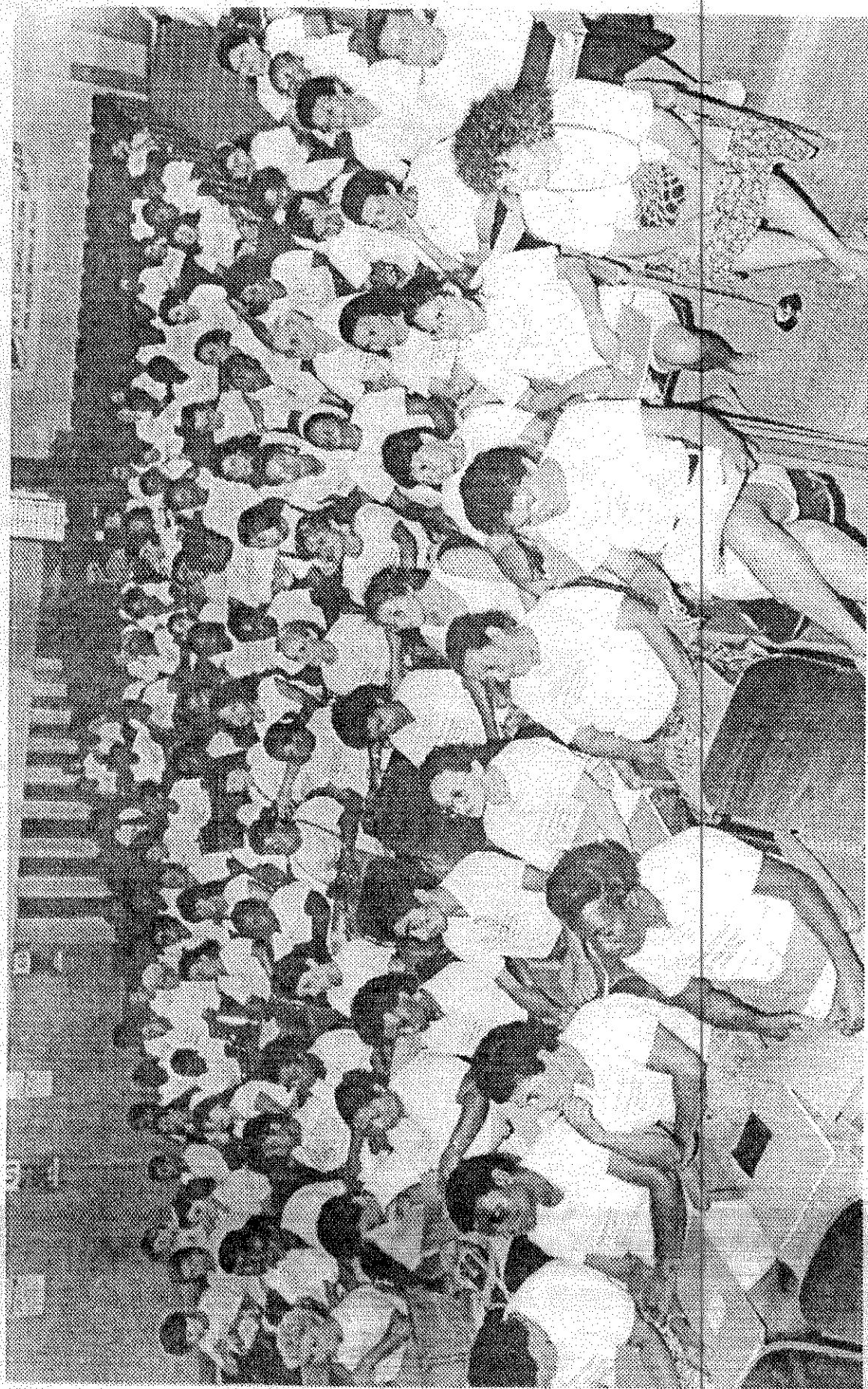


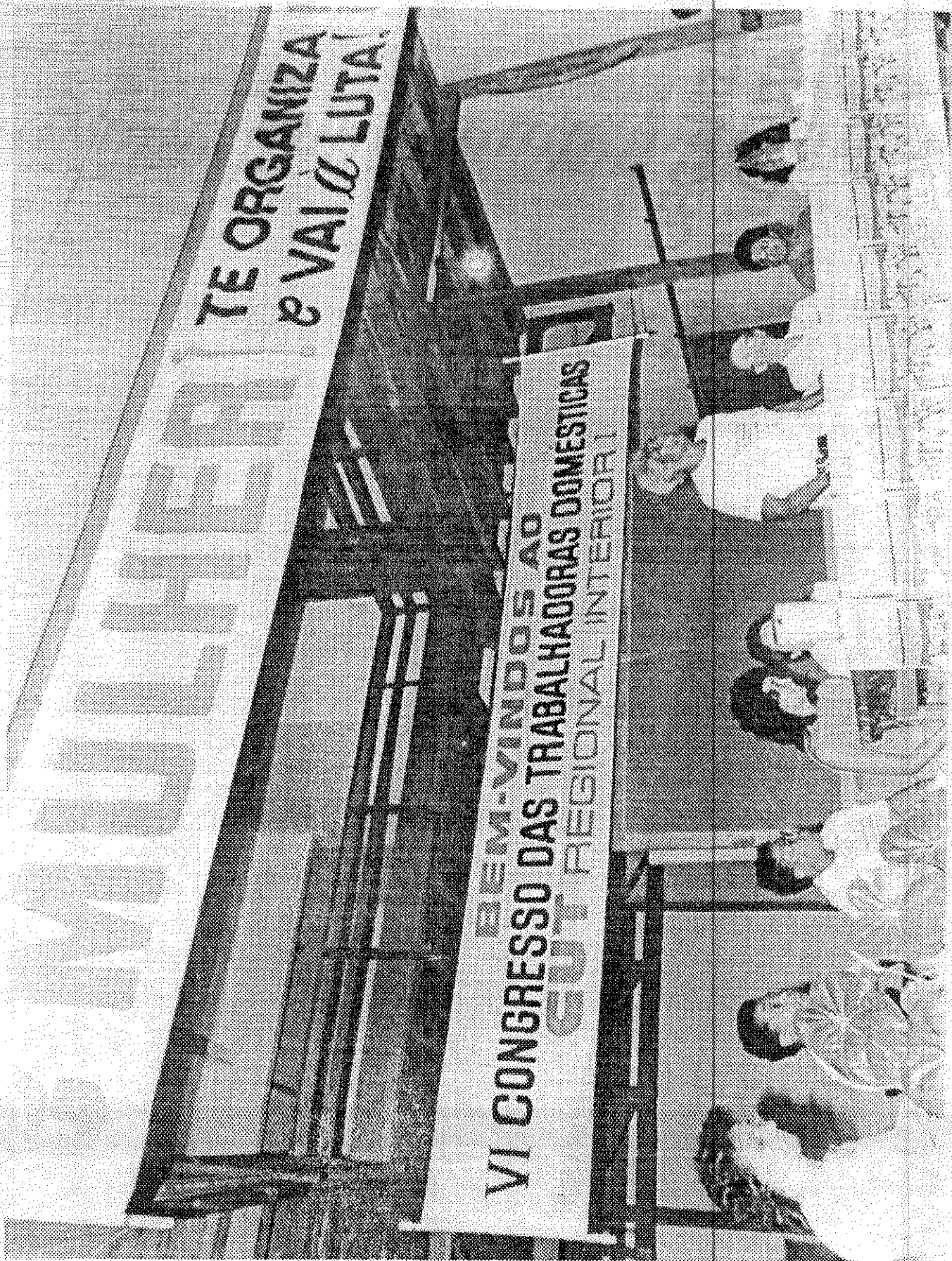


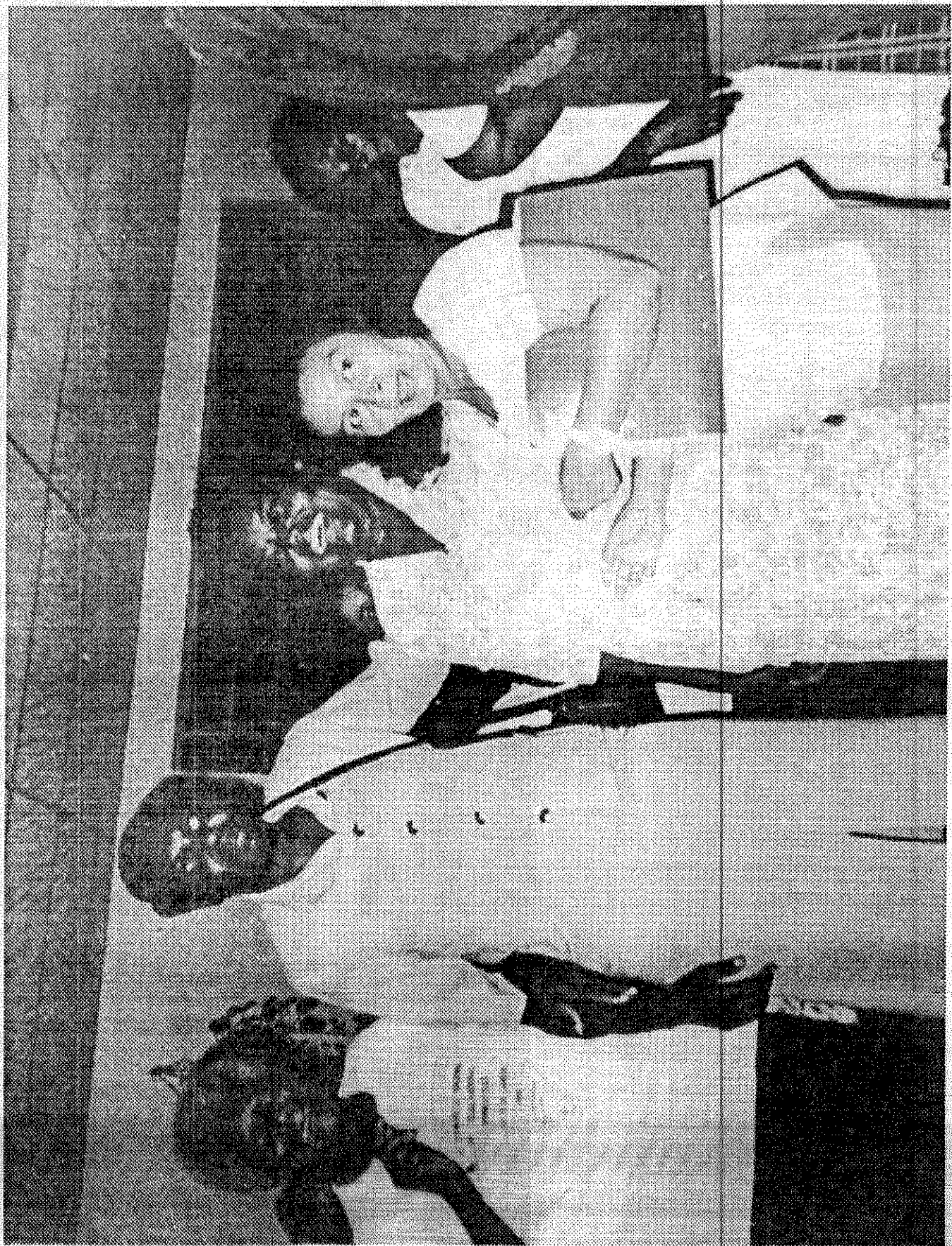


V Congresso
Nacional
das Empreendedoras
Domésticas
do Brasil.

24 a 27 de janeiro de 1985
Olimpia - SP















FOTOS (MISCELANEA)

Essas fotos congregam outros aspectos da participação cultural, política e social de Dã. Laudelina que estrapolam os espaços de lutas coletivas eleitos para serem discutidos nesta dissertação, ou seja, Movimento Negro e Associação das Empregadas Domésticas. Essas fotos se referem a participação mais ampla de Dã. Laudelina na sociedade local, ainda que, de forma direta ou indireta isso tivesse uma ligação com a Associação das Empregadas Domésticas ou com o Movimento Negro.

A foto nº 63 foi produzida em 1.960, na ocasião que Dã. Leonor Mendes de Barros esteve em Campinas, para a campanha do Hospital Alvaro Ribeiro.

A foto nº 64, mostra a participação de Dã. Laudelina e da Associação das Empregadas Domésticas na Semana do Folclore promovida pela Secretaria de Cultura, da Prefeitura Municipal de Campinas. A Associação participou por vários anos consecutivos, e o relato e documentos mostraram, que parte dos lucros foram revertidos em benefícios das obras do Clube Recreativo Cultural de Campinas.

A foto nº 65, mostra a relação que Dã. Laudelina tinha com outros grupos, em específico, com o grupo católico, pertencente a paróquia Santo Antonio, o qual resolveram, naquele momento, lhe fazer uma festa surpresa, no salão social da paróquia, para comemorarem, acredito, seus oitenta anos. Esse

salão paroquial também era utilizado em algumas ocasiões pela Associação das Empregadas Domésticas conforme demonstra um documento que segue no anexo III.

A foto nº 66, foi tirada no dia em que Dã. Laudelina concluiu o curso de Voluntários, promovido pelo Departamento do Bem-Estar Social da Prefeitura Municipal de Campinas.

O curso tinha como objetivo, segundo a reportagem do jornal: "o erguimento social das populações de nossos bairros num trabalho que visa, sobretudo, a libertar o homem de uma vida à ajuda da comiseração pública, dando-lhes condições, em virtude de uma especialização de profissão, de um aperfeiçoamento de suas habilidades, para manter uma vida condigna aos padrões de humanidade" (anexo IV). Na reportagem do jornal encontra-se uma foto semelhante a foto nº 66.

Logo após esse curso Dã. Laudelina muda-se para vila Castelo Branco onde começa a por em prática tais ensinamentos.

A foto nº 67 mostra Dã. Laudelina na participação de um Bazar Beneficiente, que visava as compras de presentes de natal para crianças pobres.

As fotos nº 68 e 69 mostram novamente Dã. Laudelina no mundo dos homens, a foto nº 68 se refere a uma

homenagem que fora feita ao Monsenhor de Santana pelos muitos trabalhos que ele realizou na cidade, inclusive por ter lutado publicamente pelos direitos das empregadas domésticas e também por haver ajudado na fundação da Associação da categoria.

A foto nº 69, não se sabe a qual evento se refere, mas em ambas é notada a presença do jornalista Braúlio Mendes Nogueira - amigo de Dã. Laudelina que a ajudou na organização de muitos eventos.

A foto nº 70 mostra Dã. Laudelina já com 83 anos, em um evento, promovido pelas mulheres da vila Castelo Branco com a finalidade de comemorar a semana da mulher.

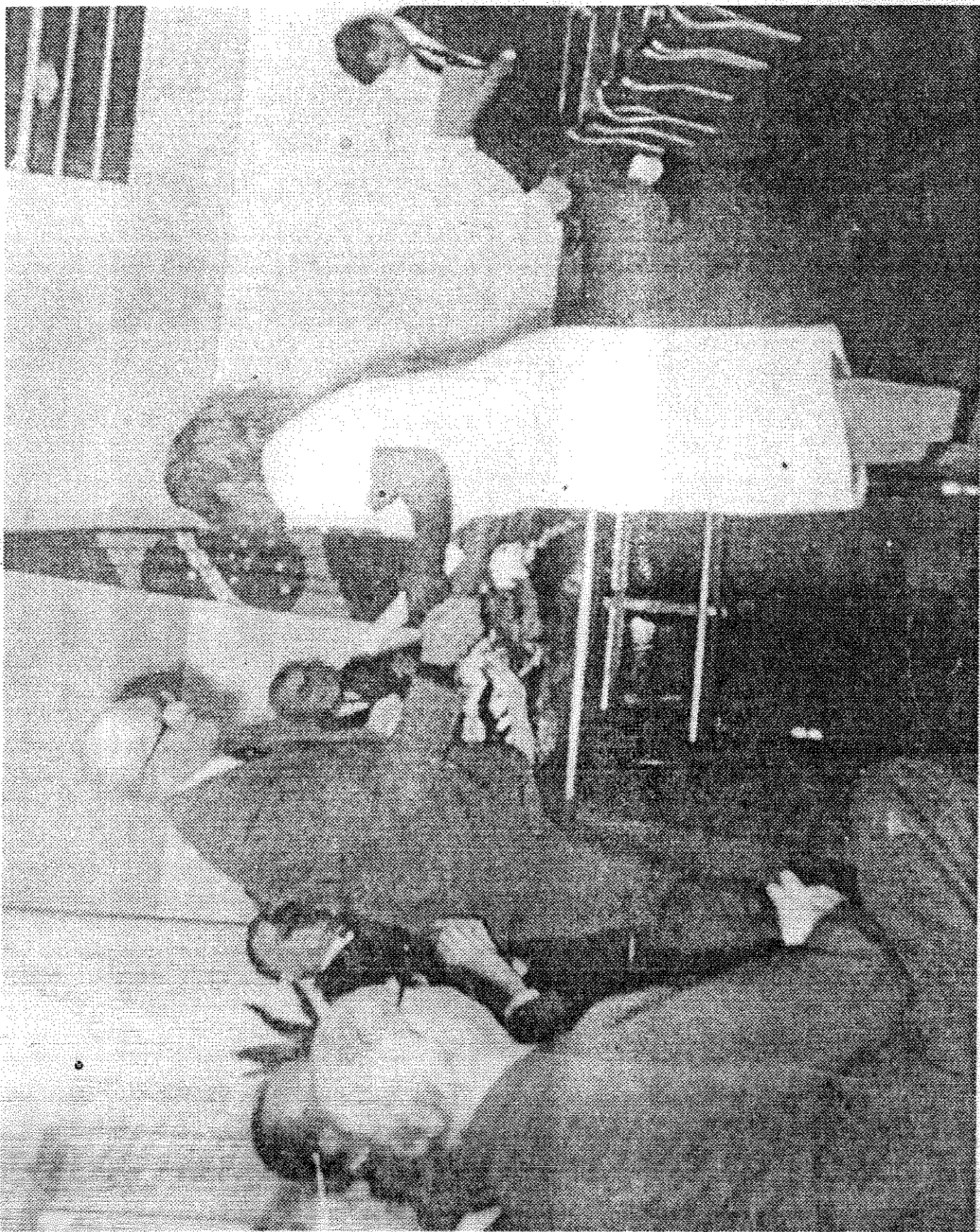
Das 11 fotos que foram separadas, apenas 8 (oito) estão sendo incorporadas neste trabalho.

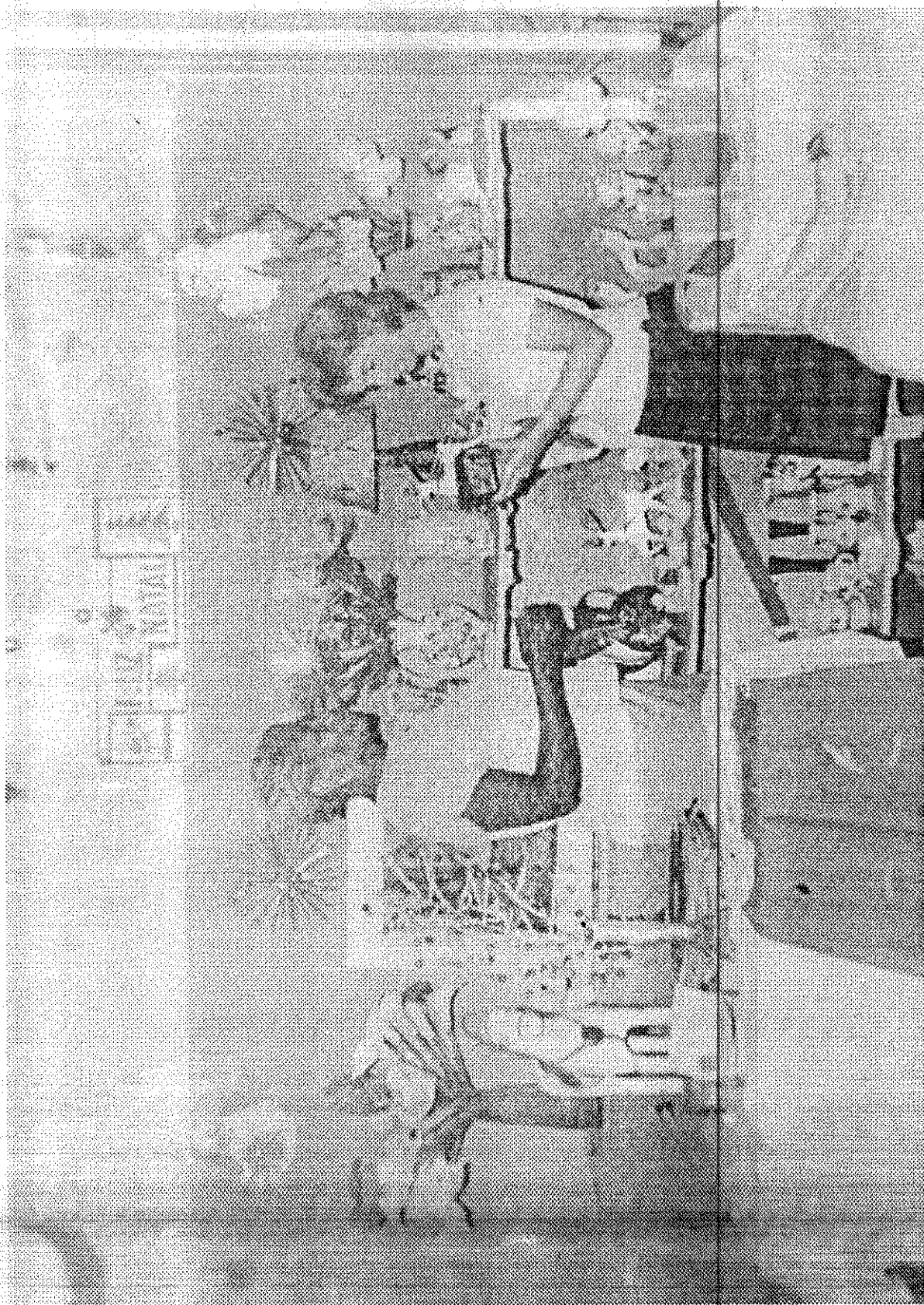


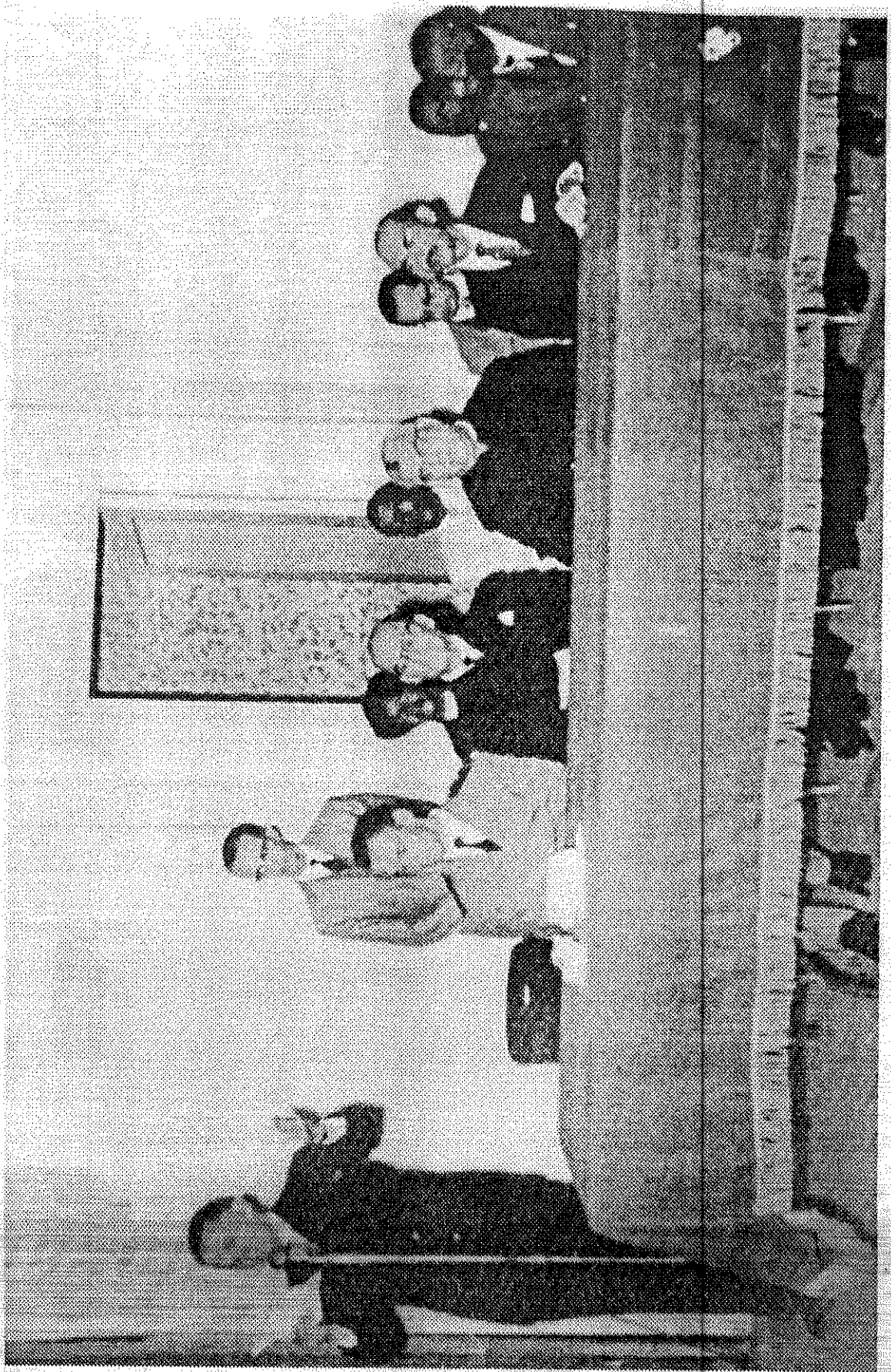


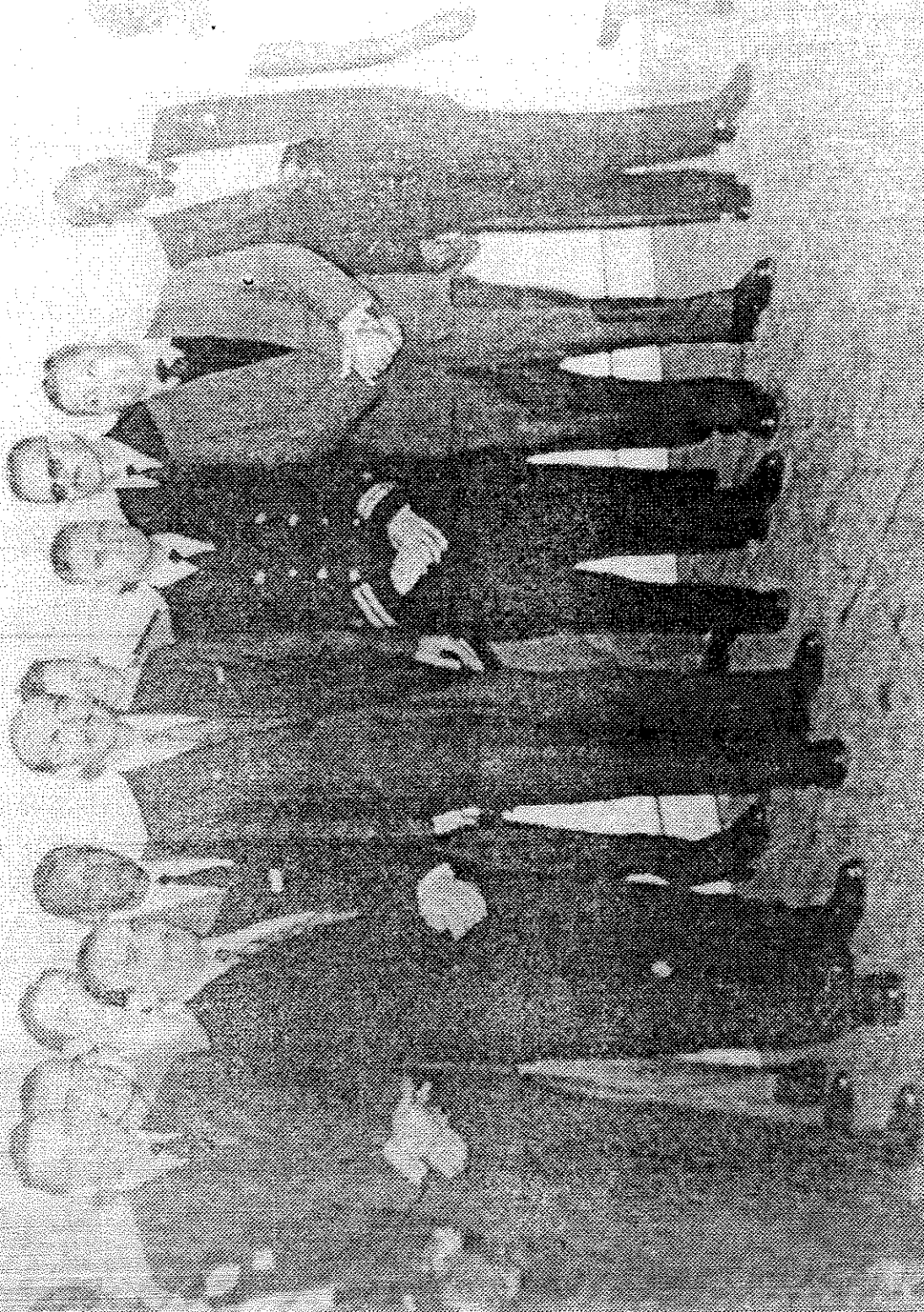
64

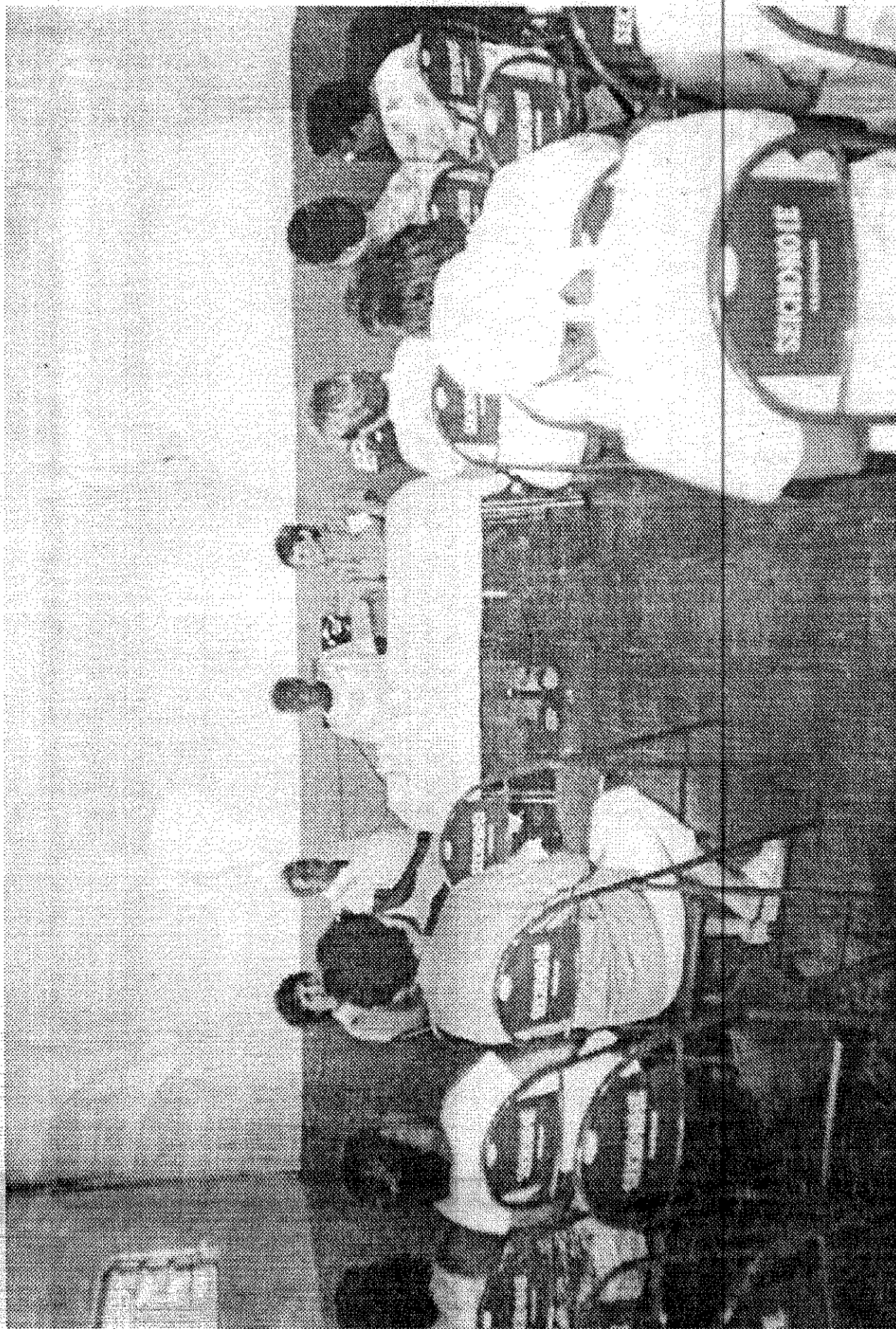












APENDICE II

LAUDELINA POR ELA MESMA

I - D ^ã . Laudelina de Campos Mello	
no período de 1.904 à 1.924	2
II - D ^ã . Laudelina de Campos Mello	
no período de 1.924 à 1.926	10
III - D ^ã . Laudelina de Campos Mello	
no período de 1.944 à 1.964	20
IV - D ^ã . Laudelina de Campos Mello	
após o período de 1.964	48

I

OS PRIMEIROS VINTE ANOS DE DA- LAUDELINA

"Nasci em Poços de Caldas, Sul de Minas, em 12 de outubro de 1.904. Filha de pais descendentes de escravos: Marcos Aurélio de Campos e Sidônia ... Minha infância foi de menina pobre ... A minha mãe foi dada. Minha avó deu a minha mãe p'ra irmã da Sinhá dela, a Sinhá dela era Fermina Junqueira. E a minha mãe foi doada para Augustinha Junqueira Cobra que, era, o sobrenome do marido dela. Então, ... esta sinhá que minha mãe foi criada com ela, teve uma filha só e nasceu aleijada: era aleijada, era surda, não andava, só vivia em uma cadeira de roda. Então a minha mãe foi dada, p'ra esta sinhá que era p'ra pajear a menina moça dos patrões, então minha mãe carregava ela p'ra dar banho, dava comida na boca. Na hora que ela tinha acesso ela jogava prato vazio na minha mãe tudo, minha mãe não podia falar nada tinha que ficar quieta aceitar, agradar.

A minha mãe aprendeu a ler assim, acompanhando a sinhá moça na escola..."

Depois a minha mãe quando estava com 19, 20 anos casou, casou com um dos empregados dele, lá mesmo. A minha mãe casou aí, foi cuidar da casa dela, cuidar da família dela, mas tinha por obrigação um dia sim um dia não, cuidar da sinházinha dar banho, fazer doce que, ela gostava de fios de ovos, ... então, a minha mãe ia fazer, ia pentear, ia fazer as tranças, a mãe não fazia nada, (ela) não aceitava a mãe, não podia ver nem na frente dela né!

Aí passa tempo, minha mãe já era casada, mãe de filho tudo, já tinha três filhos, eu que era a mais velha ... Aí, um certo dia, lá que ela estava com os nervos, a minha chegou p'ra cuidar dela ..., ela começou a esbofetear a minha mãe na

cara, aí minha mãe ficou revoltada ... e disse: "eu não sou escrava eu não vou aguentar mais isso e vou embora."

Aí, a sinhá mandou buscar a minha mãe, mandou um português que era capacho dela lá, que era chacareiro, jardineiro fazia limpeza e tudo. Foi buscar a minha mãe com o rabo de tatu, aí minha mãe foi, chegou no meio do caminho, a minha mãe (disse) quer saber de uma coisa eu não vou é nada, eu vou voltar porque eu não tenho que dar satisfação p'ra esta gente eu não sou escrava. ... Aí ele (o Português) começou a chicotear a minha mãe no caminho.

... Avancei no pescoço dele, quase matei ele, eu tinha 12 anos nesta época, avancei no português pela garganta ..., agarrei na garganta dele se não me separassem dele eu teria matado de tanto ódio que eu fiquei.

Desde desta época, minha mãe não foi mais, a gente fazia pressão também meu pai, meus irmãos, p'ra minha mãe não ir. Minha mãe não foi mais.

A sinhá velha, mãe da sinhá moça criou aquele ódio porque a minha mãe não ia cuidar da filhinha dela e começou a fazer pressão contra a minha mãe, ..., o avô da sinhá moça tinha dado a casa p'ra minha avó, e minha avó passou p'ra nós, p'ra minha mãe. Era uma casa que tinha 12 cômodos, era um colosso, era uma enorme casa, a cozinha era quase uma quadra, aquelas cozinhas de chão batido né ...! Era no centro ... (esquina) com a rua Paraná, ali perto do mercado onde passava aquele canal. Nasci ali.

Então, ela (a sinhá) tirou a casa da minha mãe. Eu tinha uma tia que trabalhava em São Paulo também numa dessas famílias quatrocentonas. Quando ela tirava férias ela ia para Poços de Caldas (e) minha tia chegou, nesta ocasião, que a Sinhá Augustinha estava tirando a casa da minha mãe.

A tia disse:

- Não, não vai tirar não, isto aqui é de vocês, isto é nosso, foi nossos avós que deixaram p'ra nós, ela não vai tirar.

Aí minha tia voltou p'ra São Paulo e contou e eles entraram na justiça e fizeram devolver a casa p'ra nós que a velha tinha tirado, ... quem doou foi a avó dela. Aí voltou, a minha mãe recebeu de novo a casa.

O meu pai cortava madeira no Paraná, pinho que era para exportar p'ra França, mas como naquela época não havia transporte eles cortava a madeira e punha na jangada e (era) a

correnteza que levava, pro lugar que (ia) ser transportada. Eles iam pro Paraná e ficavam 1 mês, 2 meses, o tempo que fosse preciso para cortar a madeira.

Quando foi nesta época que eles foram cortar, estavam cortando um pinheiro muito alto. ... E eles estavam cortando a árvore com o machado e meu pai está ali eles estavam batendo aqui né, (em) vez de cair pro lado que eles estavam cortando, caiu p'ra lá, do lado do meu pai, caiu em cima do meu pai esmagou.

Meu pai morreu, enterraram ele lá mesmo (porque esbagaçou o corpo) no Paraná e voltaram, ..., aí meu pai não voltou. A minha mãe queria saber porque ele não voltou, (e) meus tios p'ra não contar p'ra minha mãe logo de primeira vista, disseram que (ele) tinha ficado p'ra comandar o grupo que ficou lá. Na outra vez que eles voltaram aí que eles contaram, e já era a 2ª viagem que eles faziam. Então eles contaram que meu pai morreu. Nesta época eu estava com 12 anos e pouco, quase 13 anos. Minha mãe foi trabalhar no Grande Hotel, na lavanderia (e) eu fiquei em casa p'ra tomar conta da casa e olhar tudo.

Eu tinha uma tia que trabalhava num hotel de Poços de Caldas, numa pensão, ela estava fritando um porco inteiro, ..., ela escorou com um pedaço de madeira o tacho, queimou a madeira e, quando ela chegou perto do fogão para mexer, o tacho virou contra ela ... ela ficou dois anos na cama queimada, viva só de uma parte, a outra parte estava morta. ... Na época em que ela foi queimada ela estava de dieta, ela tinha tido meu primo. Aí meu primo ficou pequeno, não tinha ainda um ano, minha mãe conseguiu uma amiga que tinha filho pequeno, da mesma idade dele, e levava todo dia ele quatro vezes no dia p'ra mamar nessa senhora, que amamentou ele até idade de seis anos.

Então meu primo me chamava de mãe Lina, era assim que ele me chamava, porque eu é que acabei de criar ele. A mãe tava trabalhando e eu que acabei de criá.

Fiz até o terceiro ano do grupo escolar David Campestre. ... Uma vez eu ia indo à escola, porque a minha professora foi minha madrinha de crisma, e vinha voltando da escola, o filho do Juiz morava um pouco retirado da onde a gente morava, porque a gente morava no centro da cidade. Os filhos do juiz então estavam brincando na calçada tinha um monte de pedra e começavam a jogar pedra na gente, eu passei a mão num punhado de pedra larguei na vidraça, arriou uma vidraça inteira da porta da frente. O juiz mandou prender a minha mãe, chegou a policia lá p'ra prender a minha mãe eu disse;

- Não, quem vai presa sou eu, porque fui eu quem quebrei, não foi a minha mãe não.

O soldado:

- Você não pode ir porque você é criança.

- Não, eu vou sim.

... Aí chegou lá no tal juiz, ele começou a maltratar a minha mãe, aí eu pulei na frente. A minha mãe:

- Cala boca.

Eu:

- Cala boca nada.

O Juiz:

- Esta negrinha é atrevida não?

A minha mãe:

- Ah! seu Doutor ela é assim mesmo.

Falei tudo que eu tinha que falar. É porque seu filho é branco a gente é obrigado a aguentar, eles chamavam a gente de macaco, lava buteco, saci. Era todos eles, os branquinhos, lá chamavam a gente de saci-pererê.

Aí conversaram lá (e) o Juiz resolveu deixar por isso mesmo. Eu disse: se prender a minha mãe eu quebro outra vez o vidro.

Aí o Juiz falou:

- Você precisa dar uma carraspana nesta negrinha, a gente não tinha nome era negra, negrinha.

- Aí a minha mãe: Sim senhor (riu). Vamos p'ra casa, vamos.

Tinha uma menina que, era filha, de uns portugueses, que era dono de um hotel, na mesma rua que a gente morava e ela estava na escola também comigo. Ela se enfeitava, branca rica né, então a gente brigava, brigava lá dentro na hora do recreio, (e) a professora punha a gente de castigo, (mas) quando saía na rua eu batia nela outra vez. Então levou isto um tempo sem parar, eu batia nela ela chegava em casa contava p'ra mãe, a mãe dela ia na minha casa a minha mãe me batia, no outro dia eu batia nela.

Então vamos fazer a primeira comunhão ela também, em todo lugar ela estava junto, aí fizemos a primeira comunhão de

manhã, teve a missa, teve a comunhão, depois dava chocolate, a gente ganhava um cartucho de biscoito doce a gente ia p'ra casa.

Dai p'ra chegar em casa tinha um lugar, um corguinho, tinha uma pinguela que a gente tinha que passar aquela água tinha pegado aquele bolor verde quando chegou bem no meio ela vinha vindo na frente com as outras e tal, ... eu vinha atrás com uma turminha, quando eu vi que ela ia chegando, pondo o pé na pinguela, quando ela chegou no meio eu empurrei, ela caiu la embaixo, barreou toda esta parte dela aqui, ela estava com um vestido de "laise" caríssimo, sapato branco. (Naquele tempo quem usava sapato branco ou sapato preto com pulseirinha e com meia, era só filha de sinhá, negro não tinha direito a usar).

Elameou toda a cabeça, precisou dois homens entrarem p'ra tirar ela da lama, ela chegou em casa (aos) berros. A minha mãe soube, me deu uma surra daquelas. Eu não fui na procissão mas ela também não foi, porque sujou o vestido ela não queria outro vestido. Ela queria aquele, que ela vestiu de manhã p'ra fazer a primeira comunhão.

A mãe dela foi na minha casa e disse:

- Quer saber de uma coisa, vamos fazer estas duas, deixar de brigar, porque um dia a sua filha mata a minha filha, porque a sua filha é mais velha tem mais força.

Fizeram a gente dar a mão e fazer as pazes, foi horrível. Não fiz nada, tudo bem, ficou assim, elas estavam pensando; ... não bati mais, acabou. Mas não que eu passei a gostar dela, porque a gente guarda aquilo, aquela mágoa dentro da gente não sai nunca.

Minha mãe era muito mole, não tem nem metade, (da força de vontade de meu espírito de luta). A minha irmã estudou no colégio de freiras, onde a minha mãe estudou com a filha da sinhá, minha irmã estudou neste colégio mas foi uma barra, pois (o colégio) não aceitava negros. Ela conseguiu por intermédio do compadre que ela tinha, todos nós fomos batizados, o que não foi batizado foi crismado por branco. Naquela época era tudo compadre branco. Então ela tinha um compadre que era dono de um grande hotel, Hotel Lealdade - Reinaldo Amarante.

Era aquele velho costume, da gente estar tomando a bênção do branco, de estar subordinado ao branco.

Este doutor Reinaldo era fundador deste colégio então (foi) ele que conseguiu, daí então aquela coisa, aquele luxo que tinha no colégio, tinha que seguir, tinha que acompanhar às riscas no uniforme.

Neste meio tempo, a casa da minha mãe era uma chácara, tinha de tudo, naquele quintal plantava de tudo, plantava milho verde, plantava amendoim, tinha parreira, tinha figueira, tinha marmelo. Minha mãe fazia doce p'ra vender de marmelo.

Eu que subia no pé p'ra apanhar os pêssegos, quando era p'ra cortar, p'ra cobrir pro passarinho não comer, era eu que fazia a cobertura, eu que apanhava o figo, eu que apanhava o marmelo, ou que mexia o tacho de doce.

Os doces vendiam, mas as verduras não. De manhã a minha mãe pegava uma cesta daquelas de taquara ponhava couve, ponhava chicória, ponhava almeirão, pimenta, cheiro verde, tudo aquilo tinha naquela cesta, que eu ia nas casas das pessoas vizinhas p'ra distribuir.

Minha mãe fazia queijo, naquela época não existia geladeira, né, (e) o Dono da usina era padrinho do meu irmão. Então quando era meio dia, o leite que sobrava na usina (porque era ele que vendia o leite p'ra cidade), a minha mãe mandava o caldeirão. A gente levava o leite ela fazia, um ou, dois queijo por dia, ela fazia coalhada, fazia pão tudo com aquele leite.

Tinha um italiano vizinho da minha mãe que era compadre da minha mãe, minha mãe batizava os filhos deles e eles batizava nossos irmãos. Tinha hora que a gente chamava eles de compadre Tomas e comadre Santa, a mulher dele era comadre também nossa. Então ela fazia polenta de cortar com o barbante, ela cortava a polenta um pedaço de queijo e já fazia o prato, ela ia na cerca: - Comadre manda as crianças aqui, a gente deixava de comer a comida da gente para comer a comida dela, a polenta com "raditiche", o almeirão.

A gente comia polenta com "raditiche" da comadre Santa, com molho de tomate e, a nossa comida, a gente levava p'ra eles que comiam a comida que a minha mãe fazia, feijão com pé de porco.

A minha mãe fazia pão com leite e manteiga enchia um saco, guardava na dispensa, daí ia tirando, durava uma semana, duas semana, então trocava, a comadre Assunta mandava os pães dela e a gente levava o da gente, e era assim, toda aquela vizinhança e os mais velhos eram nossos avós - Vó Maria, Vó Chiquinha.

Depois a minha mãe vendeu a casa, dividiu tudo (e) nós fomos morar perto da Fonte dos Amores, na Rua do Piauí, naquela rua que sobe p'ra Fonte do Amor. Fomos morar lá (porque) (ela) vendeu p'ra dividir as partes.

Havia (sempre) caravana para Poços de Caldas e as pessoas iam p'ra Fonte dos Amores, eles passavam na porta da minha casa, então a gente estava sempre lá. Nós íamos aos domingos, a gente ia p'ra lá. Ficava lá quase o dia todo com as pessoas mesmo sem conhecer.

"Depois minha mãe já foi ficando cansada de trabalhar na lavanderia e voltou p'ra casa. Eu já estava com 16, 17 anos".

Então fui pajem do dr. Valter Moreira Sales, que era dono da Casa Bancária de Poços de Caldas. Fui pajem da família Carvalho e passei a ser pajem do Mário Mourão, que era médico, (e) mandava na cidade, foi prefeito, foi tudo na cidade.

A minha mãe dizia p'ra mim que eu deveria ter nascido homem, porque já nasci com aquela garra, com aquela coisa que tudo p'ra mim eu não deixava passar, eu queria enfrentar.

Mas ela era muito reservada, era sim não falava nada de sexo, nada de namoro. Naquela época, era muito difícil falar sobre isso. Aliás, até os casamentos era premeditados pelos pais, pelos parentes, era assim, não era a gente que escolhia, era os velhos que escolhiam.

O meu foi eu que escolhi, porque eu já estava numa outra época. Agora minha mãe não.

Meu irmão me levava nas festas, nos bailes era acompanhada por ele e as outras meninas com avós, com mães. Crescemos ali assim, naquele ambiente rígido, porque as mães eram muito bravas.

Nos meus dezesseis anos, nós entre grupo de moços lá de minha terra, nós fundamos um grupo chamado Treze de Maio (e) eu fui logo indicada a Presidente do Grupo.

Esse grupo foi fundado por vários moços e moças, nós éramos vizinhos (e) todos negros. Era mais bailes e festas. Agora sobre a raça a gente não tinha naquela época muito (como discutir): era um grupo (formado) por causa do isolamento dos brancos. Não questionávamos nada até aquela data. Depois que fui p'ra Santos que eu comecei. Ai, entrei na política e comecei a discutir, pois o próprio partido começou (a fazer pressão) p'ra que a gente lutasse pela raça.

Cheguei aos vinte anos também trabalhando.

Quando eu fiz vinte anos, conheci um rapaz que foi trabalhar, na construção do Quissigana Hotel, cujo hotel era de propriedade de J. K. (Juscelino Kubistchek) ele era pedreiro mas,

meus irmãos, minha mãe, foi contra o namoro porque era rapaz de cidade grande e naqueles tempos era considerada pessoa não grata, almofadinha. Eles não conheciam a família do rapaz, então eu fui proibida de namorar. Durante a construção do Hotel Quissigana a gente namorava escondido.

Depois terminou a construção, ele veio embora para Santos. Neste meio tempo, eu já estava com 22 anos, estava trabalhando com a família do J.K. que residia em Poços de Caldas e a mãe do J.K. me trouxe para São Paulo em companhia de um outra irmã dela ...

Aí termina a parte da mocidade."

II

DA LAUDELINA DE CAMPOS MELLO NO PERÍODO DE 1.924 A 1.944.

"... Então combinamos o casamento. Casamos depois da Revolução de 1.924.

De São Paulo eu fui para Santos com uma família Italiana Kasamone ... A minha relação com eles era mais ou menos meio escravocrata mesmo, eu era copeira. Eles eram donos do curtume Kasamone. Era eles que curtiam o couro para vender. Fiquei trabalhando para eles de 1.922 até 1.924.

Quando eu cheguei em Santos, eu encontrei novamente o meu namorado, começamos de novo o namoro. Minha patroa comunicou a minha mãe e meus irmãos que eu estava namorando ela não sabia o que fazer porque eu estava longe deles.

A minha mãe foi para Santos resolver o caso, chegou e conversou com os pais dele, ele era órfão de mãe, tinha madrasta, que acabou de criar a ele e os irmãos, então combinaram o casamento, casamos depois da Revolução de 1.924 e (eu) sai (do emprego)...

Em 1.925 nasceu meu filho. Depois eu fui trabalhar com a Rainha da Beleza em Santos mesmo, ela era muito bonita e boa para mim, era casada com um Doutor de família tradicional, mas ela não colocava banca em mim.

Meu marido (se) chama Henrique Geremias Campos. Ele também gostava muito de ir nos bailes. (Meu marido) era muito bonito, (ele) tinha um chapéu de Chile, é aquele produto que solta aquela palha preta. Era caríssimo.

Nós (íamos) aos bailes e sempre ganhando concursos, com ele, ganhei concurso de valsa, de tango.

Nós éramos diretores do Saudades de Campinas eu era oradora oficial e vice-presidente. O meu marido era o secretário. O presidente era um campineiro que morava lá chamado Paulo de Oliveira. (Associação foi fundada) de 1.924 para 1.925, foi logo que terminou a revolução. Fazíamos excursões para Campinas e outras cidades, eles (os homens) jogavam futebol e eu ia ver o jogo.

Fomos p'ra cidades (do) litoral também. Eu viajei muito com ele.

Nesta época, eu participava só desta Associação, que era só lazer e cultura e tinha um espaço mais negro, naquela época eles (os brancos) eram muito racistas e não queriam se misturar. (Nós) fazíamos promoções, cada festival tinha seis grupos, o azul e o branco. Cada promoção era um grupo que fazia, eu era do grupo amarelo, grupo da "sempre viva".

A gente fazia festas, fazia bailes, fazia política, fazia excursão, tinha promoção de aniversário, tinha um jornalzinho nosso (que se chamava) Clarim. Era feito por negros então, tinha esse Paulo de Oliveira, um outro presidente do Sindicato e o pai do Esmeraldo Tarquino, o Tarquino pai era investigador O Clarim tinha cobertura dele, que ele era considerado o tal, naquela época, o Esmeraldo não era nem nascido. Então ... nós tínhamos a cobertura dessa gente do Sindicato.

Nós ficamos (em Santos 1.925, 1.926, 1.927, 1.928,) e ficamos de 1.928 até 1.934 em São Paulo, quando, (fomos) para São Paulo. Eu morava em Santana, morei na rua Voluntários da Pátria, morei na rua Olávio Ovídio, morei na bairro do Limão. Depois de lá fui para Vila Mariana, morava na rua do Sol. Ele estava numa outra construção, eles estavam fazendo um colégio, nós ficamos de 1.932 até 1.933, da Vila Mariana nós fomos para o Bixiga, morar na rua Jacarei, onde foi fundada a escola de Samba.

Em São Paulo que eu tive minha filhinha mas ela morreu, ela se chamava Neusa, ela estava muito doente e precisava batizar, daí meu patrão, dr. Amadeu Cunha Bueno, falou que batizava.

Em São Paulo eu trabalhava, e também me divertia com meu marido, nas quintas-feiras, (nós iam) no Paulistano ou em outro, ali perto da igreja do Carmo, bom, o Paulistano também era por ali, e tinha baile a semana toda (e eu ia um vez por semana). Até 1.934 eu fiquei em São Paulo, quando foi na revolução, eu fui para Santos de novo, com meu marido. Em 1.938 nós nos separamos porque ele arranhou uma amante, ela era (amiga) íntima minha. Quando eu descobri o negócio já era velho, nós nos separamos e ele foi para o Rio. Ele ficou doente e voltou, e foi

por isso, que eu vim embora (para Campinas), porque quando ele voltou ele queria que eu voltasse com ele eu não quis voltar, eu estava trabalhando de governanta. ... Minha sogra não deixou eu voltar.

Nesta época (1.934, 1.935, 1.936) tinha outras sociedades, as sociedades dos dirigentes sindicais, que tinha clube dele e outros clubes na cidade. Tinha um clube que era grupo carnavalesco dos pescadores, funcionários que freqüentavam ... era tudo japoneses, mas passou a ser de japoneses e negros, faziam o carnaval tudo junto, negro e japoneses. Foi (neste momento) também criada a Frente Negra.

A gente (se reunia ainda) na sociedade Saudade de Campinas, tinham vários campineiros morando em (Santos). Era uma sociedade recreativa dançante e cultural. Então chegou um professor que era maranhense e ele estava fugido da terra dele, porque ele era comunista, então como ele era negro, a gente pegou ele para lecionar, ele era muito culto, muito preparado (assim), ele preparava a gente para oradores, palestras, mostrando o que era a condição do negro e do branco trabalhador.

Dai desta sociedade, então nós estávamos em contato com São Paulo, São Paulo era o clube cultural do Negro e o profº Geraldo Campos era fundador, ... ele tinha um partido chamado partido liberal, dentro do grupo da cultura, então foi fundado vários movimentos e tinha vários departamentos, então nele nasceu a idéia de se fundar a Associação das Empregadas Domésticas em São Paulo, ele era diretor ... do Clube Cultural, e pertencia também ao departamento político. Logo em seguida o departamento político foi desfeito. Então em 1.936 nós fundamos em São Paulo, e em Santos, a Associação das Empregadas Domésticas, ... logo em seguida ele foi taxado de comunista ... e a Associação das empregadas domésticas também desapareceu junto com grupo político. A Associação das Empregadas Domésticas de Santos era anexa a de São Paulo ... mas ficou só a de Santos. Então Santos continuou de 36 até 48.

A situação da empregada doméstica era muito ruim, a maioria daquelas antigas trabalharam vinte e três anos e morria na rua pedindo esmolas. Lá em Santos a gente andou cuidando, tratou delas até a morte. Era um resíduo da escravidão, porque era tudo descendente de escravos.

Ajudaram nesta época vários clubes, várias entidades e os partidos políticos PTB, Partido Cristão.

A primeira sede foi cedida pelo Clério, junto com a paróquia de Santa Teresinha ali no Campo Grande Gonzaga. Então aí nós fundamos o departamento de arte culinária e economia doméstica.

Tivemos também a colaboração também da Sociedade dos Portuários, Sindicato Vermelho que deu apoio, p'ra gente, nós tínhamos o Santini presidente da Tribuna de Santos (que deu apoio através dos jornais).

Eu morava vizinha do dr. José Cintia Batista, ele era paulista (ele também) ajudou na fundação para, depois, a gente requerer o enquadramento de classe dentro das leis trabalhistas.

(Assim), nós tivemos apoio dos advogados e a comunidade de Santos.

A Associação foi fundada dia 08 de julho de 1.936, ... p'ra proteger as empregadas, em defesa do trabalhador doméstico, mas aí era mais assistência, mas a gente trabalhava para a parte beneficiência, então a gente fazia festa para adquirir fundos, porque a mensalidade era muito pouco, não dava, a mensalidade que naquela época ainda era mil réis. Então a gente fazia festinha baile, aos domingos, jogos de futebol, torneios de futebol. Naquela época ainda não havia esta posição forte da mulher, então a gente movimentava mais na parte beneficiência, fazendo trabalhos com os carentes, os idosos e as crianças, mas sempre assim, lutando dentro do problema da sindicalização, então tinha uma parte beneficiência e a parte cultural, ... fundamos o teatro nosso, era Saudades de Campinas.

Com a estória do Sindicato, nós aproveitamos a Associação foi fundada dia 08 de julho de 1.936. No dia 05 de setembro ... ia haver um congresso de trabalhadores na capital que, era Rio de Janeiro, então o profº Geraldo Campos, aconselhou que se fizesse um apanhado sobre as leis das empregadas domésticas e o profº Lobato foi, tirou das leis trabalhistas os parágrafos e os itens para montar a pauta do Congresso. O Getúlio já tinha instituído as leis Sindicais e, ia haver o primeiro Congresso, aliás, era dirigido pelo avô do Fernando Collor. Naquela época ele era o Primeiro Ministro do Trabalho do PTB. As empregadas domésticas foram destituídas das leis trabalhistas, nós estávamos criando um movimento para ver se conseguia o registro do Sindicato ... mas, quando nós chegamos ao Rio, tinha sido suspenso o Congresso, o Ministro do Trabalho que, aliás, era o ... avô do Fernando Collor. Naquela época falava-se muito em comunismo, os capitalistas e os banqueiros, eles tinham pavor. Então os capitalistas, banqueiros, os milionários começaram a criticar contra o encontro dos trabalhadores, que o encontro iria fomentar uma greve contra os patrões, então foi suspenso ... O profº Geraldo veio embora para São Paulo, e eu fiquei no Rio para ver se entrava em contato com alguém, p'ra ver o que ia resolver. Eu fiquei no Rio uns três a quatro dias. No terceiro ... dia eu consegui com o secretário do Ministro p'ra que ele deixasse eu falar com o Ministro. Fui falar com o Ministro mas não adiantou nada porque não havia possibilidade de enquadramento de classe,

as empregadas domésticas foram destituídas porque não traziam economia para país.

E até hoje eles dizem que as empregadas domésticas não trazem economias para o país De repente (não) elas que fazem a economia. ... Nós trazemos economia, eles saem para trabalhar, principalmente a classe média, eles tem que trabalhar fora e, então, passam a escravizar a empregada doméstica.

Em 1.938, começou a fomentar a guerra, então parou. Depois de terminada a guerra, voltou a funcionar em cima da sindicalização das empregadas domésticas, mas aí como a Associação tinha que funcionar durante cinco anos p'ra depois requerer como Sindicato, voltamos a trabalhar, com a diretoria da Associação, que também estavam na defesa passiva, que todos foram servir.

Então em 46, o Getúlio reabriu o Sindicato e aí a Associação também foi reaberta, começou a funcionar tudo de novo ...

(O Partido Comunista) era ilegal durante a Guerra depois, com a vitória da Rússia, passou à legalidade. Daí a Associação começou trabalhando dentro do esquema do partido, mas continuou ainda como Associação.

A fase de reorganização começamos como era mesmo, trabalhando para os necessitados, procurando encaminhar as domésticas no serviço, tinha uma agência de colocação, tinha um curso de alfabetização, e esse advogado, dr. José Cintra Batista, que ajudou a fundar a Associação. Ele funcionava no departamento jurídico, tinha departamento médico, tinha dentista, médico, ... Nós conseguimos, através do jornal, fazia campanha para pessoas doente, p'ra nova Santa Casa e entrou (a Associação) sempre em tudo.

Havia muitas adesões, nós tínhamos o Departamento Beneficiente, nós fornecíamos roupas, alimentação, remédios.

Esse médico que me operou, durante a guerra, que era capelão durante a guerra, dr. José Augusto Paulino, ele era nosso médico, tinha dentista tinha tudo.

(Depois) nós fomos funcionar numa sede própria, esse advogado mesmo, que conseguiu um prédio antigo lá em Santos, na Rua Quinze de Novembro, era de dois andares. Em baixo funcionava os departamentos e em cima era salão para festas. Mas participávamos em tudo, campanha para creche, para tudo. Nós fazíamos muita coisa p'ra cidade (em Santos), como aqui também (Campinas) trabalhamos, quer dizer que, nós tínhamos facilidade de conseguir muita coisa porque a Associação estava em todas.

(Na diretoria da Associação), tinha comunista e não comunista, mas não dava muito para distinguir porque o pessoal fingia muitas vezes que era comunista.

(Depois o partido) comunista entrou novamente na ilegalidade, mas só o partido (fechou) os Sindicatos e Associação permaneceram abertos.

(Antes e depois da Guerra) nós fizemos muitos bailes promocionais para Associação. Em 1.937, nós fizemos um baile muito chic, nós conseguimos com o maior hotel, o hotel chamava-se Palace Hotel, então a gente conseguiu fazer um baile beneficente traje a rigor. Os negros de traje a rigor e os brancos. Os (negros entravam neste hotel) só para trabalhar, cozinheiros, copeiras e faxineiros, nós (negros) e os brancos montamos o baile. Nós estávamos (também) montando o departamento de cultura da Associação e os brancos ajudando. Todos os jornais comentaram muito e o rádio também ... Um advogado, dr. José Pinto Batista, foi o nosso primeiro advogado que trabalhou p'ra Associação, foi quem ajudou a gente a organizar tudo, os horários tudo. Foi tudo muito bonito, tudo muito bom, pela primeira vez o negro entrou no hotel mais chique (de Santos). O dono dele era conde.

(Nós fizemos) um outro baile após a guerra, nós conseguimos por intermédio do grupo de senhoras católicas, promover um baile ... no Hotel Pacarolli (grande Hotel Pacarolli), foi o maior sucesso, os negros estavam lá só para trabalhar para ser faxineiro, neste hotel (que fica) na praia do Gonzaga ... o dono era um italiano muito rico ... e nós conseguimos fazer um baile em benefício da Associação e foi o maior sucesso, porque foi logo depois da guerra. Nós reabrimos a Associação e fizemos muitas coisas ... (no baile) só entrava quem estava com traje a rigor ... Cavalheiros de Fraque e cartola (tanto) os brancos, como os negros, e foi o maior sucesso o baile. A maioria que não pode ir, porque não teve condições, meteram o pau, disseram que a gente queria ser o que não era ... Naquela época o ingresso era cem mil réis ..., teve uma renda boa e, repercutiu muito nos jornais de Santos, então criou aquela animosidade ... a vice-presidente passou a me atacar.

1. MINHAS HISTÓRIAS DA SEGUNDA GUERRA

Eu me alistei como voluntária, ... na defesa passiva e auxiliar de guerra.

Durante a guerra, eu fui servir, eu me alistei como voluntária, ... na defesa passiva e auxiliar de guerra, que os soldados tinham ido para a Itália, então o grupo feminino que acompanhava a vigilância na cidade.

(O que me levou a servir na guerra) foi uma vontade de servir a minha Pátria, eles estavam recrutando pessoas para se alistar e eu me apresentei, eu fui a número vinte no alistamento. Quando começaram a recrutar as voluntárias ... eu fiz cursos e exercícios e passei a servir.

Fiz três cursos: soldado de fogo (bombeiro), polícia de trânsito (guarda civil que dirigia o trânsito), fiz curso de aperfeiçoamento na vigilância, na mata, no mar, calhas. Tinha que dar serviços no Blecaute porque a cidade à noite ficava no escuro, então a gente tinha que dar serviços de noite e, quase no final, eu comecei a fazer o curso de enfermagem mas depois eu desisti, não dei pra enfermagem.

Nesta época, o meu filho estava com dezenove anos, e se alistou também e nós dois servimos juntos, ele no sexto G Marques na artilharia de guerra e eu na defesa passiva auxiliar de guerra, então nós saíamos sempre juntos, fardados, prestando serviço à Pátria. (O que) me levou a me alistar quando o Brasil estava sendo atacado, estavam afundando os navios. Então eu li o livro que Hittler escreveu, que se chamava "Livro Azul", este livro foi proibido, foi queimado, foi proibido de ler Getúlio Vargas proibiu porque era um livro que trazia toda a espécie de (maldade).

Hittler foi o maior carrasco que existia naquela época. Dizia no livro azul que ele eliminaria todas as raças que não fossem arianas, principalmente a raça negra seria eliminada. Então aquilo me levou, me trouxe uma revolta dentro de mim, então eu resolvi me alistar para servir a Pátria.

... Eu fiquei de 41 até 10 de maio de 1.945. Nesta época, então, os nossos comandantes, os nossos instrutores, estão hoje por aqui, são tenentes, coronéis e são comandantes. Nós passamos para a base aérea, eu fui fazer o curso de pára-quedista ... mas, logo em seguida, acabou a guerra. Eu desci dez metros de altura do para-quedas. Nosso instrutor e o nosso grande amigo, o presidente da Ponte Preta, tenente-coronel Petenar, era instrutor na base aérea. Ele tem um filho com mesma idade do meu filho, nasceu com três dias de diferença um do outro. O filho dele nasceu no dia nove de maio e o meu filho nasceu no dia treze de maio.

Aí então veio a guerra. A guerra que começaram a trabalhar mulheres eu sempre, me destaquei mais que as outras, tinha mais coragem, tinha mais força e era mais atuante, então eu cheguei a ser a instrutora do segundo batalhão, que o primeiro

batalhão formou com quinhentos e o segundo batalhão estava em formação, daí eu fui instrutora do batalhão, então eu era sempre escolhida para coisas arrojadas, para coisas mais difíceis. Lá, em Santos, nós temos o quartel general que é o Forte de Itaipu. O quartel que guarda a Barra da entrada do oceano, o hotel vigilante onde está plantados os canhões de guerra e está todo o material de guarda da cidade. Então, eu fui escalada para ir a Itaipus, eu e meu filho também foi, então nós tínhamos que desmontar os canhões, montar os canhões, precisa quatro mulheres para carregar uma bala, uma bomba.

(Nós mulheres) fazíamos tudo que um soldado faz, só não fomos para frente ...

Uma tarde houve um rebuliço em Santos entre a polícia marítima e aí prenderam os soldados militares brigaram entre eles.

Aí como prenderam os nossos soldados, o coronel Pinto Pessoa, um baiano, me chamou: número vinte vamos sair, pegamos o jipe, quando chegamos no portão ele disse para mim:

"- Se eu levar três minutos para sair, pode mandar bombardear."

Conversou com capitão e tirou o soldado. Aí ele sai do pátio acenando que estava tudo bem, que podia ir embora.

Eu dei serviço (também) no cemitério lá em Santos que era o cemitério de Paquetá, porque havia uma denuncia, que freiras e padres é que se comunicam com o inimigo, então quando os navios saiam com alimentos os soldados, os navios eram atacados em alto mar quase sempre na barra.

Tinha uma freira que ia todos os dias com um bouquet de flor para depositar no cemitério. Ela começou depositar na capelinha do cemitério e na capelinha ela tinha um aparelhinho e ela se comunicava, com os padres da Torre da Igreja de Santo Antonio da Ponta da Praia. Eles que denunciavam as saídas de tropas, eles eram alemães.

Aí naquela época Getúlio expurgou os alemães, os italianos e japoneses do Brasil.

Ela foi presa, mas não era mulher era homem vestido de freira, era um alemão vestido de freira.

Nas nós tivemos mais problemas com os nossos brasileiros então quando eu comecei a dar serviço no blecaute na praia.

Tinha bastante Junqueira, em Santos que são donos de tudo e os donos do Brasil, são os fundadores quase do Brasil. Este Junqueira era muito influente na política ele era exportador de café. Eu comecei a perceber que ele ia sempre como os seus papéis, com mais coisa enrolada de baixo do braço, entrava naquele local dia sim, dia não ele estava ali.

Aí eu já estava dentro da ordem política social fazendo diligência (investigação).

Comuniquei (aos superiores) dia sim, dia não ou duas vezes ele estava ali, com os mapas e tudo. Ele foi preso e contratou um outro para me matar.

Estava no Blecaute e tudo escuro com a lanterna para baixo, porque se você levantar o navio localiza você. Escurecia eu ia fiscalizar a entrada do navio. Aí eu fui atirada. Ele contratou um cara para me matar, mas o cara me atirou de longe tinha um policial não muito perto e também estava escuro ele não conseguiu me matar mesmo, mas o tiro pegou no intestino eu permaneci um tempo no hospital, isto já em 1.943, tinha sido inaugurado o IAPC, mas eu fiquei inválida.

Tivemos dificuldades na alimentação: filas para pegar o pão a farinha de trigo e nosso grupo que embarcava o café, carne, fazia campanha de agasalhos para os soldados que estavam na Europa.

O Getúlio mandou oitenta e um mil (81.000) sacos de café para lá os nossos brasileiros nunca viram o café. O Nescafé que eles estão vendendo ainda é o café que Getúlio mandou (ri).

Fui receber instrução militar, militar em base militar norte americana de avião, voei pela Cordilheiras dos Andes, fui para Lima.

Um dia, eu estava em Santos prestando serviço no trânsito na rua Senador Feijó, então passou um caminhão carregado com excesso de volume, então eu apitei e mandei o motorista parar, fechei o sinal mandei ele parar.

Ele não obedeceu e avançou. Eu desci do pódio, fui na frente do caminhão, fiz ele parar e aí perguntei:

- Você ouviu a advertência, não parou porque?

Ele disse:

- Ah! Eu não vi ninguém.

Eu disse:

- Ah! então você vai ver.

Aí eu fui no telefone chamar o policial, o policial conduziu ele preso e rebocaram o caminhão. Levou dois anos para ele tirar o caminhão.

Dai o comandante disse:

- Você não viu ninguém porque era uma negra ou, porque você não obedece as ordens que são dada pelo governo, pelos prefeitos, pelo exército.

Numa tarde, dia 24 de julho de 1.943, às quatro horas da tarde o alarme soou porque havia inimigos por perto, então a gente descia até o portão, lá embaixo, lá dentro do mar, lá embaixo no porão já era o mar, então tem uma agulha que dá o sinal onde está o inimigo que os torpedeiros vinham vindo. Argentina ficou neutra. Argentina e Portugal ficaram neutros, mas era eles que abasteciam os navios. Então aquela agulha mostra, tem o relógio muito grande, tem o radar que mostra a distância que está e que vem vindo, se é alemão, se é japonês. Então aí escoltas ... é em cima do forte, tem as esteiras, as ... todo do forte conforme vem vindo o inimigo, seja de avião, que eles jogam as bombas, cai no mar, estoura no mar aí no outro dia amanhece forrado de peixe, peixe baleia.

Mas neste dia, era submarino que vinha, mas a gente preparava tudo porque quando vinha os submarinos, vinha aviões também, os aviões atacavam também, então preparavam tudo e eu fiquei no comando. Então dá aquele estouro que estremece tudo, que águas sobem p'ra cima.

Aquele dia foi um dia terrível, aquele dia eu vi a morte.

- E a senhora chegou a soltar a bomba?

- Soltei porque tinha que soltar quer para cercar eles tinham aquelas redes ruínas, ... no outro dia cedo tinha pedaços de submarinos boiando.

Aquele dia para mim foi o pior dia da minha vida eu vi que ali estava um pedaço da vida das pessoas.

III

DA- LAUDELINA DE CAMPOS MELLO NO PERÍODO DE 1.944 A 1.964

1. EU VENHO VOTANDO NA ESQUERDA DESDE QUE EU COMECEI (RI)

Eu iniciei na política logo a após a guerra em 1.945. Houve a eleição em 1.945 ... e foi a primeira vez que eu votei. Então começo a fazer a Campanha p'ra constituinte.

Foi elaborada a constituinte na época de Getúlio, que Getúlio era ditador, aí exigiram após a guerra que fizesse a constituinte. Getúlio fez a campanha para a constituinte aí, houve as eleições porque até aquela data não havia eleições...

Eu votei no partido comunista no Luís Carlos Prestes naquele tempo, João Pessoa também foi candidato. Eu tinha saído do movimento Cidade-Guerra um movimento lá da Guerra ... e comecei a conhecer os políticos.

Estive filiada no partido comunista quando fechou, fui para P.R.P., mas o P.R.P. era o partido só dos burgueses não dos funcionários.

Depois veio Ademar de Barros como governador do Estado. Ademar de Barros fundou o partido P.S.P. (Partido Socialista Paulista), então eu passei a trabalhar pro partido do P.S.P.

Várias vezes ele foi candidato, nós trabalhamos p'ra ele p'ra mulher dele também, a candidata Dã- Leonor, sempre foi uma pessoa muito firme. Ela comandou todas criações

filantrópicas de hospitais: Hospital das Clínicas, Hospital de São Paulo, tudo isso passou pela mão dela.

A gente gostava muito dela porque ela era a primeira dama que mais saía em campo mesmo. Aí fundou o Hospital de Campos de Jordão, nós fomos convidados p'ra inauguração e tudo.

Então foi fundado o P.R.P. que passou a ser a U.B.H, depois da U.B.N. passou a P.S.P. e hoje é o P.D.S. Já teve quatro nomes, vem do P.R.P., depois vem da U.D.N., depois vem para o P.D.S., hoje é ... o partido do governo. Nós estamos sempre trabalhando para essa gente.

Depois vim para Campinas, no dia 13 de janeiro de 1.949, num sábado, fui para esta fazenda, São José, na estrada de Mogi-Mirim, fiquei quatro anos e cinco meses lá na fazenda, trabalhando com a família de Santos ... Ela se chamava Benta Silva Vaz Cardoso ...

Após a guerra, (eu comecei a trabalhar com esta família) ela viajava muito eu era governanta, ela era portuguesa. Só ia p'ra dar uma olhada aqui e ali.

Um dia ela me convidou para conhecer a fazenda eu vim para ficar seis meses e estou há quarenta e dois anos em Campinas não sei quando venho definitivamente.

A governanta estava doente ... aí, ela foi internada em Campos de Jordão e faleceu.

Então ela disse:

- Nina, você fica aqui um pouco p'ra mim. Porque foi esta senhora que me pois apelido de Nina, ela achava o nome muito difícil vamos diminuir um pouco, vou chamar você de Nina. As vezes eu (mesma) esqueço meu nome.

Esta fazenda era uma fazenda ultra moderna, tinha tudo quanto era moderno, ela era portuguesa, mas uma portuguesa muito democrata, fui com ela para Portugal, seis meses com ela em Portugal em 1.947.

Fiquei aqui (na fazenda) até ela conseguir uma outra, mas não conseguia, vinha uma de manhã, no outro dia não vinha mais, vinha para fazer o almoço e a tarde ia embora.

Aí quando fez seis meses que eu estava aqui ela disse:

- Sabe de um coisa é você que vai ficar aqui. Eu já estava gostando da fazenda.

Daí ela me disse:

- Sabe de uma coisa vamos fazer um hotel para repouso, só para milionário!

Quem hospedava lá era Ademar de Barros, aqueles grandes políticos da época, Simonsem, aqui de Campinas (eram) os magnatas que passavam o final de semana.

Eu fiquei tomando conta ... fiquei sendo Gerente da fazenda, ela transformou a fazenda num hotel, mas a parte de café, agricultura continuava. Um belo dia ela encareceu com o administrador e mandou o administrador embora. Aí (ela) chegou em mim e disse:

- Você e seu filho vai ficar aqui tomando conta até que eu arrume um administrador, você pode fazer e desfazer.

Ninguém conhecia a Dona da fazenda, Ela chegava na fazenda, tocava o telefone ela ia atender, aí perguntavam:

- Quem está falando?

- É a Dona Bedesildes.

- Por favor chama a Dona Nina p'ra mim.

Aí (ela dizia):

- Dona da Fazenda estão lhe chamando no telefone.

Aí fiz amizade com os colonos, ela me deu toda a liberdade. Sábado mesmo um deles vem me buscar para passar o dia com eles ... Fui madrinha de casamento, madrinha de batismo.

Depois em 1.953 quando a proprietária faleceu venderam a fazenda eu vim para Campinas (centro urbano). Aqui em Campinas com um vasto conhecimento, eu estava aqui desde 1.949, já ia em festas. Aqui, estava se movimentando a campanha do prefeito da cidade, e o escritório que fazia a contabilidade lá da fazenda, era aqui na cidade, um dos diretores do escritório o dr. Hélio era candidato a vereador, então ele pediu para eu votar nele mas, eu votava em Santos, votei duas eleições em Santos, aí eu fiz a transferência do meu título p'ra lá para votar nele, foi quando se candidatou o Rui Novaes ..., aí fui trabalhar para os dois, pro vereador e o prefeito Rui Novaes (que) era muito amigo da minha patroa.

Então ..., fiquei morando aqui junto com a Leonor, que era uma cabeleira e, trabalhando com a família do dr. Atilio Leitão como cozinheira e fazendo o trabalho p'ros candidatos.

A Leonor já era sócia lá (do clube cultural), fomos pro cultural em 1.953, aí nesta época eu já não trabalhava mais p'ra fora, e nem morava mais com a Leonor. Morava no Casarão na rua Lusitana, nº 1.444, lá eu dava pensão. Depois logo veio uma família minha conhecida de Poços de Caldas, e nós ficamos morando junto.

Quando foi a inauguração do estádio do Guarani, eu já estava conhecendo a Ponte-Preta, o Guarani ..., aí me convidaram p'ra vender salgado no campo. Eu já fazia salgados em casa e tinha um grupo de meninos daquela família que tinha vindo de Poços de Caldas em casa, que vendia no campo. Eu fazia os salgados o meu filho ia junto p'ra dar orientação aos meninos.

Então eu fiquei de 1.953 à 1.954 trabalhando, vendendo salgados. Em 1.954 eu já estava entrosada com o pessoal da Ponte porque passei a vender na Ponte também, o pessoal gostava muito dos salgados que eu fazia.

Neste meio tempo nós começamos já a fomentar p'ra sociedade fazendo as fazendas (ou seja, visitas à população negra rural). Criamos os departamentos de cultura e esportes, então a gente funcionava no Clube Cultural, que fui convidada pelo Machado. Fiquei no Cultural, trabalhava vendendo salgado, mas também na diretoria do Cultural, naquela luta de ver se conseguia elevar o nível cultural do negro, melhorar a situação do negro.

2. TRABALHAR JUNTOS CONTRA O PRECONCEITO RACIAL AQUI EM CAMPINAS ...

Eu conheci dr. José Alberto aqui em Campinas, ele tinha casado de novo e estava estudando. Ele estudou e se formou depois de casado. Ele estava casado com a primeira esposa, ele era funcionário da Faculdade, Dom Salins dava (a bolsa de estudo) p'ra ele e ele trabalhava de faxineiro. Mas como ele não podia ter aula aqui, ele foi para Niterói. Foi lá que ele tirou o diploma de advogado.

Conheci ele logo que eu cheguei aqui p'ra cidade, ele já ia se formar. Quando comecei a trabalhar (em conjunto) com dr. José Alberto ele já era casado com a Ditinha (segunda esposa)

e era pai de filho, tinha três filhos. Eu tinha muita admiração por ele, era essa coisa do negro, era negro de idéias políticas e nós fomos trabalhar junto dentro da política, em defesa do negro, naquela época já tinha fechado a frente negra que era o partido negro; não queriam que os negros tivessem um partido, para (se) elevar. Ele (dr. José Alberto) era fundador junto com o Cunha e o profº Geraldo e mais outros negros.

Começamos a trabalhar na formação do Teatro Experimental e de outras organizações. Quando eu cheguei aqui estava no finzinho da sociedade do José do Patrocínio ali onde é o Banco do Brasil era o José do Patrocínio ... Então a gente funcionava lá (atuávamos) mais dentro da sociedade e dos clubes.

Então começou a campanha contra o racismo e a campanha política.

Aqui em Campinas o negro passeava por dentro do jardim Carlos Gomes e o branco por fora para não misturar. Eu tinha uma amiga que era cabeleireira, eu lhe disse:

- Que negócio é esse aqui duas correntes uma negra uma branca?...

Ela responde:

- Os negros não se misturam com os brancos.

Eu falei:

- Ou é o branco que não se mistura com o negro?

Ela falou:

- Tanto faz é sempre assim!

Eu disse:

- Qual é o meu papel aqui dentro por dentro ou por fora?

A amiga diz:

- Tem que acompanhar o negro.

Ela disse:

- ... Não, eu vou entrar nas duas, (saio por uma e entro por outra) e os brancos não fizeram nada e aquilo acabou.

O branco fazia o "footing" na rua Barão de Jaguará e o negro fazia na praça do Glicério. A briga era essa a discriminação do negro, aquela coisa que eles tinham contra negro aquela recessão contra o negro.

Nós entramos na luta foi quando o cara que é da televisão que está trabalhando na novela agora "Meu Bem Meu Mal" que briga com a Dona Elza. O Fontoura, ele é campineiro, ele era dono do xarope Fontoura, então ele foi candidato a vereador (em Campinas), ele era um político racista. Tinha aqui em Campinas um avião chamado "teco-teco" que se alugava e pagava dois mil cruzeiros para voar ... ele pagou para distribuir o folheto, (o qual) desmoralizava o candidato, porque o candidato era racista. Lá (no folheto) dizia que não era p'ros negros votar nele, os negros e os brancos né?... Porque se ele era racista, era racista com branco pobre (pois), o branco pobre também não tem condições é igual ao negro também era marginalizado e falou uma porção de coisa naquele (panfleto), eu tinha um deles guardado, há muitos anos não sei p'ra onde foi. Ai ele perdeu e, por isso, ele foi embora daqui, depois de muito tempo ele voltou p'ra cá de novo e foi para a Rádio Gazeta, ele já trabalhou em rádio, no teatro e na TV, vendeu a firma (de xarope).

2.1. O GAZETINHA ERA O MELHOR E AS CRIANÇAS NEGRAS NÃO ENTRAVAM ...

A Rádio Gazeta ficava quase na esquina da Conselheiro Feijó, não entrava negros, as crianças negras não iam na "matineé", o Gazetinha era o melhor e crianças negras não entrava, o doutor José Alberto Ferreira Campos Machado era o dono e a Diretora era mulher do vice-presidente da Câmara naquela época, (então) quando chegava um negrinho na fila ela tirava e punha do lado, chegava um branco ela puxava e punha na fila, aí um domingo antes ele falou para mim "olha, domingo que vem eu vou ficar na porta do gazetinha e vou mostrar para Marina Magalhães com quantos uns se faz um dez", eu pensei já vem sujeira, ele já tinha feito com o candidato racista né? Soltou cinquenta mil panfletos de avião na cidade e acabou com o candidato ... Ele era diretor e essa Marina Magalhães era Secretária da Educação, ela era casada com um dos Magalhães, uma família tradicional aqui em Campinas, ela era casada com o Raul Magalhães, era ela que ficava na porta tirando os negrinhos. Quando ele disse p'ra mim que ia mostrar p'ra Marina, com "quantos uns se faz um dez", eu pensei, lá vem sujeira. Então ele foi, e (viu) que tinha acho que 5, 10 ou 15 negrinhos, ela os tirou e pôs do lado, e o que ele fez, com

aqueles que foi ficando do lado dele? (foi) E ficou perto deles, quando a fila estava quase terminando aí ele atravessou a rua com aquele monte de negrinhos e foi na fila, quando chegou na porta ela pôs a mão no cabeça e disse: "Como que vocês estão na fila se vocês não podem entrar, vocês estão proibidos de entrarem aqui" e o Doutor Ferreira disse: "não eles vão entrar, porque eles estão proibidos de entrar aqui? Pois aqui é uma rádio e a rádio é pública e esses "matineés" que vocês dão para o brancos é público, vocês não cobram, então os negrinhos também podem. Aí ela disse que ia chamar o diretor e ele disse "não vai chamar o diretor, porque eu vou bater nele também" aí ele empurrou ela do lado e falou para os negrinhos entrarem, (eles entraram) daquele dia em diante acabou, aquele prédio ali era nosso, foi dado por um senhor com carro, mas os filhos do senhor tomaram. Ali onde está o Palácio da Justiça hoje, ali no largo era a igreja de Nossa Senhora do Rosário que agora está lá no castelo, ali foi construído pelos negros, a igreja Nossa Senhora do Rosário era nossa, o colégio São Benedito, a igreja de São Benedito o terreiro, são cinco quadras era tudo nosso, eles tomaram, nós lutamos (quer dizer) eu só lutei quarenta e dois anos, o Evangelista lutou sessenta anos e não conseguimos (de volta).

(Campinas mudou nesses quarenta e dois anos foram conquistas minha, do dr. José Alberto) do Evangelista, da Banda de Música dos Homens de Cor e vários outros.

Bem, essas foi uma das (conquistas) do dr. José Alberto.

2.2. O NEGRO NÃO PODIA ENTRAR NO JÓQUEI ...

Depois foi a do Jôquei Clube, o negro não podia entrar no Jôquei Clube, pois o pessoal que entrava lá era muito importante. Nos grandes prêmios só entrava branco de fraque e cartola. O Jôquei Clube era aqui na entrada do Bonfim, (onde) os ônibus da Princesa do Oeste faz estacionamento. O Jôquei Clube começava ali, ali eram os portões, seguia, passavam pelo Bonfim dava volta e aí até a avenida Padre Anchieta, o negro não podia entrar para assistir as corridas. Negros podiam jogar assim: tinham umas cabines, como se diz? é ocultas, sei lá o nome que eles davam o negro fazia o jogo ... depois eles entregavam pro negro lá na frente, negro não tinha direito, concorria no prêmio mas não podia assistir.

... O Jôquei Clube estava no centro da cidade e não podia mais ficar ali, então ia mudar, o último grande prêmio

(realizado ali) foi muito comentado nos jornais, rádios, tudo anunciava a transferência do Clube que mudou para a Boa Vista.

Nesse último grande prêmio ... veio o Ademar que era governador de São Paulo, veio outros políticos e o dr. José Alberto disse que ia também ... pôs o melhor terno que ele tinha, se engravatou todo, pôs chapéu. Porque naquela época que andava sem chapéu era vagabundo.

Quando ele chegou no portão, dois porteiros, um leão de chácara (de um) lado e o outro do outro lado, ele chegou e entrou ... tirou o chapéu e ia entrando eles pularam na frente dele e (um dos) porteiros que também era negro disse que ele não podia entrar. Ele disse: "Por que? Porque que não posso entrar? Então ele ficou ofendido, porque o porteiro era negro, e disse: "O senhor sabe né dr. Ferreira, nós temos ordem, justo você vai fazer isto comigo dr. José Alberto? Ele disse: - Não, eu não estou fazendo com você, eu sei que vocês tem ordens, eu estou fazendo é com os brancos, eu não tenho culpa que você é negro e esta aí fazendo o seu papel, ganhando o seu dinheiro, mas eu vou entrar, e abriu os braços, disse que ia entrar e entrou. Naquela hora eles não podiam fazer nada porque o presidente e o diretor estavam lá no (lugar) superior de honra de fraque e cartola, as mulheres de luvas, binóculos, sapatos Luiz 15, traje a rigor; naquela hora não aconteceu nada. Depois parece que chamaram ele na diretoria, ele perguntou "Qual é a proibição aqui?" "É que você sabe, você é um advogado, você é preparado mas a gente não pode abrir precedente porque senão os outros vêm também, como se diz os outros vagabundos vêm também" "Eu não vejo nada de mau, assistir o branco gastar o nosso suor. Ora! como é gostoso assistir a corrida."

2.3. O CASO DO NEGRINHO SAFADO ...

(Tinha também um neguinho, muito metido, que pensava que era branco só porque era filho de branco com negro). (Um dia) ele foi fantasiado dançar o baile de carnaval chegou lá ele foi barrado, a mulher e a filha podiam entrar ele não, aí a mulher não entrou também, nem a filha, então este tal mulato aqui foi barrado né, e foram embora. Ele foi atrás de nós, nessa sociedade que era p'ra gente entrar na briga com ele, aí eu olho p'ra ele e digo:

- " O sr. não está com dor de cabeça não? Não está sentindo nada na cabeça? " Ele disse:

- "Não. Por quê a sra. está perguntando isso?

- Porque você como funcionário do Banco do Brasil passa pela gente na rua nem olha. Você faz questão de desviar quando um negro vem vindo na sua frente, agora você vem pedir arrego, agora você se lembrou que o mesmo sangue que corre na nossa veia, corre na sua? Não é assim não, viu? Você é mulato e se considera branco, porque você é filho de negro com branca, então você se considera branco. Sua mãe era branca, agora o safado do seu pai era negro né, casou com uma branca (riu). Porque a branca quando casa com negro é porque o branco já pegou, já dormiu com ela, deu um ponta-pé na bunda e vai embora. Ele virou as costas e foi embora até hoje não olha na minha cara (ri) ...; nem olhou p'ra trás, não falou nem até logo... Não é desaforo? Casou com uma branca safada na vista, se achava o dono do Banco do Brasil, agora que o branco deu um ponta-pé nos cornos velhos dele, ele vem procurar o negro, mas ele é cara de pau mesmo, esse negro é cara de pau.

2.4. ... ESCOLA DE BAILADOS SANTA EFIGENIA

Depois neste tempo todo que a gente estava lá (no Clube Cultural), o Machado era porteiro do ginásio, como chamava eu não lembro, que tinha na rua Lusitana (foi fechado), depois ele ficou muito doente então ele pedia p'ra gente, que a gente não deixasse o clube, cuidasse, depois ele faleceu. Faleceu, nós continuamos, ficou eu, meu filho, o Sampaio e a Alice. A Alice era meninota, era mocinha, ela trabalhava na Tecidos Campineira e nós ficamos tocando o Clube, fiquei até em 1.955.

Em 1.955 eu quis parar um pouco, foi aí que fundamos a escola de bailados Santa Efigênia. A gente dentro daquela postura no clube nós montamos o grupo negro de coro, mas não tinha professora negra p'ra dirigir e as brancas não iam. Então dentro do clube nós não conseguimos efetivar aquele objetivo com os bailados clássicos, lá dentro tinha teatro, fazíamos bailes, trazia orquestra de fora, faltava construir o prédio.

Eu desisti, deixei o clube e montei sozinha a escola, de elementos negros, porque haviam duas escolas uma da filha do Lix da Cunha, e outra era de um negro com um branco, mais o negro não aceitava (as negras), porque ele era preconceituoso, não aceitava movimentos negros, não aceitava nada. Então, nós aí conseguimos com essa professora negra, p'ra dirigir porque as brancas não iam.

Essa professora negra que vinha de São Paulo lecionar um grupo de brancos aqui em Campinas numa sociedade chamada Saudade de Campinas. Ela vinha duas vezes por semana lecionar quarta e sexta feira. Depois ela passou a vir três vezes por semana para Campinas, uma vez p'ra escola dos brancos e outra vez p'ra nossa escola.

O nome dela era profª Leo Tigre. Eu a conheci por intermédio de alunas das famílias conhecidas da gente ..., me levaram p'ra conhecer a professora. Fui um dia assistir a aula, conversando com ela, eu disse que tinha vontade de que Campinas tivesse (escola) para as meninas negras que a gente não conseguia aqui nas escolas do branco. Ela me disse:

- Por que vocês não organizam, aí eu venho dar aula p'ra vocês.

- Então eu falei pode ficar, você garante que vêm lecionar as aulas nós vamos procurar um local, aí então fomos falar com o Prefeito que havia uma casa na rua Cônego Cipião ..., se ele podia ceder a casa p'ra gente se instalar. Ele cedeu, (a casa ficava) perto da Legião Brasileira, que eu trabalhava também com a Legião Brasileira.

A casa era aonde nasceu um prefeito, Sérgio Rodrigues, era toda de tijolo à vista, tinha dois andares, era na rua Cônego Cipião, mas lá em cima pertinho do viaduto.

Nós passamos a organizar, montamos tudo, começou-se a fazer as inscrições. Os primeiros alunos foram os Baltazares, que era família mais conhecida, aliás a maior família de negros de Campinas. Em 1.964 - 1.968 constituía a família maior de Campinas, tinha trezentas e poucas pessoas, agora não sei; já está casando os bisnetos, então já aumentou mais, mas faleceu o pai, a mãe e os irmãos.

Haviam o curso de bailados clássicos, curso de sapateados e o curso de danças modernas, danças populares. Instalamos a casa, a prefeitura ajudou, o prefeito ajudou com móveis, com tudo que nós instalamos na casa.

Nós tivemos um grande número de alunos brancos, alunas e alunos, porque havia aula de dança moderna, tinha p'ra cavalheiros, rapazes, p'ra moças, bailados p'ra crianças e moças. Nós fundamos o teatro p'ra também dentro do bailado clássico, funcionar a parte teatral então nós apresentávamos peças teatrais de benefícios.

Fazíamos um movimento, porque era uma casa muito grande, uma casa de dois andares, tinha espaço p'ra tudo, ali

tinha grupo de crianças, tinha grupo de jovens. A gente fazia bailinhos, fazia "matinée". Fazia ali no quintal.

O quintal era muito grande desses quintais antigos né, com árvores, plantas. Então nós montamos no quintal uma espécie de carrossel, ... tinha jogo de pesca, tinha pesca, ... nós fizemos casinhas de coelhos, tinha tudo. Era uma quermesse permanente, funcionava sábado, domingo e feriado.

Nesse meio tempo que a gente tava fazendo esse movimento, então esse profº Souza, que eu mostrei a fotografia p'ra você, ia nas nossas festas ele tocava violino; conseguiu levar um órgão. O prefeito emprestou um órgão p'ra gente, ele levava alunos dele p'ra fazer a apresentação, ele no violino, os alunos no órgão, então começou a entrosar com mais pessoas, ele (profº José Souza) era vizinho do dr. Valdemar, que era juiz de menores. Ele convidou o juiz p'ra ir lá um domingo. Nós estávamos fazendo uma festinha no domingo e o juiz e a senhora dele (vieram). Ele (o Juiz) achou muito interessante aquilo e daí se pôs também que ele tinha vontade de ... organizar uma sociedade em que menores abandonados, e que havia muita dificuldade porque os próprios colegas dele interferiam e que ele estava achando ali um local muito bom e que seria bom se a gente pudesse ajudar.

Então nós entramos em conjunto com ele. Assim, aumentou o número de pessoas para trabalhar, lá então tinha o grupo de jovens e rapazes que ficava na portaria, ficava no bar e tomava conta do salão. Tinha o grupo das moças que organizavam festas, tinha o diretor de teatro, que era o Roberto (ele), mudou p'ra São Paulo ele tinha um teatro folclórico, ele organizou o teatro folclórico, tinha a escola de bailados e apareceu um professor p'ra preparar as pessoas p'ra discursos. ... Preparou vários oradores inclusive eu fiz o curso de oratória, aí criou-se uma diretoria, o juiz criou uma diretoria de nós para com eles, então funcionava as duas juntas.

(Nesta ocasião trocou o prefeito) era Rui Novaes, aí a casa passava já, pela responsabilidade (dele), então ele nos chamou em 1.955 ..., p'ra gente explicar como é que estava a casa, quem era a responsável.

Aí eu fui no gabinete dele.

Ele disse, que nós precisávamos entregar a casa, porque a casa era do município e não poderia ficar em nossas mãos.

Aí eu disse p'ra ele, olhei bem p'ra ele (fui junto com o secretário dele, porque o secretário dele que foi me buscar em casa o secretário ficou em pé e eu conversando com ele).

- O sr. tem coragem de dizer que nós vamos ter que entregar a casa, porque a casa é do município e nós não podemos mais funcionar lá? E na hora que o sr. me procurou para eu votar o sr., com todas aquelas promessas, agora o sr. diz uma coisa dessa?

Aquilo ali é uma propriedade pública, que o Prefeito tem por obrigação de nos deixar lá, (porque nós estávamos fazendo um movimento cultural e beneficente lá dentro né).

- Qual o benefício? Qual o movimento beneficente?

- Nós estamos trabalhando com dr. Waldemar Silva do Nascimento ..., em benefício da fundação da cidade dos menores, que era em Indaiatuba, e o sr. querendo saber mais alguma coisa, o sr. comunica com o Juiz ele vai explicar (riu) e nós ficamos lá até 1.955, 1.956, 1.957, em 1.957, veio plano de expansão da cidade então, alargou a rua Francisco Glicério, derrubou a igreja do Rosário, que era a nossa igreja e fez o viaduto, aí mudamos. Viemos para uma casa alugada na Barão de Jaguará nº 555, com a escola, com tudo. Esta casa era do secretário do ministro do trabalho e ele era negro, ... profº Antonio Cezariano, nome falado no mundo; aí nós ficamos morando na casa, nós tínhamos que pagar aluguel duzentos cruzeiros, naquela época, duzentos (cruzeiros) era um dinheirão, aí funcionamos lá em 1.957, 1.958, 1.959.

Então, com todo movimento que a gente fazia, nós conseguimos com que as (distribuidoras) nos doassem (bebidas); porque naquela época a famosa bebida em Campinas era a cerveja de Rio Claro, então toda vez que a gente fazia um movimento eles doavam bebidas, refrigerantes, cervejas p'ra gente vender no bar, nas festas. Conseguimos com várias indústrias farinha de trigo, açúcar p'ra fazer os doces, os bolos. As pessoas, assim políticos que gente conhecia, dr. Marcondes Machado, conseguiu p'ra gente uma cota de macarrão Galo, a gente tinha uma cota por mês. Então dava p'ra gente trabalhar com tudo aquilo fazia festa, fazia jantar né, comidas típicas que a gente servia durante o movimento, fazia o salgadinho e tudo.

Ficamos cinco anos ali, fazendo esse trabalho, aí fundou-se a Associação cidades dos menores, lá em Indaiatuba. Os meninos eram lá em Indaiatuba e as meninas é aqui na Baronesa Geral de Limeira, lá perto da igreja da Nossa Senhora Conciliadora.

2.5. O PÉROLA NEGRA

No término de um dos festivais, 6 de janeiro de 1.957 em benefício da fundação da casa dos menores ..., profº José de Souza, eu (Laudelina), Jair Clemente e outros elementos, ... descemos para levar as meninas que tiveram participando da festa, quando chegamos no largo da catedral paramos, começamos a conversar preparando os programas das seguintes festas, quando, Jair Clemente olhando para o amanhecer do dia e disse:

- Nós não podíamos fazer um festival homenageando a raça negra? Que tal a Pérola Negra? A srª ficaria na coordenação das candidatas para seleção.

Então ficou, convidamos as candidatas, houve seleção, logo em seguida do lançamento do concurso, nós fizemos um coquetel para a apresentação das candidatas, cuja apresentação no Armorial, restaurante chique que negro nunca tinha entrado. (Este restaurante) ficava na rua General Osório, onde é Padaria Pingo de Ouro e Tecido Hering.

O concurso foi instituído por votos, elas venderam os votos, esses depositados numa urna no Diário do Povo, todo final de semana a comissão fazia a contagem e era publicado pela empresa, o Diário do Povo patrocinou uma parte do concurso.

Houve a classificação final, das dez entre essas, cinco finalistas: Marcília Gama, Cicera de Oliveira, Maria de Fátima de Andrade, Odete Amaral e Lucila Duarte. Ganhou a Marcília Gama. No mesmo mês realizamos o baile Menina Moça.

3. VAMOS DEIXAR A XUXA E O NEGUINHO DA XUXA E VAMOS LA NA POLITICA ONDE NÓS TINHAMOS PARADO

Nós estamos sempre trabalhando p'ra essa gente. Quando foi em 1.953 que foi quando eu vim p'ra Campinas, fui trabalhar pro prefeito Novaes que era do (mesmo partido) Ademar que foi eleito governador, então trabalhamos pro Ademar, p'ra aquele doutor Marcondes que depois foi nosso médico das domésticas, trabalhei p'ra ele, teve um outro de Campinas, um de Sumaré, Matozinho que foi convidado a prefeito de Sumaré e o

Nezinho Aurélio que foi candidato a vereador. Nezinho Aurélio era escriturário da fazenda onde eu estava.

Venho vindo com a política passando por Campinas, quando eu cheguei em Campinas o prefeito de Campinas era Antônio Mendonça Barros ... Depois veio o Rui Novaes, depois de Novaes veio o Curi, depois o Novaes voltou novamente, foi reeleito, depois do Novaes veio o Quêrcia, depois do Quêrcia veio o Lauro Peres, depois do Lauro Peres veio Francisco Amaral, depois do Francisco Amaral veio o Magalhães, depois de Magalhães veio o Bitar.

Agora presidente da república eu (comecei acompanhar) quando era Getúlio porque Getúlio era ditador, depois de tudo veio a constituinte, passou as eleições, depois de Getúlio Vargas teve Nereu Ramos, Jânio Quadros, João Goulart. Jânio Quadros pediu demissão, saiu da presidência e João Goulart foi deposto, aí veio o grupo dos militares, Castelo Branco, Geisel, Emílio Garrastazu, depois veio aquele que morreu também o Costa e Silva, depois do Costa e Silva vem o Figueiredo que entregou o poder agora. O Geisel acho que foi antes do Emílio.

Agora a presença do negro eu nunca vi, os candidatos (negros) só entraram p'ra aparecer, aproveitar e p'ra angariar votos p'ros brancos.

Eu tenho em mente o Frederico que era presidente do clube de elite. Foi vinte vezes candidato, mais não conseguiu nunca, nem de suplente.

Teve vários, tem outros que tão aí agora também no jornalzinho nosso da comunidade mas nunca conseguiram.

Dentro do movimento político eu vejo que é importante o negro estar, assumindo o poder político, mais é muito difícil, porque o próprio negro dificulta. Porque que o negro ainda não está conscientizado que ele deve lutar pelo negro ou por ele mesmo. Então o negro está sempre nas campanhas políticas, em vez do negro estar junto com o negro ele está trabalhando para o branco, ..., não se encontrou ainda dentro de uma campanha política que o negro esteja trabalhando p'ra outro negro.

Mas o objetivo do negro não é levar o outro negro lá dentro, ... eles estão sempre trabalhando para o branco, porque o negro ainda não pôs na cabeça que o branco joga cinco, dez candidatos p'ra um atrapalhar o outro, mas angariar votos para o branco entendeu? Negro nunca está trabalhando firme pro negro, porque o negro não tem confiança no próprio negro nem nele próprio ele não tem. Porque ele acha que o negro não tem capacidade, até agora o que eu sinto, o que eu senti é isso, um

não tem confiança no outro. Que nem agora nesta campanha (1.988) o outro queria levar o nome do Jorge e não levava. O Jorge pegou e lançou aquele candidato negro, ... esse aí que tiravam sarro, que ele não sabia falar, foi p'ra prefeito o Jorge que jogou ele nesse partido humanitário. Partido novo, que foi criado agora que não tem ainda nem nome, pode se dizer, porque um partido que foi fundado pelo Adalberto Camargo. Adalberto Camargo na política foi a pior aberração que nós tivemos.

Era um negro rico, ele era rico agora tá pobre. ... Ele tinha na praça quinhentos carros, quinhentos táxi na praça de São Paulo.

A mulher era decoradora, a mulher dele faleceu.

Ele era um pequeno industrial, ele lidava com peças, depois então, ele quando eleito deputado, ele fez intercâmbio com África. Ele negociava com a África por intermédio do governador, do presidente da República, do governador do Estado, ele era quem fazia intercâmbio com a África e não deixava nós negros chegar perto dos africanos ... Ele apossou-se das diretrizes, ele (tinha) comando daqueles entendimentos que ele tinha com os africanos, ele não dava possibilidades de nós os, negros brasileiros descendentes dos africanos, ter contato com os africanos, aí fez um comércio p'ra ele porque ele que dirigia, ele e o filho, do intercâmbio da negociação entre o Itamarati e os governos era ele que fazia.

Você entendeu? Quando ele consegue chegar lá, ele não tá nem aí, ele pensa que o branco vai votar nele. O branco não vota em negro, branco vota nele mesmo e ainda pega voto do negro.

Negro ainda não se conscientizou que, o negro não pôs na cabeça que ele tem que se unir e criar um partido. Mas o branco tem medo que o negro chegue a criar um partido, porque ele sabe que tem negro que vai brigar contra eles, então ele tira da idéia do negro de votar no negro p'ra votar nele (branco), dá cem cruzados p'ra cada um e bota um cálice de pinga e vota nele.

Agora mesmo, na campanha do Jacó funcionário lá dentro da prefeitura, varredor de rua, que foi contra o candidato do trabalhador, diziam:

- é ele não vai fazer nada.

E não tão conseguindo mesmo porque eles não tem verba p'ra se movimentar.

Mas nós temos políticos negros honrados, a exemplo de Esmeraldo Tarquinio, ele começou como vereador, ele foi o

vereador mais votado de Santos. Lá em Santos você consegue eleger um negro com voto branco porque lá, é uma cidade assim tipo Rio de Janeiro (que), é um cidade popular porto do mar. E Esmeraldo como advogado dos doqueiros, dos trapicheiros, dos carregadores e ensacadores da Companhia de Docas de Santos, adquiriu uma fama, uma postura muito boa na política defendendo os Sindicatos, porque ele era advogado de três a quatro Sindicatos fortes, era advogado negro, advogado dos trabalhadores das docas, então advogado muito forte e inteligente.

Assim, Esmeraldo conseguiu então uma corrente muito forte dentro da elite branca, não só dos trabalhadores (das docas) mas sim de comércio de Santos e ele foi (advogado). P'ra ele ser eleito o prefeito de Santos você já imagina, ele foi o mais votado no Estado de São Paulo, então ele adquiriu esta confiança honrado um advogado que não fazia tramóias, ele conseguiu um postura boa até no meio dos brancos. Então lançaram a candidatura dele, ele foi vereador, depois foi deputado, depois quando ele se candidatou a prefeito de Santos foi venceu também a maioria dos quatro candidatos. Naquela época eram somente quatro candidatos.

Ele tinha um gabarito político muito forte e dominava mesmo as classes, tanto o trabalhador quanto empregador, então ele conseguiu essa votação.

O pai dele foi inspetor de polícia, mas o pai morreu. Quando o pai dele morreu ele ficou ainda menino, foi engraxate, foi vendedor de jornal, ele trabalhou nas oficinas da Tribuna Livre lá de Santos, na Gazeta, nos jornais, ali ele foi aprendendo dentro da oficina de jornais.

Ele foi cantor de rádio, sempre estudando, ... fez a faculdade. Ele estudou na mesma faculdade que estudou o Pelé.

Então ele estava preparado, ele fez curso na escola de inglês, francês, escola de italiano, neolatinas, quer dizer ele se preparou, ... ele estava preparado para dirigir uma cidade como Santos. E que agora está sendo dirigida por uma mulher com vinte e sete anos. Ele com vinte e sete anos também era deputado.

Está no mesmo partido (do Bitar), no PT. O PT tem a prefeitura de Santos, tem a prefeitura de São Paulo, tem a prefeitura de Campinas e tem várias prefeituras no interior e tem mais cinco poucas prefeituras no interior de São Paulo, Norte e Nordeste, tá perto de quase duzentos e poucas prefeituras na mão do PT. Então os partidos da oposição têm medo, que o trabalhador tome conta do poder.

Na campanha dele a briga era estar mais pro negro, pro negro estar na politica, mas na politica que negro tivesse uma postura, um lugar, não só como convidado da porta p'ra fora. A campanha dele foi lançando a cultura do negro, porque ele dirigiu várias associações, sociedades.

Terminou assim ele foi cassado em 1.964, foi cassado quando ele ia tomar posse, ele ia tomar posse em abril e foi cassado em março. Ele foi cassado e parou, foram vinte anos, quando veio a anistia, estava fazendo de novo a campanha para deputado, foi quando ele teve um enfarte e morreu.

Eu acho que ele morreu de emoção, porque ele estava sendo o mais votado.

Agora aqui em Campinas, o movimento era somente para a cultura do negro para cultura, um movimento de integração com outras cidades. Em 1.959 nós fundamos em Campinas uma sociedade. Fundamos uma sociedade que se chamava Grupo Cultural do Negro Campinense era a época de eleições, então candidato a governador do Estado era Jânio Quadros. Nós tivemos então o sócio do Grupo Cultural do Negro de São Paulo.

Então José Benegimes, profº Geraldo Campos de Oliveira e mais elementos que estavam no conjunto do processo da formação de uma sociedade em que o negro estava entrando para uma política partidária no país. Então foi solicitado em Campinas para Câmara de vereadores, para prefeitura o local p'ra gente reunir que a gente não tinha, local para se reunir. Logo em seguida, nós tivemos a visita do secretário do candidato do governo do Estado de São Paulo, que foi Carvalho Pinto, (o qual) propôs para que a gente fizesse um ofício pedindo para o Estado um terreno para que fôsse construída a sede da sociedade em que a gente estava pleiteando em Campinas. Foi indicado um terreno no jardim Proença, perto da igreja de Nossa Senhora de Aparecida, (em) cujo o terreno seria construída a sede da sociedade.

Então, começamos a fazer um trabalho com os candidatos, prefeitos de Campinas, deputados estadual, federal para que realizassem esse sonho que a gente tinha de ter uma sociedade do Negro em Campinas.

Na data de 25 de abril de 1.959, foi colocada a primeira pedra no terreno, veio para Campinas o Secretário de Cultura de São Paulo e Auro de Moura Andrade era o Senador naquela época, mas veio p'ra Campinas o filho dele Aurinho, quando lançada a primeira pedra da sociedade.

Nós recebemos dos políticos um ofício que dizia que ali nós seríamos proprietários daquele terreno onde ia ser construída a sociedade. Mas infelizmente nós trabalhamos durante

a campanha para os candidatos, foram eleitos, tomaram posse mas foi esquecido, naquela promessa que eles haviam feito que havia de construir a sociedade para nós.

Da pedra fundamental nós continuamos a reunir, fazer um trabalho em conjunto, porque os brancos desapareceram. Daí com muito sacrifício, com muita coisa, muita atrapalhada, muita confusão parou, parou de fazer a campanha. Nesta época nós estávamos morando num prédio na Rua Benjamim Constant que foi instituída por um dos candidatos que era campineiro Rui de Almeida Barbosa e outros mais que eram candidatos à deputado. E como sempre eles prometem tudo e nada faz.

Passou-se um ano, eles requereram o prédio novamente, nós tivemos que mudar, nós já estávamos morando lá com meu filho e mais outro casal. Era uma casa e tinha aquela sala onde a gente fazia as festinhas, "matineés" dançantes, faziam os bingos, onde apresentavam peças teatrais.

Então nós entregamos a casa e eu fui morar na rua José Paulino, quase esquina de Barão de Jaguará, cessou, a sociedade parou, ninguém fez mais nada, destituiu tudo. Não tinha local e não recebemos o apoio dos (políticos), não recebemos aquele ofício, mais quando a gente foi ver, o terreno não era nosso, porque nós não tínhamos uma escritura do terreno. O terreno não era nosso, o terreno pertencia ainda à velha do Jardim Baronesa. Existia a casa antiga, casa colonial, a casa grande, e estava ocupada por um grupo de menores abandonados que o juizado tinha concedido de colocar lá.

O terreno pertencia ao município, tinha sido doado pelo município.

Terminou, nos mudamos, paramos o movimento, dispersou o pessoal de São Paulo, também os daqui, todo mundo parou não fez mais nada e a pedra fundamental ficou lá até hoje.

Algumas daquelas pessoas que estavam naquela comissão compraram o terreno; compraram aquele terreno e construíram p'ra eles, p'ros filhos tão vivendo lá, mas compraram e pagaram.

Em 1.959, também, nós fechamos a escola de bailados, porque a professora foi para Africa, foi lecionar na Africa e parou o movimento, dissolveu a sociedade. Então nesse meio de tempo começamos a campanha para a construção do hospital Alvaro Ribeiro.

Nós levamos na inauguração no dia 05 de setembro de 1.960, nosso teatro, fizemos o parque, o prefeito fez o parque ali onde era o Jôquei Clube. Era na entrada do Bonfim, o Jôquei

Clube de Campinas então tinha sido desativado a vila porque era no centro da cidade, então tinha mudado lá para perto de Jaguariuna. (O local) ficou vago então montou-se ali as festas das nações, todas as nações que estavam radicadas em Campinas tinham barraca. A nossa foi a barraca baiana então eu fazia as comidas típicas acarajé, tudo quanto era típico p'ra vender na barraca e tinha apresentação de teatro, bailados, sapatiados, fizeram um palco, fizeram tudo e a gente apresentava. Então como a gente não cobrava nada eles davam condução, davam lanche, davam tudo o que a gente precisava.

E a gente (grupo artístico) não cobrava na apresentação p'ra ajudar. Então foi onde fizemos uma amizade com o prefeito e todas aquelas entidades, que funcionavam ali e começamos a funcionar então a nossa parte, e a parte deles. Na nossa parte eles ajudaram muito, aí foi ficando e veio a idéia em 1.961 de fundar a Associação das Empregadas Domésticas.

4. ASSOCIAÇÃO DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS

Então já vinha entrosando tudo aquilo a escola de bailados, a campanha p'ra cidade dos menores, comecei a conhecer dirigentes de Sindicatos, que ofereciam para gente os salões p'ra gente fazer festas, fazer bailes. Os (candidatos) também estavam trabalhando na creche, grupo de crianças sem pais que estavam no orfanato. Então lá dentro do Sindicato, conversando com os dirigentes, veio a idéia de ainda fundar a associação aqui (em Campinas).

Os jornais, os Sindicatos faziam a divulgação e saía no rádio, saía nos jornais e então as empregadas ouviram. Nós colocamos muitos boletins também.

Este trabalho de mobilização foi muito longo nós começamos, mais ou menos, no início dos anos sessenta esse trabalho (jornais, Sindicatos). E também com reunião com grupo. O grupo era de três pessoas que já faleceram. A Juventina de Souza, Amélia Duarte e Amália Trevisan, essas foram as três pessoas que a gente ficou, mais de um ano conversando, então elas levaram também recados p'ras patroas, que elas eram empregadas do Cambui, elas começaram a arregimentar. Nestas reuniões se discutia a visão enquanto doméstica, que todas eram marginalizadas e além de serem marginalizadas, ganhavam pouco e trabalhavam muito, Dona Amália por exemplo trabalhou quarenta anos na casa do Ernesto Paroliz, criou todos os filhos dele e pagava p'ra tomarem conta dos filhos dela que naquela época ele pagava duzentos cruzeiros,

para cuidarem dos menores que ela tinha, porque ela ficou viúva antes de trabalhar.

A (Juventina de Souza e Amélia Duarte) eram solteiras e moravam na casa dos patrões.

E as queixas eram as mesmas, a Juventina de Souza por exemplo, ela trabalhou vinte e cinco anos na casa do dr. Correia e Melo no Cambui. Dormia no emprego e p'ra sair, ela precisava sair escondido, porque ela criou os filhos da patroa e também tinha o caçula que dormia com ela e p'ra sair tinha que sair escondido. Então era sacrifício muito grande p'ra ela, tinha ainda que fazer o menino dormir p'ra depois ela ir p'ra reunião.

Era uma vida assim ... Uma vida toda de semi-escravidão, de semi-escravidão e ganhando apenas cento e cinquenta cruzeiros por mês, que não chegava a nenhum salário, pois em 1.961 o salário novecentos cruzeiros, não chegava a um salário. Não chegava a nada mesmo.

Nesta época eu morava na Barão de Jaguará, eu tinha muito contato com eles (Sindicatos), porque perto da Barão de Jaguará em frente era o Sindicato da Construção Civil, no prédio funcionava treze Sindicatos. Então com aquela amizade que a gente tinha, começamos a comentar sobre as empregadas domésticas, foi quando veio a idéia de elaborar um estatuto que é o estatuto da fundação, então daí que em aquela fotografia que a gente tá, a do quadrinho.

Foi a fundação em 1.961, então para elaborar o estatuto (568) cinco, seis, oito ajudando a montar, porque era muito difícil, porque as empregadas domésticas foram destituídas das leis trabalhistas, então cada um deles entrava com uma parte, advogado Antunes, Pedrinho como dirigente sindical, assistente social do correio popular com outra, presidente da Câmara com outra, então juntou uma comissão para compor o estatuto; está lá com as domésticas (refere-se ao estatuto).

(Assim), no dia 18 de maio de 1.961 foi a fundação, tinha um mil e quinhentas empregadas domésticas neste dia transitando pela Barão de Jaguará. Aquilo abalou Campinas porque nunca tinha havido um movimento assim e nem tão longo. Alvorçou a cidade e os patrões se levantaram ficaram apavorados, fechou o trânsito o ônibus não descia a Barão de Jaguará (riu), alarmou jornais e fotógrafos; naquela época ainda não havia televisão.

O patrões ficaram com medo e depois da fundação eles começaram a ir para o jornal a criticar. O Pedrinho que era sindicalista rebatia. Tivemos muito apoio naquela época, mas só não passava no congresso, não tínhamos força no congresso. No

congresso estava o Francisco Amaral (deputado), mais uns dois ou três, mas na peça de quatro mil contra (deputados e senadores), de todos os partidos que não patrões.

Em 1.962 foi a festa de primeiro aniversário da Associação, foi no antigo Teatro Municipal que foi demolido. Compareceram um monte de gente, às oito horas da noite precisou fechar a porta, lotou, a lotação era para mil pessoas.

A maioria eram negros e eram domésticas, mas tinha muito branco pelo meio. Foram as patroas que nós convidamos, tinha muita patroa amiga. Tinha patroa que ajudava a gente na associação, a presidente da oficina Santa Rita de Cássia, Dona Alice, a Lurdice, era a presidente, a gente trabalhava em conjunto com ela e fazia os enxovaizinhos para recém-nascidos, levava na maternidade, levava na casa, casas que tem mãe solteira e tudo nê. Quando nascia um filho duma empregada Dona Alice já chamava a gente e dava o enxoval, dava o enxoval completo, ajudava também na alimentação ela era do Lions Clube.

(Então 1.962), nós fomos à Brasília, para o congresso dos trabalhadores, para que fosse assinado a lei (que dava) direitos ao salário família ..., dos trabalhadores ...

Nós saímos daqui no dia 05 de agosto, ..., nós paramos em Belo Horizonte e chegamos lá no dia 08 de agosto. Em Belo Horizonte, fomos falar com o governo porque o Carlos Lacerda proibiu a nossa entrada em Brasília, pois a tropa de choque havia barreiras nas fronteiras dos Estados para não passar, ele era contra (realização do congresso). Nós éramos comunistas. Agora hoje não tem comunista (riu).

Em Belo Horizonte nos reunimos e fomos p'ra porta do governo do Estado, fomos falar com o governador, o governador mandou abrir a barreira e liberou a passagem da gente pro Rio, quando nós chegamos no Rio tinha um aparato bélico, tinha avião, tinha tudo para impedir o congresso dos trabalhadores, ... (que) já era em conjunto com João Goulart, pela reforma Agrária ... que ele estava empreendendo. Ele foi deposto pela reforma agrária.

Em (1.962) foi a primeira vez que nós fomos (à Brasília). Nós fomos pedir p'ra passar a ser ... filiado no IAPC, era uma caixa para cada categoria, nós pertencíamos a carta da parte comercial, porque cozinheira, copeira, motorista e tudo pertencia à parte comercial. Então nós fomos p'ra Brasília pedir (para eles nos) registrar como facultativo no INPS, que até aquela época nós não podíamos pagar o INPS. Foi João Goulart (que assinou a lei). Enquanto foi IAPC nós não pudemos ser registrados, nem como facultativo, junto ao INPS, levava um ano de carência p'ra ter direito depois de um ano então é que tinha direito à médico, hospital, tudo.

Então era dez mil homens e quatro mulheres. Eu, Maria e mais duas que foi uma do Sindicato da tecelagem e uma enfermeira nós éramos quatro mulheres. A Maria é fundadora da associação, então eu convidei a Maria. ... Foi a maior festa eles carregaram a gente. Eles pagavam tudo, a Maria ficou dormindo a hora que eu tirei esta foto.

(Nesta ocasião um dos almoços que foram servidos) falo sobre tudo aquilo que a gente precisava, o amparo porque as domésticas ficaram fora das leis trabalhistas, (peço) amparo (via) inclusão no INPS como facultativo e (peço) pro João Goulart que fosse regulamentada na CRP a inclusão, que fosse enquadrada as empregadas domésticas como trabalhadoras domésticas e tivesse todos os direitos iguais aos homens. Aí falei sobre a aposentadoria, sobre a condição delas quando estão doentes, falei tudo.

(Nós passamos quatro dias em Brasília) o Francisco Amaral era deputado nesta época. Então nós dos Sindicatos de Campinas que oferecemos a caneta de ouro p'ra assinar a lei que facilita direito ao salário família. Daí nós entregamos pro Francisco Amaral a caneta, p'ra ele entregar pro presidente do Senado que era Auro de Moura Andrade.

(No dia que foi assinada a lei), nós levantamos de manhã, tomamos café e saímos p'ra passear um pouco, fazer hora, às dez horas nós tínhamos que estar na Câmara com o vice-presidente da Câmara que era Ranieri Mazzali nós iam ter uma entrevista com ele, as dez horas. Nós fomos p'ra Câmara, p'ra conversar com o Ranier Mazzali. Foi quando nós tiramos a fotografia com Francisco Amaral e depois terminou a entrevista, nós saímos da Câmara, aí fomos almoçar. Fomos almoçar as quatorze horas tinha então a abertura do projeto de lei que ia ser transformado em lei, que era assinatura da lei para o benefício salário família. Fomos para a Câmara outra vez para ouvir a leitura da lei que ia ser sancionada, depois nós fomos ao senado p'ra assistir a assinatura da lei às quatorze horas.

Nós ficamos funcionando junto com os treze Sindicatos e na mesma sede até 64 quando veio o golpe dos militares, daí a associação propriamente dito, não foi fechada, porque quando fecharam os Sindicatos eu não estava mais lá, um dos presidentes, mais um dos vereadores da Câmara tirou a gente de lá e nos levou p'ra uma sede onde funcionava a UDN. Quando veio a revolução começaram a cassar todo mundo, no dia que prenderam o Pedrinho do Sindicato todo mundo foi p'ra porta da delegacia esperando que ele chegasse preso, a Isaura e as copinchas dela foram p'ra porta da delegacia lá na Andrade Neves p'ra esperar a chegada do Pedrinho, porque o rádio anunciou o nome do Pedrinho.

Como o Pedrinho era presidente do Sindicato da construção civil, então provavelmente eu também teria que ir, tinha que ser presa, porque eu era comunista, Pedrinho foi depor, eu fui depois no mesmo dia, mas só que eles esperaram de manhã e eu fui à tarde, então ninguém me viu ir lá p'ra polícia p'ra depor.

(O delegado era muito meu amigo), quando precisava de mim ele ia me buscar para fazer vatapá, p'ra fazer cuscuz.

O dr. Dumont disse assim: a Nina não é comunista. A Nina é idealista, ela quer melhorar a situação das amigas dela, das irmãs dela de categoria. O Pedrinho também não é comunista ele é idealista quer que os trabalhadores da construção civil ... tenha uma vida melhor.

Nem eu, nem ele (Pedrinho) sofremos nada, mas o Sindicato continuou fechado, fechou tudo eram treze Sindicatos que funcionavam, fechou a sede e aí cessou o movimento do Sindicato porque todos funcionavam no mesmo local eram salões grandes e tudo. Então eu saí isenta e o Pedrinho também, mas teve dirigentes que fugiram, teve que fugir, teve que ir embora os da borracha tiveram que fugir, o irmão do Pedrinho, o Irineu, que hoje é vereador pelo P.S.D.B., fugiu porque ele era da alimentação e o outro era do Sindicato da borracha, era maranhense, mas ele era vermelho, então tinha apelido de maranhão.

Então foi da alimentação, borracheiros, bancários, o único Sindicato que era ligado à gente era o do comércio, que o Sindicato dos comerciários não era ligado porque a maioria eram patrões e os outros todos tiveram que fechar, eletricitários, gráficos, fechou tudo. Aí nós também da associação não funcionamos porque fomos impossibilitadas de funcionar naquela época, não foi cassada mas não funcionou. Durante (este período) a gente andava pro congresso ia atrás dos vereadores, então o Quêrcia já tinha se formado em direito era vereador e começou a trabalhar.

5. A HISTÓRIA DO MARIO FOI ASSIM...

Um dia pela manhã em 1.963, eu passava pela Francisco Glicério eu vejo um pintor, pintando, fazendo uma pintura de um vaca na parede de um açougue. Parei e fiquei olhando porque eu achei aquilo uma pintura diferente, achei que eu tinha que parar.

Ele acabou de pintar uma parte e desceu, eu não sei se ele ia pegar mais tinta, não sei o que, ele desceu p'ra fazer, eu estava na porta, eu olhei p'ra ele e falei:

- Muito bonita a pintura que você está fazendo, muito sugestiva ainda não vi em Campinas uma pintura assim num açougue, no local de trabalho, está bonito demais. Você mora aqui em Campinas, você é Campineiro? Ele disse:

- Não, não sou campineiro eu vim de Lins.

- Ah bom! Puxa você veio de longe.

- Mas você pinta parede, pinta carro ..., tudo?

Ele disse:

- Olha eu não sou pintor de parede, mas como eu estou aqui há pouco tempo não conheço quase ninguém, estou procurando serviço, eu peguei este serviço aqui. Eu sou pintor de quadro (sou pintor clássico); eu não sou pintor moderno, porque pintor moderno a senhora vira o quadro de cabeça para baixo e não entende nada né. Eu disse:

- Eu também não gosto de pintura moderna porque a gente não entende nada.

- Como é que você chama?

- Eu me chamo Mário de Oliveira. E a senhora?

- Eu me chamo Laudelina do Campos Mello, e meu apelido é Nina. Aí ele já falou:

- Pois é Dona Nina eu não estou aqui, a passeio não, eu vim morar aqui, estou aqui há um mês mais ou menos, eu estou procurando serviço, então eu peguei este serviço aqui, porque eu estou morando em uma pensão, sabe os dias correm né?

- Verdade. Mas você Mário, pintor de quadro, está pintando parede?

- Pois estou sem serviço; peguei este aqui.

- Mas você não pode pintar parede! Eu já brigando com ele, (riu) porque ele pintava parede.

- A senhora acha?

- Eu acho sim porque esta pintura é uma coisa maravilhosa! Agora abriram lá uma farmácia, então mudou tudo. Fechou o açougue, mudou pintura, sumiu tudo... Era uma coisa fora

do sério a vaca que o Mário pintou... Todo mundo que passava parava p'ra ver a vaca (riu).

Vamos ali falar com o Braúlio Menezes de Nogueira, (que é aquele que eu falei p'ra você que é muito amigo da gente), e fomos ali três casas depois, já era a associação dos jornalistas. Chiando lá o Braúlio, estava lá sentado, lendo jornal. Ai chegando lá o Braúlio:

- Oi Nina entra.

- Eu vim trazer uma pessoa p'ra você conhecer. Ele falou:

- Pois entra vamos sentar aí. Sentamos lá na sala. Eu vou fazer a apresentação porque ele é novo na cidade. Ele chama Mário é pintor, e tem o diploma da escola de Belas Artes de São Paulo; e está pintando parede.

- Mas porque que ele está pintando parede?

- Pergunta p'ra ele? Começamos a conversar, foi quando o Braúlio disse:

- Ah! vamos lá à noite conversar com o profº Jaime, p'ra ver se coloca lá na escola. Fomos lá e na hora o professor já tomou os dados, já pediu os documentos dele, já registrou ele e daí no outro dia ele foi dar aula na Escola de Belas Artes de Campinas; e ali na Andrade Neves em cima daquela livraria, ainda é lá. O Mário começou a lecionar ali, daí já tinha alunos particulares, já ia p'ra fora. Começou a pintar na praça, p'ra criança.

Foi quando eu dei a sugestão p'ra fazer a exposição. Ai, um dia, conversando com o Braúlio, naquela época a gente tinha o teatro, então o Braúlio dizia p'ra mim arranja alguma coisa p'ra gente ocupar o teatro, ocupar o espaço (riu): não tinha companhia não tinha nada vamos fazer alguma coisa, uma apresentação, uma palestra.

- Você sabe Braúlio faz tempo que estou com isso na cabeça então eu estou pensando agora, eu vou falar p'ra você que eu estou pensando, eu estou pensando em fazer uma exposição de valores negros.

- Ótimo, ele se levantou, vamos fazer sim. Vamos organizar, realizar.

Sentamos, ele começou a perguntar como eu queria, então eu comecei a falar que a gente poderia apresentar pintores, trabalhos manuais, trabalhos artísticos, cerâmicas, música tudo

né... jornal, tudo isso apareceu o jornalzinho de Baltazar que é o Hífen, foi inaugurado naquele ano e a Geni com a poesia, o Baltazar com a música, foi ele que escreveu a valsa das debutantes. Tinha um cunhado dele que pintava muito bem, e por duas vezes quis fazer uma exposição e não conseguiu (faleceu né o seu Luizinho).

Nós começamos a convidar (às pressas) fomos na casa do seu Luizinho, ele já tinha quadros prontos ele pintou mais, conversando com este rapaz que você viu a fotografia na casa dele, o Raimundo, naquela época a gente estava fazendo o movimento do elemento negro era o dia da abolição. Nós estávamos fazendo o movimento do aniversário da abolição. Aí convidamos o Raimundo, e começamos a convidar o pessoal. Depois veio de fora da também Piracicaba, veio Jundiá, que também expuseram. Daí nós sentamos p'ra compor a exposição. Então eu disse:

- Braúlio fica na direção. Braúlio:

- Então você dr. José Alberto e o Mário, fica na direção. Ele disse:

- Você ia sair fora? Não fica vocês. Então eu, Mário, dr. José Alberto, Braúlio, fomos nos quatro que compôs a comissão p'ra organizar.

Organizamos. Eu comecei a convidar, a visitar o pessoal, a incentivar, tinha muitos que diziam:

- Será que vai dar? Eu dizia:

- Gente vamos, vamos, vamos, e aí conseguimos. Foi o maior sucesso a exposição.

Aí o Mário fez. Aqui esta parte era só ele, (mostra a foto). O auto-retrato foi uma coisa comentadíssima, né? O auto-retrato dele pintado dele.

Aqui neste quadro tem vistas aqui de Campinas, a redondeza daqui, aqui parece que é Souza. O senhor aqui de perto ficou.

Nós fizemos, foi muito comentado: nós tivemos alguns visitantes do Rio Grande do Sul que veio p'ra conhecer.

Sérgio Menezes, mandou o secretário dele, porque o Sérgio Menezes é o diretor do Instituto de Cultura não sei que lá de São Paulo. Sérgio Menezes é muito falado, é um escritor, já escreveu muitos livros, sobre o negro, então ele mesmo diz que aquela contribuição ainda é pouco.

Nós fizemos coquetel, a indústria do Marquinho ofereceu a bebida, uma confeitaria ofereceu os salgadinhos. Nós fizemos um coquetel no saguão do teatro, era lindo; a entrada estilo barroco né.

Então fizemos o coquetel, convidamos as autoridades, as pessoas que estavam na fotografia, outros pintores: pintores famosos nós convidamos, discursaram na abertura, convidamos o prefeito.

Isto foi muito importante p'ra vida do Mário.

Eu consegui levar ele para morar com a gente, ele foi. Aí ele já estava lecionando, já não estava mais pintando parede, já saía de manhã, a gente cuidava da roupa dele e tudo p'ra ele ir arrumadinho lecionar, porque os alunos eram todos brancos, não tinha um negro p'ra contar história.

- Tudo branco, meninas louras vinham de fora p'ra assistir aula aqui. Vinham de Americana, os pais vinham trazer de carro, levava.

Então eu levei p'ra morar com a gente e começamos a conviver junto. Então aqui o Mário era uma partícula da família da gente, partícula da gente, se dava muito bem com o meu filho, aí então, começou ele a fazer movimento, ele fez várias exposições, antes desta ele fez uma no hotel. Ali na rua Regente Feijó tinha um hotel, muito chique na Regente Feijó, ele fez uma exposição ali, fez uma exposição no Banco Francês na Francisco Glicério, fez outra na sociedade dos cronistas e fez uma na escola onde ele lecionava. Foi quando montamos a nossa que foi no teatro municipal.

A gente conviveu junto neste tempo, (o) que a gente sabia era bom. Ia atrás do Mário uma família no Cambuí, que quer que você pinte um auto-retrato dela ou dele, ele ia e pintava na casa da pessoa, e assim o Mário ficou conhecidíssimo, depois até ele montou um ateliê dele, e preparou um ateliê muito chique, muito distinto ali dentro do Cambuí, ali na rua Guilherme da Silva.

É isso, morou ali, esteve ali quase na esquina com a Julio Mesquita. Ali ele alugou uma casa muito antiga, mas muito bonita, ele decorou toda a casa, ele era decorador, decorou. Ali ele tinha alunos, recebia as visitas, e foi quando o Cambuí começou. Quando pôs a filha dele na escola dos ingleses, ficou mais conhecido ainda, pintou muito p'ra eles também, lá p'ra escola, então ficou aqui como o Mário fosse uma pessoa da família. Então pintou a Geni que é a poetisa.

- A medalha do governador do estado (descreve a foto).

Mário pintando, e a Geni fazendo poesias, nós demos várias festas, ele foi convidado pelo centro de Ciências e Letras, e teve uma palestra com ele pintando elementos que estavam na palestra, foi convidado, aí houve vários convites da prefeitura, de bancos onde ele fez a exposição, lecionando, ele teve um ofertão aqui em Campinas.

Depois que nós mudamos da Moraes Sales, ele foi morar no Cambuí, depois de lá ele foi com mudança p'ra Ouro Preto.

Ele mora na casa de um dos inconfidentes. Ele continua, lecionando, agora regularizou a situação com a Maria e com a filha, ele se casou com uma das companheiras nossas da associação das empregadas domésticas.

IV

Da- LAUDELINA APoS O PERIODO 1.964

1. O PERIODO 1.964 FOI O INICIO DA REPRESSAO

A prática da Associação.

A Associação (das Empregadas Domésticas) não foi cassada mas também não funcionou como a entidade reivindicatória que era (nessa época de 1.964 à 1.968). Foi liberada para funcionar como uma Instituição Beneficiante. Nesse período não foi realizado nenhum evento e nem reivindicamos nada, a gente andava p'ro Congresso, atrás dos vereadores. Nessa época o Quêrcia já tinha se formado em direito e era vereador e aí começou a trabalhar p'ra gente. Trabalhou p'ra gente como vereador na Câmara ... e aí foi votado uma lei p'ra Associação passar a ser como utilidade pública não funcionava como Sindicato, mas se falava Associação para poder (a categoria) ser inclusa nas leis trabalhistas, pois, era muito difícil falar em Sindicato, (em razão disso) foi criada na Câmara uma lei de utilidade pública, então foi quando eu comecei a funcionar, arranjando mantimentos, roupas, remédios (na Associação passou a ter) médico, dentista e advogado.

E então passou a funcionar como uma instituição beneficiante, que era p'ra poder pleitear isso tudo, porém, não se parou de mandar projetos e dar dura no Congresso.

Em 1.966 houve uma reunião com os sindicalistas e o ministro do trabalho que era Jarbas Passarinho do sistema militar. Cada Sindicato estava exigindo as leis que não estavam

sendo cumpridas (como a) reposição do salário, porque, desde sessenta e um, estava havendo defasagem do salário.

Eu fui pedir pro ministro do trabalho p'ra assinar a lei enquadrando as empregadas domésticas no salário família e também que passasse a instituição de Associação para Sindicato.

Quanto à regulamentação da profissão das empregadas domésticas foi nos dito pelo (ministro) que era muito difícil a lei ser assinada, pela quantidade de gente.

Estava faltando isso: ... união das empregadas p'ra exigir que a lei fosse regulamentada. Ele (ministro) disse: - todos os Estados que a gente vai os documentos são seu (referia DL). Uma andorinha só não faz verão, ... a conquista do trabalhador nunca foi dada por eles de mão beijada. A conquista do trabalhador desde o começo do mundo nunca foi regulamentada pelos patrões, pelos ministros, nem pelos governos, é pela união, pela quantidade de massa.

Não conseguimos ainda como Sindicato, mas esta data elas passam a ter direito ao INPS (e) a ter pensão também. Daí passou a ser facultativo pagava por conta. Agora 1.988 com o Sindicato passou a ser obrigatório. O patrão pagava a parte dele e as empregadas a parte dela. Ela (doméstica) pagava por conta mas já tinha direito com um ano de carência ao hospital, funeral e outros benefícios.

Então foi esta a vitória, então nesta noite também teve um banquete, o presidente ofereceu no Hotel Nacional. Neste banquete eu fui encarregada de entregar as camélias são lindas, cor-de-rosa. O meu vestido era cor-de-rosa também este casaco preto ... Então fiz a entrega da flor, para a mulher do ministro, então ele tirou sarro e disse: a sra. que é o terror das patroas (eu).

(Em virtude da postura do ministro) nós entramos em contato com os outros Estados, com os outros municípios, onde já tinha (realizado) outros Congressos, onde já tinha outras Associações e (trabalhamos) para a fundação de mais Associações. Depois daí foi incluindo na pauta de reivindicações (ao governo) mais sessenta e duas Associações (porque foi) encaminhada pro senado, para a regulamentação da lei, então a gente tinha que unir os Estados, as capitais, os municípios para reforçar (o pedido).

A igreja ajudou muito a gente ia atrás, das Associações (por meio) do pessoal de igreja (que) entravam em contato com as entidades sindicais dos locais das homens, pedindo apoio. Então a gente tinha uma massa consistente p'ra poder brigar.

... Em Piracicaba, estava um custo porque o diretor de Piracicaba não aceitava a inclusão das empregadas domésticas no INPS. Então aí eu fui com a Dulce, a presidente do Sindicato de Piracicaba (para Brasília) ... Nós entramos em contato com ele (ministro) e pedimos p'ra ele, que passasse uma ordem para que as empregadas domésticas pagassem INPS como facultativo, em Piracicaba, porque (este) diretório não estava aceitando.

Então o posto de Piracicaba estava contrariando uma lei, o Jarbas Passarinho, passou um telex, uma ordem que fosse descontado os oito por cento, que seriam dezesseis porque (as empregadas) pagavam as duas partes.

(A Associação dos Empregados Domésticos) passa a ser de utilidade pública (1.965), então a prefeitura estava, distribuindo uma verba e nós não tínhamos um local, estávamos na igreja Santo Antonio, mas queríamos um local para a gente funcionar já com as coisas das domésticas, com a creche, com tudo. Foi então que entramos com o pedido na prefeitura, para que a prefeitura nos encontrasse um local para a gente se estabelecer, foi quando a prefeitura alugou (a casa da rua Proença 631).

Nos montamos uma creche, não era uma creche que as crianças ficavam para dormir, ... era só durante o dia ...

Tinha a secretaria, tinha a sala onde a gente fazia as reuniões, tinha mais dependências, sala de jantar, cozinha, dispensa e mais três cômodos no quintal, e a garagem, então a gente ocupou tudo isso. Na garagem, a gente fez uma espécie de (área de lazer) era um local onde as crianças brincavam, (forramos) tudo com carpete. Tinha os brinquedos e às vezes as crianças vinham escrever ali.

Tinha doze cômodos esta casa. (Haviam) três salões onde a gente pôs os berços p'ra eles dormirem a gente chegou a ter quinze crianças.

Eu morava na casa e também funcionava a creche era pago pela prefeitura, eu tenho aí os recibos tudo que foi assinado pelo prefeito, depois eu vejo para você a papelada, tem tudo aí, quanto pagaram, o tempo de contrato, tudo aí, assinada pelo prefeito e as outras testemunhas ... Em 1.968 eu morava na rua Cruzeiros dos Anjos, depois de um tempo que eu mudei para (a casa onde funcionava a creche). Foi nessa época 68, que nós fizemos o contato com a primeira dama do Estado Ana Maria do Carmo Sodré, nós fizemos uma lista do que a gente ia precisar depois eu mostro p'ra você a lista.

O Lions Clube também ajudou muito, na composição da creche, da primeira creche ele ajudou. Porque esta creche mudou, venceu o contrato e fechou, (em razão também) de tudo aquilo que aconteceu (refere-se ao desentendimento com a Isaura Brás) que eu deixei a Associação. A creche já havia saído, foi feita uma creche em nome dos empregados domésticos geral, na vila Tofanello, então mudou todo o material para lá.

A vila Tofanello, fica a onde eles falam furação, pra lá do Taquaral, antes de chegar na Trinta e Um de Março. A prefeitura construiu um prédio lá.

Em 1.968 a primeira dama do Estado (Ana Maria do Carmo Sodré), veio a Campinas a convite da mulher do Rui Novães, que era a primeira dama da cidade. Ela veio numa semana folclórica onde a gente tava trabalhando já pra creche e pro Alvaro Ribeiro (hospital), nessa data que aproveitamos e entramos em contato com ela.

Infelizmente, logo eu adoeci e fiquei afastada quatorze anos, afastada da Associação. O médico chamou meu filho e disse: - Se sua mãe continuar nesta Associação ela vai acabar morrendo.

A Isaura Brás fez uma chapa (em oposição) a mim e perdeu eu fui reeleita. Fui reeleita e ela não se conformava eu viajava, o pessoal me chamava; os políticos, militares (me) chamava para dar apoio e isso criou aquela coisa, aquela animosidade negro contra negro, (diziam) que eu queria ser, mas eu nunca quis ser, eu sempre fui isso que eu sou. Todo mundo me procura eu não procuro ninguém, eu não vou atrás de ninguém, eles vem aqui na porta me pegar, me arrastam, me levam ... (Algumas) pessoas já me avisaram que vai entrar um projeto na Câmara para ser votado a minha cidadania como, ... cidadã campineira, eles estão procurando construir uma rua com meu nome, eu não pedi nada disso, quem está prometendo são os vereadores, o grupo deles, não sou eu, agora eles fazem eu vou dizer que não.

Então isto é a raiva deles, mesma coisa é a Isaura, me mandou prender dentro da catedral, eu estava em oração dentro da catedral, ela mandou me prender como comunista se eu não sou filha de bons Santos, se eu não sou de uma corrente forte, se meus Santos não me protegessem, meus Orixás, eu ia presa como comunista, de noite oito horas da noite a polícia me pegou dentro da Igreja e levou, eu estava sendo acusada de ser comunista, estava infringindo contra a Pátria.

Sem contar que quando eu fui representar Campinas no Rio de Janeiro ... ela queimou parte da documentação da Associação.

2. QUANDO FOMOS CONVIDADOS A PARTICIPAR DA SEMANA DO FOLCLORE

Em sessenta e quatro quando o Castelo Branco assinou a lei para funcionar o mês do folclore em Campinas, eu fui convidada pela secretaria da educação para montar a cozinha típica baiana dentro da semana do folclore. A primeira semana em sessenta quatro foi no largo da catedral, nós montamos as barracas, mas foi ainda bem fraco.

No segundo ano em sessenta e cinco, o departamento de cultura e educação estava lá na Avenida da Saudade onde hoje é a sede da Força e Luz, então nós montamos tinha oitenta e duas barracas, funcionou todos os departamentos, de cultura e educação.

Segundo ano 65, nós já tínhamos uma equipe muito grande trabalhando dentro da semana do folclore. Fomos p'ra fazendas, conseguimos muita coisa, muito material, conseguimos trazer muita gente de fora. Veio o Bumba-meu-boi do Maranhão, veio o grupo de Catira, veio o grupo dos Caiapós de Minas Gerais, veio o Moçambique do Paraná, rendeiras, trabalhos manuais, pessoas que fabricavam coisas na hora, bonecos de panos. Trouxemos o fogueteiro de Itu, dançamos o fogueteiro, foi um mês de folclore, ali dentro, ali na praça onde estaciona os carros.

Como a cozinha ficava longe p'ra gente fazer as coisas, nós fizemos em conjunto no Clube Cultural, e o Sampaio p'ra fazer na casa dele os doces e os bolos, porque da casa dele até a Secretaria é duas quadras. Então a gente passava o dia; todo mundo trabalhando lá, montou-se uma cozinha com forno de lenha com tudo e a tarde começávamos a transportar p'ras barracas. Tinha barraca baiana, sergipana, entrou o Norte, não era mais das Nações, entrou o Brasil todo, todos os Estados, trouxemos um conjunto, um orquestra que tem em Minas Gerais, Caxambú, só de mulheres, só de moças, um orquestra completa como todos os instrumentos. Ficou duas semanas aqui, pagava a estadia para elas ficarem aqui, porque não podia ir e voltar, porque é longe.

Fizemos tudo isso, conseguimos na fazenda São Vicente, um carro de boi que tinha cem anos de vivência, que trabalhava na fazenda transportando lenha. Eles montaram, está lá no bosque, este carro de boi que está, lá no bosque pegado à casa do caboclo, foi nós que conseguimos trazer de presente. Então, montou-se um poço p'ra tirar água, o carro-de-boi, e todas aquelas coisas da época da escravidão, nós conseguimos.

A feira em dia de semana começava às seis horas da tarde, e em sábado e domingo começava ao meio-dia; aí fazia almoço, então quem queria levava marmita, levava uma terrina, uma sopeira (para colocar comida). Cada dia da semana era uma cidade, um Estado que apresentava, Minas, São Paulo, R. G. do Sul. Na (semana em que se apresentou) Rio Grande do Sul, nós montamos uma churrascaria e eram os soldados da Junta Militar que assava a carne p'ra gente, faziam a lareira no chão, despejavam o carvão, e eles ficavam ali naquele calor assando a carne. Eles faziam espeto de taquara, eles mesmos que cortavam, faziam espetos grandes, pequenos, de acordo com o que o freguês queria.

E assim, cada Estado apresentou o seu quitute, Rio Grande do Norte e Belém do Pará apresentou o Pato à Tucupy, o Pato na rama de mandioca; corta a mandioca, põe a mandioca em baixo, tempera o pato e vai cozinhando no bafo, tem pessoas que levam inteiro, outras, uma metade.

Então trabalhou-se assim, tinha os doces, então tinha uma barraca de doces típicos caseiros, cocadas, doce de abóbora com côco, pudins e todos aqueles doces caseiros, outra barraca só de pão caseiro, roscas e biscoitos, então funcionamos um mês.

Depois daquele ano nós vamos ali, onde hoje é Centro de Convivência, que ainda nem existia, o Centro de Convivência foi construído depois. Nós estamos em 65, 66 e 67, começou a construção do Centro de Convivência, então nós fizemos ali. Ali tinha uma escolinha que dava p'ra rua Conceição, o resto era tudo uma praça, Praça do Amaral, então fizemos ali o terceiro ano. O quarto ano fomos, fizemos no Largo do Rosário. Depois, o quinto ano nós fizemos no Taquaral, nós fizemos no Ginásio Taquaral, no pátio, depois nós descemos, quando foi no sexto ano, nós fizemos onde hoje está o Teatro Castro Mendes.

Depois voltamos outra vez pro Centro de Convivência, daí já estava quase terminando o Centro de Convivência, nós fizemos. Aí nesse ano que nós voltamos pro Centro de Convivência, o Francisco Amaral era candidato a Prefeito, então montou p'ra nós todas as barracas de bambu, cortava o bambu fazia a volta, fechava com portinha e tudo, e a cobertura, tudo com bambu e sapé.

Ficamos ali duas semanas, ficamos até duas horas da madrugada, tinha show, então tinha cantadores, tinha os que desafiava, os repentistas, senhoras, moças, conjuntos tocando, capoeiristas. Aonde está o Teatro, ali, ali (onde) está a Orquestra Sinfônica, ali era a praça onde a gente fazia a festa.

O meu grupo tinha dez baianas, todas vestidas de baianas cada uma de uma cor, todas bem coloridas, com brincos, colares, turbantes, então funcionava assim.

Tinha pessoas que só tomava café da manhã em casa, depois passava o dia, porque tinha shows, tinha tudo, tinha apresentação de teatro e todos os grupos de Campinas participavam, as escolas de bailados, os grupos de folclóricos, as orquestras, a banda de músicas, todo mundo tomava parte, então o dia todo tinha festa, nos domingos e feriados. E tinha a exposição onde ficava os trabalhos manuais, então lá dentro tinha tudo, rendeiras que fazia renda.

Esse ano (1.989) teve três dias só, mais aí choveu. Participamos com a doméstica, mas não fizemos nada, foi um prejuízo danado, não tem mais aquele grupo ... que levava adiante. Desses que entraram agora pouco que entende, o único que entende é o Clóvis, porque o Clóvis entende, mas havia pouco dinheiro pra funcionar.

Veio grupo de fora ... de Morungaba vem o Catireiro de Morungaba vem a Congada, roda de samba de Jundiá, lá de Itapira, vem o Catireiro, os moçambiques, então da redondeza toda vem gente, mas tem que mandar buscar, não paga a apresentação, mas tem que pagar a condução, tem que pagar a estadia e eles, esses não tinha dinheiro, então fez só com o pessoal daqui, mas infelizmente choveu.

Eu funciono desde 1.964. Esse ano eu não podia fazer nada. Perdi (forças das pernas) não podia movimentar, só de carro, só ficava sentada orientando lá do Sindicato, eu ficava sentada dirigindo, eles iam fazendo, a maioria não sabe fazer pratos típicos, faz mais pratos caseiros, mas cozinha, quando não é cozinha de elite, que é forno e fogão é cozinha caseira. Mas agora cozinha típica é muito difícil de fazer todos os dias e é muito cara. Então fiquei sentada, orientava e elas foram fazendo os doces, as comidas.

3. EU SÓ HAVIA MORADO NO CENTRO DA CIDADE, ENTÃO DEPOIS EU FUI MORAR NA VILA CASTELO BRANCO

Eu vim morar na vila (Castelo Branco) em 1.970. Eu estava na rua Florença, mudou de Prefeito e os donos da casa exigiram que pagassem mais, a casa é do Caplan, daí começaram a por obstáculos, o Quêrcia me chamou e disse: - Vou arranjar uma

casa na COHAB, p'ra você mudar, porque o Caplan tá fazendo pressão, porque ele quer a casa, que o filho vai casar e ele precisa da casa. Então eu tinha duas opções a Vila Rica e a outra p'ra Trinta e Um de Março. A Vila Rica eu não queria ir, porque da Vila Rica foi um horror, era pior do que o "faevest", porque todo aquele pessoal que morou quatro, cinco anos embaixo da ponte, foi tudo p'ra lá, foi despejado, morava nos cortiços, começaram a demolir aquelas casas velhas para construir. Eu pelo menos, morei três vezes na rua Barão de Jaguará. Então daí começou a demolir as casas antigas para construir as novas, ... na barão de Jaguará, eu morei cinco anos (riu...). Ali onde hoje é esquina de Cônego Cipião com Barão de Jaguará, eu morei também ali perto do Baltazar.

Essa (casa) aqui, o primeiro que pegou, ... foi muito relaxado. O Quércia mandou eu vim (vê-la), quando eu cheguei aqui, que desci do ônibus lá em cima, ... vim andando à pé quando eu desci do ônibus eu encontrei com uma senhora, mãe daquela que mora (nesta) esquina e ela perguntou aonde eu ia, (eu) disse que viria aqui e ela me disse:

- É na rua que eu moro, mas por que a senhora não pega uma que tem na rua de cima?

Então eu disse:

- Eu vou ver primeiro aquela que o Quércia me deu o endereço, se eu não gostar eu vejo a outra, ... Ela diz:

- Mas pega esta, assim a gente fica perto, a gente já é amiga, a gente foi vizinha. Tem três pessoas aqui que a gente foi vizinho duas vezes na cidade.

Mas esta casa estava tão suja, tão estragada que me dava medo, a pessoa que estava aqui tinha nove ou dez filhos, então eles eram, faziam fogo dentro da casa, cozinhava. Quando foram despejados, que eles não pagavam: o pai só vivia pensando em escola de samba, negócio, excursão e as filhas viviam abandonadas. Então, só tinha as paredes, eles tinham vendido tudo, os fios eles tinham tirado, venderam a pia, venderam as torneiras, venderam tudo. Quando eu vim aqui na casa estava tudo aberto, janelas, portas, não tinha nada.

Aí eu disse assim:

- Esta casa aqui não tem jeito, daí eu voltei, o Quércia estava me esperando, vai lá vê depois cê vem me fala. Aquela casa não tem jeito, não vo. Ele disse:

- Mas se arrumar você vai?

- Mas se reformar...(riu).

- Então pega. Chamou o motorista Roberto.

- Leva a Nina lá na COHAB.

A COHAB era ali perto da Catedral o escritório da COHAB. Chegou na COHAB, o dr. Antonio perguntou:

- Como é, a Senhora gostou da casa ?

- Não ! Não gostei. O Senhor já foi lá?

- Já fui. Não tem quem goste né Nina? (riu...). Mas vamos sentar. Mandou a secretária sentar na máquina e bater um documento. Nós vamos fazer a casa p'ra você lá, e tem que fazer mesmo. Quando tiver pronta eu mando te chamar. (Depois) a Senhora vem ver.

- Ficou pronta. A senhora gostou ?

Cheguei aqui eu falei:

- Não ! Não é aquela casa ?

Eu vim, eu mudei aqui dia 23 de agosto de 1.970, domingo pela manhã, daí eu já estava com o diploma de Assistente Social Voluntária, p'ra funcionar nas creches, nas favelas, eu funcionava diariamente nos outros bairros. Tinha agência montada em quatro vilas de empregada domésticas, então aqui na vila eu que funcionava aqui. Tinha outras domésticas lá no Centro Kennedy, outra na Vila Rica, naquela época não havia a Vila Trinta e Um de Março, eu funcionava aqui, lá na Prefeitura, na cidade, eu funcionava na segunda-feira, terças e quintas, eu funcionava aqui e nas outras nas outras agências.

Então eu já vim com espírito de trabalhar na Vila. Casa, água, luz, imposto e asfalto, porque não tinha asfalto ainda, e água tinha que buscar numa mina que tinha ali embaixo daquele parquinho, estava terminando o grupo. Daí, terminou o grupo pusemos água, asfaltaram.

Daí eu comecei a funcionar, às vezes era seis-horas da manhã, batia palma e eu ia ver. (Eles diziam) é a senhora que é a Dona Nina? Pelo amor de Deus a senhora vá lá na força e luz, que cortaram a minha luz e eu não tenho mais dinheiro (riu...). Daí eu ia lá e o superintendente e presidente foi nosso dentista das domésticas, lá na igreja Santo Antonio - dr. Ricardo. Ele dizia pode falar Nina:

- É uma inquilina lá no Castelo Branco, que cortaram a luz e o marido está doente, ou ela não tem marido. (Ele perguntava)

- Quanto tempo ele tem na casa, tia? (naquela época era Tia faz uns três anos que fiquei só). Ninguém trabalhava lá?

- Uns trabalha, outros não, ou ninguém trabalhava, porque tinha que mentir (riu...). Ele dizia: - Deixa o endereço, pode ir que eu mando lá.

Daqui a pouco vinha ligar. Daí fulano, ele perdoou os atrasados, agora cê tem que começar pagar de hoje, mas p'ra não abusar.

Daí chegava outro:

- Ah ! Cortaram a minha água. Daí lá ia eu p'ra Sanasa, não, naquele tempo não era Sanasa, era DAE. Agora lá ia eu. Eles me perguntavam:

- Quem é o afilhado hoje, tia? É a Dona Fulana de Tal.

- Vai lá que eu mando ligar.

Menina, eu trabalhei cinco anos assim, era seis anos assim, então vinha uns, era comida, alimento e era leite.

Daí terminamos a construção da igreja, aí começamos a trabalhar na igreja, fazia quermesse, fazia as coisas p'ra angariar fundo p'ra distribuir na Vila, então tinha o dizimo que era recolhido para depois dividir, fazia bazar, tudo e tudo que acontecia eles vinham atrás de mim. Então durante cinco anos a assistente social chegava às oito horas aqui, mas quando ela chegava eu já havia ido à cidade e voltado. Eu saía junto com ela, tinha ela e tinha o tesoureiro, a tesouraria da COHAB era aqui na Vila, da nossa Vila era aqui, então o Barbosa saía junto também. Sabe o Barbosa, a gente tinha sido amigo de Sindicato, de sociedade e tudo, ele era um branco, mas um branco legal. Então qualquer coisa ele falava p'ra mim, Nina, vamos acudir aqueles coitados lá, eu chegava lá na Prefeitura apresentava a conta ... aí lá ia eu, o Barbosa e a assistente social. Então a mãe saía, ia trabalhar, teve uma que deixou a criança fechada com o cadeado, com corrente e cadeado, e as crianças foram esquentar comida e se queimaram, morreram queimadas as meninas. Começamos aquela batalha, que precisava de uma creche, de um parque infantil. Começou a campanha p'ra creche e para um parque infantil. Conseguimos a terra, conseguimos um parquinho,

funcionava dentro da sociedade, p'ras mães irem trabalhar e deixar as crianças.

Depois vem a luta com o ginásio, p'ros alunos estudar à noite aqui e não precisarem pagar condução, p'ra estudar na cidade. Tinha aluno que saía daqui e ia lá no ginásio da Vila Nova e chegavam aqui uma meia-noite-meia, uma hora da madrugada, então eu andei de porta em porta com a lista pedindo adesão dos pais, dos amigos e dos moradores p'ra instalação do ginásio; porque a gente só tinha o grupo escolar. Aí conseguiu o ginásio, eu, a mãe da Toninha. Agora pegou a cisma da mãe dela, que a mãe dela andava junto com a gente.

A mãe era uma senhora já de idade, mas disposta, passava uma pessoa na porta e ela perguntava se tava com fome, ela dava comida, se não tivesse comida ela ia arrumar qualquer uma coisa, uma farofa, um café, pão. Era qualquer uma pessoa, se tinha uma pessoa doente, ela ia ajudar a dar banho, tratar, fazia caldo, levava, era uma coisa a mãe da Toninha.

A gente tava até pensando em por o nome dela numa rua aqui, mas a Toninha não está querendo.

Então era assim, aí eu fiquei nesta vida trabalhando na Vila. Aí esta assistente social boa que saía com a gente, foi transferida para Tietê, aí quebrou meus braços e as minhas pernas, quando a Janice foi embora. A Janice era pau p'ra toda obra, ela ajudava a brigar, ajudava a levar, ajudava a fazer, ajudava a fazer, ajudava a pedir. Entrou uma boazinha também, mas não era igual a Janice. Até eu falei pro Barbosa:

- ... Essa aí é muito mole demais. O Barbosa:

- Nós vamos por ela no eixo.

Ficamos com ela mesmo, com Cidinha. Começamos a correr com o vizinho, a mulher foi embora deixou eles, o pai estava doente na cama aí o problema era eles.

Eu nunca arrependi na minha vida de ter feito nada, a menor coisa que eu fiz eu nunca arrependi, mas esta gente, eu tenho arrependimento. Se arrependimento salvasse, se arrependimento salva a alma eu estou salva. O que eles tem feito de mal p'ra mim, não tem tamanho.

Aí o pai ficou na cama, a mãe foi embora, eles eram sete. Ninguém trabalhava, a mais velha com dois filhos no braço ia casar não quis casar. Quando aprontou nós fomos ao juiz, quando estava tudo pronto, ela não quis mais casar. Daí ficou bandaloiando, dormia no grupo com os marginais e aprontando.

Peguei uma cruz, uma que até hoje eu sinto o peso sem carregar nada. Eu disse:

- Cidinha arranja um emprego, eu estou em casa mesmo, eu olho as crianças p'ra você.

- Tá bom eu vou.

Trabalha dois dias, roubava, saía, sumia.

Aí chegou uma época que aquela que havia ficado com dez anos já estava com quinze anos, outro já estava com dezessete, dezoito anos o abaixo dela tinha casado. Aí a mãe dela levou as duas menores, aí ficou a Cidinha, Zuleika, Carlinhos, Rubinho e o Edinho. Então todo dia vinha queixa, queixa que eles haviam entrado numa casa, em um quintal, roubado.

A vizinha arranhou serviço p'ra ela num pensionato de alunos da UNICAMP, ela roubou até o dinheirinho que a menina tinha no cofre p'ra pagar a condução. A mulher comprava sabão, colocava na frente, então ela tirava.

4. O MEU RETORNO A ASSOCIAÇÃO DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS

Quando foi em 1.982, veio a Marquesa e a Maria, aqui na porta (refere-se a casa). Eu fui atender, elas disseram: - Nós viemos aqui p'ra conversar um pouquinho com a senhora.

Nós funcionávamos (ela é a Marquesa) fazia cinco anos ... nos grupos, na igreja, ela não sabia (que eu fui presidente da Associação da Empregadas Domésticas).

Ela disse:

- Eu vim fazer uma pergunta, me disseram uma coisa hoje eu estou em dúvida, então eu vim perguntar p'ra senhora ... é a senhora que é a fundadora da Associação da Empregadas Domésticas?

- Eu sou.

- Ah! A senhora está brincando! Nós estamos juntos em quatro grupos da lista, (grupos de trabalhos comunitários) eu não sabia que a senhora era a fundadora ... Eu (gostaria) que a senhora nos desse uma orientação, (de) como é que a gente pode começar a funcionar a Associação, porque nós já fomos no

cartório, nós já fomos em São Paulo, nós já fomos em todo lado e não conseguimos o estatuto. Eles queriam registrar, mas não podia registrar porque já era registrado e eu ainda era a presidente.

A Isaura não conseguiu, ela fez tudo mas não conseguiu, ela montou um estatuto mas não conseguiu registrar, porque já existia um estatuto registrado, Campinas, São Paulo e no Federal. A Associação é até de utilidade pública porque os vereadores da prefeitura do município, voltaram uma quantia (dinheiro, verba pública) ... pro departamento beneficente, da Associação, a prefeitura dava, quando fechou cessou. Tudo isso aconteceu, porque até hoje podia ter, funcionar o departamento de benefício e de cultura ... mas, daí cessou porque ela (Isaura) complicou tudo.

Expliquei para (Marquesa e a Maria) como é que era, e falei:

- O estatuto está aqui comigo. Ele (estatuto) ficou quatorze anos na mão do Quércia, depois eu tirei da mão dele. Naquela época estava na mão dele (Quércia) porque ele levou p'ra Brasília para pleitear uma subvenção federal, mas não podia porque não era reconhecida a categoria então não conseguiu.

Então eu disse a elas que (lhes) entregaria o estatuto. (Elas me disseram):

- Mas nós não podemos fazer nada sem a senhora (riu).

O marido dela (Marquesa) é falecido o Pico ..., esta semana vai inaugurar o centro de saúde, o prefeito está pedindo, p'ra gente apresentar o nome de uma pessoa que trabalhou p'ra Vila, então nós estamos apresentando o nome dele, o nome dele eu esqueci, o apelido era Pico. Eu tenho uma carta que escreveram p'ra ele no dia que ele faleceu.

Depois, nós passamos a nos reunir lá na catedral, (por falta de sede). Mas o padre Karam é carne de pescoço, então quem chegava até as oito horas entrava e fechava a porta. Quem chegava depois não entrava, quem estava lá dentro não podia sair antes das dez horas, antes do término. Nós ficamos um ano lá, aí (eu falei) nós precisamos sair daqui, precisa ir para um lugar, precisa ter um espaço p'ra fazer alguma coisa, p'ra fazer um movimento, p'ra reunir com mais pessoas, aí começamos a procurar.

A Lise indicou um salão perto da igreja ... Divino Salvador, o padre lá é outra casca de ferida enrolou a gente durante um mês, toda vez que a gente ia ele não estava ou estava em reunião.

Um dia, o Pico se encheu de razão. Nós ficamos quatro horas (esperando e ele estava reunido lá com os grã-finos). Quando terminou a reunião deles com os grã-finos do Cambuí, que ele veio, (era) dez e tanto da noite e começou a fazer os rodeios dele que não podia porque ali funcionava uma Associação das damas da sociedade, começou aquele rodeio.

O Pico disse:

- O Senhor quer saber de uma coisa nós estamos a um mês, estamos aqui a mais de quatro horas cozidos em banho maria, pro senhor vim e fazer este rodeio, então o senhor já diz logo de uma vez que se não pode ceder a sala, p'ra nós, que nós já vamos embora, porque a gente está cansado de estar cozido em banho maria. Boa Noite.

A Marquesa disse:

- Você não deveria ter feito isto.

Diz o Pico:

- Quem não deveria ter feito o que fez é o salafrário deste padre (riu).

(Depois) nós conseguimos na rua dr. Mascaranhas, onde a gente ficou até agora, até há dois anos atrás (1.987). dr. Mascaranhas 396, casinha da prefeitura, mas quem dirigiu ali é o padre, agora eu esqueço o nome dele também (ele) é da Igreja Coração de Jesus.

Foi o Maurício (que) indicou, p'ra gente ir p'ra lá, porque ele é lá da comunidade da igreja, casou lá.

(Neste mesmo endereço) onde estava a Isaura, a Isaura esteve lá também mas não fez nada, o padre tomou a casa, ela começou a fazer comício, coisas políticas na candidatura dela. Então o padre se encheu de razão e tomou o prédio (riu).

Tinha uma porção de coisa lá no porão fogão, panela eu não sei o que fizeram, acho que venderam sei lá que fim que deu.

Ficamos lá, a gente se desenvolveu mais pro lado do Sindicato, porque o Maurício é sindicalista, advogado. Começamos a trabalhar, eu não ia muito e dizia p'ra elas:

- Vão vocês, porque eu já estou cansada. Elas respondiam:

- Não vó, vamos juntos tudo que acontecia elas vinham me buscar.

Congresso eu fiz quatro, com eles. No Congresso me carregavam no colo, foi uma maravilha o Congresso em Recife. Nós ficamos no seminário Cosmo e Damião em Olinda. Quando eles falaram vamos embora eu disse vocês estão brincando não é agora que nós vamos embora.

Quando foi agora na campanha, (em 1.988) nós fizemos um movimento e entramos com o pedido de registro do Sindicato e a Benedita da Silva, com a Petropi pegaram o pedido. Então dentro da nova constituinte enquadraram as empregadas domésticas agora em 88, registrou como Sindicato.

Agora nós estamos novamente na dr. Mascaranhas 220, uma quadra p'ra cima, não duas quadras. Estamos em cima da ética Marris, tem quatro ética ali, uma em cada esquina.

(Nós vamos) montar o departamento de artes culinária e o departamento de cultura, tem várias pessoas (mobilizando), se oferecendo, tem uma professora do Instituto Carlos Gomes que é pedagoga, tem uma outra também que não quer morrer sem fazer alguma coisa p'ra empregada doméstica.

5. EU PERDI APENAS UM CONGRESSO DE EMPREGADAS DOMÉSTICAS

O Primeiro Congresso das Empregadas Domésticas foi em 1.965 na Escola Santa Zita em Diadema, foi discutido a mesma coisa que tinha naquele documento que está muito apagado, aquele documento que eu levei no Primeiro Congresso dos Trabalhadores no Rio de Janeiro que foi cancelado.

Na ocasião do Primeiro Congresso das Empregadas Domésticas já havia sido fundada a Associação de Santos, Campinas e Porto Alegre e mais outras cidades. Em São Paulo foi em sessenta e três (a fundação). Nesse Congresso reuniu só cinco entidades e ainda era o mínimo, então foi em São Paulo e o segundo em Porto Alegre, o terceiro eu não fui, estava doente, o terceiro foi em Minas Gerais (me parece) que foi em Valadares. O quarto foi em São Paulo novamente, depois o quinto foi em Recife e o sexto foi agora em Campinas, eu só perdi um só. Eu só perdi o terceiro. Os outros todos eu assisti e sempre quando eu ia no Congresso já levava uma pauta para fundação de novas Associações. E dentro do Congresso já se conseguia novas adesões, então eles pediam p'ra gente acompanhar para orientar. (Assim) ou ia São

Paulo ou ia eu orientar, foi sempre assim a gente sempre foi solicitado até hoje.

No Primeiro (1.968) Congresso (das empregadas domésticas) em São Paulo, eu fui atacada por ela, (Euclidea) do começo ao fim.

Eu e a Euclidea vivemos a guerra juntas que, quando eu me alistei ela foi se alistar, era nós duas negras eu e ela. Ela tem quase a mesma idade que eu, eu sou pouca coisa mais velha que ela um ou dois anos, por aí.

Fundamos a Associação juntas, tocamos a Associação de 1.936 até 1.941 quando nós (nos) alistamos como voluntárias de guerra, fizemos quatro anos e oito meses de guerra.

Quando terminou continuamos, eu vim embora e ela passou para presidência, aí ela acabou com a Associação, ficou a mesma coisa que estava. Só que ela não se candidatou porque naquela época lá em Santos, não se falava em candidata negra.

... Na guerra eu fui instrutora do Segundo Batalhão, ela quis ser e não pode porque ela não tinha competência, tudo o que eu fazia ela fazia e a Isaura também a mesma coisa.

No V Congresso, foi D. Helder quem disse a missa para nós (o V Congresso) foi de 24 a 27 de Janeiro de 1.985. Nós fomos visitar aonde estava afundado o barco na Batalha do Riachuelo, o barco está afundado lá no mar e nós fomos conhecer. Quando nós voltamos do passeio D. Helder estava sentado na entrada do convento onde foi seminário, conversando com outros padres, eu fui chegando, aí quando eu cheguei ele olhou p'ra mim e disse:

— "Nossa! Olha a guerreira aqui!"

Ele me conhecia do Rio aonde mora minha irmã, ele trabalhou de cinco a seis anos lá na favela com minha irmã lá no Rio, e quando eu ia pro Rio visitar minha irmã, eu ia lá na favela e encontrava com ele. Na favela tem creche, centro de saúde, foi tudo criado por ele tem tudo lá.

(Depois) quando terminou a missa em ação de graças na Associação, D. Helder veio me abraçar e nós fizemos aquela fotografia juntos. Ele perguntou se a gente estava satisfeita.

Eu disse que estava mas que ainda faltava um ponto.

Ele disse:

- Qual é o ponto?

Eu disse:

- O registro da Associação como Sindicato profissional. Peço a Deus que não me deixe morrer antes de eu assistir esse momento, que eu tanto desejo na minha vida é o amparo das minhas irmãs das minha colegas. Aí ele disse:

- Deus é muito bom. Ele não vai deixar você morrer antes de você assistir esse ato maravilhoso de toda luz de sua vida. Deus vai te dar esse prazer.

O VI Congresso aconteceu de 19 à 22 de janeiro de 1.989 foi (realizado) em Ortolândia no colégio de seminário de padres. Eu fiquei muito emocionada, sabe por quê? Foi o VI Congresso ao todo tinha mil e duzentas pessoas, de repente no Primeiro Congresso foram só quarenta e oito mulheres.

(Eram) mil e duzentas pessoas, mas não apenas domésticas, haviam muitas pessoas que vieram p'ra assistir. O padre lá de Pernambuco veio, outros grupos vieram também, Sindicatos, veio o Sindicato dos trabalhadores rurais.

A Benedita da Silva esteve presente, a razão dela ter sido convidada p'ra vir no seminário foi que, quando nós fomos p'ra Pernambuco ela era vereadora, ela acompanhou o V Congresso, durante o tempo que nós estivemos lá. E a Benedita foi dentro da constituinte, foi a deputada que mais lutou pelo enquadramento da classe.

Ah! Ela contou toda história da vida dela no Congresso, (ela) foi doméstica, depois ela estudou, ela era professora, p'ra assistente social e presidente dos favelados, da onde ela mora. Contou todo o trabalho que ela fez e as pressões que ela sofreu das patroas após o enquadramento de classe das domésticas em 1.988. Cercaram ela na rua p'ra bater, telefonaram, mandaram carta ... falando horrores. Que agora os macacos estavam no poder. Que os macacos subiam no galho. Agora os macacos subiram no poder (rimos).

Veio para o Congresso também o ex-diretor, da CUT ele é de São Bernardo do Campo e veio também a presidente do grupo de mulheres do Chile.

6. E A QUANTAS ANDAM AS INSTITUIÇÕES NEGRAS POR AQUI?

(As instituições negras) tudo negativo. Na liga dos Homens de Cor estava uma briga por causa de poder. Antes a liga era proibida de ter mulheres no quadro social, agora esta tendo (mas) já era uma politica machista.

Mas está uma briga lá, tem o Ademir e o Barriga eu nem sei o nome dele o apelido é Barriga. Ademir faz parte da secretaria, mas não funciona não, ninguém está funcionando, nós tivemos lá em várias reuniões, mas não tem nada só brigas, é reivindicação dos poderes, todo mundo quer ser presidente, todo mundo quer mandar todo mundo fazer.

Do MNU eu não posso contar nada porque eu não tenho nada p'ra contar. Só trabalhando em conjunto no centenário, cultura, então dava a cobertura no que a gente precisasse, local, material.

O Reginaldo começou a dar o contra que nós não deveríamos aceitar porque no fim ..., estava dando a entender que era os brancos que estava fazendo. O secretário sentou e disse:

- Nós não queremos fazer, nós estamos colocando à disposição de vocês os locais, material, que é p'ra vocês realizarem e agora vocês sentam com a gente e diz o que vocês querem fazer, tragam o programa e traz p'ra gente então vocês vão precisar de palanques, vocês vão precisar de locais, auto-falantes, de tudo isso é com a gente, menos dinheiro porque nós não temos dinheiro p'ra dar. Nós contamos com vocês e programa.

Então começou aquela questão dele com Benedito Evangelista, com o Barriga, com a Banda de Música dos Homens de Cor, com o departamento do negro. Ele (Reginaldo) levou o programa e ninguém aceitou o programa que ele levou. O cronograma que ele levou ele dirigia, ele convidava, ele trazia, ele acontecia, (portanto), não era um programa democrático, porque na democracia todos têm voz.

Primeiro ele chegou dizendo que o dia que o Sarney decretou feriado treze de maio (ele) queria que o Departamento de Cultura mandasse um telegrama de repúdio.

Depois ele levantou disse que ia fazer uma passeata que iria terminar na porta da igreja com o enterro da Princesa Isabel.

Ai eu não aguentei me levantei e disse:

- Nós somos carangueijo, estamos andando p'ra traz, nós temos que ir é p'ra frente, da Princesa Isabel já não existe nem mais os ossos. Então nós vamos tratar de Princesa Isabel que já foi, nós temos que estar na época agora, nós vamos tratar da nossa época a luta é agora o que já foi, já foi. Meu coração já não quer mais saber daquilo tudo. Então nós temos que caminhar é p'ra frente, estamos agora é retrocedendo, vamos agora fazer o enterro da Princesa Isabel, o que vai adiantar fazer o enterro vai adiantar alguma coisa. Aí o coiso levantou aquele da UNICAMP como que ele chama o menino o da barraca da UNICAMP ...

O Ivan levantou e disse que ia ter uma passeata que sairia da igreja depois da missa, depois do ato ecumênico, saía da igreja, subia a rua Treze de Maio, descia Campos Sales, passava pelo jardim Carlos Gomes, subia a Conceição e vinha pro largo do Rosário, queria que cobrisse a placa da rua Treze de Maio.

Então eu disse:

- Mas que vai adiantar cobrir a placa? O Ivan:

- Vamos cobrir porque depois nós vamos exigir que tire a placa e troque o nome.

Dona Laudelina:

- Vocês tem que mexer com a Câmara, os negociantes da Treze de Maio, com o prefeito, com todo mundo, que as ruas da cidade, tem a Câmara que acolhe as sugestões dos nomes ... Tem que brigar com todos estes departamentos para conseguir a troca de rua. Ao invés de brigar pela troca de nome da rua, vamos tratar do agora. Primeiro nós temos denúncia que no Banco Itaú, tem negros que fez concurso, está lá dentro trabalhando na cozinha, não está no balcão. O único banco que tem negro trabalhando no balcão é o banco que eu recebo minha aposentadoria é o Econômico os outros bancos não têm negros no balcão.

Nós temos duas telefonistas negras. A loja Americana nós lutamos quinze anos, para colocar duas negras lá dentro, que eles não aceitavam negros no balcão, agora têm caixas, tem no balcão, mas foi uma luta nossa, minha e do dr. José Alberto, do profº Gustavo, do falecido dr. Wilson e outros. É isso que nós vamos querer. A inclusão das crianças nas escolas, (porque) os negrinhos são taxados como feio, de sujo, piolhento.

Teve um problema de uma assistente social do parque Manuel de Nobrega, que pôs uma criança de castigo, durante quinze dias p'ra fora do salão. Nós fomos até o prefeito levamos uma carta exigimos a saída dela de lá, é isto que nós temos que ver, não é trocando nome de rua, nem queimando o cadáver a

Princesa Isabel que nós vamos resolver o nosso problema não, o que já foi, já foi, o meu coração já perdeu, que a própria poesia diz: "nós temos que pensar no agora, o hoje". Não é verdade? Aí o secretário disse:

- É só a senhora tem razão, mas é difícil discutir com bispo, chamam ele de bispo. O Reginaldo não aceita, ele é radical demais ele não aceita. Tudo ele dá o contra só ele é que está certo, só vale o pensamento a posição dele, a palavra dele, os ideais dele, e não pode ser assim. Agora nós não estamos aqui para fazer o programa nós estamos pedindo p'ra vocês montarem o programa e trazer p'ra nós, p'ra gente ver o que vocês vão fazer o que vocês vão precisar, é isso que nós queremos, nós não queremos tomar a frente de vocês. Para amanhã dizer que foi a prefeitura quem fez que foi o departamento, é vocês que vão fazer.

A programação saiu muito mau, em todo caso saiu.

Então, começou assim aqui os detalhes, foi lá no salão vermelho.

Então esses são debatedores então o Januário foi convidado pelo Reginaldo. Januário quando confirmou que vinha então ele vinha de avião, descia em Viracopos, então o prefeito pôs o carro à disposição dele. O carro social à disposição dele, foi o Secretário da Cultura e foi o Reginaldo encontrar com ele no aeroporto de Viracopos. Fez um convite pro Januário, fez o Januário vir do Rio de Janeiro de avião, de lá trouxeram ele de carro oficial da prefeitura, ficou hospedado no hotel de Campinas no hotel ali, na avenida, lá na rua Irmã Serafina um hotel caríssimo; hotel de primeira, a conferência era de noite às sete horas da noite, sabe quantas pessoas tinha para assistir, o Januário vindo do Rio colocado no jatinho, com todos os aparatos, e todas as mordomias? Fala a verdade tinha trinta pessoas, trinta contando com a gente, nós. O Januário saiu do Rio para vir falar para nós é uma aberração; nós já conhecemos o Januário, a gente vive em contato com o Januário, o Januário tinha que tá falando p'ra uma platéia mais ou menos de umas cem pessoas. O Januário teve a maior decepção, o departamento de cultura mais ainda, o prefeito mandou representante, veio lá da UNICAMP o professor aquele que não gosta do Reginaldo, o professor Lapa, trouxe o americano. Aquele que não gosta do Reginaldo, Bob Slanes e trouxe mais este veio Lucila veio não sei quem mais, mas p'ra fazer trinta pessoas com esses elementos nosso tinha Benê, eu.

Ademir estava na faculdade estudando, essa menina aqui eu de mulher, a Isaura, Carlos, o Benê e o Reginaldo, e o resto era brancos, ele veio falar pro negro ou falar para o branco. O branco está cansado de saber a história do negro, ela

sabe a história, ele escreve se não publica, por que não quer, se abrir pro negro também entrar na roda.

Aí a Lucila nós convidou, p'ra fazer um lanche, aí foi eu o Reginaldo, o Januário, a Lucila e o Bebê. Aí o Januário então pois as cartas na mesa e espremeu o Bispo de todo jeito.

A Banda dos Homens de Cor a postura deles é virada, o que acontece com o pessoal da banda é os seguinte a banda hoje está capengando. Está só aqueles restolho dos velhos, (eles) estão carregando aquilo mais por uma obrigação.

Naquela época que nós fizemos uma homenagem p'ra banda aos vinte e cinco anos de fundação, conseguimos um fardamento novo, até foi (junto com a) semana de Carlos Gomes e vinte e cinco anos da reforma do teatro Municipal.

A banda é subvencionada pelo o município, tem uma verba do município, então ela, tem uma obrigação de atender os chamados, as vezes que a prefeitura precisa. A banda tem obrigação de atender os chamados, mas hoje nós estamos se tivermos dez músicos tem muito, os mais velhos já morreram, e havia uma escola dentro da banda, preparando os jovens.

Era o Seu Pompeu, Renato Pompeu, eu acho que ele foi trinta ou quarenta anos presidente da banda. Depois que ele morreu, é que criaram essa impossibilidade, eles não aceitam jovens, por que aqueles jovens que eles prepararam naquela ocasião aprenderam a música, mas foram para outro lado, montou conjunto, uma orquestra e estavam tocando em outras orquestras, tocando em outro lugar, estavam tocando em bar, tocando em outras coisas mas não na banda. Então há uma precisão e uma reforma, dentro do conjunto. Então quando o Ademir inaugurou o departamento da Cultura do Estado, na Campos Sales, eles levaram o banda para tocar o hino nacional, mas tocaram pela metade, porque não tem elementos que toquem, eles estão, mas estão fazendo de mais, eles estão muito velho, precisando de instrumentos novos e tudo. Então o problema da banda a gente já sentou com o prefeito e já pediu, ou eles aumentam a subvenção da banda, p'ra eles comprarem mais instrumentos, ou se fizerem uma campanha para se comprarem mais instrumento e aí a banda é ligada ao clube cultural. Então vem a rixa, do cultural com a banda. A banda não se dá com a diretoria mais, a banda não concorda com eles porque eles não tratam da parte financeira da parte cultural, da parte em que eles precisam, melhoria de farda, de tudo.

Começamos a fazer festivais, fazia baile da saudade, baile dos veteranos em prol da banda lá no cultural. Por fim encrencaram porque o cultural cobrava da banda o acesso, dos membros (da banda) nos bailes, das feijoadas, dos vatapás, coisas

da vida, churrascarias, festas juninas, p'ra os dois, pro cultural e p'ra banda né, mas não une.

Não une a banda com o cultural, não une, a banda com os da Liga dos Homens de Cor.

Então eu falei um pouco também, a gente estava procurando meios de unir, estes três grupos, a banda de Música dos Homens de Cor, a sociedade dos Homens de Cor e o Cultural, que é registrado e reconhecido porque os outros não são. Não tem outro grupo reconhecido aqui, nem políticos nem nada, aí eu parei um pouco p'ra ver se parava as brigas, porque aí estava brigando Ademir, o Moraes, o Benê, outro Benê, o Benê Paulino, o Benedito Evangelista, o Barriga e outros elementos, mais estava todo mundo brigando, dentro dos Homens de Cor, foram todo mundo p'ra lá, ninguém tinha um acordo. Agora passaram p'ra banda a banda não caminha também, agora está o José Paiva, está o Sampaio, está o Benedito Evangelista que é também fundador da banda, estão tudo lá na banda, mas não faz nada no cultural, não faz nada na banda.

Lá nos Homens de Cor, estão brigando por causa de posto de visão o Barriga é o presidente, o Barriga não aceita o Ademir como vice-presidente, porque o Ademir não fez nada, e o Barriga também não está fazendo nada nos Homens de Cor, o Benedito Evangelista não aceita nem o Ademir e nem o Barriga, dentro da Liga, então não entra num acordo nunca. Você não consegue fazer nada é negro contra negro um puxa o tapete do outro, então assim.

ANEXOS

- I - Cartas de Família
- II - Documentos Referentes ao Movimento Negro
- III - Documentos Referentes ao Movimento das Empregadas
Domésticas
- IV - Documentos Referentes a Outros Movimentos

CARTAS DE FAMILIA

Focos de Valdas, 30-4-932

Meus queridos filhos

Landolina e Alvaro

Pecchi contou para ~~tao~~ amarel cantinha
o qual muito sensibilizou-me, ao saber noticias
suas; enquanto eu vou indo com muito frio
assim como a giada vai caindo lá fora
e mancando, meus cabelos; gozando alegria
de meus queridos ~~filhos~~ netos; faltando vós; Lenarda
e Loo e uma das filhas, enfim espero em Deus
um dia podermos ~~este~~ ~~primeiros~~ para

uma alegria e felicidade completa; não é?
Ho festas da Vila Greg, apesar de não ter
isto, pois que este muito animada, da Vila Nova
então boa também, e agora estamos em prepa-
rativos para a de São Benedito, o pessoal está
muito animados, arrumando as bandeirinhas, a festa
começa sábado dia 3 e termina à 13.

Ary e Geralda também tem estado mu-
 pouco atrapalhados para escrever, o pai da
 Geralda esteve bem doente, está ~~uma~~ melhor
 mas continua a não ir, está em pé, está ho-
 dia doado, enfim e ~~ainda~~ ^{ainda} costurando para fora; ^{em} ~~em~~
 tempo de festa...

Queridos filhos, sem mais
estas simples linhas que me
permeiam as páginas queridas
que se acham ausente, quero enviar e por
vir as lembranças de todos os irmãos e
sobrinhas queridos, peço uma bênção de sua
mãezinha, que se traz no coração
sempre.

pequinhos quindos, recebem uma benção de sua
mamãe, que os traz no coração.

Sidonia, Vltina

V.B. os primos sempre os lembranças de Maria.

Aqui tem feito muito frio, esta noite até
chover, só vendo já imagino como vai por aqui esta
Eston aqui em São Paulo desde o ^{as} primeiro passado, alias
hoje faz um mês, Shueia com os filhinhos que
tiveram pois adocentados, mas agora estão
vovzinhos graças a Deus; e já estou p^{to} como proj^{to}
de poucos dias 15 de maio, para São Paulo.
Não sei se vai vir buscar as filhas
e alcançar a festa em tempo, espero que sim.
você vem também?

Os Haor recebem sua cantinha com as fotografias as quais ficaram muito bem e não seixou, de bruto junto dos britânicos, mas responde por falta de tempo pois um trabalhado muito, já lêz duas viagens

Rio, e varios do Rio a Banham, onde se
dividiz as palminhas, cada uma de uma régua.

Indereço de Zenaide e este

Zenaide de Oliveira Marcellino

Rua Maria José nº 30, C/2

Madureira

Rio de Janeiro

de amizade.

Sebastião Barboza

ao C. S.º Avelino Antunes

Caixa Postal nº 338

São Paulo

Poços de Caldas 27-1-952

Querida Irma Loubelina

Espero que ao receber esta esteja com saúde
boa e alegre e me lembro de nós quando fomos

sempre com saúde graças ao bom Deus

minha boa Irma não encontro todos

com saúde. Beata não me separava

naquelle dia que eu cheguei, hoje que

isto de folga aproveitei para escrever para você

e a mesma tempo para dar notícias para

você não peço que a quem te escrevi e de

poços, esta muito bom e está muito

animado. Como vê esta com o direito de

deixar esta melhorando não é?

Espero que isto para sair de férias no

próximo inverno, Beata forte não esqueça

de ver as sobrinhas fallinga em vos. Com
muita satisfação e assim vou terminar
enviando muitas lembranças de todos
que muito estimam de todo o abraço
dos sobrinhos. que pedira a beca para
tinha pendurado um abraço para o
Paiar que todos nós mandamos ali,
e assim vou terminar seus desejos
Que muito estimam

Flora e Rodalia

Pocos de Caldas 27. 12. 1950.

Queridos filhos, Paz e Prosperidade é o que de coração desejo para o Ano Novo, que este lhes seja uma eterna ventura.

Recebi seu telegrama, o que me deu imenso prazer, de ver que vocês não nos esqueceram e fiquem ao Bom Deus que nos abençoe por mim, que eu daqui rezarei por vocês para que sejam muito felizes.

Nos aqui vamos indo bem graças a Deus. Eu moro em casa do Alair e Odalia.

Estou contente por estar junto aos meus filhos e netos. Logo tenciono ir a S. Paulo e depois ao Rio com Zenaida, passar uma temporada lá com eles.

Baudelina, quando é que terei o prazer de te rever? Quando quiser vir aqui, estamos a ordens.

Aqui me despeço de vocês, pedindo a Deus que nos dê inúmeras venturas e um Ano cheio de prazer e alegria, para a felicidade de todos nós.

Sua Mãezinha Sidonia

Dandades de meus filhos, noras e
netinhos.

Poços de Caldas 10. 5-581

Querida Ilandelina

Escrevo esta desejando em primeiro
lugar dezo paz saúde aos dois,
enquanto nós aqui vamos indo
regularmente graças a Deus
Ilandelina, está tem o fim de
dizer-te que eu vou a São Pau-
lo no 15 deste, se vocês puderem ir
a estação de Campinas neste dia,
eu teria muito prazer em vêlos.
pois não me foi possível ir ali
conforme você disse, mais não
faltará ocasião, assim que eu
poder ir passar uns dias
com vocês sim. Os meus filhos
noras e netos todos bem graças
a Deus, só Suzana Maria de
Cristina é que está doentinha e
por isso eu vou para lá ver o
que ha lá com eles, depois vou
ao Rio com Zenaide, um pouco
e vou levar Eunice do compadre
Sebastião Menezes comigo até a casa
de Zenaide para conhecer o Rio de
Janeiro. Esperando ver-te em Campinas
no dia 15, aqui vai o meu abraço.
Sua mãe Sidônia

Pocos de Caldas 14 - 10 - 951

Minha querida filha Landelina.

Saudades. Antes de mais nada
desejo que ao receberes esta esteja com
saude. E' o nosso Alaoz esteja completamente
restabelecido. pois eu todos os dias rogo a
nossa Senhora da Saude para ele ficar
bem. Eu tambem fico muito alegre quando
rebebo carta sua. Mal de mim si eu não
tivesse pessoas que me querem bem
isto alegro muito o meu velho coração. Eu
tenho um grande defeito demoro a respon-
der voce não repare é a velice que esta
mandando. Graças a Deus meu e a turma va-
mos bem. ~~M~~ No fim deste mez vou para São
Paulo. Querida filha estimo muito saber que
a sua patroa é tão boa e caridosa. Pois é
destas pessoas que Deus nos indica e que
precizarmos não é verdade? Eu ja quero
bem ela como ~~como~~ si tivesse o prazer
de conhecer. Voce disse como poderam pagar
tantas obrigações a estas pessoas tão boas?
É muito fassel e voce ser sempre dedicada a elas
em tudo que poder não he? Mudando de assunto
Anezia e Zenaide são muito demoradas para
iscrever voce não repare. Elas tem quem sair

1) Você e o Alacn meus que eu teja devendo carta
quando vocês me escreve fico tão contente que
me dá mais vontade de viver. Acabo quem
não esquecia de mim a comadre Maria.
Por hoje basta. Você deu lembranças a sua
brendosa mãe. E você e Alacn lembr
ança de seus irmãos e Cunhadas.

Vocês aceite o coração repleto de saudade
da vovô e mamãe Lidônia.

Não ha alegria que possa
combater a dor de uma
Saudade.

Eu não gosto do passado
Queria ter só o Presente....
Passado só serve mesmo
Para dar saudade na gente.

amezina

Pocos de Caldas, 1. 6. 954.

Minha boa irmã Laudelina.

Paz e saude é o que te desejo, enquanto nós aqui
somos indo felizando com a vida, imagine voce
que o Guy está doente e em tratamento, ele tem um
ameaço de durar, e nos deu muito custo, mais agora
já está melhor, hoje faz 11 dias que ele está doente,
mas felizmente não ha mais perigo graças a Deus.
D. Lidomia recebeu sua carta, e trouxe pra eu ler,
fiquei muito contente com suas noticias, como estão
as cartas, sim? que Deus te ajude para que vá
sempre para frente! Nós nos orgulhamos por vê-lo
assim apreciada e com feitos elevados, e assim
que se faz, não é mesmo? Ah eu ainda tenho
esperança de um dia ir 'ahi' e ver toda estas
belzas!... se Deus quizer. Meus filhos todos bem,
for Ramos, sempre estudando e tirando boas notas
no collegio, Guy Filho, sempre peralta e magro,
lá o que fazer o dia inteiro, Miriam, sempre
ordinária, está papoca que se vende! Ainda não
tiver os retratos, mais assim que tirar eu mando
um a voce; nós vamos em (esperança do porto
no dia 5 deste, e lá chegando, eu rezarei por
você, de lembranças nossas ao Chão, sim?
E a voce toda unigade e estima de seus
irmãos e sobrinhas que te beijão, Guy e Geraldo

Ima espero estar te em conta
com saúde e um bom filho. E que
nós pudemos ao nosso bom Deus,
não é? Laudelina eu sei recebi uma
carta da mamãe na qual as notícias
furo boas, e de grande não sabemos
nada e te espero, vou termina
mando as lembranças de todos
daqui família Menegis, Cacio
e Taminha, Fy. Geralda e seus sobrinhos
meu sogro e sogra e Domingos mandam
lembranças para você, Laudelina
vou terminar em mandando muitas
lembranças de Maria Ad. Sílvia,
Lúcia, e sua Simão e
muito te estima de todo

Beats de Cálculo 2/3-75x

É com esta pequena cartinha para dar notícia nada para você, desde, do dia em que chegou a sua Tom Comdoze notícia que fez uma boa viagem e que já estava trabalhando com você sabe nós não podemos parar não é, Candelino você não mando dizer à Alacra esta com você aí ou esta em S. Paulo, neste momento esta na sala e precisam da obra do pito da Rádio Nacional, como você sabe que eu gosto não é? aminha, quando

Coração e que muito
estima
Placi e Djalma

Rio 11-958

Saudade

Boa irmã Sandelina

Esta tem o fim de dar-te minhas notícias que graças a Deus são boas. Passamos bem o fim do ano porque estamos todos com saúde, quanto minha vida continua a ser a mesma que deichartes, e voce como foi de festa em companhia de Alencarinho? Espero em Deus que tenha ocorrido tudo bem. recebi sua carta, e já respondi será que não recebeste? Mamão já está em 30, as de Caldas, em casa de Ary, voce tem^{ido} em casa de Anesia? Ela é que não me escreve dona Benedita me escreveu si queichando que voce ficou garrada com ela sem saber porque, e verdade? Contada! o calor daqui está insuportável, quem me dera poder ir até Poços em? Deus passeado muito? O Marcos te escreve? Aqui em casa ele não aparece mais, Paulito continua assim mesmo, trabalhando uma semana e parado duas, assim vou vivendo como Deus quer as coisas daqui de casa dizem que pretendem casar este ano Também já não é sem tempo não é verdade?

Vou terminar
com lembranças de
todos abraços de Divdio
e das mãos a você e Alair
De sua irmã que a estima
de todo coração e sempre
um forte amplexo
Lenaide

Minha querida filha Santina

Com o coração cheio de alegria, escrevo-te esta cartinha, anunciando o recebimento da tua, que veio com cheiro de alegria, por cuja feliz e louca prestigada no nosso meio: que é da nossa cor, que Deus te ajude, sem pre para tua existência e nossa felicidade, sim? Todas nós ficamos contentes, então é a saudade da tua mãe!

Está aqui agora indo bem de saúde a mãe e o Ary que está em tratamento, mais o pior já passou graças a Deus.

Estou contente com as notícias que vieram de Onésia, pois eu estava triste sem notícias, pois ela não escreveu por nós. Celso e Edália estão bons, e filhas também. Todas te enviam saudações. Eu festei bastante na festa de S. Benedito e o mago de Kari esteve muito bonito com a chegada da C.F. de Fátima, que homitum foi para a igreja de Santa Cruz, onde será seu Santuário com fogos, tudo muito bonito! É timo que você tenha festejado bastante, continua sem pre assim.

Quando tiver oportunidade de ver Onésia, diga-lhe para me escrever, sim? Com saudações termino esta desejando a você muitas felicidades.

Com carinho, abraça-te sua mãezinha
Sidermia



POÇOS DE CALDAS

estou com Ilacir e por possivel
você vir com seu filhoy estamos
as suas ordens, e não faça ceimo:-
vã. Ilacir tem 4 filhos tres meninos
e 2 meninas. Day tem 2 meninos.
Genairde tem 3 meninas. Alair uma
e Anisia tem 2, um casal.

Sandolina se você quizer vir
manda-nos dizer sim! assim
vós ficaremos sabendo, e espera-
remos voces. Vinha rever Poços
como está bonita, e como é bom
gente viver aqui!

Termino esta enviando um gran-
de abraço a vocês e o meu coração
e eis de saudades.

Sauda dos dos meninos todos
beijos das creanças
Juena aceitar o coração
desta que muito te estira
S. I. donica

my name is ... Te escreve,

e Ti abençoa. O Achaor

Idorova

Amém. O Tracu Francisco

Escolbar n.º 40. Locos-Cald

Locos de Caldas 22-V-1959

Minha querida filha Laudelina

Espero que ao chegar esta cartinha em suas mãos você e o Achaor estejam em saúde. É o que rogo a nossa mãe santíssima. Recebi a tua cartinha doce, não pode imaginar o quanto fiquei alegre ao receber sua carta. Tão desejada. he que você viu? que faz mais de um ano que não tinha notícia sua. Eu não pedi ti da notícia me não sabia o endereço. Menina! canço de perguntar me, não teia Anezia a mesma coisa. Setembro do ano pass. do fui assistir o casamento da Maria Antonia. Maria Agnarecida casase neste ano quando estive la vi e mecos de longe não falei com eli. como vai Dona Benedita! e ammina lembranças a ela. Nos aqui graças

de ... e ...

te ... e ...

obrigado ... e ...

com carinho ... e ...

seu pai ... e ...

seu pai ... e ...

a Deus vamos bem de saúde e a
família menzges também vão
bem casem mais uma vez a
Anezia veio com os filhinhos foi
em janeiro deste, O Alair está
em São Paulo aum ano. Você deve
saber que a Orídalha tem mais uma
filhinha, que vai fazer 2 anos.
ela é uma gracinha. Chama
Maria Aparecida, ela é alegre e
nos todos. Meime escreva logo sim.

Dando notícia sobre a saúde do
Alair. Contadinho nos sentimos
muito de saber que ele tem sofrido
tantas operações. Deus permiita
que agora ele fique completamente
bem. Que para nos seja um
prazer. Tens imensas carinhadas e
sobrinhas te mandão Saudades.
Você e Alair receba o meu coração
repleto de sinceras saudades da

**DOCUMENTOS REFERENTES AO
MOVIMENTO NEGRO**

- BAILE PEROLA NEGRA - reportagem feita pela revista O Cruzeiro, 18 de maio de 1.957.
- Prospecto sobre o I BAILE DAS DEBUTANTES NEGRAS, o qual ocorrera em 26 de outubro de 1.957.
- Documento referente A SOCIEDADE BENEFICIENTE CULTURAL NEGRO-CAMPINEIRO, Campinas, 10 de setembro de 1.958.
- Ofício referente ao I SALÃO CAMPINEIRO DOS AMIGOS DAS BELAS ARTES, enviado por um vereador (Romeu Santini).
- CARTAS referentes a ligação de Dã. Laudelina com as demais Organizações Negras da cidade.
- CARTA que mostra a participação de Dã. Laudelina nos Partidos Políticos.

NOS SALÕES DO TEATRO MUNICIPAL DE CAMPINAS, ELETA A

Pérola Negra

Pela primeira vez no Brasil, um concurso de beleza da sociedade negra é realizado num Teatro Municipal — O vice-governador de São Paulo, Porfirio da Paz, presidiu o júri que escolheu a mais bela jovem de cor de Campinas.

Texto de NEIL FERREIRA

Fotos de GEORGE TOROK

PELA primeira vez no Brasil, a sociedade negra de uma cidade realizou um baile de gala e escolheu a sua rainha no ambiente suntuoso de um Teatro Municipal, congregando-se numa festa que alcançou o mais amplo sucesso. Foi em Campinas (Estado de São Paulo) que o jornal "Diário do Povo" resolveu concretizar um dos velhos sonhos da numerosa família negra, organizando e levando a efeito o concurso que escolheria a "Pérola Negra de Campinas". A vencedora seria a jovem de cor que reúna maiores predicados em elegância, graça, beleza, cultura e simpatia, e seria apontada num baile cuja renda revertesse em benefício do Posto de Puericultura Alcântara Helena e Corporação Musical dos Homens de Cor. Bastou que a idéia fosse anunciada para receber o integral apoio da Associação Cultural dos Negros do Estado de São Paulo e, imediatamente, vinte jovens foram inscritas. Escolheu-se, então, um júri que, durante um coquetel no "Lo Schiavo" (um dos lugares mais finos da cidade), levando em conta a formação moral e o grau intelectual, deveria selecionar nove entre as vinte concorrentes. Apontadas as nove semifinalistas, procedeu-se à eleição pública que apontaria as cinco finalistas. Durante três meses enor- me movimento marcou o concurso e o baile final era esperado com grande expectati-



L.O. CAVALHEIRO, expulso a uma sacada que a provida do momento pagou champagne.

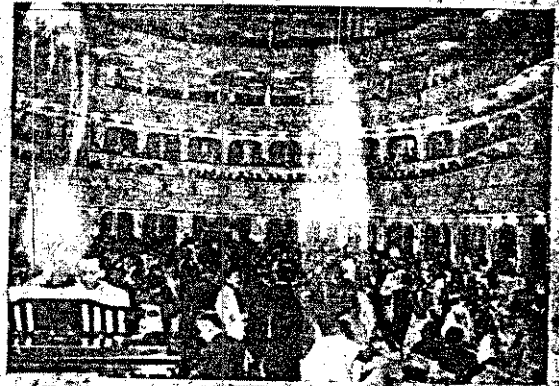
UM AR "snob" fica bem em ocasiões como estas.





PEROLA NEGRA CONTINUAÇÃO

UMA SEMANA ANTES DO BAILE, ESGOTARAM-SE AS



O ÚLTIMO BAILE realizado no Teatro Municipal de Campinas.

va. A medida que os resultados iam aparecendo, delimitando as posições, verdadeiras torcidas das candidatas procuravam angariar votos para as suas preferidas. Quando se se aproximando a data do baile, foram condicionados convites que se esgotaram em tempo, quase sempre, criando grande afluência de público para a grande noite. Foi aí que surgiu o problema. Onde realizar o baile? A sociedade negra de Campinas não possui salão de festas e dada a grande procura de ingressos, nem um local bastante amplo serviria. O Tênis Club não poderia receber o seu local porque já havia marcado o baile da Associação. A solução seria o velho e austero Teatro Municipal. Mas este teatro possuía uma tradição bastante antiga. Ali havia somente um baile por ano. Era a apresentação das debutantes da Sociedade Hipocêntrica nada menos do que a "fina flor da sociedade da terra".

ELIAS CHEGAVAM, delegado da comissão organizadora do baile.



PEROLA NEGRA em vestido branco. Marcelle, 122 por 110.



GOVERNADOR DE SÃO PAULO, G
MEIRIO DA SILVA COLOCA
BOLIVIANA MARCÍLIA GAM
ANTHONY CAMPINA

Campinas, 10 de setembro de 1958

Ilmo Snr. Vereadores Câmara Municipal
de Campinas

A SOCIEDADE BENEFICIENTE CULTURAL NEGRO CAMPINEIRO

Tem a honrra de convidar V.E. para assistir ao lançamento da PEDRA FUNDAMENTAL de sua futura séde, a realizar-se no dia 21 do corrente em terreno proprio situado a AVENIDA ARLINDO JOAQUIM DE TEMOS no bairro JARDIM PROENÇA constando a mesma solenidade do seguinte programa.

- 1º) 11,00 Lançamento da PEDRA FUNDAMENTAL pelo Exmo Snr.
presidente da Assembleia Legislativa de São Paulo sr.
Dr. Rui de Almeida Barbosa.
- 2º) 11,10 Benção da mesma pelo cônego Machado MD.vigario
da Paróquia Nossa Senhora Aparecida.

Assim sendo temos a satisfação de contar com a Honrrosa presensa
de vossa EX o qual desde já expresamos os nossos agradecimentos.

ANTECIOSAMENTE

Narciso Estanislau dos Santos
(Presidente da A.B.C.N.C.)

Carlos Alberto de Almeida



Câmara Municipal de Campinas

Estado de São Paulo

Em 10 de junho de 1960.

Of. nº 782/60.

Exma. Sra.

D. LAUDELINA CAMPOS MELO

Campinas.

Tenho a honra de transmitir a V.Excia. o teor do RE-
QUERIMENTO nº 693/60, apresentado ao Legislativo pelo Sr. Vereador RO-
MEU SANTINI e aprovado em a 37ª Sessão Ordinária:

"Foi realizado recentemente em Campinas o I Salão
Campineiro dos Amigos das Belas Artes, que constituiu verdadeiro
acontecimento social, pois reuniu dezenas de obras, de autoria de
elementos de côm de nossa cidade, os quais revelaram o quanto são
capazes, no setor da pintura, do desenho, da cerâmica, da arquite-
tura, das artes aplicadas e da poesia e da música.

À vista do exposto requeremos conste de ata um vo-
to de congratulações com todos quantos participaram do I Salão Cam-
pineiro dos Amigos das Belas Artes, pedindo que da deliberação da
Câmara seja dado conhecimento, por officio, à idealizadora e organi-
zadora do certame, à Exma.Sra.D.Laudelina Campos Melo.

Sala das Sessões, 6 de junho de 1960.

a.) Romeu Santini".

Ao ensejo, reitero a V.Excia. protestos de minha
elevada estima e distinta consideração.

Campinas, 21 de Novembro de 1962.

Exma Snra.

NINA.

Prezada senhora.

" Miss Campinas 1962 "

Nelson e sua Orquestra de Tupan

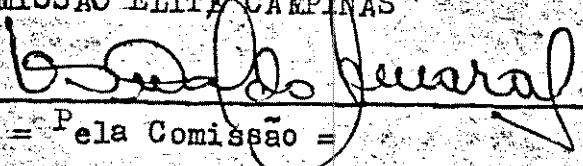
" A Comissão Elite Campinas " tem a honra de convidar a V. S. para o grande Baile que fará realizar dia 24 de Novembro, no Clube Campineiro de Regatas e Natação o Baile do ano, com a eleição de Miss Campinas de 1962 entre concorrentes dos seguintes bairros: Swift, Proença, - Vila Marieta, Bonfim, Botafogo, Guanabara, Taquaral, Cambui-Vila Nova, São Bernardo. A eleição será feita através de uma comissão julgadora composta por figuras de destaque da sociedade campineira e a coroação estará a cargo do conhecido - homem público, José Nicolau Ludgero Maselli (Gegero).

Abrilhantando e prestigiando o acontecimento, estará presente a " BONEQUINHA DO CAFÉ " eleita - na Capital Bandeirante.

Para esta noite de graça, elegância e beleza, o traje será o de " SOIRÉE " e a elite negra campineira viverá um dos seus maiores e mais importantes acontecimentos.

A comissão Organizadora sentir-se-a honrada com a presença.

COMISSÃO ELITE CAMPINAS


= Pela Comissão =

Exma Sra.

Laudelina de Campos Melo
Campinas

Araras, 20 de Setembro de 1.965

A Diretoria do Clube 13 de Maio de Araras, no ensejo de seu aniversário de fundação dia 10 de Outubro do corrente ano, vem pelo presente convidar V.Sa. e Exma.família, à participar das comemorações, que fará realizar do 1º à 10 de Outubro, que constará de diversos atrativos tais como; competições esportivas, representações artísticas e recreativas, etc.

Contamos com suas presenças, para maior -
brilho das festividades, o que desde já agradecemos.

Atenciosamente

Florentina Batista

Florentina Batista
Dir. Social

(7)

GRUPO DA ALIANÇA

Um Clube Para Casais

CAMPINAS

TEMA. SRA. WALDEMIR DE CAMPOS

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DAS ENTIDADES COMISSÃO

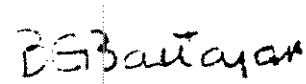
O GRUPO DA ALIANÇA tem a subida -
honra de convidar V.Exci^{as} e Exm^{as} Família, para assistirem
ao "II FESTIVAL LÍTERO-MUSICAL" que fará realizar no pró-
ximo dia 20 de setembro corrente, às 20,00 hs.

Como de costume, este FESTIVAL cons-
tará de números artísticos de bailado, canto vocal, canto
coral, declamação e execução musical, tendo por local o
CONSERVATÓRIO MUSICAL "CARLOS GOMES", à Rua Regente Feijó,
nº 1038, nesta cidade.

Certos de poder contar com as pre-
senças de V.Exci^{as}, apresentamos nossas cordiais sauda-
ções,

atenciosamente


Waldemir Balthazar -Deptº Cul-
tural


Prof. Benedito Eustachio
Baltazar - Presidente



Clube Cultural Recreativo Campinas

Fundado em 8 de Maio de 1945

CAMPANHA DE EXPANSÃO SOCIAL

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ - CAMPINAS

Sede Social: RUA PERQUEIRA, 66

Campinas, 13 de setembro de 1971

Ilma. Sra:

LAUDELINA DE CAMPOS MELO

Nesta

Cordiais saudações

A Diretoria do CLUBE CULTURAL RECREATIVO CAMPINAS, serve-se dêste para cientificar a Va. Sa., que em reunião realizada a 9 de setembro, ficou assinalado em Ata, um Voto de Louvor a sua pessoa, em razão da magnífica colaboração prestada, quando da efetivação das festividades que marcaram o transcurso do 3º Semana Folclórica, promoção vitoriosa que teve o auspício da Secretaria de Educação e Cultural de nossa Municipalidade.

Nesta feliz oportunidade, junta também os maiores agradecimentos, e por outro lado, espera contar sempre com sua valiosa colaboração.

Sem mais motivos para o momento, renova os agradecimentos, aos quais junta os protestos de elevada consideração, aliados dos votos de saúde e felicidade pessoal.

ATENCIOSAMENTE

Claudio Delfino-secretario

Comite - Pro. Iohannar de Barros

Comunicacao

Reis n.º 1
L. 1114. Pro. D.ª Laudeline D. Melo.

Comunicar - no que em reuniao
de Diretoria depois eleito em data de 27 de Fevereiro
passado foi V.ª. eleito por unanimidade ao cargo de
Presidente do Departamento Feminino, do Comi-
te - Iohannar de Barros, assim sendo esperamos
que seja aceita a ocupar o respectivo cargo.

Dados Subscritores.

Associação Progressista
Campesina 1 de Março de 1954.

Secretario
J.º Secretário

Assinatura

DOCUMENTOS REFERENTES AO
MOVIMENTO DAS EMPREGADAS
DOMÉSTICAS

- Sindicalização das Empregadas Domésticas, 5 de setembro de 1.936.
- Carta anônima, 18 de março de 1.961.
- Artigos de jornais.
- Correspondências de políticos locais e estaduais.
- Documentação interna da Associação das Empregadas Domésticas.
 - * Relação nominal de pessoas assistidas;
 - * Contrato de locação entre a Associação das Empregadas Domésticas e o sr. Ela Kaplan;
 - * Fichas de inscrição para associados - 1.961;
 - * Fichas de inscrição para associados - 1.964;
 - * Convocação para Assembléia Geral.
- Correspondências entre D^a Laudelina e a Fundação Plano de Amparo Social, visando a montagem da creche para os filhos das empregadas domésticas.
- Correspondências entre a Associação das Empregadas Domésticas - Prefeitura Municipal, Sindicatos, Movimentos Negros e outras Organizações.

As meninas moças da elite negra de todo o Estado de São Paulo, num acontecimento que tão cedo não se esquecerá

Terá uma festa para

você,

sua família,

seus amigos,

uma união da Elite Negra do Estado

PRIMEIRO BAILE DAS DEBUTANTES NEGRAS DE CAMPINAS

DIA 26 DE OUTUBRO DE 1957

NO GINÁSIO DO REGATAS

**INFORME-SE DOS DETALHES COM A
COMISSÃO E COM AS DEBUTANTES**

PRIMEIRO BAILE DAS DEBUTANTES NEGRAS

DIA 26 DE OUTUBRO DE 1957

**NO GINÁSIO DO CLUBE CAMPINEIRO
DE REGATAS E NATAÇÃO
EM CAMPINAS**

UM GRANDE ACONTECIMENTO PARA A ELITE NEGRA DO ESTADO

**PELA PRIMEIRA VEZ SERÃO APRESENTADAS AS
DEBUTANTES DAS SOCIEDADES NEGRAS DE:**

CAMPINAS

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO

SANTOS

PIRACICABA

JUNDIAÍ

SÃO CARLOS

E MUITAS OUTRAS CIDADES

Quem foi ao "Baile de Gala Pérola Negra"

sabe como será

"O BAILE DAS DEBUTANTES NEGRAS"

As revistas "O Cruzeiro" e "Manchete", farão a cobertura de mais este grande acontecimento

**LUZES - CORES - MUSICA - ROMANCE E
MUITA POESIA NO PRIMEIRO**

"BAILE DAS DEBUTANTES NEGRAS"

**EM 26 DE OUTUBRO DE 1957
NO GINÁSIO DO REGATAS**

No Primeiro "Baile das Debutantes Negras", você terá:-

- 1) - Uma Decoração Maravilhosa.
- 2) - Um "Show" fabuloso
- 3) - A elite negra do Estado
- 4) - Um acontecimento inigualável

e a presença da famosa atriz

RUTH DE SOUZA

TRAJE: RIGOR

PREÇOS:

Cavaleiros	- Cr.\$ 200,00
Damas	- Cr.\$ 150,00
Mesas	- Cr.\$ 400,00

Reserve com antecedência seu convite e a sua mesa, porque quase todas as cidades do Estado mandarão delegações numerosas ao "PRIMEIRO BAILE DAS DEBUTANTES NEGRAS"

Dia 26 de Outubro, no Ginásio do Regatas

SINDICALISMO NO DAS EMPREGADOS DOMESTICOS

Quando foi promulgada a lei da sindicalização no país, sob diversas e até certe pontes obscuras alegações, inclusive a de que não produziam para nação, foram os empregados domésticos excluídos de qualquer enquadramento sindical, sendo-lhes mesmo proibidas de organizarem em associações para fins de estudo, defesa e coordenação de seus interesses econômicos e profissionais, conforme estabelece a Consolidação das Leis de Trabalho no artigo, 511 e seus parágrafos.

Muito embora esteja perfeitamente caracterizada a dependência econômica entre empregados e empregadores, no caso domésticos, sua vastacategoria de trabalhadoras foi abandonada, posta a margem dos benefícios das leis sociais. Os trabalhadores domésticos: cozinheiras, arrumadeiras, porteiras, pagens, jardineiros, lavadeiras, meteristas particulares (que indevidamente foram afastados dos sindicatos dos meteristas) não tem salário mínimo, férias, descanso semanal obrigatório, horário de serviço determinado que possibilite o descanso necessário, aviso-prévio, estabilidade, nem mesmo os benefícios assistenciais da Previdência Social, por motivo de não ser permitida a esses trabalhadoras organizarem em entidade de classe oficialmente reconhecida. Constantemente é denunciada a crise de empregados domésticos sendo apontadas como causas determinantes outras que não são causas senão que são efeitos. Um dos motivos da fuga dos trabalhadores domésticos para ramo de atividade no comércio de indústrias, é a falta de amparo que a sindicalização concede a todo trabalhador doméstico. É compreensível perfeitamente que todo trabalhador doméstico toda vez que pode derivar suas atividades para indústria ou comércio onde goza dos benefícios, salário mínimo, férias, descanso semanal obrigatório, aviso-prévio, estabilidade, indenização por despedida injusta onde esteja na doença, na velhice e tornada inválida, sob o descanso dos serviços da Previdência Social, livrando-se de em tais contingências, a contingência de ficar na dependência da caridade pública ou a precariedade de condições de trabalho das instituições de caridade.

Campinas, 18 de maio de 1.961

Senhora d. Laudelina de Campos

Prezada Senhora,

Imiscuindo-me no ato altruístico, nobre e sublime de V.Exma, em ser a advogada e protetora da classe doméstica a qual prima pela sua reinvidicação, jogando-a contra os lares com promessas sobremodo desairosas como segue: liberdade, exigências, falta de polidez, férias, 8 horas de serviço, repouso remunerado e outros demais direitos adquiridos pelos trabalhadores, estou de acordo, obviamente, com algumas restrições, aliás dispensáveis, que, ao invés de coligir aplausos, simpatias e cooperação, da maior parte dos campineiros, que também sente os mesmos devotamentos religiosos por V.Exma, cai por terra esse seu suntuoso castelo, que pelo seu alicerce sobre a areia, nenhuma solidez fará jus a sua benemérita construtora... Em hipótese alguma, dna Laudelina, ficará essa classe trabalhadora uma posição de nível à do operário, pois, primeiro o operário trabalha exposto às intempéries, aos perigos, aos intransigentes caprichos dos patrões que se fundam nos direitos sindicais, e, sobretudo, mata sua fome com o alimento ganho adquirido religiosamente com o suor de seu corpo, tão humildemente coberta por rústicas indumentárias!

Não acontece o mesmo com as senhoras domésticas, em sentido ambíguo (domésticas empregadas) que a começar: alimentam-se ao bel prazer; são donas de casa, vestem-se hoje com mais requinte às vezes, superando às suas patroas que com os encargos da casa como: filhos, doenças, ordenado pouco do marido, víveres caríssimos, custando o feijão Cr\$ 42,000, arroz 40,00, carne a 120,00, 150,00 e a melhor Cr\$ 200,00, sendo tudo isto consequentemente acompanhado do óleo, gordura à razão de Cr\$ 145,00 e espetacularmente o gaz a Cr\$ 520,00! Demais gastos flutuantes advirão, razão pela qual a maioria das patroas na indumentaria representam em posição inferior às snras. domésticas empregadas! Apesar dessa comodidade que as mesmas possuem, 90% são vaidosas, desobedientes, faltosas nos horários humilhando com palavras irreverentes à martirizada patroa que, por necessidade as suportam. Hoje, sem mesmo essa objetiva e altruística idéia sua, já elas têm até a petulância de dizer a patroa que lhe dê de uma a duas horas para irem ao cabeleireiro e ao manicure! A pobre patroa, sem pestanejar e mesmo tergiversar não ousa negar a esse imperativos!... Outrossim, apesar de ser uma incumbência deveras dura, complexa depende de uma legislação de grande senso, equânime e bilateral dando a Cesar o que é de Cesar, com isto em suas reivindicações fiquem sujeitas aos prejuízos causados com danificações aos prejuízos edigo, aos danos a objetos, como louças e demais, etc, submetendo-se ao justo desconto nos seus salários!... Conforme os seus salários diante de uma legislação plausível é prudente que na acepção da palavra lhes seja descontada também a sua estadia, cujo ato terá um princípio bilateral. A missão à qual inicia abraça-la, dna. Laudelina, é digna dos maiores elogios, mas é tão rispida, ingrata e antipática, como a lei 204! Para que prospere esse plano, creia-me, abrigue a essa pleiade de analfabetas que se preparam pelo menos rudimentarmente a título de corroborar aos seus esforços para a prosperidade e realização dos seus justos anseios! Não sou contrário a essa inovação, pois é da época das evoluções, mas, os meus votos de felicidades para que com denodo e tenacidade, venha a senhora conseguir atingir o ápice desse desiderato! A classe é constituída de elementos heterogêneos, que desconhecem infelizmente princípios de educação. Oxalá, o seu deputado federal, ao receber a minuta do projeto de lei que a comissão lhe enviará, faça de acordo com seus sábios colegas, justiça, pesquisando, perscrutando o amago, dessa causa dura de roer!... Convicto de que a Sra. dna Laudelina é uma pessoa experimentada, peço-lhe

na verdade as empregadas são mal criadas e mal agradecidas às boas patroas, em geral! Desejo felicidades a Sra. D. Laudelina.

Instalado o I Curso de Formação de Empregadas Domésticas



Sob os auspícios do Departamento de Bem Estar Social e da Associação dos Empregados Domésticos de Campinas foi instalado, na noite de ontem, o I Curso para Formação de Empregadas Domésticas, dentro de objetivos que visam ao aprimoramento profissional da categoria, para dinamização do plano de colocação, que orienta a agência de empregos. Esta já funciona em caráter experimental.

SOLENIDADE

A solenidade de instalação efetuou-se na sede da Associação do Homem de Amanhã, onde o

curso funcionará durante um mês, todas as segundas, quartas e sextas-feiras, das 20 às 22 horas. Presentes ao ato de instalação a profa. Elza Caldato Rapinelli, diretora do Departamento de Bem Estar Social, profa. Silvia Simões, a profa. Elza Hammerster, representante dona Elzede Novais e dona Claudina Campos Mello, presidente da Associação dos Empregados Domésticos de nossa cidade. — No ato, a profa. Elza Caldato Rapinelli quando discorria sobre os objetivos do Curso de Formação de Empregadas Domésticas, ontem instalado.

Com nova diretoria da entidade

Domésticos têm um plano de ação para 1968



ader das domésticas quando conversava com a sra. Maria do Carmo Abreu Sodré, tadeada pelo
sa do prefeito Ruy Novaes.

De conformidade com as disposições estatutárias, vem a realizar a Associação dos Empregados Domésticos de Campinas a sua assembleia geral ordinária para eleição da diretoria por mais um biênio e aprovação de relatório de atividades.

Continuou na presidência a sra. Cláudia e esforçada fundadora Laudelina de Campos Melo, tendo sido escolhidas como suas companheiras, vice-presidente Isaura Braz e contadora geral Ana Isabel de Paula. A tesoureira geral Marina Costa e a tesoureira Maria Aparecida de Moraes e como integrantes do

conselho fiscal Benedita Bueno, Pascola Delacqua Sa Barreto e Tereza Martorino Marques.

INTENSO PLANO DE AÇÃO

Possuindo 439 associados, a entidade da classe modesta das domésticas de Campinas desenvolveu, sob a direção de d. Laudelina um programa assás atuante, não só conseguindo respeitável número de inscrições no Instituto Nacional de Previdência Social para elementos do seu quadro, como efetuando promoções.

Para 1968, já se encontra planejada uma série de trabalhos, sendo que a mais destacada se constituirá na instalação de uma creche para as filhas dos socios, a funcionar em dependências cedidas do Grupo Escolar da Vila Tofanello, junto ao qual, em

tura, se construirá a sua sede social.

Por enquanto, a Associação, graças à boa vontade e cooperação do revm. pe. Manoel Preto, está funcionando no serviço social da Paróquia de Santo Antonio, no bairro da Ponte Preta, em cujo local se deu a realização da mencionada assembleia.

PRESTIGIOSOS

COLABORADORES

Conta d. Laudelina, para o levantamento da Creche com o apoio da sra. Maria do Carmo Abreu Sodré, esposa do Governador do Estado, com quem conversou em sua recente visita à nossa cidade, e que prometeu sua valiosa cooperação com materiais.

Tem ainda a Associação a felicidade da ajuda de d. Odila Plaster, presidente das Damas Rotarianas de Cam-

sra. Haidee Novaes, espo-

pinas, que muito contribuiu no Natal para a distribuição de brinquedos as crianças das domésticas, e da profa. Jacy Milani, secretária de Educação e Cultura, da Prefeitura, além de muitas outras senhoras.

Na semana vindoura, d. Laudelina estará em São Paulo mantendo contato com s. eminência cardinal D. Agnelo Rossi, que quando permanecer na pouca tempo em nossa cidade, em discurso proferido no Rotary Club afirmou espontaneamente, que iria se interessar pela causa das domésticas locais.

Dessa forma, resta que alcance êxito a campanha em marcha, encetada pela diretoria eleita e que tomou posse imediatamente no sentido de obtenção de mais associações, luta de arregimentação que vem sendo bem desenvolvida.

"PANELÃO"
E BOA DIGESTÃO

O Congresso de Domésticas.

1965

O ESTADO DE S. PAULO — 27

Em congresso as domésticas

Das 8 às 18 horas, em duas horas para refeições e descanso, quarenta empregadas domésticas estão reunidas em Diadema, no I Encontro de Empregadas Domésticas, promovido pela sua associação.

Ontem, as participantes de São Paulo, Guanabara, Campinas, Ribeirão Preto e Indaiatuba debateram, pela manhã, a pesquisa realizada há pouco tempo sobre as "condições de vida da empregada doméstica na cidade de São Paulo". Suas observações foram novamente estudadas à tarde, durante a sessão vespertina.

O objetivo do Congresso é ampliar conhecimento da realidade dos empregados domésticos, da legislação trabalhista e promover uma conscientização. O maior número de empregadas domésticas com vistas ao Congresso Nacional, que se realizará no segundo semestre deste ano.

Fazem parte do tema as seguintes itens: exposição da pesquisa e exposição do anteprojeto de lei que regulamenta a profissão, já encaminhado ao ministro Tarso Dutra.

A pesquisa, realizada por intermédio do Instituto de Ciências Políticas e Sociais da USP, abrangem os seguintes itens: características da personalidade da doméstica; seu padrão de vida, sua saúde; colocação e estabilidade no emprego e regulamentação da profissão. As empregadas entrevistadas não fazem parte da Associação.

Eis alguns dados levantados por esse trabalho de pesquisa: 71,1% das empregadas são solteiras e em idade entre 21 a 30 anos; 79,3% são provenientes do Interior, sendo que 45,3% vieram para a Capital acompanhadas pelos pais ou parentes e 13% por patrões. 81% responde-

ram que vieram para a Capital em busca de melhores condições de vida e de trabalho. Analfabetas ou com curso primário incompleto atingem 68,1%.

Das entrevistadas, 81% afirmaram gostar da profissão, estando somente descontentes com o "status" social, considerando sua função "uma profissão baixa". Mesmo assim, somente 54,3% querem mudar de profissão, buscando melhor posição social, melhor salário, um horário fixo e apenas uma minoria manifesta o desejo de contar com maior amplitude legal.

Corrupção não é apurada

De O Estado de São Paulo

O sr. Hidelio Martins, presidente da Comissão de Inquérito que apura a infiltração estrangeira nos sindicatos brasileiros, declarou ontem que por maiores que fossem sido os estorpos, não ficou comprovado, até o momento, qualquer tipo de corrupção nos sindicatos fornecidos pelo Instituto Americano para Desenvolvimento do Sindicalismo (LIPIA).

Revelou ainda que Pernambuco foi o estado que maior volume de financiamento recebeu do LIPIA, todos feitos regularmente, com documentos passados em cartório.



Empregadas discutem sua profissão em Diadema

384 - 5 - 68

João Goulart Recebeu Líderes Si

Formuladas ao chefe da Nação reivindicações de interesse das classes locais



Os líderes sindicais quando se encontravam em nossa redação

Dirigentes sindicais Campesinos estiveram em Brasília, onde assistiram à votação, pelo Senado Federal, do projeto de lei que estabelece o chamado 13.º mês, ou seja, o abono anual obrigatório.

Os caravanistas de nossa cidade dirigiram-se, em ônibus especiais, a Belo Horizonte, onde se realizou uma concentração de dirigentes operários de todo o Brasil, seguindo incorporados para a Capital Federal.

Compunham a caravana representativa dos sindicatos de trabalhadores de Campinas os srs. João Vieira de Freitas, presidente do Sindicato

dos Trabalhadores de Alimentação; Joel Passos e Lauro Barbosa de Oliveira, do Sindicato dos Metalúrgicos; Lino Trevisan, do Sindicato dos Vidreiros; Valdeci de Souza, do Sindicato dos Trabalhadores em Pedreiras; Geraldo Gimeres e Zail Pinto de Camargo, do Sindicato da Construção; Otávio Gomes, do Sindicato dos Fermentadores; Laudelino de Campos Melo, da Associação das Domésticas; e Ovídio Spatini, do Sindicato da Energia Elétrica; e Antonio Rodrigues Maranhão, do Sindicato dos Barbeiros.

COM O PRESIDENTE

Os dirigentes operários de todo o Brasil foram recebidos pelo Presidente João Goulart na forma a mais amigável, devolvendo a nossa reportagem a srs. João Vieira de Freitas, presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Têxteis.

Segundo este dirigente sindical, o primeiro mandato de Nação, dirigindo-se aos líderes sindicais, pediram a continuação que representasse a continuidade dos trabalhadores, mantendo também, na expectativa da mesma, feitas reformas de base.

Formulamos ao Presidente da República diversas reivindicações que dizem respeito aos interesses dos trabalhadores campeninos, principalmente com relação à Previdência Social, disse ainda o sr. Vieira de Freitas.

NA CÂMARA E SENADO

Os dirigentes sindicalistas estiveram na Câmara Federal, onde foram recebidos pelo Presidente Ranieri Mazzilli, dirigindo-se, em seguida ao Senado Federal.

Na Câmara Alta foram recebidos pelo seu Presidente, Senador Auro Soares de Moura Andrade, com quem conversaram, ainda, sobre o projeto de Lei que cria o 13.º mês dos trabalhadores, e que deveria ser votado ainda nessa tarde. Também o relator do projeto esteve em contacto com os dirigentes sindicais.

Os representantes dos trabalhadores permaneceram, em seguida, nas galerias do Senado, enquanto era votada a lei.

O ABONO DE NATAL. A conquista do abono de natal (13.º mês) foi o resultado de longa luta das classes operárias. Dada a importância deste direito, os sindicatos

*A aprovação do projeto, sem emenda, se constitui em mais um motivo de alegria para os trabalhadores", concluiu o Presidente do Sindicato dos Têxteis.

REUNIÃO DO PLENÁRIO

O Plenário Sindical de Campinas deverá reunir-se extraor-

dinariamente, dia 3 de julho próximo, quando deverá marcar uma assembleia conjunta dos sindicatos filiados, visando a levar aos trabalhadores esclarecimentos sobre o abono de natal, agora conquistado. Essa assembleia não tem ainda data designada.

O que é a Associação dos Empregados Domésticos?

A maioria dos Empregados Domésticos de Campos já conta com sua sede própria, na rua Proença, 651 e dentro em breve estará dando ampla assistência a todos seus associados. A presidente da entidade, Dona Landelina de Campos Melo, ex-empregada doméstica, há mais de 30 anos vem insistindo para dotar sua classe, a assistência a que faz jus. Agora com o benefício atribuído em atender às necessidades dessa categoria profissional, ela já está conseguindo realizar seu ideal, que é dar aos empregados domésticos um conceito profissionalizante e elevado.

Realizada em 15-5-1961, a assembléa não existia com sede própria, mas tendo sido em uma dessas deslocações no Palácio que Medeiros e Albuquerque, a categoria profissional e os sindicatos, foram recebidos.

de 1964, e a eleição de 1968, quando foi eleito governador do Estado de São Paulo. Em 1974, foi eleito deputado federal pelo Estado de São Paulo, e em 1978, deputado estadual pelo Estado de São Paulo. Em 1982, foi eleito deputado federal pelo Estado de São Paulo, e em 1986, deputado estadual pelo Estado de São Paulo. Em 1990, foi eleito deputado federal pelo Estado de São Paulo, e em 1994, deputado estadual pelo Estado de São Paulo. Em 1998, foi eleito deputado federal pelo Estado de São Paulo, e em 2002, deputado estadual pelo Estado de São Paulo. Em 2006, foi eleito deputado federal pelo Estado de São Paulo, e em 2010, deputado estadual pelo Estado de São Paulo. Em 2014, foi eleito deputado federal pelo Estado de São Paulo, e em 2018, deputado estadual pelo Estado de São Paulo. Em 2022, foi eleito deputado federal pelo Estado de São Paulo, e em 2026, deputado estadual pelo Estado de São Paulo.

A associação conta ainda com 139 membros, incluindo 100 associados e 39 sócios. Estes que se encontram em todo o país, devem estar trabalhando produtivamente em favor dos seus recursos e atividades, que relatou a administração dos associados.

NOTAS E SERVIÇOS

A associação sempre tem preparado demonstração em geral, incluindo, capitais,

[illegible][illegible]

gratuito, pelo sub-serviço. Não é, contudo, responde a todas as perguntas em matéria de desenvolvimento e tem sido por vezes na maneira todos os ordens, nomes e datas relacionados com esse trabalho. Segundo a comissão, porém, não tem tido as condições para atribuir e eleger o chefe da categoria profissional de alguns de quadros civis. Entretanto, apesar da classificação, não está sendo considerado.

Por duas ou três vezes em

hária. Entretanto, de acordo com o senhor, não se tem comunicado, pelo no Conselho Cívico Paulista de Defesa, incluindo um curso de Relações Humanas, há dois meses, mas alguns que estão, via comunicação, no plano de voluntários, no caso de Colômbia, no Brasil, e da Prefeitura de São Paulo, que se dedicam a trabalhar, quando se encontram com os grupos de trabalho, para as famílias em dificuldades, por as famílias em dificuldades e a família, na opinião de

Por duas ou três vezes em

Dentro dos seus compen-

uma, entre de alimentos para 100 pessoas, distribuída não-sabidamente e incorpua para o Conselho Paulista de Defesa. Todavia, por falta de um modo de armazenar os alimentos, que poderiam ser

[illegible]

Prédios onde se localiza a sede da Associação "Das Escovas, Rua Pimenta, 651, onde há funções e

onde se localiza a sede da Associação. Os Endereços, Rua Preença, 651, onde há funções e

As
for
you

Aquele que consegue registro tem todos os direitos e deveres paritários da Previdência.

A questão, porém, é conseguir esse registro.

Facilitativo.

Depende do empregador, — patão ou patrão.

Depende de que reconheçam o serviço que a do-mestica lhes presta. De que tenham olhos para ver.

Alcun podera aforti que he muita e puer-
gada donstina inespertoi, ironstabe, puer-
diligece co cumprimento das tarefas, — basta
que se hi de pedir de uma pessoa que soh ser
desempenhada, ser mal remunerada, ser explorada.

«Mas que utilidade ou se tornam pessoas, mas não encontram gente lá, encontram a situação, emperradas, que não encontram no mundo, estão morando em situação, mas não encontram em parte alguma.

Temos em casa, porém, direitos definidos, por sociedade, organizada, assistência, da Previdência, direitos, expectativa, então, a gente não, que as condições e as situações indicadas, por exemplo,

NOTA GENTE DO SA TERRA

[illegible]

PROVIDENCIAS

Estivemos a conversar sobre estas coisas, e até as fomos estudar depois de uma conversa com

O vereador João Lemos diz, falando e compreendendo da sorte alheia: "Se chamem a atenção para o que sucede ao redor o vasto território nacional em relação à infraestrutura doméstica, essa aban-

donada que deixa em cada casa um pouco de própria vida e que, no fim, só tem por herança a memória ou a morte, como nos disse João Lúcio.

Até, mas disse que essa participação apressada da Câmara Municipal uma noção no sentido de que Campinas, por sua Câmara de Vereadores, se manifeste junto ao Congresso Nacional pelo apressamento que ovinha ao relatório das Democra-
tias no L.N.P.S.

"INSTITUTO D. MEYR"
FABRICA DE ANILINOS DE NADERA "D. MEYR"
Cincoenta para Paris - Escociais - Indulgencia para os
bidos - Poder de Portuário e outros artigos de luxo.
Av. Paulo A. Naderes, 11 - Tietê - São Paulo - Fone 05511

"INSTITUTO D. MEYR"
FABRICA DE ANILINOS DE NADERA "D. MEYR"
Cincoenta para Paris - Escociais - Indulgencia para os
bidos - Poder de Portuário e outros artigos de luxo.
Av. Paulo A. Naderes, 11 - Tietê - São Paulo - Fone 05511

"O Trabalhador Textil"

Órgão do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem de Campinas
(Distribuição Interna)

Ano 2

Campinas, Julho de 1.962

N.º 2

João Goulart recebeu líderes sindicais de Campinas

Formuladas ao chefe da Nação reivindicações de interesse das classes locais sendo, abertura do I.A.P.I. no período da manhã e melhoramentos para o Conjunto Residencial.

Dirigentes sindicais cam-

pineiros estiveram em Brasília, onde assistiram à votação pelo Senado Federal, do projeto de lei que estabelece o chamado 13.º mês, ou seja, o abono anual obrigatório.

Os caravanistas de nossa

cidade dirigiram-se em ônibus especiais a Belo Horizonte, onde se realizou uma concentração de dirigentes sindicais de todo o Brasil, seguindo incorporados para a Capital Federal.

Compunham a caravana representativa dos sindicatos de trabalhadores de Campinas os senhores, José Vieira de Freitas, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Textéis, Irineu Simionato, do Sindicato da Alimentação, Lazaro Barbosa e Joel Pascal, do Sindicato dos Metalúrgicos, Lino Trevisan do Sindicato dos Vidreiros, Valdelício de Souza do Sindicato dos Trabalhadores em Pedreira, Geraldo Gimenes e Zail Pinto de Camargo, do Sindicato da Construção, Otávio Gomes, do Sindicato dos Enfermeiros, Laudelina de Campos Melo, da associação das Empregadas Domésticas, Osvaldo Sabatini, do Sindicato da Energia Elétrica, Antonio Rodrigues Maranhão, do Sindicato da Borracha.

COM O PRESIDENTE JOÃO GOULART

Os dirigentes sindicais de todo o Brasil foram recebidos pelo Presidente João Goulart da forma mais amistosa, declarou o sr. José Vieira de Freitas. Segundo este dirigente sindical, o primeiro mandatário da Nação dirigindo-se aos líderes sindicais, reafirmou a confiança que depositava nas classes trabalhadoras, insistindo também na necessidade de serem feitas reformas de base. "Formulamos ao Presidente da República diversas reivindicações, que dizem de perto dos interesses dos trabalhadores campineiros, principalmente com relação à Previdência Social", disse

ainda o sr. José Vieira de Freitas.

NA CÂMARA E SENADO

Os dirigentes trabalhistas estiveram na Câmara Federal, onde foram recebidos pelo Presidente Ranieri Mazzili, dirigindo-se em seguida ao Senado Federal. No Senado foram recebidos pelo seu Presidente, Senador Auro de Moura Andrade, com quem conversaram ainda, sobre o projeto de Lei, que criava o 13.º mês dos trabalhadores, e que deveria ser votado ainda aquela tarde. Também o relator do projeto esteve em contacto com os dirigentes sindicais. Os representantes dos trabalhadores permaneceram em seguida, nas galerias do Senado, enquanto era votada a lei.

O ABONO DE NATAL

"A conquista do abono de natal (13.º mês) foi o resultado de longa luta das entidades sindicais. Dela participou ativamente o sindicalismo campineiro", disse o sr. José Vieira de Freitas, relacionando os vários movimentos levados a efeito visando tal reivindicação. "A aprovação do projeto sem emendas, se constitui em mais um motivo de alegria para os trabalhadores", concluiu o Presidente do Sindicato dos Textéis.

Delegacia dos Textéis em Sumaré

O Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem de Campinas, inaugurará no próximo mês sua Delegacia Sindical, em conjunto com Sindicatos da Borracha, Metalúrgico, Alimentação, em Sumaré, que dará expediente uma vez por semana.

Sindicalismo, valor humano, cristão

Padre Milton Santana

Foi Leão XIII que declarou que o direito do homem viver associado, no caso, o perário em sua associação profissional, com o sindicato é de lei natural. Quer dizer é uma exigência da própria coisa, sem ser preciso autorização de ninguém.

O Papa Pio XI escreveu uma carta sobre o Sindicalismo que ficou conhecida como: A Carta Magna do Sindicalismo Cristão. João XXIII, em seu documento, que corre o mundo, Mater et Magistra, Mestra e Mãe, fala, também sobre o Sindicalismo.

Até 1930, o Sindicalismo era nulo, entre nós. Foi Getúlio Vargas que tomando os princípios da doutrina social da Igreja, deu força de Lei, entregando ao trabalhador do Brasil, a legislação Trabalhista, a mais adiantada do mundo, que se não faz operário feliz é porque, a lei depende dos homens e os homens são falhos.

O Decreto 19770, de 19 de Março de 1931, regulamentou a Sindicalização no Brasil. A classe conservadora, isto é, os homens do dinheiro, que fazem do dinheiro sua única felicidade, seu verdadeiro Deus, protestaram. Era coisa de comunismo. Eles estavam acostumados a achar com as reclamações do ope-

rário, nas greves daquele tempo, por meio de patas de cavalo da polícia.

O Decreto 24694, de 12 de Julho de 1934, libertou os Sindicatos do regime de sindicato único, assegurado a pluralidade autônoma sindical. O Decreto 1.402, de Julho de 1940 enquadra os Sindicatos no regime constitucional de 1937, dispositivo respeitado pela Constituição de 1946.

A nossa Consolidação das Leis do Trabalho, tratando da instituição sindical, reconhece, como prerrogativas dos Sindicatos: Representar, perante as autoridades administrativas e judiciárias os interesses gerais da respectiva categoria ou profissão liberal ou os interesses individuais dos associados relativos à atividade e ou profissão exercida, celebrar contratos coletivos de trabalho, eleger ou designar os representantes da respectiva categoria, ou profissão, colaborar com o Estado etc.

No regime de exploração do trabalho em que vivemos, é o Sindicato a arma de defesa do operário, concedida pelas leis divinas e humanas. Desprezar o seu Sindicato sob qualquer pretexto é um ato de covardia e crime à classe que só pelo Sindicato encontra meio de Promoção humana.

①

EMPREGADA

DOMÉSTICA

19 de Janeiro - 1969

ESTA NO CONGRESSO o projeto de regulamentação da previdência social também para a empregada doméstica. Ela teria garantido o seu salário mínimo e outros direitos decorrentes da legislação, como médico, hospital, folga remunerada, etc. Será o primeiro passo que o governo está dando graças aos pedidos feitos por associações de empregadas, já existentes.

UMA DAS CLASSES mais desfavorecidas é realmente, a da empregada doméstica. Obrigada a trabalhar o dia inteiro e todos os dias, em toda espécie de serviços domésticos, nem sempre o pagamento que recebe, corresponde à multiplicidade de serviços e às numerosas horas passadas em constante vigilância.

ALGUNS OBJETAM: Mas ela recebe assistência, alimentação, moradia, e até roupa. Sim, há muitas patroas que tratam suas empregadas como filhas. Reconhecem sua dedicação e não lhes deixam faltar nada. Mas isso não acontece com todas.

Isso de os patrões pagarem às empregadas dez reais por mês e compensarem o restante com favores e regalias, tem o nome de paternalismo e não passa de uma ilusão. Será que as empregadas recebidas no lugar do dinheiro, conseguem o tanto que ela deveria ganhar no fim do mês? Não é, mesmo, a regulamentação que garante direitos e deveres para patroas e empregadas (direitos e deveres).

RECLAMA-SE QUE as empregadas não trabalham como deveriam. Por isso não merecem ganhar mais.

Ora, não se pode generalizar o caso. Se algumas relaxam, é porque não estão sendo bem pagas ou porque existe desconfiança mútua, ou ainda por falta de melhor orientação. Além disso, embora sejam empregadas e aceitem os trabalhos mais humildes, desejam entretanto ser tratadas como pessoas, como pessoas humanas.

QUE VENHA A REGULAMENTAÇÃO que seja cumprida religiosamente. Ambas as partes serão beneficiadas. A patroa, pagando menos, poderá exigir mais da empregada doméstica. E por sua vez, terá seus direitos, mas também suas responsabilidades.

Câmara Municipal aprova requerimento em prol das empregadas domésticas

Repercutiu largamente nossa reportagem sobre a necessidade de Registro Obrigatório da Empregada Doméstica no Instituto Nacional de Previdência Social.

Não foi assim tão larga a repercussão entre aqueles que, dentro da comunidade, já possuem suficientes garantias para o futuro — aposentadoria certa, rendas e boa estar — mas o foi entre as classes humildes e trabalhadoras, as que

vivem de salário mínimo e, principalmente, entre as próprias Empregadas Domésticas, as quais, trabalhando durante de sol a sol, sem tempo nem hora marcada, sem salários fixos, sem garantias de emprego, são talvez a classe mais desamparada dentre as que vivem neste país.

Repercutiu por dois motivos, pelo menos: a idéia de muitos para que, de Faculdade que é agora, tal Registro

se torne Obrigatório; a lembrança de muitas patroas no sentido de que, tendo boas domésticas a seu serviço, trairiam de seu Registro imediato no I.N.P.S., a fim de que essas empregadas venham a receber a garantia que as compense dos bons serviços que prestam.

JOAO LANARO

APRESENTA INDICAÇÃO

João Lanaro, vereador sempre voltado para a causa dos humildes na medida em que um edil pode fazer alguma coisa, atencando para as razões apresentadas por esta fôlha, e, mais ainda, tendo ido investigar inúmeros casos, acaba de apresentar à Câmara Municipal, em sessão de 17 de outubro, e agora já aprovado, o seguinte Requerimento, que será enviado ao presidente Costa e Silva e ao Senado da República:

"Ninguém ignora o papel desempenhando que as chamadas empregadas domésticas desempenham nos lares para os quais trabalham. São elas que tem sobre seus ombros a tarefa de, sob as ordens das donas de casa, desempenhar os mais variados mistérios. Em geral não possuem domingos, feriados ou dias santos. Não conhecem o que seja um dia de descanso. Muitas vezes, até mesmo doentes, tudo fazem, executando mesmo sua mortalha, para que o serviço não pereça.

No entanto, as empregadas domésticas não possuem nenhuma garantia alguma de qualquer momento para outro podem ser despedidas de seus empregos mesmo que nelas já estejam há dez, quinze, vinte ou mais anos. Ficaram à margem das leis trabalhistas, pois trabalham maior número de horas, não escolhem tarefas e desconhecem a proteção legal, por menos que seja.

No momento, porém, tramita no Congresso Nacional um projeto, em boa hora proposto — e já no Senado Federal — que tem por finalidade tornar obrigatória a inscrição das empregadas domésticas no I.N.P.S., o que hoje é facultativo. E, por ser facultativo, praticamente nenhuma dessas trabalhadoras contribui para a austeridade, pois seria enorme, para elas, o desconto de oito por cento em seus salários, sempre modestos e aquém das necessidades.

É claro que não se pode fazer uma revolução social, de um momento para outro. Mas o que o projeto que corre no Parlamento está objetivando é apenas permitir que as domésticas paguem ao I.N.P.S. sem qualquer prejuízo para quem as emprega e de maneira que possam gozar dos benefícios hoje distribuídos aos que exercem atividades no comércio e na indústria: auxílio doença, assistência médica e hospitalar, aposentadoria por invalidez.

Diante do exposto, vimos requerer seja oficiado ao presidente do Senado, transe emenda a S. Ilustre, o apelo da Câmara de Campinas, para que a Câmara Alta aprove o projeto de lei ao qual nos referimos e que tem a mais alta finalidade, editando-se a ele, caso necessário, a obrigatoriedade do registro da Empregada Doméstica".

PROFISSÃO DE DOMÉSTICA

O parlamentar Francisco Amaral enviou ao senador o ofício:

"A imprensa vem de divulgar mais uma tentativa de técnicos desse Ministério de Senado de regulamentar a profissão de doméstica. Esta de parabens o Ministério e de parabens estão os técnicos do Departamento Nacional de Higiene e Segurança do Trabalho que, mais uma vez, se movimentam em torno de uma idéia que, sem dúvida, merece aplausos gerais.

Infelizmente, os políticos tem denotado na vontade parca com as domésticas. E, "data-velha", essa má vontade não se justifica, pois tem efeito oposto ao que parece por eles visado. Realmente, acreditam que assim agindo, estão protegendo as donas de casa, livrando-as do peso da realização sobre o trabalho de empregadas do lar. Na verdade, porém, enquanto essa regulamentação não é baixada, escasseia cada vez mais a mão de obra disponível para o serviço doméstico e, em consequência, de duas maneiras as donas de casa não encontram quem as auxilie nessa tarefa de indiscutível valor ou são obrigadas a receber em suas residências pessoas sem a devida qualificação.

Tive oportunidade de apresentar ao Congresso o Projeto de lei n. 923, de 1968, procurando regulamentar o trabalho doméstico. Trata-se de projeto calcado em outro que, sob a forma de Decreto-Lei esteve em vias de ser sancionado pelo então Presidente da República, Marechal Castello Branco.

Acredito que o Governo não deve deixar passar esta oportunidade de regular o assunto. No Congresso Nacional sempre haverá dificuldade para aprovação de matéria pelos motivos já acima apontados. Pela sumula divulgada na imprensa, constato que o projeto é feliz, abordando os principais aspectos particulares que a questão pode comportar.

Tomo, porém, a liberdade de sugerir a V. Exa. sejam incluídas no projeto referências expressas ao salário mínimo e também ao trabalho avulso para particulares, para que a Justiça do Trabalho dê-se por

são pobres empregados sem patrões, embora o Instituto Nacional de Previdência Social cobre dos donos de obras as contribuições devidas, contribuições essas recolhidas "por conta", por estimativa, portanto sem beneficiar os trabalhadores.

Reiterando os cumprimentos por mais essa iniciativa fadada a beneficiar uma classe merecedora da estima e consideração de todo o povo, subscrevo-me, Atenciosamente

a) Francisco Amaral".

Profissão de empregada regulamentada

BRASILIA, 20 — A Comissão de Finanças da Câmara dos Deputados aprovou, ontem, a regulamentação da profissão de empregada doméstica, conforme projeto do deputado José Maria Magalhães (PDS-SP). O projeto — que teve parecer favorável do sr. Marcos Kertész (ARENA-SP), vice-presidente da Comissão — confere descanso semanal remunerado às empregadas domésticas, férias anuais, direito de vinculação à Previdência Social e humilhação diária de trabalho, beneficiando cozinheiras, arrastadeiras, lavadeiras etc., que trabalham em casa, de forma avulsa, sem vínculo empregatício.

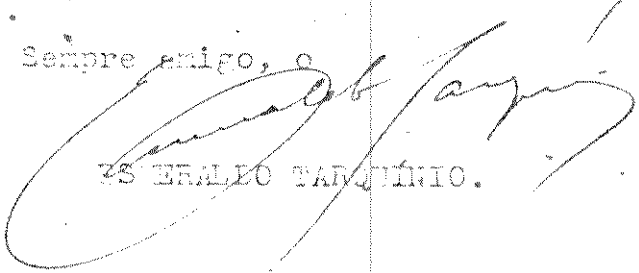
1.º de junho, 20 de junho de 1963.

Prezada Nina:

Aproveito a visita do Palma
para enviar-lhe um abraço e confirmar minha
ida a Campinas no próximo dia 28, sexta-fei-
ra.

Espero poder contrair todos
os amigos daí, a quem peço-lhe transmita meu
abraço cordial.

Sempre amigo, o



23 GERALDO TARJÍNIO.



Prefeitura Municipal de Campinas

SECRETARIA DO GOVERNO

DEPARTAMENTO DO EXPEDIENTE

Of. D. E.

N.º 452

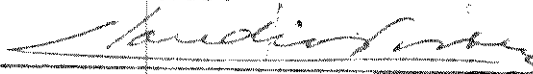
(Prot. 49628/65)

Campinas, 12 de outubro de 1965.

Saudações.

Em nome do Senhor Prefeito Municipal, apraz-me acusar e agradecer seu atencioso ofício, comunicando a indicação do nome de S. Exa., para presidente de honra dessa entidade.

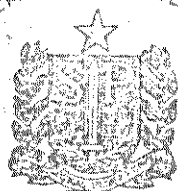
Ao ensejo, com protestos de elevado apreço, subscrevo-me, atenciosamente.


Dr. Cláudio de Souza Novaes
Secretário do Governo e da
Assistência Social

Para Laudelina de Campos Mello

M.D. Presidente da Associação dos Empregados Públicos

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA



S. PAULO

São Paulo, 31 de agosto de 1965.

Exma. Senhora Presidente da
ASSOCIAÇÃO DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS
Campinas - Est. de São Paulo

DEPUTADO ESMERALDO TARQUÍNIO DE CAMPOS

Prezada Senhora:-

Tenho a satisfação de comunicar-lhe
que foi liberada a verba que a Assembléia Legislati-
va do Estado de São Paulo, por proposição do nobre -
Deputado Esmeraldo Tarquínio, concedeu a essa entidade
de que V.S. dirige, sendo a importância de Cr\$50.000
(cinquenta mil cruzeiros) destinada ao incremento de
suas atividades assistenciais, cujo pagamento será
efetuado pela agência dessa cidade, do Banco do Esta-
do de São Paulo S/A.

Cordialmente,

Antonio N. Lucio
ANTONIO N. LUCIO

Secretário Particular do Deputado



Prefeitura Municipal de Campinas

SECRETARIA DO GOVÉRNO

DEPARTAMENTO DO EXPEDIENTE

Of. D. E.

N.º 452

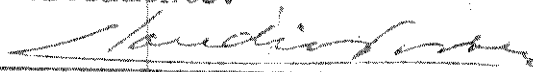
(Prot. 49628/65)

Campinas, 12 de outubro de 1965.

Saudações.

Em nome do Senhor Prefeito Municipal, apraz-me acusar e agradecer seu atencioso ofício, comunicando a indicação do nome de S. Exa., para presidente de honra dessa entidade.

Ao ensejo, com protestos de elevado apreço, subscrevo-me, atenciosamente.


Dr. Cláudio de Souza Kovaes
Secretário do Governo e da
Assistência Social

Para Laudelina de Campos Mello

M.D. Presidente da Associação dos Empregados Percepti



Câmara Municipal de Campinas

BANCADA DO PARTIDO TRABALHISTA NACIONAL

A. Victoria da Rocha, D. da Silva, e outros
Campinas

Venho comunicar à V.ª Câmara que desti-
nei a quantia de Cr\$ 40.000 (quarenta mil cruzeiros) da
minha caixa pessoal, com base na Lei Municipal n.º 3.232/66,
para constituir a Associação.

Dentro dos limites de legalidade, con-
firo à minha disposição.

Encolosoando

Waldemar Reichmann
Waldemar Reichmann Vereador

*Recebido em
25/10/66*

✓

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS

Exatidão

Recebido

De

às horas

por

Carimbo da Empresa

68

ENTREGA DOS TELEGRAMAS

Indicação
Taxada

ZCZC SPO 210

PRACA 15 NOV

RIO GB

O preâmbulo contém as seguintes indicações de serviço: respectivo ao telegrama, número de palavras, data e hora da apresentação.

Habitue-se a indicar no recibo do seu telegrama a hora em que o receber. Com essa providência auxiliará o Departamento na fiscalização da entrega dos Telegramas.

GB-1066 - DE 29-5-67 - INFORMO ASSINTO DEVIDO A FALTA DE PROTOCOLADO NA
0456/67 ET ENCAMINHA DO DIRETOR DNT PT TAO LOGO QUEM DESPOTA TRANSMIT
CURSORIA PT SAUDACDES PT JARBAS PASSA INHO VS NAO SEU TRABALHO PREVIDENC

XTO E ASINAT

Comissão

de 1961

R. de 1961

de 1961

de 1961



cerâmica martini s.a.

A mais moderna Fábrica de Tubos Cerâmicos Sanitários e Conexões da América Latina

MATRIZ: MOGI GUAÇU S. P. - Rua Luiz Martini, 284 - Fones 16, 24 e 29 Rede Interna - Caixas Postais 35 e 36 - End. Teleg. "CERMA"
BRASILIA - RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - CAMPINAS - TEREZINA - VITORIA
LONDRINA - GOIÂNIA - BELO HORIZONTE - CURITIBA - BLUMENAU - CAXIAS DO SUL
e representante em todo o Nordeste Brasileiro, com sede em RECIFE

L. F. MORAES - Publicidade - C. Postal, 66 - Mogi-Mirim - S. P. - Prod. 63.516/63

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA



SÃO PAULO

Campinas, 27 de julho de 1968

Ilma.Sra.

D.Laudelina Campos

DE.Presidente da Associação dos Empregados

Domésticos

nesta

Apresento-lhe a sra.Zelinda Decó
do Prado, que precisa dos préstimos de V.S.

Pessoalmente ela lhe exporá sua
pretensão.

Antecipadamente agradeço tudo
que V.S. puder fazer por minha apresentada.

Subscreve,

Atenciosamente

Dr. Orestes Quercia

Deputado Estadual

* O Shiner papo é da natureza



CÂMARA DOS DEPUTADOS

46/84

Ivan

Campinas, janeiro de 1.985.

Senhora LAUDELINA:

Analizei o documento previamente preparado, das reivindicações das domésticas no tocante aos direitos trabalhistas.

Parece-me amplo e talvez completo para os dias que vivemos.

A maioria, senão a totalidade das citadas reivindicações, já têm projetos de lei em curso, seja na Câmara Federal, seja no Senado da República, por iniciativa de diversos parlamentares. Mas como toda e qualquer iniciativa de parlamentar além de demorada, em geral sofre restrições do Poder Executivo, e as perspectivas de sucesso das mesmas são pequenas.

O ideal, creio, seria que o Congresso de Recife tivesse as suas conclusões levadas ao Governo Federal, que, convenientemente sensibilizado, tomasse a iniciativa de propor essas medidas em mensagem própria.

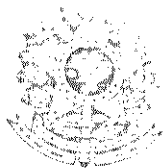
Finalizando, desejo que faça boa viagem, aproveite bastante, e que o encontro das domésticas, tenha pleno êxito, ficando à disposição sua e das colegas para o que for de minha alçada, naturalmente dentro das minhas limitações de ordem pessoal.

Fraternalmente

CHICO AMARAL

Senhora
LAUDELINA DE CAMPOS MELO
R. Ataulfo Alves, 396
Vila Castelo Branco
13100
CAMPINAS=SP





CÂMARA DOS DEPUTADOS

Escritório - Rua Cel. Ulbrico - 1001 - 13.000 - Campinas

Exma. Sra.

Laudelina de Campos Mello

Prezado Conterrâneo-

Voltamos hoje a sua presença, para informá-lo sobre a nossa atuação na Câmara dos Deputados. Durante sua curta permanência como Deputado Federal, apresentamos as seguintes proposições:

125 - Projetos de Lei

32 - Pareceres em comissões Técnicas

8 - Discursos

Queremos continuar desenvolvendo o mesmo trabalho até agora apresentado, portanto, colocamo-nos a inteira disposição, esperando receber sugestões, idéias, críticas, enfim o apoio e o esclarecimento necessários, para termos aprefeioarmos cada vez mais a justiça social, o desenvolvimento e o progresso, que todos nós tanto almejamos.

Sempre a sua disposição

Com um forte abraço do

Otávio CECCATO

*Recomendado
ao político*

ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS DOMÉSTICOS DE CAMPINAS

RELAÇÃO NOMINAL DE PESSOAS ASSISTIDAS

NOME

ENDEREÇO

1 - Carmem de Oliveira +	Rua Thomaz Gonsalves Gomide, 367
2 - Maria de Lourdes Pereira	✓ " Vitoriano dos Anjos, 255
3 - Maria Helena Bittencourt +	✓ " " "
4 - Igno Maciel +	" 9 nº 20 - Vila Rica
5 - Diva Gonçalves	
6 - Aparecida Melhorança +	✓ " Casa 4 , nº 45 - Jardim Eulina
7 - Antonia Zacarias Pires +	" 5 Jardim Alvorada
8 - Maria Aparecida Camargo +	" " " "
9 - Geni Camargo	" nº 58 - Jardim N. Europa
10 - Ana Inês Toledo +	" 16, nº 16 - Jardim S. Vicente
11 - Maria do Carmo Ferreira +	
12 - Clara Ribeiro 7	" 33 nº 2 - V. Castelo Branco
13 - Celsa Quirino	" Lucio Pereira Teixeira, 114
14 - Aracy Patrocínio	Lote 7 - quadra, 39 J. N. Europa
15 - Anália de Freitas Ferreira +	Rua Stº Anastácio, 88 - J. N. Europa
16 - Maria Amélia Rodrigues	Quadra 5, 43 - Jardim S. Marco
17 - Lucila Valentin de Lima +	Rua 28, nº 30 V. Castelo Branco
18 - Maria Teresa Fictarino +	Av. 2 nº 127, V. S. Bento
19 - Josefina Silva Dueno m	Jardim Eulina nº 100
20 - Luiza Salvador Reis	✓ Rua 7, 216 - J. das Oliveiras
21 - Vera Lucia Rodrigues	Rua Francisco Peratti, 366
22 - Neide de Moraes	Jardim Santana
23 - Raquel Bernardino Cerqueira	Av. Rio de Janeiro, 534 - S. Bernario
24 - Georgina Pires Gendeti	Rua 7 nº 5 Vila Castelo Branco
25 - Silvia Macedo de Souza	Rua 12 nº 8
26 - Maria Alice Silva Souza	Rua Andrade Neves, 94
27 - Guimar Salazar Silva	Rua 15, 88 J. S. Vicente
28 - Maria Azelis de Campos Samuel	Rua 10, 6 V. Castelo Branco
29 - Maria Aparecida Vicente	Rua 7, nº 665, Vila Cura D.
30 - Maria Candida Ferreira	Sítio Boa Vista não
31 - Elza Alves de Oliveira	Quadra 16, nº 29 H. A.
32 - Marlene Aparecida Domeciano	Rua Barão Pirapint
33 - Lazara Ferreira de Camargo	" Colombo Ricco
34 - Maria de Oliveira Andrades	" 15 nº 80 J.
35 - Maria Iselia de C. Samuel	" 2 nº 22 - Vila
36 - Maria Ramos Correia a	

Cont...

- 37 - Rosa Pereira de Andrade
- 38 - Maria Aurora de Oliveira Pais
- 39 - Neusa Maria Conceição Santos
- 40 - Maria Benedita Pereira de Camargo
- 41 - Dolvina de Jesus
- 42 - Lucia Rodrigues
- 43 - Cleide de Luz
- 44 - Maria Conceição D'Isena
- 45 - Rute Cazante
- 46 - Marinete Antonio
- 47 - Célia Ezequiel *C*
- 48 - Janete de Oliveira
- 49 - Zenilda Pereira
- 50 - Nicete de Brito
- 51 - Antonia Regina da Silva
- 52 - Adelia Bechi
- 53 - Rosangela Maria Gomes
- 54 - Ernestina Aparecida Rosa
- 55 - Gilberta de Souza
- 56 - Josefina Dias Turino *RM*
- 57 - Maria Aparecida Monteiro
- 58 - Sueli da Mota Bezerra
- 59 - Sebastiana Leopoldina Siqueira
- 60 - Amaria Antonia
- 61 - Maria Bispo Sampaio
- 62 - Margarida Candida de Jesus

- Rua 12 nº37 - Vila Rica
- " " " "
- " 5,179 Vila Georgina
- " 17 nº 35 Vila Rica
- " 11 nº 13 Vila Rica
- " 16 nº 9 Vila Rica
- " 32 nº 163 Jardim S. Fernando
- " Nazarena Mingoni, 870
- " Monte Castelo, 229
- " Cafelândia, 204 - V. Teixeira
- " 2 nº 9 Vila Rica
- " 11 nº 22 Vila Rica
- " 3 casa 120 - Jardim Anchieta
- " 1 nº 58 - Jardim Anchieta
- " 2 nº 22 - Jardim Anchieta
- " 11 nº 17 - Vila Rica
- " 52 nº 23 - Vila Rica
- " 4 nº 22 - Vila Rica
- Quadra I - Jardim Londres

- Rua 8 nº 8 Vila Rica
- " 2 nº 6 Vila Rica
- " Frei José de Monte Carmelo
- " Stº Anastácio, 58
- " 4 nº 54 - Vila Georgina
- " Buarque & Macedo, 621

38- Maira Aurora de Oliveira Pais	rua 12, nº 37 - Vila Rica
39- Neusa Maria Conceição Santos	" 5, nº 179 - V.Georgina
40- Maria B.Pereira de Camargo	" 17, nº 35 - Vila Rica
41- Dolvina de Jesus <i>a</i>	" 11, nº 13 - Vila Rica
42- Lucia Rodrigues <i>+</i>	" 16, nº 9 - Vila Rica
43- Cleide de Luz	" 32, nº 163 - J.S.Fernando
44- Maria Conceição D'Isena	" Nzareno Mingoni, 870
45- Rute Cazante	" Monte Castelo, 229
46- Marinete Antonio <i>+</i>	" Cafelândia, 204 - V.Teixeira
47- Célia Exequiel <i>e</i>	" 2, nº 9 - Vila Rica
48- Janete de Oliveira <i>c</i>	" 11, nº 22 - Vila Rica
49- Zenilda Pereira <i>+</i>	" 3, casa 120 - J.Anchieta
50- Nicete de Brito	" 1, nº 58 - J.Anchieta
51- Antonia Regina da Silva <i>+</i>	" 2, nº 22 - J.Anchieta
52- Adelia Bechi	" 11, nº 17 - Vila Rica
53- Rosangela Maria Gomes <i>a</i>	" 52, nº 23 - Vila Rica
54- Ernestina Aparecida Rosa	" 4, nº 22 - Vila Rica
55- Gilberta de Souza <i>m</i>	Quadra I - Jardim Londres
56- Josefina Dias Turino	
57- Maria Aparecida Monteiro	rua 8, nº 8 - Vila Rica
58- Sueli da Nota Bezerra <i>+</i>	" 2, nº 6 - Vila Rica
59- Sebastiana Leopoldina Siqueira	rua Frei José de Monte Carmelo
60- Amaria Antonia <i>+</i>	" Stº Anastácio, 58
61- Maria Bispo Sampaio	" 4, nº 54 - Vila Georgina
62- Margarida Candida de Jesus <i>+</i>	" Barque de Macedo, 621
63- Luciana Mauro	" Alvaro Ribeiro, 270
64- Santina Lorenzo <i>a</i>	" Preceliana Soares, 306
65- Adelaide Capeleto <i>a</i>	" Barão de Jaguará, 358
66- Laura Palma de Souza <i>a</i>	" Proença, 437
67- Maria Marcelina de Freitas <i>+</i>	" Sta. Cruz, 357 - casa 2
68- Lourdes Silva Campos	" Julio Mesquita, 797
69- Olimpia do Nascimento <i>+</i>	" Maria Monteiro, 1306
70- Aparecida Lorenzo <i>a</i>	" Américo Brasileiro, 48
71- Eufrosina Ferreira dos Santos	" Maria Monteiro, 346
72- Felipe Verchi <i>m</i>	" Ana Jacinta de Andrade, 352
73- Tercilia Marcelino Marques <i>c</i>	" Ceará, nº 468
74- Francisca Batista <i>a</i>	" Barão de Itapura, 599
75- Amélia Padeli <i>m</i>	" Duque de Caxias, 385
76- Benedita Bueno <i>a</i>	" Carolina Florence, 400
77- Dulce dos Santos <i>+</i>	" Emilia de F.Meira, 135
78- Carmem Martins da Silva <i>+</i>	" Tomas Alves Brown, 55
79- Paschoa Delaqua de Sá Barreto	av. Saudade, 854
80- Eva Cabral da Silva <i>m</i>	" Miguel Penteado, 525
81- Geni de Souza Pompeo <i>m</i>	" Anchieta, 64
82- Joaquim de Oliveira <i>m</i>	" Mancel Francisco Monteiro, 622

CAMPINAS

CONTRATO DE LOCAÇÃO ENTRE A ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS DOMÉSTICOS DE CAMPINAS E O SENHOR ELA KAPLAN, DE UM PRÉDIO SITO À RUA PROENÇA, 651, EM CAMPINAS.

Em primeiro de setembro do ano de mil novecentos e sessenta e oito, no Departamento Legal da Municipalidade de Campinas, onde presentes se achavam o sr. Ruy Helmeister Novaes, Prefeito Municipal, assistido pelos srs dr. José Leite Carvalhães, secretário dos Negócios Jurídicos, Ary Negrão Barone, secretário da Fazenda, dr. Roberto Chiminazzo, procurador judicial da Municipalidade, da. Enca Caldatto Raphaelli, diretor do Departamento de Bem Estar Social, compareceu o sr. Ela Kaplan, polonês, com permanência legal no país, casado, do comércio, estabelecido à avenida Campos Sales, 960, nesta cidade, o qual designado LOCADOR, com a Associação dos Empregados Domésticos de Campinas, neste ato representada pela sua presidente, da. Laudelina de Campos Nello, brasileira, casada, domiciliada e residente nesta cidade e designada LOCATÁRIA, avençou a locação de um prédio situado à rua Proença, nº 651, em Campinas, de propriedade do LOCADOR, mediante as seguintes cláusulas: P R I M E I R A - De conformidade com despacho do senhor Prefeito exarado no protocolado nº 26894, de 30 de agosto de 1968, e com os elementos nele constantes, foi autorizada a locação do imóvel supra, pela Associação dos Empregados Domésticos de Campinas. S E G U N D A - O prazo de vigência do presente contrato é de dois (2) anos, a contar de 1º de setembro de 1968 e a se findar em 31 de agosto de 1970. P A R Á - G R A F O P R I M E I R O - Findo o prazo de locação, a locatária obriga-se a restituir o imóvel completamente desocupado e em perfeito estado de asseio, uso e conservação, independentemente de qualquer notificação prévia. T E R C E I R A - O aluguel mensal é de NCR\$300,00 (trezentos cruzes novos) que serão pagos ao LOCADOR pela PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS, através a organização imobiliária O TOT S/A - Serviços e Empreendimentos Sociais, na Tesouraria da Prefeitura até o dia 10 de cada mês subsequente / ao vencido. P A R A G R A F O P R I M E I R O - A Municipalidade fica

isenta de qualquer outro pagamento além do constante no artigo acima. Q U A R T A - O imposto predial será de responsabilidade do LOCADOR. Q U I N T A - O imóvel locado destina-se única e exclusivamente a ser utilizado pela LOCATÁRIA, a qual não poderá, outrossim, ceder ou transferir este contrato sem prévio e expresso consentimento do LOCADOR. S E X T A - Fica estipulada a multa de NCR\$720,00 (setecentos e vinte cruzeiros novos) para qualquer das partes que infringirem uma ou mais cláusulas deste contrato. S É T I M A - Todas as ações, questões, divergências ou providências judiciais oriundas ou relativas aos direitos e deveres deste contrato deverão ser propostas e solucionadas no fóro desta cidade de Campinas, o qual fica eleito para tal fim. O I T A V A - Atribuiu-se a este contrato o valor de NCR\$7.200,00 (sete mil e duzentos cruzeiros novos). N O N A - As despesas decorrentes deste contrato correrão pela verba orçamentária nº 8111/3.1.4.0 - 83. NADA MAIS. E, por estarem as partes assim justas e contratadas, assinam este contrato na presença das testemunhas Marlene Aparecida Fontanini Padovani e Edit Bergonzoni Stefanini, brasileiras, casadas, funcionárias públicas municipais, residentes e domiciliadas nesta cidade, depois de recolhidos os emolumentos deste, na importância de NCR\$7,56 (sete cruzeiros novos e cinquenta e seis centavos), através da guia nº 6306 -- de 3.10.1968. Eu, Rui F. Amaral / Carvalho, que o lavrei e subscrevi.....

Ruy Hellmeister Novaes
PREFEITO DE CAMPINAS

José Leite Carvalhoes
SECRETARIO DOS NEGOCIOS JURIDICOS

Sr. Ary Negrão Barone
SECRETARIO DA FAZENDA

Roberto Cheminazzo
PROCURADOR JUDICIAL DA MUNICIPALIDADE

Da. Enea Caldato Raphaelli
DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE BEM ESTAR SOCIAL

Sr. Ela Kaplan

Da. Laudelina Campos Mello

Da. Marlene A.F. Padovani
testemunha.

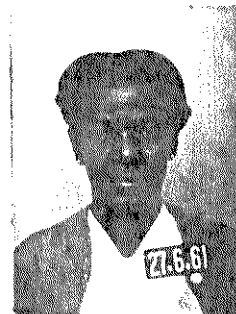
Da. Edit B. Stefanini
testemunha.

ASSOCIAÇÃO DAS EMPREGADAS DOMESTICAS DE CAMPINAS

FUNDAÇÃO EM 18 DE MAIO DE 1.961

Nº DE MATRICULA. 18.....

DATA. 5-7-1961.....



1011A FICHA DE INSCRIÇÃO PARA ASSOCIADAS

NOME. ~~Vasira~~ Vasira Vieira.....

ESTADO CIVIL. solteira.....DATA DE NASCIMENTO. 1-6-1.911.....

nome do pai. João Vasira.....

nome da mãe. Idalina Monteiro.....

NACIONALIDADE. Brasileira.....NATURALIDADE. Monte Mor.....

RESIDÊNCIA. Rua Elias de Souza, nº 100 - Vila Industrial.....

NOME DO EMPREGADOR. Maria Teófilo Montezano.....

FUNÇÃO. cozinheira.....ORDENADO CR\$. 3.000,00.....

LOCAL ONDE EXERCE A FUNÇÃO. Rua do Itapira, nº 1562 fone 94702.....

Número e qualidade de dependentes.....

.....

DOCUMENTOS APRESENTADOS. carteira profissional, 068265 895.....

ASSINATURA DA SÓCIA. p. Vasira Vieira - M. Montezano.....

Assinatura de Leopoldina de Campos Melo
ASSINATURA DE DIRETOR D. ASSOCIAÇÃO

A Associação das Empregadas Domésticas de Campinas

ASSOCIAÇÃO DAS DEBEMAGUAS DOMESTICAS DO CAMPIA

SERVICO DE COLOCACOES

FORM

384

SIGNA DE DISCRICAO

pagou

NOME

Mely Soares

ENDERECO

RUA

Copão Beito 294 SALES S. Bernardo

PORE

RECADOS PARA

DETAHES PESSOAIS

SEXO

fem

ESTADO CIVIL Solteira DE DEBEMAGUAS

DATA NASC.

CIDADE

ESTADO

PROFISSAO

INDETERMINADA

HISTORICO PROFISSIOAL

EMPREGOS ANTERIORES

EMPREGO	Pore	Funcao
---------	------	--------

RELAÇÕES

ACE-

ALDOCE

2

ACE-

ALDOCE

C. de Arte Culária

ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS DOMÉSTICOS DE CAMPINAS

Circular n. 78/67

Campinas, 6 de dezembro de 1967

Prezado associado:

Levamos ao seu conhecimento, que no próximo dia 17, domingo, às 17,00 horas, será realizada uma Assembléia Geral Ordinária de nossa associação, visando eleger a nova Diretoria, conforme determina o artigo 15, parágrafo 3º dos Estatutos Sociais.

Essa Assembléia terá lugar, nos Salões Sociais do Centro Social Paroquial "Sto. Antônio", gentilmente cedido para a nossa Associação e se localiza atrás do Santuário de Santo Antônio, à Avenida Saudade, no Bairro da Ponte Preta.

Tratando-se da eleição da nova Diretoria que irá dirigir os destinos de nossa Associação, contamos com a sua presença, bem porque ainda, nessa reunião serão explicadas as novas exigências para a contribuição junto ao Instituto Nacional de Previdência Social.

Certos de que o prezado associado, comparecerá a essa Assembléia, aproveitamos da oportunidade para antecipar os nossos mais sinceros agradecimentos.

Atenciosamente

p. ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS DOMÉSTICOS DE CAMPINAS


LAUDELINA DE CAMPOS MELO

Presidente.



FUNDAÇÃO PLANO DE AMPARO SOCIAL

Rua Guarianases, 1050 — Fone 52-8654

Presidente

Maria do Carmo de Abreu Sodré

N.O. 130

São Paulo, 7 de junho de 1968.

ILMA. SRA.

D. LAUDELINA DE CAMPOS MELLO

DD. Presidente da

Associação dos Empregados Domésticos

CAMPINAS

Senhora Presidente:

Recebemos a carta de V.S., de 20/1/68, na qual anexa relação do material necessário à montagem da Creche da "Associação dos Empregados Domésticos de Campinas".

Solicitamos V.S. enviar-nos o atestado de registro no Serviço Social do Estado e os Estatutos com certidão de Personalidade Jurídica, para que possamos encaminhar a solicitação à Comissão Estadual de Material Excedente - CEME.

Aguardando o pronunciamento de V.S., apresentamos nossas

Cordiais Saudações

Raquel M. de Soulas

Raquel M. de Soulas
Coordenadora do "PAS"

Campinas, 4 de Setembro de 1.968

EXMA. SNRA.

Dna. MARIA DO CARMO DE ABREU SODRÉ

SÃO PAULO

Prezada Senhora:-

Em aditamento aos nossos pedidos de materiais necessários para instalação de uma Creche para abrigo aos filhos de empregados domésticos, com a presente informamos V.Sa. que já obtivemos o local donde se instalará a - CRECHE assim como a ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS DOMÉSTICOS DE CAMPINAS, no seguinte endereço Rua Proença, 651-Campinas (SP):

Queremos ainda informar que para isso, fizemos convenio com DEPARTAMENTO DE SAÚDE E BEM ESTAR SOCIAL da Prefeitura Municipal de Campinas.

Certes de que em breve teremos recebido através da P.A.S., tão bem presidido por V.Sa., os materiais necessários para a instalação da tão necessária Creche, desde já enviamos os nossos melhores agradecimentos, solicitando ao todo poderoso as bênçãos pelas suas providências.

RESPEITOSAMENTE

ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS DOMEST. DE CAMPINAS

Laudelina de Campos Mello
Laudelina de Campos Mello

Presidente

(5)
Campinas, 14 de outubro de 1968

Exma. Sra.

A Associação dos Empregados Domésticos de Campinas, estando se ocupando da instalação de uma creche à rua Proença, 651, vem solicitar à V. S. se digne colaborar com o natal de suas criancinhas, uma vez que são muitas e todas filhas de empregadas domésticas. Como não temos meios suficientes para lhes proporcionar um natal com brinquedos, uma vez que a quantidade de crianças já admitidas sobe a 50, ou seja, 15 de 1 a 5 anos, sendo 12 meninas e 3 meninos e 35 de 6 a 10, sendo 20 meninas e 15 meninos.

Na expectativa de seu generoso atendimento, subscrevo-me com alta estima e consideração.

ATENCIOSAMENTE

Laudelina de Campos Melo
Laudelina de Campos Melo.-

Exma. Sra.

Maria do Carmo Abreu Sodré

DD. Presidente do PLANO DE AÇÃO SOCIAL DO ESTADO.

16

Campinas, 20 de janeiro de 1961

Exma. Sra.
Laudelina de Campos Mello

Prezada senhora:-

A finalidade desta é participar-lhe que as festividades pelas quais V.S. concorreu para a realização, terão lugar nos dias 28 e 29, segundo programa que segue anexo.

Aproveitamos da oportunidade para deixar patenteado que terá v.s. e uma acompanhante acesso a ambos locais, bem como a uma mesa no Elo Clube Campineiro, local em que será servido o Coquetel.

Esperando de V.S. mais uma vez o apoio de solidariedade e compreensão, renovamos os nossos votos de estima e amizade,

Atenciosamente,



Presidente da Comissão Organizadora


diretor

ASSOCIAÇÃO DAS EMPREGADAS DOMESTICAS DE CAMPINAS.

Sede Social à Rua Barão de Jaguará, nº 704 - Fone 9-1331 - CAMPINAS.

Exmo. Snr.

Padre Milton Santana

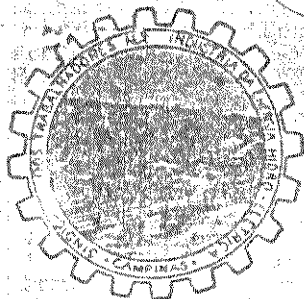
DD. Conego da Igreja Nossa Senhora do Fátima.

A DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO DAS EMPREGADAS DOMESTICAS DE CAMPINAS, sentir-seá honrada com a presença de V. Excia., nas solenidades de posse da Diretoria, que terá lugar no dia 19 de novembro de 1.961, às 17 horas, à Rua Barão de Jaguará, - nº 704.

Dê antemão confessam-se sinceramente gratos pela desejada - presença de V. Excia.

Campinas, 9 de Novembro de 1.961

Laudelina de Campos Melo - Presidente
Pela Diretoria.



SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS
— DA —
ENERGIA HIDRO E TERMÔELETÉRICA DE CAMPINAS

RECONHECIDO PELO GOVERNO FEDERAL

Sede: (Prédio Próprio) * R. Dr. Quirino, 1511 * Fone, 3693 * CAMPINAS * E. S. Paulo

Campinas, 25 de Novembro de 1961

REPRESENTAÇÕES
REGIONAIS

Amparo,

Araraquara, Baurú, Franca,
Piracicaba, Rio Claro, S. Carlos,
Ribeirão Preto, Avanhadava,
São José do Rio Preto, Pinhal,
Barretos, Lins, Americana,
Marília, São João da Boa Vista,
Bragança Paulista, Mocóca,
Catanduva, Piracununga, Jau,
Usina Gavião Peixoto, Usina Marimbon-
do, Ipaçu, Casa Branca, So-
corro, Bebedouro, Brotas, O-
limpia, Jaboticabal, Taquari-
tinga, Mirassol, Usina Buri-
tis, S. J. do Rio Pardo, Pre-
sidente Prudente e Pedreira.

DEPARTAMENTOS
JURÍDICOS

Campinas e Delegações

ASSISTÊNCIA DENTÁRIA
Gabinete Próprio nas Sés

Serviços Dentários nas Sés
de Delegações

BASE TERRITORIAL nas
localidades do Estado de São
Paulo de concessão das Cias.
Paulista de Força e Luz e as-
sociadas - S/A Central Elé-
trica de Rio Claro - Empresa
Força e Luz de Mogi-Mirim
S/A - Empresa Melhora-
mentos Mogi Guaçu S/A -
Cia. Paulista de Eletricidade
de São Carlos - Cia. Nacional
de Energia Elétrica de Ca-
tanduva S/A - Cia. Hidro E-
létrica Paranapanema de I-
paçu - Cia. Força e Luz de
Mocóca - Cia. Sanjoanense de
Eletricidade - Empresa Elé-
trica Bragantina - Empresa
Elétrica de Andradina - Cia.
Força e Luz de Jacutinga -
Cia. Paulista Energia Elétri-
ca - Cia. Elétrica Caluá - Cia.
Hidro Elétrica Jaguary S/A.

Ilma. Sra.

Presidente da Associação das Empregadas domésticas
Campinas.

Companheira Presidente.

Impossibilitado de comparecer pessoalmente
a magnífica "festa" de hoje, faço-me representar pelo
meu amigo e companheiro sr. Eoddyr Moraes.

Na oportunidade ofereço o mimo, que será
destinado a sorteio entre as participantes.

Deesjo exito completo, e que V.S., colha
os frutos de sua dedicação pela unidade de todos os
trabalhadores e trabalhadoras, na campanha pela unida-
dade cada vez mais dos brasileiros, para um dia melhor
um Brasil independente em sua soberania.

Deus presente, e que as chuvas de nossas
palmas cubram vossas cabeças de gloria.

Abracos trabalhistas

Joaquim da Silva Lima
Presidente

e 9 de Julho

rua João Jorge, 184
Campinas - S. Paulo

X
Campinas, 3 de abril de 1962

Exma Sra.

D^a. Laudelina de Melo

M. D. Presidente da Associação Empregadas Domésticas

Nesta

Saudações cordiais

Em nome e com o gentio ofício desta Associação,
que nos damos a responder.

Atendendo ao solicitado, e como demonstração de apoio, resolveu a diretoria do Clube 9 de Julho, conceder livre de qualquer despesa, o salão de festas, para a data de 19 de Maio (sábado) p. para que esta Associação realize seu festival. Esclarecemos, que esta Associação reservará 20 (vinte) ingressos livres para uso dos diretores auxiliares do Clube, que colaborarão, assistirão na parte disciplinar e Não poderão, terminantemente, ingressar no recinto da festa, todos os elementos suspensos pela diretoria, sendo que será colocada a disposição de um elemento que zelará desta parte.

Não havendo outro assunto para o momento, aproveitamos o ensejo para apresentar os votos de feliz festival e os protestos de elevada e distinta consideração

Atenciosamente


C. Delfino-P/Diretoria

155415

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SOCIEDADE ANÔNIMA

11. Campinas, 20 de outubro de 1966

FIRMS E PROCURAÇÕES

A
ASSOCIAÇÃO DAS ENTREGADORAS DOMÉSTICAS DE CAMPINAS
Rua Duque de Caxias nº 368
Nota

Prezados Senhores:-

REF.: - VARIAÇÃO DE DIRETORIA

Achando-se vencido em 15.3.1966, o mandato de sua
digna Diretoria, pelo presente, vimos solicitar a
vossa gentileza de nos enviar, por favor, a respectiva
declaração de seus novos dirigentes, devidamente averbada em car-
tório para a regularização de nosso registro de "Firms e
Procurações".

Sobre o assunto expômos-nos a V. Exa. no ofício
de 9.5.1966.

Comp. 1003
BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO
Direção Geral



CAMPEONISSIMO

CAMPEA
PAULISTA DE FUTEBOL
DE
1920
1925
1927
1922
1933
1934
1936
1930
1942
1943
1947
1958
1959
1963

CAMPEA BRASILEIRA
DE FUTEBOL
DE
1953

CAMPEA DO TORNEIO
RIO - SAO PAULO
DE
1956
1955

CAMPEA DO TORNEIO
Internacional Inter-Clubes
«COPA RIO»
DE
1956

SUPER - CAMPEA
1959

CAMPEA DA TAÇA
BRASIL
DE
1960

CAMPEA DO
TORNEIO DE FIRENZE
1963

FILIADA

- A
- F. P. P.
- F. P. A.
- F. P. E.
- F. P. T.
- F. P. P.
- F. P. B.
- F. P. C.
- F. P. H.
- F. B. P.
- F. P. X.
- F. P. N.
- F. P. V.
- F. P. F. S.

FUNDADA EM 24 DE ABRIL DE 1914
Rua Ten. A. P. 1940 - ESTAD. PALESTRA ITALIA - Caixa Postal, 818
End. Tel. "PALMEIRAS" - SAO PAULO - BRASIL
Considerada de Utilidade Publica, de conformidade com a Lei 4.518 de 21.11.1965

DT/ 245/67

SECRETARIA, 5 de julho de 1.967.-

Ilma.Sra.
DE.LAUDELINA DE CAMPOS MELO,
Mui Digna Presidente da
ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS DOMÉSTICOS
Rua Duque de Caxias, 368
CAMPINAS = SP

Servimo-nos do presente para informa-
la que em virtude de ter sido combinada uma apresentação de -
nosso Conjunto de Patinação Artística "Periquitos em Revista"
na cidade de São José dos Campos, os promotores da mesma irão
retirar o material nessa cidade, no dia 23 do corrente; às -
6,00 horas da manhã.

Assim sendo, essa Entidade terá somen-
te que retirar o material de nossa séde, no dia 20, às 12,00
horas, conforme o combinado anteriormente, não precisando, por-
tanto, trazê-lo de volta.

Sem outro particular no momento, colo-
camo-nos á disposição de V.S. para quaisquer esclarecimentos,
e subscrevemo-nos com os protestos de consideração e estima.

Atenciosamente
SOCIEDADE ESPORTIVA PALMEIRAS

Angelo Dedicivitis

Angelo Dedicivitis
Diretor do Departamento de
Propaganda e Comunicações.

DT/rr:-

BALANCETE DO ESPORTE FIZIADO EM 22/7/1967,
 EM CONJUNTO ENTRE A "ASSOCIAÇÃO DOS EMPRESADOS DOMÉSTI-
 COS" E "CLUBE CULTURAL RECREATIVO PALMEIRAS", COM ATRIBUI-
 TAÇÃO DOS -PERIQUITOS EM REVISTA-DA SOC.ESPORT.PALMEIRAS.

	RECEITA	DESPESAS
Vendas de Ingressos	1.566,00	
Ajuza de Custas do Palmeiras		1.000,00
Revistas-Programa		50,00
Aluguel do Ginásio		100,00
Transporte do Blenco		200,00
Transporte do Material		270,00
Alimentação dos Artistas		218,00
Estadia dos Técnicos		134,81
Luz e Força		7,81
Pintura de Faixas		45,00
Pago auxiliares		30,00
Impressos		60,00
Viagens e Condução		15,00
Material de Propaganda		40,00
Alvará Policial		35,00
Guardinhas		15,00
Deficit Verificação	729,72	
Soma	2.295,72	2.295,72

DEMONSTRAÇÃO DO "BORDERÔ"

583 Ingressos Gerais	a	2,00	1.166,00
70 Ingressos de Apoio	a	5,00	350,00
28 Ingressos de Apoio	a	1,00	28,00

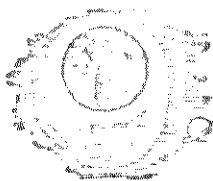
1.566,00

Assinada, 22 de Julho de 1967

P/Assoc. Emp. eq. Domésticos

P/Clube Cult. Recr. Palmeiras

canal



televisão excelsior s. a.

Campinas, 28 de dezembro de 1967.

A

Associação dos Empregados Domésticos

Av. Saudades, s/nº

Resta

Presados Senhores

at. D^{as}. Laudelina de Campos Mello

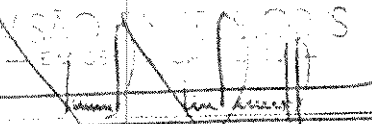
Vimos pela presente, solicitar-lhes seus bons ofícios no sentido de uma pronta liquidação da fatura nº 319, vencida em 15-10-67 de R\$150,00 (cento e cinquenta cruzeiros novos), originada pelo plano promocional que fizemos de - baile-show de 16 de setembro do ano em curso, conforme autorização de Vv.Ss., e que se encontra em nosso poder.

Outrossim, queremos informar-lhes que o custo do material publicitário, tais como, slides e gravações, orçou em R\$40,00 (quarenta cruzeiros novos), e que constitui um recibo a parte.

Dada a urgente necessidade da regularização do assunto acima, por motivos internos de nossa emissora, e na expectativa de vossas prontas e costumeiras providências, antecipamos nossos agradecimentos e valemo-nos da oportunidade para reiterar-lhes nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

TELEVISÃO EXCELSIOR S. A.


DIRETOR COMERCIAL

HAL/

cc.p/Auditoria.

cc. arg.

1
D.E.B.S.

Circ. 01/68

C.M.C.C.

PRELADO SGTSC

Is sendo essa unidade inscrita para recebi-
mento de 20 mil reais. Prefeitura Municipal, através deste Depar-
tamento de Bem Estar Social, que vem a ser de dirigir, ve-
mos convidar V. Sa. para uma reunião das 14 proximo: sexta-fei-
ra, as 15 horas, no 21º andar do edificio Quernelli, à Rua Gene-
ral Seculo, 1031, para tratar de assuntos referentes à distri-
buição dos auxilios concedidos e os rós encaminhados e recomen-
damos ao Sr. PRELADO MUNICIPAL DA BEM ESTAR SOCIAL

At encargo reiveramos a V. Sa. processos de
conhecimento e a seguir.

Atenciosamente

Frcia. Enea Caldato Raphaelli
Diretora do Departamento de Bem
Estar Social

CONVITE

Conquistando os direitos, no dia a dia, na história da classe trabalhadora, as domésticas da região tem tido muita força de vontade, e tem sido muito importante nessa luta por uma sociedade - mais justa e mais humana.

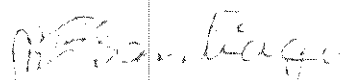
Por isso, temos a honra de convidar voce a participar do aniversário de Dona. Nina, que está completando 85 anos. A comemoração será realizada no dia 12/10 (quinta-feira), às 19 hs. em nossa sede.

Dna. Nina. foi uma das fundadoras de nossa associação, em 1961, que depois foi transformada em sindicato em 1988. Ela esteve sempre presente em todas as nossas lutas e conquistas.

Gostaríamos que sua presença seja confirmada até o dia 11/10, no telefone acima,

SUA PARTICIPAÇÃO É MUITO IMPORTANTE, NÃO DEIXE DE COMPARECER !

Campinas, 26 de setembro de 1989.


MARIA HELENA
pela Diretoria

**DOCUMENTOS REFERENTES A OUTROS
MOVIMENTOS**

Curso de Voluntários entregou certificados a 56 concluintes

Na noite de ontem, na sede da Associação de Educação do Homem de Amanhã, 56 concluintes do I Curso de Treinamento de Voluntários receberam seus certificados, que lhes possibilitará integrar o Plano Diretor de Serviço Social do Departamento de Bem-Estar Social. Esse curso levado a efeito sob a orientação direta de assistentes sociais, faz parte do plano de arguimento social das populações de nossos bairros num trabalho que visa, sobretudo, a libertar o homem de uma vida à ajuda da comunidade pública, dando-lhes condições, em virtude de uma especialização de profissão, de um aperfeiçoamento de suas habilidades, para manter uma vida condigna aos padrões de humanidade.

Compreendendo os ideais que norteiam o objetivo do Departamento de Bem-Estar Social, 56 pessoas se apresentaram a receber orientação técnica daquele órgão municipal e ontem em ambiente

de festa, chegaram ao final dos estudos. Nesta agera a ação.

As solenidades de encerramento do I Curso de Treinamento de Voluntários estiveram presentes o médico Alfredo Gomes Júlio, secretário da Saúde e Bem-Estar Social, professora Eneida Caldato Raphaelli, diretora do Departamento, sr. Anatole Brasil, pelo deputado Ary de Almeida Barbosa, Muelo Drumond Murgel, membro do Conselho Municipal de Bem-Estar Social, representando o sr. Darcy Paz de Pádua, presidente da FEAC, sra. Lucy Nava, presidente das Senhoras Rotarianas, sr. Cleofas Gonzaga Campos Leite, secretário da Associação de Educação do Homem de Amanhã, representando o sr. Ray Rodrigues, as assistentes sociais Elsie Tepedino, Nadir Torquato, Maria Isabel Meirelles, Josefa Paiva Salomão, esta do DATE, e prof. Paulino da Costa Eduardo, assistente de direção do Departamento de Bem-

Estar Social. CONSELHO

Com a presença dos membros efetivos, promotor Benedito José Barreto Fonseca, sr. Ary Negrão Barone, sr. Muelo Drumond Murgel, vereador Lindemberg da Silva Pereira e assistentes sociais Elsie Tepedino e Aurora Santoro, sob a presidência da professora Eneida Caldato Raphaelli, reuniu-se ontem em sessão ordinária oável Conselho Municipal de Bem-Estar Social, recentemente criado pela lei 3.657. Na oportunidade foram discutidas as emendas apresentadas ao anteprojeto do regimento interno do Conselho, bem como sua aprovação e redação final para posterior encaminhamento ao prefeito. Estabelecido o critério de eleição a descoberto, para preenchimento do cargo de vice-presidente, foi escolhido a tal posição o prof. Benedito José Barreto Fonseca, atual reitor da Universidade Católica de Campinas.



O secretário do Saúde, dr. Alfredo Gomes Julio, entrega certificado de conclusão do curso de treinamento de voluntários.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- Alves, Ruben A. - "Notas Introdutórias Sobre a Linguagem" em Reflexão (13), Revista de Filosofia e Teologia. PUC/CAMPINAS, 1.979, p. 21-39.
- Arendt, Hannah - *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1.989.
- Barrington Moore Jr. - *Injustiça: As Bases da Obediência e da Revolta*. São Paulo, 1.987.
- Berger, Peter & Luckman, Thomas - *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis: Vozes, 1.987.
- Buarque de Holanda, Aurélio - *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1.986 (2ª Ed).
- Canetti, Elias - *A Consciência das Palavras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1.990.
- Canetti, Elias - *O Todo-Ouvidos: Cinquenta Caracteres*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1.989.
- Enguita, Mariano F. - "A Face Oculta da Escola" em *A. Artes Médicas*, 1.989.
- Gagnebin, Jeanne Marie - "Prefácio: Walter Benjamin ou A História Aberta" em *Walter Benjamin: Obras Escolhidas*. São Paulo, 1.985.
- Geertz, Clifford - *Works and Lives: The Anthropologist as Author*. Stanford University Press: Stanford, Califórnia, 1.988.
- Goffman, Efrving - *Estigma*. Notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1.975.
- Goldmann, Lucien - *Dialética e Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1.979.
- Gramsci, Antonio - *Os Intelectuais e a Organização da Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1.986.

Gramsci, Antonio - *Concepção Dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1.988.

Gramsci, Antonio - *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1.978.

Gramsci, Antonio - "*Alguns Temas da Questão Meridional*". Temas de Ciências Humanas, 1, 1.977

Havel, Václav - *Cartas a Olga*. São Paulo: Estação Liberdade, 1.992.

Heller, Agnes - *O Cotidiano e a História*. Paz e Terra, 1.989.

Hobsbawn, E. - *Nações e Nacionalismo desde 1.870*. São Paulo: Paz e Terra, 1.991.

Moffatt, Alfredo - *Psicoterapia do Oprimido: Ideologia e Técnica da Psiquiatria Popular*. São Paulo: Cortez Editora, 1.986.

Manfredi, Silvia. M. - *Educação Sindical: Entre o Conformismo e a Crítica*. São Paulo: Loyola, 1.986.

Memmi, Albert - *Retrato do Colonizado Precedido pelo Retrato do Colonizador*. Paz e Terra, 1.977.

Rosaldo, Renato - *Culture and Truth: The Remaking of Social Analysis*. Boston: Beacon Press, 1.987.

Said, Edward - *Orientalismo, o Oriente como Invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1.990.

Van Maanen, John - *Tales of the Field: on Writing Ethnography*. Chicago: Chicago Guides Ed., 1.988.

Weber, Max - *Economia y Sociedad. Teoría de Las Categorías Sociológicas- I parte*. México: Fondo de Cultura Económica.

**BIBLIOGRAFIA ESPECIFICA SOBRE AS QUESTÕES: GÊNERO, FEMINISMO,
MULHER BRANCA E MULHER NEGRA.**

LIVROS E TESES

Alambert, Zuleika - *Feminismo, O Ponto de Vista Marxista*. São Paulo: Nobel, 1.986.

Del Priore, Mary - *A Mulher na História do Brasil*. São Paulo: coleção Repensando a História, 1.988.

Giacomini, Sonia M. - *Mulher e Escrava: Uma Introdução Histórica ao Estudo da Mulher Negra no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1.988.

Machado, Leda Maria Vieira - *Continuity of Urban Movements The Participation of Low-income Women in the Health Movement of the Jardim Nordeste Area in São Paulo, Brasil - 1.976 to 1.986*. Tese de Doutorado - Development Planning Unit. Bartlett School of Architectures and Planning University College London.

Moreira Leite, Mirian L. - *Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Atica, 1.984.

Mott, M.L. de B. - *Submissão e Resistências: A Mulher Negra na Luta Contra a Escravidão*. São Paulo: Contexto - coleção Repensando a História, 1.985.

Oliveira Costa, Albertina & Bruschini, Cristina - (org) *Uma Questão de Gênero*. Editores: Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos - São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1.992.

Ribeiro, Ana M. R. - *A Imagem e o Silêncio: O Lugar da Mulher Negra no Século XIX*. Tese de Doutorado, São Paulo, USP, 1.989.

Ribeiro, Ronilda - *A Mulher, o Tempo e a Morte: Envelhecimento da Mulher Brasileira e da Mulher Nagô (África)*. (mimeo) em fase de editoração.

Saffioti, H.I.B. - *A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade*. Petrópolis: Vozes, 1.979

Sebastião, B. A. - *A Discriminação da Mulher Negra no Mercado de Trabalho*. TCC/Serviço Social, São Paulo, PUC, 1.985.

ARTIGOS E OUTROS

Birman, Patrícia - *Beleza Negra* em Cadernos Cândido Mendes: Estudos Afro-asiáticos (18), maio de 1.990, p. 5-12.

Ennes, Maria I.N. - "*A Mulher Negra e sua Contribuição para a Sociedade*" em *Triunfo*, Ver (org) Rio Grande do Sul: Aspectos da Negritude. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1.991.

Flax, Jane - "*Pós-Modernismo e Relações de Gênero na Teoria Feminista*" em *Pós-modernismo e Política*.

Giacomini, Sônia Maria - *Aprendendo a ser Mulata: Um Estudo sobre a Identidade da Mulata Profissional* em *Entre a Virtude e o Pecado* (org.). Albertina de Oliveira Costa e Cristina Bruschini. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos - São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1.992, p. 213-246.

Harris D. & Young K. - (org. e Introdução). *Antropologia y Feminismo*. Barcelona: Ed. Anagrama, 1.979, p. 9-31.

Hartman, Heidi - "*O Casamento Infeliz do Marxismo com o Feminismo: Por uma União mais Progressista*", Núcleo de Estudos sobre a Mulher e Relações Sociais de Gênero, Curso de Pós-graduação. "*Mulher, Sexualidade e Trabalho*", USP, 1.991 (mimeo).

Heilbron, Maria Luiza - "*Gênero e Especificidade da Condição Feminina*". Apresentado no Seminário Mulher, Gênero y Classe. UNICEF, La Paz, fevereiro, 1.990 (mimeo).

Lavinas, L. & Castro, M.G. - "*Do Feminismo ao Gênero: A Construção de um Objeto*" em XIV ENCONTRO ANUAL ANPOCS, Caxambú, Minas Gerais, 1.990 (mimeo).

Lins de Barros, Myriam M. - "*Testemunho de Vida: Um Estudo Antropológico de Mulheres na Velhice*" em *Perspectivas Antropológicas da Mulher* 2. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1.981.

Linton, Sally - "*La Mujer Recolectora, Sesgos Machistas*" em *Antropologia y Feminismo*. op. cit.

Molyneaux, Maxini - *Mobilisation without Emancipation? Women's interests, State and Revolution in Nicaragua* em *Critical Social Policy a journal of Socialist Theory and Practice in Social Welfare*.

Mose, Caroline D.N. - *La Planificación de Género en el Tercer Mundo: enfrentando las Necesidades Prácticas y Estratégicas de Género en Una Nueva Lictures: Género en el Desarrollo* (org). Patricia Porto Carrero, Virginia Guzman, Virginia Veiga. Lima, Peru: Edit Entro Mujeres Flora Tristán - 1ª ed.

Núcleo de Estudos sobre Mulher e Relações Sociais de Género - *Relações de Género X Relações de Sexo*. São Paulo: Nemeq, 1.989.

Oliveira, Eleonora Menicucci e outros - *Feminilidade Saúde e Trabalho*. São Paulo: 1.993 (mimeo).

Ortner, Sherry B. - "Es la Mujer con Respecto al Hombre lo que la Naturaleza con Respecto a la Cultura?" em *Antropología y Feminismo*. op. cit.

Paoli, Maria Célia - *As Ciências Sociais nos Movimentos Sociais e a Questão do Género*. Novos e Estudos nº 31 - CEBRAP, outubro 1.991 - p. 107-120.

Radcliffe, Sarah A & Westwood, Sallie - (org. e introdução) *Viva - Women and Popular Protest in Latin América*. Inglaterra: Ed Routledge, 1.993 - p. 1-29.

Rohrlich-Leavitt - Ruby - et alui. - "La Mujer Aborigen: El Hombre y la Mujer, Perspectivas Antropológicas" em *Antropología y Feminismo*. op. cit.

Rosaldo, Michelle - "Mujer, Cultura y Sociedad: Una Versión Teórica" em *Antropología y Feminismo*. op. cit.

Saffioti, H.I.B. - *Reminiscências, Releituras, Reconceituações em Estudos Feministas* NO/92, p. 97 à 103.

Saffioti, H.I.B. - "Novas Perspectivas Metodológicas de Investigação das Relações de Género" em Maria Aparecida de Moraes Silva (org): *Mulher em Seis tempos*. São Paulo/Araraquara: UNESP, 1.991.

Saffioti, H.I.B. - "Rearticulando Género e Classe Social" em XIV ENCONTRO ANUAL DE ANPOCS, Caxambú, Minas Gerais: 1.990 (mimeo).

Scott, Joan - *Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica em Educação e Realidade*. Porto Alegre: 16/2:5-22, julho/dezembro 1.990.

Stolcke, Verena - "Sexo Está para Género assim como Raça para Etnicidade" em Cadernos Cândido Mendes: Estudos Afro-asiáticos (20), junho de 1.991, p. 101-119.

Strathern, Marilyn - *"Una perspectiva antropológica"* em Antropología y Feminismo. op. cit.

Welter, Barbara - *The cult of True Womanhood: 1820-1860.* In Gordon, Michael (ed.). *American Family in Social-Historical Perspective* - New York, Saint Martin Press: 1973, p. 224-50. Tradução livre por Miriam Vieira da Cunha.

Young, Kate - *Reflexiones sobre como Enfrentar las Necesidades de las Mujeres em Una Nueva Licture: Género en el Desarrollo.* op. cit.

BIBLIOGRAFIA ESPECIFICA SOBRE A EMPREGADA DOMESTICA

Azeredo, Sandra M. de Mata - *"Relações entre Empregadas e Patroas, Reflexões sobre o Feminismo em Países Multiraciais"* em *Rebelião e Submissão*. São Paulo: Vértice Editora dos Tribunais F. Carlos Chagas (26), p. 195-220.

Barros, Mari Nilza Ferrari de - *Análise Psicossocial das Representações de Empregadas Domésticas* (Estudo Exploratório), Dissertação de Mestrado apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social da PUC/SP, São Paulo: 1.985.

Castro, Mary Garcia - *Alquimia de Categorias Sociais na Produção dos Sujeitos Políticos - Gênero, Raça e Geração entre líderes do Sindicato de Trabalhadores em Salvador* em *Estudos Feministas* 0/92: p. 57 à 73.

Conceição, Arlete Oliveira - *Contribuição do Serviço Social para Formação da Consciência Profissional da Empregada Doméstica*. Trabalho de conclusão do Curso apresentado à Escola de Serviço Social PUC/SP, São Paulo: 1.979.

Coutinho, Maria Eulalia - *Empregada Doméstica e seu Desamparo Moral, Profissional e Social*. Trabalho de Conclusão de curso apresentado à Escola de Serviço Social PUC/SP, São Paulo: 1.940.

Cretella Jr., José - *O Empregado doméstico na Nova Constituição*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1.989.

Kaufman, Tania - *A Aventura de ser Dona-de-casa*. Artenova, 1.979.

Kawall, Lucia Machado - *Estudo do Problema Social da Doméstica*. Trabalho apresentado à Escola de Serviço Social PUC/SP, São Paulo: 1.949.

Kofes, Suely - *Mulher, Mulheres: Diferença e Identidade nas Armadilhas da Igualdade e Desigualdade: Interação e Relação entre Patroas e Empregadas Domésticas*. Tese de Doutorado, Departamento de Antropologia, FFLCH/USP São Paulo: 1.991.

Lima Ribeiro, Ana.P. de - *A Situação da Empregada Doméstica em São Paulo*. Trabalho apresentado à Escola de Serviço Social PUC/SP, São Paulo, 1.943.

Moura, Ir. Corinha do Nascimento. *A Obra Santa Zita e a Aplicação do Serviço Social no Reajustamento da Empregada Doméstica*. Trabalho apresentado à Escola de Serviço Social PUC/SP, São Paulo, 1.958.

Nascimento, Amábil S. do - *Doméstica Ativismo Social*, São Paulo: Ed. Programática, 1.972.

Roy, Lise - *Visão de Classe da Trabalhadora Doméstica*, um Estudo Exploratório em Campinas, S.P. Dissertação de Mestrado apresentada ao DECESA e UNICAMP, Campinas: 1.989.

Saffioti, H.I.B. - *Emprego Doméstico e Capitalismo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1.978.

Souza, Edna Muniz de O. - *Emprego Doméstico e a Questão Racial* Trabalho de Conclusão de Curso de Faculdade de Serviço Social da PUC/SP, São Paulo: 1.982.

Vieira, Celma Rosa - *"Negra, Mulher e Doméstica; Considerações sobre as Relações Sociais no Emprego Doméstico"*. em Estudos Afro-asiáticos (14): 1.987, p. 141-158.

**BIBLIOGRAFIA SOBRE FOTOGRAFIA, HISTORIA ORAL,
MEMORIA, DOCUMENTAÇÃO**

LIVROS E TESES

Bosi, Ecléia - *Memória e Sociedade, Lembranças de Velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz Ed., 1.979.

Lewis, Oscar - *Os filhos de Sanchez*. Lisboa: Moraes Editora, 1.970.

Lüdke, Menga & André Marli E.D.A. - *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1.986.

Queiroz, M. Isaura Pereira - "*Variações sobre a Técnica de Gravador no Registro de Informação Viva*" em CERU (4), 1.983.

Ribeiro, Isabel M. Cunha Ferem - *Do Mito à Análise Documentária*. São Paulo: Ed. USP (Coleção TESES VOL. 11), 1.990.

ARTIGOS

Benjamin, Walter - "*Pequena História da Fotografia*" em Walter Benjamin. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1.985.

Kofes, Suely - *Experiências Sociais, Interpretações Individuais: História de Vida, Suas Possibilidades e Limites*. Trabalho apresentado no XVI ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 20 à 23 de outubro, Caxambú, Minas Gerais: 1.992.

Kossoy, Boris - "*Origens e Expansão de Fotografia no Brasil, Século XIX*" em MEC/FUNARTE, 1.980.

M.L.M. - "*A Imagem Através de Palavras*" em *Ciência e Cultura*, Vol. 38 (9), setembro, 1.986.

Moreira Leite, Miriam & Von Simson, Olga R. M. - "*Imagem e Linguagem: Reflexões de Pesquisa*" em CERU (3) SEGUNDA SERIE, São Paulo: 1.992, p. 117-140.

Moreira Leite, Miriam - "*Fotografias da Família: Potencialidades e Limitações da Documentação Fotográfica*" em CERU (18), maio de 1.983, p. 77-89.

Pollack, Michael - "*Memória, Esquecimento e Silêncio*" em *Estudos Históricos. Memória*. Rio de Janeiro: vol.. 2, nº3, 1.989, CPDOC/Edições Vértice, p. 3-15.

Queiroz, Maria Isaura Pereira de - "*Relatos Orais do Indizível ao Dizível*" em Olga de Moraes Von Simson. *Experimentos com História de Vida*. São Paulo: Vértice, 1.988.

Souza Campos, M. C. - "*Associação da fotografia aos Relatos Orais: na Reconstrução Histórico-Sociológica da Memória Familiar*" em CERU (3) SEGUNDA SERIE, 1.992, p. 78-96.

BIBLIOGRAFIA ESPECIFICA SOBRE ETNICIDADE - RACISMO - PRECONCEITOS

LIVROS E TESES

- Almeida Cruz, Manuel de - *Alternativas para Combater o Racismo*.
Salvador: Núcleo Cultural Afro-Brasileiro, 1.989.
- Amselle, Jean & M'Bokolo, E - *Au Coeur de L'éthnie, Ethnies, Tribalisme et état en Afrique*. Paris: Editions La Decouverte, 1.985.
- Azevedo, P.C. de - *Escravos Brasileiros do Século XIX na Fotografia de Cristiano Jr.* São Paulo: Ed. Libris, 1.988.
- Azevedo, T. de - *As Elites de Cor, um Estudo de Ascensão Social*.
São Paulo: Nacional, 1.955.
- Azevedo, T. de - *Democracia Racial, Ideologia e Realidade*.
Petrópolis: Vozes, 1.975.
- Azevedo, Célia Maria M. de - *O Negro Livre no Imaginário das Elites*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1.985.
- Banton, Michael - *A idéia de Raça*. Edições 70, 1.977.
- Barth, F. - *Los Grupos étnicos y Sus Fronteras*. México: FCE, 1.976.
- Berriel, Maria M.O. - *Preconceito e Percepção - Um Estudo sobre a Ideologia Racial Brasileira*. Tese de Livre Docência, UFF, 1.975.
- Berriel, Maria. M.O. - *A Identidade Fragmentada: As Muitas Maneiras de Ser Negro*. Tese de Doutorado, USP, 1.988.
- Bettelheim, Bruno & Janowitz, Morris - *Cambio Social y Prejuicio*. Barcelona: FCE, 1.957.
- Brandão, Carlos Rodrigues - *Identidade e Etnia: Construção da Pessoa e Resistência Cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1.986.

- Brend, Zilá - *O que é Negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1.988.
- Cardoso de Oliveira, Roberto - *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Pioneira, 1.976.
- Carneiro da Cunha, Manuela - *Negros, Estrangeiros: Os Escravos Libertos e sua Volta à África*. São Paulo: Brasiliense, 1.985.
- Cohen, Abner - *O Homem Bidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1.978.
- Cohen, Abner - *Urban Ethnicity*. Tavistock Publications, A.S.A., London, 1.974.
- Cunha Jr., Henrique - *Textos para o Movimento Negro*. São Paulo: EDICON, 1.992.
- Deaper, Theodore - *El Nacionalismo Negro en Estados Unidos*. Madrid: Alianza, 1.978.
- Diop Cheikh A. - *L'unité Culturelle de l'Afrique Noire*.
- Dussel, E. & Davies, A. - et alui - *A Igreja e o Racismo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1.982.
- Fanon, Franz - *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1.979.
- Fanon, Franz - *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Portugal, Porto: A. Ferreira.
- Fernandes, Florestan - *A Integração do Negro à Sociedade de Classes*. São Paulo: USP, Boletim nº 301, Sociologia I (12), 1.964.
- Frey, Peter - *Para Inglês Vers: Identidade e Política na Cultura Brasileira*. Rio De Janeiro: ZAHAR, 1.982.
- Gomes dos Santos, Genivalda - *Parte dos Políticos e Etnia Negra*. Dissertação de Mestrado PUC/São Paulo: 1.992.
- Gonçalves e Silva & Petronilha, Beatriz - *A Formação do Operário Negro no Rio Grande do Sul: Histórias de Operários Negros*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1.984 (mimeo).
- Gonzalez, Lélia & Hasenbalg, Carlos - *Lugar de Negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1.982.
- Hasenbalg, Carlos A. - *Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1.979.

- Ianni, Otavio - *Raças e Classes sociais no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1.987.
- Jones, James M. - *Racismo e Preconceito*. São Paulo: Ed. da USP, 1.973.
- Lacerda Sobrinho, Oscar P. de - *Língua, Cultura, Revolução: Contribuições para Discussão das Relações Sociais*. Dissertação de Mestrado PUC/São Paulo: 1.988.
- Lopes, Helena Teodoro - *Implicações para a Moral Social Brasileira do Ideal de Pessoa Humana na Cultura Negra (o Negro no Espelho)*. Tese de Doutorado UCF, Rio de Janeiro, 1.985.
- Maciel, Cleber da Silva - *Discriminações Raciais Negros em Campinas: 1.888-1.921*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1.987.
- Maestri Filho, Mário José - *Depoimentos de Escravos Brasileiros*. São Paulo: ICONA, 1.988.
- Mattoso, Kátia de Queirós - *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1.988.
- Mira, João Manoel de Lima - *A Evangelização do Negro no Período Colonial Brasileiro*. São Paulo: Loyola, 1.983.
- Moura, Clóvis - *Sociologia do Negro Brasileiro*. São Paulo: Ática, 1.988.
- Munanga, K. - *Negritude: Usos e Sentidos*. São Paulo: Ática, 1.986.
- Munari, Giovanni - *O Alcance do Protesto Popular*. Um estudo da Questão Racial a partir da Baixada Fluminense. Dissertação de Mestrado PUC/São Paulo: 1.989.
- Myrdal, G. - *O Valor em Teoria Social*. São Paulo: ed Livraria Pioneira e ed da USP, 1.965.
- Nascimento, Abdias do - *O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1.978.
- Nascimento, Abdias do - *O Negro Revoltado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1.982.
- Nascimento, Abdias do - *O Quilombismo*. Petrópolis: 1.980.
- Nascimento, Elisa Larkim - *Panafricanismo na América do Sul: Emergência de uma Rebelião Negra*. Petrópolis: Vozes, 1.981.

Nascimento, Maria E. do - *A Estratégia da Desigualdade - O Movimento Negro dos Anos 70*. Dissertação de Mestrado PUC/São Paulo: 1.989.

Niame, Djibil Tamsir - *Sundjata, ou a Epopéia Mandinga: Romance*. São Paulo: Atica, 1.982.

Nogueira, Dracy - *Negro Político, Político Negro*. São Paulo: EDUSP, 1.992.

Nogueira, Dracy - *Tanto Preto Quanto Branco: Estudos de Relações Raciais*. São Paulo: T.A. Queiroz Ed., 1.985.

Oliveira, Lucia Elena Garcia de - et alui - *O Lugar do Negro na Força de Trabalho*. Rio de Janeiro: IBGE, 1.983.

Ortiz, Renato - *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1.985.

Pacheco, Moema de Poli Teixeira - *Família e Identidade Racial. Os Limites da Cor nas Relações e Representações de um Grupo de Baixa Renda*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1.986.

Pinto, Elisabete Aparecida - *O Serviço Social e a Questão Racial: um Estudo da Relação do Serviço Social e a Clientela Negra*. TCC, PUCCAMP, 1.986.

Poliakov, Leon - *O Mito Ariano, Ensaio sobre as Fontes do Racismo e dos Nacionalismos*. São Paulo: Perspectiva e EDUSP, 1.974.

Prudente, Eunice Aparecida de J. - *Preconceito Racial e Igualdade Jurídica no Brasil*. Campinas: Julex, 1.989

Rex, John - *Raça e Etnia*. Lisboa: Ed. Estampa, 1.988.

Sartre, J.P. - *Reflexões Sobre o Racismo*. São Paulo: Difel, 1.968.

Schwarcz, Lilia M. - *Retrato em Branco e Negro*. São Paulo: Cia. das Letras, 1.987.

Silva, Carlos B. R. da - *Da Terra das Primaveras à Ilha do Amor, Reggae, Lazer e Identidade em São Luiz do Maranhão*. Dissertação de Mestrado UNICAMP, Campinas: 1.992.

Silva, José Carlos G. - *Os Sub-urbanos e a Outra Face da Cidade*. Dissertação de Mestrado UNICAMP, Campinas: 1.990.

Souza, Irene Sales - *O Resgate da Identidade na Travessia do Movimento Negro: Arte, Cultura e Política*. São Paulo: USP, 1.991.

Souza, Neusa Santos - *Tornar-se Negro*. Rio de Janeiro: Ed. Creaal, 1.983.

Valente, Ana L.E.F. - *Política e Relações Raciais: Os Negros e as Eleições Paulistas de 1.982*. São Paulo: USP/FFLCH.

Von Simson, Olga R. de Moraes - *A Burguesia se Diverte no Reinado do Momo: Sessenta Anos de Evolução do Carnaval Paulista (1.850-1.915)*. Dissertação de Mestrado USP/São Paulo: 1.984.

Von Simson, Olga R. de Moraes - *Branços e Negros no Carnaval Popular Paulistano*. Tese de Doutorado USP/São Paulo: 1.989.

ARTIGOS E PERIÓDICOS

Bargaman, Daniel Fernando - *Un Ambito para las Relaciones Interétnicas: las Colonias Agrícolas Judías en Argentina* em Revista de Antropologia, Buenos Aires ano VII nº 11 - Primer Cuatrimestre, 1.992.

Batalla, Guilherme Bonfil - *La Teoría del Control Cultural en el Estudio de Procesos étnicos*. Papilos de la Casa Chata, México: 1.987, ano 2 nº 3.

Batalla, Guilherme Bonfil - *El Concepto de Indio en América*. En Antropologia, UNAM 9:105-24, 1.972.

Cunha, Manuela Carneiro da - *"Etnicidades da Cultura Residual mas Irredutível"* em Identidade étnica, Mobilização Política e Cidadania. Salvador: UFBA/Empresa Gráfica da Bahia, 1.989.

Demartini, Zélia de Brito F. - *"A Escolarização da População Negra na Cidade de São Paulo nas Primeiras Décadas deste Século"*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas (mimeo).

Gonzalez, Lélia - *"Amefricanidade"* em Humanidades. Ano V (17), 1.988, p. 23-25.

Gusmão, Neusa M. Mendes & Von Simson, Olga R. de Moraes - *"A Criação Cultural na Diáspora e o Exercício da Resistência Inteligente"* em Ciências Sociais Hoje, Vértice/ANPOCS, 1.989, P. 212-245.

Moura, Clóvis - em *São Paulo Povo em Movimento* (org) Singer, Paul - Brandt, Vinicius Caldeira. Petrópolis: Borges - CEBRAPE, 1.983.

Munanga, K. - "*Construção da Identidade Negra: Diversidade de Contextos e Problemas Ideológicos*" em Josildeth G. Consorte & Márcia Regina da Costa. *Religião, Política, Identidade*. São Paulo: Série Cadernos PUC, 1.988.

Munanga, K. - "*Negritude Afro-brasileira: Perspectivas e Dificuldades*" em *Revista de Antropologia* (33), 1.990, p. 109-117.

Munanga, K. - "*Racismo da Desigualdade à Intolerância*" em *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo 4(2), abril/junho, 1.990, p. 51-54.

Pereira, Cláudio Luiz P. - "*Identidade étnica e Patrimônio Cultural*" em *Identidade étnica, Mobilização Política e Cidadania*. Salvador: UFBA/Empresa Gráfica da Bahia, 1.989.

Perspectiva - Revista da Fundação SEADE/SP vol.. 2 nº 2 abril/junho de 1.988.

Pinto, Regina Pahim - "*Movimento Negro e Etnicidade*" em *Cadernos Cândido Mendes, Estudos Afro-brasileiros*. Rio de Janeiro: 1.990.

Queiroz, Maria Isaura Pereira de - "*Coletividades Negras. Ascensão Sócio-Econômica dos Negros no Brasil em São Paulo*" em *Cultura Sociedade Rural, Sociedad Urbana no Brasil*, São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, Ed. SA/Ed USP.

Queiroz, Maria Laura Pereira de - "*Escravos e Mobilidade Social Vertical em Dois Romances Brasileiros do Século XIX*" em *Simpósio de História do Vale do Paraíba, Pindamonhangaba: CERU*, (9), 1.976, P. 39-57.

Rose, Arnold M. - "*A Origem dos Preconceitos*" em *Raça e Ciência II*. São Paulo: Perspectiva Coleção Debates, 1.972.

Ruben, G. - "*Teoria da Identidade: Uma Crítica*" em *Anuário Antropológico*. Editora UNB, Tempo Brasileiro, 1.986.

Silva, A. C. da - "*Estereótipo e Preconceitos em Relação ao Negro no Livro de Comunicação e Expressão do 1º Grau, nível 1*" em *Cadernos de Pesquisa, Fundação Carlos Chagas* (63), 1.987, p. 96-8.

Teodoro, Maria de L. - "*Identidade, Cultura e Educação*" em *Cadernos de Pesquisa, Fundação Carlos Chagas* (63), 1.987, p. 46-50.

Viezzler, Moema - *O Problema Não Está na Mulher.* São Paulo:
Cortez, 1.989.

FONTES ORAIS

Dã- LAUDELINA

Depoimentos de Dã- Laudelina colhidos por mim no periodo de outubro de 1.989 à fevereiro de 1.991.

Depoimentos de Dã- Laudelina colhidos pelo Museu de Imagem e Som.

Depoimentos de Dã- Laudelina colhidos por Maria Dutra de Lima, revista Trabalhadores Classes Perigosas nº 6 - Publicação de Associação Cultural do Arquivo Edgard Leuenroth, pág. 27/40.

OUTROS INFORMANTES

Profº- Geraldo Campos de Oliveira, entrevista realizadas em São Paulo em 9 de março de 1.991 e 27 de julho de 1.991.

Sr. Sampaio, entrevista realizada na cidade de Campinas em maio de 1.992.

Dã- Isaura Brás, entrevista realizada na cidade de Campinas em 24 de janeiro de 1.992.

Sr. Pedrinho Simionato, entrevista realizada em Campinas em março de 1.992.

Sr. Braúlio Mendes Nogueira, entrevista realizada em Campinas em 29 de janeiro de 1.992.

Srã- Enéa Caldato Raphaele, entrevista realizada em Campinas em março de 1.992.

Srã- Encarnação Maria Mello Marcondes, entrevista realizada na cidade de Campinas em 22 de outubro de 1.991.

Srã. Maria Umbelina Matias, entrevista realizada em Campinas em 22 de outubro de 1.991.

Srã. Lígia de Castro, entrevista em São Paulo em 7 de agosto de 1.991.

Srã. Predina Faustina de Alvarenga dos Santos, entrevista em São Paulo em 30 de abril de 1.993.

ARTIGOS DE JORNAIS

FOLHA DE SÃO PAULO - Hannah Arendt, entrevista concedida a Gunther Gaus, na TV Alemã em 28 de outubro de 1.964, Caderno 6, pág. 16 22 de agosto de 1.993.

FOLHA DE SÃO PAULO - "Salve o Dia da Empregada! (Alguém faz um Brinde?)" - Caderno Mulher, pág 5 24 de abril de 1.983.